HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS DO SEU DESCOBRIMENTO,
ATÉ O DE MIL E SETECENTOS E VINTE E QUATRO.

HISTORIA
DA
AMERICA PORTUGUEZA

DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS DO SEU DESCOBRIMENTO
ATÉ O DE MIL E SETECENTOS E VINTE E QUATRO

OFFERECIDA

Á MAGESTADE AUGUSTA DEL-REI D. JOÃO V, NOSSO SENHOR

COMPOSTA POR

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

**Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo da Ordem de Christo,
Coronel do Regimento da Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia
e dos Privilegiados d'ella
e Academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza.**

SEGUNDA EDIÇÃO

Revista e annotada por J. G. Goes

Official da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

ORNADA COM SEIS BELLAS GRAVURAS E UM MAPPA

LISBOA

EDITOR — FRANCISCO ARTHUR DA SILVA

Rua dos Douradores, 72

M. DCCC. LXXX.

A QUEM LÊR

A raridade a que chegou o livro de Sebastião da Rocha Pitta, difficulta a sua acquisição de dia para dia. Ha muito que desappareceu do mercado, e quando por feliz acaso se encontra algum exemplar, sobe a um preço excessivo.

Entendeu o editor que prestaria um bom serviço ás lettras, se conseguisse apresentar uma edição, que pela sua fidelidade substituisse a primeira, com a vantagem de formato mais commodo que o seu *in-folio*, e de um preço mais accessivel a todos aquelles que sobrando-lhes o amor da instrucção, não podem, não devem, ou não querem pagar livros por preços exorbitantes.

Encarregado de vigiar a edição, cuidamos em nos esmerar quanto nos fosse possivel na escrupulosa conferencia do texto, que foi confrontado palavra por palavra, e sempre respeitado. Tomámos alguma liberdade unicamente na orthographia dos nomes proprios estrangeiros, que estavam escriptos com menos correcção. Ainda assim houve o cuidado de mencionar nas notas que vão no fim da obra, os nomes que se emendaram, dando por

*

esta maneira mais uma prova do escrupulo que presidiu a este exame.

Nada se omittiu da primeira edição. Conservaram-se as licenças, approvações e pareceres, alguns dos quaes são firmados por nomes bem conhecidos nas lettras, e podem servir de documento do apreço que se deu á obra.

Entendemos que não era da nossa competencia envolvermos-nos em comparações criticas do nosso autor com outros escriptores de historia do Brazil, o que seria equivalente a analysar um grande numero de factos da historia d'aquella nação. Nas notas que juntámos, como dissemos, limitamos-nos a breves explanações, dispensaveis e escusadas para os sabios, mas talvez agradaveis ás pessoas menos versadas nos acontecimentos antigos ou modernos de outros paizes, a que o autor allude algumas vezes.

Conveniencias typographicas obrigaram a eliminar as cottas marginaes que se encontram na primeira edição; supprimil-as seria infringir a regra que adoptamos de nada omittir; reunimol-as portanto no fim do volume, com a indicação dos livros e paragraphos a que pertencem, formando por este modo um indice geral e chronologico, de que resulta maior facilidade para a consulta da obra.

Quiz o editor enriquecer esta edição com algumas estampas, que teem o merito de ser *fac-simile* de gravuras antigas de obras de preço e hoje de bastante raridade, e com um mappa traçado por um dos litteratos de quem mais se ufana o Brazil com justo orgulho, do infatigavel e nomeado escriptor o fallecido barão de Porto Seguro.

As estampas deviam corresponder á nitidez do livro; confiou-se por esse motivo a sua execução a bons artis-

tas, desenhando-as o sr. A. Januario Correia, e gravando-as D. José Severini. O mappa geral do Brazil foi heliogravado pelo sr. Joseph Leipold, director da officina da gravura das notas do Banco de Portugal.

Nada mais diremos do esmero da edição. Póde cada um avalial-a por si mesmo.

Estamos convencidos de que o editor não se engana julgando que presta um serviço com a vulgarisação d'este livro estimado e estimavel, não só pela sua fórma litteraria, que tanto encanto offerece, mas pelo grande merecimento de ser a primeira historia geral do Brazil escripta por um autor brazileiro.

Julho de 1880.

J. G. Goes.

NOTICIA BIOGRAPHICA

ESCREVER uma biographia de Sebastião da Rocha Pitta, melhor ou mais desenvolvidamente que o fez a elegante penna do erudito brazileiro Pereira da Silva, ser-nos-hia tarefa difficil e merecedora de censura.

A necéssidade de preceder esta edição d'uma noticia da vida do autor, aconselha-nos a seguir o referido escriptor, como o guia mais seguro de quem nos podemos valer.

Os biographos de Rocha Pitta affirmam que nasceu em 3 de maio de 1660. Foi natural da Bahia, como elle mesmo assevera, quando, descrevendo aquella cidade com a complacencia em que transluz o amor de filho á sua terra natal, escreve: «Perdoe-se ao autor o dilatar-se tanto na pintura da Bahia, *por ser patria sua*, e não se offenda o original de ficar tão pouco formoso no retrato.» [1]

O conego Januario da Cunha Barbosa diz que o nosso autor foi filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural da Bahia, e chanceller da Relação d'aquella cidade.

Será o proprio Sebastião da Rocha Pitta quem se encarregue de destruir esta autoridade. Depois de dizer que o desembargador João da Rocha Pitta fôra *natural de Pernambuco*, e

[1] Pag. 41, § 30, n'este volume.

enumerar os cargos e commissões que exerceu, fallecendo em chanceller da Relação da Bahia em 1702, conclue: «Estes foram os seus despachos; nas suas virtudes é suspeito o autor, *por ser seu sobrinho* e herdeiro da sua casa.» [1]

Se porém considerarmos, diz Pereira da Silva, mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barbosa Machado, foram seus progenitores João Velho Gondim e D. Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

Deve certamente reputar-se mais valioso o testemunho de Barbosa Machado: era contemporaneo e poderia até conhecer pessoalmente o historiador de quem tratamos, quando este veiu a Portugal; e se o não conheceu, devia com facilidade obter noticia da filiação de quem apparecia no mundo litterario de um modo brilhante, com uma obra tão honrosamente apreciada pela Academia Real da Historia, a que Barbosa Machado pertencia.

Admittindo a asserção do autor da *Bibliotheca Lusitana* quanto aos progenitores de Rocha Pitta, devemos acceitar com muito mais razão o testemunho d'este, quando affirma que seu avô fôra Sebastião da Rocha Pitta, [2] nome identico ao do neto.

Depois do que acabamos de expôr, cremos poder concluir que Sebastião da Rocha Pitta, autor da *Historia da America*, foi filho de João Velho Gondim e de D. Brites da Rocha Pitta, filha de Sebastião da Rocha Pitta. Pela comparação das datas julgamos que o chanceller João da Rocha Pitta foi irmão do avô materno do nosso autor, e por consequencia tio d'este em segundo grau.

Apurados, como foi possivel, estes pontos da ascendencia de Rocha Pitta, continuemos.

Até aos 16 annos de idade estudou no collegio dos jesuitas da Bahia, e d'alli veiu para Portugal a frequentar a Universidade de Coimbra, d'onde saiu bacharel em canones.

Recolhendo-se á patria, teve o posto de coronel do regimento privilegiado de infanteria das ordenanças da Bahia. Casou com D. Brites de Almeida, e partiu para uma fazenda que possuia perto da cidade da Cachoeira nas margens do Paraguassú.

[1] Pag. 230, § 9.
[2] Pag. 128, § 96.

Entre os cuidados da administração da sua casa, não perdeu o amor ao estudo; cultivava a poesia, escreveu um romance em castelhano, que não foi bem recebido, e publicou duas obras, uma em 1709,[1] outra em 1721,[2] como tenteando as suas forças para maior emprehendimento. Assim nasceu e se desenvolveu o pensamento de fazer a historia do Brazil. Os escriptos que havia para consultar eram chronicas parciaes ou relações dispersas e obras estrangeiras, que não bastavam para a composição da obra que planeara. Saiu do remanso do lar, examinou bibliothecas, consultou archivos publicos e particulares do Brazil, e passou a Lisboa, onde em 1730 publicou a sua *Historia da America Portugueza.*

A obra foi acolhida com applauso, quasi com enthusiasmo. A Academia Real da Historia examinou-a e approvou-a, enviando ao autor o diploma de socio supranumerario.

El-rei D. João V fez-lhe a mercê de fidalgo da casa real.

Applaudido e considerado voltou o historiador á Bahia, e d'alli para a sua propriedade, onde falleceu tranquillamente em 1738.

O biographo a quem seguimos faz desenvolvidas e sabias considerações sobre os predicados de Rocha Pitta como historiador. Se lhe encontra alguma leve mácula, bem depressa a vê resgatada por grandes bellezas.

Não approvam alguns o seu estylo, que lhes parece demasiado pomposo. Permitta-se-nos entretanto lembrar que o autor não podia esquivar-se ao gosto, ou defeito, da sua época. Além d'isso era filho d'um paiz onde as riquezas e bellezas naturaes estão como que desafiando a opulencia da linguagem. Leiam-se com attenção algumas das suas descripções, e veja-se conscienciosamente se as galas do estylo são excessivas para o esplendor dos objectos descriptos ou para a grandeza dos factos narrados.

Censuram-no outros por ter admittido alguma lenda pie-

[1] Breve compendio e narração do funebre espectaculo... que na cidade da Bahia se viu na morte del-rei D. Pedro II, etc. Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1709. 4.°

[2] Summario da vida e morte da ex.ma sr.a D. Leonor Josepha de Vilhena, e das exequias que se celebraram á sua memoria na cidade da Bahia. Lisboa, por Antonio Pedroso Galrão, 1721. 4.°

dosa, ou alguma tradição menos segura. Não cremos que por este facto se anniquile o valor da obra. Transportemo-nos ao tempo do autor, acceitemos as ideias da sua época, e convencer-nos-hemos que essas lendas e tradições, quando não recebidas pela crença dos escriptores, perfilhavam-se como ornatos da historia, ou conveniencia politica. Algumas vezes e n'alguns paizes serviram a incitar os brios, ou a sustentar a corajem dos povos em situações calamitosos. Não queremos com isto dizer que a historia adopte a lenda; desculpe-se em attenção ás épocas; analyse-se, ou rejeite-se logo, que para isto serve a critica.

Afastado da vida publica, sem tomar parte nos acontecimentos, o nosso autor por isso mesmo narra e avalia com imparcialidade os factos succedidos no seu tempo. É tam imparcial e justo que nem aos inimigos regateia o louvor. Para confirmar esta verdade basta ler as suas palavras a respeito dos Francezes da expedição de Duclerc que ficaram prisioneiros no Rio de Janeiro. [1]

Ainda em objectos de interesse secundario se mostra investigador e bem informado. Notemos como exemplo o que diz do padre Antonio Vieira: «Muitos annos se duvidou da região em que nasceu... mas pela insigne côrte de Lisboa se declarou esta prerogativa.» [2] Reviveu em nossos dias esta mesma discussão que o sabio commendador João Francisco Lisboa decidiu á vista de um documento incontroverso, que veiu confirmar a affirmativa do nosso autor no trecho aqui transcripto.

Em summa para aquilatar os meritos do autor e da sua obra, concluiremos com a apreciação do mesmo biographo que já por vezes temos citado: « A *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta, não só para aquella época, ainda pobre de obras historicas, senão tambem para a nossa, que possue maior abundancia de materiaes ácerca do Brazil, é obra muito preciosa e muito necessaria para todos os Brazileiros que quizerem saber a historia do seu paiz » [3]

[1] Pag. 290, § 92.
[2] Pag. 244, § 55.
[3] Rev. trim. do Inst. do Brazil, ser. 2.ª, t. 5.º, p. 258.

SENHOR

A America portugueza em toscos, mas breves rasgos, busca os soberanos pés de Vossa Magestade, porque a obrigação e amor a encaminham ao monarcha supremo, de quem reconhece o dominio e recebe as leis, e a quem com a maior humildade consagra os votos, implorando a real protecção de Vossa Magestade, porque ao principe que lhe rege o imperio, pertence patrocinar-lhe a historia. N'ella verá Vossa Magestade em grosseiro risco delineada a parte do novo mundo, que entre tantas do orbe antigo que comprehende o circulo da sua corôa, é a maior da sua monarchia.

Não offerece a Vossa Magestade grandezas de outras regiões em que domina o seu poderoso sceptro, tendo tantas que lhe tributar na do Brazil. Se o quadro parecer pequeno para idéa tão grande, em curtos circulos se figuram as immensas zonas e espheras celestes; em estreito mappa se expõem as dilatadas porções da terra; uma só parte basta para representar a grandeza de um corpo; um só simulacro para symbolisar as monarchias do mundo. Faltar-lhe-ha o pincel de Timantes, para em um dedo mostrar um gigante; a intelligencia de Daniel, para em uma estatua explicar muitos imperios; mas sobra-lhe a grandeza de Vossa Magestade, em cuja amplissima superior esphera se estão as suas provincias contemplando como estrellas: só com ella póde desempenhar-se o livro; prenderá as fo-

lhas, se Vossa Magestade soltar os raios, que elles allumiarão (com reaes vantagens) mais ambitos dos que pretende illustrar a penna, existindo estes borrões só na fórma em que as luzes podem servir as trevas.

Porém, senhor, como descrevo uma das maiores regiões da terra, permitta-me Vossa Magestade que dos resplendores d'essa propria esphera regia tire uma luz para illuminar as sombras dos meus escriptos, sem o delicto de Prometheu em roubar um raio ao sol para animar o barro da sua estatua; tanto se deve pedir a um principe em tal extremo generoso; e tudo póde conceder um monarcha como Vossa Magestade, por todos os attributos grande, e tão digno de imperio que nos annos pela edade menos robustos, em tempo que vacillante o orbe ia caindo, lhe pozeram a natureza e a fortuna aos hombros não só o peso d'um reino florente, mas a machina de um mundo arruinado.

Foi Vossa Magestade o verdadeiro Atlante e a fortissima columna que, sustentando-o com as forças e com as disposições, lhe evitou os estragos, e que ainda hoje o assegura, não só aos seus naturaes dominios, mas a todos os estranhos, sendo a refulgente corôa de Vossa Magestade escudo de Pallas para a defensa, e o seu venerado sceptro raio de Jupiter para o respeito. A real pessoa de Vossa Magestade guarde Deus muitos annos.

Sebastião da Rocha Pitta.

PROLOGO

As grandezas e excellencias, ó leitor discreto, da região do Brazil, tão celebre depois de descoberta como anniquilada emquanto occulta, exponho ao publico juizo e attenção do mundo, onde as suas riquezas teem chegado mais que as suas noticias, posto que algumas andem por varios autores introduzidas em diversos assumptos differentes do meu, que não tem outro objecto. O costume sempre notado nos Portuguezes de conquistarem imperios e não os encarecerem, é causa de que tendo creado o Brazil talentos por eminencia grandes, nenhum compozesse a historia d'esta região, com maior gloria da patria da que póde lograr nos meus escriptos, tomando eu com inferiores forças o peso que requeria mais agigantados hombros; porém o respeitado caracter em que por sua grandeza, e não por merecimento meu, me constituiu a Real Academia, honrando-me com o preclarissimo logar de seu Academico, me dará alentos de Hercules para sustentar pesos de Atlante.

Com esta expressão offereço este volume: se entenderes que o compuz em applauso e reverencia do clima em que nasci, podes crêr que são seguras e fieis as noticias que escrevo, porque os obsequios não fizeram divorcio com as verdades. Se em alguns termos o estylo te parecer encarecido, ou em algumas materias demasiado o ornato, reconhece que em mappa dilatado a variedade das figuras carece da viveza das côres e das valentias do pincel; e que o meu ainda está

humilde nas imagens que aqui pinto, assim por falta de engenho, como por não ter visto todos os originaes, fazendo a maior parte das copias por informações, das quaes me não pôde resultar o acerto de Apelles no retrato de Helena pelos versos de Homero; mas se te não conciliar agrado pelas tintas a pintura, não deixem de merecer-te attenção pela grandeza os objectos; e se a tua vista fôr tão melindrosa que não bastem a contental-a, com lhe apartares os olhos a ti te escusas o enfado, e a mim a censura.

ADVERTENCIAS

Adverte o autor, que da riquissima America, tão dilatada que se estende por quasi quatro mil leguas de comprimento, estando ainda por saber as que tem de largo, e jaz debaixo de tres diversas zonas, dividindo-se em septentrional e meridional, da parte septentrional não falla, e só trata na meridiona da grandissima porção que comprehende o Estado do Brazil, assumpto d'esta Historia da America Portugueza.

Que não põe n'ella o cômputo dos tempos em numero successivo de annos, porque desde o de mil e quinhentos, em que foi descoberta a America portugueza, por largo curso, até o de mil e quinhentos e trinta e cinco em que se doaram algumas provincias e se principiou a fundação d'ellas, não aconteceram outros progressos mais que a vinda do cosmographo Americo Vespucio, por ordem del-rei D. Manuel, a demarcar esta região e as suas costas, e depois a de outros geographos e capitães enviados pelo mesmo rei e por seu filho e successor el-rei D. João III a tomar posse, metter marcos, observar o curso dos mares, sondar os portos, explorar o paiz e levar d'elle mais distinctas noticias.

Que estas operações se fizeram com intervallos de tempos; e desde o anno de mil e quinhentos e quarenta e nove, em que veiu o primeiro governador do Estado, leva a conta d'elles pela successão dos governos e ordem dos factos, mediando ainda alguns largos espaços sem acções para a escriptura, falta que precisamente interrompe a serie dos annos, mas não altera

a verdade da historia nem as noticias do Brazil, que é o fim para que o autor a escreve, e toda a alma e substancia dos escriptos, pois o mais são accidentes.

Que as materias e noticias que n'ella trata são colhidas de relações fidedignas, conferidas com os autores que estas materias tocaram, e com particulares informações modernas (que elles não tiveram) feitas por pessoas que cursaram as maiores partes dos continentes do Brazil, e as depozeram fielmente como testemunhas de facto, com a sciencia de que o autor as inquiria para compôr esta historia, cujo essencial instituto é a verdade.

Que como nos dois primeiros livros descreve o corpo natural e material d'esta região, as maravilhosas obras que n'ella fez a natureza, as admiraveis producções em varios generos e especies, e as sumptuosas fabricas que para o trato civil e politico das suas povoações foi compondo a arte, no retrato de tanta formusura, precisada a ser pincel a penna, não teme sair dos preceitos da historia quando altera a pureza das suas leis com as idéas da pintura, que requer mais valentes phantasias, tendo por exemplar portentos, em que a mais elevada phrase poetica é verdade ainda mal encarecida.

Que nos outros livros, que conteem materias politicas, leva o estylo historico com estudo castigado, e não põe nas margens os numerosos rios e as varias especies das producções do Brazil, porque sendo tanto do instituto d'esta obra, entende que devem ir no corpo d'ella.

LICENÇAS

DA ACADEMIA REAL

Approvação de Antonio Rodrigues da Costa, do Conselho de Sua Magestade e do seu Tribunal do Ultramar, Academico da Academia Real da Historia.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

Em execução da ordem de Vossas Excellencias vi o livro intitulado *Historia da America Portugueza*, composta pelo Coronel Sebastião da Rocha Pitta; e ainda que me parece mais elogio, ou panegyrico, que historia, não entendo que desmerece o auctor que Vossas Excellencias lhe concedam a faculdade que pede, de poder condecorar o seu nome na edição que fizer d'esta obra, com o titulo que gosa de Academico provincial d'esta Academia Real da Historia Portugueza. Vossas Excellencias ordenarão o que fôr mais justo e acertado. Deus guarde as pessoas de Vossas Excellencias. Casa, 10 de agosto de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

Approvação de D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo regular, Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Santa Cruzada e Academico da Academia Real da Historia.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

Vi a *Historia da America Portugueza* escripta por Sebastião da Rocha Pitta, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo da ordem de Christo, Coronel do Regimento de infanteria da Ordenança da cidade da Bahia e dos Privilegiados d'ella, e Academico provincial do Estado do Brazil.

Esta historia, Excellentissimos Senhores, é a unica que temos seguida e completa dos dilatados e riquissimos dominios que El-Rei nosso senhor tem n'esta grande parte do mundo; pelo que é muito de agradecer a curiosa applicação com que seu autor se empregou em escrever esta historia, que sendo principalmente politica, tem muito da natural, pelo que se faz mais agradavel, não só pela noticia dos seus preciosos mineraes, mas pela de innumeraveis animaes terrestres, quadrupedes, reptís e volateis, monstros horriveis, ainda aquaticos, porque aquelles mares produzem cousas de grande admiração, como tambem o são os vegetaes, com tão extraordinarias producções da natureza, que fazem fertilissima aquella grande porção de terra comprehendida debaixo do dominio do nosso augusto protector.

É Sebastião da Rocha Pitta nascido na Bahia; e não é muito que o amor da patria o obrigue a engrandecer e ornar com especiosas vozes aquellas cousas que a nós se nos fazem mais estranhas, ou por serem ra-

ras vezes vistas, ou sómente cridas pelas informações com que as sabemos. É sem duvida que aquella parte do mundo contém prodigios, que excedendo as hyperboles, não offendem a verdade, lei mais essencial para a historia do que os outros mais rigorosos preceitos com que ella se deve compôr. Este autor o faz em estylo tão elegante, que tem muito de poetico, em que lhe acho companheiros de tão grande nota, como algum de eminentissimo caracter, e este será o motivo por que concilie na maior parte dos leitores applauso e louvor; porque entendo, que não será menos estimada esta historia do que outras que vemos de similhante estylo na nossa lingua, e na dos nossos vizinhos, onde teem bastante reputação.

Por differentes meios conciliam os autores a aura popular com que os seus livros são estimados. Os exemplares da historia romana, cuja lição é tão recommendavel a um historiador, vemos quão poucos conseguem o imital-os, e por isso são tão poucos os que logram o cabal nome de historiadores. Quantas vezes ouvimos criticar aquelles mestres da historia, de quem os outros que se seguiram beberam não só o methodo, mas ainda o mesmo estylo? N'esta parte são bem diversos os gostos, porque tambem alguns, enfastiados da eloquencia, pretendem seja a historia uma narração tão nua de vozes como de reflexões, de sorte que a querem antes insulsa que com algum adorno; porém estes discursos são tidos de uns por paradoxos, e de outros por affectos da melancholia que os domina, de modo que o não chegam a executar n'esta parte ainda os mais austeros censores.

Este livro me parece mui digno da licença que seu autor pede, para o ornar com o nome de Academico da nossa Real Academia; e assim devem Vossas Excellencias mandar-lhe agradecer o zelo com que está cooperando para o nosso instituto, não só com os seus estudos, mas ainda com a sua propria despesa na impressão d'este livro: este é o meu parecer. Vossas Excellencias resolverão o que fôr mais conveniente á honra da nossa Academia. Lisboa Occidental, na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, 24 de novembro de 1726.

D. Antonio Caetano de Sousa,

Clerigo regular.

O Director e Censores da Academia Real da Historia Portugueza dão licença ao Coronel Sebastião da Rocha Pitta para usar do titulo de Academico supranumerario no livro intitulado *Historia da America Portugueza*, vistas as approvações dos dois Academicos a quem se commetteu o seu exame. Lisboa Occidental, 6 de dezembro de 1726.

Marquez de Alegrete.
D. Manuel Caetano de Sousa.
Marquez de Fronteira.
Marquez Manuel Telles da Silva.

DO SANTO OFFICIO

Approvação do R. P. M. Fr. Manuel Guilherme, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR

Vi o livro intitulado *Historia da America Portugueza* composto por Sebastião da Rocha Pitta, e na brevidade de dez dias em que o li, mostro admirei a phrase verdadeiramente portugueza, desaffectada, pura, concisa e conceituosa. Quer-me parecer que o autor desempenha todas as leis da historia, que ouço dizer são muitas e de difficil observancia. Pela principal razão de não ter cousa contra a Fé ou bons costumes, me parece é merecedora esta obra da licença que pretende. Vossa Eminencia mandará o que fôr servido. S. Domingos de Lisboa Occidental, 20 de dezembro de 1726.

Fr. Manuel Guilherme.

Approvação do R. P. M. Fr. Boaventura de S. Gião, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR

Sempre o genio portuguez foi avaro em narrar por escripto suas heroicas acções, e ostentar no prelo as suas proezas, não aspirando chegar com a penna onde se arrojou a sua espada, nem voar com o discurso onde se remontou o seu valor, por se não dispôr a reduzir a escriptura o que em todo o universo publicou a fama; como excepção, porém, d'esta regra se animou Sebastião da Rocha Pitta a apresentar aos olhos do mundo e attenção das gentes a *Historia da America Portugueza*, que compoz e ordenou em beneficio da patria e credito da nação, onde resuscita d'entre as cinzas, em que ha tantos annos jazia envolta, tão admiravel estatua, antigamente lavrada e primorosamente esculpida com o ferro e armas lusitanas, retratando-a no breve mappa d'este papel, onde se dará bem a conhecer pela copia o original.

É a idéa do escriptor egualmente elevada que o assumpto, e a sua penna proporcionada a tão sublime emprego, pois desempenha n'esta obra o que premeditou o seu conceito e ajuisou o seu pensamento, e com grande brado reputará no theatro do mundo as proezas e façanhas do braço portuguez, no descobrimento de novas terras, tão dilatadas como incognitas. Descreve a bondade do clima, fertilidade da terra, sempre fecunda nas suas producções; faz presente o passado, e põe á nossa vista o que está tão longe dos nossos olhos.

Pontualmente cumpre os preceitos da narração e as leis da historia; porque determina acções, ajusta annos, observa tempos, distingue logares, demarca terras, individua successos, reduzindo a abreviados periodos o que podera ser materia de copiosos tratados. E denominando-se esta parte do orbe Novo Mundo, para nós é agora mundo novo, pela noticia que o autor nos communica do que é e do que contém tão dilatado paiz, expondo á nossa comprehensão o que até aqui se occultou ao nosso conhecimento.

Pouco importa descobrir o thesouro, se se não conhece a sua preciosidade, porque achal-o é fortuna, conhecel-o discrição; e mais o logra quem o sabe avaliar, que quem o possue sem o conhecer. O valor do

diamante depende da estimação do lapidario, o valor do oiro do exame do contraste, porque um lhe sonda o fundo, outro lhe examina os quilates.

Estou certo se ha de lêr a presente historia com gosto e sem fastio, pela boa ordem e admiravel disposição com que está composta, novidades que refere, particulares que relata, elegancia com que se adorna; porque o estylo é grave, especioso e agradavel; natural sem artificio e culto sem affectação, e tão singular que não tem regra ociosa, oração superflua; não tem periodo que não seja proprio, palavra que não esteja em seu logar, não ha termo que se não perceba com clareza, objecto que se não veja com distincção; egualmente convida a curiosidade e desafia a emulação; porque historiar d'esta sorte, é felicidade de poucos e inveja de muitos.

Tem o Brazil a ventura de achar na eloquencia de um filho o melhor instrumento da sua gloria, e o maior manifesto do seu luzimento, pois publíca com este pregão as suas excellencias, e dá a conhecer as suas singularidades, animando de novo as proezas antigas e os successos passados, que por caducos estavam adormecidos, e por esquecidos eram cadavares; e torna verdes as palmas que a dilação do tempo tinha murchas, não sendo menos uteis aos imperios os empregos da penna que as victorias da espada, porque nas imagens dos escriptos, como nos marmores, se conserva a memoria e se eternisa a fama dos triumphos das armas.

É pois benemerito da maior attenção este precioso livro, e digno de todo o credito o que n'elle se exprime, pela autoridade de escriptor e coherencia das noticias, sem o minimo escrupulo de que o affecto de natural, e amor da patria viciasse a historia ou adulterasse a verdade. E porque em tudo se conforma com a pureza de nossa santa Fé Catholica e bons costumes, se lhe deve de justiça a licença que pede por favor para a estampa, sendo merecedor do primeiro logar no prélo. Este o meu parecer. Vossa Eminencia mandará o que for servido.

Lisboa Occidental, no Hospicio do Duque, 10 de fevereiro de 1727.

Fr. Boaventura de S. Gião.

Vistas as informações pode-se imprimir a *Historia da America Portugueza* composta por Sebastião da Rocha Pitta, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá,

Lisboa Occidental, 11 de fevereiro de 1727.

Fr. R. Alencastre, Cunha, Teixeira, Silva, Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação de M. R. Padre D. José Barbosa, Clerigo Regular, Academico Real da Historia Portugueza, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Examinador das tres Ordens Militares.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

Ordena-me Vossa Illustrissima que veja a *Historia da America Portugueza*, que escreveu o Coronel Sebastião da Rocha Pitta. Esta grande porção do mundo, descoberta no anno de mil e quinhentos, esteve até agora como incognita por falta de historiador que desse a conhecer com exacção as portentosas maravilhas de que a dotou a natureza. Escreveu d'esta região um brevissimo tratado, com o titulo de *Historia da provincia de Santa Cruz*, Pedro Gandavo de Magalhães, e n'elle, nem a brevidade, nem o estylo podiam fazer agradavel a sua relação.

Em maior volume, mas sem exceder de chronista natural d'aquellas dilatadissimas terras, escreveu o padre Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, dois livros de noticias curiosas, que depois foram incor-

poradas na *Chronica* da mesma religião d'aquelle Estado. Em alguns livros se acham poucas memorias da America que pertençam juntamente aos successos politicos e militares, porque supposto que temos o *Valoroso Lucideno* de Fr. Manuel Calado, o *Castrioto Lusitano* de Fr. Raphael de Jesus, as *Memorias diarias da guerra de Pernambuco* de Duarte de Albuquerque Coelho, a *Nova Lusitania* de Francisco de Brito Freire, e a *Guerra do Brazil* na lingua italiana de Fr. João José de Santa Thereza, nenhum d'estes autores é chronista geral de toda a America portugueza, porque a maior parte d'estas pennas se occuparam com a historia das guerras que introduziram na capitanía de Pernambuco as armas hollandezas; e tendo algumas d'ellas historiado as nossas desgraças, sempre lhes faltou o tempo para darem noticia das nossas victorias.

Mas, ainda que n'estes livros se veja o brio militar dos Americanos Portuguezes, tudo o que n'elles se escreve é uma pequena parte a respeito de tão grande todo. Sabiamos o valor com que poucos soldados mal armados e peor disciplinados, animando-os o zelo da fé e o amor da liberdade das suas patrias, souberam vencer e triumphar de uma gente tão valorosa como a hollandeza, em que não é facil de examinar qual seja n'ella maior, se o esforço, se a industria militar. Sabiamos em commum os nomes dos governadores de muitas capitanías em que se dividiu o agigantado corpo d'aquella conquista, mas não lhes sabiamos a continuação até os nossos tempos, porque estas noticias até agora eram filhas do acaso. Sabiamos que em alguns d'aquelles bispados floresceram prelados santissimos, que com generoso e apostolico trabalho accrescentaram o rebanho de Christo, mas a sua serie era ignorada pelos escriptores. Sabiamos os milagres que pelo espaço de tantos seculos escondeu a natureza a todo o resto do mundo; e sabiamos que aquelles sertões mais eram povoados de oiro e de pedraria que de homens; mas tudo isto sabiamos com tanta confusão, que não seria grande erro affirmar que era o mesmo que se o ignorassemos, porque esta costuma ser a pena do que se sabe em confuso.

Para que tudo se soubesse com distincção, escreveu o Coronel Sebastião da Rocha Pitta esta *Historia da America Portugueza*, que comprehende duzentos e vinte e quatro annos de tempo, em que se praticaram todos aquelles acontecimentos, em que mostra a fortuna a firme variedade da sua inconstancia. Com a devida proporção verão os leitores n'esta historia todos aquelles casos que fizeram famosas a muitas monarchias, porque aqui se verão povos mal contentes, e logo satisfeitos; vêr-se-hão promessas de thesouros, umas vezes mal cumpridas, e outras, descobertos, achar-se o

oiro em tanta abundancia como se fôra terra; e uns governadores descuidados da humanidade por culpa da distancia, e outros sempre os mesmos, ainda que tão distantes da côrte, porque os homens verdadeiramente christãos adoram em toda a parte a presença de Deus; de sorte que attendendo ao que este autor escreveu, entendo que justamente se lhe deve dar o titulo de novo Colombo, porque com o seu trabalho e com o seu estudo nos soube descobrir outro mundo novo no mesmo mundo descoberto.

Esta historia está escripta com tanta elegancia, que só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os leitores se podessem divertir com maior torrente de eloquencia. Todos os successos estão escriptos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das noticias necessarias, porque de outra sorte occupariam muitos volumes os negocios politicos e as acções militares de tão grande numero de nações, como são as que habitam o dilatadissimo sertão da nossa America.

Parece-me que Vossa Illustrissima lhe deve dar a licença que pede para se imprimir esta historia, não só porque não offende a Fé, ou bons costumes, senão tambem para que veja Europa que lhe não cede o Brazil na qualidade dos escriptores. Vossa Illustrissima ordenará o que fôr servido. N'esta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, 28 de março de 1727.

D. José Barbosa,

Clerigo regular.

Vista a informação pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa Occidental, 30 de março de 1727.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

DO DESEMBARGO DO PAÇO

Approvação de Martinho de Mendoça de Pina e de Proença, Academico da Academia Real da Historia Portugueza

SENHOR

Lendo a Historia da America Portugueza, que compoz Sebastião da Rocha Pitta, não achei n'ella cousa por que se deva negar a licença de se imprimir; antes me parece que não sómente é digno de louvor, porém ainda de premio o zelo com que seu autor quiz augmentar a gloria da patria. D'elle se vê, que a soberana protecção que Vossa Magestade concede ás artes e sciencias, inspirando os maiores escriptores da Europa, anima tambem os das mais distantes partes do mundo; pois as remotas e dilatadas provincias da America lhe tributam mais preciosos thesouros que os de suas minas n'este livro, o qual se adorna com os successos historicos que refere, e brilha com varios ornatos poeticos de largos episodios, frequentes figuras, e discretos panegyricos que contém.

Algum reparo se poderá fazer na miudeza com que em historia tão succinta relata alguns successos, mais dignos de horror e silencio que de memoria; mas não fazer d'elles menção, seria diminuir a gloria dos leaes, encobrindo a infamia dos traidores, contra as severas leis da historia: *Nihil veri non audeat*. Este é o meu parecer. Vossa Magestade mandará o que fôr mais conveniente ao seu real serviço.

Lisboa Occidental, 25 de julho de 1727.

Martinho de Mendoça de Pina e de Proença.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa, para se conferir e taxar, que sem isso não correrá.

Lisboa Occidental, 1 de agosto de 1727.

Marquez P., Pereira, Oliveira, Teixeira, Bonicho.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO PRIMEIRO

Introducção da historia — Estado em que se achava o Imperio Lusitano — Descobrimento do Brazil — Nomes que lhe foram impostos — Descripção do corpo natural e material d'esta região — Distancia das suas costas, rumos e ventos da sua navegação — Movimentos dos seus mares — Extensão do seu continente — Grandeza dos seus mais celebres rios — Formosura do seu terreno — Benignidade do seu clima e dos seus astros — Os seus montes mais famosos — Os seus campos, producções e lavouras — As suas hervas, flores, arvores e fructas assim naturaes como estrangeiras — As feras, brutos e caças que tem — O que geram e criam os seus mares — Os seus pescados, as pescarias dos charéos e das baleias, a descripção d'este monstro marinho — Os mariscos de varios generos pelas suas praias e rios — A barbara vida e costumes dos gentios, seus primeiros habitadores — Vinda de Americo Vespucio e de outros capitães e exploradores enviados pelos reis D. Manuel e D. João III — Linha imaginaria e determinação das conquistas que tocaram aos monarchas portuguezes e castelhanos — Successos de Catharina e Diogo Alvares Correia — Vinda do glorioso Apostolo S. Thomé a ambas as Americas castelhana e portugueza.

Do novo mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules lybico com as suas columnas, nem Hercules thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brazil; vastissima região, felicissimo terreno em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido nectar, e dando as suas fructas sasonada ambrosía, de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

2. Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horisontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras: é emfim o Brazil terreal paraiso descoberto, onde teem nascimento e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero, e com gentios os padres da Egreja Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia d'este feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, aonde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.

3. Florescia o Imperio Lusitano muitos seculos depois de ser fundado por Tubal, ampliado por Luso e por Lysias, e de terem os seus naturaes gloriosamente na patria obrado acções heroicas, e concorrido fóra d'ella para as maiores emprezas, já nos soccorros que deram aos Carthaginezes, conduzidos por Sapho, para domar a Mauritania, já nos que acompanharam a Annibal para conquistar a Italia, já concorrendo com Mithridates contra Pompeu, e com Pompeu e seus filhos contra Cesar; e de haverem na defensa da propria liberdade feito admiraveis provas de valor com os seus capitães Viriato e Sertorio contra os Romanos; e finalmentede depois que livres da sujeição dos Suevos, dos Alanos, dos Godos e dos Sarracenos, tendo já logrado no seu primeiro rei portuguez o invicto D. Affonso Henriques, e na sua real prole, o suave dominio de treze successivos monarchas naturaes, se achava na obediencia do felicissimo rei D. Manuel.

4. Mantinha com a Thiara Romana a antiga união, firme com a nossa obediencia e religião; com Castella estava em paz assegurada pelas nossas victorias; tinha amizade com a Corôa Imperial, com as de França, Inglaterra, Escocia, Suecia, Polonia e Dinamarca; com as republicas e nações septentrionaes e italianas, pelos interesses reciprocos e communs das monarchias; fazia guerra aos Mauritanos, aos Ethiopes e aos Asiaticos, para lhes introduzir a fé catholica; achava-se dilatado com os descobrimentos das ilhas do Porto Santo, da Madeira e dos Açores no Oceano, e por differentes mares, com muitas praças e provincias em Africa, com grandes povoações e conquistas na Ethiopia; e começava a mostrar-lhe os seus maiores dominios a Asia, quando o Novo Mundo lhe abriu as portas da sua mais vasta região.

PORTO SEGURO

5. Tinha já dado o sol cinco mil e quinhentas e cincoenta e duas voltas ao zodiaco, pela mais apurada chronologia dos annos, quando no de mil e quinhentos da nossa redempção (oito depois que a Christovão Colombo levou a especulação a demandar as Indias) trouxe a tempestade a Pedro Alvares Cabral a descobrir o Brazil. Ia este illustre e famoso capitão (o primeiro que depois de D. Vasco da Gama passava do Tejo ao Indo e Ganges) governando uma formosa armada de treze poderosas naus, com que partiu aos 9 de março, e navegando ao principio com prospera viagem, experimentou aos doze dias tão contraria fortuna, que arribando um dos baixeis a Lisboa, os outros correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, e conduzidos da altissima Providencia mais que dos profiados ventos, na altura do polo antarctico, dezeseis graus e meio da parte do sul, aos vinte e quatro de abril avistou ignorada terra e jámais sulcada costa.

6. N'ella surgindo as naus, pagou o general áquella ribeira a segurança, que achara depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro, e á terra Santa Cruz, pelo estandarte da nossa fé que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos e ao som de todos os instrumentos e artilheria da armada; fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o santo sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo, a cujas catholicas ceremonias estiveram admirados, más reverentes, todos aquelles barbaros, e conformes com o exemplo dos fieis, premissas do affecto com que depois abraçaram a nossa religião. Este foi o primeiro descobrimento, este o primeiro nome d'esta região, que depois esquecida de titulo tão superior, se chamou America, por Americo Vespucio, e ultimamente Brazil pelo pau vermelho, ou côr de brazas, que produz.

7. Jaz o opulento imperio do Brazil no hemispherio antarctico, debaixo da zona torrida, correndo do meio d'ella (em que começa) para a parte austral ao tropico de Capricornio, d'onde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. É de forma triangular; principia pela banda do norte no immenso Rio das Amazonas, e termina pela do sul no dilatadissimo Rio da Prata; para o levante o banham as aguas do Oceano Atlantico; para o occidente lhe ficam os reinos de Congo e Angola, e tem por antipodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca. Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil e cincoenta e seis leguas de costa, a mais formosa que cursam os navegantes, pois em toda ella e em qualquer tempo estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos e vestidos de roupas e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diaphanas correntes

precipitam crystaes nas suas ribeiras, ou levam tributo aos seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixeis e das mais numerosas armadas.

8. A sua latitude pelo interior da terra é larguissima : mais de quatrocentas leguas se acham já cultivadas com as nossas povoações, sendo muitas as que estão por descobrir. Este famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pelas distancias que comprehende e pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas que mostra ; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel. A formosa variedade das suas fórmas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõe uma tão egual harmonia de objectos, que não sabem os olhos onde melhor possam empregar a vista.

9. Com inventos notaveis saíu a natureza na composição do Brazil, já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles ; as maiores porções d'elle fez fertilissimas, algumas inuteis ; umas de arvoredos nuas, expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas matas, occultou aos seus raios ; umas creou com disposições em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas á composição dos mixtos, outras deixou menos capazes do beneficio das estrellas. Formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios. Fez portentosas lagoas, umas doces, e outras salgadas, navegaveis de embarcações e abundantes de peixes ; estupendas grutas, asperos domicilios de feras ; densos bosques, confusas congregações de caças, sendo tambem d'este genero abundantissimo este terreno, no qual a natureza por varias partes depositou os seus maiores thesouros de finos metaes e pedras preciosas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo e o mais constante testemunho d'aquella estupenda e agradavel variedade que a faz mais bella.

10. Os montes famosos d'esta região, posto que sejam muitos e compitam em grandeza, só dos mais celebres pela altura, pela extensão e por outras circumstancias memoraveis faremos menção. Ao norte o monte Jaricoacoara, que estando assentado no continente da terra do Ceará, é marco que muitas leguas ao longe descobrem as embarcações, quando navegam para as capitanías do norte. No districto de Jaguaribe, a famosa serra, cujo cume se remata com a fórma de Sete-Pães de Assucar. A serra da Borboréma, sita no Porto dos Touros entre o Cunhaú e a Parahyba, que correndo com o mesmo nome até á ribeira do Pinhancó, d'alli até a Iguapava (em que mais elevada fenece, escondendo-se entre as nuvens) se chama

serra do Araripe. A montanha do Ararobá, que nasce no continente da terra do Porto do Calvo, e vai com a mesma grande altura cortando por muitas leguas o interior do sertão. O monte das Tabocas em Pernambuco, nove leguas da villa do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro leguas da mesma villa, vão continuando para o sertão com grandissima altura, e acabam em serranias que penetram os ares; estas montanhas e aquelle monte, celebres pelas tres famosas victorias que n'elles alcançámos dos Hollandezes em tres sanguinolentas batalhas campaes.

11. Para o sul a cordilheira dos montes, que começando na capitanía dos Ilheos com o nome de Serras dos Aymorés, e atravessando as do Porto Seguro e do Espirito Santo, vão por cento e quarenta e tres leguas de curso acabar na enseada do Rio de Janeiro, onde lhes chamam Montes dos Órgãos. No caminho d'aquella cidade para as Minas Geraes, a altissima serra da Itatiaya. Nos vastos districtos das Minas do Ouro, as inaccessiveis serranias, de cujas vertentes (dizem os seus descobridores) nasce o grandissimo rio de S. Francisco. Nas proprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro que o Potosi teve de prata. A estupenda serra de Paraná-Piacaba, que tendo assento no continente vizinho ás villas de Santos e S. Vicente, vai inconstantemente subindo em voltas, umas sobre o mar, outras para o interior da terra, e dando por algumas partes entrada menos difficil, por outras estreito e fragoso transito para a cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo sertão sete leguas distante.

12. Apartado quasi duas leguas da dita cidade, o celebre monte Jaraguahi, dos primeiros corpos terrenos que n'aquella região soltaram veias de ouro. Junto á villa de Sorocaba, o monte Marocoyaba, tão robusto, que tem de ferro as entranhas. Na villa de Taubaté, a grande montanha de Itajuba. O alto monte Ayapí, fronteiro á villa de Parnahyba. Entre ella e a de Utú, a serra de Aputerihibú. No caminho das novas Minas do Cuyabá, a cordilheira dos montes de Iboticatú, e mais ao sul a do Cochipone. Finalmente das elevadissimas montanhas da nossa portugueza America umas parecem ter aos hombros o céo, outras penetral-o com a cabeça. Não se jactem só Africa e Grecia dos seus dois sagrados montes, porque tambem (a menos ostentação de cultos) tem Atlantes e Olympos o Brazil.

13. Toda a maior porção do seu terreno se dilata em grandissimas campanhas rasas, tão estendidas, que caminhando-se muitas leguas successivas, sempre parece que vão terminar nos horisontes; valles tão desmedidos, que em larguissimos diametros é menos difficil abrir-lhes os centros, que comprehender-lhes as distancias no comprimento e largura das suas planicies. N'este dilatadissimo theatro, em que a natureza com tantas e tão varias

scenas representa a maior extensão da sua grandeza, e apura todos os alentos dos seus primores, regando com portentosos rios amplissimas provincias, posto que lhes não possamos seguir as correntes, é preciso lhes declaremos os nomes, primeiro aos mais celebres, e depois a outros tambem famosos, quando a elles fôr chegando a historia.

14. O Rio das Amazonas, ou Gran-Pará, que podera ser pae de todos os rios, como o Oceano é pae de todos os mares, tendo principio longuissimo no mais interior seio do reino do Perú, com o corpo de estupendo vulto e o transito de innumeraveis leguas, por uma boca de oitenta de largo se desentranha no mar, tão impetuoso, que transformando-lhe as ondas salgadas em aguas doces, as bebem os navegantes, setenta leguas antes de chegarem á foz. A este rio, com o grandissimo intervallo de cento e sessenta leguas de costa, por onde desembocam outros (posto que inferiores, tambem generosos rios) se segue o Maranhão, que com immenso comprimento e largo corpo, por dezesete leguas de capacidade de boca vomita as suas aguas no Oceano. Do rio Maranhão, em distancia de cento e trinta e quatro leguas de costa, corre o Jaguaribe, tambem caudaloso. D'elle se contam quarenta leguas ao Rio Grande, que leva copioso tributo ao mar. Do Rio Grande, correndo a costa por cento e vinte e sete leguas de distancia, que comprehende os cabos de S. Roque e de Santo Agostinho, ha treze rios de grossos cabedaes, sendo entre elles o mais rico e de mais estirado nascimento o Parahyba n'esta provincia, e o Beberibe na de Pernambuco.

15. Distante cincoenta leguas por costa, numeradas desde o cabo de Santo Agostinho, está o grandissimo rio de S. Francisco, que com o Grão-Pará e o da Prata podem fazer um triumvirato das aguas dominante sobre todos os rios do mundo. São as suas margens mais povoadas que todas as dos outros do Brazil, seguidas as suas ribeiras pelo continente mais de quatrocentas leguas; fecundissimas e medicinaes as suas aguas, navegaveis de embarcações medianas mais de quarenta leguas pelo sertão; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando n'elle entra, e por muitas o penetra, adoçando-lhe as ondas. Enganaram-se alguns escriptores em dizer que este rio, no meio do seu curso, por um sumidouro se mette na terra, e depois de penetrar-lhe as entranhas pela distancia de doze leguas, torna a sair com a mesma copiosa corrente; sendo o certo, que estreitando-se entre duas cordilheiras de montes oppostos e dilatados em todo aquelle espaço, parece que se subterra, emquanto por esta causa se esconde, affirmando os gentios, que d'aquellas montanhas é visto correr pelas suas raizes descoberto.

16. D'este portentoso rio se contam até á barra da Bahia setenta leguas de costa, em cujo grande espaço correm ao mar vinte famosos rios, sendo entre elles de maior grandeza os de Sergipe, Rio Real e Itapicurú. Da barra da Bahia, correndo as praias sessenta leguas, está o rio Santa Cruz no Porto Seguro. N'este intervallo tributam copiosas aguas ao Oceano trinta rios, avultando por mais celebres o Taygpé, o Camamú, o Jaguaripe, o das Contas e o de S. Jorge. Em distancia do rio de Santa Cruz, quarenta e cinco leguas, fica o Rio Doce, recolhendo as aguas de outros muitos, com que leva grosso tributo ao mar, sendo um dos feudatarios a este rio o das Caravelas, tambem notavel.

17. No espaço de oitenta leguas, que ha do Rio Doce a Cabo Frio, correm vinte e quatro rios caudalosos. Dezoito leguas distante de Cabo Frio fica a enseada do Rio de Janeiro, em que desembocam dezesete. No intervallo de quarenta e duas leguas, que se contam d'ella por costa á barra de S. Vicente, ha trinta rios de purissimas aguas. Trinta leguas adeante está o rio Cananéa, com grande foz e navegavel a todo o genero de embarcações. Em duzentas leguas de costa, que ha do rio da Cananéa ao da Prata, se acham vinte grandes rios, sendo os maiores o de S. Francisco do Sul e o dos Patos.

18. Ultimamente se segue o estupendo Rio da Prata, maior que todos, e só inferior ao Gran-Pará, ou das Amazonas: traz o seu nascimento da mesma mãe, e posto que irmão menor, tem o curso quasi egualmente dilatado, mas por differente rumo, correndo o das Amazonas para o norte, e o da Prata para o meio-dia. Em largura de cincoenta leguas de foz entra pelo Oceano, e outras tantas, antes de o aportarem, vão os navegantes bebendo doces as suas aguas. Os escriptores impropriamente lhe chamam tambem Paraguay, sendo este o nome de outro rio, que recolhendo mais dois no seu regaço, vai com elles a entranhar-se no da Prata, não no principio do seu nascimento, mas já no progresso do seu curso.

19. No bojo de um e na boca de outro se vêem dois archipelagos de ilhas, sendo menos as que se acham na distancia maritima que ha de um a outro, onde as mais celebres são, a de Itamaracá, a de Santo Aleixo, a de S. Sebastião, a Ilha Grande e a de Santa Catharina; e por esta causa são os mares de toda esta costa tão limpos e navegaveis, pois não acham os mareantes outros baixos celebres e dignos de attenção para a cautela do perigo, mais que o de S. Roque, o de Vasa-Barris em Sergipe, o de Santo Antonio na barra da Bahia, e os Abrolhos.

20. Os rumos da navegação pelas costas da nossa America portugueza de norte a sul, e os ventos com que se fazem as viagens para as suas al-

turas e para os seus portos, exporemos, declarando, que de um grau austral, saindo do Gran-Pará para o sul, nenhuma embarcação redonda póde navegar as costas das seis provincias Maranhão, Ceará, Rio Grande, Parahyba, Itamaracá e Pernambuco, por correrem violentas as aguas pela costa abaixo ao oeste, e cursarem por ella impetuosos os ventos suestes e les-suestes, causa pela qual do Gran-Pará se vão os navios fazendo na volta do norte até á altura de dezoito e vinte graus de latitude pelo sudoeste e oeste, para dobrarem o cabo de Santo Agostinho, e proseguirem a viagem para as outras provincias do Brazil; mas do referido cabo para o Gran-Pará é perpetua a monção, navegaveis os mares, e os ventos de servir sempre favoraveis.

21. No cabo de Santo Agostinho, que está em oito graus e um terço, corre a costa pelo noroeste. D'elle ao rio de S. Francisco, que fica em dez graus e meio, corre a costa nornordeste susudoeste. Do rio de S. Francisco ao Rio Real, que está em onze graus e um quarto, o rumo nordeste sudoeste. Do Rio Real á ponta de Itapuan, que está em treze graus, corre nordeste sudoeste. Da ponta de Itapuan á de Santo Antonio da barra da Bahia, que fica na mesma altura, corre a costa leste oeste. Da ponta de Santo Antonio ao Morro, que fica em treze graus e dois terços, corre a costa nornordeste susudoeste. Do Morro aos Ilheos, que estão em quinze graus escassos, corre norte sul. Dos Ilheos ao Porto Seguro, que está em dezeseis graus e meio, corre a costa o mesmo rumo. Do Porto Seguro aos Abrolhos, que estão em altura de dezoito graus, e lançam ao mar cincoenta e cinco leguas, corre a costa norte e sul. Dos Abrolhos ao Espirito Santo, que está em altura de vinte graus, corre do norte quarta de nordeste ao sul quarta de suduoeste.

22. Do Espirito Santo ao Cabo Frio, que está em vinte e tres graus, vai correndo a costa até á ponta do cabo de S. Thomé pelo sul quarta do sudoeste, e d'esta até o Cabo Frio pelo sudoeste. Do Cabo Frio até o Rio de Janeiro, que fica na mesma altura de vinte e tres graus, corre a costa leste oeste. Do Rio de Janeiro ao Porto de Santos, que está em vinte e quatro graus, corre a costa a oes-sudoeste. De Santos ao rio de S. Francisco do Sul, que está em altura de vinte e seis graus e dois terços, vai correndo a costa pelo sudoeste quarta do sul. D'elle á ilha de Santa Catharina, cuja altura são vinte e oito graus e meio, corre ao sudoeste quarta do sul. Da dita ilha ao rio da Lagoa, que está em altura de trinta e dois graus, corre a costa pelo sudoeste, guinando para o sul. D'alli ao cabo de Santa Maria, que fica em altura de trinta e cinco graus, corre-se a costa ao sudoeste.

23. Tem o Oceano n'estas costas diverso movimento e curso no circulo do anno, porque do cabo de Santo Agostinho correm as aguas para o sul desde vinte de outubro até vinte de janeiro; de vinte de janeiro até vinte de abril estão indifferentes no curso; de vinte de abril até vinte de julho correm para o norte; e de vinte de julho até vinte de outubro se mostram outra vez como indeclinaveis: porém do cabo de Santo Agostinho até o Rio das Amazonas tem sempre uma mesma arrebatada corrente por toda aquella costa para oeste até o Gran-Pará. A razão natural d'esta variedade é, porque como o sol fere com perpendiculares raios os mares da torrida zona, e o seu calor consome grande porção das aguas do Oceano Atlantico e Ethiopico, convertendo umas em nuvens, e attenuando outras em ar, dispoz a próvida natureza, que o Oceano Boreal transforme com o seu humido temperamento em si o ar vizinho, e conceba um continuo augmento de aguas, que correndo para o sul (como as que o Oceano Austral participa da zona frigida, correm para o norte) se conformem ambos para a conservação do todo, supprindo um e outro Oceano com as suas aguas as que na zona torrida se consomem.

24. Vista já, posto que em sombras, a pintura do corpo natural d'esta região, a benevolencia do seu clima, a formosura dos seus astros, a distancia das suas costas, o curso da sua navegação, o movimento dos seus mares, objectos que mereciam mais vivos e dilatados rascunhos, mostraremos tambem em brutesco breve as suas producções, fructos, plantas, lavouras e manufacturas, com que os Portuguezes foram fazendo grandes os interesses do seu commercio e as delicias das suas povoações, e outras arvores, flores e fructas estrangeiras, que com o tempo lhes introduziram, recebendo-as a terra para as produzir tão copiosamente, que bem mostra que só onde não é cultivada, deixa de ser profusa: exporemos o mimo dos seus mariscos, o regalo dos seus pescados e a riqueza das suas pescarias; de tudo daremos breve, mas distincta noticia.

25. A cana (planta commum a toda a America portugueza) se cultiva em sitios proprios para a sua producção, que se chamam massapés, uns em terra firme, outros em ilhas. Estendida se mette na terra, e d'ella vão brotando olhos, que crescendo entre as suas folhas, parecem á vista searas de trigo. Quando estão sasonadas, e pelo conhecimento dos lavradores perfeitas, de dezoito mezes nos continentes, e de um anno nas ilhas, se cortam e levam para os engenhos, onde espremidas em instrumentos que chamam moendas, umas que movem correntes de aguas, outras giros de cavallos, se derretem em docissimo succo, que caindo liquido, vai correndo por aqueductos de pau a uma grande tacha, chamada parol, e mettida na

terra, d'onde em taças pequenas de cobre, presas por cadeias de ferro, o sobem para o botar nas caldeiras em que se coze; em fervendo, lhe lançam uma agua de certa qualidade de cinza, que nomeiam decoada, e posto no ponto necessario, o passam a vasilhas de barro pyramidaes, que chamam fôrmas, e cobertas de barro as suas circulares bocas, depois de quarenta dias que n'ellas se está purificando o assucar, se põe um dia ao sol, e se mette em caixas.

26. O peso do assucar, assim branco, como mascavado, que se tira de cada uma d'estas fôrmas, sendo todas feitas quasi por uma medida nas suas officinas, é diverso nos engenhos; porque as canas que se moem proprias, ou obrigadas, e se cultivam em terras de massapé mais legitimo, ou se plantam de novo em outras menos cançadas e mais distantes das praias (causa por que lhe chamam propriedades do mato, por differença das outras, que se dizem da beira-mar) são maiores no comprimento, grossura e distancia dos nós, e teem mais succo que as outras que nascem em terrenos já de muitos annos cultivados, como são todas as fazendas que ficam perto dos rios, e pela sua vizinhança e commodidade dos seus portos foram as primeiras que se fabricaram, e já por antigas são hoje menos rendosas, carecendo as canas de mais trabalho para crescerem, pela muita herva que n'aquelles logares as suffoca, como a zizania ao trigo, se não ha continuo cuidado em as alimpar, não sendo ás novas fazendas do mato necessarias tantas limpas; e tambem consiste o rendimento e bondade do assucar nos mestres d'elle, que assistem ás caldeiras, os quaes devem ter grandes experiencias, para o cozer e pôr no ponto da maior perfeição.

27. Nos engenhos em que concorrem as referidas qualidades, circumstancias e beneficios, dá cada fôrma tres arrobas, e tres e meia de branco, uma ou meia de mascavado; havendo engenhos que fazem tres mil, tres mil e quinhentos, e quatro mil pães dos declarados pesos, e moradores que teem dois, tres e quatro engenhos moentes, para cujas fabricas fazem grossas despezas, principalmente no tempo presente, em que pelo descobrimento e lavra das minas, que levam muitos escravos, tem crescido o valor d'elles a excessivo preço, e a este respeito os outros generos necessarios para a cultura do assucar; e a não haver este desconto, seriam os senhores dos engenhos os vassallos de maiores rendas e os mais opulentos de toda a corôa portugueza.

28. São copiosos os meles que as fôrmas botam, quando depois de congelado o assucar, lhes tiram pelo fundo, em que teem um furo, as folhas com que as tapam, quando lho lançam liquido; e no tempo em que se está purificando, distilla os referidos meles, os quaes se os senhores dos enge-

nhos os querem cozer, teem outras officinas para este fim, e com novo beneficio e arte fazem outra qualidade de assucar, que chamam batido, assim branco como mascavado, na côr e apparencia como o outro, mas na doçura e substancia diverso, porque duas arrobas de branco batido não fazem o effeito de uma de branco fino, e a mesma differença ha entre um e outro mascavado.

29. Tambem este genero de assucar distilla outra especie de mel, que chamam remel, do qual se fazem outras manufacturas; quando os senhores dos engenhos não querem usar d'estes inferiores generos de assucar, vendem os meles aos fabricadores das aguas ardentes, que em pipas e toneis os levam para as suas officinas, onde tendo-os algum tempo em certa infusão, os põem o cozer em lambiques, cuja distillação é agua ardente, de que consta a maior parte da carga das embarcações que navegam para a costa de Africa a buscar escravos, e se gasta por elles e pela plebe do Brazil em logar das do reino.

30. O tabaco, planta que sendo por muitas qualidades chamada herva santa, o luxo dos homens lhe faz degenerar em vicios as virtudes, é tão melindrosa, que na sua creação qualquer accidente a destroe, assim como no seu uso qualquer sopro a desvanece. Cultiva-se só nas capitanías do norte; semeia-se em maio, e nascida, a transplantam; o muito sol a queima, e a demasiada chuva a apodrece; cresce cega, porque lhe tiram os olhos; é sujeita com excesso á lagarta e ao mosquito; não tem ramos, só lança folhas, mas em cada pé não passam de doze; a sua colheita é de agosto até fevereiro; quando está sasonada, se lhe fazem amarellas as folhas; as que vão declinando, se vão colhendo e guardando em casas de palha, feitas em proporção á grandeza do sitio em que a semeiam; tira-se-lhe o talo, e no seu beneficio, desde que a começam a torcer até a sua ultima perfeição, passa pelas mãos doze vezes, e no peso conveniente se fazem os rolos, que cobrem de couro em cabello, para se embarcarem.

31. Esta planta dá duas folhas, á segunda chamam soca. A sua bondade e perfeição procede não só da qualidade do terreno em que a cultivam, da proporção ou compostura com que o tempo (vario nas mesmas naturaes estações do clima) se differença e mostra desegual; porém, do beneficio que se lhe applica, da arte com que se cocha e torce, algum á mão, outro com engenhos, (d'onde é menos o trabalho e sae mais perfeita a obra) algumas vezes de mil pés se colhem nove ou dez arrobas, sendo esta a maior grandeza a que chega a sua liberalidade: mas a producção commum de cada mil pés é sete até oito arrobas, entrando n'este numero a

primeira folha, e a segunda da soca: esta se colhe em dois mezes, e acontece ás vezes ser melhor e mais abundante.

32. Os seus lavradores necessariamente teem curraes de gado, para lhes fecundarem as terras d'esta cultura com o mesmo que hão mister as hortas para produzirem as plantas: ha d'estes agricultores alguns, que teem tantos sitios d'esta lavoura, taes fabricas de escravos, e officinas, que recolhem cada anno tres mil e quinhentas ou quatro mil arrobas, quando os accidentes do tempo ou falta do cuidado e beneficio lhe não diminuem o seu costumado rendimento.

33. As capitanías do norte carecem de farinha de trigo, de que abundam algumas do sul, mas a commum e geral em todas é a da mandioca. Esta se planta com uns ramos, ou garfos, que em qualquer tempo (excepto nos mezes de abril, maio e junho, que são os do mais rigoroso inverno no Brazil) se mettem na terra, chamados manaíbas, os quaes lançam grossas raizes, que aos doze até aos dezeseis mezes (conforme os sitios em que se cultivam, de mais ou menos sympathia com esta planta) as arrancam, e ralam em uma fórma de engenho, que chamam bolandeira, e espremem em instrumentos de palha, que nomeam tapitís, e logo a cozem em alguidares de barro ou de cobre, e fazem farinha dos generos e nomes que diremos, e umas delgadas e tenues fatias, que supprem o pão, com o nome de beijús.

34. Das mesmas raizes lançadas de molho se faz a mandioca-puba, e postas ao sol, a carimá, ambas substancialissimas e com virtudes para remedio de muitas enfermidades. Da agua que sae dos tapitís, coada e posta ao sol, se faz a farinha a que chamam de tapioca, e gomma selecta, a melhor materia para os polvilhos das cabelleiras. Da mandioca, que depois de posta em molho chamam puba, feitos uns bolos cozidos e depois ralados, se fazem farinhas, que sovadas e amassadas em fórma de pães e de fatias de biscoito, e cozidos em fornos, sáem com admiravel gosto, o mesmo feitio e perfeição que os do trigo.

35. Esta farinha se faz de varios modos: fresca, que dura só dois dias, e é de maior regalo; fina, de que se usa nas mesas com diversos nomes, uma de pitanga, outra de tapioca, e a que chamam de guerra, que é o pão de munição dos soldados, sustento da gente vulgar. Todas, excepto a primeira, saindo do fogo bem cozidas e guardadas em partes seccas, duram um anno com o proprio gosto, e seis mezes os beijús, que sempre se fazem de farinha fina. Das villas do Cayrú, Camamú, Boipéba e Rio das Contas, vem em compridos fardos de palha chamados sirios, e lançam seis quartas e meia e sete quartas cada um.

36. A mais que se lavra em differentes partes, se conduz em saccos, ou solta nas embarcações. As circumstancias mais notaveis d'estas raizes são duas: a primeira, estarem dois e tres annos mettidas na terra, sem apodrecerem, quando aos seus agricultores parece que em as dilatar podem conseguir maiores interesses; a segunda, serem refinado veneno antes de lançadas de môlho, e utilissimo sustento depois de beneficiadas. Ha lavradores tão poderosos, que dos sirios fazem cada anno dois mil e quinhentos, e da que se vende solta mais de tres mil alqueires.

37. Outras raizes ha do mesmo genero e feitio, mas de diversa qualidade, que se chamam aipís, de quatro especies, assû, branco, preto e poxá: de todas se fazem por varios modos agradaveis guisados; assadas teem o mesmo sabor que as castanhas de Portugal, e nas olhas se assemelham aos nabos. É tradição entre os gentios, que todas as referidas raizes, a fórma da sua cultura e do seu uso, lhes deixara aquelle varão cuja doutrina não quizeram receber, e a quem fizeram ausentar de todo o Brazil, que foi o glorioso Apostolo S. Thomé, como logo mostraremos.

38. É immensa no Brazil a producção do arroz, egual na bondade ao de Hespanha, ao de Italia, e melhor que o da Asia, e podera servir de pão, como na India, se em o nosso clima se não accommodaram os corpos mais á farinha de mandioca, que melhor os nutre; porém continuamente se usa d'elle por regalo, assim guisado em muitas viandas, como em outros varios compostos. Na provincia da Bahia os alqueires que se colhem, não teem numero; são tantos nas dos Ilheos e do Porto Seguro, que sae para varias partes em sirios, como a farinha. Este grão tem circumstancia maravilhosa na do Pará, porque, penetrados aquelles sertões, se experimentou que os seus naturaes o colhem sem o semearem, produzindo-o naturalmente a terra em dilatadissimos brejaes, com abundancia e sem cultura; mas não só para a parte do norte se acha esta singularidade, porque pela do sul, muito além de S. Paulo nas novas Minas do Cuyabá, se viu o arroz produzido na mesma fórma, e o grão maior que todos os d'este genero.

39. De outros grãos e legumes produz a nossa America em quantidade trigo, feijão, milho, favas, algumas ervilhas do reino, andús, como ellas na fórma e melhores no gosto, mangallós, mendobís, gergelim, gengibre, do qual se faz util conserva, e serve de simples em varios mixtos de doces e de guisados; batatas, inhames, geremús, carás brancos, roxos e de outras côres e castas, mangarás, mangaritos, tamataranas, remedio insigne para os enfermos de estillicidio e asma. Dos incultos dá em abundancia pinhões, sapucaias, castanhas de cajú, que estando maduras se comem assadas, e se confeitam como as amendoas, das quaes teem o gosto, e sup-

prem a falta em varias especies de doces, saborosos por extremo, e quando estão verdes se chamam muturís, e d'elles se fazem excellentes guisados, e compostos regalados.

40. Das hervas naturaes comestiveis são principaes os quiabos, os gilós e os machixeres, as largas tayobas, a peitoral maniçoba, que se guisa das folhas da mandioca, as cheirosas pimentas de muitas especies e côres, que servem ao gosto, ao olfato e á vista. Das hortaliças da Europa ha no Brazil alfaces, couves de varias castas, repolhos, nabos, rábãos, cenouras, pepinos, espinafres, aboboras d'agua, cebolas, alhos, cardos, bredos, mostarda, tomates e beldroegas; das hervas cheirosas, hortelã, segurelha, poêjo, coentro, funcho, salsa, mangerona, endro, mangericão, alecrim, arruda e losna; das medicinaes, canafistula, tamarindos, jalápa, salsa parrilha, filipodio, pau da China, malvas, tanchágem, sene, a que os naturaes chamam tacumburí.

41. As outras hervas naturaes são innumeraveis, e tão activa a virtude de algumas, que se alcançaram a noticia e experiencia d'ellas Dioscorides e Plinio, seriam o maior emprego das suas pennas e observações. O conhecimento dos seus effeitos nos occultaram sempre os gentios, tenazes do segredo e avaros dos bens que lhes concedeu a natureza; porém de alguns mais domesticos, e da experiencia que a falta de outros remedios deu aos penetradores dos sertões, onde não havia boticas, nem medicinas, se veiu a conhecer a sua força, e a exercer a sua pratica.

42. As mais celebres são a sambambaia, que solda todas as quebraduras; a capéba, que desfaz todos os apostemas; a herva de leite, que alimpa de todas as belidas e nevoas aos olhos; o mata-pasto, que tira as febres; a caroba, que tira as boubas; o ananaz, que expulsa a pedra; o coroatá, que arroja as lombrigas; a bútua, que conforta os estomagos, e expelle as dores de cabeça; o mil-homens para mil enfermidades, e outras para varias queixas, ou tomadas em potagens, ou postas como remedios topicos: ha tambem herva de rato para matar, e tanharon para attrahir; outras libidinosas, que provocam a lascivia, das quaes é mais conveniente occultar a noticia, e callar os nomes.

43. Duas portentosas hervas ha, que merecem particular narração: uma é a que chamam sensivel, porque parece ter não só a natureza vegetativa das plantas, mas tambem a sensitiva dos animaes; porque no proprio instante em que a tocam, murcha todas as suas folhas, e não as torna a abrir, até que se não ausenta a pessoa, que pondo-lhe a mão a offendeu, ou a violou; tem em si mesma (como a vibora) a peçonha e a triaga, na folha o veneno, e o antidoto na raiz.

44. A outra, com effeito diverso, é tambem notavel; o nome se ignora, e a virtude se viu na aldeia da Natuba, quarenta leguas distante da cidade da Bahia, e a não ser tão autorisada e fidedigna a pessoa que como testemunha de vista o depoz, o não escreveramos. Achou a um gentio já domestico e christão fazendo certo instrumento de ferro, que pela efficacia de uma herva que lhe applicara, o fez tão brando que o cortava como a qualquer fructa; e offerecendo premios ao Indio, para que lhe mostrasse a folha, os reputou em menos que o segredo, não lho querendo revelar; e seria provavel que teria outra folha de contraria virtude para o solidar, pois na brandura em que estava, lhe não servia para o instrumento que dispunha.

45. As flores estrangeiras que ha n'esta região em abundancia grande, são rosas de Alexandria e de Portugal, que dão em todo o curso do anno, e de uma se faz já assucar rosado maravilhoso; cravos de Arrochella, mesclados, almirantes e vermelhos; jasmins de Italia e gallegos em copia excessiva; mosquetas, tulipas, angelicas, açucenas, maravilhas, posto que adulteradas, macellas, girasoes, lirios, caracoes e esponjas, que chamam corona-christi; suspiros, maiores que as perpetuas, porém semelhantes a ellas na figura, na folha e na duração; a côr é entre roxo e carmesim, com umas miudas respirações brancas no diametro da sua breve circumferencia; trouxeram-se da India oriental, e no seu nome bem mostram serem de longe; mogarins fragrantissimos, claros como estrellas, tambem da Asia; musambís, que nascem só nos fins dos ramos que a sua arvore lança, formando pyramides compostas de flores tostadas, amarellas e brancas; são oriundas de Cabo Verde.

46. Das naturaes ha muitas admiraveis, sendo a primeira a do maracujá, mysterioso parto da natureza, que das mesmas partes de que compôz a flor, lhe formou os instrumentos da sagrada paixão, fazendo-lhe nas folhas cumuladas ao pé o calvario, em outras peças a columna, os tres cravos, a corôa de espinhos, e pendentes em cinco braços, que com egual proporção se abrem da columna para a circumferencia, as cinco chagas; de cada tres, com attenção, se forma a cruz, e no ramo em que se prende o pé, se vê a lança.

47. Outra é a metamorphose das flores, senão na substancia, nos accidentes, rosa maior que a de Alexandria, que trajando na manhã de branco, se vae córando e dispondo ao meio dia para vestir purpura de tarde, nascendo neve, e acabando nácar; é produzida de uma arvore pequena de grande copa e folhas largas. Outras ha, que se chamam flores de S. João, por começarem um mez antes do seu dia, das quaes se matizam as suas capellas; nascem de uma arvore de mediana estatura e copa, cujos ramos

rematam em tal profusão de gemadas flores, que parecem cachos de ouro em folhagens de esmeralda; da propria côr dourada outras rosas pequenas, que parecem maravilhas, de innumeraveis e crespas folhas.

48. O vulgo immenso de boninas de muitas castas, roxas e brancas, que dormem de dia e despertam á noite, com tão melindroso ser, como debil suavidade. As flores da quaresma, por virem n'aquelle tempo, azues e em fórma de pyramides, com as quaes se ornam os altares. Os jasmins miudos e vermelhos, mas em tal copia produzidos por entre as estreitas folhas das brandas varas em que nascem, que enredando-se por qualquer tronco ou edificio, o fazem uma confusão verde, ou um encarnado labyrintho. As açucenas, que imitam no tronco e na folha ás de Europa, umas brancas com cheiro, outras sem fragrancia nacaradas; os bredos namorados, de muitas castas, com folhas de varias côres. As flores da courana miudas e suaves.

49. Das fructas estrangeiras logra o Brazil pecegos, peros, marmelos, peras, e açafrão nas capitanías do sul; porém em todas se dão figos de duas castas, excellentes ambas, romãs admiraveis, perfeitas uvas moscateis de Jesus, ferraes e bastardos, cujas cepas e vides produzem duas e tres vezes no anno; melancias selectas, regalados melões; e em summo grau formosas e deleitaveis todas as fructas, que se chamam de espinho, excedendo ás que d'este genero ha em Europa. Mangas da Asia em grande numero e perfeição, de que já se fazem preciosos doces.

50. Das naturaes cultas ha infinitas, sendo primeira o ananaz, que como a rei de todas a coroou a natureza com diadema das suas mesmas folhas, as quaes em circulo lhe cingem a cabeça, e o rodeou de espinhos, que como archeiros o guardam. As outras são as fragrantes pitombas, como pequenas gemmas de ovos; as pitangas do mesmo tamanho, mas golpeadas em gomos, umas roxas, outras vermelhas, todas frescas e refrigerantes dos calores da febre; os maracujás cordealissimos de cinco especies, mas de uma só qualidade, de cujo succo se fazem deliciosos sorvetes, e da casca perfeitas conservas; os araçás, tambem de cinco castas, dos quaes os perinhos e merins se dão aos enfermos, e de todos se fazem presados doces com o nome de marmeladas, tão finas e selectas como as do reino, todas mui brancas, e só as das goiabas carmesins, côr da sua massa.

51. Ha cocos de outros tantos generos, cuja agua é suave e fresca; da fructa se fazem saborosos doces e mimosos guisados; fructas do conde grandes e deliciosas; bananas de dois generos que servem de regalo, e por muitos modos de mantimento, na falta da farinha, e assadas são melhores que as maçãs camoezas: pelo seu regalo, cheiro e formosura, se póde

presumir foi o pomo com que a serpente tentou no paraiso a nossos primeiros paes, podendo tambem o comprimento e largura das suas folhas persuadir foram as de que elles se cobriram, das quaes podiam cortar grandes roupas.

52. As fructas silvestres são muitas, e entre ellas as de melhor sabor e mais nome as mangabas, que sasonadas excedem a muitas, e em conserva nenhuma as eguala, suaves no cheiro e agradaveis á vista, de uma parte vermelhas, amarellas de outra; os mocujés, como ellas na massa, no gosto e na forma, porém differentes na côr, entre verde e pardo; corta-se-lhes a arvore para se colherem; os areticús-apés, os mamões, os moricís, os cajús, que teem outro fructo de differente qualidade na castanha, de que já fallámos, aquelles frescos, e estas quentes; os cajás e os jenipapos, excellentes confortativos para o estomago; d'estas duas ultimas se fazem tambem excellentes doces, e os gentios tiram d'ellas os seus mais generosos vinhos. De outras agradaveis, posto que de inferior estimação, se acham cobertas as brenhas e matos do Brazil, tendo n'esta multidão muito logar a jaboticaba e o umbú, o qual no sertão suppre com a copia do succo a falta da agua.

53. Das plantas e arvores preciosas logra a nossa America o cravo; nasce de uma arvore, em que se acham cravo, pimenta e canella: cravo na flor, pimenta no fructo, e canella na casca; porém estas tres producções teem a mesma acrimonia, sabor e cheiro só do cravo da India, de que todas tomam o nome. A canella em sua propria especie, que veiu da Asia ao Brazil por ordem real ha poucos annos, se colhe de uma arvore na altura grande, formosa na copa, estendida nos ramos, de folhas compridas; d'ellas ha já no Brazil tão grande numero, que abunda d'esta especiaria, a qual suppre dignamente á de Ceylão por todos estes paizes, e se envia muita a Portugal.

54. O cacau, cujo fructo não tem flôr, é arvore de mediana altura, de ramos mui apartados do tronco; nasce o pomo todas as luas, sendo mais perfeitos os do verão; tem a fórma de um pequeno melão, a côr amarella, suave o cheiro, e dentro umas poucas pevides menores que as amendoas, mas do mesmo feitio, que são o que propriamente chamam cacau, e dão o nome á arvore e ao pomo; a polpa d'este, desfeita em licor suave, serve de regalado vinho aos naturaes; as amendoas ou pevides seccas ao sol é a materia principal do chocolate: produzem em terras humidas e alagadiças; semeiam-se os grãos frescos, porque seccos não nascem, e os troncos se vão dispondo em fórma de bem ordenados pomares: o beneficio é mais facil aos que cultivam as arvores, que o resguardo dos fructos, sempre combatidos e penetrados dos passaros.

55. A baunilha nasce em umas delgadas varas, a que no idioma dos naturaes chamam cipós, compridas, sempre verdes e cheias de apartados nós, com só duas folhas em cada um; brotam umas baínhas do comprimento e grossura de paus de lacre; estando sasonadas, ficam negras; o miolo é cheio de uns grãos mui pequenos, com succo que parece oleo, e cheiro fragrantissimo, sendo o primeiro ingrediente do chocolate. O anil, pobre de tronco, de humilde folha mui miuda, nasce pelas brenhas. Do algodão ha infinita copia, que se fabrica em muitos teares, dos quaes sáem innumeraveis peças de panno, que tem uso para varias cousas, e da mesma materia se fazem grossas, mas vistosas obras; porém nas redes para as serpentinas se apuram os seus fabricadores, lavrando-as com primorosas pinturas de muitas côres, agradavelmente matizadas. O urucú nasce de arvores pequenas, o fructo é do tamanho e feitio de uma lima mais pyramidal, tem uns grãos negros engastados em uma massa de escarlata, é admiravel tinta nacarada, que se compra em Europa por muito preço. A tarajuba é raiz de um incorruptivel tronco; tiraram d'ella os Hollandezes grandes interesses com a preciosa tinta amarella que faz, è do pau brazil todas as nações do norte para muitas de tantas côres, como as suas engenhosas artes sabem fazer d'elle.

56. O balsamo é distillação fragrante de robustas arvores, que por muitos espaços de distancia respiram suavidades; são cinzentas, e teem a folha semelhante ás do myrto, mui altas, copadas, e tantas, que formando densas matas d'este aroma, occupam successivas leguas de terreno, sendo em uns logares melhor o seu licor que em outros, e no seu genero o mais perfeito do mundo; provocado de qualquer golpe, que pelas luas lhes dão nos troncos, corre em tanta copia, que em nenhuma parte da Palestina se colhe em mais abundancia; fazem d'elle, com outros ingredientes, admiraveis obras de contas, caixas e peças maravilhosas, tão agradaveis á vista como ao olfato; é medicinal para muitas enfermidades, prodigioso na cura das feridas, tem sympathia com o cerebro e com o ventre, e muitas outras virtudes.

57. Ha outro genero d'estas arvores da mesma côr e grandeza, mas differentes na qualidade, e brotam dos troncos oleo menos suave, mas tambem cheiroso, que chamam copahuba, egualmente proveitoso para muitos achaques, dores e feridas, preservando-as de espasmos, e curando-as mais brevemente que os unguentos da cirurgia, e para as pinturas tem o mesmo effeito que o de linhaça. As bicuíbas são arvores tambem grandes, cujos fructos parecem nozes como as muscadas; o seu miolo pisado distilla um oleo finissimo, que se applica ás dores e curas gallicas com maravilhoso

effeito. Ha outra casta de arvores de menos altura e ramos, que brotam perfeita almecega, gomma activa para emplastos nos peitos, partes rendidas e carnes quebradas, com outras virtudes para remedios de muitos males.

58. As madeiras pela formosura, preço, grandeza e incorruptibilidade, são as melhores do mundo. Seja a primeira aquelle pau que deu o nome a esta opulenta região, e concorreu para o seu commercio e grandeza desde o seu descobrimento, sendo appetecido e solicitado de tantas nações. Logo o jacarandá, egual na estimação e luzimento ao ebano, com a vantagem das ondas pardas, que o fazem mais vistoso. O sassafraz, que além do lustre e suave cheiro, tem virtude para curar muitas enfermidades, causa porque se lavram d'elle muitos pucaros e copos. O violete admiravel pelas aguas roxas, que parecem roubadas ás mais finas amethistas. O pequiá, da côr do mais peregrino amarello, e serve de tauxiar as obras das outras madeiras, que com elle se matisam; e o vinhatico, luzente e dourado.

59. Os incorruptiveis paus vermelhos, angelins, cedros, jataypevas e maçarandubas; os potumujús, supopiras e adernos acastanhados; as claraíbas, os louros, tapinhoans, os bacurys, guabiranas e jandirobas, o pau ferro, o de arco, o da sapucaia, e outros troncos das mesmas qualidades e varias côres, tão grossos, que d'elles se lavram as embarcações inteiriças que chamam canôas, e no Pará, Maranhão e Ceará, se dizem de viagem inteira, que teem dezeseis e vinte palmos de diametro; carregam cincoenta e sessenta caixas de assucar de quarenta arrobas cada uma, e levam vinte e vinte e quatro remos por banda: de outros paus, posto que inferiores, tambem grandes, se lavram capacissimas canôas de muita carga, em tanto numero que d'ellas estão cheias todas as praias.

60. Os irracionaes viventes sensitivos, que se criam n'estes campos, bosques e montanhas, são incomparaveis em grandeza, numero e especies. Do gado que chamamos maior, é tanta a quantidade, que nos campos que jazem entre Parnaguá e o Rio da Prata, andam sem dono e sem cultura, e os vão matar só por lhes tirarem os couros; da carne se não faz caso: nas outras partes do Brazil é tanto, que antes de se descobrirem as minas de ouro, para cujos numerosos povos vão innumeraveis cabeças, valia cortado nos açougues ordinariamente a cento e sessenta e duzentos réis a arroba, em muitas occasiões a oitenta e a cem réis, e só quando as seccas dos sertões ou as enchentes dos rios lhe causam prejuizo, ou lhe impedem o transito, deixa de abundar nas povoações com o referido excesso, sendo alguns d'estes animaes de tanta grandeza, que pesa cada um vinte e vinte e quatro arrobas.

61. Em algumas partes do paiz de S. Paulo ha gado vaccum de tal

qualidade, que deixando de pascer a herva abundante que produz aquelle terreno, se sustenta só da terra, a qual tem tal sympathia ou propriedade para o engordar e lhe fazer gostosa a carne, que entre todas a d'este genero, por aquella região, é a mais saborosa e appetecida, e as rezes tamanhas que as não egualam as outras na grandeza e peso, em prova de que a terra de que se manteem, as nutre com vantagem ás mais que se criam com o pasto commum a todos os animaes, dos quaes veem a ficar differentes na singularidade do alimento.

62. Do menor é grande a criação, porque não ha morador dos termos ou reconcavos, que o deixe de ter em tanto numero, quanto lhe baste para o seu regalo e para o seu interesse, mandando-se buscar das povoações para comida, mimos e matalotagens. São excellentes os capados, que se sustentam e criam com a mandioca, e alguns chegam a ter de peso doze e quatorze arrobas; tenrissimos os leitões, saborosos e grandes os carneiros, brandos os borregos, mimosos e saudaveis os cabritos.

63. Do gado cavallar se cria n'esta região muita copia, saindo briosos ginetes de fina raça, com a grandeza, signaes, côres e propriedades, que se procuram n'estes generosos brutos; tomam docilmente os primores que lhes ensinam, e são extremados na velocidade. Deixem os poetas de pintar ao cavallo Pegaso com azas, os antigos de fabular que as eguas da Lusitania concebem do Zephyro, porque as do Brazil teem partos tão ligeiros, que correm parelhas com os ventos. Ha perros de caça e de casa com grande instincto, e para guardar as fazendas muitos de tanto vulto, que parecem bezerros.

64. Das feras ha tigres, onças, antas, susuaranas e javalís, que chamam porcos do mato; estes de duas castas, uns nomeados cahetatús, outros queixadas-brancas. Em generos de cobras monstruosas, a giboia, tão grande, que se alcança o maior touro, o prende com a cauda, e apertando-lhe os ossos lhos quebra e o come. A surucucú, que posto que inferior, faz o proprio ao gado menor. Dos bichos asquerosos, a preguiça, de tão tardo movimento, que apenas se lhe enxerga o curso, e em poucos passos gasta todo um dia. O camaleão, tambem fleumatico, sem embargo de beber as coleras ao vento. Os sarigués, piratas das criações domesticas. As guaribas, de triste e porfiado canto nas arvores, e os guassinins, que são do seu côro e solfa.

65. Ha monos horriveis nos montes, e domesticos nas pousadas; varias castas de bugios e saguins, uns cinzentos, outros entre pardos e amarellos que se chamam de cheiro, por algum que exhalam não desagradavel, e são os animaes que mostram mais instincto, pelos brincos e acções que fazem.

Das caças quadrupedes silvestres ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatis, periás, teús, tatús e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, teem a carne superior no gosto a todas as do Brazil.

66. Das muitas caças volatiles e montanhezas d'estes paizes a primeira é a zabelé, emula dos faisões de Milão e dos francolins de Chypre; tem a grandeza e feitio das gallinhas pequenas, com alguma differença na cabeça, em ter pennas por cristas; logo as enhapopés, maiores que as gallinhas, de mais titélas e melhor gosto; pombas de muitas castas torcazes, de mais grandeza que as outras, competem com as perdizes no tamanho, fórma, peito e sabor; as juritís e pararís, tenras e gostosissimas; as hirapongas, mais regaladas que todas; muitas e agradaveis rolas. De outros passaros tambem comestiveis ha araquans, mutuns, jacús, jacutingas, e nas ribeiras do mar e dos rios marrecas e galeirões. Das aves e creações domesticas ha mui grandes gallinhas, capões, perús, emas, ganços, patos e patorís.

67. Das que tem alguma voz e canto, papagaios, periquitos, araras e canindés, que são pelas côres iris animados nas selvas e ramalhetes de pennas nas regiões dos ares; proferem todas as palavras que lhes ensinam. Os bicudos, negros como os melros, quasi do seu tamanho, mais destros e agradaveis no canto; sabiás, que chamam das praias por andarem sempre nas ribeiras onde só cantam, mais que todos suaves; teem cinzentos os costados e os peitos brancos; patatibas, coleirinhos, canarios e outros que em menos ajustada solfa tambem agradavelmente cantam. As vivas tintas com que os coloriu e matizou a natureza são tão admiraveis, que os fazem parecer flores volantes nos jardins da esphera; os mais celebres são os tocanos pelas pennas mimosas e gemadas, que como pelles de ouro lhes cobrem os peitos, e os guarazes pela purpura de que vestem os corpos.

68. Para augmentar as riquezas da nossa America portugueza, lhe lança o mar por muitas partes das suas costas o ambar gris mais presado e mais precioso. É tradição constante que a um dos primeiros homens que casaram na Bahia, se lhe deram quatro arrobas em dote, colhido nas suas praias, onde tem saído muito, e em mais quantidade se tem achado nas da ilha de Itaparica, porém com abundancia maior na provincia do Ceará, cujos gentios o trocam com os Portuguezes por drogas de pouco preço e ás vezes lho dão sem interesse. Em muitas das outras provincias se colhem alguns aljofares perfeitos e perolas netas. De uma somos testemunha, achada em uma ostra depois de assada; era de grandeza mais que mediana, em summo grau espherica; de uma parte tinha perdido o lustre ao rigor do fogo, e da outra onde lhe não chegara, estava com a sua natural côr e formosura, tão brilhante como a mais preciosa margarita.

69. Muitas se colheram em differentes tempos, e entre ellas uma em excesso grande, tambem offendida do fogo em que lhe fôra assada a concha, ficando-lhe as porções illesas admiravelmente bellas. É sem duvida, que se os naturaes as fossem buscar ao centro por interesse, como as nações indianas orientaes e occidentaes, lograriam a mesma rica pescaria; porem a gente do Brazil, por falta de ambição ou de actividade, das riquezas do mar colhe as que arroja, e não penetra as que esconde.

70. Cria abundante numero de varios pescados: dos de Europa, linguados, saveis, tainhas, pescadas, salmonetes, robalos, meros, arraias, cações, gallos, enxarrocos, voadores, carapaus, chernes, sardos, corvinas, agulhas e sardinhas: dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleias, beyjupirás, cavallas, garopas, vermelhos, corimás, pampanos, carepebas, parús, ubaranas, guaracemas, jaguaraçás, camoropins, olhos de boi, dourados e charéos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia pela grandeza de sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos e do povo miudo da Bahia.

71. Tem quatro palmos de comprido, um e meio de largo; são sempre gordos e gostosos, por terem estação propria em que correm, que é do primeiro de dezembro até o fim de abril. As suas ovas teem grandeza proporcionada e não deixam de lograr estimação, assim frescas, como salpresadas em uma fórma de prensas, onde espremidas, as põem a seccar por alguns dias, em que a côr amarella, que lhes deu a natureza, se lhes converte na rubicunda, que o sol lhes dá; com este beneficio permanecem muito tempo, e as levam por matalotagem e regalo os mareantes. Ha para as suas pescarias muitas armações desde a enseada da cidade até a Itapuan, quatro leguas por costa além da barra, e se fazem consideraveis despesas em fabricas de casas, escravos e redes, tão grandes algumas, que carecem de cincoenta e sessenta pessoas para as recolher, contando-se em alguns dos lanços mil e quinhentos e dois mil charéos, e em outros com pouca differença, deixando aos seus armadores importantes lucros.

72. A pescaria das baleias, que em numero inferior tambem se faz na provincia do Rio de Janeiro, é portentosa na Bahia. Correm desde junho até outubro, começando por Santo Antonio, e acabando por Santa Thereza. É a baleia estupendo parto das ondas, util monstro do mar; teem as verdadeiras setenta palmos de comprimento, vinte e seis de largura e dezoito de alto; sendo peixe, todo o seu corpo é toucinho e carne; todas as suas espinhas são ossos; cobre-a uma branda pelle entre parda e negra, semeada em partes de miudos busios, que vivem do que lhe chupam; em poucas se vêem algumas manchas brancas; não mostra termo ou signal que lhe diffe-

rence a cabeça, mais que para o fim uma pequena diminuição, que faz á proporção do corpo: na parte inferior lhe ficam os medonhos olhos, entre os quaes tem por nariz um largo canal, que lhe sae acima da cerviz, por onde expulsa com elevada respiração as grossas ondas que sorve ao mar mais tempestuoso. A boca é uma sensitiva gruta, em que accommoda a disforme e pesada lingua, que tem de comprimento doze palmos, seis de grossura, e distilla uma pipa de azeite; dezeseis a baleia toda: não tem dentes, porém em cada um dos queixos traz um feixe de quarenta e mais barbatanas, compridas dezeseis palmos, negras, e de uns nervos incorruptiveis e mais rijos que a madeira, flexiveis, mas sem quebrarem.

73. Do logar dos hombros lhe saem por braços umas chamadas alas, que lhe acompanham os lados por espaço de vinte palmos, de carne nervosa, como a cauda, que traz sempre inclinada para uma parte; esta e as alas levanta, batendo os mares com estrondo formidavel e perigo evidente de qualquer embarcação em que descarregar aquelles terriveis golpes. Do logar do espinhaço se lhe levanta uma porção de carne curva, que em fórma de arco lhe occupa doze palmos o costado. Importa á fazenda real o seu contrato, de seis em seis annos, termo da sua arrematação, cento e oitenta mil cruzados; e no anno de mil setecentos e vinte e tres chegou a duzentos e cinco mil: vinte mil se gastam na sua pescaria cada anno. A fabrica de casas, armazens, tanques, fôrmas para recolher azeite, tachos para o cozer, e outros instrumentos, assim de sua magestade como dos contratadores, vale mais de quarenta mil cruzados.

74. O amor, que este monstro tem aos filhos, é tambem monstruoso, por elles se deixam matar, pois segurando-os a este fim primeiro os arpoadores, os seguem ellas até á ultima respiração dos seus alentos. A buscal-as por toda a enseada da Bahia (aonde n'aquelle tempo veem de mais longe a parir) saem todos os dias seis lanchas, quatro de arpoação e duas de soccorro, e mettendo os arpões nos filhos, para as segurarem, lhos lançam depois, e logo alanceando-as com uns compridos dardos, lhes distillam a vida pelo sangue, conduzindo-as para a ponta de Itaparica, onde se beneficiam e estão as fabricas; acontecendo quando o anno é propicio a este contrato, pescarem-se a tres e quatro por dia.

75. O consumo que este genero tem, de que resulta a ganancia que dá, é porque da baleia se fazem carnes, de que os escravos se sustentam: os moradores que possuem muitos, assim nas casas como nas lavouras, as mandam beneficiar em pipas e barris, que lhes duram de uma a outra safra, e d'ellas consta a matalotagem da gente maritima que serve nas embarcações que vão para a costa de Africa e para outros portos; e tambem por-

que da immensa inundação de azeite que se tira d'este peixe, se allumiam todas as casas, fabricas e officinas do Brazil, excepto as estancias particulares de algumas pessoas mais poderosas, em que arde o de Portugal. Tambem ha para este ministerio outros generos de azeite, que são o da mamona, arvore pequena e flexivel, cujo fructo tem umas pevides grossas, de que elle se distilla, o qual se faz tambem dos figados dos peixes cações, dando uns e outros perfeita luz, porém por mais raros e artificiosos, não são tão communs como o das baleias.

76. Os mariscos que se criam nos concavos dos recifes e costas de todos estes mares, são infinitos: grandes e regalados polvos, lagostas, lagostins, santolas e sapateiras; e pelos lameiros que as ondas formam n'aquellas porções que abraçam, se colhem outros mariscos e ostras de muitos generos, já nos mesmos lodos onde se criam, e de que se sustentam, já nos troncos e raizes de profusas arvores, chamadas mangues, que nascem nas ribeiras do mar, ou nas margens dos rios que lhe tributam as aguas, e crescendo a grande altura, produzem muitos ramos, que abaixando-se, tornam a metter-se n'aquelles alagadiços, lançando n'elles outras novas raizes, das quaes brotam troncos novos, que subindo, se vão outra vez enlaçando, e formam por muitas leguas confusões de labyrinthos verdes.

77. Por entre elles e nos seus mesmos troncos e madeiros se acham as ostras eriripebas, que produzem aljofares; mexilhões, ameijoas, breguigões, caramujos, unhas de velha, periguarís, sernambís, e uns mariscos compridos de feição de medianos buzios, onde se acham algumas vezes as perolas, que tambem se encontram nas ostras. Os caranguejos, gordissimos e de que se fazem admiraveis e mimosos guisados, são de cinco generos: ussás, ganhamús, serís, aratús e garaúsás; excellentes camarões, assim do mar como dos rios e lagoas, onde se colhem alguns quasi tamanhos como os lagostins, a que chamam potiassús.

78. Posto que temos narrado em commum as mais essenciaes producções d'esta região, é preciso declararmos que nem todas se acham em qualquer parte d'ella; em umas se dão uns generos, em outras se colhem outros, porque os movimentos do sol, a disposição da terra, e as distancias em que se vão differençando os climas, fazem esta diversidade nos fructos e mineraes; mas sempre a natureza, em todas prodiga, aquelles generos que doou a qualquer d'ellas, os produz em grandissima abundancia, posto que mais generosamente em uns logares que em outros, excepto nas partes que quiz deixar estereis, para ostentar n'esta mesma differença de terrenos em uma região a constante variedade da sua formosura.

79. As estações do anno no Brazil são em differentes mezes que em

Europa, e entre si mesmas tão varias e insensiveis que costumam entrar umas pelas outras, mas com tão ordenada desordem que não causam prejuizo, antes algumas plantas das naturaes appetecem no tempo de sol a chuva, outras no curso do inverno assistencias do verão, e sem esta mudança intempestiva, ou não nascem, ou crescem pouco: nem os corpos humanos sentem esta variedade, por ser natureza n'esta região; e assim vemos que enfermam menos das mutações do tempo que dos proprios desconcertos, pois os ares em nenhuma operação os offendem, excepto quando não sabem aproveitar a sua benevolencia, ou procuram abusar da sua bondade.

80. Todo este vastissimo corpo, que temos mostrado, estava possuido e habitado de inculta gentilidade, dividida em innumeraveis nações, algumas menos feras, mas todas barbaras: não tinham culto de religião, idolatravam á gula, e serviam ao appetite, sem regimen de lei ou de razão; tinham principaes, a quem davam moderada obediencia, que mais era respeito que sujeição, repugnantes á doutrina evangelica, que lhes prégou o glorioso Apostolo S. Thomé, a quem não quizeram ouvir, e afugentaram de todos os seus paizes, dos quaes ausentando-se o sagrado Apostolo, deixou por muitos logares (em prova da sua vinda e dos seus prodigios) impressos e retratados em laminas de pedra os signaes do seu cajado e dos seus pés, uns ainda permanentes nas estampas, e todos constantemente venerados nas tradições (se póde assegurar-se esta pia opinião, autorisada com os testemunhos e escriptores, que em abono d'ella trataremos logo).

81. Porém entre elles a nação dos gentios que chamam Papanazes, mostrava alguma sombra de justiça ou de razão, posto que incivil e barbaramente praticada; porque, se algum tirava a vida a outro por qualquer pendencia ou desastre, obrigavam aos parentes do matador a entregal-o aos da familia do morto, que o afogavam e mettiam debaixo da terra logo, em presença de uns e outros; e no caso que se houvesse ausentado, e o não podessem os parentes descobrir para o entregarem, lhe tomavam um filho varão, ou femea, e não os tendo, lançavam mão do parente mais proximo em grau, ao qual não matavam, mas ficava escravo do mais propinquo em sangue ao morto, e d'esta sorte todos contentes se faziam amigos, sem machinarem outro genero de vingança, evitando muitas mortes com esta forma de castigo e satisfação.

82. Não usavam de roupas os gentios das varias nações d'esta região. Todos andavam nus, representando a innocencia de nossos primeiros paes, (emquanto o peccado lhes não introduziu o pejo, com o conhecimento da graça e natureza de que tinham degenerado, para se cobrirem de folhas)

porque estes seus descendentes de tudo o que era culpa tinham ignorancia; só em algumas festas manchavam os corpos de tintas de paus, que imaginavam os faziam mais formosos, e ficavam mais horriveis; excepto os gentios da nação dos Carijós, que pelo inverno lançavam sobre si por uma e outra parte as pelles das caças que matavam, com que se reparavam do frio. Nas cabeças usavam algumas pennas de passaros, que lhes serviam de rusticos martinetes; e os da nação Tamoyos furavam os beiços, e n'elles mettiam umas pontas de ossos, com cabeças como de pregos, que pela parte interior as sustentavam, sendo este o signal ou caracter da sua dignidade ou nobreza.

83. No maior numero das suas nações as casas em que pousavam, eram de campo, e os edificios que tinham, eram de monte, como os dos primeiros habitadores do mundo, antes que n'elle se levantassem montes de edificios. Tinham por tecto o céo, e a terra por pavimento; só em algumas horas, por se abrigarem dos rigores do sol, ou do excesso das chuvas, formavam umas choupanas telhadas de ramos, sem eleição de sitios, mais que os das suas jornadas, deixando umas, e fabricando outras para aquelle pouco tempo que as queriam, sendo-lhes tão facil fazel-as, como abandonal-as; salvo a nação dos Topinambás, que as tinham sufficientes, e a dos Tamoyos, em que eram mais fortes, e as suas aldeias cercadas de grossas madeiras; e sobre todas mais seguras (por mais escondidas) as da nação dos Guaynazes, que as fabricam pelo campo, debaixo do chão, onde conservam de dia e de noite o fogo, e fazem das ramas e das pelles dos animaes as camas.

84. O alimento de que se sustentavam, era sem composição, logrando a simples bondade dos fructos, das caças e dos pescados; mantimentos que, como puros, os recebia melhor a natureza para a nutrição dos corpos, sem o artificio, que o appetite das outras cultas nações, abusando do regalo natural dos mantimentos, introduziu em beneficio da gula, mas em desperdicio da saude e da vida, como o sentem os medicos. Nas mais das suas nações era a carne humana o seu melhor prato, menos na dos gentios Guaynazes e na dos Carijós, que a não comiam, e lhe tinham natural horror; causa pela qual aos que venciam nas suas guerras, não matavam, e só ficavam captivos (se póde julgar-se por menos mal que a morte a escravidão no dominio d'aquelles proprios de quem já muitas vezes se triumphara).

85. Deixo a controversia sobre a origem dos primeiros habitadores que a esta região passaram, e donde vieram, se de Troya, da Phenicia, de Carthago, de Judéa, dos fabricadores da Torre de Babel, ou se de Ophir Indo, porque sobre este ponto não teem mais forças que algumas debeis con-

jecturas os argumentos dos autores; sendo emquanto aos accidentes da côr, pela grande intensão do sol, mais verosimil a opinião dos philosophos; é commum em todos a côr baça, menos córada, ou mais vermelha; tambem omitto as supersticiosas ceremonias dos seus enterros, tão differentes e barbaras, como pontualmente observadas em cada uma das suas nações.

86. Não tinham os gentios da America portugueza templos, idolos e sacrificios, palacios e grandeza da magestade nos seus principes, como os da castelhana; porque os nossos das cousas eternas só alcançavam e reconheciam, que havia no céo um superior poder, que era movel de tudo, ao qual chamavam Gran Tupá, porém não o imploravam com outros votos e rogativas mais que com as vinganças que tomavam dos seus proprios inimigos, que eram entre elles as virtudes e os actos meritorios que sabiam obrar e offerecer. O caracter e representação dos seus principaes senhores não consistia em outra ceremonia e ostentação de soberania, senão na obediencia que lhes queriam dar, porque eram tão feros e barbaros estes gentios, como cultos e politicos os outros.

87. Por esta causa custaram aos Castelhanos menos fadigas as conquistas dos seus, que, como mais racionaes, se lhes fizeram mais domesticos; porém os Portuguezes em domar aos do Brazil, e fundar as povoações das nossas provincias, acharam tão cruel resistencia e tão aspera porfia, que derramaram muito sangue e perderam muitas vidas, para os sujeitar, ou fazer retirar para o interior dos sertões, onde ainda vivem, como feras, innumeraveis nações, que repetidas vezes vieram sobre as nossas culturas e fabricas, causando estragos e mortes; e com esta differença de conquistas se poderá julgar, qual d'ellas tem saído mais cara, ou mais gloriosa.

88. N'este estado existia a nossa America, e viviam os seus naturaes, a terra inculta e barbaros os habitadores, quando a descobriu o general Pedro Alvares Cabral, que alegre de ser o primeiro que achou uma incognita região de tanto gentilismo (em que os nossos monarchas tinham o que suspiravam, para dilatar a nossa catholica fé, que era o intento com que mandavam sulcar os mares com tão repetidas armadas) e glorioso de haver deixado n'ella, com a assistencia de dois Portuguezes, o padrão da sagrada Cruz, e de ter feito celebrar a sacrosanta primeira missa que se ouviu no Brazil, em o concurso de toda a gente da sua armada e da multidão d'aquellas ignoradas e barbaras nações, proseguindo com onze das doze naus com que se achava, a sua viagem da India, mandou por uma, com alguns gentios e mostras dos generos do paiz, aviso d'este descobrimento a Portugal.

89. Imperava o venturosissimo rei D. Manuel, tão amado entre os Por-

tuguezes como Tito Vespasiano ou Nerva Cocceio entre os Romanos, e tão temido como Alexandre e Cesar em todas as nações. Era n'aquelle seculo o mimo da fortuna, que desviou de muitos principes lusitanos a corôa, para lha pôr na cabeça; monarcha a todas as luzes grande e benemerito d'aquella vida, que eternisou na fama e na immortalidade. Quiz Deus dilatar-lhe o nome e o dominio com o descobrimento e emprego da Asia e da America, duas partes do mundo taes, que qualquer d'ellas podera ser empreza de Augusto e de Trajano, e ambas só d'aquelle invicto rei. Recebeu esta noticia com o alvoroço proprio do desejo grande, que lhe fervia no peito, de que houvesse mais mundos em que dilatar a fé catholica e empregar o invencivel esforço de seus vassallos; e a propria commoção se viu constantemente nos generosos animos de toda a nação portugueza, por serem descobertos novos orbes, que o seu valor podesse sujeitar á soberania do seu monarcha.

90. Mandou logo este grande principe por Americo Vespucio, Toscano de nação e insigne cosmographo d'aquelles tempos, a reconhecer e examinar os mares e terras d'esta região. Depois despediu algumas embarcações com o capitão Gonçalo Coelho, para indagar individualmente as noticias do paiz, costas, portos e enseadas, tomar posse e metter marcos na parte do mundo novo que ficava pertencendo á sua corôa, para a pôr na sua obediencia, posto que os progressos que o tinham empenhado na Africa e Asia, lhe não permittiram a diversão de armadas e gente para a conquista e povoação do Brazil.

91. Tinha visto muitos annos antes o real astrologo e cosmographo, a quem fallavam as estrellas e obedeciam os mares, o serenissimo infante D. Henrique, logrados os fructos das suas observações, estudos e despezas, nos descobrimentos de varias ilhas no Oceano, e conseguido d'el-rei D. Duarte, seu irmão, que todas as terras que se fossem descobrindo pela corôa portugueza, ficassem adjudicadas á ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, da qual era gran-mestre, alta dignidade, que depois com os dois mestrados de Santiago e Aviz, por bulla do pontifice Julio III passada no anno de mil e quinhentos e cincoenta e um, uniu el-rei D. João III perpetuamente á corôa e dominio dos reis de Portugal, que possuem esta parte da America, como gran-mestres e perpetuos administradores da dita ordem.

92. Pelas referidas conquistas (descoberto no anno de mil e quatrocentos e noventa e dois por Colombo o ignorado mundo) se moveram duvidas entre os monarchas D. João II de Portugal e D. Fernando V de Castella, ás quaes poz termo a santidade do pontifice Alexandre VI por bulla expedida no anno de mil e quatrocentos e noventa e tres e outra no de mil e quatrocentos e noventa e quatro, á instancia d'el-rei D. João II, em que lhe concedeu mais

duzentas e setenta leguas sobre as cem que na primeira lhe tinha consignado. Por ellas mandou que, contando-se trezentas e setenta leguas para o occidente das ilhas de Cabo Verde, do ultimo ponto em que acabassem estas trezentas e setenta leguas, se lançasse uma linha imaginaria de norte sul, que rodeando o globo terraqueo, o dividisse em duas partes eguaes, concedendo a Castella a parte que cae para o occaso, e a Portugal a que fica ao nascente, em cuja demarcação está a nossa America; deterterminação que alguns annos depois se tornou a confirmar por sentença de doze juizes cosmographos no de mil e quinhentos e vinte e quatro.

93. Movia n'este tempo, desde o de mil e quinhentos e vinte e um, as redeas da monarchia el-rei D. João III, principe em cujo pio animo real, sobre muitos attributos, avultaram a paz e a religião; e achando por tantos mundos obedecido o poder do seu sceptro, e por novos orbes dilatada a circumferencia da sua corôa, empenhou o seu catholico zelo na empreza, assim das terras como das almas do Brazil, e conseguiu ambos os triumphos, trazendo tantas ovelhas ao rebanho do universal pastor, como subditos ao jugo do seu dominio. Enviou juntos capitães e missionarios, para que, ao passo que as colonias portuguezas, crescessem as searas evangelicas, sendo um dos seus cabos (chamado Christovam Jacques) o primeiro que entrou pela enseada da Bahia, ainda até alli não descoberta dos nossos exploradores, e penetrando por ella o seu reconcavo, chegou ao rio Paraguassú, onde metteu a pique duas naus francezas, que estavam commerciando com os gentios.

94. Não passará em silencio a noticia de uma notavel matrona d'este paiz (que sendo por nascimento primeira entre os naturaes, podera não ser segunda por amor entre os estranhos) a quem a natureza e a fortuna fizeram benemerita d'esta memoria, e seria desattenção excluir d'este theatro tão essencial figura, que foi instrumento de que mais facilmente se dominasse a Bahia, que veiu a ser cabeça do Estado. Referiremos a sua historia pelo que consta de antigos verdadeiros manuscriptos, que se conservam em varias partes d'esta provincia, em muitas circumstancias differente da fórma em que a escrevem os autores que n'ella fallaram.

95. Era filha do principal da provincia da Bahia, em cujas praias, onde chamam o Rio Vermelho, dando á costa uma nau portugueza que passava para a India, feita em pedaços, veiu a ser despojo dos mares e dos gentios, os quaes recolheram muitos generos e alguns naufragos, que escaparam de ser pasto de peixes para regalo de homens. Foram os gentios comendo a todos; porem Diogo Alvares Correia, natural de Vianna, e das principaes familias d'aquella nobilissima villa, que foi um dos primeiros que as ondas

pozeram sobre as areias, a quem esperava a fortuna no proprio caminho da desgraça, achou tanto agrado n'elles, por lhes facilitar o recolherem os despojos da nau, ajudando-os com agilidade e promptidão a conduzir-lhos á terra, que se quizeram servir d'elle, quiçá reconhecendo algumas prendas de que era dotado, que tambem as sabem avaliar os barbaros.

96. Como a nau conduzia para a India instrumentos militares, saíram entre os despojos muitos barris de polvora, outros de munição, cunhetes de balas, e algumas espingardas; preparou-as Diogo Alvares, e fazendo tiros com ellas, derrubou algumas aves: o fogo, o ecco e a queda dos passaros, causou tal horror aos gentios, que fugindo uns, e ficando estupidos outros, se renderam todos ao temor, tendo a Diogo Alvares por homem mais que humano, e o tratavam com grande veneração, vendo-o continuar com tanto acerto nas caças o emprego dos tiros, que ouviam sempre com terror; e tendo-se rebellado, havia alguns tempos, ao principal de toda a provincia os subditos do districto de Passé, determinou ir contra elles, levando comsigo a Diogo Alvares com as suas armas.

97. Affrontaram-se os exercitos inimigos, e estando o general dos rebeldes em praticas deante dos seus soldados, lhe fez Diogo Alvares um tiro, com que o matou, com egual assombro dos levantados, os quaes fugindo sem atinar no que faziam, só se conformaram em obedecer e se sujeitarem ao seu antigo senhor, ponderando que áquellas para elles estranhas e formidaveis armas não poderiam resistir. Este accidente augmentou os respeitos a Diogo Alvares, de sorte que todos os gentios de maior supposição lhe deram as filhas por concubinas, e o senhor principal a sua por esposa, conferindo-lhe o nome de Caramurú-assú, que no seu idioma é o mesmo que Dragão que sae do mar.

98. N'esta barbara união viveu algum tempo; porém descobrindo um navio, que forçado de contrarios ventos vagava fluctuando pelo golfam da Bahia, em distancia que póde fazer-lhe senhas, sendo pelos mareantes vistas, lhe mandaram um batel, ao qual se lançou a nado fugitivo; e vendo a consorte que se lhe ausentava, levando-lhe aquella porção da alma, sem a qual lhe parecia já impossivel viver, trocou pelas prisões do amor, pelas contingencias da fortuna e pelos perigos da vida, a liberdade, os paes e o dominio, e lutando com as ondas e com os cuidados, o seguiu ao batel, que recolheu a ambos, e os conduziu ao navio; era francez, e os transportou áquelle reino.

99. Dominavam a França Henrique de Valois, segundo do nome, e Catharina de Medicis, reis christianissimos, que informados do successo e qualidade dos hospedes, os receberam com real agrado e despeza, dando

CIDADE DE S. SALVADOR

em solemnissimo acto, com assistencia de muitos principes, a ella o sacramento do baptismo com o nome da rainha, e a ambos o do matrimonio, sendo-lhes em um e outro padrinhos os reis, que lhes conferiram honorificos titulos; mas pedindo-lhes Diogo Alvares os enviassem a Portugal, o não quizeram fazer; e depois solicitada occultamente uma nau franceza, a troco de a carregarem de pau brazil, os conduziu á Bahia.

100. Esta matrona, que depois obrou acções de heroina, já chamada Catharina Alvares, tomando da rainha de França o nome, e do esposo o appellido, como senhora d'estes gentios fez que com menor repugnancia se sujeitassem ao jugo portuguez. Viviam na Villa Velha, quando por mysterioso sonho de Catharina Alvares acharam a milagrosa imagem da Mãe de Deus, que saíra em uma caixa entre os despojos de um baixel castelhano, que navegando para as suas Indias, se perdera na costa de Boypeba, aonde passou Diogo Alvares Correia a soccorrel-a e a recolher os naufragos, que levou comsigo e proveu de todo o necessario; serviço e grandeza que mereceram o agradecimento do imperador Carlos v, expressado em uma carta, em que lho significou.

101. Foi levada a caixa em que se guardava a santa imagem, por gentios que residiam em distancia grande do logar do naufragio; e como não conheciam divindade, tinham o sagrado simulacro sem culto, mas dentro da propria arca, em uma cabana; e sendo achada por exactas diligencias de Catharina Alvares e Diogo Alvares Correia, lhe levantaram um templo, com a invocação de Nossa Senhora da Graça, que depois doaram com muitas terras aos monges do glorioso patriarcha S. Bento (hoje abbadia d'esta esclarecida religião) onde estão sepultados. Lograram em toda a vida muitas regalias concedidas pelos reis de Portugal, que ordenavam aos seus governadores lhas fizessem guardar, de que ha memorias nos seus descendentes. Tiveram muitos, porque casando as suas filhas e netas com fidalgos vindos de Portugal com os maiores cargos da Bahia, fizeram nobilissimas familias, das quaes existem poderosas casas, de grandes cabedaes e conhecida nobreza, que em todos os tempos occuparam os primeiros logares na republica, e fóra da patria tiveram relevantes empregos.

102. A vinda do glorioso Apostolo S. Thomé annunciando a doutrina catholica, não só no Brazil, mas em toda a America, tem mais razões para se crêr que para se duvidar; pois mandando Christo Senhor Nosso aos seus sagrados Apostolos prégar o Evangelho a todas as creaturas e por todo o mundo, não consta que algum dos outros viesse a esta região, tantos seculos habitada antes da nossa redempção; e depois de remidas tantas almas, não deviam ficar mil e quinhentos annos em ignorancia invencivel da lei

da graça; e posto que nas sortes tocasse a este santo Apostolo a missão da Ethiopia e da India, e se não falle na America (então por descobrir) não se póde imaginar que faltasse a providencia de Deus a estas creaturas com a prégação, que mandara fazer a todas.

103. A razão de duvidar esta vinda pelo transito do mundo velho ao novo, ainda encuberto, não havendo communicação que facilitasse o passo, não é forçosa; sendo mais poderosa que ella a necessidade d'estas almas, remidas pelo preciosissimo sangue de Christo, que podia em execução do seu preceito e da sua misericordia, por ministerio dos anjos, permittir que S. Thomé se achasse milagrosamente na America, como permittiu que ao transito de sua Mãe Santissima se achassem, sem saberem o como, os Apostolos que então viviam, estando nas suas missões divididos por differentes partes do mundo, ás quaes pelo mesmo modo foram outra vez restituidos, sendo que a objecção se vê naturalmente vencida com o transito que á America fizeram os seus primeiros habitadores.

104. De ser o Apostolo S. Thomé o que no Mundo Novo prégou a doutrina evangelica, ha provas grandes, com o testemunho de muitos signaes em ambas as Americas: na castelhana, aquellas duas cruzes que em differentes logares acharam os Hespanhoes com lettras e figuras, que declaravam o proprio nome do Apostolo, como escrevem Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pisarro, Justo Lipsio e o Bispo de Chiapa; e na nossa portugueza America, os signaes do seu baculo e dos seus pés, e a tradição antiga e constante em todos estes gentios, de que eram de um homem de largas barbas, a quem com pouca corrupção chamavam no seu idioma Sumé, accrescentando, lhes viera a ensinar cousas da outra vida, e que não sendo d'elles ouvido, o fizeram ausentar.

105. O padre Pedro de Ribadaneira, da Companhia de Jesus, tão diligente e escrupuloso averiguador da verdade na vida dos santos, não duvida dizer na de S. Thomé, que prégara no Brazil, allegando ao padre Manoel da Nobrega da mesma sagrada religião, provincial, e dos primeiros obreiros das searas evangelicas n'esta região, o qual affirma achara n'estes gentios muitas e constantes noticias da vinda do santo, e que lhe mostraram d'elle impressos e rascunhados em pedra varios signaes. Seis se conservam ainda desde a provincia de S. Vicente até a da Bahia, em cujo termo fôra o ultimo o das suas pegadas em um sitio, que por este milagre chamam S. Thomé, donde diziam os gentios, que perseguido dos seus antepassados, o viram, com admiração de todos, fazer transito sobre as ondas, e por ellas passaria a outras partes das suas missões, a que deu glorioso fim em Asia, na cidade de Meliapôr, onde foi martyrisado.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO SEGUNDO

Fundação da provincia da Bahia — Suas prerogativas — Excellencias do sitio em que a cidade foi edificada — A sua descripção — Os seus templos, religiões e edificios — As suas fortalezas maritimas e terrestres — O numero dos seus habitadores e dos seus engenhos — Grandeza do seu reconcavo e do seu commercio — Fundações das outras provincias, que comprehende a portugueza America, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Parahyba, Itamaracá, Pernambuco, Sergipe, Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente — Descripção das suas capitaes — Numero das suas villas, dos engenhos de cada uma e dos seus vizinhos — Cathedraes, parochias, egrejas, conventos, religiões e fortalezas — Descripção da cidade de S. Paulo e da nova colonia do Sacramento — Logares e postos que occuparam os naturaes da nossa America — Embarcações que saem cada anno de todos os portos do Brazil para os do reino e para a Costa de Africa — Os generos que carregam — Rendas d'estas provincias para a corôa lusitana — A sua applicação — Os mineraes que tem, assim as provincias que ficam ao norte, como as que estão ao sul.

A potentissima provincia da Bahia, posto que não fosse a primeira pela antiguidade da sua povoação, descreveremos em logar primeiro pela grandeza da sua dignidade; pois sendo cabeça do Estado, deve preferir aos outros membros, aos quaes leva por muitos titulos vantagens, que sobram a dar-lhe esta precedencia, ainda quando não lograra aquella prerogativa. Está em altura de treze gráos: el-rei D. João III a deu a Francisco Pereira Coutinho, que foi o primeiro que veiu a povoal-a depois de Diogo Alvares Correia, que a habitou, e de Christovam Jacques, que a descobriu. Chegara Francisco Pereira Coutinho da India com grandes cabedaes de merecimentos e fazenda, e conseguida a mercê real, preveniu uma esquadra de naus, em que acompanhado de gente nobre para a habitar, e de guerra para a defender, a veiu conquistar; e sujeitando aos gentios da nação dos Tupinambás, que a senhoreavam, a possuiu prosperamente alguns annos com engenhos e outras muitas lavouras, de que ia colhendo interesses grandes.

2. Mas conspirando contra elle os barbaros, depois de lhe haverem morto muita gente e arruinado as suas fabricas, o fizeram, com os moradores que lhe ficaram, embarcar em duas caravelas que tinha no porto, e salvar-se na provincia dos Ilheos, já então povoada; porém achando-se os inimigos arrependidos, por lhes faltar a conveniencia do alborque dos seus generos pelos nossos, lhe mandaram offerecer a paz, e ajustada, voltando Francisco Pereira Coutinho em uma das suas embarcações com as pessoas que levara, naufragou na costa de Itaparica, e saindo uns mortos, outros mal vivos, foram todos comidos pelos gentios habitadores d'aquella ilha, e por morte do donatario tomou el-rei esta provincia, elegendo-a cabeça do Estado, e mandando-a de novo povoar.

3. O sitio em que se edificou a cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos (nomes, dos quaes um lhe deu o primeiro descobridor, outro o primeiro general) foi constituido cabeça do Estado, não só da eleição, mas da natureza, que o fez superior a todos os do Brazil, como Constantinopla aos de Grecia, Roma aos de Italia, e Lisboa aos de Hespanha, com as vantagens de porto, que tem o Oceano ao Bosphoro, ao Tibre e ao Tejo, formando-lhe a sua grande enseada, desde a barra de Santo Antonio até a praia de Tapagipe, um dos maiores golfos do mundo e o mais capaz de todas as armadas, com tres leguas de boca, doze de diametro e trinta e seis de circumferencia, limpo e desoccupado de ilhas, formando pelo reconcavo os seus braços tantas que não teem numero.

4. N'este capacissimo pelago pagam tributo ao mar seis caudalosos rios, Paraguassú, Sergipe, Jaguaripe, Matuim, Paranamerim e Pirajá, que de muito longe vem cortando e dividindo as terras do reconcavo, e dão commodidade a grandes povoações, as quaes pelas machinas dos engenhos, casas dos lavradores e dos que senhoream aquellas propriedades, ou vivem ao beneficio d'ellas, parecem villas; sendo navegaveis e cursados de tantos barcos, que conduzindo mantimentos e todo o genero de regalos á cidade, se vêem nas suas praias cada dia mais de oitocentos, sendo quasi dois mil os que cursam a sua carreira, alguns tão possantes que carregam sessenta e mais caixas de assucar, trezentos e mais rolos de tabaco.

5. O céo que o cobre é o mais alegre; os astros que o alumiam, os mais claros; o clima que lhe assiste, o mais benevolo; os ares que o refrescam, os mais puros; as fontes que o fecundam, as mais crystalinas; os prados que o florecem, os mais amenos; as plantas apraziveis, as arvores frondozas, os fructos saborosos, as estações temperadas. Deixe a memoria o Tempe de Thessalia, os pensís de Babylonia, e os jardins das Hesperides, porque este terreno em continuada primavera é o vergel do mundo, e se

os antigos o alcançaram, com razão podiam pôr n'elle o terreal Paraiso, o Lethes e os Campos Elysios, que das suas inclinações lisonjeados ou reverentes, ás suas patrias fantasiaram em outros logares.

6. A cidade com prolongada fórma se estende em uma grande planicie elevada ao mar, que lhe fica ao poente, e ao nascente a campanha. Está eminente á dilatada povoação da marinha e aos repetidos portos d'onde se lhe sobe com pequena fadiga por capacissimas ruas. Tem duas portas, uma ao sul, e ao norte outra, em cujo espaço estão os famosos templos de Nossa Senhora da Ajuda, o da Misericordia, que tem a si unido o magnifico recolhimento de mulheres, a magestosa egreja matriz, á qual está proximo o grande palacio archiepiscopal, a egreja nova de S. Pedro da Irmandade dos Clerigos, o templo, o collegio e aulas escholasticas e doutas dos religiosos da Companhia de Jesus e o sumptuso templo e convento de S. Francisco.

7. Em seis bairros se divide a cidade: o das Portas de S. Bento, o de Nossa Senhora da Ajuda, o da Praça, o do Terreiro, o de S. Francisco e o das Portas do Carmo, além dos outros que ficam extra-muros, dos quaes faremos menção. Duas praças lhe augmentam a formosura, a de Palacio, quadrada com cento e sessenta e dois pés geometricos por face e vinte e seis mil duzentos e quarenta e quatro de área. Na frente tem o magestoso paço onde residem os generaes; na parte opposta a Casa da Moeda; ao lado direito as da Camara e da Cadeia; ao esquerdo a da Relação, e por seis formosas ruas se communica a todas as partes da cidade.

8. A segunda praça, chamada Terreiro de Jesus, se prolonga com trezentos e cincoenta pés de comprimento e duzentos e vinte e oito de largura, formando uma área de setenta e nove mil e oitocentos. Tem no principio a egreja do referido collegio dos padres da Companhia, de que tomou o nome, e por todas as partes vai acompanhada e ennobrecida de sumptuosos edificios, de que lhe resulta agradavel perspectiva e continua frequencia; por sete ruas se franqueia a todos os bairros; continua-se-lhe a grandissima rua de S. Francisco, que lhe dá o nome e tem o seu convento na parte em que ella termina, sendo o fim do Terreiro de Jesus a em que principia. Tem trezentos e dez pés de comprimento e sessenta e quatro de largura, com dezenove mil e oitocentos e quarenta de área. É cercada por ambos os lados de casas nobres, eguaes em altura e fabrica, entre as quaes, de uma e outra parte, se entrepõem algumas formosas ruas.

9. A grandeza da cidade se lhe considera menos pelo ambito que o seu circuito comprehende, que pela distancia em que além das suas portas se dilata, porque d'estas partes se fórma o todo da sua extensão e formosura.

Saindo pelas portas que tem ao sul, lhe fica o bairro de S. Bento, maior e mais aprazivel que todos os outros; appellida-se do nome d'este glorioso patriarcha pelo sumptuoso templo e convento que tem na entrada d'elle, fundados em um alto de pouca elevação e muita capacidade.

10. Vai continuando o bairro a principal rua até á egreja de S. Pedro, sua parochia, donde prosegue o dilatado transito ao formoso hospicio dos padres Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade, e d'alli, com o mesmo povoado curso, até perto da fortaleza de S. Pedro. Por uma e outra parte d'este grande districto ha muitas ruas, sendo celebre a que chamam Rua de baixo, todas ennobrecidas de formosas casas com vistas dilatadissimas para o mar e para a terra, repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis, todas da jurisdicção da freguezia de S. Pedro, em a qual tem tambem assento para a parte do mar o magnifico convento dos religiosos de Santa Thereza de Jesus, e para a de terra as novas egrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e a da Lapa.

11. Das portas da cidade, que lhe ficam ao norte, se sae á nova parochia de Nossa Senhora do Rosario, donde por largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias, se sobe ao Monte Carmelo, de que se appellida este bairro, convento de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Elias, e se continua o seu mesmo largo transito com a propria largura até á egreja parochial de Santo Antonio, vigararia de grande districto, em que está a fortaleza d'esta invocação, continuando a sua numerosa povoação em casas e moradores até além do sitio chamado o Rosario, quartel dos soldados que veem nas naus de comboio. A jurisdicção d'esta parochia, por partes menos povoadas, se estende a muitos espaços do paiz, comprehendendo a nova egreja da Soledade, o noviciado dos padres da Companhia, as ermidas da Boa Viagem de frades de S. Francisco, e de Monserrate de monges de S. Bento.

12. Para a parte do oriente lhe ficam os dois grandes e vistosos bairros da Palma e do Desterro, este ennobrecido com egreja parochial de largo districto e com o mosteiro das religiosas de Santa Clara, aquelle com o hospicio de Nossa Senhora da Palma de Frades de Santo Agostinho, e a capella de Nossa Senhora do Rosario de um dos terços do presidio, ambos ornados de boas casas e habitados de muitos moradores, freguezes do parocho do Desterro.

13. Para o occaso tem a marinha, que, appellidando-se bairro da Praia, se divide em duas parochias, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Pilar, ambas povoadas de innumeraveis moradores e ornadas de grandes edificios, que guarnecem de um e outro lado a povoação, desde o logar

chamado Preguiça até o referido sitio, quartel dos soldados do reino; incluindo a primeira no seu districto as egrejas do Corpo Santo e Santa Barbara, as sumptuosas casas da Alfandega e da Ribeira, e as que foram da Junta. As dos particulares em ambas são magnificas e mui elevadas; umas se fabricaram sobre o mar e outras encostadas aos penhascos da terra, abrindo-se n'elles por muitas partes, com grande artificio e despeza, repetidos transitos, para subir com mais brevidade a todas as da cidade; n'esta se contam seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes dos Sacramentos, qualificada nobreza e luzido povo.

14. É defendida de muitas fortalezas; tem na entrada da barra a de Santo Antonio, feita em fórma de uma estrella irregular, com guaritas e um torreão no meio; a de Santa Maria, accrescentada para a parte da terra, em parallelogrammo rectangulo, com seus angulos reintrantes em fórma de estrella; a de S. Diogo, com um lanço de muralha em fórma circular, que defende a praia e porto de Santa Maria. Dentro da barra, pela estendida ribeira da sua grande enseada, se vão continuando a de S. Filippe e Santiago, que consta de um baluarte e dois lanços de cortina, fechada pela parte da Ribeira em que se fabricam as naus; a de S. Francisco, que é um grande baluarte, fundado sobre firmes lages de pedra que alli tem o mar, e defende as naus que estão á carga; a de Monserrate com torreões, situada em uma ponta da terra que defende por uma parte, e por tres o mar. No meio do seu dilatado golfo a de Nossa Senhora do Populo e S. Marcello, que está como antemural de toda a marinha, hoje ampliada em maior circumferencia de recinto, de terrapleno e de torreão, sendo o Santelmo da Bahia.

15. Para a parte da terra tem a magestosa fortaleza de S. Pedro, para impedir o transito ao inimigo que do Rio Vermelho, sem penetrar a barra, intentar por terra a invasão da cidade: é feita em fórma de um parallelogrammo, com quatro baluartes; defende por duas partes a terra, e por uma baixa o mar. Esta força se tem accrescentado com muita despeza e arte, fazendo-se de novo as obras e defensas exteriores de cavas, estradas torcidas e cobertas, ramaes, esplanadas e muralhas de parapeito, que vão terminar eminentes ao mar, em cujas fabricas se apuraram as linhas de Euclides, as machinas de Vitruvio e de Archimedes. A fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, do proprio feitio de um parellologrammo, com quatro baluartes, a qual defende as baixas e caminho da Agua Bruca, que vai buscando a praia e por um lanço está fronteira ao mar.

16. Na parte do sitio que hoje se denomina a Soledade (invocação de uma nova egreja de Nossa Senhora, celebre santuario de milagres, que

frequentam com repetidos votos todos os moradores da Bahia) está o forte do Barbalho, appellido de um cabo que no tempo da invasão dos Hollandezes levantara n'aquelle logar uma bateria ou reducto, agora posto em grandeza competente a defender o desembarque de qualquer inimigo, que por Tapagipe ou pela Praia Grande (onde saltaram em terra os Belgas na guerra da Bahia) a quizer invadir. Sobre as duas portas da cidade estão duas soberbas plataformas com dois baluartes cada uma.

17. Na praça de Palacio uma bateria de grossa muralha para a parte do mar; outra da mesma qualidade em Nossa Senhora da Conceição, na Ribeira das Naus. Em dois sitios poucos distantes da cidade se vêem duas magnificas e reaes Casas de Polvora; uma em que se fabrica, outra em que se guarda, e uma grande casa em que se recolhe o trem. Todas estas fortalezas, defensas e fabricas, estão com a maior regularidade aperfeiçoadas pelos preceitos e regras da fortificação moderna, e guarnecidas de abundante numero de artilheria grossa em peças de bronze e ferro de grande calibre.

18. Nos dilatados braços que vai estendendo o mar pelas povoações interiores do reconcavo, se acham muitos reductos em logares proprios para as defender das invasões inimigas, que já experimentaram, sendo-lhes roubados e destruidos engenhos, fazendas e casas poderosas, com morte dos seus habitadores e damnos consideraveis, por acharem aquelles logares sem defensa. Outra fortaleza tem Itaparica (ilha ao poente da cidade) hoje accrescentada no mesmo logar em que a fundaram aquelles inimigos Hollandezes quando tomaram esta ilha.

19. Dos ultimos limites d'ella correndo e navegando a costa para o Sul, está a importante fortaleza do Morro de S. Paulo, com baluartes e cortinas em fórma regular, estancia em que reside uma companhia paga, cujo capitão é o cabo que a governa. Serve de propugnaculo e defensa ás villas maritimas do Cayrú, Camamú, Boypeba e á povoação do Rio das Contas, que são os celleiros da Bahia, como o Egypto o foi do povo romano e Sicilia de toda a Europa, conduzindo-se d'aquellas villas a maior parte da farinha que se gasta na cidade e no seu reconcavo. Guarnecem a cidade dois veteranos e valorosos terços de infanteria paga, outro de artilheiros e granadeiros déstros; quatro regimentos de luzida infanteria da ordenança, um da côrte com todas as companhias dos privilegiados e os tres dos arrabaldes, fazendo em muitas occasiões as mesmas operações da milicia paga.

20. Por terra a maior defensa que lhe poz a natureza, em que ainda não teve exercicio a arte, é um dilatadissimo dique, emulo dos de Flandres, que cortando os campos vizinhos á cidade, se lhe teem represadas as cor-

rentes, por lhe reprimir as inundações, das quaes a querer valer-se em apertos de guerra, bastarão para a defender dos maiores exercitos e dos inimigos mais porfiados e intrepidos.

21. As campanhas do contorno da cidade se vêem fabricadas com maravilhosas casas de campo e quintas de rendimento e recreio, abundantes de copados e fructiferos arvoredos, cultivadas de varias hortaliças, hervas e flores, que regam innumeraveis correntes crystalinas, formando este pensil um formoso espectaculo aos olhos, e sendo emprego não só da vista, mas de todos os sentidos. A excessiva copia de fructos e refrescos que d'ellas se colhe, provê com prodigalidade a todos os moradores e a quantas embarcações veem á cidade e saem do seu porto, que d'este genero (o mais suspirado e appetecido no mar) como de todos os outros viveres, vão com grandeza providas para longas viagens.

22. O seu reconcavo é tão culto e povoado, que se lhe descreveramos as fabricas e lhe numeraramos os vizinhos, gastariamos muitas paginas e não poucos algarismos; porém reduzindo a sua narração a breves clausulas e lettras, diremos sómente que existem n'elle cento e cincoenta engenhos, uns de agua, outros de cavallos, fazendo cada anno e um por outro, quinze e dezeseis mil caixas de assucar de muitas arrobas cada uma, além de innumeraveis feixos e caras. Ha varias fazendas de canas, algumas tão grandes na extensão, e pela bondade do terreno tão fecundas, que rendem dois mil e dois mil e quinhentos pães, dos quaes a metade fica aos senhores dos engenhos que as moem e beneficiam o assucar. Muitas ha inferiores, ou pelo tamanho, ou por ser menos legitima a terra de massapé em que as cultivam, e mais que tudo por lhes faltar o beneficio e fabrica de escravos; porém não deixam de ser rendosas.

23. Ha muitas casas de coser os meles para os assucares batidos, outras para os reduzir a aguas ardentes. Descobrem-se dilatados campos plantados de tabaco, varios sitios occupados de mandioca, outros cultos com pomares e jardins. De todos os generos de artifices ha mestres e officiaes, de que aquelles moradores se servem, sem os mandar buscar á cidade. O numero das pessoas que habitam o reconcavo, onde reside a maior parte da nobreza, os trabalhadores, os escravos que andam no serviço dos engenhos, das canas, das outras lavouras, e os que servem nas casas, excede o computo de cem mil almas de confissão, além dos que não são capazes dos Sacramentos.

24. O commercio que lhe resulta dos seus preciosos generos e da frequencia das embarcações dos portos do reino, das outras conquistas, e das mesmas provincias do Brazil, trocando umas por outras drogas, a faz uma feira de todas as mercadorias, um emporio de todas as riquezas, e o podera ser de

todas as grandezas do mundo, se os interesses de Estado e da monarchia lhe não impedira o trafego e navegação com as nações estrangeiras, ás quaes se não falta com a hospitalidade, quando necessitadas de mantimentos, aguadas ou concertos, veem as suas naus arribadas a este porto a pedir o necessario para proseguirem as suas viagens; mas prohibe-se aos moradores com penas gravissimas e capitaes o comprar-lhes os seus generos, ou vender-lhes os nossos; em tudo o mais pertencente ao apresto das suas embarcações, aguadas, refrescos e matalotagens, são cortez e amorosamente tratados e servidos.

25. Foi a egreja da Bahia erecta em cathedral pelo pontifice Julio III no anno de mil e quinhentos e cincoenta e um, e o seu primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que chegou a ella no de mil e quinhentos e cincoenta e dois. Como este prelado veiu a dar fórma á sua diocese, trouxe treze capitulares, que continham cinco dignidades: deão, chantre, mestre-eschola, arcediago e thesoureiro mór; seis conegos prebendados e dois meios prebendados, com seis capellães, um mestre das ceremonias e outro da capella; e sendo n'aquelle tempo tenues as rendas reaes, tinham parcos ordenados; depois se lhes accrescentaram por ordem d'el-rei Catholico Filippe III em Castella e II em Portugal, no anno de mil e seiscentos e oito.

26. No de mil e setecentos e dezoito o serenissimo senhor rei D. João V, que Deus guarde, com grandeza augusta e animo real lhos mandou dar em dobro, augmentando o numero das cadeiras com tres conegos prebendados, doutoral, penitenciario e magistral; dois meios prebendados e dois capellães, mandando crear mais vinte egrejas parochiaes, de que carecia a nossa America pela sua grande extensão e pelos dilatados limites das vigararias, invenciveis á diligencia dos parochos. Todos os referidos logares teem occupado sujeitos de nascimento claro, qualificados por virtudes e letras; e nos que de presente existem, se acham as mesmas prerogativas e qualidades.

27. No anno de mil e seiscentos e setenta e seis foi elevada a cathedral em metropolitana por Innocencio XI, sendo-lhes suffraganeos os bispados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Angola e S. Thomé, cujas ovelhas teem na superior instancia recurso ao arcebispo da Bahia, como pastor maior de todo o rebanho. O primeiro foi D. Gaspar Barata de Mendoça, que por seu procurador tomou posse no de mil e seiscentos e setenta e sete, e morreu sem vir ao seu arcebispado, sendo D. Fr. João da Madre de Deus o segundo na ordem da eleição, mas o primeiro que logrou no Brazil (posto que por poucos annos) esta sagrada dignidade, primaz da America Portugueza.

28. Na mesma cabeça do Estado foi introduzido no anno de mil e seis-

centos e nove pelo referido rei Filippe o tribunal rectissimo da Relação, aula de Treboniano e credito dos jurisconsultos, para o qual se aggrava dos outros magistrados e se appella das sentenças dos ouvidores, juizes de fóra e mais ministros que n'esta e nas outras provincias teem logares de justiça. Para elle vieram em todos os tempos, desde a sua erecção, ministros grandes, que voltando para Portugal, occuparam os maiores conselhos do reino e o supremo logar das lettras, onde se acham de presente alguns exercendo dignissimamente aquelles superiores empregos. Consta a Relação da Bahia de dez ministros: chanceller, cinco desembargadores de aggravos, dois ouvidores geraes, um do crime e outro do civel, um procurador da corôa e fazenda, e um juiz dos feitos d'ella. A alcaidaria-mór da cidade andou primeiro na familia dos Monizes e de presente na dos Aragões, descendentes de Catharina e Diogo Alvares Correia.

29. As villas da provincia da Bahia comprehendidas nas cincoenta leguas que se lhe deram por costa e sem limite pelo continente, são: Nossa Senhora do Rosario, da Cachoeira; Nossa Senhora da Ajuda, de Jaguaripe; Santo Antonio, de João Amaro; S. Francisco, chamada do Sitio, e as novamente erectas, da Jacoabina e de Maragogipe, que mandou fundar o vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, como diremos no seu felicissimo governo; em todas se acham sumptuosas egrejas parochiaes, ermidas devotas, boas casas de vivenda, trato e commercio de differentes drogas, abundantes dos mantimentos do paiz e dos do reino, que a umas se conduzem por terra e a outras por mar, tendo qualquer d'ellas mui dilatado districto.

30. Deu el-rei D. João III á cidade da Bahia por armas, em campo verde, uma pomba branca com um ramo de oliveira no bico, circulada de uma orla de prata com estas lettras de ouro: *Sic illa ad arcam reversa est.* Estas armas se vêem em ambas as portas da cidade, nas casas da camara, no seu pendão e nas varas dos seus cidadãos. A pomba é symbolo do amor, a oliveira signal de serenidade, attributos que resplandeceram n'aquelle principe, e prerogativas em que se esmeram estes vassallos para com os seus monarchas; pois nem as invasões dos inimigos, nem outras calamidades do tempo, poderam diminuir a constancia da sua fidelidade nas execuções da sua obediencia, e por estas virtudes mereceram os presados titulos que logra esta cidade, de muito nobre e sempre leal, e o seu senado os privilegios todos que tem o da cidade do Porto. Perdoe-se ao auctor o dilatar-se tanto na pintura da Bahia, por ser patria sua, e não se offenda o original de ficar tão pouco formoso no retrato.

31. Descripta esta provincia com preferencia a todas, continuaremos a narração das outras, começando onde principia a nossa America Portugueza,

e acabando onde termina. As duas grandissimas provincias do Maranhão e do Gran-Pará, que pela extensão de quatrocentas leguas de costa e innumeraveis de paiz formam o segundo Estado dos dois que comprehende a nossa região, foram das ultimas que se povoaram, sendo as primeiras onde se principia a demarcação da nossa America da banda do norte, separadas do governo geral do Brazil e com pouca communicação com as suas provincias, porque assim como o poder lhes aparta as jurisdicções, as distancias lhes difficultam o trato, sendo tambem os perigos d'aquelles portos e costas a causa de que poucas embarcações das outras partes do Brazil frequentem a sua navegação.

32. Quando o famoso Francisco Pisarro andava na conquista do reino do Perú, um dos seus capitães, chamado Francisco de Arellano, indo por ordem sua com alguma gente no descobrimento da terra, tanto a penetrou que se viu quasi junto ao nascimento do rio Gran-Pará, e admirando-se de o vêr tão estupendo, fez alli muitas embarcações das em que se costuma navegar por aquellas partes, e n'ellas com todos as pessoas que o acompanhavam, foi pelo rio abaixo, cuja furiosa corrente os houvera de sossobrar, se com grande trabalho e diligencia não tomassem terra, na qual desembarcando, acharam outro egual perigo na resistencia de varios encontros dos gentios de nações diversas, sendo maior o da batalha que tiveram (como se affirma) com um exercito de valorosas mulheres, que armadas de grandes arcos e penetrantes settas, os accommetteram; mas livrando com valor e fortuna, de todos estes combates, poz Francisco de Arellano por esta causa ao Gran-Pará o nome de Rio das Amazonas. Outras disseram tambem os exploradores do Rio de S. Francisco, que havia nas suas campanhas, no que se nos offerece ainda maior duvida da que temos nas amazonas do Gran-Pará, que faz verdadeiras a grande auctoridade do padre Christovam da Cunha, religioso da Companhia de Jesus, porque d'estas dá algum apparente testemunho o nome do rio, e d'aquellas não ha mais que a vaga tradição.

33. Tornando a embarcar-se o capitão Francisco de Arellano com a sua gente, foi navegando tanto pelo rio abaixo, que chegou ao mar e aportou na ilha Margarita, que está em onze graus do norte, donde, fazendo embarcações mais capazes, navegou a Hespanha, meditando voltar com poder maior a povoar este rio e o ir conquistando por elle acima; e preparadas no porto de S. Lucar, por ordem do imperador Carlos v, quatro naus, em que se embarcara com sua mulher e muita gente, tornou ao Gran-Pará, mas chegando á foz do rio, falleceu alli de enfermidade natural; e não parecendo á gente das naus poder sem elle continuar-se a empreza, voltaram para Hespanha, donde se não intentou outra expedição, e depois foi povoada a provincia

pela corôa lusitana (a quem pertencia pela divisão das conquistas) apezar das opposições que em sua defensa fizeram os gentios que a possuiam, de muitas linguas e differentes nações.

34. Está em altura de um gráo e tomou o nome do seu estupendo rio, tambem chamado das Amazonas, em cujas margens tem vistoso assento a cidade de Nossa Senhora de Belem, sua capital, nobilissimamente edificada, e ennobrecida de sumptuosas egrejas, Matriz e Misericordia, e dos grandes templos e conventos de Nossa Senhora do Carmo, das Mercês Redempção de Captivos, dos religiosos da Companhia, dos Capuchos de Santo Antonio, da capella do Santo Christo, que é dos soldados, e das magnificas casas dos moradores, uma cidadella, a fortaleza de Nossa Senhora das Mercês e a da Boca da Barra sobre o rio, com muita e boa artilheria de peças de bronze e ferro de grande calibre. Tem quatro companhias pagas de presidio, com sargento-mór e capitão-mór, numeroso povo que consta de quasi quatro mil vizinhos, os mais d'elles ricos, e luzidos todos.

35. É o seu porto capaz de navios grandes, os quaes em sufficiente numero todos os annos vão do reino a buscar os seus preciosos generos, cacau, baunilha, cravo, salsa parrilha, urucú e as estimadas madeiras condurú, violete, burapenimá, que tem ondas compostas como por regras; e de umirí, cujo tronco distilla um oleo mais fragrante que o do balsamo, e a casca é tão suave queimada que serve de simples pastilha, para os perfumes admiravel; e a carregar o fino assucar que se lavra em mais de trinta engenhos do seu reconcavo, de cujo dilatadissimo districto vão (entre outros muitos) sepultar as suas aguas no das Amazonas cinco famosos rios, o Xingú, o Rio Negro, o Tapajós, o Cambéas e o Solimões, todos abundantes de peixe, e o mar de tartarugas e de outros muitos pescados, entre os quaes é de maior estimação o peixe boi. Umas e outras ribeiras cheias de caças volatiles e quadrupedes, das quaes ha copia immensa por todos aquelles sertões.

36. Em distancia da cidade quatorze leguas maritimas se vê na desmedida boca do Rio das Amazonas uma dilatada lingua de terra, que tem noventa de comprimento, retalhada em muitas ilhas, das quaes a maior é a dos Joannes; ha n'ella uma egreja como freguezia, que administram os religiosos de S. Francisco, servindo de parochos; é povoada de muita gente, com presidio de soldados, uma guarita e artilheria; fecunda na creação dos gados, maior e menor; prodigas as suas ribeiras de pescados e mariscos. É titulo de baronia, que se concedeu a Antonio de Sousa de Macedo e permanece nos seus descendentes. Em pouca distancia da cidade está a ilha das Pacas, e mais ou menos vizinhas as outras innumeraveis que ja-

zem por aquelle archipelago. No districto d'esta capitania ha outra que chamam Cahetê, com uma villa do mesmo nome, capitão-mór, ordenanças, egrejas e uma residencia dos padres da Companhia; é da casa dos porteiros-móres de sua magestade.

37. Ha outra villa intitulada S. Jorge dos Alamos, que foi de Jorge Gomes Alamo, em um sitio que chamam a Vigia; a sua matriz é da invocação de Nossa Senhora de Nazareth. Tem uma fortaleza em forma regular, com boa e grossa artilheria; quasi legua e meia distante da cidade, em uma fazenda que foi de um morador poderoso, ha um hospicio dos religiosos da Piedade. Em distancia quarenta legoas da cidade fica a villa do Camutá, senhorio da casa de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, junto ao Igarapé do Limoeiro, que é o caminho, ou estreito, por onde se faz a navegação para o Rio das Amazonas, e onde está a fortaleza do Gurupá, em que registam as embarcações que vão para aquelle rio; tem bom presidio, muita e grossa artilheria e outro hospicio dos religiosos da Piedade. Pelo rio acima estão as fortalezas do Parú, do Tapajós e o forte do Rio Negro, todos fabricados com grandeza e regularidade.

38. O ultimo termo da jurisdicção d'esta provincia é o que chamam Cabo do Norte, em que estão a fortaleza do Cumahú, na foz do rio, o forte dos Araguarís, a fortaleza do Camoú, fronteira á de Cayenna, que é dos Francezes, os quaes no anno de mil e seiscentos e noventa e oito tomaram a nossa fortaleza do Parú; mas indo contra elles Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que então era governador e capitão geral do estado do Maranhão, a tornou a restaurar com estrago dos Francezes, que deixaram encravada a nossa artilheria, retirando-se bem castigados do nosso ferro, e saindo-lhes cara a sua ousadia. As villas que pertencem a esta provincia, são as tres acima referidas, Cahetê, S. Jorge dos Alamos, Camutá e as ilhas tambem declaradas dos Joannes, das Pacas e as mais que lhe ficam fronteiras n'aquelle portentoso Rio das Amazonas; ha n'esta amplissima provincia ouvidor da profissão litteraria.

39. Foi a egreja do Gran-Pará sujeita á do Maranhão desde que esta foi erecta em cathedral no anno de mil e seiscentos e setenta e seis pelo summo pontifice Innocencio XI; e querendo depois o serenissimo senhor rei D. Pedro II fazer tambem cathedral a do Pará, nomeou por bispo d'ella a D. Fr. Manuel da Natividade, provincial que fôra dos religiosos Capuchos de Santo Antonio do Curral; mas impugnando esta separação D. Gregorio dos Anjos, bispo do Maranhão, duraram as duvidas que representou tantos annos, que n'elles morreram ambos os contendores; porém de proximo, no anno de mil e setecentos e vinte, a fez cathedral o

papa Clemente XI, a instancia do serenissimo senhor rei D. João V, que foi servido nomear bispo d'ella a D. Fr. Bartholomeu do Pilar, religioso do Carmo, que é o primeiro do Gran-Pará, para onde se embarcou no anno de mil e setecentos e vinte e dois.

40. Luiz de Mello da Silva, filho segundo de Manuel de Mello, alcaide-mór de Elvas, navegando voluntariamente em uma embarcação propria com gente á sua custa, como aventureiro no descobrimento das costas e portos do Brazil, chegou ao de Pernambuco, e intentando passar adiante, desgarrou por elle abaixo, levado da força dos ventos e da correnteza das aguas, e foi entrar no Rio Maranhão; desembarcou na ilha, á qual pôz o nome de S. Luiz, continuou a navegação para o Rio das Amazonas, e tanto se agradou de ambos e das noticias que na ilha Margarita achára em alguns soldados de Francisco de Arellano, que n'ella se deixaram ficar, e lhe seguraram muitos haveres, se pelos rios acima os penetrasse, que se resolveu a voltar para Portugal, para tornar com maior poder a esta empreza.

41. Alcançou licença d'el-rei D. João III, e partindo de Lisboa com tres naus e duas caravelas, se perderam umas e outras nos baixos do Maranhão, saindo Luiz de Mello da Silva com algumas pessoas que se poderam salvar nos bateis, os quaes os levaram ás Antilhas, d'onde passaram a Portugal, e Luiz de Mello foi empregado no serviço da India, donde, tendo obrado acções heroicas, voltava para o reino em o galeão S. Francisco que se perdeu sem se saber onde naufragára.

42. Pouco tempo depois foi occupada a ilha de S. Luiz por Ayres da Cunha, quando n'aquelles baixos se perdera a maior parte da sua armada: tambem a habitaram os filhos de João de Barros, quando iam a povoar a capitania da Parahyba, que el-rei D. João III déra a seu pae, e naufragaram as suas naus nas costas do Maranhão, salvando-se elles com alguma gente n'esta ilha, onde estiveram até voltarem para Portugal: e ultimamente foi povoada por ordem do governador e capitão geral do Brazil, Gaspar de Sousa, mandando-a restaurar por Jeronymo de Albuquerque e Alexandre do Moura, do poder dos Francezes, que em tres naus em que andavam buscando as presas das Indias, derrotados de uma tormenta, haviam aportado a ella, e depois de a possuirem alguns annos, foram expulsos.

43. Em dois graus jaz a provincia do Maranhão, a sua cabeça e de todo aquelle estado, que comprehende ao Gran-Pará é a ilha de S. Luiz. A cidade, fundada pouco eminente ao mar, se intitula com o mesmo nome, sendo inferior no circuito á de Nossa Senhora de Belem do Pará; mas egual na magnificencia, e sumptuosidade das egrejas, cathedral, misericordia, conventos dos religiosos capuchos de Santo Antonio, que foram os primeiros

que n'ella edificaram, dos de Nossa Senhora do Carmo, dos padres da Companhia de Jesus, dos de Nossa Senhora das Mercês Redempção dos Captivos, o templo de S. João, que é dos soldados, a ermida de Nossa Senhora do Desterro, posto que nas moradas dos seus habitadores menos soberba que a do Gran-Pará, terá tres mil visinhos de supposição e cabedaes. Tem governador e capitão geral, que no anno reside seis mezes em uma e seis na outra provincia; muitas companhias de presidio com sargento-mór e sargento-mór da praça, ouvidor geral da profissão litteraria, do qual se appella para a Casa da Supplicação de Lisboa.

44. Todos estes edificios estão dentro da ilha, que tem quasi nove leguas de comprimento e vinte e seis em circuito, regada de quinze formosos e fecundos rios chamados Cutí, Anil, Cutí-Merim, Mayoba, S. João, Anadimba, Tapariassú, Jaguarema, Arasagil, Cumbico, Guarapiranga, Batuba, Cachorro, Bacanga, Jusara, que em fertilidade lhe pagam as porções de terra que lhe occupam. Está fundada a cidade poucos passos eminente ao mar, porém na sua ribeira. Tem uma fortaleza na praia junto á Misericordia, outra onde chamam a Ponta da Areia, ao entrar da barra, e um forte no porto. Tres quartos de legua da cidade está uma ermida de S. Marcos, onde ha uma estancia com artilheria para avisar dos navios que vão para o Maranhão, informando do numero das embarcações pelo dos tiros. Tem a fortaleza de S. Filippe por um lado fronteira á cidade, correndo entre ella e a fortaleza um formoso rio. No continente a fortaleza de Santo Antonio, na boca do rio Itapaem dois fortes, um em Vatronado, outro em Icatú, o forte no Ilheo do Periá, que é registro do Ceará, e o forte de Villa Nova de Santo Antonio de Alcantara. Estas são as forças que ha na ilha e na terra firme do Maranhão, todas regularmente fabricadas com muita artilheria de ferro e bronze, bons cabos e officiaes.

45. O intervallo, que ha entre a ilha e o continente, é um breve espaço de mar, pelo qual nas vasantes se passa sem embarcações para a terra firme. N'ella defronte da cidade, tres leguas de distancia está o districto da Tapuytapera com a villa de Santo Antonio de Cumá, cabeça do senhorio da casa de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com boa egreja matriz, dois conventos, um de Nossa Senhora do Carmo, outro de Nossa Senhora das Mercês, e pouco apartada da povoação uma residencia dos religiosos da Companhia. Ha mais duas villas, uma da invocação Santa Maria, outra Santo Antonio de Alcantara, ambas habitadas e defendidas contra o furor dos gentios, que repetidas vezes dá sobre aquelle reconcavo, destruindo as lavouras e engenhos, dos quaes tendo havido muitos, por esta causa permanecem poucos á custa da vida dos moradores, porque aquelles barbaros

habitadores, no estupendo districto do Maranhão, são entre todos os gentios do Brazil, os que mais existem na sua indignação ou na sua liberdade, parecendo impossivel sujeital-os ou reduzil-os á paz como nas outras provincias.

46. As embarcações, que vão de Portugal para aquelle Estado, em respeito da viagem, tomam primeiro o porto do Maranhão, onde deixam as fazendas que levam para aquella provincia, carregando entre outros generos a immensa copia de algodão que ella produz, droga em que excede a muitas provincias da Asia, e o levam tecido em peças para algumas obras, e em novêllos para pavios. Carregam muito cravo, com a differença que temos mostrado na sua fórma, mas com o proprio effeito do das Molucas, produzindo-os estas duas provincias por ficarem quasi entre o mesmo parallelo d'aquellas ilhas.

47. Foi a cidade de S. Luiz do Maranhão erecta em cathedral pelo pontifice Innocencio XI, no anno de mil e seiscentos e setenta e seis, e o seu primeiro bispo D. Fr. Antonio de Santa Maria, religioso Capucho de Santo Antonio, mas não chegou a ir áquella egreja, por ser promovido á dignidade de bispo deão da capella, e depois á de bispo de Miranda. O segundo na ordem, mas o primeiro que passou áquelle Estado foi D. Gregorio dos Anjos, religioso de Santo Eloy, tambem promovido a esta mitra da de Cochim em que estava eleito. Ambas as cathedraes do Maranhão e Pará são suffraganeas ao arcebispado de Lisboa occidental.

48. A provincia do Ceará, que, pela sua extensão grandissima, confina com a do Maranhão, está em altura de tres graus; tem um pequeno forte com pouca guarnição de infanteria paga, que defende a povoação, na qual ha pouco mais de trezentos moradores, e logra de cidade só o privilegio; em tão dilatada costa de mar não tem porto capaz de navios; e posto que por este defeito carece de commercio, que faz opulentas as cidades em compensação d'aquella falta, existe segura de ser invadida por inimigos estranhos, e assim só contra os naturaes oppoem a sua defensa competente á porfia e barbaridade dos gentios que habitam o seu larguissimo continente e districto, em que ha tres villas, Santiago, Ceará-Merim e Camocipe, pelas quaes estão divididos mais de duzentos visinhos. Tem a cidade capitão-mór que governa toda a provincia, com sargento-mór e outros cabos.

49. É a mais aspera e inutil do Brazil, só abundante de muitas salinas e copia grande do melhor pau violete, que produz esta região, posto que para desempenho da esterilidade dos outros generos, de que a não fecundára a natureza, lhe lançou o mar quantidade de ambar gris por toda aquella grandissima costa, do mais fino que sae pelas outras da nossa America, e em maior abundancia; acontecendo trazerem-n'o em muito numero

de arrobas os gentios, a trocar por qualquer droga com os Portuguezes, e colhendo-o tambem elles na mesma quantidade e perfeição. Para a parte do norte tem uma enseada a que chamam Titoya, a qual penetrando grandissimo espaço o continente, acompanhada por ambos os lados de espessos mangues, com producção immensa de mariscos, váe descobrindo fertilissimos campos, e hoje se acha com maior numero de habitadores, que a cidade. Vinte leguas para o Rio Grande, tem pelo sertão uma formosa povoação com o nome do rio Jaguaribe, que por ella passa, o qual seis leguas para o mar faz uma barra sufficiente a embarcações pequenas, que vão a carregar carnes de que abunda com excesso aquelle paiz. Este logar erigiu em villa o doutor José Mendes Machado, que foi crear a ouvidoria geral d'aquella provincia no anno passado de mil e setecentos e vinte e tres, e por ver que a enseada dos Zaquirás, distante dez leguas da cidade para o sul era capaz de oito navios de alto bordo, fundou alli outra villa chamada dos Zaquirás por ordem real, que levara para as erigir onde fossem convenientes.

50. Em cinco graus está situada a provincia do Rio Grande que lhe deu o nome. É a sua cabeça a cidade do Natal de mediana grandeza e habitação, com matriz sumptuosa e boas egrejas. Está fundada meia legua distante do seu porto, capaz de todo o genero de embarcações, em cuja entrada tem a fortaleza dos Santos Reis das mais capazes do Brazil em sitio, firmeza, regularidade e artilheria, edificada sobre uma penha de grandeza desmedida com quatro torreões. Ha na cidade capitão-mór que a governa, sargento-mór e outros cabos, com bom presidio; abunda de todos os mantimentos necessarios para o sustento de um povo maior que o de que ella consta, pois não passa de quinhentos visinhos.

51. O seu rio traz origem de uma lagoa de vinte leguas de circumferencia, no qual se acham perolas das melhores que se tem colhido no Brazil. O seu reconcavo dilatadissimo teve mais engenhos dos que hoje permanecem, pelas ruinas que lhe teem causado os gentios d'aquelle vasto districto, que são dos mais ferozes e barbaros, e costumam repetidas vezes destruir as fabricas e lavouras dos moradores; tem na sua jurisdicção a villa de Parandibe, sufficientemente povoada e defendida. Nove leguas ao sul lhe fica o rio Conhaú, do qual toma o nome uma povoação de seiscentos visinhos.

52. Naufragando uma embarcação, que navegava para as conquistas do Norte, e salvando-se Nicolau de Resende com trinta companheiros n'esta do Rio Grande, quizeram penetrar mais o interior d'aquella provincia, buscando transito por terra para as outras do Brazil. Na diligencia (sendo-lhes então favoraveis os gentios), descobriram outra lagoa incomparavelmente maior que a primeira em comprimento e largura, porque cami-

nhando muitos dias pelas suas ribeiras, não chegaram a ver-lhe o fim, attentos a voltarem á sua jornada. N'esta lagoa lhe disseram os gentios se creavam em mais quantidade perolas que na outra, e lhes mostraram e deram algumas perfeitissimas e grandes. Tudo depoz Nicolau de Resende em um tratado que fez do seu naufragio e d'este descobrimento. É esta provincia titulo de condado do illustrissimo Lopo Furtado de Mendoça, primeiro conde do Rio Grande. Ambas foram povoadas por ordem real, e a sua conquista nos deu grande trabalho, pela ferocidade com que nos resistiam os gentios da nação dos Tapuyas que as possuiam.

53. A provincia da Parahyba deu el-rei D. João III ao nosso famoso historiador portuguez João de Barros, que a mandou povoar por dois filhos com muita despeza de gente e naus, das quaes se perderam quasi todas, salvando-se algumas pessoas no Maranhão, onde as levaram as aguas. Esta desgraça lhe impossibilitou o proseguir a empreza d'aquella conquista, que se fez muitos annos depois, mandando o cardeal rei D. Henrique povoal-a por Fructuoso Barbosa, o qual teve nos principios infaustos successos pela opposição que lhe fizeram os gentios que a possuiam, de nação Pitiguares, auxiliados pelos Francezes, cujas naus iam sempre a carregar o pau das tintas a troco dos generos que lhes levavam, conservando-se em reciproca amizade.

54. Está em altura de seis graus e dois terços. A sua capital é a cidade de Nossa Senhora das Neves, edificada em uma grande planicie distante do mar e perto do rio Parahyba, que dá o nome a toda a provincia, e faz um porto, a que chamam Varadouro, onde estão a alfandega e os trapiches de recolher os assucares. Tres leguas pelo rio abaixo lhe fica a barra, com a fortaleza do Cabedello, intitulada Santa Catharina, fabrica grande, sumptuosa e em summo grau regular, em fórma de um pentagono com baluartes, capaz de ser guarnecida por oitocentos homens; defende o rio, no qual por elle acima vão os navios menores ao porto do Varadouro despachar, descarregar, e receber os assucares e generos que levam para o reino, ficando os maiores na barra, onde em barcos se lhes conduz a carga. Todos os annos vão áquelle porto seis e oito naus a buscar o assucar, que é o melhor de todo o que se faz nas provincias de Pernambuco, e se fabrica em vinte e um engenhos, que ha no reconcavo da Parahyba, todos grandes, bem fabricados e muito rendosos; abundando aquelle grandissimo districto de todo o necessario para o sustento e regalo de copioso numero de habitadores.

55. A cidade é grande, tem sumptuosa Matriz, casa magnifica da Misericordia, quatro perfeitos conventos, o dos religiosos da Companhia de Jesus,

o de Nossa Senhora do Carmo de religiosos Reformados, o de S. Bento e o de S. Francisco, e uma egreja de Nossa Senhora do Rosario; mais de mil vizinhos, muita nobreza, povo luzido e commercio grande. Ha n'ella de presidio duas companhias pagas, além de outra, que guarnecem a fortaleza, sargento-mór, cabos e officiaes, e nos seus districtos alguns coroneis e ordenanças. É governada a provincia por um capitão-mór com o titulo de governador, que reside na cidade. Este logar teem occupado pessoas de supposição e serviços, que a elle passaram de grandes postos; e muitos d'este governo foram ao do Estado do Maranhão e a outras occupações militares de reputação, para as quaes foi sempre degrau competente o governo da Parahyba.

56. Vinte e cinco leguas distante, em altura de sete graus, está a ilha de Itamaracá, cabeça da capitanía d'este nome, que não tem por costa mais que as sete leguas de que consta o comprimento da ilha, sendo no continente tão dilatada como as outras provincias. Na barra que lhe faz o rio, chamado os Marcos, quando entra no mar, está o forte de Santa Cruz; é de fórma regular, com quatro baluartes, que defende a barra e o porto; tem boa artilheria e uma companhia de guarnição. A villa, que se intitula Nossa Senhora da Conceição, é edificada sobre um monte com grande egreja matriz, duas companhias de presidio. Ha n'ella duzentos vizinhos, e em toda a ilha tres grandes engenhos de assucar. Por todo o terreno do seu circuito se vêem continuadas muitas fazendas e lavouras, vistosas casas de campo e recreio, que a fazem aprazivel, com todos os mantimentos e viveres de que póde carecer a maior povoação.

57. Na terra firme de sua jurisdicção tem a villa de Guayana, fundada em uma dilatada planicie pelas ribeiras do famoso rio Capiberibe, com egreja matriz de Nossa Senhora do Rosario, um convento de Nossa Senhora do Carmo dos religiosos da Reforma, duas perfeitissimas capellas, quatrocentos vizinhos, grande commercio e abundancia da maior parte dos generos do Brazil. N'ella residem o capitão-mór e as justiças de toda a capitanía, em cujo districto ha mais tres freguezias, a do Tejucupapo, a da Tacoara, e o curato de Nossa Senhora do Desterro. Fundou esta capitanía Pedro Lopes de Sousa, que tendo corrido as alturas e portos da nossa America, e n'ella alcançado d'el-rei D. João III cincoenta leguas por costa, as não tomou juntas, senão divididas, escolhendo as sete que comprehende a distancia maritima d'esta ilha, com toda a extensão das outras pelo sertão, e as mais situou para a parte do Sul; entrou esta capitanía por successão feminina em a grande casa dos marquezes de Cascaes. Tambem estava possuida dos gentios Pitiguares, com quem Pedro Lopes de Sousa teve muitas pelejas, em que os vencera.

58 A provincia de Pernambuco, em oito graus e um quarto da equinoccial, se dilata sessenta e cinco leguas pela costa, e sem termo pelo continente. Será sempre memoravel, porque chegando á maior opulencia, a continua variação do tempo e da fortuna a fez ainda mais celebre pelos estragos que pela grandeza, conservando nas suas ruinas os padrões da sua fidelidade e do seu valor. É a sua cabeça a cidade de Olinda, primeiro villa d'este nome, e de Marim; está fundada em sitio alto, vizinho ao mar, e por todas as qualidades delicioso, com muitas perennes fontes e poços fecundos; tem sumptuosos edificios, a Sé, a Misericordia com um hospital magnifico, os conventos dos padres da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Carmo da Observancia, de S. Bento, o recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de mulheres principaes, a freguezia de S. Pedro Martyr, as egrejas de Nossa Senhora do Rosario, de Guadalupe, de S. Sebastião, de S. João, que é confraria dos soldados, a de Monserrate da administração dos monges de S. Bento, sumptuoso palacio dos governadores e nobres casas dos moradores, os quaes, sendo em outro tempo innumeraveis, hoje não excedem de tres mil vizinhos; tem de presidio dois terços de infanteria paga, dos quaes um assiste na villa do Recife.

59. A um lado da cidade tem famoso transito o rio Beberibe, de agua crystalina e grossa corrente, fazendo junto a ella um porto, que chamam Varadouro. Pelo rio acima, em distancia de quasi meia legua, lhe entrava agua salgada, mas aquelles moradores, mandando alli fabricar uma dilatada e formosa ponte com vinte e quatro bicas, conseguiram trazer por cima do mar o rio. Do Alpheu se finge que por debaixo das ondas sae na fonte Arethusa com as suas aguas intactas; mas do Beberibe se verifica que sobre o mar leva puras as suas aguas a estas bicas, lá a milagres do amor, cá a primores da arte; sendo admiravel concurso de dois contrarios effeitos, estar a um tempo nadando na agua salgada e tomando a doce. Em cima d'esta ponte, para a parte de Olinda, está fundada sobre arcos uma formosa casa de recreio, aonde se vai admirar aquelle portento e a consonancia d'aquellas correntes, que pelo registo e compasso das bicas fazem uma suave e vistosa harmonia aos olhos e aos ouvidos. No fim d'ella, a um lado para a parte do sul, está o convento dos religiosos de Santa Thereza de Jesus, em logar tão retirado quanto ameno.

60. Do porto do Varadouro por este rio abaixo, uma legua de distancia da cidade, continuando por um estreito isthmo de areia entre o rio e o mar, está a villa de Santo Antonio do Recife, situada em um espaço de terreno que por largura de cem braças separa uma e outra corrente; no porto d'esta villa teem abrigo as naus, e n'elle descarregam. Pela parte do norte

a fecham umas grandes portas, formando por cima uma boa plataforma com artilheria, que defende o mar e o rio, e uma capella chamada o Bom Jesus das Portas; em baixo assiste de guarnição uma companhia.

61. São magnificos os edificios, a Matriz, de invocação Corpo Santo, o oratorio de S. Filippe Nery, a egreja de Nossa Senhora do Pilar, da qual são administradores os descendentes do provedor João do Rego Barros, que a edificou; grandes casas dos moradores adornam esta povoação. No fim d'ella, para o sul, lhe fica a outra porção, que chamam Banda de Santo Antonio e cidade Mauricéa, pela côrte e magnifico palacio que n'ella fez Mauricio, conde de Nassau; e ambas estas partes compõem a grandeza d'aquella villa. A natureza as dividiu por um lagamar, que faz o rio Capiberibe e outros mais que alli se juntam; porém a arte as uniu com uma dilatada espaçosa ponte, principiada pelos Hollandezes e acabada pelos Pernambucanos. N'ella está uma companhia para obviar os tumultos que pode haver no transito.

62. Esta porção da villa do Recife é mais vistosa que a outra, e fica em mais planicie, tendo pela parte do norte o referido lago, pela do sul o rio Capiberibe, que a cerca, e pelo mar o rio Jequiá, que n'elle desemboca por um passo, que chamam Merca-Tudo. Tem estupendas fabricas, magestosos templos, e conventos dos padres da Companhia, dos religiosos Capuchos, dos da Reforma do Carmo, dos Barbonios de Nossa Senhora da Penha de França, as egrejas de Nossa Senhora do Paraiso, em que ha um hospital erecto por D. João de Sousa, de que são administradores os seus herdeiros; as de Nossa Senhora do Livramento e do Rosario, onde ha sacrario, com um coadjutor; em ambas estas partes do Recife ha sete mil vizinhos.

63. D'esta povoação se sae á terra firme por duas dilatadas pontes, que atravessam os referidos rios e dão passo para todas as partes d'aquella provincia. Uma se chama da Boa Vista, da qual se passa para outra nova povoação, principiada ha poucos annos, mas já populosa, de grande recreação, muitos jardins, fontes crystalinas, regaladas fructas, saborosos pescados e mariscos; tem as egrejas de Nossa Senhora da Conceição, da Soledade, de Santo Amaro, de S. Gonçalo, em que assiste um cura; ha n'este logar dois mil vizinhos. A outra ponte se chama dos Afogados, pela qual se sae para as outras freguezias e partes d'aquella provincia. Expulsos da enseada do Rio de Janeiro os Francezes pelo governador e capitão geral Mendo de Sá, foram em quatro naus parar em Pernambuco, e se apoderaram do Recife (em que até aquelle tempo habitavam só pescadores e alguns homens de negocio) com tenção de se conservarem n'elle; porém

acudindo de Olinda o governador com numerosa gente, os combateu tão rijamente, que depois de alguma resistencia foram compellidos a largar o logar, e se embarcaram, deixando em uma pedra gravada esta sentença no seu idioma: *Le monde va de pis en pis.*

64. Tem o seu reconcavo a freguezia do Cabo de Santo Agostinho, sete leguas distante da cidade. É um promontorio, com que destacando-se do seu continente a terra, mostra que pretendera conquistar o mar, invadindo-lhe as ondas por muito espaço de leguas. As outras, que comprehende a capitanía, são a Moribeca, Santo Amaro de Jaboatão, a Vargem, Nossa Senhora da Luz, o curato da Mata de Santo Antão, S. Lourenço, e a Ipojuca, onde os religiosos Franciscanos teem outro convento; em todas ha grandes povoações, cento e trinta engenhos de assucar: outras egrejas tem mais distantes, Nossa Senhora dos Prazeres nos Gararapes, de administração dos religiosos de S. Bento, e Nossa Senhora de Nazareth, onde os do Carmo teem hospicio, em cuja marinha está a fortaleza chamada Tamandaré.

65. Defendem a cidade de Olinda, villa do Recife, todas aquellas barras e praias do mar e dos rios vizinhas e distantes, muitas fortalezas: a de S. João Baptista do Brum, fundada em uma praia em parallelogrammo, com dois baluartes inteiros da parte do rio Beberibe e dois meios baluartes para a da villa do Recife e cidade de Olinda, e da parte da barra em linha recta, defende a barra e o poço onde ancoram os navios, tem grossa e muita artilheria de bronze em peças de grande calibre. O Forte do Mar, fabricado em angulo na ponta de um recife fronteiro á fortaleza do Brum, defende o poço e o porto com boa artilheria. A fortaleza da Madre de Deus e S. Pedro é feita em forma de um semicirculo pela parte do mar, e pela da terra tem dois meios baluartes e uma cortina com muita e grande artilheria em peças só de bronze; defende o porto e a praia das Cinco Pontes. O forte das Cinco Pontes é em forma quadrada com quatro baluartes; defende a Barretinha, a praia, parte do porto e a campanha dos Afogados.

66. O forte dos Afogados é de quatro baluartes; defende o rio do seu nome e toda a campanha que lhe fica em roda. A fortaleza de Santa Cruz e de Santo Ignacio no porto de Tamandaré, distante vinte e cinco leguas, é um quadrado regular com quatro baluartes; defende o seu porto (que é capacissimo de muitas naus) e a barra; tem muitas peças de artilheria de bronze e uma companhia de guarnição. A fortaleza de Nossa Senhora de Nazareth, no Cabo de Santo Agostinho, contém duas baterias, uma superior, outra inferior, mas ambas eguaes na fórma e guarnição do mesmo

numero de peças de artilheria de bronze, que defendem a barra e porto; tem um cabo de confiança e uma esquadra de soldados.

67. É o paiz de Pernambuco dos mais abundantes, amenos e ricos do Brazil. Os seus engenhos dão o mais fino assucar, as suas matas as mais preciosas madeiras, o seu terreno os mais deliciosos fructos. Criam os seus campos todos os generos de gado e de caças admiraveis; os seus mares e rios, os mais regalados pescados e mariscos. Acha-se no seu clima o temperamento mais saudavel, as arvores, plantas e fructas naturaes, cultas e silvestres mais saborosas, e algumas estrangeiras no mesmo grau perfeitas. Ha nas suas familias qualificada nobreza. Emfim, é um compendio de tudo o que pode fazer grande um reino. A sua egreja foi erecta em cathedral pelo pontifice Innocencio XI, no anno de mil e seiscentos e setenta e seis, e o seu primeiro bispo D. Estevam Brioso de Figueiredo, vigario geral que fôra do arcebispado de Lisboa.

68. Alem das referidas freguezias e povoações que comprehende esta provincia, são da sua larguissima jurisdicção a villa dos Santos Cosme e Damião, chamada Igaracú, mui aprazivel e a primeira que n'ella se fundou; a de Serinhaém, intitulada Villa Formosa; a do Porto do Calvo, que tem muitos engenhos e clarissimas familias; a das Alagoas do Norte, a de Santo Antonio, para a parte do Rio Grande; a notavel povoação de S. Miguel, a das Alagoas do Sul, e a villa do Penedo no Rio de S. Francisco, que é a balisa d'esta provincia pela parte do sul, como pela do norte a ilha de Itamaracá.

69. Deu esta capitanía el-rei D. João III a Duarte Coelho Pereira, filho terceiro de Gonçalo Pires Coelho, senhor de Filgueiras, por grandes serviços que na India lhe fizera: com os cabedaes que n'ella adquiriu, ajuntou muitas naus, gente e tudo o preciso para a conquista e povoação d'aquella dilatadissima provincia, para a qual se embarcou com a sua casa, muitos parentes e familias nobilissimas. Desembarcado, achou tão rija opposição e porfia nos gentios da nação dos Cahetés, que dominavam todo aquelle districto até o Rio de S. Francisco (assistidos de alguns Francezes) que lhe foi necessario ir ganhando a palmos o que se lhe concedera a leguas, saindo ferido de uma das repetidas batalhas que aos barbaros dera. Foi fazendo varias fundações, conquistando dilatado terreno; e convidados da sua franqueza e da fertilidade do paiz muitos sujeitos do reino, de distincção e qualidade, foram em varios tempos habitar em Pernambuco, onde procrearam nobilissimos descendentes, em cujo valor e generosidade consistiu depois a liberdade da patria.

70. A Duarte Coelho Pereira succedeu seu filho e companheiro n'aquella

empresa Duarte de Albuquerque Coelho, que continuou a conquista, augmentando-a com tantas povoações, fabricas e lavouras, que o fizeram o maior donatario do Brazil; e passando com a sua casa para Portugal, deixou por governador de Pernambuco a seu tio Jeronymo de Albuquerque, o qual governou muitos annos aquella provincia, onde morreu, e deixou grande numero de filhos naturaes; porém de sua esposa D. Filippa de Mello, filha de Christovam de Mello, teve a D. Catharina de Albuquerque e Mello, que casou com Filippe Cavalcanti, fidalgo de Florença e dos mais esclarecidos d'aquella antiquissima republica, que então passara do governo aristocratico ao monarchico. De Filippe Cavalcanti e de D. Catharina de Albuquerque e Mello descendem os Cavalcantis de Pernambuco.

71. Duarte de Albuquerque Coelho, segundo donatario, não teve filhos; succedeu-lhe seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, e foi terceiro donatario. Acompanhou a el-rei D. Sebastião na infeliz batalha de Alcacer, e lhe deu o seu cavallo, dizendo-lhe, que para o salvar n'aquella occasião lho negara em outras, e ficou captivo com nove feridas. Seu filho Duarte Coelho de Albuquerque foi quarto donatario; quando os Hollandezes tomaram a sua capitanía, veiu a ella tão esplendidamente tratado e com tão grande comitiva, que entre criados e familiares, sustentava trezentos homens. Casou com D. Joanna de Castro, filha de D. Diogo de Castro, vice-rei de Portugal e conde de Basto, cuja casa herdou, por falta de seu irmão D. Lourenço Pires de Castro, que morrera em Catalunha. Teve Duarte Coelho de Albuquerque a Jorge de Albuquerque Coelho e a D. Maria de Albuquerque e Castro, a qual, por ficarem seu pae e irmão em Castella, herdou o senhorio de Pernambuco, o condado de Basto, e depois o de Alegrete por morte de Mathias de Albuquerque seu tio.

72. Foi esposa do conde de Vimioso D. Miguel de Portugal, principe descendente pela sua varonia da serenissima casa de Bragança. Por não ter successão, foram para a corôa as casas e titulos de Basto e de Alegrete e o senhorio de Pernambuco, posto que a este fizeram opposição muitos fidalgos de Portugal; a alcaidaria mór da cidade andou sempre nos Albuquerques, e hoje está nos Mouras, ramo do tronco dos Albuquerques de Pernambuco.

73. Em altura de onze graus está a provincia de Sergipe, fundada por ordem real. A cidade de S. Christovam é a sua capital, com sumptuosa Matriz, da invocação de Nossa Senhora da Victoria; Misericordia, formosos conventos de Nossa Senhora do Carmo e de S. Francisco, e uma devota capella de Nossa Senhora do Rosario. É magnifica a Casa do Conselho e Cadeia, nobres as dos moradores, que havendo sido em outro tempo muitos,

hoje não excedem de quinhentos vizinhos. No seu arrabalde está uma ermida do glorioso S. Gonçalo, frequentada romaria d'aquelle povo e das suas villas. Tem capitão-mór que governa a provincia, com sargento-mór e uma companhia paga de presidio. No seu termo, para a parte que chamam Cotinguiba, ha outra parochia com quatro capellas, e para o Rio Vasa-Barris tem mais cinco capellas. No seu reconcavo e no das suas villas se contam vinte e cinco engenhos. donde sae todos os annos bom numero de caixas para a Bahia, de perfeito assucar em qualidade e beneficio.

74. As villas da sua jurisdicção, que se comprehendem no seu districto, são a de Santo Amaro das Brotas. a de Santo Antonio da Tabayana, a Villa Nova de Santo Antonio do Rio de S. Francisco, a do Lagarto, com a invocação de Nossa Senhora da Piedade, e a Villa Real do Piagui. Todas teem boas egrejas parochiaes, muitas capellas e ermidas devotas. Na do Lagarto teem uma missão os padres da Companhia; duas na Villa Nova de Santo Antonio os religiosos Capuchinhos da Piedade; uma os do Carmo, os quaes teem um hospicio na Villa Real do Piagui. Em todas ellas ha mais de oito mil vizinhos, que possuem cabedaes, e teem muitas lavouras, sendo para todos o terreno tão dilatado e fecundo, que faz ferteis as suas povoações, e aos seus habitadores ricos e abundantes. São prodigos os seus campos na creação dos gados, na producção das sementeiras e do tabaco. D'este genero, da courama e do assucar. lhe resulta muito commercio, e ainda fôra mais franco, a não serem as suas barras tão estreitas que não dão transito mais que a pequenas sumacas.

75. Em quinze graus escassos tem assento a provincia dos Ilheos, assim chamada pelos que a natureza lhe poz na foz do rio. A sua cabeça é a villa de S. Jorge: tem egreja matriz, duas capellas, uma de Nossa Senhora da Victoria, outra de S. Sebastião, e um collegio dos religiosos da Companhia. Duas fortalezas a defendem, uma na barra, outra apartada d'ella, mas sobre um monte eminente ao mar. São do seu districto as villas de Cayrú, Camamú, Boypeba, e o Rio das Contas, em cujo termo, para a parte do norte, mandou erigir de presente o mesmo vice-rei uma villa. Ha n'esta provincia boas egrejas parochiaes e outras de varias invocações. A villa do Camamú tem na barra a fortaleza de Nossa Senhora da Graça com quatro baluartes. Na capital e nas outras ha muitos moradores, e chegam a seis mil vizinhos, poderosos alguns em cabedaes com as lavouras da farinha, de que provêem a toda a provincia da Bahia, em muita utilidade d'ella e de todo o seu reconcavo.

76. El-rei D. João III a deu com cincoenta legoas por costa a Jorge de Figueiredo Correia, que não podendo vir em pessoa povoal-a, impedido da occupação que tinha no serviço real, a mandou conquistar, enviando uma

boa esquadra de naus e muita gente por Francisco Romeiro, o qual com valor e diligencia, vencidas as opposições dos gentios, fundou a primeira povoação, a que deu o nome de S. Jorge, por ser o de seu donatario; e superadas muitas difficuldades e novas resistencias d'aquelles barbaros, com os quaes depois assentando pazes, a augmentou em todo o genero de fabricas do Brazil. Seu filho Jeronymo de Figueiredo de Alarcão a vendeu a Lucas Giraldes, fidalgo florentino, de quem descendem algumas casas illustres em Portugal; depois entrou esta capitanía por successão feminina na illustrissima casa dos almirantes do reino.

77. Em altura de dezeseis graus e meio está a provincia do Porto Seguro, primeira terra e primeiro porto que os Portuguezes descobriram e tomaram no Brazil, como tem mostrado esta historia. Contém duas villas, uma que deu o nome a toda aquella provincia, e outra que se intitula Santo Antonio do Rio das Caravelas. Na do Porto Seguro ha boas egrejas, a Matriz, invocação de Nossa Senhora da Pena, a de S. Sebastião, a Misericordia, a de Nossa Senhora do Rosario, e um hospicio dos padres da Companhia. Duas leguas distante da villa está a egreja de Nossa Senhora da Ajuda, celebre pelo milagre de uma copiosa fonte, que das entranhas de um penhasco inopinada e repentinamente brotara na occasião em que se fabricava a egreja, e carecia a obra de agua para se continuar, ficando perenne, e correndo por debaixo do altar da sua capella mór, cujo ruido, despertador do milagre, ouvem todos os circumstantes que a ella vão a cumprir os seus votos: em ambas as villas ha mil e quinhentos vizinhos.

78. Tendo o governador geral Luiz de Brito de Almeida noticia de que no interior da provincia do Porto Seguro, no seu districto confinante com o da provincia do Espirito Santo, havia pedras preciosas, mandou no descobrimento d'ellas a Sebastião Fernandes Tourinho, o qual navegou com muitos companheiros pelo Rio Doce, e por um braço acima, que se chama Mandi, onde desembarcou, caminhando por terra muitas leguas, chegou a uma lagôa, a qual por grande chamaram os gentios Boca do Mar, e passando adeante, por setenta leguas de distancia, chegaram até onde no dito Rio Doce se mette outro chamado Acesi; atravessando, e caminhando pelas suas margens cincoenta leguas, achou umas pedreiras com pedras de côr indistincta, entre verde e azul, e affirmaram os gentios, que do cume d'ellas se tiravam pedras mais córadas e outras que, segundo a fórma com que se explicaram, tinham ouro; e ao pé de uma serra coberta de arvoredo, que tem uma legua de comprimento, achou uma esmeralda e outra saphira mui perfeitas; setenta leguas adeante encontrou mais serras, de que se tiraram outras pedras verdes.

79. Cinco leguas acima viu outras, em que depozeram os gentios haver pedras maiores vermelhas e verdes; mais acima achou outra serra toda de crystal finissimo, e foi certificado que n'ella havia umas pedras azues e outras verdes, mui rijas e resplandecentes: com estas informações que trouxe Sebastião Fernandes Tourinho, mandou depois o governador por Antonio Dias Adorno fazer outras experiencias, e colheu as mesmas noticias, com a individuacão de que ao pé da serra de crystal, para a parte do leste, havia esmeraldas, e para a de oeste saphiras; posto que das que trouxe, umas e outras estavam ainda imperfeitas ou pouco maduras. Estas pedras e as que trouxera Sebastião Fernandes Tourinho, enviou o governador a el-rei; porém pela fatalidade da monarchia, com o dominio de outro principe, se não tratou mais d'estes descobrimentos; e por ficarem os logares referidos tão entranhados nos sertões, que não estão habitados pelos Portuguezes, se teem perdido os rumos e os caminhos, de fórma que os não puderam acertar depois nas muitas jornadas que se repetiram n'esta diligencia.

80. Deu el-rei esta provincia a Pedro de Campos Tourinho, natural da villa de Vianna, com cincoenta leguas de costa, para a qual se embarcou com a sua casa e algumas familias nobres. Surgiram as suas naus no mesmo porto em que desembarcara o general Pedro Alvares Cabral, e com grande valor conquistando aquellas terras, acompanhado da gente que levara para o ajudar a ganhal-as e para as povoar, alcançou muitas victorias d'aquelles gentios seus habitadores, afugentando-os para o interior dos sertões: por sua morte, ficando herdeira sua filha Leonor de Campos, a vendeu ao esclarecido D. João de Lencastro, primeiro duque de Aveiro, filho do senhor D. Jorge, mestre de Santiago e Aviz, duque de Coimbra, que o era del-rei D. João o II.

81. No dominio d'aquelle principe e dos seus descendentes floresceu muito esta capitanía em grandes engenhos e lavouras, achando-se hoje destituida das suas fabricas e da sua grandeza; governa-a um capitão-mór, ao qual são sujeitos outros cabos e officiaes. Foi titulo de marquezado, por mercê del-rei de Castella a D. Affonso de Lencastro, marquez de Val de Fuentes, filho de D. Alvaro e D. Juliana, terceiros duques da grandissima casa de Aveiro; mas sempre esta provincia permaneceu n'aquelle ducado.

82. Em altura de vinte graus e um quarto está a provincia do Espirito Santo, com cincoenta leguas de costa; comprehende tres villas, uma que deu o nome á provincia, outra de Nossa Senhora da Victoria e a de Nossa Senhora da Conceição; a da Victoria tem sumptuosa Matriz, um grande convento dos padres da Companhia, das suas mais antigas fundações, um de S. Francisco, outro do Carmo, boa Casa da Misericordia, e uma egreja de

Santa Luzia. Na do Espirito Santo ha a Misericordia, que serve de Matriz, e d'ella vai Nosso Senhor por Viatico aos enfermos. A da Conceição tem egreja matriz da mesma invocação. A villa do Espirito Santo, cuja barra é das melhores do Brazil, tem n'ella uma grande e regular fortaleza. A villa da Victoria tem as fortalezas de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora da Victoria, de Santo Ignacio, S. Diogo e S. João; em todas ha boa artilheria, mas só a da barra, a de S. João e de Nossa Senhora do Carmo teem guarnição: n'esta villa está o presidio da infanteria paga, com bons cabos e officiaes; um capitão-mór, pessoa de supposição, governa toda aquella provincia.

83. El-rei a deu a Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo que o tinha servido bem na India, e dos mais illustres do reino, donde a veiu conquistar, trazendo em muitas naus todos os aprestos, muita gente e familias nobres para a povoarem. Tomou terra no porto do Espirito Santo, onde fundou com esta invocação a primeira villa, de que se appellidou toda aquella provincia; e conquistando as terras da sua demarcação, teve com os gentios muitas batalhas, e alcançou muitas victorias; e por uma de maiores consequencias edificou como trophéo a villa que intitulou da Victoria, fundada no mesmo logar em que conseguira aquelle triumpho. Possuiu esta capitanía, e os seus descendentes até Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, almotacé-mór do reino, governador e capitão geral do estado do Brazil e vice-rei da India, que a vendeu a Francisco Gil de Araujo.

84. Era este vassallo, dos primeiros do Brazil por qualidade e por riquezas, descendente de Catharina e Diogo Alvares Correia. Foi residir n'ella alguns annos, levando da Bahia muitos casaes, doando-lhes terras para lavrarem, e a todos os moradores assistiu com cabedal consideravel para fornecerem os seus engenhos e lavouras, que avultaram por esta causa muito n'aquelle tempo. Succedeu-lhe seu filho Manuel Garcia Pimentel, que occupado com as importantissimas propriedades que lograva na Bahia, não passou á sua capitanía, e fallecendo sem successão legitima, foi julgada por sentença a Cosme de Moura Rolim, seu primo e cunhado, a quem a comprou a magestade augusta del-rei nosso senhor D. João v, que felizmente impera, e Deus muitos annos guarde, mandando-lhe dar por ella o mesmo preço que havia custado. Estas tres provincias, Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo, foram possuidas primeiro pelos gentios Tupinanquins e pelos Tupinaes, e a estas duas nações venceram os gentios da nação dos Aymorés, e as ficaram possuindo até o tempo da nossa conquista.

85. Em altura de vinte e tres graus está a provincia do Rio de Janeiro, assim chamada, por ser no primeiro dia d'este mez descoberta. É a sua

cabeça a cidade de S. Sebastião, côrte de todas as nossas praças do sul: os prezados generos, que d'aquellas partes por mar e terra se lhe conduzem, a foram fazendo rica, e hoje se acha opulenta com os descobrimentos das copiosas minas de ouro, que d'aquelles dilatadissimos sertões se leva áquella praça, como a feira d'este precioso metal, e a buscal-o se acham no seu porto innumeraveis embarcações de Portugal e do Brazil; e pelo commercio que d'esta frequencia lhe resulta, é o terceiro emporio desta região. A cidade é de mediana grandeza, mas de muita formosura; fundada em sitio raso, se estende tão egual com a sua ribeira, que por todo um lado a lava o mar.

86. São soberbamente sumptuosos os edificios que a adornam, magnificos os templos, a Sé, os conventos da Companhia de Jesus, dos religiosos do Carmo, de S. Francisco e de S. Bento, este em magnificencia e sitio superior aos outros. Tem mais duas freguezias, uma de Nossa Senhora da Candelaria, outra de S. José, Casa da Misericordia, egrejas de Santa Cruz, de Nossa Senhora do Rosario, de Nossa Senhora da Gloria, do Parto e a de Nossa Senhora da Conceição, que foi hospicio dos Barbonios Francezes, e está contiguo ao palacio dos bispos. È sumptuoso o do governador, e nobremente edificadas as casas dos moradores. Em todo o tempo teve graves familias, que permanecem com a mesma nobreza. Tem de presidio dois terços de infanteria paga; o seu numeroso povo chega a dez mil vizinhos e outros tantos tem no seu reconcavo.

87. È abundante de muitas hortaliças, legumes, plantas, fructas e flores de Portugal, que todos os dias enchem a sua praça, parecendo pomares e jardins portateis. Os seus redores são cultivados de apraziveis e ferteis quintas, a que lá chamam xácaras. No seu reconcavo houve cento e vinte engenhos; os que permanecem de presente são cento e um, deixando de moer os outros, por se lhe tirarem os escravos para as minas; e a mesma falta (pela propria causa) experimentam as mais fazendas e lavouras, que foram muitas. Os seus campos são fecundissimos na creação dos gados maior e menor, sendo tão numerosos nos dos Itacazes (prolongados entre esta capitanía e a do Espirito Santo) que da grande copia de leite que dão, se fazem perfeitos e gostosos queijos, na fórma dos do Alemtejo, e chegam a muitas partes do Brazil fresquissimos.

88. Criam os seus mares muitos mariscos e pescados menos regalados que os das provincias que ficam para o norte, mas na mesma quantidade. Ha no seu districto outros generos e culturas de preço e regalo; porém correndo para as minas muita parte dos moradores, e levando os seus escravos para a lavra do ouro, ficaram menos assistidas as outras fabricas; causa pela qual ha menos assucares e se experimenta alguma diminuição nos vi-

veres. A fonte de que bebem os vizinhos da cidade, é um copioso rio chamado Carioca, de puras e crystalinas aguas, que depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavam por altos riscos, uma legua distante da cidade, onde as iam tomar com algum trabalho; mas aquelle Senado com magnifica fabrica e liberal despeza trouxe para mais perto o rio; e de proximo o laborioso cuidado do general Ayres de Saldanha de Albuquerque, que n'este tempo com muito acerto governa aquella provincia, o trouxe para junto da cidade com maior grandeza e utilidade. É fama acreditada entre os seus naturaes, que esta agua faz vozes suaves nos musicos e mimosos carões nas damas. Supposta a multidão de fructos d'aquelle paiz, é o seu clima menos temperado, e mais sensiveis as suas estações, continuos os trovões, que repetidas vezes despedem coriscos.

89. A sua barra, em cuja entrada se levantam de uma e outra parte dois altos penhascos, é notavel, porque estreitando-se na boca ao breve espaço de meia legua, vai ao mar formando um golfo, ou bahia de vinte e quatro de circumferencia e oito de diametro, em que estão muitas ilhas de grandezas differentes, umas cultivadas com engenhos e lavouras, outras ainda incultas, e todas formosas, sendo mais celebre a que chamam das Cobras, onde ancoram os navios e ha fundo e capacidade para muitas armadas. Pela parte da terra opposta á cidade, vai acompanhando ao golfo uma desconforme muralha, composta pela natureza de asperos rochedos, mais e menos levantados, a que chamam Montes dos Órgãos, e vão formando na differença das suas perspectivas um Protheu inconstante de figuras varias, e uma bem ordenada confusão de diversos objectos, espantosos aos olhos e difficeis á conquista.

90. São cortados estes apraziveis montes por dezesete alegres rios, que do interior da terra, por muita distancia navegaveis, vão ledamente fertilisando grandes propriedades, e buscando o pacifico mar d'aquelle golfo a tributar-lhe as aguas, e não a perder os nomes, porque se chamam Carahi, Boassú, Goaxindiba, Macacú, Guarahi, Guapeguassú, Guapemerim, Magegassú, Magemerim, Erirí, Suruhi, Neumerim, Magóa, Guaguassú, Meretí, Saracubí, Irajá, todos serenos e agradaveis, fazendo ricos e fecundos os terrenos que banham.

91. Muitas fortalezas defendem aquella praça. No principio e ponta da barra tem o forte de S. Theodosio, que segura por aquella distancia a sua praia; na mesma parte a fortaleza de S. João, em forma de um meio hexágono para a parte do mar e fechado com uma muralha seguida para a da terra; guarnece-a muita artilheria de bronze e ferro; é uma das balisas que estreitam a boca da enseada do Rio de Janeiro: segue-se-lhe pelo

proprio lado, que é o da cidade, a fortaleza de Santiago em forma redonda, com torreões e no meio uma torre circular, onde tambem labora a artilheria; tem muitas guaritas que descobrem a barra, e capacidade para muitas peças, não sendo poucas as que de presente a guarnecem.

92. Na parte opposta, que é a do norte, está na ponta da barra o forte chamado Nossa Senhora da Guia que por aquelle lado defende a praia da mesma barra; mais dentro a fortaleza de Santa Cruz, que é a outra balisa da boca da enseada e fica fronteira á de S. João, senhoreando ambas o estreito passo por onde o mar se communica ao golfo. É edificada em forma de um semicirculo com redentes; tem muita e grossa artilheria de bronze e ferro em duas baterias, um cabo de maior supposição e uma companhia paga. Dentro no corpo da enseada e defronte da boca da barra, na ilha de Villagalhão (assim chamada por Nicolau de Ville-Gaillon, Francez) está outra fortaleza com o seu appellido por nome. Fronteira a esta fica a do Gravatá; em outra ilha do mesmo golfo, chamada Ilha das Cobras, opposta á cidade, onde surgem os navios, ha uma boa fortaleza; e no estreito passo da entrada da barra, sobre a grande lage que alli poz a natureza com cincoenta braças de comprimento e vinte e cinco de largura, principiou o general Francisco de Tavora outra que se vai continuando com a mesma grandeza e regularidade.

93. Ao pé da fortaleza de Santiago ha um lanço de grossa muralha em redentes, que se dilata por oitenta braças, e fenece nas portas que vão para a cidade. Por cima d'esta em um alto se vê a fortaleza do glorioso martyr S. Sebastião, eminente a todo aquelle mar; tem grande circumferencia, é feita em um semicirculo pela parte da cidade e pela outra fechada com a Torre da Polvora; residem n'ella muitos moradores: um forte mais em forma redonda, detraz do mosteiro do glorioso patriarcha S. Bento.

94. Foi a cidade fundada pelo governador geral Mendo de Sá, da segunda vez que passou a expulsar os Francezes d'aquella enseada, como no seu governo mostraremos; a sua egreja elevada a cathedral no anno de mil seiscentos e setenta e seis pelo pontifice Innocencio XI, e o seu primeiro bispo D. Fr. Manuel Pereira, religioso de S. Domingos, do conselho geral do Santo Officio, que depois de sagrado renunciou o bispado e ficou sendo secretario de estado; e D. José de Barros de Alarcão sendo o segundo na ordem da nomeação, foi o primeiro que passou ao Rio de Janeiro. A alcadaria mór da cidade anda nos illustrissimos viscondes da Asseca.

95. Saindo pela barra da sua enseada e correndo a costa para o norte, está uma ponta de pedra lançada ao mar, chamada Buumerim, e continuando a praia meia legua com outra ponta, no fim d'ella se acha um lago que

chamam Piratininga, abundantissimo de peixe; pelo mesmo rumo mais adiante estão varios serros e pontas que vai fazendo a terra, entre os quaes fica o serro Taypuguassú, atalaia donde se vêem as armadas e se envia noticia d'ellas ao Rio de Janeiro, quando ha suspeita ou temor de inimigos. Seguindo a mesma costa mais ao norte, ha no continente da terra, distante ao mar pouco mais de meia legua, outro lago que tem tres de comprimento, chamado Maricá, habitado de um povo de trezentos vizinhos com duas egrejas curadas, tão fertil de pescados varios que os vão buscar do Rio de Janeiro e dos seus districtos.

96. Pelo mesmo rumo, duas leguas adiante, está outro lago pequeno, cujo nome é Jacuné, que terá seiscentas braças, do qual ha tradição fôra uma aldeia que alli se subvertera. Correndo mais ao norte tres leguas, fica o lago Saquarema, com duas de extensão, e fenece além da egreja de Nossa Senhora de Nazareth, edificada sobre uma serra eminente ao mar; é habitado de muita gente, abunda de infinito peixe, e tem tres engenhos de assucar. Logo se vão seguindo muitos lagos, em que se cria excessiva copia de excellente sal, e por esta producção se chamam Salinas; ultimamente outro chamado Iraruama; todos os referidos lagos e povos da jurisdicção de Cabo Frio.

97. Segue-se-lhes a cidade de Cabo Frio, a que são sujeitos, a qual está em altura de vinte e tres graus; intitula-se Nossa Senhora da Assumpção; é de grandeza proporcionada aos seus moradores, que não passam de quinhentos vizinhos; tem egreja parochial de boa estructura, um formoso convento de religiosos do patriarcha S. Francisco, e outras egrejas e capellas na cidade e seus districtos; é governada por um capitão-mór com soldo da fazenda real, sendo com todos os seus districtos, desde a sua fundação, sujeita á jurisdicção do governo do Rio de Janeiro.

98. Da barra d'esta provincia, correndo para o sul até á Ilha Grande, ultima balisa da sua demarcação, antes de a aportarem as embarcações, dez leguas de distancia da cidade de S. Sebastião, principia um pontal de areia, que se diz Marambaya, o qual faz um canal de sessenta braças, nomeado Barra da Goaratiba; com esta restinga, que tem quatorze leguas, apartada da terra tres, se vai formando dentro uma marinha, onde desemboca o caudaloso rio Goandú, acabando a dita restinga defronte de muitas ilhas, que com ella correm direitas para o susudoeste, em que ha uma larga barra com fundo para grandes naus, e tão accommodada para as abrigar dos ventos, que lhe chamam Enseada de Abraham, sendo a ultima d'estas ilhas a que se nomeia Grande, a qual tem uma formosissima barra de tres leguas de comprimento, chamada do Cayrussú, com uma ponta que se diz das Laranjeiras.

99. Foi esta provincia do Rio de Janeiro cabeça de todas as da repartição do sul, e de presente é um dos tres governos em que está dividida aquella região; porque as enchentes de ouro (que moderadas no principio, a vieram depois com profusão immensa a inundar) attrahindo innumeravel copia de gente de todo o Brazil e Portugal, com as suas fabricas e commercio a fizeram tão opulenta, que para poder reger-se, foi preciso partir-se: outro é o das Minas, de cujos descobrimentos e das fundações das suas villas daremos em seu proprio logar noticia; o ultimo é o de S. Paulo.

100. O mais illustre dos tres é o do Rio de Janeiro, pela antiguidade, magnificencia e trato politico dos seus moradores, pela sua Casa da Moeda, que incessantemente labora, fazendo correr para todas as partes solidas torrentes de oiro, reduzindo ao valor do cunho aquella aurea producção, que nas suas ricas fontes não tem mais cunho que o peso; e finalmente pela grandeza do seu porto, aonde vão numerosas frotas todos os annos a buscar os generos de todas aquellas praças, e levar as mercadorias que por elles trocam, as quaes despachadas no Rio de Janeiro, se encaminham ás outras povoações do sul. São estes tres governos independentes entre si, e só sujeitos á Bahia, cabeça de todo o Estado. Esta provincia do Rio de Janeiro foi habitada de gentios da nação Tamoyos, que desde o Cabo Frio senhoreavam aquelles districtos.

101. A provincia de S. Vicente está em altura de vinte e quatro graus. El-rei D. João III a deu com cincoenta leguas por costa a Martim Affonso de Sousa, que na India tinha obrado proezas e exercido postos dignos do seu illustrissimo sangue e proprios do seu valor, que depois o chegou ao supremo logar d'aquelle Estado. Veiu a fundar a sua capitanía, na qual residiu alguns annos, sujeitando os gentios d'aquelle districto, apezar da opposição que n'elles achou, sendo-lhe necessario valer de todo o seu esforço contra a contumacia com que lhe resistiam, porque na posse da liberdade natural reputavam em menos as vidas que a sujeição do poder estranho. Mas vencidos em varios encontros e batalhas por Martim Affonso, para que com maior merecimento e gloria fizesse as suas fundações, erigiu a villa de S. Vicente e a de Santos, ambas em uma ilha, e deixando-as estabelecidas e seguras, voltou para o reino, donde tornou a passar á India no anno de mil e quinhentos e quarenta e dois a succeder a D. Estevam da Gama n'aquelle superior governo, ultimo emprego dos nossos maiores capitães nas portentosas conquistas da Asia, conseguindo em satisfação de tantos serviços o appetecido e grande logar de conselheiro d'estado em Portugal.

102. É cousa digna de reflexão, que sendo esta a primeira provincia

que se fundou na nossa America, e tendo florescido opulenta em fabricas de engenhos e outras lavouras, donde se proviam n'aquelles principios quasi todas as povoações do Brazil, de presente não conserve sombras da sua grandeza, carecendo até dos vestigios para credito da sua memoria; e que tambem de cabeça da provincia perdesse a villa de S. Vicente a dignidade, que passou á de Santos, e agora está na cidade de S. Paulo, chamada antes villa de Piratininga, não existindo na primeira mais que a egreja matriz com a invocação do Santo, e uma capella de Santo Antonio, pequena pela fabrica e grande pelos milagres que continuamente está obrando em todos os que a visitam, e n'aquelles moradores que a frequentam, os quaes foram em outro tempo muitos, e não passam hoje de oitocentos vizinhos. O genero de que não perdeu totalmente o trato, são os toucinhos tão extremados que competem com os melhores de Europa, porque se criam n'ella porcos tão grandes, que se lhes esfolam as pelles para botas e couros de cadeiras, em que provam melhor que o das vaccas.

103. Distante da villa de S. Vicente duas leguas por terra está a villa de Santos; tem egreja matriz com a mesma invocação, collegio dos padres da Companhia com a de S. Miguel, um hospicio dos monges de S. Bento com a de Nossa Senhora do Desterro, Misericordia, um convento dos religiosos Capuchos de Santo Antonio, e no logar mais elevado da villa uma ermida de Nossa Senhora de Monserrate dos proprios monges de S. Bento. No meio da povoação teem os religiosos do Carmo uma egreja de Nossa Senhora da Graça, e fóra d'ella ha uma capella de Nossa Senhora das Neves de um morador particular, e duas dos padres da Companhia com o [illegible] de S. Francisco Xavier; tem mais de dois mil vizinhos, governador é ouvidor da profissão litteraria, sendo esta villa e a de S. Vicente abundantissimas de tudo o preciso para sustento e regalo da vida humana.

104. De todos os generos de carnes criam copia grande, em summo grau gostosas; os pescados muitos, os mariscos excessivos, e algumas ostras de tanta grandeza que as conchas d'ellas (como de madreperola por dentro) servem de pratos de mesa; outras se acharam tão portentosas que serviram de ministrar agua ás mãos; e ha tradição que indo visitar esta provincia o bispo da Bahia D. Pedro Leitão, em uma concha d'estas lhe lavaram os pés como em bacia. Da multidão de marmelos, que em cargas innumeraveis vão de S. Paulo a estas villas, se fazem n'ellas, especialmente na de Santos, tão perfeitas marmeladas, cruas, de sumos, e marmelos em conserva, que não só abundam a todo o Brazil, mas chegam a Portugal. Nos seus reconcavos ha algumas moendas, que só fazem agua-ardente de cana, reliquias dos muitos engenhos que tiveram em outro tempo.

105. Ha forças nos seus districtos bastantes para a sua defensa. Na barra grande de Santos, distante da villa meia legua pelo rio abaixo, tem uma grande fortaleza fabricada com toda a regularidade em duas baterias, com muitos canhões e estancias para o commodo dos soldados que entram n'ella de presidio todos os mezes; tem capitão que a governa, está posta na ponta de um outeiro junto ao rio; sobre outro monte lhe fica eminente uma ermida de Santo Amaro. Fronteira a esta fortaleza, na parte de terra, se principiou uma que ainda se acha imperfeita; da outra parte do rio está a fortaleza de Santa Cruz da Itapema, de egual porte e fabrica, com boa artilheria; na barra da Bertioga ha um forte de torrão, com artilheria e commodos para os soldados; dentro da villa de Santos, junto ao collegio dos padres da Companhia, um reducto com alguns canhões; as fortalezas teem seus proprios capitães: esta provincia foi conquistada aos gentios da nação Guaynazes que a possuiam.

106. Na propria altura da provincia de Martim Affonso de Sousa tomou seu irmão Pedro Lopes de Sousa o outro numero de leguas das cincoenta da sua doação, e fundou uma capitanía com o nome de Santo Amaro, de que é hoje cabeça a villa de Nossa Senhora da Conceição; principia a sua jurisdicção no estreito de Santos, onde está a villa d'este nome rodeada do mar e tres leguas por costa distante da de S. Vicente, ficando as duas capitanías tão juntas e misticas, que esta vizinhança foi causa dos muitos pleitos que se moveram depois entre os successores dos dois donatarios, os marquezes de Cascaes e os condes da Ilha, sobre as suas demarcações e pelo dominio de algumas villas que ambas as partes allegavam pertencer-lhes.

107. As que se comprehendem nas jurisdicções de ambas as capitanías para a parte do mar, são a de S. Sebastião, em cujo termo ha um convento de religiosos de Santo Antonio; a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhahem, com outro convento do mesmo Santo; S. Vicente, Santos, Paraty, Ubatuba, Igoape, onde ha um prodigioso santuario de uma imagem de Nosso Senhor á Columna, que incessantemente está obrando milagres; Paranagoá, Cananéa, Rio de S. Francisco do Sul e a Alaguna. As villas da serra acima são Jacarahi, Penhamunhangaba, Goaratinguitá, Corutubá, Sorocaba, Utú, Jundiahi, Paranahyba, Taubaté, Mongí, onde ha um convento dos religiosos do Carmo, e a de Piratininga, hoje cidade de S. Paulo e governo geral, a quem todas ellas estão sujeitas.

108. A região de S. Paulo, eminente e arrebatada ao mais alto d'aquelle hemispherio, aonde se sobe pela ingreme e dilatada serra de Parananpiacaba, foi no seu principio villa chamada *Piratininga,* e de presente é cidade do nome do glorioso Apostolo seu tutelar, e um dos tres governos que na repar-

tição do sul são entre si independentes e só sujeitos ao governador da Bahia, capitão geral de todo o Estado. Tem a cidade egreja matriz, Misericordia, collegio dos padres da Companhia, conventos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de Santo Antonio dos Capuchos, de S. Bento e das Recolhidas com a invocação de Santa Thereza. Tem mais a egreja de Nossa Senhora do Rosario dos pretos, a ermida de Santo Antonio e fóra da cidade outra egreja de Nossa Senhora do Jagoaré.

109. É regaladissimo este paiz de muitas flores e fructas de Portugal, das quaes fazem aquelles moradores diversas conservas, e dos marmelos as mais finas marmeladas e já de presente excellente geléa. Abunda de muitos generos de mimosas carnes e caças gostosissimas; cultiva no seu termo muitas quintas deliciosas; tem no seu reconcavo e nos de algumas das suas villas grandes searas de trigo, cujo grão é maior e mais alvo que o de Europa. Do districto de S. Paulo até o Rio da Prata habitam os Tapuyas, os Carijós e outras innumeraveis nações de gentios.

110. Vai esta região continuando-se até o Rio da Prata, onde temos a Nova Colonia do Sacramento, a qual está em altura de trinta e cinco graus e fica leste oeste com a barra do dito rio, que se corre ao mesmo rumo e por elle acima na distancia de sessenta leguas defronte da cidade de Buenos Ayres. Da sua boca até a nossa colonia ha seis rios, dos quaes só em tres se entra, que são o de Santa Luzia, o da Conceição e o do Rosario; os outros são tão baixos nas bocas, que só nas grandes enchentes do rio se podem entrar, e por esta causa lhes chamam seccos. O paiz é extremosamente raso, e contém a maior campanha que se acha em as duas Americas, sem arvoredo algum, excepto pelas margens de alguns regatos sem cabedal nem nome; porém o clima e o terreno são de fórma proprios para a producção das flores, fructos e sementeiras de Europa, como experimentam os nossos povoadores nos muitos e deliciosos jardins, pomares e searas que teem já cultivado n'aquelle fructifero e vasto paiz.

111. Tem egreja matriz com a invocação do Santissimo Sacramento, um convento dos padres da Companhia com o nome de S. Francisco Xavier, uma ermida de Santa Rita e fóra da praça para a parte do norte outra de Nossa Senhora do Bom Successo. A povoação com a frequencia das nossas embarcações se acha de presente mui augmentada em numero de casas, moradores e culturas, e seria já populosa, se não foram os repetidos cercos que os Castelhanos pozeram á nossa fortaleza, sendo uma vez demolida pelos seus cabos, e outra abrazada pelos nossos, como a seus tempos e em seus proprios logares irá mostrando a historia. A fortaleza tomou a invocação e o nome das ilhas de S. Gabriel, que estão no rio fronteiras e uma legua distan-

tes. É quadrada com quatro baluartes; no tempo da ultima guerra se tiraram duas linhas de communicação d'ella ao rio, servindo esta estrada coberta assim para receber com maior segurança os soccorros por mar, como para lhe augmentar o recinto. Tem governador que rege a colonia, um sargento mór do presidio, outro da praça, duas tropas de cavallaria, muitos soldados, boa artilheria e estancias capazes de recolher a gente da povoação em tempo de guerra; o numero de moradores entre infantes, colonos e escravos, chega a duas mil pessoas.

112. Temos descriptas as quatorze provincias da nossa America desde um grau da parte do norte até trinta e cinco do sul, contando-se n'esta distancia as mil e cincoenta e seis leguas de costa, de que está de posse o sceptro lusitano, e não incluindo n'este numero as enseadas, em que se encurvam as suas praias. Muito mais se estende a nossa demarcação, lançada e medida a linha da divisão entre os monarchas portuguez e castelhano, pela qual chega a parte que nos toca ainda cento e setenta leguas adeante até á Bahia de S. Mathias, que está em altura de mais de quarenta e quatro graus, onde se metteram os marcos da corôa portugueza. D'estas provincias oito foram de donatarios e seis realengas; mas hoje são onze de sua magestade, e tres estão em dominios particulares: a do Porto Seguro na casa de Aveiro, a de Itamaracá na de Cascaes, e a dos Ilheos na do almirante de Portugal, sendo de mais d'este numero as capitanías de outros donatarios, que se incluem no corpo da nossa região e nos districtos das mesmas provincias.

113. N'ellas ha doze cidades, sessenta e sete villas, muitos logares e grandes povoações, quatro bispados e um arcebispado, innumeraveis pias baptismaes em parochias de grandissimos districtos. Nas praças e fundações principaes ha classes de grammatica, humanidades, philosophia, theologia speculativa e moral, particulares nos conventos para os seus religiosos, e geraes nos collegios da Companhia. D'ellas teem saído os naturaes do Brazil não só a lerem nas mesmas cadeiras, mas a occuparem outras na doutissima universidade de Coimbra, e a vagarem por muitas partes da Europa, ostentando o natural engenho com que a natureza os habilitara para todas as sciencias, saindo em muitas consummados, em serviço do rei e gloria da patria.

114. Não são menos extremados os seus talentos no espirito guerreiro e no exercicio bellico, porque cursando as aulas e as campanhas, teem dado bem a conhecer que só em o nome se distinguem Minerva e Pallas, fazendo em todas as partes em que concorreram e em todos os tempos, de ambas as faculdades relevantes provas, havendo occupado n'ellas autori-

sados logares e empregos grandes, pois assim como na patria lhes não faltaram doutissimas escolas para aprenderem as sciencias, lhes sobraram theatros marciaes para exercitarem as armas; diga-o repetidas vezes o Brazil, infestado e accommettido por varios inimigos naturaes e estrangeiros; e com maior gloria a provincia de Pernambuco, cujas campanhas, pelo curso de mais de vinte e quatro annos, foram palestras do maior furor de Marte.

115. É muito para ponderar, que tendo chegado a nossa America a tanta opulencia, havendo crescido o numero dos engenhos, a cultura das canas, a fabrica dos tabacos, a abundancia dos couros, a copia das lavouras e manufacturas, as producções de tantos generos ricos, e finalmente as copiosas enchentes de oiro tão subido, se achem algumas casas (em outro tempo muito ricas) hoje pouco poderosas ou quasi exhaustas, porque crescendo com a multidão dos moradores o preço dos viveres e o valor dos generos de que pendem todas as suas fabricas, o luxo e prodigalidade com que gastam as suas riquezas, sendo mais faceis em dispendel-as que em adquiril-as, os accidentes do tempo, que sempre correm apoz da roda da fortuna, são causas pelas quaes se acham muitos com moderados bens, poucos com cabedaes excessivos; uns não se devem ter por pobres, outros não se pódem chamar opulentos, porque n'este quasi equilibrio de substancia se vai hoje pondo o corpo racional d'esta região, cujos membros tiveram em outro tempo forças mais proporcionadas á sua grandeza.

116. Ha mui claras familias de conhecida nobreza divididas por todo o Brazil; porque, posto que a elle vieram sempre (como para todas as outras conquistas do reino) réos punidos pela justiça, tambem em todos os tempos, convidados da grandeza d'estes paizes, passaram a habilital-os muitos sujeitos oriundos de nobilissimas casas de Portugal; e sendo ramos de generosos troncos transplantados a este clima, produziram fructos de continuada descendencia, que não degeneram das suas origens, antes as acreditam.

117. Dos filhos da nossa America houve um bispo de Ceuta, promovido a bispo de Angra; um abbade de Albania, muitas dignidades prebendadas e claustraes, um governador e capitão geral do estado do Brazil, cinco que em concurso de outros companheiros exerceram o mesmo posto, tres capitães geraes do estado do Maranhão, dois governadores de Pernambuco, quatro do Rio de Janeiro, dois de Angola, outro de S. Thomé e dois de Cabo Verde, tres conselheiros ultramarinos e outro que teve a mercê, e por não poder passar a Lisboa não teve o exercicio, doze ou quatorze mestres de campo, dois commissarios da cavallaria, muitos capi-

tães de cavallos e de infanteria; não contâmos os que governaram as outras nossas provincias com o posto de capitães-móres, por serem innumeraveis.

118. Na profissão das letras teve muitos collegiaes, mestres e oppositores na insigne universidade de Coimbra, um desembargador do paço e chanceller mór do reino, um chanceller da relação da Bahia, um desembargador dos aggravos da supplicação de Lisboa, muitos ministros de beca nas relações de Portugal, da Bahia e da India, outros de varas em diversos bancos e judicaturas do reino e das conquistas. Nos logares civeis e politicos, muitos juizes dos órphãos, cinco provedores da fazenda real na Bahia, tres em Pernambuco, quatro no Rio de Janeiro, um védor na India e muitos alcaides-móres por todas as provincias do Brazil; de uns e outros, por não interrompermos a historia, calamos n'este logar os nomes, que irão no fim d'ella, por lhes não faltarmos com a memoria.

119. Saem da nossa America portugueza para todos os portos do reino em cada um anno cem navios, umas vezes com maior, outras com menos carga, mas sempre com tanta, que commutando a de uma com a de outra frota, carregam vinte e quatro mil caixas de assucar de mais de trinta arrobas cada uma; mais de tres mil feixos de seis e de oito, e de duas mil caras de arroba; dezoito mil rolos de tabaco de oito até dez arrobas; cem mil meios de sola; cinco para seis mil couros em cabello; muitos milhões de oiro em pó, barras e moedas. Levam os navios, além dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço, ambar, balsamo, cravo, cacau, baunilha, gengibre, canela, algodão, anil, oleo de copahuba, madeiras de valor, pau brazil, condurú, sassafraz, jacarandá, violete, vinhatico, tapinhoan, jataypeba, angelim e cedro: quatro fragatas da coróa conduzem cada anno da Bahia e de Pernambuco portentosos lenhos, admiraveis na medida, na fortaleza e na incorrupção, dos quaes se fabricam no arsenal ou Ribeira das Naus de Lisboa soberbos galeões, além dos muitos que se gastam na d'esta cidade com a mesma fabrica de naus, das quaes teem saído muitas, que com admiração viram Europa e Asia.

120. Quasi outro tanto numero de embarcações menores navega para a costa da Ethiopia a buscar escravos para o serviço dos engenhos, minas e lavouras, carregando generos da terra (menos o oiro, que algum tempo levavam e hoje se lhes prohibe), algum assucar e mais de cincoenta mil rolos de tabaco da segunda e terceira qualidade, gastando-se na terra por toda a região mais de seis mil e de duas mil caixas de assucar.

121. Os direitos de todos os referidos generos nas alfandegas do reino, o rendimento do oiro nas minas e do estanco do tabaco em Lisboa, os contratos annuaes e triennaes por toda a nossa America, os dez por cento,

as senhoriagens das Casas da Moeda, os direitos dos escravos que se vão buscar á costa de Africa e os d'aquelles que se despacham para as minas, importam á fazenda real um consideravel numero de milhões, dos quaes grande parte se dispende na nossa propria região em soldos, ordenados, congruas, aposentadorias, mercês ordinarias, missões, ajudas de custo, esmolas, naus de guarda-costa e fortificações, luzindo em tudo a magestade, grandeza e liberalidade do nosso augusto monarcha.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO TERCEIRO

Governo de Thomé de Sousa — Fundação da cidade da Bahia — Vinda dos religiosos da Companhia — Governo de D. Duarte da Costa — Vinda do primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha; sua morte e elogio — Governo de Mendo de Sá — Morte e elogio del-rei D. João o III — Passa duas vezes Mendo de Sá ao Rio de Janeiro contra os Francezes; de ambas os vence—Morte do 2.° bispo D. Pedro Leitão; seu elogio—Toma el-rei D. Sebastião posse da monarchia — Manda por governador a D. Luis de Vasconcellos — Infelicidades d'aquella frota — Martyrio dos quarenta religiosos da Companhia, e do veneravel padre Ignacio de Azevedo; seu elogio — Vem por governador Luis de Brito de Almeida; seu governo — Morte do governador Mendo de Sá; seu elogio — Governo de Lourenço da Veiga; sua morte — Succedem-lhe o Senado da Camara e o ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo — Perda del-rei D. Sebastião em Africa — Succede na corôa o cardeal D. Henrique — Morre sem declarar successor — Oppositores ao reino — Prevalece Filippe o Prudente, rei de Castella — Fundam casas no Brazil os religiosos do Carmo e de S. Bento — Guerras dos Hollandezes com Castella — Motivos d'ella — Invadem as conquistas de Portugal, em odio da monarchia de Hespanha — Ruinas que experimenta aquella corôa por varias causas — Governo de Manuel Telles Barreto; sua morte — Succedem-lhe o bispo D. Antonio Barreiros e o provedor-mór Christovam de Barros — Governo de D. Francisco de Sousa — Fundam casas os religiosos de S. Francisco — Morte do bispo D. Antonio Barreiros — Milagre de Santo Antonio de Arguim — Notavel seculo de mil e seiscentos — Governos de Diogo Botelho, D. Diogo de Menezes e D. Luis de Sousa — Morte do bispo D. Constantino Barradas; seu elogio — Succede no Governo Diogo de Mendoça Furtado.

Escolhida por tantas e tão relevantes qualidades a Bahia para cabeça do Brazil, mandou el-rei D. João III por primeiro governador d'ella e capitão geral de todo o Estado a Thomé de Sousa, por nascimento illustre e por prerogativas benemerito da confiança que fez da sua pessoa para um governo grande e novo, de cujos principios pendia o estabelecimento do dominio portuguez na America, e a boa direcção do imperio que vinha a fundar; e não se arrependeu aquelle monarcha da escolha, porque as acções e procedimentos do governador qualificaram a eleição. Tinha servido em Africa e Asia, com tantas provas de valor no exercicio militar, como experiencias do governo politico, e só lhe faltava fazer tambem a America theatro das suas glorias na conquista dos gentios e na instituição da republica, alcançando victorias com as armas e impondo leis com os preceitos. Chegou no anno de mil e qui-

nhentos e quarenta e nove, em uma frota de cinco naus, que conduziam luzida gente e todos os aprestos precisos a uma grande conquista e fundação.

2. Desembarcou na Villa Velha, e reconhecido o sitio, passou a povoação para o em que permanece a cidade, pelas conhecidas vantagens que n'elle concorriam para assento da côrte d'este Estado. Erigiu-a com o nome de S. Salvador, além do que já tinha a sua enseada, de Bahia de Todos os Santos; para defender dos gentios aos novos moradores, mandou cercal-a de muros de taipa, não podendo com a brevidade que era precisa fabrical-os de outra materia. Da mesma fez levantar a egreja matriz, o palacio dos governadores, a casa da Camara e a Cadeia, nos proprios logares em que depois se fabricaram com sumptuosidade. Deu fórma ás praças, ás ruas e a tudo o que conduzia á fundação da republica, á qual trouxe sacerdotes para ministros da Egreja, ao doutor Pedro Borges para ouvidor geral e director da justiça, e a Antonio Cardoso de Barros para provedor da fazenda real, cuja arrecadação vinha a estabelecer.

3. A Villa Velha havia sido fundada meia legua distante da cidade para o sul, vizinha á barra, de alegre e dilatada vista, pelos grandes horisontes maritimos que descobre, porém com portos menos acommodados para as embarcações, assim por alguns recifes que estão pelas suas praias, como por bater n'ellas furioso o mar. Hoje nem as suas ruinas permanecem, para darem vestigios da sua grandeza; só a sua memoria se conserva pela tradição. Todo aquelle terreno se acha occupado de fazendas de arvoredo; as suas ribeiras, de fabricas de pescarias. É retiro agradavel pela frescura e amenidade do territorio, devotissimo com a igreja matriz de Nossa Senhora da Victoria, com a de Nossa Senhora da Graça, abbadia dos monges de S. Bento, e a de Santo Antonio, casa de recreio dos arcebispos da Bahia.

4. Em a nau que trazia ao governador, vieram capitaneados pelo reverendo padre Manuel da Nobrega os primeiros soldados que viu o Brazil, da Companhia de Jesus, inclita milicia do grande Santo Ignacio de Loyola, cujo sagrado instituto, principiado poucos annos antes, já caminhava á conquista de todo o mundo pelos seus doze companheiros em Italia, Hespanha, França e Allemanha; pelo insigne padre Simão Rodrigues em Portugal; pelo glorioso S. Francisco Xavier na Ásia, e pelos veneraveis padres Anchieta, Nobrega e da Grãa no Brazil; plantas que apenas produzidas em vergel novo, enchiam a toda a terra de sasonados fructos, dando almas ao céo, triumphos á Egreja e exemplos ao mundo, em prova e extensão da nossa fé, buscando o martyrio, derramando o sangue e desprezando e perdendo as vidas.

5. Crescendo depois as povoações, foram dilatando o fervor de tal sorte, que ao tempo em que os soldados conquistavam terras, ganhavam estes novos guerreiros almas; e ainda além do que penetravamos com as armas, chegavam elles com o espirito, afervorando aos catholicos e compondo-os nas suas differenças, catechisando aos gentios e fazendo-os deixar as suas barbaridades, defendendo a uns do captiveiro, a outros das vexações, e curando em todos as enfermidades do corpo e da alma. Foram fundando muitas casas por todas as capitanías do Brazil, penetrando todos os sertões, baptisando innumeraveis aldeias, e trazendo-as ao gremio da Egreja e ao trato domestico das gentes. Varões verdadeiramente apostolicos, dignos das muitas possessões que teem n'esta região, cujas rendas dispendem religiosa e piamente no culto das suas egrejas, na sustentação dos seus religiosos e de infinitos pobres, a quem soccorrem com o quotidiano mantimento e outras tão precisas como liberaes esmolas.

6. Posto que Catharina Alvares, como senhora dos gentios d'esta provincia, lhes ordenou reconhecessem por soberano a el-rei de Portugal na pessoa do seu governador; como o poder que tinha sobre estes seus barbaros vassallos não era tão despotico que bastasse a obrigal-os em novo senhorio a mudar de vassallagem, passando de um reconhecimento que parecia decoro, a uma sujeição que tinham por jugo, foi preciso a Thomé de Sousa introduzir-lhes com as armas a obediencia, achando umas vezes mais opposição, outras menos resistencia, mas em todas grande fortuna, a qual fez tributaria do seu valor nas suas emprezas em todo o tempo do seu governo, que foram quatro annos, por cujas horas se lhe podem contar as felicidades, a que não deixaram de corresponder os premios, porque el-rei o fez seu védor, cargo que continuou no serviço da rainha D. Catharina e de seu neto el-rei D. Sebastião.

7. No posto de governador e capitão geral lhe succedeu D. Duarte da Costa, armeiro-mór, que chegou á Bahia no anno de mil e quinhentos e cincoenta e tres, e seguindo os exemplos do seu antecessor no logar e dos seus antepassados no sangue, obrou como elles no valor e no zelo. Continuou as conquistas e favoreceu as missões, crescendo umas e outras asseguradas nas victorias que alcançou de muitos gentios, uns ainda incultos, e outros, depois de sujeitos, rebellados. Repartiu terras pelos moradores, umas em satisfação de serviços obrados n'aquellas emprezas, outras para augmento do Estado, em pessoas que as podiam povoar e defender dos barbaros. Foi logrando todas as suas disposições com fortuna igual á grandeza do seu talento e da sua christandade, pólos em que existiam seguros os seus acertos. Só julgou pensionadas as suas felicidades com a desgraça acontecida no tempo

do seu governo ao bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro do Brazil, e aos outros passageiros, que embarcados com elle para Portugal, compellidos de uma irreparavel tormenta, dando á costa a sua nau no Rio de S. Francisco, foram mortos e comidos pelos barbaros Cahetés.

8. Tinha chegado á Bahia no anno de mil e quinhentos e cincoenta e dois, e depois de haver governado quatro a sua Egreja, passava a Portugal, se com licença del-rei, ou sem ella, se ignora; mas sabe-se que entre elle e o governador D. Duarte da Costa passaram em materia de jurisdicção aquellas controversias de que costumam resultar grandes enfermidades ao corpo politico, quando as cabeças não teem as intelligencias tão conformes e similhantes como as de Geryão. Procedia o bispo com rigor contra alguns dos moradores, a quem a liberdade de uma nova conquista tinha feito complices de alguns delictos que podiam emendar-se com menor castigo, em menos prejuizo da republica, a qual carecia de sujeitos para se augmentar. Defendia o governador a regalia do poder real; puxava o bispo pela jurisdicção da sua dignidade, e ambos cumpriram a sua obrigação. Porém pouco satisfeito este prelado, passava ao reino a communicar as suas queixas, ou (como tambem se entendeu) outras materias graves a el-rei D. João III, quando lhe aconteceu o infausto successo que temos referido.

9. D. Pedro Fernandes Sardinha nasceu de nobres paes na villa de Setubal; estudou as faculdades maiores na universidade de Paris, onde se achava quando áquella côrte do reino de França foram levados Catharina e Diogo Alvares Correia. Foi clerigo do habito de S. Pedro, vigario geral da India e primeiro bispo do Brazil, onde em quatro annos de pastor exerceu muitas virtudes de prelado. Passando ao reino, naufragou lastimosamente, sendo comido pelos gentios contrarios á nossa religião, em odio da nossa fé, no anno de mil e quinhentos e cincoenta e seis; e piamente podemos crêr se lhe converteu a mitra de bispo em laureola de martyr. Não deixou na terra sepulchro em que se guardem respeitadas as suas cinzas, mas tem nas nossas attenções deposito em que estão vivas as suas memorias.

10. Fez D. Duarte da Costa muita guerra aos gentios d'esta provincia, e os venceu em todas, ampliando mais o termo da cidade, e dilatando o seu reconcavo com lhe afugentar aquelles barbaros para o interior do sertão. Em todos os conflictos lhe foi companheiro seu filho segundo, e do seu proprio nome, a quem dava em premio os perigos, empregando-o em capitanear os exercitos, e pondo-o por primeiro alvo das frechas inimigas. Para estas emprezas foi mui soccorrido das armadas do reino, que todos os annos lhe mandava el-rei com muita gente, assim voluntaria como obri-

gada, uma a impulsos do seu valor, outra em cumprimento dos seus degredos; d'esta se ficou sempre conhecendo a descendencia, para se desegualar da successão da outra.

11. Em attenção dos serviços que fizera D. Duarte da Costa governando o Brazil, alcançou seu neto D. Gonçalo da Costa, armeiro-mór, para si e para todos os seus descendentes, na provincia da Bahia, a mercê real de uma capitanía, com o titulo de capitães e governadores d'ella. Contém a porção de terra que ha entre os rios Paraguassú e Jaguaripe, correndo por elle seis leguas ao sertão, e indo acabar por cima do Aporá na serra do Gararú; porém os possuidores d'ella se contentam com o titulo de donatarios de Paraguassú, sem fazerem villa em que encabeçar a jurisdicção civil e politica d'aquella capitanía, e a tem dividida em datas a varios colonos que n'ellas lavram grandes propriedades, de que colhem grossas rendas, pagando aos seus donatarios competentes foros. Continuava D. Duarte da Costa no governo do Brazil, cujas redeas moveu perto de cinco annos, quando no de mil e quinhentos e cincoenta e oito lhe chegou successor.

12. Veiu a succeder-lhe no mesmo posto de governador e capitão geral Mendo de Sá, tão grande soldado como catholico, em cujo talento estavam em equilibrio os exercicios da milicia e do espirito; e sendo em ambos admiravel, não parecia mais capitão que religioso. Com estas qualidades alcançou muitas victorias dos gentios inobedientes; fez situações, erigiu egrejas e novas aldeias para os feudatarios, defendendo-lhes a liberdade do captiveiro que lhes iam introduzindo os moradores, primeiro por necessidade, depois por tyrannia. Contra esta sujeição e os abusos que na laxidão da vida em alguns Portuguezes havia, publicou gravissimas penas, que a occasião fazia parecerem rigorosas, mas o tempo mostrou que foram uteis e não puderam deixar de ser necessarias. Pediram-lhe os habitadores da capitania do Espirito Santo soccorro contra os gentios rebellados, de quem recebiam grandes hostilidades, e temiam maiores ruinas.

13. O governador lho enviou por seu filho Fernando de Sá em um luzido soccorro, que livrou aos habitadores d'aquella provincia do grande aperto em que estavam, pelo cerco em que os tinham os gentios, e n'este successo consistiu a salvação das suas vidas e fazendas. Receberam a Fernando de Sá como a filho do general do Estado e unica esperança do seu remedio. Mostrou elle em poucos annos muito valor, e accommettendo aos inimigos, lhes deu uma famosa batalha, em que vencendo aos barbaros e assegurando aquelles moradores, perdeu a vida; desgraça que o governador sentiu em menos que as consequencias da victoria, as quaes assegu-

ravam do perigo a toda aquella provincia; sendo em Mendo de Sá inferiores os impulsos da natureza ás obrigações do cargo, e ficando n'esta adversidade tão gloriosa a memoria do filho como a constancia do pae.

14. Com a sua actividade, experiencia e valor, se engrandeciam a cidade, povoações e lavouras da Bahia, se expediam as missões e se penetravam os continentes, trazendo d'elles gentios e formando-lhes aldeias vizinhas aos povos, para se lhes frequentarem os sacramentos e os encaminharem ao trato christão e domestico. Porém novo accidente obrigou ao governador a deixar a cabeça do Estado, por acudir aos membros d'elle que careciam de prompto remedio, para evitar o mal que ao coração ameaçava um inimigo estranho, de cuja expulsão (em que eram evidentes os perigos) pendia a conservação e augmento da monarchia.

15. Como principiámos estas conquistas com poder inferior ao que requeria tão grande empreza, não podendo ao mesmo tempo acudir a tantas e tão distantes partes, quantas comprehende a nossa vastissima região, os Francezes, que não sabem perder passo em adiantarem a gloria da sua nação e o interesse do seu commercio, tendo noticia do descobrimento do Novo Mundo e das suas riquezas, enviaram a ambas as Americas muitas naus dispersas, a buscarem aquellas utilidades que fiavam do seu valor e importavam ao seu negocio. Com ellas pelejaram nos nossos mares Pedro Lopes de Sousa e Luiz de Mello da Silva, quando discorriam por estas costas; duas metteu a pique Christovam Jacques na barra do rio Paraguassú; e os achámos mettidos com os gentios Petiguares nas provincias da Parahyba e de Itamaracá; com os Cahetés na de Pernambuco e no Rio de S. Francisco; na de Sergipe com os Tupinambás; em Cabo Frio e na enseada do Rio de Janeiro com os Tamoyos; e ultimamente os expulsámos da ilha de S. Luiz do Maranhão, onde commerciavam com as muitas e varias nações que habitavam aquelle Estado.

16. Havia alguns annos que Nicolau de Villegaillon, natural do reino de França e cavalleiro do habito de S. João do Hospital, bellicoso por natureza e por religião, vagava com alguns navios á sua custa armados, buscando presas, estimulado da cobiça ou do valor; e navegando os mares do Brazil, surgiu em Cabo Frio, onde introduzido com industria ou affabilidade, achou nos gentios habitadores d'aquelle porto (hoje cidade) boa correspondencia e agrado, tratando-o como amigo, e carregando-lhe os navios de pau vermelho, droga importantissima entre as nações de Europa, e que bastara a recompensar-lhe as despezas da viagem, a não ser o fim d'ella ordenado a mais relevantes interesses e emprezas. Soube que os gentios que habitavam a enseada do Rio de Janeiro, estavam em rija e porfiada

guerra com os Portuguezes moradores em a villa de Santos e na de S. Vicente, que então tinha o dominio de todas as nossas povoações do sul.

17. Voltou para França, e prevenindo competentes forças aos impulsos com que o seu animo o estimulava a emprezas grandes, e a sua ambição a não pequenas conveniencias, tornou com avantajado poder, e entrou n'aquella enseada com egual fortuna, promettendo aos gentios mais util e segura amizade que a dos Portuguezes, de cujas armas os defenderia com todo o poder da nação franceza. Foram ouvidas pelos gentios, em odio nosso, as suas promessas, e sendo por elles recebido em firme alliança e companhia, fortificaram todos os logares em torno d'aquelle golfo, em singular conceito e expectação do valor e bondade de Villegaillon, de cuja disciplina e amizade fiavam a expulsão dos Portuguezes de toda a repartição do sul; e havia já quatro annos que estava na posse d'aquella porção de terra, dominando aquelle mar na confederação dos naturaes, menos barbaros com o seu trato, posto que pela sua natureza mais indomitos que todos os do Brazil.

18. Causavam ao governador Mendo de Sá estas noticias tão grande cuidado, quanto era relevante a materia d'ellas, na debilidade de forças em que se achava o Estado para a expulsão de inimigos europeus e francezes, praticos na milicia, arrojados na resolução, empenhados na empreza, e unidos em apertada liga com aquelles gentios, tão esforçados e destros que eram o terror de todas as outras nações da America, a emulação do nome portuguez, e por aquella parte o freio das nossas victorias; porém não podendo Mendo de Sá reprimir o valor, nem perdoar a injuria que recebia a nação portugueza na dissimulação de uma offensa, que já tocava mais na honra que no interesse da monarchia, determinou ir logo contra elles com o exercito, naus e militar apparato que lhe fosse possivel ajuntar.

19. Estavam a cidade da Bahia e o seu reconcavo faltos de tudo o que era preciso para tanta empreza. Não havia navios; era pouca a gente, por se achar muita no emprego da conquista dos gentios, cuja guerra, posto que porfiada, era mui differente da que agora emprehendia com a nação franceza, tão conhecidamente valerosa; havia poucos instrumentos proprios e precisos para as expugnações. Os viveres e vitualhas não eram proporcionados para a facção; porém o governador supprindo tudo com a sua pessoa, com poucos soldados que poude levar, alguma gente voluntaria que o quiz seguir, os petrechos e mantimentos que se acharam, tres naus de guerra e oito navios menores que no porto da Bahia escolhera mais capazes d'esta expedição, havendo mandado aviso ás villas de S. Vicente e Santos, que lhe tivessem prompto o soccorro de canoas, partiu para o Rio

de Janeiro, visitando as provincias dos Ilheos, Porto Seguro e do Espirito Santo, as quaes lhe contribuiram gente e mantimentos.

20. Com viagem prospera avistou Mendo de Sá a barra do Rio de Janeiro (cuja forma já deixámos descripta) e tendo determinado entral-a de noite, para com improviso e inopinado assalto render as forças dos inimigos, um accidente o fez mudar de resolução; porque sendo descoberta a nossa armada pelas suas vigias, se tinham preparado para a defensa, e foi preciso ao governador esperar de fóra os soccorros que mandara prevenir em Santos e S. Vicente, os quaes chegando promptissimos, entrou pela barra a todo o risco das suas naus, sem temer as defensas dos contrarios; e começando a bater a ilha, que do seu povoador tomara o nome, e estava natural e militarmente fortificada, e defendida pelos gentios e Francezes (posto que Villegaillon se achava em França), contra todo o poder das forças inimigas ganhou terra n'ella; mas parecia inconquistavel pela natural muralha de penhas que cercava toda a sua circumvallação, e resistia ás incessantes balas da nossa artilheria, que em tres successivos dias não tinham obrado effeito consideravel.

21. Vendo o governador Mendo de Sá que ao seu valor resistia mais a natural fortaleza do sitio que a grande constancia dos inimigos, dispoz que a força vencesse a natureza; triumpho raro, mas nos apertos maiores pelos corações generosos fortes muitas vezes conseguido. Tal foi esta resolução, porque investindo a peito descoberto uma elevação da ilha que chamam o sitio das Palmeiras, o ganhou, e animados os Portuguezes com tão feliz successo, proseguiram o combate, no qual de ambas as partes se obravam valentissimas acções, filhas do esforço, da arte e da porfia; nós por conquistarmos as terras, os inimigos por defenderem as vidas; porque perdendo já as esperanças de conservarem o dominio, os Francezes nos seus bateis e os gentios nas suas canoas se salvaram, penetrando o continente d'aquelle sertão, e deixando aos Portuguezes lograr as palmas de uma gloriosa victoria, em cujo seguimento passámos á terra firme e lhes destruimos quantas fabricas tinham e todas as suas lavouras, tantas, que podiam sustentar um cerco dilatado.

22. Ganhada a ilha e toda aquella grande enseada, se fizeram acções de graçascom solemne missa, a primeira que n'aquelle sitio se celebrou ao verdadeiro autor das victorias e Deus das batalhas. Tratava o governador de povoar e guarnecer de Portuguezes todos aquelles logares, mas foi dissuadido d'este intento com a maxima politica e militar de não enfraquecer o Estado dividindo-lhe as forças; conselho que saiu prejudicial, como logo veremos. Emfim, arruinando todas aquellas fortificações e recolhendo ás

nossas naus todas as armas e artilheria dos inimigos, como despojos ganhados com a nossa victoria, saiu a nossa armada para a villa de S. Vicente, donde depois de visitadas as povoações do sul, voltou para a Bahia, sendo recebido n'ella o governador em triumpho, e os soldados e mais pessoas d'aquella expedição com muitos applausos.

23. Mas não teve a espada muitos dias embainhada, porque chegando de ganhar esta victoria, lhe pediram soccorro os moradores da capitanía dos Ilheos contra os gentios d'aquelle districto, que lhes tinham arruinado e destruido todo o reconcavo da villa de S. Jorge, obrigando-os a recolher a ella o temor de perderem as vidas, que ficavam em evidente perigo pelo sitio rigoroso que lhe haviam posto os inimigos, sendo já poucos os mantimentos para o resistir mais tempo. Com a presteza que pediam a occasião e a necessidade, se embarcou Mendo de Sá para os Ilheos; e só a fama do seu nome causou áquelles barbaros tal terror, que levantando o sitio, se ausentaram. Mas o governador não satisfeito de haver remediado a presente oppressão d'aquelles moradores com a retirada dos gentios, entendendo que só os poderia segurar com o castigo, os seguiu muitas leguas, fazendo-lhes desamparar os seus domicilios e buscar o interior dos brenhas, deixando as suas lavouras, que conservaram os Portuguezes, e fizeram estancias com defensas para lhes resistir, se as intentassem recuperar, e ficando mais dilatadas as fabricas d'aquella capitanía com a distancia dos gentios, que não intentaram mais vingar-se das vidas que perderam os seus companheiros, nem restituir-se das terras que largaram.

24. Dentro em poucos annos foi preciso a Mendo de Sá tornar á empreza do Rio de Janeiro; porque como aos lirios francezes se não arrancaram de todo as raizes que tinham lançado n'aquelle terreno, lhes foi facil tornarem a florescer com as auras dos soccorros de França, e em breve tempo se viu a planta não só mais crescida, porém mais robusta, ameaçando suas novas forças resistencias novas ás quinas portuguezas. Estas noticias obrigaram á serenissima rainha D. Catharina, que governava o reino, a mandar á Bahia dois galeões com muita gente, governados por Estacio de Sá, sobrinho do governador, ordenando a seu tio, que com o maior poder que fosse possivel ajuntar-se na Bahia, enviasse ao sobrinho a expulsar de novo aos Francezes da enseada do Rio de Janeiro, senhorear a terra e povoal-a com gente portugueza.

25. Tinha passado á vida immortal e a melhor imperio, no anno de mil e quinhentos e cincoenta e sete, el-rei D. João III, monarcha a quem deve Portugal a sua conservação, o Brazil a sua conquista, e toda a monarchia o seu augmento; de quem recebeu a Egreja e a religião catholica

grandes cultos, e o povo christão o maior exemplo. Entre muitas virtudes de que era dotado, resplandecia no seu talento a paz, que sempre procurou conservar nos seus reinos, sendo a guerra que fazia nas conquistas, mais pela introducção da nossa fé e por reduzir o gentilismo ao verdadeiro conhecimento e preceitos d'ella, que por accrescentar dominios ao seu sceptro. Foi tão pio e generoso, que mais vezes se inclinava a faltar com o castigo que com o premio; admiravel na escolha dos sujeitos a quem encarregava as emprezas, e por esta causa sempre as conseguia. Tinha eleito no anno de mil e quinhentos e cincoenta e seis a Mendo de Sá por governador e capitão geral d'este Estado, ainda que não veiu a elle senão no de mil e quinhentos e cincoenta e oito, como fica dito.

26. Chegou Estacio de Sá á Bahia, e entregando ao governador seu tio as ordens que lhe trazia para o enviar áquella empreza, aprestou este logo as embarcações que se achavam no porto; fez levas de gente pelo reconcavo, e ajuntou com os soldados que poude escusar na praça a infanteria que vinha nos galeões, e fornecida a armada de todos os aprestos, bastecida dos viveres e mantimentos que com a maior diligencia se poderam conduzir para esta expedição, dando a seu sobrinho Estacio de Sá, capitão-mór d'aquella armada e governador d'esta guerra, as instrucções e ordens que havia de seguir, os conselhos solidos e heroicos de que se devia aproveitar, ordenando e aconselhando como general e como tio, o enviou ao Rio de Janeiro.

27. Posto já Estacio de Sá n'aquella barra, e informado do poder do inimigo, maior que o das suas forças, vendo que para o lançar da propria casa em que se tinha fortificado com maiores defensas (pelo exemplo passado, que o fizera prevenir novos reparos) lhe eram necessarias maiores preparações e mais numero de combatentes, encaminhou a armada a S. Vicente, onde não experimentou menores difficuldades, por se não acharem as villas do sul com os viveres e soccorros de gente que carecia. Porém animados os moradores d'ellas pelo zelo do serviço real e empenho do capitão mór, aprestaram um sufficiente soccorro, importante n'aquella occasião, e maior com o que chegou da capitanía do Espirito Santo.

28. Com estes soccorros saiu o capitão-mór Estacio de Sá em demanda do inimigo; entrou a barra e tomando terra em um sitio que chamam hoje Villa Velha, junto a um penedo grande (que pelo que representa, é chamado o Pão de Assucar) se fortificou e fez n'elle estancia, onde foi a nossa gente accommettida dos Francezes e gentios; e sendo resistidos com grande valor, se retiraram rechaçados das nossas armas. Muitas vezes foram os nossos assaltados, já pelas poderosas naus francezas, já pela innumeravel

copia de canoas dos gentios, armando ciladas para nos colher por ardil e industria. Porém accommettendo o capitão-mór Estacio de Sá as naus francezas, fez n'ellas consideravel destroço, com muita perda de gente inimiga e pouca da nossa, sendo tal o terror que lhes imprimiu o nosso ferro, que as fez retirar fugitivas, e primeiro que ellas as canoas dos gentios que as acompanhavam.

29. Expediu o capitão-mór muitos troços de soldados e aventureiros por varias aldeias d'aquelles gentios, nas quaes achando não vulgar resistencia, foi necessario applicar todo o valor; porém a seu pezar ganhadas, foram mortos e presos os que se não apressaram a fugir dos nossos golpes. Mas posto que experimentavamos em repetidas facções prosperos successos, se ia alargando a guerra, que sendo offensiva, de nenhum accidente podia receber maior damno que da dilação.

30. Sentia o governador Mendo de Sá esta demora e a falta de noticias da nossa armada e dos seus progressos, porque havendo tempo que saíra da Bahia, ainda n'ella se não sabia o que havia obrado; que Estacio de Sá, occupado n'aquella empreza, cuidava mais de a concluir que de informar o estado d'ella. N'esta confusão igualmente valoroso e impaciente, se resolveu a esforçar o empenho com a sua pessoa e com a sua fortuna, e juntando sufficiente numero de navios, soldados, e pessoas que o quizeram voluntariamente acompanhar, partiu para o Rio de Janeiro, cuja barra entrou na antevespera de S. Sebastião, a quem tomou logo por padroeiro da cidade que havia de edificar, e todos por tutelar e capitão n'aquelle conflicto.

31. N'esta armada se embarcou o bispo D. Pedro Leitão, que vendo tantas ovelhas expostas a tão evidentes perigos, as não quiz desamparar, e como seu pastor foi seu companheiro, fazendo elmo da mitra, e do baculo montante para as defender, e o esgrimir contra os inimigos da religião e contra os do Estado. Os cabos, soldados e aventureiros iam alegres, vendo-se assistidos de duas fortissimas columnas, uma da Egreja, outra da monarchia, entendendo que nos apertos da vida teriam capitão para os animar, e nos trances da morte prelado para os absolver. Os jubilos que n'elles se viam, promettiam emphaticamente os triumphos que haviam de alcançar, annunciados na geral alegria com que todos navegavam. Já lhes tardava a hora de chegar, o signal de accommetter; e o successo desempenhou a confiança.

32. Resolveu Mendo de Sá accommetter aos inimigos no proprio dia do Santo. Dispoz a fórma de os investir com o capitão-mór Estacio de Sá, que lhe levou a parte do exercito com que estava hostilisando aos inimigos, festivo e contente de que seu tio fosse a dar fim áquella guerra, e alcançar

o triumpho, que não podia sem elle conseguir, ou não julgava grande, se lhe faltara a gloria e a fama de tão illustre capitão. Distribuidas as ordens e animados os soldados com a pratica do general e a benção do bispo, investiram aos inimigos, esperando lançar d'aquella vez aos Francezes das terras da coróa portugueza, e pôr o jugo sobre a cerviz d'aquelles gentios, presados de guerreiros e com provas de esforçados, inimigos acerrimos dos Portuguezes, aos quaes pretendiam expulsar de toda a região do sul, para que que a possuissem os Francezes, com quem estavam intimamente confederados, promettendo perder as vidas em lhes darem o dominio d'aquelle paiz.

33. Accommettidas pelos Portuguezes as estancias contrarias, era a sua resistencia proporcionada ao nosso furor. A sua disciplina, aprendida com os Francezes e já alguns annos praticada, fazia tão difficil o seu rendimento, como constante a nossa porfia. Excitados do valor, pelejavam tambem os elementos; o fumo e as settas tinham occupado o ar; as balas e o estrondo levantavam as ondas; tremia a terra na contingencia de quem a havia de possuir; o fogo achava varias materias em que arder; tudo era horror: mas superando a toda aquella confusão o nosso esforço, ganhámos aos inimigos todas as suas forças e estancias, deixando mortos innumeraveis gentios e muitos Francezes, e os que tomamos vivos, foram pendurados para exemplo e terror.

34. Logo senhoreámos toda a enseada, e em prosecução da victoria penetrámos o continente, matando no alcance muitos gentios, que formando varios corpos da sua gente, intentaram impedir-nos o passo; os mais se retiraram para o interior d'aquelle sertão, aprendendo á sua custa o quanto lhes importava a sua quietação, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua cuntumacia. As terras conquistadas se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar e defender, de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousaram mais apparecer, retirando-se sempre para os sitios mais distantes e remotos do paiz.

35. Poucas vidas nos custou esta victoria, porém saindo ferido o capitão mór Estacio de Sá, falleceu em poucos dias, perda que pensionou a gloria do triumpho, causando em todos geral magoa, menos no governador seu tio, costumado a despresar estes golpes pela saude da patria. Posto que as virtudes de Estacio de Sá, conhecidas de todos os que o tratavam; o seu valor, testemunhado por quantos o seguiam; a eleição da rainha D. Catharina, feita na sua pessoa para esta empresa, e a constancia, esforço e disposição com que n'ella se houve, o publicaram sujeito de muitas pre-

rogativas, não achámos d'elle outra noticia, posto que dura a sua memoria no Brazil, por cujo augmento deu a vida, começando desde então a viver por gloria na posterioridade.

36. Fundou logo o governador Mendo de Sá a cidade em logar mais eminente, porém não tão proprio como o em que hoje permanece; deu-lhe o nome de S. Sebastião, a cujo patrocinio attribuiram todos aquella victoria, em que houve indicios certos (como é tradição constante) fôra n'ella capitão; sendo por muitas pessoas visto no combate pelejar diante dos Portuguezes um mancebo tão valoroso, quanto desconhecido, que a piedade e devoção julgou ser o glorioso Santo, ao qual haviam tomado por protector; memoria que conservou sempre aquella cidade nos cultos de padroeiro que lhe dedica.

37. Tendo já Mendo de Sá dado principio ás fabricas da nova cidade, deixou por governador d'ella a seu sobrinho Salvador Correia de Sá, que lhe tinha merecido em todo o rigor esta eleição, pelo maravilhoso esforço que mostrara n'aquella guerra, sendo um dos cabos que tiveram maior parte na victoria, concorrendo na sua pessoa prudencia, valor e disposição para aquelle emprego. D'elle descende a nobilissima familia dos Correias e Sás do Rio de Janeiro, que por largos e successivos annos tiveram o governo d'aquella provincia, e occuparam grandes logares em Africa, Asia e Portugal, em cuja côrte existe a sua varonia e primogenitura com o titulo de viscondes de Asseca.

38. Concluidas estas empresas, alcançadas muitas palmas, passou Mendo de Sá ás villas de Santos, por agradecer áquelles moradores o muito que tinham concorrido com as fazendas e as pessoas para esta guerra. Foi recebido de todos como fundador da liberdade que ficava logrando a região do sul na extirpação dos inimigos, não só estranhos, mas tambem d'aquelles naturaes, acerrimos contrarios dos Portuguezes, pois com o seu estrago viveriam seguros das hostilidades que experimentaram. Dispondo o governador nas villas e povoações d'aquella repartição tudo o que era mais conducente ao serviço d'el-rei e ao bem commum de todos, e deixando-lhes tantas instrucções como saudades, voltou para a Bahia, que o recebeu como pae e defensor da patria. O bispo, visitadas as suas ovelhas dos rebanhos do sul, tornou para a sua Egreja, onde depois de algum tempo falleceu.

39. D. Pedro Leitão foi clerigo do habito de S. Pedro, e segundo bispo do Brazil por bulla do pontifice Paulo IV. Tomou posse da sua cathedral no anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove, para onde vinha, com esta sagrada dignidade e a incumbencia de juiz dos cavalleiros das tres ordens militares, a pastorear estas ovelhas e trazer muitas ao rebanho da Egreja;

diligencia que o levou repetidas vezes por todo o seu bispado com incançavel zelo, pelo curso de muitos annos. O numero d'elles se não sabe, nem o em que falleceu, mas sim que teve jazigo na sua Sé, donde se lhe trasladaram os ossos para Portugal; facto em que a Bahia não devia demittir o seu direito, pois sendo-lhe este prelado devedor de tantas saudades, não era justo que ella largasse tão estimados penhores.

40. Salvador Correia de Sá, governador da nova cidade do Rio de Janeiro, teve brevemente occasião de mostrar de novo o seu valor e disposição; porque havendo chegado ao Cabo Frio quatro naus francezas a buscar o pau brazil, foram persuadidas d'aquelles gentios (de cuja amizade pendiam as conveniencias da sua navegação) a que os ajudassem contra Martim Affonso de Sousa, Indio notavel por esforço e amizade com os Portuguezes, chamado antes do baptismo Ararigboia, ao qual levara Mendo de Sá, do Espirito Santo com a sua aldeia, de que era principal, para a guerra do Rio de Janeiro, em que nos ajudou com a sua gente e com muito zelo e valor, causa pela qual se lhe tinha dado um sitio para a sua habitação, uma legua distante da cidade.

41. Pela barra (sem ter ainda as defensas necessarias para lhes fazer opposição) entraram as quatro naus francezas com oito lanchas e innumeravel copia de canoas, publicando que iam contra Martim Affonso, a prendel-o e a entregal-o áquelles gentios de Cabo Frio, a quem assistiam com o seu poder como a seus confederados, e mostrando não ser contra as nossas armas aquella acção, como se nos não tocara por muitos principios a defensa de um capitão que não havia incorrido no odio d'aquelles gentios por outras causas mais que por haver recebido a nossa fé, e permanecer constante em a nossa união e vassallagem, obrando valorosas acções em prova da sua fidelidade.

42. Logo mandou o governador Salvador Correia soccorro de gente a Martim Affonso, e receando que se elle fosse vencido, iriam os inimigos triumphantes sobre a cidade mal fortificada, e nos principios da sua fundação sem meios pàra resistir a uma invasão de tanto apparato, tão inopinada como grande, mandou logo pedir ás villas de Santos e S. Vicente soccorros de gente e canoas, que ajudassem a defender a praça, á qual applicou as defensas que permittiram o tempo e a necessidade. Desembarcaram das oito lanchas grande quantidade de Francezes, e das canoas uma multidão de Indios, á vista da aldeia de Martim Affonso, e tendo por tão segura a presa que suppunham lhes não escaparia das mãos, determinaram accommettel-o no outro dia, e passar em socego aquella noite, anticipando o descanço ao triumpho.

43. Porém no maior silencio e escuridade d'ella, sendo accommettidos pelo famoso Indio com a sua gente e com os nossos soldados, que poucas horas antes lhe tinham chegado, foram desbaratados os inimigos, deixando muitos mortos e varios despojos. Recolhendo-se ás suas naus os Francezes, e os gentios ás suas canoas, não deixaram de sentir continuados os golpes pelos tiros de um pedreiro que fôra no nosso soccorro, e lhes lançou repetido numero de pedras, causando grande estrago nas vidas e nas naus, as quaes tendo dado em secco por vasar a maré, não poderam disparar a sua artilheria; e no outro dia saíram pela barra vencidos e destroçados, e vagando pelos nossos mares foram ter ao Recife de Pernambuco, onde lhes acontecera o que temos referido na descripção d'aquella provincia.

44. Chegado depois d'este conflicto o soccorro que o governador tinha mandado ir de Santos e S. Vicente, e achando já retirados os inimigos (com generoso sentimento de não haverem tido parte na gloria do triumpho) se resolveram aquelles auxiliares, que vinham com ancia de pelejar, a irem hostilisar aos gentios de Cabo Frio nos seus proprios domicilios; e louvando-lhes o governador aquelle impulso, os enviou ainda mais animados com a sua approvação. Chegaram ao Cabo Frio, e não achando já n'aquelle porto as quatro naus, viram outra que havia chegado de França poucos dias antes; accommetteram-n'a os nossos com as canoas de tal fórma, que se não póde valer da sua artilheria, e alguma que disparou, nos não fez damno. Morto o seu capitão, a rendemos com todas as drogas de que ainda estava carregada, deixando assombrados e fugitivos todos aquelles gentios, nossos acerrimos inimigos. Salvador Correia enviou a nau á Bahia ao general seu tio, em ostentação e mostra d'aquella victoria.

45. Estas acções se obraram na regencia do cardeal D. Henrique, infante de Portugal (que logo veremos rei, transformada a purpura cardinalicia em purpura real), a quem voluntariamente tinha largado a administração do reino e tutoria del-rei D. Sebastião (que el rei D. João III, seu esposo, lhe encarregara) a serenissima rainha D. Catharina, não por lhe faltar talento para a educação do neto e regencia da monarchia, que com tantos acertos tinha exercido, mas por entender que dispunha tirar-lhas o cardeal; e entregando-lhas de proprio motu, quiz antes obviar o escandalo que aquella acção havia de dar, que o trabalho que até então tivera em as manter, ficando só como testemunha real das disposições menos fervorosas de um principe ecclesiastico, que governou o imperio com o mesmo descuido e irresolução quando regente, que quando rei.

46. Porém tomando el-rei D. Sebastião, primeiro do nome, posse do sceptro aos quatorze annos da sua edade no de mil e quinhentos e sessenta e

oito, continuou o cuidado das conquistas e almas do Brazil, com o proprio zelo dos seus augustos progenitores e antecessores na corôa, cuja religião e grandeza eram os exemplares das suas acções. Dotou os collegios dos padres da Companhia da Bahia e Rio de Janeiro com rendas e congruas proprias da sua generosidade real, e por esta causa o teem por seu fundador, porque ainda que já havia muitos annos possuiam egrejas em muitas partes e provincias do Estado, não reputavam por fundação a casa sem o patrimonio. Foi prorogando a Mendo de Sá o governo até o anno de mil e quinhentos e setenta, em que lhe mandou por successor a D. Luiz de Vasconcellos, n'aquella infausta frota de cujos adversos successos faremos lastimosa lembrança.

47. Saiu da barra de Lisboa no referido anno com sete navios, entre os quaes era um a nau Santiago, que trazia ao Brazil ao veneravel padre Ignacio de Azevedo da Companhia de Jesus, com trinta e nove companheiros da mesma sagrada religião, conduzindo para as suas missões outros mais, que vinham divididos pelos navios d'aquella frota. Mas só ao seu capitão e aos trinta e nove soldados que com elle se embarcaram, tinha Deus decretado, em premio de serviços grandes, a gloria do martyrio, querendo que n'aquelle nautico theatro e n'aquella naval campanha ganhassem este trophéo. Foi a frota em conserva á Ilha da Madeira, onde havia de esperar tempo opportuno para a viagem da Bahia.

48. Emquanto se detinha n'aquelle porto, pediu licença ao governador o capitão da nau Santiago para ir á Ilha da Palma (uma das Canarias) levar fazendas que havia de trocar por outras, para as transportar ao Brazil; e alcançada a faculdade, foi demandar a ilha; mas não podendo chegar á cidade, por lhe ser contrario o vento, lhe foi preciso tomar um porto que lhe ficava distante tres dias de viagem. N'elle saiu o padre Ignacio de Azevedo com os seus religiosos; celebraram os officios divinos com grande consolação e assistencia d'aquelles vizinhos, que pia e generosamente lhes assistiram os poucos dias que alli se detiveram; mas sendo tempo de proseguir a viagem, se fez a nau á vela para o porto da cidade, a cuja vista descobriram cinco galeões, com que Jacques Soria, tão grande capitão como huguenote (no serviço de Joanna d'Albret, princeza de Bearne, condessa de Foix e pretensa rainha de Navarra, infecta da propria seita abominavel) andava a' corso, buscando presas n'aquelles mares, em que sempre eram certas.

49. Em toda aquella heretica milicia era tal o odio á nossa fé catholica romana, que o não podia encobrir nem com o rebuço da sua ambição. Os mais estimados despojos eram as vidas dos catholicos, e as tyrannias com que lhas tiravam, os seus maiores triumphos. Accommetteram os

galeões a nau Santiago, e depois de uma valorosa resistencia (posto que desegual á vantagem que os inimigos tinham em numero de navios, de gente e de exercicio militar) a cercaram, e lançando-lhe dentro os mais valorosos soldados e piratas mais ousados, a renderam, porém não sem perda sua, porque foram mortos no conflicto muitos, com um dos seus cabos de maior distincção.

50. O veneravel padre Ignacio de Azevedo, como o primeiro em lhes prégar a nossa fé e abominar a sua depravada seita, foi o primeiro objecto do seu furor, deixando-o com cinco feridas morto e a sete dos companheiros que mais proximos se acharam á pessoa do seu provincial e acabaram quasi dos mesmos golpes, abrindo á morte umas portas o ferro, outras a magoa. Os trinta e dois, com ancia viva procurando a morte, foram condemnados a ella por Jacques Soria e mandados lançar ao mar, uns vivos e outros quasi mortos, sendo todos recebidos no céo com quarenta laureolas; triumpho de que teve visão a gloriosa madre Santa Thereza de Jesus em Hespanha, onde florescia em milagres.

51. Foi religioso o insigne padre Ignacio de Azevedo da sagrada Companhia de Jesus, e um dos mais famosos capitães d'aquella nova milicia, na qual se alistou em os mais floridos annos da sua edade, deixando a antiga casa de seu pae D. Manuel de Azevedo, commendador de S. Martinho (de que era primogenito), a seu segundo irmão D. Francisco de Azevedo, que no serviço da patria obrou com o mesmo zelo que o terceiro, D. Jeronymo de Azevedo, nas conquistas da Asia, onde chegou pelos seus serviços e merecimentos a ser seis annos vice-rei da India e um dos heroes que mais souberam merecer este superior emprego, ainda maior n'aquelle tempo, em que eram mais frequentes as occasiões de ostentar o valor portuguez, que é o primeiro impulso que leva áquella região aos fidalgos da primeira jerarchia do reino.

52. Foi crescendo o espirito do padre Ignacio de Azevedo com a observancia dos exercicios e estatutos do seu glorioso patriarcha Santo Ignacio de Loyola, e em breve tempo chegou a avultar tanto na sua disciplina, que era escolhido entre os outros religiosos para as mais difficeis emprezas, não sabendo negar-se aos maiores perigos; e precisado mais da obediencia que da vontade, exerceu em quasi todas as casas que tinham em Portugal, os primeiros logares. Porém desejando empregar-se na conquista das almas do Brazil (em cujas missões ia já fazendo muitos progressos e colhendo avantajados fructos a sua religião) o mandou o seu geral por visitador das fundações d'este Estado a animar aos outros obreiros, que com incansavel trabalho se empregavam n'ellas.

MORTE DO PADRE IGNACIO DE AZEVEDO

53. A exemplar virtude e os casos em que a exerceu, foram testemunhos authenticos da união com que aquella alma estava já com Deus. Acabado o tempo da sua visita, foi por procurador d'estes collegios a Roma, sendo com agrado recebido do pontifice Pio v, e com especial amor do geral da Companhia, que era então o glorioso S. Francisco de Borja, a quem communicou o estado das missões e a falta que havia de religiosos para as adiantarem; e concedendo-lhe licença para os conduzir de todas as casas da religião, o elegeu por provincial do Brazil, para onde tornava com muitos companheiros, quando experimentou o successo referido, em que fazendo o veneravel padre Ignacio de Azevedo o ultimo periodo ás suas fadigas, conseguiu para a patria, para a religião e para o céo, credito, exemplo e gloria, nascendo illustre, vivendo penitente e morrendo martyr.

54. Cada um dos seus trinta e nove companheiros nos merecia particular memoria pela sua grande virtude, ferveroso espirito e zelo da conversão dos gentios, da emenda e perfeição dos catholicos, como mostraram no tempo que estiveram em Lisboa esperando a monção da frota, para partirem para o Brazil. Não lhes referimos os nomes, nem fazemos de cada um especial idéa, porque como todos eram imagens tiradas d'aquelle prototypo, com mostrarmos o original lhes rascunhamos as copias.

55. Chegada á Ilha da Madeira a infeliz nova do successo adverso que teve a nau Santiago, se arrependeu o governador de haver dado a licença que se lhe pedira, e com maior excesso, de ter permittido que n'ella fosse o padre Ignacio de Azevedo e os seus religiosos, pela falta que haviam de fazer aos obreiros da Companhia para as vastissimas searas da fé na gentilidade do Brazil.

56. Vinda a monção de proseguir a sua viagem para a Bahia, saiu o governador D. Luiz de Vasconcellos da Ilha da Madeira com ventos favoraveis, mas achou nas de Cabo Verde tão abrazados os calores da costa de Guiné, que com a maior parte da gente enferma chegou a avistar terra do Brazil; mas a violenta corrente das aguas (n'aquella estação furiosas) o levou e a toda a sua frota ás Indias de Hespanha, donde voltando, foram de novo derrotados os navios e compellidos a tomar varios portos, chegando só dois á Bahia com quatorze mezes de navegação.

57. Por ter fallecido no mar o governador D. Luiz de Vasconcellos da enfermidade contrahida pelos calores de Africa e pelos descommodos de tão prolongada e trabalhosa viagem, mandou el-rei D. Sebastião a Luiz de Brito de Almeida por governador e capitão geral do Brazil, e chegou á Bahia no anno de mil e quinhentos e setenta e dois, em que falleceu Mendo de Sá.

58. Foi Mendo de Sá generoso ramo do illustrissimo tronco d'este appellido tão esclarecido como antigo em Portugal, de que é cabeça e parente maior o marquez de Abrantes, conde de Penaguião e gentil-homem da camara. Nos seus primeiros annos se applicou ao estudo das letras; depois passou á profissão das armas, saindo em ambas as faculdades consummado. O valor, a piedade e experiencia que concorriam na sua pessoa, o fizeram objecto da attenção de el-rei D. João III para lhe encarregar o governo de um novo mundo, que por dilatado e distante carecia do seu grande talento, o qual empregou todo no serviço do monarcha, no amparo dos subditos e no augmento do Brazil, unindo de tal forma os preceitos reaes com as conveniencias publicas, que a um tempo era ministro do rei e pae da patria; tão zeloso da extensão da fé catholica, que entre os missionarios evangelicos não parecia governador, mas companheiro.

59. Foi o terceiro capitão geral d'este Estado, cujo governo teve quatorze annos. Falleceu na Bahia no de mil e quinhentos e setenta e dois; tem jazigo no cruzeiro da egreja dos padres da Companhia de Jesus, com epitaphio e titulo de insigne bemfeitor do collegio. Deixou no Brazil descendencia, a qual, pelas inconstancias da fortuna, só conserva de tão illustre progenitor a memoria e o appellido.

60. Ao governador Luiz de Brito de Almeida (pelas virtudes de que era dotado, e com o exemplo dos seus antecessores n'este governo geral) foi facil proceder conforme a expectação que se tinha do seu talento. Fez varias guerras aos gentios, proseguiu por muitas partes as conquistas e por todas favoreceu as missões. Emprehendeu os descobrimentos das pedras preciosas, cujas noticias davam não pequeno brado, assim no Brazil proprio como em Portugal, diligencia que el-rei muito lhe encommendara, á qual enviou o governador a Sebastião Fernandes Tourinho primeiro, e depois a Antonio Dias Adorno, de que resultaram os successos que deixamos escriptos.

61. Informado el-rei D. Sebastião da fertilidade e abundancia das terras que rega e fecunda o Rio Real, cujo pau brazil (de que abundam as matas do seu sertão) iam os Francezes buscar, e ajudados pelos gentios seus confederados o conduziam áquelles portos, para o carregarem nas suas naus, ordenou ao governador o mandasse povoar; em cuja execução enviou Luiz de Brito de Almeida a Garcia de Avila a fazer uma povoação n'aquelle rio, que está em onze graus, no districto e jurisdicção da provincia de Sergipe.

62. Assentou Garcia de Avila a povoação tres leguas pelo rio acima, onde foi preciso ao governador ir a castigar aquelles gentios, que nos fa-

ziam terrivel resistencia, e com tanta fortuna os venceu, que presos dois capitães, os maiores que tivera a sua nação, mortos uns e outros captivos, fez retirar aos mais para o interior d'aquelle continente. Depois se passou a fundação para logar mais conveniente e mais vizinho do mar, onde hoje permanece.

63. Governou Luiz de Brito de Almeida cinco annos, e por successor lhe veiu Lourenço da Veiga, que chegou á Bahia no de mil e quinhentos e setenta e oito (infausto para toda a monarchia portugueza pela infeliz batalha de Alcacer). No anno segundo do seu governo, que se contavam mil e quinhentos e oitenta, veiu a fazer assento n'este estado a religião dos prophetas, filhos de Nossa Senhora do Carmo e do grande Elias; fundaram a sua primeira casa na villa de Santos e depois nas cidades do Rio de Janeiro, da Parahyba, da Bahia e de Pernambuco, procedendo em todas estas partes como filhos de tal mãe e de tal pae, e conservando nas suas virtudes sempre vivo o fogo de Elias e permanentes as flores do Carmelo. Trouxeram por seu primeiro vigario provincial ao padre Fr. Domingos Freire, em cuja obediencia exercitaram grandes obras do serviço de Deus e do bem das almas, florescendo em doutrina e letras com admiraveis effeitos e santos exemplos por todo o Brazil, onde possuem grandes propriedades, cujas rendas dispendem pia e religiosamente.

64. Com este fervor e zelo catholico tratava do augmento d'este Estado el-rei D. Sebastião, posto que a fatalidade do contrario horóscopo em que nascera, o andava já encaminhando a representar uma tragedia, que começou nas campanhas africanas, para nunca acabar na magoa portugueza. O animo intrepido e o fervor catholico que no generoso peito d'este heroico principe respiravam chammas de valor e de fé, depois por falta de moderação causaram o mais lastimoso incendio. Andava sempre arrebatado da propensão das armas, ideando emprezas militares; e tanto se abstrahia na gloria da posteridade que emquanto a não assegurava com as acções, a não deixava com a phantasia. Contemplava grandes feitos de heroes famosos, e não ia com o pensamento a buscar os Scipiões e Pompeus a Roma, os Annibaes e Asdrubaes a Carthago, os Filippes e Alexandres a Macedonia, os Cyros e Darios á Persia, porque na sua respeitada Lusitania, nos augustos e invictos reis seus ascendentes e nos seus subditos, que lhes ajudaram a ganhar e augmentar a monarchia, tinha todos os exemplares de que desejava ser copia viva.

65. Considerava a Portugal tirado do forte poder mauritano pelo conde Henrique, por el-rei D. Affonso Henriques, pelos reis D. Sancho I, D. Affonso II e III; a defensa do reino por el-rei D. João I; as conquistas de Africa pelo

mesmo rei e por seus filhos el-rei D. Duarte, os infantes D. Henrique, D. Pedro e D. Fernando, e por seu neto el-rei D. Affonso V; as de Ethiopia por el-rei D. João II; as de Asia por el-rei D. Manuel e D. João III. Olhava para o templo da Fama, e via n'elle collocadas as estatuas d'estes e dos outros monarchas lusitanos seus progenitores, e dos famosos capitães portuguezes seus naturaes vassallos; parecia-lhe que de tanta gloria nenhuma parte lhe podia tocar, se não tivesse entre elles simulacro proprio.

66. Com esta ancia ou emulação, achando-se sem exercito competente á empreza, nem proporcionado á magestade, tendo só vinte annos de edade, partiu a primeira vez para Africa, desculpando o pouco apparato militar com que saía dos seus reinos, com o pretexto de ir só a visitar aquellas praças. Desembarcou em Tanger, e saindo a correr a campanha, juntando-se um grande esquadrão de mouros, o accommetteu el-rei com tão singular valor que o fez retirar; e não se achando com poder para o seguir, se demorou na campanha celebrando o triumpho sem batalha, só por haver ficado no campo, no qual obrou festejos de cavallarias, em que era destrissimo; e como se via sem meios para emprehender alguma acção heroica que desempenhasse a grandeza do valor e da magestade, se recolheu a Portugal sem outro effeito ou fructo que o de jogar canas em Africa.

67. Meditava juntar uma poderosa armada capaz não só de desempenhar a sua primeira viagem, mas de causar áquelles infieis o mais exemplar estrago, fazendo em toda a Africa a maior impressão. E sendo chegado o termo em que estava destinada a sua ruina e a do seu imperio, lha offereceu a occasião mais cedo do que elle a dispunha. Viera o africano rei Xarife Muley Hamet, expulso do throno de Marrocos, valer-se do seu poder para o introduzir n'elle, promettendo o que não podia dar; mas el-rei D. Sebastião, que não appetecia outros interesses que os lances em que mostrar o seu ousado coração e as suas forças naturaes superiores ás de todos os Hercules d'aquelle seculo, abraçou este com o empenho em que o punham o valor e as idéas das victorias e triumphos que esperava conseguir dos infieis, tendo determinado que das suas proezas fosse theatro Africa, ou por mais vizinha, ou por mais guerreira.

68. Juntou brevemente exercito de gente mais luzida que disciplinada, posto que nos principes do seu augusto sangue de Bragança e de Aveiro levava uma real, poderosa e fiel companhia, e nos outros illustrissimos vassallos combatentes valorosos, mais arrojados que advertidos, principalmente aquelles que podendo desvial-o d'este perigo, o metteram n'elle. Emfim, com dezoito mil homens, entre os quaes se via a flôr da nobreza do reino, se foi perder aos quatro do mez de agosto do lamentavel anno de mil e

quinhentos e setenta e oito na infeliz batalha de Alcacer, logar tão triste aos Portuguezes, como Pharsalia aos Romanos.

69. Estava destinada aquella campanha para sepultura da gente portugueza; e assim o seu monarcha, aquelle valor que devera empregar em mais dignas emprezas que a restituição de um rei infiel, e a gloria que podera adquirir em melhores conquistas que as areias de Africa (sem dar attenção aos ameaços de tantos signaes, aos avisos de infaustos vaticinios e aos rogos de muitos subditos) foi mallograr com a sua vida e a dos seus vassallos n'aquelle desgraçado conflicto; perda que pelo curso de muitos annos sentiu a monarchia, ainda hoje padece a lembrança, e sempre ha de lamentar a saudade.

70. Estava então na casa dos religiosos da Companhia do Espirito Santo o seu veneravel padre José de Anchieta, segundo apostolo do Brazil, e sendo-lhe representada em visão esta tragedia, saiu da oração como fóra de si, exclamando pelos logares do convento, com intimos suspiros e copiosas lagrimas, que se perdera a batalha; e computado depois pelas noticias o tempo, foi no mesmo dia e hora que ella se dera. Quiz Deus Nosso Senhor que este servo seu fosse o primeiro que n'esta região soubesse, sentisse e publicasse esta desgraça, assim como permittiu que por varias partes de Europa tivessem alguns santos e justos a mesma visão.

71. Troncada em el-rei D. Sebastião a primogenitura da successão real, e sendo já fallecidos os serenissimos infantes D. Luiz, D. Fernando e D. Duarte, immediatos á corôa, foi ella buscar a cabeça do cardeal infante D. Henrique, tambem primeiro do nome entre os monarchas portuguezes, que já havia governado o reino na menoridade del-rei D. Sebastião, quando (como temos escripto) deixou a sua tutoria a rainha D. Catharina sua avó, por obviar as discordias que contra o seu real decoro haviam de acontecer, pela vontade que o cardeal infante tinha de governar.

72. Este principe, dedicado desde a sua puericia ao estado ecclesiastico, se empregou n'elle com a exemplar piedade e zelo christão que o constituiram idéa e prototypo dos prelados d'aquelle seculo; e succedendo na monarchia o fatal anno de mil e quinhentos e setenta e oito, a governou quasi dois como prelado mais que como rei, sem lhe aproveitarem na regencia do reino os ensaios que tivera para monarcha d'elle; porque todo propenso á profissão em que se creara, se achava com menos disposição para o governo monarchico e politico, da que carecia o seu imperio n'aquelle tempo mais que em outro algum, combatido de desgraças e accidentes, que requeriam uma cabeça de maiores experiencias nas materias de estado e de menos edade que a sua; causas das continuas irresoluções em que fluctuava

o seu entendimento, sendo a mais prejudicial aos seus vassallos o não declarar em sua vida successor ao reino.

73. Entre varios principes que o pretendiam, fizeram a mais forçosa opposição Filippe II, rei de Castella, como filho da senhora imperatriz D. Izabel, e a serenissima senhora D. Catharina, duqueza de Bragança, por ser filha do infante D. Duarte, ambos filhos d'el-rei D. Manuel e irmãos do cardeal reinante. Chamava a Filippe o sexo, e a Catharina a representação, pela qual a esta princeza pertencia a corôa, além de ter por esposo a um principe natural do reino, descendente dos seus augustos reis, o serenissimo duque D. João, cujas veias eram deposito do real sangue portuguez, assim pela varonia do senhor D. Affonso, primeiro duque de Bragança, filho de el-rei D. João I, como pela linha da serenissima senhora D. Izabel, duqueza terceira d'aquelle real estado, filha do infante D. Fernando, que o era de el-rei D. Duarte.

74. Grande conhecimento tinha o cardeal rei do claro direito da serenissima senhora D. Catharina; e sendo muito o amor que lhe mostrava, era maior a sua natural perplexidade, pois fallecendo no anno de mil e quinhentos e oitenta, sem resolver a competencia, deixou ao arbitrio de cinco juizes a determinação da causa; e sendo todos illustrissimos, só dois mereceram este titulo, pela opposição que fizeram a que se não elegesse por senhor, principe que não fosse natural do reino; mas os tres passando a Ayamonte, terra de Castella, deram a favor do rei castelhano a sentença, por muitas nullidades invalida.

75. Com este titulo, e finalmente com o das armas, que é o direito mais seguro dos principes (ganhada pelo grande duque de Alva a batalha de Alcantara ao senhor D. Antonio, filho illegitimo do infante D. Luiz, que tumultuariamente e com pouco sequito se tinha acclamado rei em Santarem) entrou no dominio Filippe segundo do nome em Castella e primeiro em Portugal; porque estavam decretados aos Lusitanos sessenta annos de captiveiro n'aquelle reino, como no de Babylonia aos Hebreus, por differentes peccados de uma e outra nação.

76. No governo do novo rei Filippe e nos de seu filho e neto, tambem Filippes, não experimentaram as conquistas do Brazil o cuidado com que os seus monarchas portuguezes as tinham engrandecido, havendo-se os Castelhanos com tanta desattenção ao augmento e segurança d'ellas, que nas treguas que no anno de mil e seiscentos e nove assentou com os Hollandezes Filippe III de Castella e II de Portugal, não comprehendeu as nossas conquistas, deixando-as sujeitas ás invasões dos seus inimigos, e prohibindo os referidos reis a todos os subditos lusitanos o commercio e navegação da

outra America, que lhes devia ser commum, aos de Portugal por vassallos e aos do Brazil por naturaes, posto que pela abundancia do nosso paiz e pelo trabalho dos seus moradores se faziam opulentas todas as nossas provincias.

77. Porém como n'estes principes, e com maior excesso no ultimo dos tres Filippes, foi maxima de estado ou dogma politico attenuarem o reino, por temerem que os Portuguezes o restituissem á serenissima casa de Bragança com a mesma força com que lhe fora usurpado, trataram de o debilitar, tirando-lhe na gente, nas armas e nos cabedaes os meios de lhe poderem resistir, posto que adiante o successo saiu mui diverso das disposições, porque as causas que são muito intensas produzem contrarios effeitos. Mas emquanto não chegava o termo, gemia Portugal e padeciam as conquistas, participando, como membros, d'aquella enfermidade que sentia o coração, e ficando sujeitas ao furor dos inimigos de Castella, cujos golpes se faziam n'ellas mais sensiveis pela propria debilidade que pelo poder estranho.

78. Era entranhavel o odio que contra a monarchia de Hespanha professavam os Hollandezes e as provincias que seguiam a sua voz, e mudando de religião, mudaram de governo, sacudindo o jugo e a obediencia de Filippe II rei catholico, seu natural senhor, como hereditario e soberano conde d'aquelles Estados. Teve principio a sua rebellião no anno de mil e quinhentos e sessenta e quatro, na protecção de Guilherme de Nassau, principe de Orange, seu vassallo, continuada depois na de seu filho Mauricio; e resuscitando a constancia e valor de Claudio Civil, aquelle seu intrepido e feroz Batavo que deu tanto que fazer aos Romanos desde o imperio de Nero Domicio até o de Flavio Vespasiano, auxiliados agora, como então, de muitos principes allemães, resistiram apertadissimos e memoraveis cercos, famosos e experimentados exercitos e capitães.

79. Finalmente instituiram uma republica, que depois se fez reconhecer livre em oito provincias unidas, formidavel por muitas batalhas terrestres e navaes a toda a Europa: já não cabiam no estreito terreno que a natureza lhes dera por domicilio, e subjugado das suas poderosas armadas quasi todo o oceano, conseguiram muitas emprezas, sendo as conquistas da monarchia de Hespanha todo o maior emprego da sua porfia e do seu valor. Digam-no Malaca, Ceilão e outras praças na Asia; a Bahia e Pernambuco no Brazil; a Mina e Angola na Ethiopia, e muitas povoações que fundaram nas terras da Nova Hespanha, sendo o descuido dos reis castelhanos a causa de todas as nossas perdas.

80. Se não era que aquella monarchia ia já caindo, carregada do peso da sua propria grandeza, pela sua dilatada extensão: as Provincias Unidas

livres do seu dominio, contrastada de inimigos a outra porção de Flandres, amotinado o reino de Napoles, o principado de Catalunha acclamando outro soberano, perdidas numerosas armadas em ambos os mares, duas vezes saqueada e destruida Cadis pelos Inglezes, outra pelos Turcos Gibraltar, restituida pelo valor dos Lusitanos a corôa portugueza aos seus legitimos e naturaes monarchas, e hoje alienadas as Duas Sicilias, o estado de Milão e o reino de Sardenha; porque só restringidos podem conservar-se os imperios, como do romano aconselhou Augusto a seu successor Tiberio, parecer com que depois Adriano se quiz conformar, fazendo derribar a ponte que Trajano fez levantar sobre o Danubio, e determinando que para o oriente fosse o rio Euphrates o ultimo limite do imperio, mandando abandonar o muito que da outra parte d'elle se tinha já conquistado.

81. Durante o governo de Lourenço da Veiga, no anno de mil e quinhentos e oitenta e um, fundaram casa na Bahia os monges do glorioso patriarcha S. Bento com o seu fundador e prelado o padre Fr. Antonio Ventura; e achando ainda o terreno com alguns abrolhos da gentilidade, pela sua cultura se transformaram em espigas das searas evangelicas, como já ao seu santo patriarcha se converteram em rosas os espinhos. Dilataram a sua doutrina por muitas partes do Brazil, florescendo em virtudes e letras, com grande aproveitamento das almas e exemplo dos povos, por cuja devoção foram augmentando as fundações, e possuindo as muitas propriedades com que hoje se acham, cujas rendas empregam no culto divino, fabricas de templos, soccorro dos pobres, e modesta sustentação dos seus monges, dos quaes teem numerosa e dilatadissima familia.

82. No mesmo anno falleceu na Bahia o governador e capitão geral Lourenço da Veiga, com muitos annos de edade e tres de governo. Da sua pessoa não alcançámos individuaes noticias. Do seu talento faremos conceito pela sua eleição, sendo para este emprego escolhido por el-rei D. Sebastião, que tanto os sabia avaliar. Como não havia ainda vias de successão (que se introduziram n'este Estado com a vinda do governador Manuel Telles Barreto), ficaram com o governo geral do Brazil o Senado da Camara e o ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo, por nomeação do governador, com approvação da nobreza e do povo. Substituiram o logar com muito acerto por tempo de dois annos.

83. Manuel Telles Barreto, governador e capitão geral d'este Estado, foi o primeiro que a elle mandou, como rei de Portugal, o prudente Filippe rei catholico. Vinha a succeder a Lourenço da Veiga no governo, e tomou as redeas d'elle, que se achavam nas mãos dos seus substitutos. Tinha envelhecido no serviço do rei e da patria, e se achava com tanta edade, que

parecia sobrarem para encher o circulo da sua vida, os annos do seu governo. N'elle hostilisados os moradores das capitanías da Parahyba e de Itamaracá pelos gentios Pitiguares, os quaes com os Francezes (que n'aquelle rio iam a buscar o pau para as suas tintas) lhes causavam continuos damnos, recorreram ao capitão geral Manuel Telles Barreto, pedindo-lhe soccorro contra aquelles inimigos.

84. Intentou Manuel Telles ir a castigal-os, e assegurar aquellas provincias dos males que padeciam; mas impedido não só dos annos, porém sim dos importantes negocios que tinha entre mãos n'este governo, onde havia seis mezes que era chegado; e achando-se no porto da Bahia o general Diogo Flores de Baldés com a sua armada, vinda do Estreito de Magalhães, resolveu que com duas naus de Portugal da armada que trouxera (conduzida por Diogo Vaz da Veiga) fossem estes dois capitães em favor d'aquelles moradores.

85. Partiram da Bahia, e chegados a Pernambuco, mandou o general Diogo Flores de Baldés a gente por terra, e elle com a armada deu fundo fóra da barra, e entrando só com uma sua fragata, com outra nau das de Diogo Vaz da Veiga e com todos os bateis dos outros navios, nos quaes embarcou a gente, avistou quatro naus de França, que logo queimaram os Francezes, pondo-se em terra com os gentios, e juntos mostraram fazer opposição ao desembarque da nossa gente; mas não o poderam impedir e se retiraram. Saíram os nossos generaes a terra, desassombrando a todos os moradores d'aquellas capitanías do temor em que viviam, e dos males que experimentavam. Chegou n'este tempo por terra muita gente de Pernambuco e de Itamaracá, que vinha em soccorro, e os generaes levantaram um forte de terra e fachina para defensa d'aquellas provincias, na qual deixou Diogo Flores por capitão a Francisco Castrejon com cento e cincoenta soldados.

86. Este capitão se houve tão mal com Fructuoso Barbosa, a quem el-rei tinha encarregado o governo da Parahyba, não querendo reconhecel-o por governador, que lhe foi preciso retirar-se a Pernambuco, donde recorreu a el-rei para que dispozesse o que mais conveniente fosse a seu serviço. Entretanto foram varias vezes os inimigos sobre aquelle forte, e pondo-lhe um dilatado cerco, cançado Francisco Castrejon de o defender, pela muita gente que n'elle lhe mataram, e pelo aperto em que o tinham, o desamparou, retirando-se por terra para a capitanía de Itamaracá, em cuja jornada lhe mataram os inimigos muitas pessoas que o seguiam; o que sabido pelos moradores de Pernambuco, tornando com Fructuoso Barbosa á Parahyba, restauraram o forte, e lho entregaram, restituindo-o no governo d'aquella provincia.

87. Aos quatro annos do governo de Manuel Telles Barreto, falleceu na Bahia no de mil e quinhentos e oitenta e sete. Foi o primeiro que trouxe ao Brazil as ordens das vias para as successões, como D. Vasco da Gama tinha sido o primeiro que as levara á India, e nos seus governos tiveram execução; em um seria caso, em ambos parece mysterio. Em virtude d'ellas entraram no governo geral do Brazil D. Antonio Barreiros (que já desde o anno de mil e quinhentos e setenta e seis tinha succedido na sagrada dignidade ao bispo D. Pedro Leitão) e o provedor mór da fazenda Christovam de Barros; governaram quatro annos, até o de mil e quinhentos e noventa e um.

88. Francisco Giraldes, senhor da capitanía dos Ilheos (que seu pae Lucas Giraldes comprara a Jeronymo de Figueiredo de Alarcão, filho de Jorge de Figueiredo Correia, a quem el-rei a concedera) vinha por governador e capitão geral do Brazil a succeder a Manuel Telles Barreto; porém partindo da barra de Lisboa, e tornando a recolher-se a ella com duas arribadas, não quiz proseguir a viagem do Brazil, ou porque teve por mau annuncio do seu governo aquelles desfavores da navegação, ou porque os inconvenientes que lhe sobrevieram á sua saude e aos interesses da sua casa pareceram justificados pretextos para se lhe acceitar a deixação que fez do cargo.

89. N'elle succedeu D. Francisco de Sousa, clarissimo por sangue e por acções, segundo avô do marquez das Minas, que adiante veremos governador e capitão geral do Brazil. Chegou D. Francisco de Sousa á Bahia no anno de mil e quinhentos e noventa e um. Trazia a mercê do mesmo titulo de marquez das Minas, se se descobrissem as que Roberio Dias tinha ido prometter a Castella.

90. Foi fama mui recebida que Roberio Dias, um dos moradores principaes e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixella e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada em minas que achara nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já publica esta noticia que muito tempo occultara, passou a Madrid, e offereceu a el-rei mais prata no Brazil do que Bilbao dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do titulo de marquez das Minas.

91. Não é justo que mereça conseguir os premios quem nos requerimentos pede mais do que se lhe deve conceder. Este titulo se conferiu a D. Francisco de Sousa, que se achava n'aquella côrte provido no governo geral do Brazil, e a Roberio Dias o logar de administrador das minas, com outras promessas, das quaes pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occa-

sião em que vinha o governador, com cuja licença fôra para as suas terras a esperal-o, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanecel-o e a frustrar-lhe a jornada: brevemente a fez D. Francisco de Sousa, com todas as prevenções e instrumentos precisos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos tão diversos (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possivel ao governador nem a toda aquella comitiva achar rastos das minas que tinha assegurado.

92. Este engano, ou se julgasse commettido na promessa ou na execução, dissimulou o governador D. Francisco de Sousa, emquanto dava conta a el-rei; e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo, se antes de chegar a ordem real não houvera fallecido, deixando aquellas esperadas minas occultas até aos seus proprios herdeiros. Foi o governo de D. Francisco de Sousa admiravel, e pelos acertos das suas disposições pareceu conveniente ao serviço del-rei e ao bem da republica mandar-lho continuar por largo tempo, em que se contaram onze felicissimos annos.

93. No de mil e quinhentos e noventa e quatro, terceiro do seu governo, com o seu favor e o do bispo D. Antonio Barreiros, vieram a fundar casa na Bahia (tendo-a já erigido em Olinda, capital de Pernambuco) os religiosos Capuchos do glorioso santo portuguez por quem se emularam Lisboa e Padua, filho do santo patriarcha a quem a humildade deu a maior cadeira e abriu o amor as mais nobres chagas. Trouxeram por prelado ao padre Fr. Belchior de Santa Catharina; foram continuando as suas fundações por varias partes d'estas provincias, florescendo em todas como idéas d'aquelles santos prototypos, em grande gloria de Deus e beneficio das almas; e não possuindo nada pelo seu instituito, teem a posse de tudo pela sua virtude.

94. No curso d'este tempo falleceu D. Antonio Barreiros, que desde o anno de mil e quinhentos e setenta e seis exercia os poderes do baculo na Bahia. Foi terceiro bispo do Brazil, por bulla do pontifice Gregorio XIII. Era freire da ordem de S. Bento de Aviz, da qual tinha sido prior-mór. A sua patria e nascimento se ignoram, mas não as suas virtudes, que exerceu em muito serviço de Deus e bem das suas ovelhas. O anno da sua morte se não sabe, e apenas se acha a sua sepultura na capella-mór da egreja velha dos padres da Companhia, porém illustrou muito a sua memoria o milagre que no seu tempo aconteceu no seu bispado, de que daremos breve, mas portentosa noticia.

95. Da Rochela (ninho de hereges, de que n'aquelle tempo estavam apoderados os calvinistas e outros sectarios, valhacouto dos seus insultos, e porto em que recolhiam as suas prezas) saíra uma armada, não só com tenção de piratear nos mares do Brazil, mas de invadir e saquear a cidade da

Bahia. Tinha tomado na costa de Africa a fortaleza de Arguim, em cujos despojos acharam o simulacro do glorioso Santo Antonio, illustre portuguez e illustrissimo santo, ao qual dando muitos golpes lançaram ao mar, dizendo-lhe por ludibrio que os guiasse á Bahia; mas Deus, que é admiravel nos seus santos e vingador das suas injurias, os castigou de sorte com uma tempestade, que derrotados e perdidos por varias partes os seus navios, aportou a sua capitânia destroçada e rota á provincia de Sergipe, onde não escapando da prisão os que tinham escapado do naufragio, foram remettidos á Bahia para serem castigados.

96. Porém vindo por terra d'aquella provincia, conduzidos por muitos soldados e outros caminhantes que se juntaram á companhia (para que tivesse mais testemunhas o milagre) acharam na praia de Itapoan, quatro leguas da cidade, com os golpes do heretico e sacrilego ferro a imagem do santo que tinham lançado ao mar, muitos graus antes de chegarem á altura da Bahia, quando lhe disseram por zombaria que os guiasse a ella. Estava o milagroso simulacro em pé, como esperando para os conduzir á cidade, em execução do que lhe tinham pedido; que os despachos de petições insolentes são castigos, como experimentaram aquelles hereges, pois foram sentenciados á morte pelo roubo e pelo sacrilegio; e a imagem do santo, com os proprios signaes abertos e permanentes, collocada no seu convento da Bahia, onde por ordem real lhe faz todos os annos o nobilissimo Senado da Camara festa com procissão solemne, como a padroeiro.

97. No anno nono do governo de D. Francisco de Sousa acabou o seculo decimo sexto, tão fecundo de portentosos santos, como infestado de heresiarchas depravados, declarando-se os diabolicos monstros Luthero, Zuinglio, Melanchthon, Calvino e outros sectarios, contra a verdade infallivel da nossa Egreja romana, e oppondo-se á pureza evangelica dos nossos sagrados dogmas, desenterrando varios erros de Ario, Nestorio, Eutyches, Priscilliano e outros hereges, condemnados todos em tantos ecumenicos, nacionaes e provinciaes concilios, e já sepultados debaixo dos trophéos catholicos, mas n'aquelle seculo confusamente introduzidos pelos referidos infernaes ministros a grandes, porém infelizes, principes da Europa, aos quaes a largueza da nova religião proterva, que lhes restituia os bens ecclesiasticos que nos seus estados haviam os seus antecessores louvavel e piamente doado ás egrejas e mosteiros, e os brindava com outras conveniencias de estado prohibidas na religião catholica, os levaram e aos seus vassallos pela larga estrada de uma vida livre ás prisões eternas.

98. Porém Deus Nosso Senhor, mostrando áquellas desgraçadas creaturas que tinham errado a via da verdade, fez caminhar por ella no mesmo

seculo innumeraveis santos em varios Estados, com prodigiosas penitencias, mortificações e abstinencias sobre a esphera da possibilidade humana, e com a mais pontual observancia da doutrina catholica romana; sendo uns fundadadores de novas religiões, outros reformadores das antigas, dos quaes os declarados pela Egreja e venerados nos altares são, na ordem dos Patriarchas, S. Caetano de Thienne, Santo Ignacio de Loyola, S. Filippe Nery, a gloriosa madre Santa Thereza de Jesus; na dos Confessores S. Francisco Xavier, apostolo do Oriente, S. João da Cruz, S. Pedro de Alcantara, S. Carlos Borromeo, S. Luiz Beltrão; na dos Penitentes, S. Felix Capuchinho, S. João de Deus, Santa Maria Magdalena de Pazzi, S. Francisco de Sales, tambem Confessor, posto que estes dois ultimos falleceram no principio do seculo decimo setimo.

99. Todos estão pelo mundo catholico com o mais decente culto em templos, religiões, aras, votos e rogativas, com que os christãos sabem implorar a poderosa intercessão dos santos. Não numeramos os que os seguiram n'aquelle mesmo tempo e no curso d'elle, como companheiros ou como filhos, porque, a serem canonisados, não poderiam caber nos catalogos e nos altares, nem rezar d'elles a Egreja e as suas religiões, tendo florescido todos em admiravel santidade, com os illustres testemunhos de innumeraveis e estupendos milagres, e encaminhando mais almas ao ceu que os seus antiparistases ao inferno.

100. Desde o anno de mil e quinhentos e noventa e seis em que fallecera el-rei Filippe o Prudente, tinha as redeas da monarchia el-rei Filippe III em Castella e segundo em Portugal. O primeiro governador que proveu para o Brazil, foi Diogo Botelho; chegou á Bahia no anno de mil e seiscentos e dois, e governou cinco. Succedeu-lhe D. Diogo de Menezes no cargo, e saindo de Lisboa para o Brazil, foi arribado á Parahyba, donde proseguiu a viagem para a Bahia, e chegou a ella no anno de mil e seiscentos e oito; governou o Estado cinco.

101. No de mil e seiscentos e treze lhe veiu a succeder Gaspar de Sousa, por cuja disposição e ordem foram expulsos os Francezes da ilha de S. Luiz do Maranhão, como deixámos narrado na descripção d'aquelle Estado; visitou todas as provincias do Brazil (zelo de que resultou tanto serviço ao rei como aos subditos) examinando pessoalmente tudo o que podia ser mais util ao augmento da real fazenda, sem detrimento, mas antes em beneficio dos povos, e governou quatro annos. >

102. No de mil e seiscentos e dezesete lhe succedeu D. Luiz de Sousa, que governou tambem quatro até o de mil e seiscentos e vinte e um. D'este general D. Luiz de Sousa e dos seus antecessores Diogo Botelho e D. Diogo

de Menezes tambem não achámos noticias de que fazer particular memoria, porque a tranquillidade em que já estava o Brazil n'aquelle tempo, não dava materia para mais progressos que ir com plausivel descanço colhendo o suspirado fructo das fadigas passadas, sem outro effeito que as conveniencias que então logravam os governadores e os subditos, tanto maiores, quanto as costumam fazer mais seguras a paz e o socego.

103. As missões cresciam com o mesmo fervor e menos custo. Os gentios indomaveis estavam pelo interior dos sertões muito distantes. Os vizinhos eram vassallos e serviam mais aos nossos interesses que ao emprego das nossas armas. A fortuna ainda se mostrava a nosso favor com differente aspecto d'aquelle com que depois a vimos contraria, sendo Diogo de Mendoça Furtado o primeiro general que a experimentou adversa, como em seu e nosso damno mostrará a historia.

104. Porém a causa maior de faltarem muitas noticias é porque tomando os Hollandezes a cidade da Bahia, queimaram os archivos da secretaria da Camara, da Vedoria e outros cartorios; e muitos annos depois da sua restauração se foram ordenando por tradições as memorias de alguns estatutos, com que nos seus principios se formara a republica; mas pereceram as dos factos, que podiam servir para a narração da historia, porque se attendia mais ás conveniencias presentes que á gloria da posteridade, a qual sempre desprezam os Portuguezes, ainda quando obram acções mais benemeritas de fama. Estes descuidos nos obrigam a ser succintos na expressão dos successos antigos do Brazil, pela confusa luz que nol-os dispensa.

105. No segundo anno do governo de D. Luiz de Sousa passou á melhor vida na Bahia D. Constantino Barradas, quarto bispo do Brazil, pontificia dignidade de que tomou posse por bulla do papa Clemente VIII, no anno de mil e seiscentos e dezoito. Foi clerigo do habito de S. Pedro, collegial de S. Paulo e lente de theologia na universidade de Coimbra. Governou com grandes acertos a sua Egreja, e com incansavel zelo solicitou o bem das suas ovelhas, pastoreando-as dezoito annos. Está sepultado na capella-mór dos religiosos Capuchos de Santo Antonio da cidade da Bahia, deixando das suas virtudes saudosa lembrança.

106. Succedeu a D. Luiz de Sousa no governo geral do Brazil (cuja fama era já proporcionada á sua grandeza, florescendo na paz opulento, e sendo theatro onde a fortuna triumphava da inveja e tinha os passos cortados á emulação) Diogo de Mendonça Furtado, para ser testemunha da volta da sua roda, á qual por muitos annos a nosso favor havia posto um cravo. Chegou á Bahia no anno de mil e seiscentos e vinte e dois.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO QUARTO

Formam os Hollandezes uma nova companhia com titulo de Occidental para invadirem as conquistas de ambas as Americas — Sae a sua poderosa armada em duas esquadras dividida, uma navega para as Indias de Castella, outra para o Brazil — Chega esta á vista da fortaleza do Morro, cujo capitão faz aviso á Bahia — Previne-se Diogo de Mendoça Furtado, governador e capitão geral do Estado, para a defensa — Desembarcam os inimigos — Põem cêrco á cidade — Defendem-n'a com brio no primeiro assalto os moradores, mas logo a desamparam — Os contrarios a tomam — Prendem ao governador — Juntam-se os Portuguezes na campanha para lhes impedirem os progressos por terra, debaixo da conducta do bispo D. Marcos Teixeira — Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, nomeado nas vias e por outra provisão real Capitão geral do Brazil — Manda de Pernambuco a Francisco Nunes Marinho d'Eça a tomar o governo que exercia o bispo — Morte e elogio d'este prelado — Veem em soccorro da Bahia as armadas de Castella e Portugal — Restauram a cidade e voltam para a patria — Fica governando o Estado D. Francisco de Moura — Succede-lhe Diogo Luiz de Oliveira — Naus de Hollanda fazem grandes estragos pelo Brazil — Recolhem-se e voltam com maior poder sobre Pernambuco — Tomam toda aquella capitania, donde vem o conde João Mauricio de Nassau sitiar a Bahia — Defende-a o conde de Bagnuolo, a quem entrega voluntariamente Pedro da Silva o governo da praça e da guerra — Levanta Nassau o cêrco e torna para Pernambuco.

Da tempestade que n'aquelle tempo contra a monarchia de Hespanha concitavam os Hollandezes, fazendo signaes em outras partes, vieram a caír os raios no Brazil. As altas ondas que levanta enfurecido o mar, não causam a ruina onde ameaçam, senão onde batem. As armas que n'aquella occasião se estavam forjando nas officinas belgicas, faziam perto a pontaria, e vinham a dar longe os golpes. Achava-se a Companhia Oriental formada nos seus Estados, abundante em cabedaes com a navegação e conquistas das nossas praças da Asia; e agora se animavam a invadir e conquistar outras em ambas as Americas, formando para esta nova empreza nova Companhia com o nome de Occidental, não sem contrariedade entre os mesmos interessados, dos quaes votaram alguns não terem poder para sustentar tantas armadas em regiões tão distantes.

2. Diziam que de se emprehenderem outras conquistas se seguia o faltar ás primeiras com as naus e soccorros precisos á conservação e au-

gmento d'ellas; que as suas forças juntas podiam permanecer triumphantes, e desunidas ser desbaratadas; mas pelos votos contrarios foi vencida a razão da cobiça lisonjeada da fortuna: mostravam que os maiores interesses que podiam conseguir, tinham no Brazil e na Nova Hespanha, e que em ambas estas regiões do Novo Mundo, tão opulento e rico, dariam a Filippe rei catholico, monarcha de tanto imperio (cujo poder lhes era sempre formidavel) os golpes com que mais o podiam arruinar.

3. Tomada esta resolução, mandaram prevenir navios por todos os seus portos, fazer gente nas suas provincias, e conduzir alguma de Allemanha e de outras nações, juntando todos os aprestos de que carecia uma acção tão importante aos interesses de sua Companhia, como ao credito e segurança de sua republica, de cuja industria e valor já se fazia não vulgar conceito, assim pelas suas disposições, como pelas suas victorias, tendo conseguido de Filippe III uma tregoa de dez annos, no de mil e seiscentos e nove, tão honrada para os seus Estados, como indecorosa para Castella; pois sobre ser capitulada como entre eguaes, levaram de vantagem o ficarem expostas aos seus progressos e invasões a America e Asia, que n'ella não foram incluidas.

4. Tanto apparato de prevenções (posto que se dispunha com varios pretextos, para se lhe encobrir os fins) não póde ser tão occulto que o não publicasse a grandeza d'elle, e o mesmo segredo com que se obrava, sendo muitas vezes a nimia cautela o maior pregão das acções, inferindo-se d'ella mais do que se desenha nas emprezas. Por esta causa davam as suas preparações cuidado a muitas partes de Europa, menos a Hespanha, que empregada nos agrados e cultos de novo principe, gastava o tempo em faustos, festejos, galas e outros divertimentos de palacio e de côrte, sem attenção á defensa das conquistas, que tinha deixado sujeitas aos golpes dos seus inimigos, tanto mais ambiciosos quanto mais indomaveis.

5. Achava-se com a posse e governo de dois mundos desde o anno de mil e seiscentos e vinte e um el-rei Filippe IV em Castella e terceiro em Portugal, a quem a lisonja ou a vaidade fez que sobre o titulo de Catholico (que tanto prezaram os reis seus antecessores) tomasse o de Grande, ao mesmo tempo em que por varios casos adversos a grandeza que accrescentava ao seu nome, ia perdendo a sua monarchia, com sentimento contrario ao de Octaviano Augusto, que entrando no dominio de quasi todo o ambito da terra, não quiz que lhe chamassem senhor. Porém ao real animo de Filippe pareciam curtas as maiores ostentações de imperio, e com a mesma phantasia não suppunha que haveria quem désse golpe penetrante nos seus dominios, senão quando elles já os sentiam no coração.

6. Era este monarcha tão altivo, que vanglorioso das forças proprias não receava as alheias; o seu valor era egual ao desprezo que fazia de seus inimigos; não punha o cuidado no governo do seu imperio, porque imaginava que o servia a fortuna, sem advertir que por menos desattenções de alguns principes lhes negaram a obediencia os vassallos, e que o mesmo Hercules fôra expulso da companhia dos Argonautas, que na celebre nau Argos iam á empreza do vellocino, porque empregado em outras idéas não acudia ao ministerio da navegação.

7. D'esta phantasia ou d'este total descuido resultaram as repetidas perdas que sentia Hespanha; posto que D. Gaspar de Gusmão, conde duque de Olivares, seu portentoso valido e primeiro ministro, procurasse diminuir o conceito d'ellas, pelo não divertir das branduras do ocio, introduzindo-lhe só os cuidados e exercicios proprios de uma edade verde, em que fundava o seu valimento. Tal é a cegueira dos vassallos apoderados da graça dos principes, que os não deixa ver o perigo proprio, o do rei e o da monarchia; e tão tyranna é com a grandeza a lisonja, que pelo caminho do applauso lhe introduz a ruina.

8. Esta guerra dos Hollandezes no Brazil anda diffusamente narrada na *Nova Lusitania*, no *Castrioto Lusitano* e ultimamente tocada no *Portugal Restaurado* (um dos maiores assumptos e uma das melhores historias da nação portugueza, escripta pela excellentissima penna de autor por muitos titulos grande, que introduz todos os successos da monarchia com tal erudição, clareza e individuação, como se só escrevera de cada um); por esta causa a relataremos succintamente, tomando d'ella só o fio preciso para a teia da nossa historia.

9. Estava a Bahia no descuido e grandeza que costumam resultar da longa paz, porque tendo os Portuguezes conquistado aos gentios as terras que já a constituiam um emporio grande, tratavam de as cultivar com maior jactancia de as possuir que temor de as perder; retirados já aquelles contrarios ao interior dos sertões, faltava do furor das armas até o ruido. Esquecidos os moradores das frechas dos inimigos naturaes, não cuidavam nas balas dos estranhos, porque nos animos que envilece o ocio, ou a opulencia intorpece, não fazem consternação os perigos no ameaço, senão na ruina.

10. Não ignoravam que eram muitos os emulos da monarchia de Hespanha, á qual estavam sujeitos, porque o fado que lhes mudara o dominio, lhes embaraçava o discurso; senão era, que consideravam ao monarcha castelhano outro Jove, a cujo poder, contra os gigantes da soberba e do valor, bastava um raio. Por estas causas se achavam não só inermes para se defenderem, mas faltos da disciplina, que só se conserva no exercicio mar-

cial, appellando para o valor natural da nação, que sem a pratica é arma mais da vaidade ou da desesperação que da milicia.

11. Saiu a armada de Hollanda no fim do anno de mil e seiscentos e vinte e tres, dividida em duas esquadras; uma navegou para as Indias de Hespanha, com o seu general Jacobo Ermit; a outra, encaminhando-se ao Brazil, arribou forçada de contrarios ventos a Inglaterra, donde tornou a saír, e chegando a Cabo Verde, se deteve alguns dias n'aquella altura. Depois proseguiu a viagem, e passando a linha, seis graus ao sul, abriu o general a ordem, que até aquelle termo (como se lhe mandava no seu regimento) tivera cerrada; por ella se viu que vinham a conquistar a Bahia, porque ganhada a cabeça do Brazil, lhes seria facil render os outros membros do Estado.

12. O gosto que com esta noticia recebeu toda a armada, se lhe compensou com uma tão rigorosa tempestade, que separando umas naus das outras, as obrigou a tomar diversos rumos. Quiz a fortuna dos Hollandezes tratal-os então com este pequeno desdem, para logo lhes fazer grandes favores. A sua capitânia avistou a nossa fortaleza do Morro de S. Paulo, em cuja altura se deteve a esperar pelos outros navios, com varios signaes que fazia para se lhes irem juntar, o que conseguiu em quasi um mez que gastou para os encorporar, e juntos commetterem a barra da cidade.

13. A gloria das batalhas não se julga pelo successo das victorias, sim pela resistencia dos contrarios; o valor proprio se prova na constancia alheia. Por esta causa tinham os Romanos duas qualidades de triumphos, ambos grandes, com que honravam aos seus capitães mais famosos: os de ovação, que se concediam por emprezas menos arduas; e os maiores, que só se permittiam aos que sujeitavam as nações mais valorosas e porfiadas, que quanto mais custosas faziam as victorias, davam merecimentos para triumphos mais gloriosos; com differente sentimento do autor do *Castrioto Lusitano*, que parece quer acreditar o nosso valor com diminuir o dos Hollandezes, negando-lhes o nome de soldados, e pondo-lhes o de tratantes, sem advertir que do seu negocio não podiam resultar ás nossas armas a gloria que nos deu o seu esforço. E por credito das victorias que d'elles alcançámos no Brazil, benemeritas da fama entre as maiores e mais sanguinolentas que tem havido no mundo, nos parece preciso mostrar a natureza, constancia e valor dos nossos contrarios.

14. Da Alta Allemanha, ou Germania Superior, é porção nobilissima a Inferior Germania, por outro nome chamada Paizes Baixos; por Treveris, Lorena, Aquisgran e Cleves confina com a Superior; é regada de muitos e famosos rios, sendo os mais celebres o Rheno, o Escalda, o Liz, o Sambra,

o Mossa, o Escarpa e o Haine (de que tomou o nome a sua provincia Hainaut) todos caudalosos e navegaveis. Pelos ducados de Frizia, Gueldres, e pelo condado de Flandres lhe fica o Mar Germanico; pelos de Hollanda e Zelandia o Oceano, tão alto n'aquellas costas, que a não serem fortissimos os seus reparos, os inundara.

15. Estas provincias crearam sempre espiritos armigeros e guerreiros, e sobre todas a parte septentrional d'ellas, que é a antiga Batavia, em que se encorporaram as oito provincias unidas pela rebellião dos Hollandezes. A sua sujeição custou aos Romanos mais que toda a Allemanha e França, perdendo na sua conquista muitas legiões e capitães famosos; e depois muitos seculos, no primeiro da nossa redempção, tornando a rebellar-se, conduzidos do seu indomavel principe Claudio Civil, deram grande cuidado aos imperadores Nero, Galba, Otto, Vitellio e Vespasiano.

16. No seculo nono, florescendo Carlos Calvo com gloriosas acções e militares proezas em defensa da Egreja catholica, sendo eleito e coroado imperador do Occidente, em todas as suas emprezas o acompanhou o famoso Balduino, a quem em satisfação de serviços grandes deu o imperador por esposa a princesa Judith sua filha, com a investidura dos Paizes Baixos, e o titulo de conde e capitão das selvas e mares de Flandres.

17. No anno de mil e duzentos outro Balduino, conde d'aquelles estados, com poderoso exercito naval dos seus vassallos naturaes, tomou aos Gregos o imperio do Oriente, lançando a Aleixo Ducas, seu imperador, fóra de Constantinopla, e conservando-se n'ella e no imperio de Grecia elle e mais quatro condes de Flandres, seus successores, por espaço de cincoenta e nove annos, até o ultimo Balduino, contra quem se levantou o Grego Miguel Paleologo, tirando do poder flamengo, no anno de mil e duzentos e cincoenta e nove, aquelle antiquissimo dominio, que tornou aos Gregos até o de mil e quatrocentos e cincoenta e tres, em que ao Paleologo, ultimo Constantino, o tomou Mahomet primeiro do nome, monarcha ottomano.

18. No de mil e quinhentos e sessenta e quatro alterando-se aquelles estados contra Filippe Prudente, rei de Castella, seu natural senhor, vieram a conjurar-se as oito provincias no congresso que fizeram em a cidade de Utrecht, no anno de mil e quinhentos e setenta e nove; e finalmente no de mil e quinhentos e oitenta e um se lhe rebellaram, formando uma democratica republica, cuja liberdade defenderam com a maior constancia e com o valor mais intrepido, ganhando insignes victorias contra numerosos exercitos. Estes foram os contrarios com quem pelejámos; estes os que vencemos; só infelizes em haver deixado a nossa verdadeira religião catholica

romana, e escurecido com a falsa doutrina de Calvino e de Luthero as esclarecidas acções da sua nação.

19. Vagava a capitânia dos Hollandezes esperando pelos outros navios á vista da nossa fortaleza do Morro de S. Paulo, cujo capitão mandou noticia ao governador da Bahia, de que n'aquelles mares andava uma grande nau que perecia conduzir outras, e logo repetiu segundo aviso de que se viam mais velas, as quaes juntando-se-lhe, como para alguma empresa, ameaçavam repentina invasão; e temendo começasse por aquella fortaleza, importantissima ás conveniencias da cidade, se preparou para a defender, com maior animo que forças para lhe resistir.

20. Estava com as redeas do governo geral do Brazil Diogo de Mendoça Furtado, o primeiro governador e capitão geral que el-rei catholico Filippe IV em Castella e terceiro em Portugal enviara a este Estado, aonde chegou no anno de mil e seiscentos e vinte e dois; e tambem o primeiro capitão portuguez que n'esta guerra metteram os Hollandezes no seu triumpho. Pelas noticias que teve do capitão da fortaleza do Morro, se dispoz á defensa, podendo temer a desgraça mais que remedial-a. Tinha grande valor e pratica da milicia, de cujo exercicio havia feito na India relevantes provas; porém o ocio em que estavam os moradores da Bahia, lhe impossibilitava a opposição a que se via precisado com uma guerra inopinada, sem meios nem prevenções para a resistencia; e supprindo com a sua disposição os reparos e a gente de que carecia a praça, ordenou a defensa d'ella, não conforme ao perigo, mas á necessidade.

21. Fez vir do reconcavo todos os moradores mais capazes de tomar armas, dos quaes juntou mil e seiscentos, unindo-lhes oitenta soldados pagos, de que constava todo o presidio; e mandando a seu filho Antonio de Mendoça Furtado com dois patachos explorar aquellas naus, se applicou com incessante cuidado a todo o genero de opposição que n'aquella occasião podia fazer a cidade e prevenir o valor. Vinte e seis dias assistiram os moradores do reconcavo na cidade, e sendo já gastos os mantimentos que n'ella se tinham juntado para a occasião, vendo que se dilatava, e que as faltas que faziam ás suas fazendas e lavouras, fóra de suas casas, lhes causavam uma perda consideravel, tratavam de se retirar.

22. Diziam que o governador por uma guerra contingente os punha em um damno certo; que as naus eram de corso, buscavam presas e não conquistas, pois se vieram com impulso de invadir a cidade, se não haviam de deter tanto tempo vagando n'aquelles mares, e consumindo n'elles, com a dilação da armada, os mantimentos que lhes seriam necessarios para a empreza da conquista. Estas vozes, que já passavam a tumultos, favorecia o

bispo D. Marcos Teixeira, aconselhando-os que voltassem para as suas casas, com licença do governador ou sem ella, culpando-o de os deter inutilmente em prejuiso dos seus interesses, como aos moradores e ao bispo parecia; e com o seu conselho se foram retirando e deixando a cidade só com os poucos moradores que a habitavam.

23. Porém logo experimentaram o erro d'esta resolução e o castigo da sua desobediencia, porque poucos dias depois de se ausentarem, precedendo os dois patachos com que fôra Antonio de Mendoça Furtado reconhecer as naus, chegaram ellas á barra da Bahia, aos nove do mez de maio do anno de mil e seiscentos e vinte e quatro. Constava a armada de vinte e cinco baixeis com tres mil e quatrocentos homens de guerra; trazia por general a Jacob Willekens, por almirante a Peter Petrid, Inglez de nação, chamado vulgarmente Pedro Peres, e por mestre de campo de toda a infanteria a João Dorth, que havia de exercer o posto de general nas occasiões em que desembarcasse em terras do Brazil. Eram soldados de muita fama, e de tanto valor, que de pequenos principios tinham chegado a postos grandes, e já logravam muito nome de experimentados capitães.

24. Investiram as suas naus as embarcações que acharam em o nosso porto, e rendidas depois de alguma inutil resistencia, as abrazaram; e estendendo-se por toda a marinha, a bateram incessantemente, dando mostras de querer desembarcar na praia da cidade, em diversão do logar onde pretendiam sair em terra. Mandaram dois mil homens, de que eram cabos Frederico Ruyter e Francisco Duchs, a tomar a fortaleza de Santo Antonio da Barra, que renderam facilmente; e caminhando por aquelle sitio para a cidade, fizeram alto em S. Bento, mosteiro vizinho a ella. Investiram-n'a os Hollandezes, mas acharam nos moradores opposição tão forte que os fizeram retirar rechaçados, e logo os seguiram tanto espaço que os obrigaram a recolher-se ao posto do referido convento em que se tinham alojado.

25. Se esta constancia permanecera nos moradores, poderiam sustentar a praça, até que unido n'ella outra vez o poder do reconcavo (que a confiança, mais que o temor, tinha separado), seria facil resistirem aos inimigos o mais porfiado sitio, emquanto lhes chegassem do reino os soccorros, que pela importancia da empreza deviam julgar infalliveis e promptos. Porém aquelle primeiro venturoso encontro, que lhes podera ser feliz auspicio de futuras victorias, foi n'elles menos poderoso que o terror panico que lhes entrou no peito e lhes superou o valor; porque na mesma noite, representando-lhes o receio mais phantasmas que as sombras, com maior cuidado em salvar as vidas que o credito, recolhendo o precioso que poderam levar,

e desamparando a cidade, se metteram pelos bosques e matos vizinhos, seguindo-os o bispo D. Marcos Teixeira.

26. Não souberam obrar os moradores da Bahia pela sua nação o que Sagunto pela romana, e Numancia pela carthagineza; sem lhes abrirem brechas nos muros, nem perderem vidas (pelas salvar nos bosques) desampararam a cidade, podendo defendel-a. Pouco lhes deveu a patria, pois a deixaram na sujeição estranha; muito as muralhas, pois lhes quizeram poupar as pedras, cujas ruinas poderiam ser os melhores epitaphios do seu valor; mas como o tinham sepultado ou injuriado nos peitos, não cuidaram de o trasladar aos marmores; posto que depois (como mostrará a historia) o que não obraram na cidade, fizeram na campanha, impedindo aos inimigos continuar por ella os seus progressos; arrependimento que ainda que veiu prompto á satisfação da culpa, os não póde livrar da injuria do peccado.

27. Tinha ainda o governador Diogo de Mendoça Furtado setenta homens, e resistindo aos inimigos com desesperado esforço, em novo conflicto os rechaçou, matando-lhes dois officiaes de supposição. Mas vendo os Hollandezes com a luz da manhã o silencio que havia na cidade, a falta de gente nos muros, e certificados por alguns christãos novos degradados (que pouco antes de amanhecer se tinham passado para o seu exercito) de que os moradores se haviam n'aquella noite ausentado, e que na cidade não havia quem lhes podesse fazer resistencia, a entraram, indo ao paço em que residia o governador, ao qual tinha já desamparado a maior parte dos setenta homens que lhe ficaram; e achando-se só com dezoito, se resolveu a morrer antes que a entregar-se, antepondo a fama e a liberdade á vida; e pretendendo vendel-a mais cara, accommetteu aos inimigos, recebendo não poucas feridas.

28. Tão desangrado como destemido aspirava a uma gloriosa morte, porfiando em perder a vida, que lha quizeram conservar os inimigos com piedosa emulação, compassivos e admirados da sua resolução e esforço, promettendo-lhe decorosos partidos para o socegar; e sendo persuadido pelos companheiros a acceital-os, capitulou vocalmente com elles sair livre e os companheiros com as armas e uma bandeira; condições tão honradas como mal cumpridas, pois logo com pretexto apparente, mas não justificado (pois nunca o póde haver para faltar á palavra), mandaram o governador preso para a sua almirante, e com os navios que depois enviaram carregados dos generos da Bahia, e outras presas que na sua barra haviam feito, o remetteram para Hollanda, como premissas dos interesses e conquistas que começavam a lograr no Brazil, e como penhores de maiores progressos e triumphos.

29. Era Diogo de Mendoça Furtado esclarecido em nascimento e valor, e por estas qualidades conhecido na patria e fóra d'ella. Em satisfação de bons serviços foi enviado ao governo geral do Brazil; n'elle lhe mostrou a fortuna (só constante em ser varia) semblante diverso d'aquelle com que o seguira em outras partes da monarchia, convertendo-lhe agora em castigo o premio de que as suas virtudes o tinham feito benemerito. Derramou o sangue, perdeu a fazenda e a liberdade, e não bastaram tantos sacrificios da honra para lhe tirarem a mancha com que na fama ficou a sua memoria, ou porque a derradeira acção é a que dá ou tira aos capitães a gloria, ou porque não basta havel-a conseguido em outros lustros da edade, se até os ultimos periodos da vida lhes não assiste a fortuna.

30. Senhores da praça os Belgas, a saquearam com o maior escandalo e a mais nimia ambição, triumphando nos Portuguezes do odio dos Castelhanos, e profanando nos templos a nossa sagrada religião. A aversão á fé catholica e á nação castelhana eram n'elles um só impulso; com os mesmos golpes da vingança obravam os sacrilegios, padecendo a lastimada Bahia por outros peccados estes insultos. Fortificaram os inimigos a praça, levantando trincheiras e fazendo novas defensas para resistirem ás armas de Castella e Portugal, com quem haviam de contender em tão grande empreza e de tanto empenho para a corôa de Hespanha, quanto era o prejuizo que d'esta perda resultava a toda a sua monarchia.

31. Posto que não dominavam a campanha, na qual estavam os paisanos juntos armando-se, e fazendo toda a prevenção para a defender (por emendar n'esta acção a vileza que commetteram em desampararem a praça, impedindo-lhes agora os progressos por terra), estavam elles senhores da cidade, do mar e do porto, para receberem os soccorros de Hollanda e todos os que a industria e fortuna das suas naus podiam conduzir, assim dos navios que tomavam na barra, como das embarcações menores que do reconcavo navegavam para a cidade, das quaes colhiam em abundancia muitos viveres e regalos, emquanto o damno as não fez abstrahir de cursarem os mares que estavam senhoreados do poder estranho.

32. Ia engrossando o nosso campo com muitos moradores que por terra lhe chegavam do reconcavo, arrependidos do seu primeiro erro de deixarem a cidade, quando o governador Diogo de Mendoça os mandara residir n'ella para a sua defensa. Juntando tambem alguns Indios já christãos e fieis, estavam todos na campanha com tanto valor unidos, e com tal resolução de impedir aos inimigos os progressos que intentassem fazer por terra, que saíndo uma grossa manga d'elles fóra das muralhas, os fizeram recolher rechaçados, deixando muitos mortos e levando outros feridos.

Abriram as vias da successão que tinham os padres da Companhia, e acharam nomeado por governador e capitão geral a Mathias de Albuquerque, o qual estava governando Pernambuco, capitanía de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque; e não só pelo titulo de successão era chamado para o governo da Bahia, mas por patente real que lhe levara em direitura a Pernambuco o doutor Antonio Marrecos.

33. Mandaram os Portuguezes que estavam na campanha aviso a Mathias de Albuquerque. Era a distancia em que se achava de cento e cincoenta leguas; pedia a occasião que se elegesse um cabo que governasse a guerra durante a sua dilação; resolveram que este fosse o auditor geral Antão de Mesquita de Oliveira; mas sendo-lhe pela sua muita edade incompativel esta occupação, e havendo-a dado a dois coroneis Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e João de Barros Cardoso, a vieram a conferir depois ao bispo D. Marcos Teixeira, que a acceitou, por recuperar n'este serviço del-rei e da patria a opinião em que estava de haver tido a maior parte na desordem que fizera a gente do reconcavo, retirando-se para as suas casas pelo seu conselho, contra os preceitos do governador.

34. Fortificou-se em um sitio chamado Rio Vermelho, uma legua distante da cidade, com taes disposições e com tão militar disciplina que parecia se creara no estrondo da guerra, em que nunca tivera exercicio, mais que n'esta occasião. Governava ao mesmo tempo as suas ovelhas como pastor e como capitão, cingindo a espada sem depôr o baculo; com tanto valor tinha reprimidos os inimigos na cidade, que de expugnadores se viam cercados. E saindo o general João Dorth com muitos dos mais valorosos Hollandezes do seu exercito a reconhecer o nosso alojamento, foi accommettido de um troço dos nossos soldados, governado pelo capitão Padilha, de sorte que pelejando-se de ambas as partes com grande porfia, perdeu o seu general a vida, em prova do nosso esforço e castigo do seu impulso. Pela sua morte foram succedendo no cargo outros generaes, cuja insufficiencia ia concorrendo a favor das nossas armas, e servindo ás nossas victorias, porque em todas as saídas que faziam fóra das muralhas, experimentavam o proprio damno, com perda de gente e de opinião.

35. Chegada a Mathias de Albuquerque a noticia da sua nomeação nas vias, e a nova patente de governador e capitão geral do Brazil, querendo alliviar o peso do governo ao bispo, enviou a Francisco Nunes Marinho d'Eça para se encarregar d'elle; dois mezes o exerceu com os mesmos acertos e com egual fortuna; e o bispo o deixou com grande gloria, pelo largar quando tinha feito mais provas de o merecer; mas enfermando dos descommodos de uma aspera campanha, do rigor de uma disciplina em

que se não creára e só a impulsos do valor e da fidelidade do seu animo exercera, faltando-lhe os promptos remedios e commodidades para a cura e crescendo o mal, falleceu em breve tempo.

36. D. Marcos Teixeira, quinto bispo do Brazil, foi de familia nobre, clerigo do habito de S. Pedro. Succedeu a D. Constantino Barradas no bispado do Brazil, e chegou á Bahia no anno de mil e seiscentos e vinte e um; governou a sua Egreja em paz dois e meio; seis mezes em cruel guerra; tres capitaneou os poucos Portuguezes que se juntaram para restaurar a patria, com os successos que temos referido, havendo em o curto tempo do seu pontificado, que não passou de tres annos, procedido como prelado virtuosissimo (até nos mesmos dias em que a fatalidade o fez soldado), porque a um mesmo passo encaminhava as almas e defendia as vidas das suas ovelhas, tão egual em um e outro emprego que pareceu nascido para ambos.

37. Como falleceu na campanha, foi sepultado em uma capella de Nossa Senhora da Conceição, erecta em Tapagipe alguns annos antes, e ainda hoje n'aquelle logar permanente; mas a confusão da guerra teve tambem logàr na sua sepultura, porque lhe não pozeram letra ou divisa que a distinguisse das outras, ficando por esta causa as suas cinzas tão confusas, como clara a sua memoria pelas suas virtudes.

38. Chegou a Madrid a noticia da perda da Bahia, e despertou aquella côrte do lethargo em que jazia no descuido das Conquistas. Dispoz logo o conde duque para a sua restauração duas poderosas armadas, uma em Castella, e em Portugal outra; escrevendo el-rei de sua real mão aos governadores do reino, que eram n'aquelle tempo os condes de Portalegre e de Basto, com encarecidos termos, o muito que esperava do valor e lealdade portugueza n'aquelle empenho, que tocava a toda a monarchia. Em uma e outra parte d'ella se preveniram armadas; na de Portugal se alistou grande numero de fidalgos da maior esphera, uns com praça de soldados, outros com o nome de aventureiros.

39. Muitos titulos e primogenitos de casas illustrissimas, e os filhos segundos e terceiros de outras, com tal empenho tomaram a empreza, que depois de terem occupado grandes logares e relevantes postos no reino e o de vice-rei na India, se embarcaram sem occupação alguma mais que o impulso bellicoso da nação, sempre vivo em todos. Em breve tempo se poz prompta a armada, cujo general era D. Manuel de Menezes, tão celebre então pelo nascimento, pelo valor e por outras virtudes, como depois pelas desgraças.

40. A de Castella não era de menor apparato, nem de menos expe-

ctação e grandeza, antes superior em naus, gente e experiencia, conduzindo muitos cabos e soldados veteranos, tão exercitados nas facções de terra como nos conflictos do mar. Traziam n'ella postos differentes, varios titulos e fidalgos italianos, vassallos del-rei de Hespanha. Dos Castelhanos vinham muitos de elevada esphera, uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta occasião do maior furor d'ella para ensaio do seu novo militar emprego.

41. Era general D. Fradique de Toledo Osorio, marquez de Valdueça, o capitão de maior fama que n'aquelle tempo tinha a nação castelhana. Preveniam-se as armadas com grande fervor, conduzindo todos os instrumentos e munições precisas para qualquer dilatado sitio. Era causa mais forçosa para a breve expedição d'ellas a noticia do soccorro que preparavam as Provincias Unidas, para conservarem o dominio da Bahia, que possuiam, sendo o exercito naval que para este empenho juntavam, tão poderoso, que chegando primeiro, poderia pôr em maior contingencia a empreza das nossas armadas.

42. Emquanto se aprestava a de Portugal, enviaram os governadores do reino em ligeiras embarcações alguns soccorros de gente e munições ás outras praças maritimas do Brazil e de Africa, prevenindo-lhes o damno que podiam receber na falta dos meios de que careciam, para se defenderem das invasões dos inimigos, que tendo senhoreado a cabeça, caminhariam a apoderar-se dos outros membros, com o mesmo vôo da sua diligencia ou da sua fortuna. Em uma de tres caravelas que mandaram a Pernambuco, veiu D. Francisco de Moura Rolim, com ordem del-rei para governar o campo em que as nossas armas estavam sendo freio ao furor das hollandezas.

43. Chegou brevemente D. Francisco de Moura a Olinda, donde se transferiu á Bahia, e continuou as facções com a disposição e valor que lhe adquiriram a experiencia e o nascimento. Era natural de Pernambuco e das primeiras familias d'aquella provincia; tinha militado em Flandres e na India e occupado em uma e outra região preeminentes postos, e o seu procedimento e qualidades o fizeram digno de empregos maiores, que exerceu com a mesma satisfação e zelo do serviço real.

44. Posto que de Castella se davam repetidas pressas á armada de Portugal, culpando-lhe por dilação até o preciso tempo que não podia escusar para o seu apresto, se veiu a pôr prompta para navegar primeiro que a de Hespanha, pela qual esperou muitos dias no rio de Lisboa, até que teve ordem para a ir aguardar nas ilhas de Cabo Verde, onde chegou muito tempo depois da nossa. Juntas se fizeram á vela nos principios de fevereiro,

e entraram pela barra da Bahia sexta feira da Semana Santa, aos vinte e oito de março de mil e seiscentos e vinte e cinco, com doze mil homens, mil e quinze peças de artilheria e sessenta e seis naus.

45. Não perderam os Hollandezes o animo com a vizinhança do perigo á vista das nossas armadas, e se dispozeram á defensa da cidade, que esperavam conservar, na confiança da prevenção com que a tinham fortificado, e do soccorro de Hollanda que esperavam por instantes. Faziam ostentação galharda do seu poder, mostrando não recear o cêrco nem os assaltos da nossa gente; e posto que no seu general Guilherme Schouten não havia tanto valor, antes mostrava muita insufficiencia para o posto n'aquella tão importante occasião, tudo suppria a capacidade e resolução dos outros cabos, officiaes e soldados. Ordenaram a vinte e seis navios que tinham no porto se encostassem mais á cidade, para ficarem defendidos da artilheria dos fortes.

46. Foram as nossas naus penetrando a enseada, e desembarcando o general D. Fradique de Toledo com a maior parte da gente, se lhe juntou logo D. Francisco de Moura com os Portuguezes que governava, e ficou o general D. Manuel de Menezes com as armadas, das quaes formou uma meia lua, para impedir o transito ás naus hollandezas, se intentassem saír pela barra. D. Fradique de Toledo fez dois quarteis em duas partes oppostas e distantes uma da outra, porém qualquer d'ellas proxima á cidade. Ficava um junto ao convento do Carmo, outro ao de S. Bento; mas para esta parte saindo de dentro da cidade o capitão João Kijf, bellicoso e esforçado Hollandez, com trezentos soldados, investiu ao nosso quartel, que embaraçado na operação em que estava delineando a sua fórma, por ser o primeiro dia em que se assentava, conseguiu com grande gloria sua e perda nossa uma facção notavel, em que nos fez damno consideravel, matando cabos, officiaes e soldados nossos de grande supposição e qualidade, recolhendo-se para a cidade com applauso e vaidades militares.

47. Com a mesma ousadia no mar intentaram queimar a capitânia e almirante de Hespanha, que ficavam em menos distancia das suas naus; e favorecidos das sombras da noite, em dois navios de fogo, que com industriosa presteza tinham fabricado, saíram a conseguir esta empreza, de cujo perigo nos livrou a prevenção encaminhada a differente fim, porque vendo aos seus dois navios á vela, se levaram precipitadamente os nossos, querendo impedir a saída á sua armada, que entenderam pretendia fugir, e d'esta sorte obviaram o incendio que lhes iam vomitar aquelles dois portateis Mongibellos navaes.

48. O general D. Fradique de Toledo, querendo abreviar a empreza, não só por credito das nossas armas, mas pelo damno que se lhes seguia

na dilação, estimulado do proprio valor e da resistencia dos Hollandezes, ordenou um geral assalto, que se executou com muitos ataques por varias partes da cidade, em cuja defensa pozeram todo o seu esforço e industria os inimigos. Mas repetindo-se-lhes os assaltos em que perdiam muita gente, e tardando-lhes a armada do soccorro, sem a qual lhes era já quasi impossivel contrastar ao nosso poder, achando-se desunidos os cabos e havendo em um militar tumulto ferido e deposto como a incapaz ao seu general Guilherme Schouten, e substituido o seu cargo com o capitão João Kijf, depois de fazerem as ultimas provas da sua contumacia, resolveram entregar a cidade.

49. Eram muitas as condições com que capitulavam, porém só lhes concedemos as que pareceram honestas, mas ainda maiores das que n'aquella occasião podiam esperar, e mais pontualmente observadas que as que elles não quizeram guardar ao governador Diogo de Mendoça Furtado quando tomaram a praça: n'ella entrámos, depois de um mez de sitio, no primeiro de maio de mil e seiscentos e vinte e cinco, em cuja memoria faz o Senado da Camara da Bahia na Matriz, com solemne procissão, todos os annos festa aos gloriosos apostolos S. Filippe e Santiago n'este dia a elles consagrado, em agradecimento do triumpho que n'elle com a sua intercessão e favor alcançámos dos inimigos da fé e da patria.

50. Havia mais de um anno que estavam senhores da cidade, com tanto interesse dos Estados de Hollanda como perda dos moradores da Bahia, os quaes reputaram agora em menos o cabedal que a liberdade, em cuja comparação não teem valor os maiores bens da fortuna. Tornaram para as suas casas, que haviam sido emprego da cobiça dos inimigos, e testemunhas do escandalo com que as tinham desamparado os seus proprios senhores. Achámos na cidade grande copia de munições, armas e bastimentos; e concedidos aos inimigos os viveres necessarios para o seu regresso á Hollanda, e os navios que foram precisos para o seu transporte, os fez o general D. Fradique partir brevemente.

51. Vinte e dois dias depois de rendida a praça chegou o soccorro que aos inimigos vinha em trinta e quatro naus de Hollanda, de que era general Balduino Hendrikszoon, capitão da fama e expectação que eram precisas a um cabo que saía a affrontar-se com o poder de Castella e Portugal; mas veiu só a ser testemunha da nossa gloria, posto que, mostrando desprezal-a, prolongou a sua armada pela enseada da Bahia. Porém sendo seguido dos nossos generaes, se retirou, navegando com vento tão favoravel e com tal diligencia, que lhe não poderam dar alcance as nossas armadas em todo aquelle dia; a noite o fez desapparecer, voltando os nossos generaes para o porto da Bahia.

52. N'ella ordenou D. Fradique de Toledo todas as materias pertencentes ao bem da republica e á defensa da praça, mostrando em umas e outras disposições ter o seu talento tanto de soldado como de politico; e prevenindo com o mesmo cuidado as naus de tudo o que lhes era preciso para tornarem aos seus portos, deram á vela em quatro do mez de agosto. Porém succedeu ás nossas armadas, depois da restauração da Bahia, o mesmo que á dos Gregos depois da destruição de Troia; porque ao rigor de grandes tempestades e infelizes accidentes (perdidas muitas naus e todas derrotadas), depois de larga navegação, chegaram mui poucas á patria. Ficou com o governo geral do Brazil D. Francisco de Moura Rolim até o anno de mil e seiscentos e vinte e seis.

53. Foi seu successor no cargo Diogo Luiz de Oliveira, fidalgo que á sua muita qualidade soube juntar os esmaltes do seu grande merecimento. Tinha servido com grande satisfação e valor em Flandres, onde em largos annos havia exercido importantes postos, e adquirido n'elles toda a experiencia da militar disciplina e do governo politico; virtudes pelas quaes foi escolhido del-rei e do valido para governar o Brazil, que sendo n'este tempo o notorio empenho das armas de Hollanda, fiavam de Diogo Luiz a conservação das praças da America portugueza, que lhe encarregavam. Assim como chegou á Bahia, tratou da fortificação da cidade, aperfeiçoando uns fortes que ainda não tinha acabado o inimigo, e delineando outros com o acerto na eleição dos sitios e na regularidade das fabricas, proprios da sua experiencia; e com geral applauso governou o estado nove para dez annos, até o de mil e seiscentos e trinta e seis.

54. Não logrou o Brazil muito tempo o socego que esperava das victorias que a Bahia tinha alcançado contra o poder de Hollanda, porque as naus da sua Companhia, em diversas esquadras, repetidas vezes infestaram os nossos mares. Uma das treze naus, com o seu general Peter Petrid, entrou pela enseada da Bahia até Tapagipe, mais de legua distante da cidade; e posto que com evidentissimo perigo pela vizinhança d'ella, favorecido da fortuna, fez presa em dezeseis navios que estavam á carga, e tinham já dentro tres mil caixas de assucar. Saindo a comboial-os pela costa, fez algumas presas em outras embarcações nossas, e tornou com maior desvanecimento, não dando por cabal a sua empreza sem penetrar o reconcavo pelos seus rios, até onde poderam chegar as suas naus, seguindo a sete navios que por elles pretenderam escapar-lhe, dos quaes tomou tres, e fez dar á costa aos quatro; e demorando-se alguns dias, como senhor da enseada, saíu da barra triumphando.

55. Cornelio Jolo, chamado por outro nome o Pé de Pau, pirateando

com outra esquadra pelos mares do Brazil, tomou a ilha de Fernão de Noronha, na altura de tres graus austraes, em que os Hollandezes principiaram povoação e lavouras, donde foram expulsos por Ruy Calaça, enviado de Pernambuco a esta empreza com quatrocentos soldados. Pouco satisfeitos d'estes damnos e hostilidades que nos faziam, aquelles animos em quem por natureza e profissão eram um mesmo impulso o valor e a cobiça, picados agora do interesse e da vingança, andavam n'estas pequenas chammas alimentando o incendio que pretendiam atear com maiores labaredas em outra occasião. Sentiam em perderem a Bahia diminuida a esperança dos cabedaes e a gloria da opinião, que nos peitos humanos apoderados da vaidade são os mais fortes torcedores da imaginação; e meditavam o despique de um e outro empenho, com todas as idéas do seu cuidado e com o maior poder das suas forças.

56. Por estas causas não cessavam as officinas de Hollanda de forjar raios para os fulminarem no Brazil; e novo felicissimo accidente augmentou o poder da Companhia Occidental d'aquelles Estados, para os animar a esta segunda empreza; porque saindo da costa do Brazil o referido Peter Petrid a buscar a frota das Indias, que navegava para Hespanha governada por D. Luiz de Benavides, combatendo-a a venceu, e importou esta notavel presa em Hollanda nove milhões. Com tão grosso cabedal trataram os interessados de juntar naus e gente, determinando que o golpe se désse em Pernambuco, consideradas as grandes utilidades que lhes resultavam da conquista d'aquella provincia, e a pouca disposição que havia nos seus habitadores para a defensa (do que tinham larga noticia), occultando sempre o alvo d'este tiro, para o qual dispunham as maiores prevenções e a mais poderosa armada.

57. Era condessa de Flandres a infanta D. Izabel, filha d'el-rei D. Filippe II e viuva do archiduque Alberto de Austria, o qual sendo prior do Crato, cardeal da santa Egreja romana e vice-rei de Portugal, deixou a ordem e o capello, e se desposou com esta princeza, levando em dote aquelles paizes, que por falta de successão tornaram á corôa de Hespanha. Fez esta princeza aviso a seu sobrinho el-rei Filippe IV que a machina naval dos Hollandezes ia caír sobre Pernambuco, por noticias certas que colhera de intelligencias fieis.

58. Achava-se Mathias de Albuquerque na côrte de Madrid; foi logo nomeado por el-rei governador de Pernambuco, independente do capitão geral do Brazil nas materias pertencentes á guerra, e o enviou a Lisboa, ordenando se lhe dessem as embarcações, gente e mantimentos competentes á defensa. Porém, sem embargo das muitas instancias que fez aos governa-

dores do reino, e de ser um d'elles o conde de Basto, sogro de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque, senhor d'aquella capitanía, não pôde conseguir mais que tres caravelas com alguns poucos soldados e petrechos, com que chegou ao Recife (porto de Pernambuco) no mez de outubro do anno de mil e seiscentos e vinte e nove.

59. Achou Mathias de Albuquerque a praça com cento e trinta soldados de presidio; por acabar algumas fortificações que deixara principiadas no tempo que a governara, e pouco guarnecidas as que tinha deixado perfeitas; os moradores sem exercicio nem experiencia da militar disciplina, descuidados do perigo de que os podera fazer advertidos o successo da Bahia; e finalmente vendo tudo sem capacidade da prompta defensa que requeria o damno imminente, preveniu as forças, e dispôz a gente na melhor fórma que lhe permittira o tempo, mostrando-se comtudo n'estas prevenções mais pratico que activo, porque se applicara n'aquelles mesmos dias a outra acção politica, impropria da occasião, devendo só cuidar na defensa d'aquella provincia, em que podera fazer o maior serviço e ainda a maior lisonja ao monarcha. Porém mostrou na outra applicação em que estava mais empenhado, que tinha por contingente a vinda da armada inimiga, ou totalmente por falsa.

60. Pareceu fatalidade, sendo Mathias de Albuquerque tão bellicoso e tendo feito habito do furor das armas, que exerceu em Flandres e em outras regiões da Europa com grandes provas de soldado, metter-se agora a ser lisonjeiro; porque trazendo a nova do nascimento do principe D. Balthasar Carlos, herdeiro da monarchia, ordenou em Pernambuco grandes e intempestivas festas, em detrimento das operações que se faziam para a sua defensa e necessitavam de todas as attenções e de mais tempo que aquelle que podia tardar a armada hollandeza, sendo então mais poderoso n'elle o impulso da lisonja que o do valor e da obrigação do cargo; mas, antes de se concluirem os festejos, lhe chegou um patacho de Cabo Verde com aviso de João Pereira Corte Real, que governava aquella ilha, de que a armada de Hollanda, depois de se deter n'aquelles mares quasi dois mezes, tomara o rumo do Brazil.

61. Obrou effeitos differentes em Pernambuco esta noticia; porque a uns accrescentou a confusão, e a outros diminuiu a desconfiança, discursando estes que se a armada viera sobre aquella praça, já havia de ter apparecido no tempo que o patacho se havia dilatado, e que o não haver vista d'ella, fazendo a mesmo navegação, era indicio de levar outro desenho a diversa empreza. Porém Mathias de Albuquerque, com a noticia d'este aviso, dispunha tudo o que podia ser util á defensa, guarnecendo as fortalezas; e

reparando-as o mais breve que lhe foi possivel, as entregou a pessoas de maior confiança, tendo a mesma providencia com os postos e logares por onde o inimigo intentasse invadir a terra. Mas n'esta operação se começou a descobrir do Cabo de Santo Agostinho a armada, tocando-se logo rebate n'esta povoação, donde se fez aviso ao governador.

62. Viviam os Pernambucanos na maior opulencia, com vantagens em grandeza a todos os outros moradores do Brazil, mas tão esquecidos da modestia, que não seguiam outras leis que as da vontade, com escandalo da justiça, commettendo muitos delictos, em que por se ostentarem mais famosos no poder, pareciam menos observantes na religião. Por estas causas prégando em uma das suas freguezias um religioso grave com espirito apostolico e emphatico, reprehendendo em commum os vicios e abusos da terra, e usando como em prophecia de uma mui propria paranomasia, disse que Olinda seria brevemente escrava de Hollanda.

63. A estas palavras levantando-se alguns dos principaes que assistiam ao sermão, o mandaram calar, e o fizeram descer do pulpito com violencia e confusão, sem poder o parocho atalhar aquella força, posto que applicara todos os meios de a obviar; desordem a que se seguiu brevemente a perda de Pernambuco e o cumprimento d'aquellas palavras, tão mal recebidas nos seus animos então, como depois lembradas nos seus arrependimentos, e ainda hoje conservadas com lagrimas nas memorias de todos os moradores mais qualificados de Pernambuco.

64. Foi a armada inimiga proseguindo a viagem, e appareceu á cidade de Olinda em quatorze de fevereiro do anno de mil e seiscentos e trinta; era de setenta velas, contando-se entre ellas poderosas naus; conduziam oito mil homens de guerra, que governavam dois generaes, Henrique Loncq no mar, e Theodoro Weerdemburgh na terra. Batendo incessantemente a marinha, fizeram demonstração de desembarcar no rio Tapado; mas por entre o furor da bateria e as sombras do fumo destacou do corpo da armada Theodoro de Weerdemburgh uma esquadra de naus, e saltou em terra com quatro mil homens em um sitio chamado o Pau Amarello, tres leguas e meia da cidade de Olinda.

65. Acudiu logo a ella o governador Mathias de Albuquerque do logar do Recife, onde o poder da armada hollandeza o tinha levado a defender aquelle porto, que suppôz era o transito que os inimigos buscavam para saltar em terra, como mostrava a porfia com que o batiam, até que a noticia o avisou da diversão com que desembarcaram no referido sitio do Pau Amarello; e deixando guarnecida a praça com algumas ordenanças e com os moradores que julgou mais promptos para a defensa das proprias casas

que para os progressos da campanha, marchou a encontrar os inimigos com um troço de exercito, que não passava de setecentos homens entre Portuguezes e gentios, em que havia alguma cavallaria; e posto que todos bisonhos, era numero sufficiente (amparado das brenhas que pelo continente guarnecem toda a extensão d'aquella praia, por onde marchavam formados em quatro batalhões os inimigos) a impedir-lhes o passo, principalmente havendo elles de passar o Rio Doce, transito em que nos ficavam de inferior partido.

66. Era grande a vantagem que nos offereciam a occasião e o sitio, a não se esquecerem os moradores do valor portuguez, trocando pelo seu receio a obediencia dos seus capitães, de sorte que passando os contrarios quasi desordenados o rio, e dando-lhes os Portuguezes algumas cargas, em que lhes mataram muita gente, sem proseguirem a defensa se retiraram os nossos apoderados de um temor vil, que os fez antepôr a vida á honra; e como todo o animo que perdiam, iam ganhando os inimigos, lhes foi facil caminharem para a cidade de Olinda, onde entraram pela parte mais eminente d'ella, em que está situado o collegio dos religiosos da Companhia de Jesus.

67. Já na indistincta luz, confusa madrugada do infausto dia dezeseis de fevereiro, se tinha ausentado a maior parte da gente que ficara para defender a praça, porque o debil sexo feminino, retirando-se para os matos com copiosas lagrimas, levou apoz si os esposos, os filhos e os paes, arrebatados da corrente d'aquelle pranto, ou impellidos do seu amor (que n'esta occasião pareceu mais filho de Venus que de Marte), conduzindo todos o mais precioso que possuiam e poderam carregar; causa pela qual acharam os inimigos o saque menos rico do que imaginavam; mas a falta dos despojos vingaram em sacrilegios, profanando os templos e os altares, brindando pelos calices sagrados, e vestindo por ludibrio as sagradas vestimentas sacerdotaes. Com estes escandalos discorriam armados por todas as ruas, com jactancia vil de um triumpho que alcançaram sem victoria, e de uma praça que conquistaram sem resistencia.

68. Porém não faltaram alguns valorosos Portuguezes, que vendo perdida a patria, quizeram sacrificar-lhe as vidas, sem esperança de lhe conseguir a liberdade, usando com ella de uma inutil piedade, e comsigo de um valor cego, que serviu mais á desesperação que ao remedio. Foram as aras d'estas oblações o adro da Santa Misericordia e os muros dos religiosos de S. Francisco; n'estes o capitão André Pereira Themudo, n'aquelle o capitão Salvador de Azevedo, juntando-se a um e outro muitos briosissimos paisanos de juvenil edade, que em annos verdes souberam dar sasonados fructos do valor.

69. Investiram com duas grandes mangas de inimigos em desigualissimo partido, sem outra esperança ou fim mais que o de não quererem sobreviver á calamidade commum e á ruina da republica, abrindo com as espadas transitos ás vidas, e derramando a todas as partes mortes; nas alheias souberam vender caras as proprias, e posto que d'esta resolução não resultasse outro beneficio que o exemplo do amor da patria, pelo qual os levou a fama a viver na immortalidade, são as suas memorias ainda cá no seculo dignas de toda a duração que pode permittir o tempo.

70. Não podiam os Hollandezes tomar o Recife sem ganhar o forte de S. Jorge, que os havia de offender no passo: mandaram rendel-o por um grosso batalhão de dois mil soldados, que marchando cobertos das sombras da noite, lhe pozeram escadas, lançando primeiro dentro varios instrumentos de fogo; porém o capitão Antonio de Lima, que com pouco mais de trinta soldados, em que se contavam algumas pessoas nobilissimas, o defendia, de sorte recebeu aos inimigos que os fez voltar rechaçados, deixando o seu cabo e trezentos soldados mortos, e ficando a campanha semeada de corpos e de mosquetes.

71. Admirado o general hollandez Theodoro Weerdemburgh de tanta resistencia em tão debil corpo, que apenas mostrava capacidade para cincoenta pessoas (sem advertir que aos corpos pequenos faz grandes o valor), ardendo em ira pela perda recebida do estrago feito nos seus soldados, se resolveu depois de alguns dias a ir em pessoa sitial-o com quatro mil infantes e boa artilheria. Com este apparato militar saiu de Olinda em uma noite, e chegou ainda nas sombras d'ella a pôr-se defronte do dito forte.

72. Abriu trincheiras, plantou artilheria, batendo-o incessantemente pelo curso de cinco dias, nos quaes se defendeu Antonio de Lima com resolução verdadeiramente heroica, tanto maior quanto não esperada, pela pouca gente com que se achava. Fez aviso a Mathias de Albuquerque pedindo-lhe soccorro; mas não lho enviando, e sem colher o capitão da sua resposta esperanças de o alcançar, capitulou com os inimigos saírem os Portuguezes livres, condição a que faltaram os Hollandezes, querendo obrigal-os a jurar não tomarem armas contra Hollanda por tempo de seis mezes; o que visto pelos nossos, renovaram o conflicto, em que ficaram todos presos.

73. Rendido o forte de S. Jorge, se entregou logo o de S. Francisco, e marchou o exercito inimigo a tomar o Recife, que desamparam os seus moradores, tendo-lhe primeiro feito as custosas exequias de um poderoso incendio, em que serviram ás chammas tres milhões em varios generos de cabedaes, pondo voluntariamente o fogo ás suas casas, moveis e fazendas, para que ficasse menos importante o triumpho aos Hollandezes.

74. Foram tão similhantes as perdas da Bahia e de Pernambuco, tão parecidos os infortunios de Diogo de Mendoça e de Mathias de Albuquerque, que nem das duas praças se deve formar juizo desegual, nem dos dois generaes fazer conceito differente; pois n'ellas não havia meios para a defensa proporcionados á grandeza do perigo, e n'elles não faltou o cuidado que póde permittir a brevidade do tempo; e assim, ou se deve em um e outro absolver o procedimento, ou condemnar em ambos a desgraça: porém se em algum podera haver culpa, não ha duvida que se attribuiria a Mathias de Albuquerque, porque tendo na defensa de Pernambuco mais occasiões em que exercer o valor, se não empenhou em contrastar a fortuna, e esta não deu logar a Diogo de Mendoça para larga opposição, pois o chegou logo ao preciso termo do rendimento ou da desesperação.

75. Imitaram os moradores de Pernambuco aos da Bahia, assim no receio com que deixaram a praça aos inimigos sem a defender, como na resolução com que se ajuntaram na campanha para se lhes oppôr. O esforço da nação, perturbado de repentinos accidentes, póde embaraçar-se por falta de disposições, mas o impulso correu logo para o seu natural effeito a estimulos do brio e do valor. Agora se juntavam ao general Mathias de Albuquerque para a defensa da patria os mesmos que se lhe tinham apartado na invasão d'ella, e por eleição de todos escolheu um sitio proporcionado a *impedir* aos Hollandezes o transito da provincia com progressos por terra, em o qual se fabricou logo uma força com algumas peças de artilheria e sufficiente numero de gente.

76. Distava uma legua assim de Olinda, como do Recife (povoações de que estavam apoderados os inimigos), para lhes impedir a communicação de uma a outra pelo isthmo de areia que por espaço de uma legua as aparta. Foram os nossos fazendo trincheiras e reductos, assistidos de gente menos em numero que em valor, todos desejosos de fazer aquellas provas de animo que não tinham obrado quando os inimigos lhes tomaram as praças.

77. Vendo o general hollandez o estorvo que lhe fazia a nossa força do Arraial do Bom Jesus (que este sagrado titulo lhe deu Mathias de Albuquerque) e o damno que dos outros reductos e trincheiras recebiam os seus soldados, matando-lhe muitos dos batalhões com que saiam a fachinar, colher fructa e lenha, ou a passar de uma a outra povoação, achando menos quinhentos e tantos infantes mortos em repetidas occasiões, e vendo-se quasi sitiados em Olinda e no Recife, por não poderem communicar-se por terra sem evidente destroço e perda da sua gente; tendo recebido de novo muita, varios petrechos e bastimentos, em um soccorro que poucos dias antes lhe chegara de Hollanda, se resolveu o Weerdemburgh a mandar contra

o nosso arraial dois mil Hollandezes governados por um dos seus coroneis de maior supposição.

78. Saíram de Olinda, e caminhando de noite, chegaram ao romper da manhã, cuja luz os descobriu ás nossas sentinellas, que dando aviso ao arraial, saíram d'elle e de todas as outras trincheiras e estancias os nossos soldados, conduzidos dos seus valerosos cabos; e investindo pela retaguarda e por ambos os lados, os fizeram voltar as costas destroçados e fugitivos, com grande perda de gente e maior de opinião, deixando com os mortos muitos despojos militares no campo, e sendo seguidos no alcance de alguns alentados paizanos com maravilhoso effeito.

79. Chegou a Madrid o aviso da perda de Olinda e do Recife, do poder com que estavam os Hollandezes sobre Pernambuco, e da opposição que os Portuguezes lhes faziam na campanha: mandou logo el-rei catholico Filippe IV ordem aos governadores do reino enviassem soccorros áquelles moradores, para impedirem os progressos dos inimigos. Prepararam-se em Lisboa promptamente nove caravelas, em que vieram quatrocentos infantes, algumas munições e bastimentos. Saíram umas com interpolação de dias a outras, mas todas chegaram brevemente a Pernambuco, e tomando varios portos d'aquella provincia, por diversos caminhos se foi ajuntar ao nosso arraial este soccorro.

80. Trouxe entre os seus capitães ao famoso Portuguez Paulo de Parada, o qual saindo a singular desafio com um dos principaes Pernambucanos, ficou menos airoso do que depois se mostrara em repetidas occasiões no serviço da monarchia de Hespanha por muitas partes de Europa, occupando pelo seu valor e disposição grandissimos postos, os quaes sendo dos maiores da milicia, ficaram ainda inferiores á sua fama, que eternisou o seu nome para viver por memoria na posteridade.

81. Foram os Hollandezes com dois mil infantes em vinte naus sobre a ilha de Itamaracá, que dá o nome a toda a sua capitanía (a qual deixamos já descripta no livro segundo d'esta historia). Pelo espaço de mar que cerca a ilha para a parte da villa de Guayana, tem duas barras; na mais capaz entraram os inimigos, e saltando em terra para ganharem a ilha ou lograrem o saque, foram valorosamente resistidos do capitão-mór Salvador Pinheiro, que animando aos poucos moradores d'ella, se lhes oppoz com maior resolução que poder; e não conseguindo os nossos contrarios um nem outro intento, desafogaram a ancia que os levara áquella entrepreza, com levantarem na barra uma fortaleza, em que deixaram muita artilheria, soldados e duas embarcações, voltando as naus d'esta expedição sem outro effeito para o Recife.

82. Careciam os Pernambucanos de um soccorro mais poderoso, com que podessem de uma vez arrancar aquella perniciosa planta, que ia já estendendo as raizes, antes que as lançasse mais dilatadas e mais profundas; supplicavam a Castella por uma real armada que os livrasse d'aquelle jugo hollandez, que tão vizinho e com tanto poder lhes ameaçava maiores estragos; representavam que unidas as armadas castelhana e portugueza, como na restauração da Bahia, poderiam lograr o mesmo triumpho, expulsando aos inimigos com o proprio successo. Porém na côrte de Madrid se resolveu que a guerra de Pernambuco se fizesse lenta, sem se ponderar o damno que recebiam aquelles vassallos na dilação (debeis já as suas forças pelas continuas pelejas, que em numero tão inferior aos inimigos tinham com elle incessantemente), sendo-lhes quasi impossivel podel-os resistir em tempo mais continuado.

83. Ouviam o rei e os ministros as vozes, mas não deferiam ás supplicas, porque estava destinada áquella nobilissima provincia mais duração de calamidades para mais castigo, ou para maior gloria dos Pernambucanos. Respondiam os ministros de Castella, que para tão grande expedição estava exhausta de cabedaes e gente Hespanha, necessitadas n'aquella occasião as suas costas de serem assistidas das suas armadas; e só lhes mandaram o soccorro que o tempo lhes permittia, ordenando que D. Antonio de Oquendo, que ia comboiar os galeões para as Indias de Hespanha, chegasse á Bahia a informar-se do estado da guerra de Pernambuco, para dispôr a fórma em que se haviam de encaminhar os soccorros que trazia para aquella capitanía e para a da Parahyba.

84. Constavam ambos de mil infantes entre Portuguezes, Hespanhoes e Italianos; estes e os Hespanhoes governados por João Vicencio de Sanfelice, conde de Bagnuolo. Partiu D. Antonio de Oquendo de Lisboa, e chegou com viagem breve á Bahia, que ainda governava Diogo Luiz de Oliveira, com quem consultou (segundo os avisos que tinha do estado em que se achava Pernambuco) o meio de introduzir os soccorros nas referidas praças.

85. Não cessava a Companhia Occidental de Hollanda em fazer para a conquista de Pernambuco novas despezas, segurando na repetição de umas os interesses de todas. Tinha enviado no principio d'este anno de mil e seiscentos e trinta e um algumas naus, que no Recife desembarcaram dois mil infantes e muitos bastimentos; e logo tendo noticia que D. Antonio de Oquendo levava á Bahia o que se havia de enviar a Pernambuco, mandaram outra armada, em que veiu por general do mar Adrião Pater, a cujo nome tinha já grangeado attenções a fama das suas victorias. Com a mesma

presteza com que chegou, dispoz vir á altura da Bahia esperar que saísse a nossa armada, para se bater com ella, reforçando a sua com as melhores naus e a mais escolhida gente que tinham os Hollandezes no Recife, como devia eleger, saindo contra um tão grande capitão, que ainda quando o não podesse vencer, lhe bastara a gloria de o intentar.

86. Era D. Antonio de Oquendo grandissimo soldado, o mais perito e valoroso cabo que em muitos seculos teve a milicia naval de Hespanha; contava os triumphos pelos conflictos, mostrando-se até áquelle tempo tão esforçado como venturoso. Tinha feito alguma precisa demora na Bahia, pela causa que deixamos referida, e saiu d'ella conduzindo sessenta embarcações, em que se contavam as vinte da sua armada, vinte e oito que iam para Portugal carregadas de assucar e dos outros generos d'este paiz, e doze caravelas que levavam os soccorros para a Parahyba e Pernambuco com o conde de Bagnuolo e Duarte de Albuquerque Coelho, que viera n'aquella armada para passar á capitanía de que era donatario, a concorrer com a pessoa e com o poder para a sua restauração, ou a ser companheiro da sua desgraça, posto que levasse a Pernambuco mais ostentações que utilidade.

87. Dez dias depois de levar as ancoras do porto da Bahia a nossa armada, foi vista da inimiga, e descobrindo-se ambas, se dispozeram á peleja, concorrendo o mar e o vento com todas as disposições para o combate e servindo ao estrago e ao triumpho de uma e outra nação. Rara vez concedeu o Oceano as suas crystalinas campanhas para palanque de mais horrendo singular desafio entre duas naus e dois generaes; porque avançando-se as duas contrarias capitânias (com tal brevidade que a artilheria d'ellas não teve tempo para mais operação que a de uma carga) atracadas pelejavam, como em campo raso, peito a peito e braço a braço.

88. Accesos no fogo da mosquetaria os troncos dos mastros, abrazadas as velas e as enxarcias, era tudo horror e tudo incendio. A fortuna que havia sido parcial de ambos os capitães em diversos conflictos, esteve n'este sete horas indifferente, sem resolver a qual d'elles se havia de inclinar; até que accendendo-se na coberta da capitânia inimiga um fogo inextinguivel que a ia consumindo, tratou a nossa de se desatracar, o que não conseguira, se uma das nossas naus lhe não dera um cabo, com que se póde apartar do incendio ateado na capitânia hollandeza, donde muitos inimigos fugindo ao fogo, salvaram na nossa as vidas a dispendio das liberdades, como alguns dos nossos soldados fizeram tambem nas naus inimigas.

89. O general Adrião Pater, que certo do seu inevitavel perigo, já se contentava com que a ruina da capitânia hollandeza acompanhasse a hes-

panhola, vendo agora que desatracara e que a sua ficara para perecer do incendio, não procurando salvar-se na nossa por não servir ao triumpho do nosso general, quiz ser singular na eleição da morte, acabando a vida a seu proprio voluntario impulso, antes que chegasse a perdel-a ao rigor das chammas de que não podia livrar-se; fazendo vaidade de ter escolha na ultima desgraça, se lançou ao mar armado e envolto no estandarte da sua Republica, a qual podera levantar estatuas á sua posteridade, posto que este seu famoso capitão, querendo poupar-lhe os mausoleos, escondesse no profundo do Oceano o seu cadaver.

90. Nas outras naus de ambas as armadas houve eguaes destroços; a almirante contraria, rendendo a um dos nossos galeões, a metteu a pique a nossa almirante; os nossos navios fizeram o mesmo a tres dos seus; e finalmente, destroçados uns e outros, se retiraram os inimigos. A nossa armada se reparou dos damnos em tres dias, e passados, navegou a castelhana para as Indias, as naus de carga para Portugal, e as caravelas do soccorro para Pernambuco, onde desembarcaram em um porto chamado a Barra Grande; e caminhando trinta leguas por fragosos transitos de terra, chegou o soccorro ao nosso Arraial do Bom Jesus, com grande contentamento do nosso exercito.

91. Tornando para o Recife as naus da armada inimiga com a noticia da perda do seu general, quizeram os do conselho vingar-lhe a morte com algum golpe que nos fizesse mais sensivel impressão. Desampararam a cidade de Olinda, porque tendo dividido entre ella e o Recife o seu poder, e não conseguindo dar-se as mãos sem perda de gente, julgaram aquella praça de maior prejuizo que utilidade ás suas emprezas; e pondo-lhe o fogo, foi mais poderoso o incendio para a consumir que as lagrimas dos paizanos e catholicos para o apagar. Arderam os sagrados simulacros e as aras n'aquelle fogo, que se não accendia em sacrificios, mas em sacrilegios.

92. Enviaram os inimigos tres mil homens em trinta naus a ganhar a capitanía da Parahyba, cujo commercio e fortaleza eram mui conducentes aos interesses dos seus cabedaes, e ao progresso das suas conquistas. Governava aquella provincia Antonio de Albuquerque, e valorosamente a defendeu; mas carregando os inimigos para a dita fortaleza uma legua distante da cidade, saíu d'ella, e com muito inferior numero de gente lhe fez muito damno em um porfiado combate; porém não póde impedir-lhes o ganharem por então a fortaleza, que depois de alguns mezes de sitio, com os soccorros que do nosso arraial mandara Mathias de Albuquerque, os obrigamos a largal-a e a retirarem-se.

93. Recolhidos ao Recife, saíu outra esquadra das suas naus sobre a

capitanía do Rio Grande, que governava Cyprião Pitta Portocarreiro; mas achando-o prevenido com o soccorro que lhe fôra da Parahyba, não só defendeu a praça, mas impediu aos inimigos o ingresso na campanha, porque mandando rebanhar algum gado, o não levaram, defendido pela nossa gente. Tornando ao Recife os Hollandezes, foram de novo á ilha de Itamaracá, e tiveram o proprio successo. Intentaram interprender o Cabo de Santo Agostinho, a cujo porto (não inferior, antes melhor que o do Recife) iam já acudindo com o nosso commercio as nossas embarcações. Governava os dois reductos que o conde de Bagnuolo alli tinha levantado, Bento Maciel Parente, o qual com a gente com que se achava, e com outra que logo do nosso arraial se lhe enviara, resistiu e rechaçou aos inimigos, os quaes, imaginando ser maior o soccorro que nos chegara, se retiraram confusa e apressadamente.

94. De novo determinaram assaltar com grande poder ao nosso arraial, resolução que executaram quinta-feira santa, dia em que elles sabiam que os Portuguezes estavam occupados nas sagradas ceremonias da nossa Egreja catholica. Mas acudiu Deus a castigar o sacrilegio que n'aquella celebridade commettiam contra a nossa religião, porque, dando-nos um geral assalto os inimigos, foram desbaratados pelos nossos capitães e soldados, que no combate e no alcance lhes mataram e feriram muitos infantes, ficando na campanha morto o seu general Lourenço de Rembach, successor no posto de Theodoro Weerdemburgh, que pouco antes tinha partido para Hollanda.

95. Porém crescendo continuamente no Recife aos inimigos os soccorros de Hollanda, e achando-se com sete mil homens de guerra, quando os Portuguezes apenas contavam mil e duzentos, divididos por tão differentes estancias, acudindo a tão distantes partes, debilitados de tantas e tão continuas marchas e pelejas; abundantes os contrarios dos muitos bastimentos e viveres que de Europa lhes conduziam as suas naus; faltos os nossos até do preciso alimento para sustentar as vidas (porque os lavradores com a vizinhança do perigo deixavam a cultura dos campos), chegava a excessivo preço algum genero comestivel que se descobria, sendo ainda mais caro em apparecer que em se reputar.

96. Por esta causa experimentava uma geral necessidade toda a nossa gente; e por acudir a tanta oppressão, resolveu o general Mathias de Albuquerque fazer um pedido por todos os moradores mais ricos de Pernambuco, arbitrando a quantia de quarenta mil réis por cada um, ou a irem residir no arraial os que não quizessem contribuir com esta imposição; meio que se julgou necessario para reparar em parte o mal que se padecia. Encarregou esta ordem a Sebastião da Rocha Pitta, avô do autor, que

no arraial assistia com muita gente á sua custa, por ser uma das primeiras e mais poderosas pessoas de Pernambuco, que no serviço do rei e da patria juntava ao merecimento do valor a despeza do cabedal. Na ordem que lhe deu por escripto, a qual ainda hoje se conserva, e contém termos e palavras mais decorosas das que costumam os generaes usar com os vassallos, lhe concedeu poderes sobre todos os capitães-móres e justiças d'aquelles districtos, dando-lhe tambem faculdade para a delegar nas pessoas que elegesse por aquellas partes a que a sua não podesse ir. Do zelo e cuidado com que Sebastião da Rocha Pitta a soube executar, resultou grande utilidade ao nosso arraial, porque foram muitos moradores assistir em o nosso exercito; e os que se acharam impossibilitados para o fazer, contribuiram com a imposição dos quarenta mil réis, que deram uns em dinheiro, outros em gado, com cujo soccorro póde respirar e sustentar-se algum tempo a nossa gente.

97. Estavam decretados vinte e quatro annos de miserias na sujeição dos Hollandezes aos Pernambucanos, e a verem reduzidos a ruinas os faustos e cabedaes com que serviram á vaidade, tão esquecidos da virtude, que ainda nos que pareciam mais ajustados na vida, lhes era inseparavel culpa a soberba; sendo agora castigados da altissima Providencia, que dispoz serem tratados como escravos os que tanta jactancia faziam de ser senhores. Por esta causa permittiu que não chegassem no termo do referido tempo a ter soccorros do seu monarcha equivalentes a libertal-os do jugo estranho, e que até dos poucos que lhes enviara, lhes chegasse a menor parte, como n'este anno de mil e seiscentos e trinta e trez aconteceu aos que conduziam Francisco de Soutomaior e Francisco de Vasconcellos da Cunha, de cujos navios, soldados e bastimentos foram raros os que chegaram a juntar-se ao nosso exercito, represados e rotos os mais pelos inimigos; e pela mesma superior causa era já inutil a nossa constancia.

98. Exercia o posto de general dos Hollandezes Sigismundo Van der Schkoppe, que succedera n'elle a Lourenço de Rembach, morto na campanha pelo nosso ferro, como temos mostrado. Era Sigismundo mais resoluto ou mais venturoso que o seu antecessor; e não perdendo tempo de mostrar a sua ousadia e tentar a sua fortuna, dispunha continuas expedições, encaminhadas a varias partes; e como por disposição divina estavam determinados os castigos de Pernambuco, de que eram segundas causas e instrumentos os Hollandezes, não podia fazer o valor portuguez resistencia egual a uma empreza em que não só parecia difficil, mas quasi impossivel a opposição.

99. Foram ganhando os inimigos muitas praças: tomaram a capitania

de Itamaracá; largamos-lhes a villa de Igaraçú; tornando á provincia do Rio Grande a ganharam, e com o mesmo curso de victorias senhorearam a povoação do Pontal no Cabo de Santo Agostinho e a provincia da Parahyba, posto que em todas estas partes lhes pleiteou a posse a nossa constancia, mais que o nosso poder, cuja debilidade cedeu á fortuna do vencedor, a quem não ajudou pouco a rebelião dos gentios d'aquelles districtos que tomaram a sua voz, excepto os poucos fieis que até á ultima desgraça seguiram as nossas armas.

100. A um mesmo tempo desenharam os inimigos duas emprezas, e dividido o seu poder em duas partes, uma foi sobre o nosso arraial do Bom Jesus e outra sobre a fortaleza de Nazareth no Cabo de Santo Agostinho. Pouco antes d'esta sua resolução, tinha Mathias de Albuquerque com o conde de Bagnuolo passado a Villa Formosa de Serinhaem, por lhes parecer sitio mais proporcionado que o do arraial, para remetterem os soccorros onde os pedisse a necessidade. Mandou os que pôde ao arraial e á fortaleza de Nazareth, cujos defensores, depois de terem feito no curso de muitos mezes insignes actos de valor, incriveis provas de constancia, e padecido as maiores necessidades, faltando-lhes a esperança de outros soccorros, por terem já os inimigos tomado a todos o passo, se lhes renderam com honradissimas condições.

101. Ordenou logo Mathias de Albuquerque ao conde de Bagnuolo passasse a Porto Calvo, para segurar aquella povoação, aonde se haviam de encaminhar os inimigos. Chegou áquella villa o conde, mas apenas desembarcaram n'ella os Hollandezes, a desamparou, passando á povoação das Alagoas, onde se lhe foi juntar Mathias de Albuquerque com as reliquias do nosso exercito, por seguir-lhe os passos, ou por intender que na impossibilidade de resistir aos inimigos, não tinha em toda a provincia de Pernambuco outro logar em que se fortalecer.

102. Era a vontade do general Mathias de Albuquerque inseparavel da do conde de Bagnuolo, e parecia não ter operação propria, sendo as do conde o objecto das queixas e murmurações communs; já lhe achacavam faltas de valor, já lhe arguiam intelligencias com os inimigos, e n'estas imposturas padecia o seu credito com a opinião de desleal ainda maior infamia que a de cobarde; e verdadeiramente as suas acções deram materia para estes discursos, pois não correspondeu em Pernambuco á fama do seu talento, nem á confiança que se fez da sua pessoa para a defensa d'aquellas provincias.

103. Em todas as occasiões mais dispunha as retiradas que os combates: seguido dos inimigos até á provincia de Sergipe, nunca lhes mostrou

a cara. As palmas que não soube merecer em Pernambuco, vinha alcançar na Bahia, onde inopinadamente (como em seu logar diremos) defendeu a praça do sitio que lhe poz o conde de Nassau, e n'esta occasião restaurou a reputação que em tantas havia perdido; se foi fortuna, teve votos de esforço e de pratica militar, alcançando del-rei catholico por este serviço premios avantajados aos seus merecimentos.

104. Chegou n'este anno de mil e seiscentos e trinta e cinco o nosso suspirado soccorro, mas tão desegual á esperança e necessidade de Pernambuco, que fez mais lastimosa a sua ruina. Quando o cauterio não é poderoso a curar a chaga, só serve de aggravar a ferida. Veiu junto em duas esquadras; uma castelhana, governada por D. Lope de Hozes, outra portugueza, por D. Rodrigo Lobo. Avistaram ambas o Recife, podendo ganhar aquella praça de armas dos inimigos, e tirar-lhes o unico porto das suas armadas, que não podiam agora resistir á nossa por não se achar com gente, dispersos e divididos os Hollandezes por tantos presidios quantas eram já as conquistas que tinham feito.

105. Sendo aconselhado D. Lope a esta interpreza, a não quiz intentar, desculpando-se com a pressa que o trazia a pôr na Bahia a Pedro da Silva (que vinha succeder a Diogo Luiz de Oliveira) e voltar para as Indias de Hespanha. Sem outra operação entraram as nossas naus na barra das Alagoas, onde lançaram o soccorro e a D. Luiz de Roxas e Borja, que ia succeder a Mathias de Albuquerque com o titulo de mestre de campo general do marquez de Vallada, o qual ficara prevenindo maior poder em Hespanha, mas não chegou a passar ao Brazil.

106. Deixando nas Alagoas o soccorro, seguiu a nossa armada a viagem da Bahia, de cujo governo tomou posse o capitão geral Pedro da Silva. E promptas as naus das duas esquadras, partiu D. Lope de Hozes a comboiar a frota das Indias a Hespanha, e D. Rodrigo Lobo se demorou alguns dias para conduzir a da Bahia a Portugal. Saiu D. Lope, e a pouco tempo de navegação pelejou com oito naus hollandezas, sem perda consideravel de uma nem de outra parte, posto que lhe foi preciso, por reparar os navios da sua esquadra, tornar á Bahia, donde brevemente saíram ambas, tomando cada uma a derrota do seu regimento.

107. Em a nossa se embarcou Diogo Luiz de Oliveira, tendo procedido no Brazil com o valor e acerto que sempre mostrara em outras partes da monarchia em serviço del-rei, que agora lhe decretara a empreza de expulsar os Hollandezes de Curação nas Indias Occidentaes; porque na grandeza dos monarchas uns serviços são habilitações para outros, e na constancia dos heroes ficam sendo uns perigos premio de outros perigos. N'esta mesma

occasião passou o general Mathias de Albuquerque, e chegado a Portugal passou a Madrid, donde foi remettido preso para o castello de Lisboa.

108. Não descançava D. Luiz de Roxas e Borja, novo governador das nossas armas, no cuidado de as empregar com golpes que vingassem os nossos estragos, e augmentassem a sua gloria. Sabendo que Sigismundo Van der Schkoppe estava em Porto Calvo, determinou ir ganhar aquella villa, e deixando ao conde de Bagnuolo na das Alagoas, mandou adiante a Manuel Dias de Andrada (um dos seus tenentes) com parte da infanteria, seguindo-o com o resto do exercito. Teve o general hollandez anticipada noticia, e desamparando a villa, se poz em salvo no Recife com seiscentos infantes. Entraram em Porto Calvo os Portuguezes que foram adiante, e logo o mestre de campo general com toda a infanteria, applicando-se ao reparo das ruinas que os inimigos tinham feito, assim na egreja matriz como nas casas particulares, sumptuosos aposentos de nobilissimas familias que desde a fundação da provincia de Pernambuco tinham feito assento n'aquelle districto.

109. Tendo noticia o coronel Christovam d'Artichofski que D. Luiz de Roxas fôra a Porto Calvo contra Sigismundo, e ignorando que este se houvesse já ausentado, o foi soccorrer com mil e quinhentos homens tirados das fortificações da Peripoeira, que governava; de cujo movimento informado D. Luiz, saiu a encontral-o com inferior numero de gente, sem consultar aos cabos, nem ter experiencia do terreno. Teve com os inimigos um choque, que suspendeu a noite, ficando de uma e outra parte muitos mortos e feridos, e em maior numero na dos contrarios; mas passando as horas do somno em considerações o nosso mestre de campo general e os nossos cabos, culpando estes o muito que aquelle se empenhara, e ponderando o perigo em que estavam com tão pouca gente, se determinou mandar vir do Porto Calvo a que deixara n'aquella povoação, estando o nosso exercito em um posto eminente, onde seguro de ser accommettido a podia esperar.

110. Porém não pôde o animo de D. Luiz de Roxas restringir-se aos termos da prudencia; porque descobrindo de manhã aos inimigos, impellido do natural furor, contra o que na noite antes se tinha determinado, os mandou avançar; e travando-se a peleja, depois de se pleitear por muitas horas entre ambas as partes a victoria, perdemos a batalha, e o nosso mestre de campo general a vida, mais inutil que gloriosamente. Este fim teve D. Luiz de Roxas e Borja, cuja fama tinha já dado não pequeno brado, e cujo talento benemerito de melhor fortuna promettia maiores esperanças. O seu valor testemunharam as campanhas de Flandres e das Indias; ás suas veias deram sangue as esclarecidas casas de Lerma e Gandia. E' a sua

memoria crédora de attenções, posto que não póde acontecer a um capitão maior desgraça que ficar sendo exemplar de lastimas.

111. Os Hollandezes, ainda que vencedores, ficaram tão cortados do nosso ferro, que não ousaram em seguimento da victoria marchar para Porto Calvo; mas cheios de pavor e espanto, deixando no campo muitos mortos e levando innumeraveis feridos, se retiraram com o seu coronel para a sua fortificação da Peripoeira, donde tinham saído. Abertas as vias da successão que trouxera o mestre de campo general D. Luiz de Roxas e Borja, se achou nomeado para lhe succeder no cargo o mestre de campo João Ortiz, Hespanhol, que fôra morto algum tempo antes pelos inimigos nas Alagoas, e no ultimo logar o conde de Bagnuolo, com geral sentimento dos Portuguezes.

112. Por esta causa persuadiam no Porto Calvo ao tenente general Manuel Dias de Andrada se encarregasse do governo; e nas Alagoas rogavam o mesmo a Duarte de Albuquerque, que como senhor de Pernambuco ficara pela ausencia de seu irmão Mathias de Albuquerque com o governo politico por ordem del-rei n'aquella provincia. Porém cada um d'estes capitães, agradecendo o rogo e estranhando o conselho, se conformaram em o desprezar, attentos á obediencia da nomeação real, cuja disposição só deviam seguir.

113. Com o novo titulo e poder o conde de Bagnuolo, juntando as reliquias do nosso exercito, se dispunha a ficar nas Alagoas; mas persuadido a ir ao Porto Calvo segurar no nosso dominio aquella villa mais vizinha á campanha que dominavam os inimigos, passou a ella, onde residiu emquanto elles o não inquietaram; porém chegando ao Recife no principio do anno de mil e seiscentos e trinta e sete João Mauricio, conde de Nassau, com o supremo governo das armas de Hollanda no Brazil, e informado que o conde de Bagnuolo existia no Porto Calvo, marchou a ganhar aquella povoação.

114. Fez conselho o Bagnuolo, e votando todos os cabos que os nossos soldados, praticos no paiz (em que os inimigos eram bisonhos), os esperassem entre os matos para lhes cortarem os passos, principalmente em um espaço de cinco leguas de caminho alagadiço, que precisamente haviam de passar, sendo facil aos Portuguezes desbaratal-os n'elle e impedir-lhes o transito com tanta mais perda sua que nossa, quanto era maior o seu poder, ao qual não podiamos oppor-nos em campanha rasa; não se accommodando o Bagnuolo a este parecer, guarneceu a fortaleza e dividiu alguma infanteria por varios postos, onde sendo tão pouca, era certa a perdição e quasi impossivel a defensa; e elle se poz em um reducto, que por mais

distante lhe pareceu mais seguro, donde enviou todo o seu fato para as Alagoas, acção com que mostrara a fuga que dispunha.

115. Defenderam-se na povoação os Portuguezes sem mais esperança que a de venderem caras as vidas; e quando aguardavam algum soccorro ou ordem do conde de Bagnuolo, souberam que se tinha ausentado para as Alagoas, levando quasi por força a Duarte de Albuquerque e ao tenente general Manuel Dias de Andrada, a fim de que o segurassem de algum tumulto da infanteria, a qual ordenou que o seguisse, deixando desamparados os cabos e soldados que occupara nos postos da villa e na defensa da fortaleza. Retiraram-se os que poderam, não podendo obrar mais, e a fortaleza se defendeu ainda muitos dias.

116. Por não terem esperança do soccorro, capitularam a entrega com decorosas condições, que pontualmente lhes foram guardadas pelo conde de Nassau, o qual marchou para as Alagoas em seguimento do de Bagnuolo, que apostado a fugir-lhe se passou para o Rio de S. Francisco, onde podera mostrar-lhe o rosto, fazendo-se forte com a infanteria, cabos e moradores que levava retirados, por ser summamente defensavel aquelle districto; mas seguido do Nassau se passou com a mesma velocidade para a cidade de S. Christovam de Sergipe, onde sendo mandado desalojar por Sigismundo, o não quiz esperar o Bagnuolo, apezar da muita gente que levava, e com ella se poz a salvo na Bahia.

117. O conde de Nassau, acabando em breve tempo uma fortaleza que levantou na barra da villa do Penedo (ultimo limite da provincia de Pernambuco para a parte do sul), voltou para o Recife, delineando novos progressos. Parecia-lhe que á grandeza do seu nome e da sua fama não bastava conservar e defender aquellas conquistas, se com maiores emprezas as não adiantava. Eram os seus pensamentos tão altos como a sua familia, de grande jerarchia em Allemanha, onde fôra imperador seu ascendente Adolpho, conde de Nassau. Só com a opulencia da Bahia se podiam ajustar as medidas do seu animo, tão ambicioso da gloria de a conquistar, que apressando o tempo á execução, e applicando os meios e instrumentos para tão grande empreza, saiu do Recife com quarenta naus e oito mil homens de mar e guerra.

118. Trazia n'ellas os melhores cabos e a infanteria mais escolhida que tinha a Companhia de Hollanda nas praças que nos tomaram, e de todas escolheu a milicia de que fizera a maior confiança para este empenho de tão relevantes consequencias á sua fama, aos interesses da Companhia e dos Estados. Aos quatorze de abril do anno de mil e seiscentos e trinta e oito appareceu a sua armada, e entrando pela barra da Bahia, penetrou toda a sua

enseada, fazendo vistoso alardo de bandeiras, flammulas e instrumentos bellicos, que causaram um formoso horror nos animos de todas as pessoas que se achavam na cidade.

119. Diversos effeitos e discursos obrou n'ellas esta inopinada guerra, mas todos conformes e ordenados á segurança da praça, para cuja defensa concorreu muito acharem-se na Bahia os cabos, milicias e moradores retirados das capitanías de Pernambuco, que n'esta occasião vieram a ser o maior obstaculo ao conde de Nassau; e então conhecera o erro que commettera em as fazer retirar para esta praça, ao mesmo tempo que se dispunha a conquistal-a, pois assistida de milicia e gente tão valorosa, que em tão varias partes com tanta constancia, esforço e pratica militar lhe pleitearam a posse de suas conquistas, lhe fazia esta quasi impossivel; causa de que resultava muita confiança aos moradores, e só receavam as tibiezas do conde de Bagnuolo, agora disfarçadas com o pretexto da independencia do seu cargo ao governador geral Pedro da Silva, por se achar com o mesmo poder de Mathias de Albuquerque e de D. Luiz de Roxas nas materias da guerra, isentos da jurisdicção do capitão geral do Estado.

120. Porém o general Pedro da Silva, conhecendo que de menores accidentes resulta a perdição dos desenhos, e que por competencias de jurisdicções se perdem os exercitos; cedendo em serviço do rei e da patria o seu natural capricho e hereditario valor herdado dos seus gloriosos progenitores (illustrissimos em Portugal pelo curso de muitos seculos) e não querendo ainda em prejuizo proprio pôr em contingencias e embaraços a causa publica, cedeu ao Bagnuolo o governo da guerra e da praça, e como um particular soldado se dispoz á defensa d'ella.

121. Esta acção, em que a fineza da lealdade venceu em Pedro da Silva o vigor do esforço, conhecido em muitas occasiões, foi n'esta entre os militares e politicos avaliada com differente primor do com que fôra feita; porque sempre na catastrophe dos juizos humanos prevalece a vaidade propria á utilidade commum e á conservação da monarchia. Porém como os principes teem por obrigação distinguir nos vassallos os vicios e as virtudes, por esta o fez el-rei Catholico conde de S. Lourenço; mas subindo a maiores quilates o brio de Pedro da Silva, não quiz acceitar a mercê, mostrando n'esta independencia mais acrisolada a sua fidelidade: depois houve effeito em sou genro Martim Affonso de Mello, casado com D. Magdalena da Silva, sua filha, em cuja excellentissima casa permanece.

122. Desembarcou o conde de Nassau na praia de Tapagipe, mais de uma legua da cidade; dispondo a fórma de accommettel-a, tomou o forte

de Monserrate e o de S. Bartholomeu, que por não se entender que desembarcasse n'aquella parte, os não tinhamos guarnecidos. Aquartelou-se no outeiro chamado do Padre Ribeiro (sacerdote do habito de S. Pedro, que dera o appellido áquella eminencia e a uma das melhores fontes da Bahia, por haver tido uma quinta n'aquelle sitio fronteiro á cidade, em distancia de quasi meia legua). Porém o conde de Bagnuolo, que com a superioridade vestira o poder e a pelle de leão, deixando a de ovelha, tinha disposto a defensa com grandissimo valor e pratica militar, tanto mais admiravel quanto n'elle menos esperada. Havia mandado varios troços com os mais esforçados capitães a hostilisar aos inimigos em diversos postos do caminho, o que obraram com grande animo e fortuna, matando-lhes mais de seiscentos homens antes de chegarem á referida eminencia do Padre Ribeiro.

123. Marchou o Bagnuolo com a maior parte da infanteria, Duarte de Albuquerque e o governador Pedro da Silva, que de todas as suas ordens era o executor mais intrepido e diligente. Aquartelou-se junto á egreja de Santo Antonio (hoje freguezia) em uma trincheira que n'aquelle logar mandara levantar o governador e capitão geral Diogo Luiz de Oliveira, cujas ruinas reparou agora o conde de Bagnuolo com tal brevidade, que se achava já mais capaz de defensa. Era o sitio mais fronteiro e vizinho aos inimigos, e n'elle se obraram todas as facções e combates d'esta guerra, fazendo-se de uma e outra parte os maiores actos de valor, os inimigos por conseguirem por aquella parte o transito para a cidade, e nós pelo defender.

124. Durou muitos dias a porfia; repetiram-se incessantemente os combates, e ao mesmo tempo da armada inimiga choviam grossas balas de artilheria na cidade, com maior estrondo que effeito, sendo n'ella o susto egual ao perigo, por verem a desesperação com que o conde de Nassau expunha os seus soldados e capitães a morrerem ou a conseguirem a empreza, vindo com os nossos ás mãos todos os dias, em conflictos que pareciam campaes batalhas. Mas desesperando da conquista, pediu suspensão de armas por um dia para sepultar os mortos, a qual lhe foi concedida.

125. Via menos os seus melhores cabos e dois mil infantes, além de outro grande numero de feridos, na porfia de ganhar aquelle passo; e não se achando com poder nem bastimentos para continuar mais tempo a guerra, furtivamente se embarcou com o resto do seu exercito, deixando muitas peças de campanha, outras armas e alguns viveres, que logo recolheram os nossos soldados. E detendo-se ainda a sua armada na enseada da Bahia, desafogou a sua pena pelas bocas de fogo da sua artilheria, com que bateu dois dias a cidade, parecendo salvas da nossa victoria mais que lastimas da sua queixa; e com esta inutil demonstração voltaram para o Recife. Da

nossa parte morreram muitos cabos, officiaes e soldados, cujas faltas nos fizeram mais caro o triumpho.

126. Deram em Castella maiores brados os interesses da monarchia que os clamores do Brazil, resolvendo-se agora el-rei catholico a attender ao que com melhor successo podera ter cuidado antes, e determinou enviar uma armada tão poderosa que podesse prometter e segurar a restauração de Pernambuco, elegendo por general a D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, que vinha por governador e capitão geral do Brazil. Era o conde de grande esphera por nascimento, de muita supposição por valor, e tão consummado em outras virtudes e na pratica militar, que da geral approvação com que se recebeu a sua eleição para esta empreza, se esperava a feliz execução d'ella.

127. Partiu de Lisboa em outubro do anno de mil e seiscentos e trinta e oito, com numerosa armada portugueza, da qual lhe morreu muita gente na altura de Cabo Verde, no tempo em que se deteve a esperar pela castelhana, conforme o seu regimento, a qual chegada, navegaram ambas a Pernambuco. Avistaram em janeiro do anno de mil e seiscentos e trinta e nove o Recife; e se tem por sem duvida se lhes rendera, pela pouca prevenção com que n'aquella praça se achavam os Hollandezes, extinctos e cortados da viagem e empreza da Bahia, se a nossa armada fôra sobre aquella praça; porém, trazendo o general ordem de vir para a Bahia, entrou n'ella e tomou posse do governo geral do Brazil, succedendo ao governador geral Pedro da Silva.

128. Tornando a pôr-se prestes a nossa armada, saiu da Bahia, deixando o conde da Torre entregue o governo d'ella a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, depois governador das armas do Alemtejo, vice-rei da India, que logo veremos segundo vice-rei do Brazil. No largo tempo que a armada se demorou na Bahia, teve logar o inimigo para se prevenir em Pernambuco, tendo-a visto passar o Cabo de Santo Agostinho. Lançou o conde da Torre em o Porto dos Touros (algumas leguas apartado do Recife) mil e trezentos homens, ordenando-lhes fossem observando o logar em que elle desembarcasse, para se lhe irem juntar.

129. Porém á fatalidade dos Pernambucanos servindo tambem os elementos, se excitaram os ventos, e correram as aguas para o sul com tal furor e violencia, que não podendo as naus ter governo, posto que porfiadamente forcejaram contra o impeto da tempestade e da corrente, foram compellidas a buscar as Indias de Hespanha, ficando inuteis as despezas e o valor, e desvanecidas de todo as esperanças concebidas de tão grande poder.

130. Os mil e trezentos homens de que era mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, os quaes o conde da Torre havia lançado no Porto dos Touros, superando inexplicaveis difficuldades pelo curso e rodeios de mais de trezentas leguas, rompendo muitos quarteis dos inimigos, se pozeram em salvo na Bahia, com admiração e gloria militar. Continuou o governo geral do Brazil D. Vasco Mascarenhas até junho do anno de mil e seiscentos e quarenta, em que lhe succedeu D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, primeiro vice-rei d'este Estado.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO QUINTO

Apparição e promessa de Deus Nosso Senhor ao nosso primeiro rei D. Affonso Henriques — Feliz acclamação do nosso augusto monarcha D. João IV — Fidelidade, amor e resolução com que os Portuguezes o acclamaram por rei, e se livraram do injusto dominio castelhano — Valor e fidelidade com que lhe sustentaram a corôa e defenderam a liberdade da patria — Promptidão com que foi obedecido na America Portugueza — Injusta prisão do vice-rei marquez de Montalvão na Bahia — Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, o acclama n'aquella praça e em todas as capitanias do Sul — Previne-se el-rei para a defensa — Ajusta confederações com varios principes — Manda a Tristão de Mendoça a Hollanda, que assenta liga e amizade com aquella republica — Proseguem as suas hostilidades os Hollandezes, interpretando as capitulações ajustadas — Vem por governador e capitão geral Antonio Telles da Silva — Nomeia el-rei principe do Brazil a seu primogenito o senhor D. Theodosio — Sua morte e elogio — Começam os Pernambucanos a levantar-se contra os Hollandezes — O capitão geral com dissimulação lhes envia alguns soccorros da Bahia — Vem Sigismundo contra ella — Toma a ilha de Itaparica — Vão os nossos a expulsal-o com grande perda dos Portuguezes — Torna Sigismundo para o Recife, sitiado pelos Pernambucanos — Restauração de Pernambuco — Morte do senhor rei D. João IV. Seu elogio.

Tinha chegado o venturoso praso do felicissimo anno de mil e seiscentos e quarenta, no ultimo mez em que terminava o seu mysterioso circulo, ponto em que acabavam as desgraças de Portugal e principiavam as suas felidades; limite prescripto das prophecias do nosso Encoberto; termo dilatado e appetecido das nossas esperanças e tempo da segunda clausula da promessa de Deus Nosso Senhor, feita a el-rei D. Affonso Henriques, de que a primeira fôra a victoria que nos deu no Campo de Ourique, fundamento sobre que a Divina Magestade quiz se firmasse a machina da monarchia portugueza, que em complemento da ultima parte do seu soberano oraculo ha de ser o unico permanente e maior imperio de todos os quatro tão opulentos e inconstantes que teve o mundo.

2. É bem authentica entre os naturaes, e recebida entre os estrangeiros (posto que impugnada por alguns Castelhanos) aquella mysteriosa appa-

rição de Christo Senhor nosso ao primeiro rei lusitano D. Affonso Henriques, o qual na noite precedente ao dia em que havia de dar no Campo de Ourique batalha a Ismael e a outros quatro reis mouros, triste e pensativo por ver a gente portugueza temerosa da multidão barbara, pegando em uma Biblia que tinha na tenda, e achando n'ella a victoria que alcançou Gedeão com só trezentos soldados, matando mais de cento e vinte mil Madianitas, pediu a Deus favor, por ser aquella guerra por seu amor emprehendida e contra os blasphemos do seu santo nome; e adormecendo sobre o livro, lhe appareceu em sonhos um ancião, que lhe segurou venceria e destruiria aquelles reis infieis, e que o mesmo Deus lhe appareceria; e acordado pelo seu camareiro para dar audiencia a um velho que o buscava, introduzido na tenda, viu que era o mesmo que lhe fallara no sonho.

3. As proprias palavras que n'elle lhe tinha ouvido, lhe tornou o velho a ratificar, accrescentando outras muitas, e que Deus lhe ordenava que n'aquella mesma noite, quando ouvisse tocar a campainha da sua ermida (em que havia mais de sessenta annos habitava) saísse sem companhia fóra do alojamento, porque lhe queria mostrar a sua muita piedade. Ficando em oração o piedoso principe, e ouvindo o signal na segunda véla da noite, saiu fóra da tenda e viu para a parte do oriente um raio, que resplandecendo pouco a pouco foi formando uma cruz mais que o sol brilhante, e n'ella se lhe mostrou o Senhor crucificado, a cuja divina presença prostrado o principe, largando a espada, o escudo, a capa e o calçado, derramando muitas lagrimas, lhe rogou pelos seus vassallos, e que se algum castigo lhe tinham merecido, o voltasse só contra elle, e que aquelles subditos animasse e ajudasse a vencer aos inimigos da sua santa fé, e se lembrasse não só dos seus successores, mas de toda a gente de Portugal.

4. A esta deprecação por tão justas causas e com tantos suspiros feita respondeu o Senhor, que da sua descendencia e de Portugal se não apartaria sua misericordia, e que vinha animal-o n'aquelle conflicto, por estabelecer o seu reino sobre firme pedra; que acceitasse o titulo de rei que antes de entrar na batalha lhe offereceriam seus vassallos, e que na sua descendencia (attenuada na decima sexta geração) poria os olhos, porque n'ella e no seu reino havia de estabelecer um imperio que levasse o seu nome ás partes mais distantes.

5. Em eguaes conflictos e em diversos actos mostrou Deus Nosso Senhor prodigiosos signaes a varios principes e monarchas nos principios ou nos progressos dos seus reinos, mas a nenhum fez favor tão relevante nem similhante promessa. A Clodoveu, primeiro rei de França que recebeu a fé catholica, no acto do seu baptismo mandou do céo o oleo com que se

havia de ungir, o estandarte chamado auriflamma, e as flores de liz de que elle e o reino de França haviam de usar por armas, deixando os cinco sapos que até alli se viam no seu escudo, mas não lhe segurou a duração da sua descendencia; e assim, posto que permanece o reino, acabou a sua linha, que era a merovingia, entrando a carolina, e depois a capeta que hoje domina.

6. Ao grande Constantino, perto de Roma, indo contra o tyranno Maxencio, mostrou Deus uma cruz no céo com as letras: *In hoc signo vinces*, motivo da sua reducção á fé catholica; mas não lhe prometteu a permanencia do imperio nem da sua geração, a qual acabou em seus filhos, mortos violenta e naturalmente; e depois de outros monarchas padeceu o imperio o dominio e jugo do perfido Juliano, que apostatou da nossa verdadeira religião, em que se creara; e passando a varios imperadores, veiu finalmente a perder-se a monarchia romana.

7. E (dando aos autores castelhanos o credito que elles negam aos nossos) a Garcia, primeiro rei de Navarra, estando tambem para dar batalha aos mouros, mostrou Deus sobre um carvalho outra cruz, mas não lhe insinuou perseverança da soberania nem da sua prole; e assim vemos hoje aquelle reino immerso e quasi esquecido entre os da corôa de Castella, aonde passou não por successão, mas por conquista, alienado dos seus direitos successores.

8. Ao catholico Tiberio, imperador de Constantinopla, passeando no seu jardim, mostrou Deus sobre a terra outra cruz, e por reverencia levantando-a d'aquelle indigno logar, lhe appareceram mais duas na mesma direitura, e tirando-as todas, achou debaixo d'ellas um copioso thesouro, mas não viu cedula, nem ouviu voz que lhe promettesse mais que o preço que alli lhe dava; e assim o imperio de Constantinopla foi passando a tyrannos, e ultimamente se perdeu, indo ao poder do inimigo commum da christandade.

9. Porém a el-rei D. Affonso Henriques appareceu e fallou; e no dia da acclamação do serenissimo senhor rei D. João IV despregou o braço direito da cruz que precedia ao arcebispo de Lisboa nos vivas de tão applaudida acção; e só os que impugnarem aquella apparição, podem duvidar d'este milagre, tendo um com outro tão prodigiosa congruencia, e parecendo a empreza que conseguiram os Lusitanos obra só da mão omnipotente, pela debilidade de forças em que se achava o reino, exhausto de gente, armas e cabedaes, com vexações da nobreza, introducções de tributos, tyrannias de ministros, derogações de privilegios, faltas de juramentos, e uma geral attenuação de todos os meios da defensa para proclamar liberdade.

10. Porém, sendo já concluido o tempo das tribulações e sasonado o das felicidades, atropelando os Portuguezes os maiores receios, vencendo as mais fortes difficuldades, e tomando o peso de uma guerra inevitavel e vizinha, por espaço de muitas leguas de fronteira nas nossas melhores provincias, trataram de restituir ao serenissimo senhor rei D. João IV a monarchia que com violencia fôra usurpada á sua real casa, acclamando-o rei de Portugal com portentosa facilidade e geral applauso, em o primeiro do mez de dezembro de mil e seiscentos e quarenta, dia felicissimo para toda a nação lusitana, e o unico que no curso de sessenta annos poderam os Portuguezes contar com pedra branca como os Romanos, continuando-se-lhes desde então as antigas felicidades, e tendo como foreira das suas emprezas a fortuna.

11. Foram mostrando logo os successos ser mysterioso o impulso, pois em defensa do seu natural monarcha e da sua patria alcançaram os Lusitanos com menor poder os mais gloriosos triumphos que viu Europa, vencendo em quasi vinte e oito annos de porfiada guerra, contra um dos maiores monarchas do mundo, cinco estupendas batalhas campaes, innumeraveis facções e encontros que pareciam geraes conflictos; conseguindo em todos gloriosas victorias, colhendo ricos despojos, e obrando aquellas heroicas acções que no pregão da fama e na memoria das gentes, com admiração dos seculos, hão de durar eternidades.

12. Este era o verdadeiro Sebastião, por quem tanto suspiravam os Portuguezes na antonomasia de Sebastianistas, disfarçando com a vinda de um rei desapparecido a ancia de outro rei desejado. Com o nome se livravam de parecer inconfidentes ao monarcha estranho, e com a esperança conservavam a lealdade ao natural. D'este tão louvavel como secreto impulso se originaram depois os scismas de tantos publicos e enganados Sebastianistas; e se viveram ou resuscitaram os primeiros fabricadores d'esta moeda, explicariam aos falsificadores d'ella o intento com que a fizeram correr. Porém aos que não souberam nem sabem penetrar o segredo e fineza d'esta materia, lhes basta para castigo o martyrio de uma impropria esperança, mais longa que a vida e egual á duração do mundo.

13. A decima sexta geração attenuada se viu, quando pela perda del-rei D. Sebastião, decimo sexto monarcha lusitano, passou o reino a dominio estrangeiro, atropelando o poder de Filippe II, rei de Castella, a justiça da serenissima casa de Bragança, a quem tocava a successão pelo proprio direito com que os reis castelhanos tinham succedido em outros reinos de Hespanha, e negavam a Portugal a mesma acção que lhes deu a posse de outras corôas; mas a nossa estava destinada ao oitavo duque d'aquella rea-

casa, e assim não teve effeito nos outros serenissimos duques seus antecessores, que sendo por muitas vezes estimulados a tomar o sceptro, o não quizeram empunhar, deixando-o ao successor a quem estava decretado.

14. Já dominante o nosso real planeta lusitano, começava a resplandecer o hemispherio portuguez livre das sombras com que sessenta annos o turbaram os vapores castelhanos, que agora se desvaneceram em exhalações. Todos os vassallos offereciam as vidas e as fazendas para sustentar no throno ao nosso augusto monarcha, generoso restaurador da nossa liberdade, que se dispunha para uma guerra infallivel, e procurava allianças com as potencias de Europa que o podessem ajudar. Era a contenda com um dos maiores monarchas do mundo, e posto que grande e destemido o proprio esforço lusitano, carecia para tão arduo empenho de favor alheio. Para a empreza de Medusa não bastou o valor de Perseu, foi necessario que Pallas lhe emprestasse o escudo.

15. Procurou el-rei por seus embaixadores confederações e soccorros de varios principes, e entre elles da republica de Hollanda, enviando com esta incumbencia áquelles Estados a Tristão de Mendoça Furtado, que se houve com menos destreza da que carecia a materia; porque os fidalgos portuguezes d'aquelle tempo, por falta de occasiões, não se achavam praticos dos negocios politicos, empregando-os os reis de Hespanha só nos em que gastavam os cabedaes e perdiam as vidas; e alguns de cujos talentos (totalmente rendidos á sua vontade ou interessados no seu dominio) fiaram materias de Estado, serviram á ruina da patria, vindo a perder n'ella, elles e os seus descendentes, as estimações e preeminencias que não estabeleceram no reino estranho.

16. Pretendia o senhor rei D. João IV na alliança com os Hollandezes, restituissem á sua corôa as praças que na India e no Brazil haviam tomado, fundando esta proposição assim no direito do reino de primeiro possuidor, como porque, separando-se do dominio de Castella, não deviam elles ficar com as praças que não pertenciam áquella monarchia, cessando já a causa pela qual se tinham apoderado de tantas provincias nas conquistas de Portugal. Porém os Hollandezes, attentos ás suas conveniencias mais que ao credito que lhes dava a nossa amizade e confederação, souberam servir-se d'este accidente, não só a favor da segurança das suas Provincias Unidas na attenuação do imperio hespanhol, mas dos seus progressos nas novas emprezas da America e da Asia.

17. Julgavam que o poder de Portugal não era equivalente para defender o reino e recuperar as suas provincias ultramarinas, e a restituição d'estas lhes parecia instancia aerea ou vã. Assentaram confederação ampla

no que tocava á defensa de Portugal e offensa de Castella; mas na tregua de dez annos, com suspensão de armas nas conquistas, ordenaram capitulos tão equivocos e industriosos como aquelles que logo haviam de interpretar a favor dos seus progressos, de forma que d'este ajuste resultavam imminentes damnos, que a debilidade do reino fez então dissimular, vendo-se muitas vezes precisados os principes a soffrer o que não podem remediar.

18. Governava n'este tempo a Bahia com titulo de vice-rei de todo o Estado, como temos escripto, D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, o primeiro que veiu ao Brazil com esta preeminencia. Teve brevemente aviso da liberdade da patria por uma pequena embarcação de Lisboa, cujo mestre saindo á terra e mandando-a fazer-se ao mar, se encaminhou a palacio, e com segredo deu ao marquez vice-rei a nova da feliz acclamação, e lhe entregou a carta em que o senhor rei D. João IV lhe ordenava o fizesse acclamar no Brazil. Recebeu uma e outra com grande satisfação, e mandando com toda a cautela chamar logo os prelados das religiões, a nobreza e os principaes cabos da milicia, lhes ordenou votasse cada um por escripto o seu parecer sobre a resolução que se devia tomar n'aquella materia.

19. Achou em todos os maiores jubilos e applausos, e conformes com a sua vontade. Feitas algumas breves disposições na infanteria, saiu com os congregados e com o senado da camara acclamando ao senhor D. João IV rei de Portugal, acompanhados do povo com repetidos vivas e geraes demonstrações de alegria, acabando o acto na cathedral com acção de graças. Fez logo o marquez vice-rei aviso a todas as provincias do Estado, ordenando aos seus governadores que obrassem o proprio. Celebrou alegres e luzidas festas e enviou com toda a brevidade a seu filho D. Fernando Mascarenhas em um patacho para o reino, com o parabem a el-rei, e a noticia do que a sua lealdade tinha executado na obediencia de sua magestade.

20. Todas as acções que obrou o marquez vice-rei foram expressivas e demonstradoras do seu grande amor e fidelidade, excepto a primeira, que sendo mais politica, podia parecer menos constante; porque pintando-se a obediencia cega como a fé, e achando-se o marquez com o poder, parece não devia pôr em questão (n'aquelle congresso com a ceremonia dos votos) uma materia de que resultava a maior gloria e os maiores interesses a Portugal; porém a sua correspondencia com os subditos do Brazil era tão generosa, que lhes não quiz tirar a parte do merecimento que podiam ter na resolução, julgando por infallivel que nenhum dos que congregou ao paço, havia de faltar á lealdade portugueza, que tinha experimentado em todos,

como aconteceu n'aquella occasião com os applausos que n'elles achou, e demonstrações do maior contentamento, repetidos festejos em que sempre o marquez entrara com o maior empenho, na vontade e na grandeza.

21. Concluidas as disposições e factos referidos, chegou em uma caravela de Lisboa o padre Francisco de Vilhena, religioso da Companhia de Jesus, que depois do primeiro aviso mandara el-rei com outra condicional commissão, a que dera motivo o haverem-se ausentado para Castella dois filhos do marquez vice-rei. Ordenara el-rei ao padre Francisco de Vilhena que no caso que o marquez o não tivesse acclamado, convocando no Senado da Camara ao bispo D. Pedro da Silva, ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e ao provedor-mór Lourenço de Brito Correia, lhes désse uma ordem que trazia, para tomarem posse do governo; porém este religioso o não pareceu n'esta occasião, pois achando obrada a acção com tanto applauso e socego, e não sendo necessaria a ordem que trouxera (só para se usar d'ella em procedimento contrario ao que teve o marquez) a entregou aos nomeados.

22. Achando n'elles a ordem real menos prudencia que ambição, depozeram do cargo ao vice-rei e tomaram posse do governo, fazendo retirar ao marquez ao collegio dos padres da Companhia, onde lhe pozeram guardas, não em obsequio, mas como em prisão; e continuando nas desattenções, lhe prenderam muitos creados e finalmente o remetteram em uma caravela para Lisboa, com desegual tratamento do que se devia á sua grandeza e ao seu caracter. Mas chegando á côrte, informado el-rei da sua lealdade e da pureza do seu procedimento, lhe fez muitas honras, occupando-o no seu real serviço em relevantes logares; e mandou estranhar com palavras demonstradoras de sentimento ao bispo a acção, e conduzir presos ao reino ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e a Lourenço de Brito Correia, pelos termos indignos que haviam usado com o vice-rei.

23. Por ordem e aviso que enviara o marquez vice-rei a Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, tinha já feito acclamar ao senhor D. João IV rei n'aquella provincia e em todas as outras do sul, que livres dos inimigos do norte floresciam e se faziam opulentas, com as minas de Pernambuco, como costumam crescer umas monarchias dos estragos de outras. Para aquella região corria agora todo o negocio, porque as perdas que achavam as embarcações na viagem das outras provincias do Brazil (ou possuidas ou infestadas dos Hollandezes) as encaminhavam para as do Rio de Janeiro, onde colhiam os interesses sem risco dos perigos, e cresciam aquellas povoações nas fabricas e cabedaes que perdiam as outras da nossa portugueza America.

24. Por um enviado mandou o vice-rei noticiar ao conde de Nassau a acclamação del-rei, e a paz que tinha ajustado com a republica de Hollanda, pedindo-lhe a observancia d'ella no Brazil. Fez o conde todas as demonstrações de alegria, celebrando em Pernambuco custosas festas de cavallo, em que os naturaes levavam quasi todos os premios, porque além da pericia que teem d'aquella arte, os animou então esta nova, fazendo-os avantajar-se a todos os estrangeiros, posto que destrissimos na cavallaria. Houve em todas as capitanías de Pernambuco inexplicavel geral contentamento, nascido da fidelidade portugueza e da esperança de que a monarchia com rei natural lhes facilitaria os soccorros com que podessem sacudir o jugo estranho. O Nassau enviou á Bahia um dos do seu conselho a dar o parabem de tão applaudida nova ao marquez vice-rei, a tempo em que já se achava fóra do governo, e fez esta ceremonia com os tres governadores, juntando aos parabens da acclamação del-rei os da sua entrancia no governo.

25. Sobre a treguar esponderam que se ajustaria á satisfação de ambas as partes, pedindo mandassem recolher os soldados foragidos da Bahia, que andavam fazendo em Pernambuco hostilidades, sem distincção de naturaes e estrangeiros. Passaram os governadores ordens para que se recolhessem, com apparente promessa de perdão dos seus insultos. Tinham sido enviados pelo marquez vice-rei, fingindo-se rebellados, para o proprio que valorosa e fielmente obraram, queimando n'aquelle paiz por varias partes todos os cannaviaes, de que resultara grandissima perda aos Hollandezes, pois lhes vieram a faltar os lucros das safras d'aquelles annos.

26. Os tres governadores lhes enviaram um cabo de supposição por embaixador, acompanhado de um jurista, para dispôr algum ponto de direito na tregua, se necessario fosse. Porém os Hollandezes, vendo-se livres dos soldados volantes portuguezes, que tanto damno lhes faziam, faltaram ao promettido, assentando um commercio entre ambas as nações, do qual só a elles vinham a resultar os interesses; mas sobre a suspensão das armas responderam ser materia que não podiam assentar sem ordem de Hollanda. Tiveram as redeas do governo os tres governadores dezeseis mezes, desde abril de mil e seiscentos e quarenta e um até agosto de mil e seiscentos e quarenta e dois.

27. N'este anno lhes veiu succeder por governador e capitão geral do Brazil Antonio Telles da Silva. No principio do seu governo escrevera el-rei ao nobilissimo Senado da Camara da Bahia, ser preciso sustentar n'ella um corpo de infanteria competente á sua defensa, arriscada com a vizinhança dos Hollandezes, poderosos pela conquista das praças de que já

se achavam senhores nas provincias de Pernambuco, e anciosos de conquistarem a cabeça do Estado, como uma vez fizeram e outra intentaram; e que achando-se as suas reaes rendas pouco possantes para tantas despezas, lhe encommendava quizesse tomar por sua conta a paga dos soldados e cabos da milicia, fazendo para esta satisfação imposições nos generos que lhe parecesse. Os vereadores que estavam exercendo estes logares n'aquelle anno, convocaram á Casa da Camara (segundo o estylo em materias simi-lhantes) aos homens da governança e ao povo, com cujo consentimento se havia de tomar a resolução, por ser materia de imposições dos generos, a que sempre repugna o povo.

28. Proposta a carta e ordem del-rei, pelos jubilos que receberam da sua feliz acclamação e com o zelo que sempre tiveram do serviço do seu monarcha e da sua patria, acceitaram este encargo, com expressão que o tomavam emquanto durasse a oppressão do reino e do Estado; mas que achando-o (no curso do tempo) os seus successores pesado, e intendessem ser em prejuizo da autoridade do Senado, ou insupportavel por algum accidente, se poderiam eximir d'elle, tornando á real fazenda os effeitos que se houvessem arbitrado para a satisfação da infanteria; e resolveram que estes se tirassem dos vinhos, aguas ardentes do reino, das bebidas da terra, das marcas das caixas e feixos de assucar, dos rolos de tabaco, e do sal, imposições que se remataram por contratos, a que applicou el-rei tambem a terça que tem nas rendas do concelho.

29. Porém, passados largos annos, em que com grande trabalho fazia o Senado da Camara este serviço, lhe cresceu o gravame com os soldos dobrados dos mestres de campo, com engenheiros, novos officiaes e reformações de outros, continuo cuidado no beneficio das casas dos quarteis, repetidas ordens dos generaes, importunas supplicas dos cabos, e injustas queixas dos soldados por qualquer breve dilação das mostras, havendo-se experimentado perdas por quebrarem alguns contratadores, e as execuções (pelos termos de justiça nos bens dos seus fiadores) não poderem ser tão promptas como a paga da infanteria; causas pelas quaes representáram no anno de mil e setecentos e doze ao serenissimo senhor rei D. João v, que Deus guarde, os vereadores que então serviam, a condição com que os seus antecessores tinham acceitado este encargo, pedindo-lhe os exonerasse d'elle, por lhes ser este trabalho já não só intoleravel, mas invencivel.

30. Mostraram que arrecadando-se as rendas d'estes contratos pela Vedoria geral, seriam mais promptas as cobranças, mais abonados os fiadores d'elles, pois pela mudança annual dos officiaes da Camara, ou se não tomavam os que convinham para a segurança d'ellas, ou se dilatava a

satisfação das dividas atrazadas por conveniencias particulares; e que em se cobrarem pela Vedoria se escusava o grosso ordenado de um thesoureiro que fazia o Senado para estes effeitos, e outras despezas de alguns officiaes. A tão justificadas razões foi servido attender el-rei nosso senhor, ordenando no anno seguinte de mil e setecentos e treze que a paga da infanteria corresse pela Vedoria geral, e que a ella passassem os referidos contratos, como de presente se pratica.

31. Procedendo os Hollandezes na sinistra interpretação das suas capitulações, foram proseguindo as suas conquistas nas nossas praças ultramarinas. Mandaram do porto do Recife quatro naus a tomar a cidade de S. Christovam na capitanía de Sergipe, que pelo sul é confinante á Bahia, e pelo norte ao Rio de S. Francisco e Pernambuco, donde dista setenta leguas. Appareceram com senhas de paz as naus inimigas, e entrando hostilmente a cidade, a saquearam e despojaram aos seus moradores das suas riquezas e das suas propriedades, que senhorearam em breve espaço com a cidade, insinuando-lhes em seu damno as desgraças de que é causa a falta de cautela e de valor, que poderam ter aprendido com a experiencia de haverem sido alguns annos antes expulsos pelos proprios inimigos, que por terra seguindo ao conde de Bagnuolo se haviam apoderado da cidade, e abrazando-a com todos os engenhos d'aquella capitanìa, por então a não presidiarem.

32. Enviaram uma armada de dezoito naus com dous mil homens, entregue a João Cornelles, a tomar a ilha do Maranhão. Chegaram a elle os inimigos e lançando gente em terra, sem obstaculo das muitas balas que lhes despediam da fortaleza caminharam para a cidade, a qual desampararam logo os moradores; e o governador, que era Bento Marciel Parente, se metteu na fortaleza com oitenta soldados, os quaes não bastaram a defendel-a, pois marchando a pôr-lhe sitio os Hollandezes, lha rendeu com descredito do valor e das armas portuguezas, que sem exercicio n'aquelles moradores e n'aquelle capitão facilitaram aos inimigos uma victoria mais util que gloriosa.

33. Outra esquadra de navios (maior em numero e com muitos mais infantes), de que era general aquelle grande corsario que chamaram Pé de Pau, enviaram a tomar a cidade de S. Paulo, cabeça do reino de Angola na costa de Guiné, oito graus ao sul, descoberto no anno de mil e quatrocentos e oitenta e cinco por Diogo Cão, conquistado e povoado por ordem del-rei D. João II. Governava aquelle reino o general Pedro Cesar de Menezes, o qual vendo-se falto da assistencia dos moradores, que cega e arrebatadamente se ausentaram, e dos outros meios de poder resistir a uma tão poderosa armada em vasos e gente, mandando aos capitães e soldados pagos

á praia a impedirem o desembarque aos inimigos, e outro capitão com sessenta homens á fortaleza da Cruz para a defenderem, não poderam contrastar a força dos Hollandezes, em tanta vantagem superiores. Tomaram a cidade e a fortaleza, e o general Pedro Cesar de Menezes se retirou a um sitio meia legua distante, para juntar os soccorros do paiz e impedir aos inimigos os progressos por terra nos outros presidios d'aquelle reino.

34. Porém o favor com que a fortuna assistia propicia aos Hollandezes em sucessivo curso de victorias, fazia invenciveis as suas armas; e não podendo contrastal-as o general Pedro Cesar de Menezes, depois de apurar todo o esforço em lhes resistir, o fizeram retirar ao interior do continente, aonde o seguiram, e conquistando todos aquelles presidios, o prenderam, por lhe faltar gente para se defender, como esforçadissimo cabo, que em Flandres exercera generosamente o posto de capitão de cavallos, mostrando o valor que herdara de seus progenitores, illustrissimos em Portugal. Da prisão em que ficara, teve industria e resolução para se pôr em salvo em Massangano.

35. De Angola despediu o Pé de Pau treze navios entregues a Hendersen para conquistar a ilha de S. Thomé, que jaz toda fóra da equinoccial para o norte, e não atravessada d'ella como a demarcaram os antigos cosmographos. Foi descoberta por Fernão Gomes, mandada conquistar e povoar por el-rei D. João II. Chegaram a ella brevemente os inimigos, e posto que o governador Manuel Pereira fez algumas prevenções para a defensa, e metteu na fortaleza bastimentos importantes a resistir a um largo sitio, os moradores passaram logo o seu fato e as suas pessoas da ilha para o continente; e o governador, timido de algumas bombas que os Hollandezes lançaram dentro da fortaleza, lha entregou. Ficando senhores de toda o ilha, concederam ao governador licença para passar a Portugal, onde sendo justamente punido, acabou a vida na prisão, em castigo do pouco valor com que se houvera n'aquella acção, em que podera grangear muita gloria, não lhe faltando meios de o conseguir e de se defender.

36. Tinham já com dez naus e mil e quinhentos homens, de que era cabo João Koen, tomado em Guiné a nossa povoação da Mina, cuja costa descobriram João de Santarem e João de Escobar, a qual lograva privilegio de cidade, concedido pelo referido rei D. João II, que a mandou fundar e edificar o castello de S. Jorge, importantissimo pela grandeza e pelo commercio do oiro, e mais que tudo por haver sido o seu governo unico premio das acções (nunca assaz encarecidas nem cabalmente louvadas) do grande Duarte Pacheco Pereira, que nos primeiros annos das nossas emprezas na Asia obrara, livrando a el-rei de Cochim nosso alliado do apertado sitio que

em odio da nossa amizade por mar e por terra lhe pozeram os mais poderosos reis da India.

37. Acharam os inimigos tão desprevenida e descuidada a nossa gente, que facilmente ganharam o forte e a cidade; porque o capitão e os moradores tratavam menos das armas que do negocio, e superando a ambição ao valor, vieram a perder tudo. Este facto, posto que aconteceu no anno de mil e seiscentos e trinta e sete, o reservámos para este logar, por juntar n'elle todas as conquistas que os inimigos nos fizeram na costa de Africa.

38. Pouco satisfeitos os deputados da Companhia Occidental de Hollanda do procedimento do conde de Nassau em Pernambuco (posto que tinha mais de generoso que de absoluto), entendendo que das extorsões e injustiças lhes cresciam a elles os interesses, sentiam que o conde tratasse com affabilidade e observancia das leis aos moradores e naturaes d'aquellas capitanías: por esta causa o quizeram desgostar antes de o chegarem a remover, coarctando-lhe a jurisdicção e o soldo; mas o conde, que na grandeza de principe via as excessivas distancias que havia do seu estado e nascimento á fortuna e condição d'aquelles animos ambiciosos e grosseiros, entregando o governo aos do Concelho do Recife, depois de o haver exercido prospera e heroicamente seis annos, se embarcou para Hollanda no de mil e seiscentos e quarenta e tres, lançando a offensa mais á parte do desprezo que da vingança.

39. Com a sua ausencia faltou áquelles moradores a humanidade do trato que lhes mostrava, procurando administral-os em justiça, unico allivio de tantas miserias, que com a sua falta ainda se fizeram maiores; porque os Hollandezes (livres do obstaculo que no conde achavam os seus insultos) brotaram furiosos, como rios quando das represas se soltam as suas correntes, e inundaram de escandalos, de roubos e de todos os delictos aquellas lastimadas provincias.

40. Porem esta mesma torrente de hostilidades successivas veiu a causar aos seus autores a sua ruina e a da sua Companhia; e estes proprios continuados males foram o motivo da saude de Pernambuco, porque não podendo já os seus habitadores tolerar o nimio rigor de uma sujeição onde o dominio se transformava em tyrannia, resolveram comprar a liberdade a preço da vida, conjurando-se a morrer ou a conseguil-a. Foi principal motor d'esta acção, nunca assaz encarecida nem louvada, João Fernandes Vieira, famoso pelo valor que mostrou, pelos cabedaes que possuiu, pelos cargos que exerceu e pela gloria que alcançou de proclamador da liberdade de Pernambuco e de todas as suas provincias.

41. Era natural da ilha da Madeira, de nobre origem; viera a Pernam-

JOÃO FERNANDES VIEIRA

(CASTRIOTO LUSITANO)

Pernambuco e de todas as suas provincias.

41. Era natural da ilha da Madeira, de nobre origem ; viera a Pernam-

(Fidelitas, fortitudo et liberalitas patrarunt nomen illi)

JOÃO FERNANDES VIEIRA

(CASTRIOTO LUSITANO)

buco de muito poucos annos, e se achara nos primeiros conflictos d'aquella guerra, onde o seu conselho fôra sempre dos mais honrados; teve a fortuna igual ao animo, e crescendo em cabedaes, veiu a fazer-se opulento; tinha por esposa uma das mais aparentadas mulheres d'aquelles districtos. E convidando com esta empreza secretamente por si e pelos parentes da consorte a todas as principaes pessoas d'aquellas capitanías, a abraçaram com summo empenho, resolvendo uniformemente pôrem-se em campanha, e convindo em que João Fernandes Vieira, como primeiro movel da acção, fosse o governador da guerra, jurando obedecel-o e executar todas as suas ordens.

12. Com esta determinação elegeu o novo governador os cabos, segundo a experiencia que tinha dos sujeitos; e todos com as suas nomeações e incumbencias tornaram para os seus domicilios a juntar armas, bastimentos e tudo o que havia de ser preciso para a empreza, supposta a debilidade e attenuação em que se achavam todos os paizanos e moradores. O tempo offerecia opportuna occasião, porque com a ausencia do conde de Nassau, attentos os Hollandezes ao descanço e ao interesse, tinham mal guardadas as suas fortalezas, com pouca vigilancia os seus presidios, diminuta a sua infanteria. De tudo deu conta João Fernandes Vieira ao governador e capitão geral do Estado do Brazil Antonio Telles da Silva, pedindo-lhe quizesse amparar aquella causa, e enviar-lhes algum soccorro para restaurarem aquellas praças, que já tinham legitimo e natural monarcha no serenissimo senhor D. João IV rei de Portugal.

13. Representava a Antonio Telles que el-rei, de animo tão augusto e pio, posto que ajustara pazes com a republica de Hollanda, não havia de desamparar aos vassallos de Pernambuco, deixando-os em um captiveiro de hereges, cujo dominio se não restringia aos termos da humanidade, transcendendo os da fereza, a que devia acudir não só como natural senhor, mas como principe catholico, pelo prejuizo que podia resultar a tantas provincias com o contagio das seitas de Luthero e de Calvino, que tão incessantemente andavam os seus predicantes insinuando e persuadindo por todas as publicas ruas e praças, e pondo finalmente aos moradores em perigo de perderem tambem as almas, depois de terem perdido as liberdades.

14. O governador e capitão geral Antonio Telles da Silva, lastimado de tão justas queixas e persuadido de razões tão vivas, resolveu mandar a Pernambuco a André Vidal de Negreiros, com o pretexto de ir visitar alguns parentes que deixara na Parahyba, e lhe encarregou indagasse o poder com que se achavam os inimigos, as disposições das suas fortalezas, e se avistasse com João Fernandes Vieira, a quem escrevera noticiando-o das ordens que tinha del-rei para a observancia da tregua ajustada com os

Hollandezes; mas que se na esphera da paciencia dos moradores de Pernambuco não cabia a tolerancia dos males que lhe representava, lhe daria os soccorros que podesse, com a cautela que era precisa.

45. Chegou André Vidal de Negreiros a Pernambuco, teve licença dos do Conselho para ir á Parahyba, e para ver-se com João Fernandes Vieira, com quem tratou esta materia. Examinou os meios de se executar, e tomando todas as informações, voltou para a Bahia, onde deu conta ao governador e capitão geral, segurando-lhe que eram mais duras que a morte as tribulações que padeciam os moradores de Pernambuco, e as tyrannias que com elles usavam os Hollandezes, os quaes podiam ser expulsos de todas as praças d'aquellas provincias pela resolução com que estavam os moradores d'ellas.

46. Compadecido o general lhes mandou sessenta soldados com Antonio Dias Cardoso, que os levou a Pernambuco. Era o soccorro pequeno pelo numero, grande pela experiencia e valor dos infantes (escolhidos entre os melhores que se achavam na Bahia) veteranos na guerra de Pernambuco. João Fernandes Vieira os accommodou em um logar occulto para o tempo determinado, tratando de conduzir tudo o mais que era preciso juntar, para uma empreza que se lhe representava tanto mais gloriosa quanto mais difficil.

47. Tinha escripto a D. Antonio Filippe Camarão, governador dos gentios, que assistia na campanha de Sergipe, atalhando as hostilidades que d'aquella praça podiam fazer os inimigos a todos os moradores dos seus districtos; e o mesmo aviso fez a Henrique Dias que governava os Crioulos e Minas e se achava com o seu terço aquartelado no sertão, convidando-os para esta acção, a qual abraçaram com o seu experimentado valor, respondendo-lhe cada um que partia a buscal-o. Com estas disposições se animou João Fernandes Vieira para se pôr em campanha mais brevemente do que imaginava, o que executou primeiro com um pequeno troço de exercito, a que se foram aggregando logo tantas pessoas, que se viu com sufficientes forças para emprehender alguma facção generosa; e elegendo alojamentos, se achava em um sitio que chamam do Covas, onde teve aviso da vinda de D. Antonio Filippe Camarão e de Henrique Dias, posto que não chegaram tão promptos como elle os esperava, porque as distancias, os embaraços dos caminhos e marchas lhes impediram o acharem-se na batalha do Monte das Tabocas.

48. Noticiosos os Hollandezes d'estas alterações, tanto maiores quanto menos esperadas (em tempo em que as desgraças dos Pernambucanos os traziam arrastados), não suppondo tanto orgulho em gente tão exhausta,

despertaram do descuido com que havia muitos annos viviam engolfados nos seus interesses; e tratando de apagar aquella chamma, antes que em maior incendio levantasse mais alta labareda, juntaram de todos os seus presidios os melhores soldados, e formando um exercito de dois mil Hollandezes e outro egual numero de gentios seus parciaes, marchou Henrique Hous, que então governava as armas inimigas, a buscar a nossa gente no alojamento em que estava do referido sitio que se dizia do Covas.

49. Teve da sua marcha aviso João Fernandes Vieira, e por voto seu e dos mais cabos do nosso pequeno exercito (muito desigual em numero ao dos inimigos, por não terem ainda chegado D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias com os seus terços) se resolveu ser aquelle logar de grande embaraço para nós e de muita vantagem para os nossos contrarios.

50. Mandou por pessoas intelligentes do terreno eleger sitio a proposito para pelejarmos, e sendo escolhido o Monte das Tabocas (já mencionado no primeiro livro d'esta historia), se foi alojar n'elle, amparando-se d'aquellas naturaes incultas lanças, producções do monte, e contrapondo tambem esta defensa ao excesso de gente em que o exercito dos Belgas era superior ao dos Portuguezes. Foram buscar-nos os inimigos no nosso primeiro alojamento, e vendo que tinhamos tomado outro, nos seguiram tão seguros da victoria, que suppunham que só com nos encontrarem a tinham conseguido.

51. Porém affrontados os dois exercitos, e batendo-se com egual porfia por termo de cinco horas, foi tal o nosso valor e a nossa industria (ajudados da opportunidade que achámos no sitio para varias emboscadas, em que os rechaçámos por diversas partes repetidas vezes) que ultimamente nos deixaram nas mãos a victoria depois de bem pleiteada; porém não podendo mais, assombrados e fugitivos se retiraram confusamente, levando mais pressa da que trouxeram. Ficou o campo coberto dos seus soldados mortos, sendo tantos os feridos, que não podendo o seu general salvar a todos, perderam a vida no caminho muitos.

52. Haviam os inimigos mandado por dois embaixadores queixar-se ao governador geral do Estado Antonio Telles da Silva, das alterações dos moradores de Pernambuco, e de João Fernandes Vieira, a quem chamavam cabeça da rebellião, pedindo o mandasse castigar e a todos os que ousassem quebrar as treguas e capitulações ajustadas entre el-rei de Portugal e os Estados de Hollanda, accrescentando alguns ameaços, se aquellas perturbações se não evitassem. Porém Antonio Telles da Silva lhes respondeu, que de tudo o que diziam só lhe fazia pendor a obediencia del-rei, que lhe ordenava fizesse rigorosamente guardar as treguas com os Estados de Hollanda.

53. Promettia-lhes que em observancia das ordens reaes que tinha, mandaria alguns cabos com forças competentes a sujeitar aos sublevados, posto que aos governadores do Recife tocava domal-os, pois estavam debaixo da sua obediencia, e não deviam recorrer a quem no estado presente não tinha sobre elles jurisdicção; mas que lhes ordenaria deixassem as armas, para que os do Supremo Conselho vissem que a sua vontade se não apartava um ponto dos preceitos do seu monarcha.

54. Despedidos os embaixadores, mandou Antonio Telles da Silva aprestar oito embarcações e metter n'ellas dois terços de infanteria dos mais veteranos que se achavam na Bahia, com os seus mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, este por cabo de ambos, ordenando-lhes fossem pôr em paz os Pernambucanos com os Hollandezes, buscando todos os meios de os reconciliar, com comminação de proceder contra elles na forma das ordens del-rei.

55. Chegaram a Pernambuco, e saltando em terra no porto de Tamandaré tiveram a noticia da victoria que as nossas armas alcançaram das inimigas no Monte das Tabocas, e ao mesmo tempo a certeza das crueldades que íam usando os Hollandezes com aquelles opprimidos povos, e acharam ainda frescas as feridas dos males que na presente occasião tinham causado em varios logares, sem attenderem a estado, sexo nem idade; de que magoados os soldados dos dois terços propunham e pediam a vingança, offerecendo-se a derramar o sangue no castigo de tantos insultos, e a perderem as vidas a troco de libertarem aos Portuguezes d'aquelle cruel jugo; clamores que fizeram nos cabos uma consternação piedosa, que os arrastava ao mesmo sentimento e resolução que viam nos seus soldados.

56. Informado João Fernandes Vieira da chegada dos dois mestres de campo, caminhou a buscal-os, acompanhado já de D. Antonio Filippe Camarão e de Henrique Dias, que no dia antes se lhe tinham juntado. Viram-se no mesmo porto de Tamandaré, onde André Vidal de Negreiros lhe intimou as ordens que levava do governador geral para quietar aquellas alterações e o levar preso á Bahia, no caso que persistisse na empreza que tomara.

57. João Fernandes Vieira lhe respondeu que elle e os Pernambucanos pegaram nas armas por se livrarem da ultima ruina que os inimigos preveniam a todos os moradores d'aquellas provincias; e que sendo a defensa natural ás gentes, não devia o principe obrigar aos vassallos a viver na sujeição de um dominio tyrannico, de que não podiam livrar-se sem romper o jugo que os trazia arrastados, arriscando na empreza as vidas, que pretendiam perder mais gloriosamente n'ella, que nas mortes prevenidas

pela crueldade dos Hollandezes, os quaes intentavam tirar-lhas aleivosamente.

58. Ouvidas estas razões pelos dois mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, e vendo a sua infanteria disposta á união com os Pernambucanos (a todo o risco da obediencia), resolveram juntar-se com João Fernandes Vieira, e interessar-se na causa commum da nação contra os inimigos da fé e da patria, julgando que a desobediencia de que póde resultar augmento á monarchia, é serviço que não devem castigar os soberanos, sendo maior culpa faltar ás leis da humanidade e á defensa da religião, tão atropeladas n'aquellas capitanías pelos Hollandezes.

59. Juntos já todos em um corpo, marcharam a buscar os inimigos, que se achavam em campanha com poderoso exercito no engenho de D. Anna Paes, onde tinham aprisionadas muitas principaes mulheres que n'elle se haviam recolhido; porque ao mesmo tempo em que sabiam que da Bahia foram apertadas ordens para quietarem aos moradores de Pernambuco, lhes estavam fazendo as maiores hostilidades. Chegaram os Portuguezes a tempo em que os inimigos se achavam nos seus divertimentos; porém avisados das suas sentinellas, se formaram com grande presteza e pratica militar.

60. Investiram-se os dois exercitos, e em duvidoso Marte contenderam tres horas sem vantagem de nenhuma das partes; mas cedendo a sua porfia ao nosso valor, nos deixaram o campo e a victoria, com prisão do seu general Henrique Hous e do subalterno João Blaar, innumeraveis mortos e prisioneiros; a estes, por conselho e resolução de André Vidal de Negreiros, se deu liberdade para tornarem para o Recife e levarem a noticia da sua desgraça. Foram os despojos que nos deixaram na campanha, senão ricos, proporcionados á necessidade dos nossos soldados, por ficarem providos das armas de que tanto carecia o nosso exercito, crescendo n'elle com estas fortunas o animo, e em todos a esperança de se verem restituidos á sua antiga liberdade e á suave obediencia do appetecido dominio lusitano.

61. Com tão venturosos successos começaram a proclamar liberdade muitas das nossas praças. Logo a villa de Serinhaem tomou as armas contra os Hollandezes, expulsando-os de toda a sua comarca. O mesmo fizeram as do Porto Calvo e Rio de S. Francisco, cujos principaes moradores tinha João Fernandes Vieira antecipadamente prevenidos para darem sobre os inimigos n'aquelle tempo, o que fizeram, tomando-lhes as fortalezas que haviam fabricado. O proprio successo tivemos na restauração da ilha de Itamaracá, e por todas as outras capitanías se foram levantando os povos com varios successos, mas igual valor.

62. O nosso exercito em consequencia das victorias marchou a pôr si-

tio ao Recife, dispondo as estancias, os postos, cabos e soldados pelas partes mais convenientes para lhe apertar o cerco, e o conseguiram de forma que não poderam os Hollandezes ter communicação por terra, e lhes não ficou outro transito mais que o mar. N'este tempo lhes tomamos a fortaleza do Pontal da Nazareth no Cabo de Santo Agostinho, por sitio e trato com o seu cabo Theodoro van Hoogstraten, que passou ao serviço del-rei, e abjurando a heresia, recebeu a fé catholica romana, pela qual havia muitos annos suspirava, e foi premiado com o posto de mestre de campo na Bahia.

63. Os do Supremo Conselho do Recife, experimentando o nosso valor e resolução á custa das vidas e liberdades dos seus cabos e infantes, se davam por perdidos. Mandaram recolher áquella praça os mais praticos e valorosos soldados que tinham nas outras que ainda conservavam. Com elles se animaram a fazer algumas sortidas contra os sitiadores, mas de todas voltavam rechaçados e se recolhiam vencidos. Ganhamos-lhes o forte de Santa Cruz, situado no meio do isthmo de areia por onde se communicam Olinda e o Recife.

64. Com tão successivas perdas só appellavam os inimigos para a esperança do soccorro de Hollanda, que por instantes aguardavam, pela noticia certa que lhes viera em tres navios que lhes chegaram com bastimentos n'aquelles dias, segurando-lhes não tardaria muito uma poderosa armada, que em seu seguimento havia de partir, e que se ficava aprestando outra com maiores vantagens em naus e gente, e ambas competentes não só a conquistar de novo as praças que tinham perdido em Pernambuco, mas tambem a sujeitar a Bahia, cabeça de todo o Estado.

65. A estes dois fins fez a Companhia Occidental o maior esforço do seu poder, picados os Hollandezes não só no interesse da bolsa, mas no credito da nação. Despediram uma armada numerosa em naus e gente, enviando por supremo general de todas as suas armas no Brazil a Sigismundo Van der Schkoppe, a quem o exercicio e pratica militar deram o nome de soldado, e as primeiras conquistas de Pernambuco o de capitão. Havia poucos annos que d'aquella capitanía voltara para Hollanda, donde tornava agora com este emprego e tão firmes esperanças de maiores progressos, quanto era mais relevante o poder com que vinha, e o soccorro de outra poderosa armada que se ficava prevenindo para o seguir. Chegou Sigismundo com as naus da sua companhia ao Recife no principio do anno de mil e seiscentos e quarenta e seis.

66. Com arrogantes e soberbas palavras estranhou aos soldados hollandezes que achou sitiados no Recife, as perdas que haviam experimentado e as batalhas que tinham perdido, attribuindo estes successos mais ao seu

descuido que ao nosso valor, segurando-lhes triumphar de nós com a mesma facilidade com que tantas vezes nos vencera; e em execução do seu furor e da sua promessa dispoz logo muitas sortidas contra o nosso exercito, que á vista do poder contrario estava mais constante no cerco que lhe tinha posto.

67. Saiu Sigismundo a tomar a cidade de Olinda, que depois de a largarem quasi demolida e abrazada tornara ao nosso dominio; porém achou tal resistencia em a nossa gente, que duvidava se os Hollandezes eram outros, ou se eram os mesmos os Pernambucanos; e não podendo ganhal-a nem a preço do sangue que derramara (sendo ferido no segundo conflicto d'esta empreza tão pleiteada como defendida), se retirou para o Recife, formando differente conceito dos Pernambucanos, e desculpando aos Hollandezes o descuido ou frouxidão de que os accusara.

68. O proprio lhe ia acontecendo em todas as facções que emprehendia, porque a fortuna (de mais fórmas que Protheu) lhe mostrava já semblante diverso d'aquelle com que tantas vezes lhe assistira. Trazia ordem de ir sobre a Bahia, e se lhe representavam n'esta empreza mais uteis consequencias, porque ainda que a não conquistasse, a poria em termos de não divertir a sua gente em soccorrer ao exercito de Pernambuco; e falto d'este auxilio (ao qual os Hollandezes attribuiam a constancia e porfia dos Pernambucanos) poderia respirar o Recife.

69. Mandou a Hinderson com muitas naus e infantes erigir no Rio de S. Francisco nova fortaleza, havendo os moradores no seu levantamento arrasado a primeira. Ordenou-lhe tivesse as embarcações e gente promptas para quando elle chegasse; e publicando que ia dar calor aquella obra, importantissima aos interesses das suas conquistas, se juntou na sua barra com a esquadra de Hinderson, e providas ambas dos bastimentos necessarios, partiram juntas para a Bahia.

70. Entrou pela barra com quarenta e quatro naus e quatro mil homens de guerra, e penetrando a enseada, fez vistosa ostentação do seu poder, estendendo por toda ella a sua armada. Mas a disposição e valor com que a esperavamos, e o despreso que da sua arrogancia se fazia na cidade, o absteve de tomar algum dos portos da sua dilatada ribeira, resolvendo aquartelar-se na ilha de Itaparica, donde ameaçando sempre a cidade, colhendo as embarcações que lhe viessem, e entrando pelos rios do seu reconcavo a roubar e destruir os engenhos, nos poderia fazer tanto estrago, que necessitassemos de toda a nossa gente para a defensa da Bahia e a não podessemos divertir nos soccorros de Pernambuco. Com este intento desembarcou na dita ilha, cujos moradores desarmados e sem meios de se defenderem de uma invasão tão poderosa se lhe renderam.

71. Está situada a ilha de Itaparica fronteira á cidade da Bahia para o poente, em distancia de tres leguas, que tem de largura a sua enseada; estende-se em forma prolongada com sete de comprimento, tres de largura e dezoito de circuito; faz duas pontas, uma para a barra de Santo Antonio e outra para o Rio Paraguassú, que por alli vai correndo ao mar; esta é a que chamam das Baleias, por estar n'ella a fabrica d'aquella pescaria e ser o porto para onde as levam depois de arpoadas para se beneficiarem. É toda fertil, tem alegres vistas, saudaveis ares, formosos arvoredos, em maior numero os dos coqueiros, que de longe formam o mesmo objecto que as oliveiras; abunda de excellentes aguas, de todo o genero de plantas, fructas e sementeiras; colhem-se nas suas ribeiras saborosos pescados e mariscos. Tem duas magnificas egrejas parochiaes, outros formosos templos e boas capellas particulares; teve alguns engenhos, que já não existem, mas permanecem outras fazendas de grande rendimento e muitas casas de sumptuosa architectura.

72. Os moradores da cidade atravessando o golfo em curiosas embarcações, vão a ella não só na monsão das baleias, a verem a sua pescaria, mas a lograrem a amenidade d'aquelle paiz, tão habitado e assistido de gente innumeravel, que não havendo na ilha fundações de villas, é toda ella uma povoação continuada, sem ter porção alguma menos culta ou mais aspera. Nas suas praias se acha ambar gris em summo grau perfeito, e d'elle tem ido muito a Portugal e se gasta não pouco na Bahia. O primeiro conde da Castanheira D. Antonio de Athaide a pediu ao governador Thomé de Sousa em sesmaria, com outra ilha pequena que lhe fica proxima para a parte do sudoeste, na boca do Rio Jaguaripe, e lhas confirmou el-rei D. João III com titulo de capitanía; o conde e seus successores a dividiram em varias datas por muitos colonos, que pagam competentes fóros; hoje existe nos marquezes de Cascaes como herdeiros d'aquella illustrissima casa.

73. Ganhada a ilha, levantou Sigismundo um forte na ponta chamada das Baleias, e quatro reductos em distancias porporcionadas, fazendo das suas naus uma portatil muralha estendida por toda aquella dilatada marinha, com que ficavam os Hollandezes defendidos, assim da artilheria dos seus navios como das suas fortificações, sendo rara a embarcação que, entrando pela barra ou saindo do reconcavo para a cidade, lhes escapava. E além de prover o seu exercito de viveres á custa dos navegantes, passava a sua ambição a maior insolencia, porque penetrando os rios do reconcavo, saqueava as casas dos moradores, em que colhia despojos ricos, roubava as fazendas e engenhos, donde levava generos importantes, deixando mortos ou fugitivos os seus possuidores.

74. Com estas hostilidades se dilatava o Van der Schkoppe n'aquella ilha, de cuja demora fez aviso ao serenissimo senhor rei D. João IV o governador e capitão geral Antonio Telles da Silva, significando-lhe o damno que experimentava a Bahia, e o imminente perigo que ameaçava á cidade a vizinhança de tão nocivos e poderosos inimigos. Porém, não esperando a armada que havia pedido a el-rei para lançar fóra de Itaparica aos Hollandezes, e segurar os mares e moradores da Bahia de tantos insultos, impaciente ao escandalo que o seu valor recebia da arrogancia e da demora de Sigismundo, determinou fazel-o desalojar da ilha.

75. Este temerario impulso posto em conselho (disputadas as difficuldades invenciveis que havia, para se conseguir ou intentar a empreza) foi de todos reprovado, por faltarem os instrumentos com que bater as fortificações dos inimigos, e serem poucos os nossos soldados para passar fossos e tirar estacadas descobertos ás balas da sua artilheria; sendo estas considerações uniformes em todos os nossos cabos valorosos e experimentados na guerra do Brazil, que não temiam o perigo particular, senão a perda commum e a censura de haverem assentido a uma facção que nos termos presentes era contraria a toda a pratica e discurso militar, significando-o assim ao governador com aquellas expressões que lhes dictava o seu valor, e com a autoridade que lhes dava a sua experiencia.

76. Porém Antonio Telles da Silva despresando este acertado juizo e parecer, lhes respondeu que quando os chamara para os ouvir, já tinha tomado a resolução de os mandar, e que só importava obedecer, ordenando-lhes se dispozessem a ir assaltar aos Hollandezes e desalojal-os de Itaparica. Sem replica, por não arriscarem a opinião, se dispozeram a perder as vidas, sendo pelas leis da sujeição e da honra duas vezes precisa a obediencia: terrivel pensão dos subditos, que o capricho de um homem em quem o principe transfere o poder, seja o arbitro das vidas dos vassallos e da ruina da monarchia! Tinha Antonio Telles delineada esta empreza na sua especulação com phantasia tão errada, como mostrou o infausto successo d'esta expedição, da qual existe ainda a lastima e a memoria.

77. Preveniam-se todas as embarcações de remo ligeiras que se achavam pela marinha da cidade, e embarcando-se em varios portos d'ella mil e duzentos escolhidos infantes e muitos famosos e destemidos cabos, saíram todas a um mesmo tempo cobertas das trevas de uma escura noite, que já nos seus horrores lhes representava o funesto fim da viagem que emprehendiam, e nas suas sombras lhes cortava os lutos da morte que buscavam. Chegaram juntas ao Manguinho (um ilhote que está na ponta d'aquella

ilha) e encorporadas pozeram as proas nas fortificações dos inimigos, onde desembarcaram os nossos cabos e soldados antes de apparecer o dia, que se dilatava em mostrar as suas luzes, por não concorrerem a espectaculo tão funebre.

78. Investiu a nossa gente a inimiga com valor incomparavel, mas com tanta desordem (pelos impedimentos do terreno com as defensas dos Hollandezes) que foram verdugos de si mesmos os Portuguezes, atirando os que vinham atraz aos que iam subindo adeante, por intenderem que apontavam aos inimigos, até que caindo morto o mestre de campo Francisco Rebello, cabo principal da empreza, e conhecendo os mais que na porfia era certa a ruina de todos, se retiraram com maior confusão nossa que gloria dos inimigos, pois a desordem da nossa gente mais que a sua resistencia lhes deu a victoria.

79. Morreram n'esta infeliz jornada seiscentos soldados portuguezes; ficaram muitos feridos, contando-se entre estes quasi todos os cabos, e entre aquelles dois capitães e o mestre de campo Francisco Rebello, cujo valor e disposição lhe tinham grangeado respeito entre os naturaes e assombro entre os estranhos; o esforço do seu coração e do seu braço lhe deram o nome e logar que lhe não concedera a condição da sua fortuna. Era chamado por antonomasia o Rebellinho, por ter a natureza tirado á sua estatura na medida o que sem limite accrescentara ao seu animo no valor, supprindo-lhe a brevidade do corpo com a grandeza do alento. A ruina d'esta tão mal vaticinada como succedida facção foi (emquanto á perda da gente e circumstancias d'ella) a maior que tivemos em toda a guerra dos Hollandezes no Brazil, servindo os cadaveres de animar aos vivos para resuscitarem na saudade aos mortos.

80. Com a noticia que teve el-rei da armada dos Hollandezes na enseada da Bahia, e da situação que tinham feito na ilha de Itaparica, esperando sempre occasião de molestar e invadir a cidade, e não perdendo a de saquear ao reconcavo, mandou aprestar uma armada, nomeando por general d'ella a Antonio Telles de Menezes, conde de Villa Pouca, que vinha succeder no governo geral do Brazil a Antonio Telles da Silva, e fazer desalojar os inimigos do logar em que estavam fortificados. Constava de muitas naus, bastimentos e soldados, entre os quaes havia muitos de grande qualidade.

81. Por aviso de Hollanda souberam os do Supremo Conselho do Recife que brevemente sairia do porto de Lisboa a nossa armada, e recearam que fosse sobre aquella praça, cada vez mais apertada com o sitio em que a tinham os Pernambucanos, que na ausencia de Sigismundo e da gente que comsigo trazia, se adiantaram a maiores progressos, pondo-a em mais

evidente perigo, o qual seria irremediavel, se as nossas naus, destinadas para a Bahia, pozessem as proas em Pernambuco.

82. Logo lhe ordenaram que, abandonando a Itaprica, se recolhesse com toda a armada ao Recife. Obedeceu Sigismundo, e deixando destruida toda a ilha, saíu brevissimamente da barra da Bahia, por onde poucos dias depois da sua partida entrou a nossa armada, que sentiu o haver-se ausentado a inimiga; mas ainda que não teve a gloria de a vencer pelejando, não póde escusar a vaidade de entender que só a sua fama a fizera sair fugindo.

83. Tomou o conde de Villa Pouca as redeas do governo geral do Brazil das mãos de Antonio Telles da Silva, em que estiveram quasi seis annos com os successos prosperos e adversos que temos referido; sendo infelicissimo o da sua volta para o reino, pois acabou naufrago na costa de Buarcos, n'aquella infausta viagem da nossa armada, que, saindo da Bahia e experimentando uma terrivel tormenta das ilhas para Lisboa, perdeu muitas naus, perecendo n'ellas gente e pessoas de grande supposição, sendo a maior Antonio Telles da Silva, benemerito de melhor fortuna.

84. No anno de mil e seiscentos e quarenta e sete declarou el-rei ao senhor D. Theodosio, seu primogenito, por principe do Brazil, a exemplo das maiores corôas de Europa, que de algum competente e particular Estado nomeiam principes aos que hão de succeder na monarchia. Os primogenitos de França, com o nome de Delphins, principes da provincia do Delphinado; os de Inglaterra principes de Galles; os de Castella principes de Asturias; e de Viane os de Navarra. O applauso geral que no Brazil causou esta resolução, foi egual ao credito que lhe resultava d'esta preeminencia, vendo-se especial hemispherio de um planeta que apparecia propicio a todo o Imperio Lusitano, em cujas influencias esperava a portugueza America lograr as maiores fortunas. Porém o festejado auspicio de tão feliz horoscopo brevemente se lhe desvaneceu com a intempestiva morte do seu principe, de que daremos noticia em seu proprio logar.

85. Achando-se obrigado o senhor rei D. João, não só como monarcha portuguez, mas como principe christão, a consolar aquelles subditos pernambucanos, que tanto haviam obrado por tornar ao seu dominio (em cuja empreza quanto mais desamparados estavam, mais constantes), lhes enviou com o posto de mestre de campo general a Francisco Barreto de Menezes, que exercera dignamente nas companhas do Alemtejo o de capitão de cavallos, e estava com a mesma satisfação servindo o de mestre de campo. Partiu com dois navios, alguns soldados, armas e bastimentos, mas em tão pouco numero que todo o soccorro consistia na sua pessoa.

86. Navegando a Pernambuco, encontrou na altura da Parahyba uma esquadra dos inimigos, que o investiram; e ainda que se dispôz á defensa, lhe saiu inutil a resistencia, pelo grande numero das naus contrarias, que tomando ambos os navios os conduziram ao Recife, levando ferido e preso a Francisco Barreto, o qual depois de nove mezes de prisão se ausentou d'ella para o nosso exercito, por favor e industria de Francisco de Brá, moço hollandez, filho do cabo que o guardava, ao qual agradecido o nosso mestre de campo general, trouxe sempre comsigo, e depois de abjurar a heresia e receber a nossa religião catholica, o fez despachar com o habito de Christo e o posto de sargento-mór de um dos dois terços do presidio da Bahia, onde falleceu nobremente casado e com larga successão.

87. Com os maiores jubilos receberam a Francisco Barreto de Menezes os governadores do nosso exercito de Pernambuco João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, fazendo acções de graças pela sua liberdade, e consultando com elle as disposições da guerra contra a poderosa armada que esperavam dos Hollandezes, a qual brevemente chegou numerosa em naus e com seis mil infantes. Em outros navios, que derrotara uma tempestade padecida no canal, vinham mais tres mil homens, preenchendo o cômputo dos nove mil com que partira de Hollanda, e não tardaram em se juntar no Recife. Resolveram os governadores do nosso exercito unir em um corpo a nossa gente; mandaram arrasar todas as nossas estancias, que com tão poucas guarnições era impossivel poderem conservar-se, e só guarneceram as fortalezas do Arraial, da Bateria e da Barreta, que fabricaram no cerco posto aos inimigos.

88. Com estas disposições juntaram um exercito de tres mil homens mais valorosos que bem armados, contando-se n'elles os terços dos *gentios* de D. Antonio Filippe Camarão e dos pretos de Henrique Dias. Ao mesmo tempo chegou ordem do conde de Villa Pouca para os governadores de Pernambuco entregarem o governo das armas ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, em execução da que tivera del-rei, que mandava exercesse o posto com que o enviara áquella guerra, o qual principiou a exercer com grande expectação dos cabos e dos soldados, que fiavam do seu merecimento todas as emprezas que veiu a conseguir o seu valor.

89. Poz-se em campo Sigismundo Van der Schkoppe com sete mil e quinhentos infantes, grande numero de gentios e de gastadores, deixando de caminho arrasada a nossa fortaleza da Barreta, por mal guarnecida e peor acautelada. Marchou para a povoação da Moribeca, uma legua distante dos montes Guararapes (importantissima pela sua fertilidade para sustentar a um exercito), conveniencia que o incitava a fazer d'ella a primeira presa n'esta

segunda conquista. Porém avisados o mestre de campo general e mais cabos do nosso exercito da marcha dos inimigos, resolutos a pelejarem com elles sem temor da muita vantagem que lhes tinham em numero de gente e armas, saíram a provocal-os á batalha, levando-os com algumas sortidas e escaramuças para os referidos montes Guararapes, cujas fraldas e cumes offereciam theatros capazes a estas militares scenas.

90. Arrogante Sigismundo com o grande exercito que conduzia, e vendo ao nosso tão pequeno, entendeu que a fortuna lho trazia para o seu triumpho, e que vencendo-o, acabaria a guerra de Pernambuco, pois n'aquelle pouco numero de soldados consistia a sua rebellião e de todas as mais capitanías, que tornariam ao seu dominio só em nos ganhar esta batalha; e não fazia errado juizo, porque d'aquellas nossas pequenas forças pendia a saude de todas as provincias de Pernambuco, e com este discurso se animavam o general hollandez e os seus soldados na esperança de ser aquella victoria o fim de toda a guerra.

91. Accommetteram-se os dois desiguaes exercitos; o dos Hollandezes superior em gente, bastimentos, petrechos, bagagens, arreios e galas; o dos Pernambucanos inferior em soldados, commodidades, sustento, descanço e vestidos; mas como se desegualava na causa e no valor, superou as vantagens dos contrarios no conflicto. Durou cinco horas a porfia em rigoroso, sanguinolento e militar certame; mas depois de apurarem os inimigos todo o seu alento, foram cedendo ao nosso esforço, com tanta gloria nossa como confusão e perda sua, retirando-se por não acabarem todos ao nosso ferro, e deixando-nos na campanha muitas bandeiras, artilheria, prisioneiros e mortos.

92. Cantámos a victoria, servindo ao nosso triumpho de trophéos os seus despojos, em que achámos insignias para o credito, viveres para o sustento e regalos para o appetite. Morreram dos inimigos mais de mil homens, foram muitos os feridos que levou Sigismundo, retirando-se coberto das sombras da noite, a qual, em lhe chegar prompta, lhe trouxe um socorro grande, livrando-o e ao resto do seu exercito do nosso alcance, porque amparado d'ella se poz em salvo (posto que com duas feridas) no Recife, onde foram os prantos eguaes á sua perda, e mui differentes da sua esperança e do conceito que fizeram das poucas forças do nosso exercito, medindo-as pelo numero e não pelo valor dos nossos soldados.

93. As bandeiras, coroneis e officiaes prisioneiros enviou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes ao conde de Villa Pouca, capitão geral do Estado; e na Bahia se receberam com tanto maior applauso quanto mais certa julgavam a ruina de Pernambuco pelo poder das duas

armadas, cujos soldados pareciam incontrastaveis ás forças do pequeno, afflicto e quasi desamparado exercito dos Pernambucanos; e admirando o seu valor e constancia em tanto credito da religião, do monarcha e dos vassallos do Brazil, desejavam todos interessar-se na empreza, emulando aquella gloria em que não procuraram ter parte; mas Deus a tinha decretado só para aquelles moradores, em premio da sua fé e do conhecimento em que estavam, de que os estragos e males tantos annos padecidos eram justo e merecido castigo dos seus peccados.

94. Da nossa parte morreram noventa soldados, dos officiaes só dois capitães; porém de uns e outros foram muitos os feridos, que brevemente ficaram sãos, servindo-lhes o gosto do triumpho do melhor medicamento, e ficando-lhes o desejo de pelejar por effeito da cura ou por sympathia das cicatrizes. O geral contentamento com que se achava o nosso exercito, lhe pensionou a fortuna com a morte de D. Antonio Filippe Camarão, governador dos Indios, que falleceu de enfermidade poucos mezes depois da victoria, havendo sido um dos maiores instrumentos de a conseguirmos. Contou os annos da sua vida pelos seus triumphos: o seu valor e fidelidade o fazem tão credor da nossa saudade, que lhe devemos uma particular memoria.

95. Foi tão religiosamente observante da nossa santa fé catholica romana, que não emprehendeu acção sem recorrer primeiro a Deus e á Virgem Santissima, cujas sagradas imagens trouxe sempre comsigo. Seguiu as nossas armas desde que os Hollandezes entraram em Pernambuco, não afrouxando a sua lealdade na maior evidencia dos nossos perigos. Trouxe o maior sequito dos gentios (de que era principal) á obediencia e amor dos Portuguezes; com elles se achou nos mais perigosos conflictos, obrando taes acções que fizeram o seu nome ouvido com respeito entre os nossos e com assombro entre os inimigos. Os reis o honraram com mercês generosas, e elle as abonou com procedimentos qualificados. No seu posto succedeu seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, herdeiro do seu appellido e do seu valor.

96. Na Bahia falleceu D. Pedro da Silva e Sampaio, setimo bispo do Brazil, que fôra inquisidor da inquisição de Lisboa e deão da Sé de Leiria. Exerceu a pontificia dignidade quinze annos, entrando na sua egreja no de mil e seiscentos e trinta e quatro, e fallecendo no de mil e seiscentos e quarenta e nove. O tempo que se lhe póde contar na sua vida por menos acertado, foi o em que exerceu o governo militar e politico com o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e Lourenço de Brito Correia, na deposição do vice-rei marquez de Montalvão, concorrendo para as desattenções com que o trataram. Em todos os outros annos que viveu no Brazil, procedeu com as virtudes e acções que se podem desejar em um bom prelado. Foi sepul-

tado com não poucas lagrimas na capella-mór da sua Matriz, e transferindo-se-lhe os ossos para Portugal, naufragaram com a nau que os conduzia, vindo a experimentar no mundo, ainda alem da morte, outra ruina.

97. Não eram menos prejudiciaes e ambiciosos por mar os importunos e ousados Hollandezes. Andavam com poderosas naus pelos do Brazil, tomando as embarcações que de Portugal vinham a estes portos, ou d'elles voltavam, sendo mui raras as que lhes escapavam, em prejuizo notavel dos vassallos pela perda do negocio. E tendo Sigismundo noticia que a nossa armada voltava para Lisboa com os navios de carga da Bahia, entrou pela sua enseada com muitas velas, e penetrando com embarcações menores os rios do reconcavo, roubou e destruíu trinta engenhos, saíndo sem damno ou contraste algum pela barra, rico de despojos, que augmentara n'aquella mesma occasião com outras presas de algumas embarcações nossas que foi colhendo até entrar no Recife, onde com este successo moderaram os Hollandezes o sentimento das muitas perdas que experimentavam e da grande oppressão em que os tinham posto os Pernambucanos.

98. Prevenindo o remedio aos males que os inimigos nos causavam por mar, fazendo presa em os nossos navios, ajustaram com el-rei os homens de negocio uma geral companhia, que depois foi tribunal com o nome de Junta do Commercio, e os seus ministros com os de deputados; os que residiam nas praças do Brazil se chamavam administradores. Applicaram cabedaes importantes a sustentar trinta e seis naus de guerra, das quaes se empregassem dezoito em comboiar (juntas em frota) as embarcações aos portos do Brazil, e a conduzil-as d'elles para o reino, prohibindo com penas graves sair ou navegar alguma fóra d'aquelle corpo; e com esta acertada disposição se tiraram aos Hollandezes grandes interesses e ficámos logrando as utilidades de passarem livres dos inimigos as nossas naus.

99. Por generaes das referidas frotas vinham cabos illustres e dos mais experimentados na milicia maritima, e conduziam portentosas naus, cujo comboio se reduziu depois ao numero de dez, existindo com grandes despezas muitos annos. Porém tendo cessado a causa por que a Junta se instituira, e achando-se com varios empenhos de que pagava muitos juros, por consultas do mesmo tribunal do anno de mil e setecentos e quinze e de mil e setecentos e dezenove a el-rei nosso senhor D. João v, que Deus guarde, foi servido no de mil e setecentos e vinte ordenar que se extinguisse, obviando as despezas que se faziam com os ministros e officiaes d'esta intendencia, e as dividas que de novo se iam sempre contrahindo.

100. Para pagamento de todas e dos juros que venciam, mandou sua magestade consignar differentes effeitos, por onde se vão cobrando com sa-

tisfação mais prompta da que se experimentara no tempo em que aquelle tribunal existira, e encarregou ao Conselho da sua real fazenda toda a administração que tivera, ordenando que pelos armazens da corôa corresse o apresto dos comboios, que constam hoje de duas naus de guerra para a Bahia, duas para o Rio de Janeiro e uma para Pernambuco.

101. Como no vencimento de uma batalha consiste quasi sempre a posse de uma conquista, toda a ancia dos Hollandezes era ganhar uma victoria. Consideravam ao exercito de Pernambuco gasto em pelejar e cançado de vencer, porque quando as forças são debeis, até nos triumphos padecem estragos, e os mesmos trophéos que as lisonjeiam, as consomem. Suppunham que não podia durar em tanta porfia a constancia, nem permanecer com tanto combate o valor; e arrebatado d'este pensamento ou do seu natural impulso o animo do coronel Brinck, que nos impedimentos de Sigismundo governava as armas de Hollanda, fomentado dos soldados, suggerido de alguns do Supremo Conselho e do povo do Recife, propoz que saísse o exercito a sujeitar a campanha de Pernambuco, pedindo aquella empreza em satisfação de muitos serviços.

102. Contra o parecer de Sigismundo, presago do successo, já pela sua experiencia ou já pelo seu temor, alcançou o coronel Brinck a licença, e feitas todas as precisas disposições, se poz em campanha com cinco mil homens, que eram a flor das suas milicias no Brazil, escolhidos e tirados anticipadamente para esta empreza de todas a praças e guarnições que conservavam. Levava setecentos gastadores e mais um regimento formado dos homens maritimos, de que era cabo o almirante da sua armada, duzentos Indios e alguns pretos, que d'esta casta de gente escusou muita, por entender que lhe serviria mais de embaraço que de utilidade.

103. Com este exercito, por muitas circumstancias mais que o primeiro poderoso e forte, posto que menor em numero, marchou para os montes Guararapes, sem a lembrança e pendor de terem já sido infaustos ás suas armas, perdendo a batalha que n'elles ganhámos o anno passado; senão era pretenderem agora os Hollandezes restaurar a opinião no mesmo posto em que a perderam, ou tomar vingança dos aggravos no proprio logar em que lhes foram feitos.

104. Achavam-se alguns moradores tomando um breve descanço no abrigo de suas casas, assegurados com a victoria proxima, e fazendo prevenções para a campanha futura; porém avisados da resolução dos inimigos, vieram logo para o nosso exercito, no qual achou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes dois mil e seiscentos infantes. Com este pequeno corpo e parecer de todos os nossos cabos se resolveu a seguir e dar aos

inimigos batalha, a qual pediam com instancia os nossos soldados, porque os braços costumados a vencer appeteciam pelejar.

105. Marchou para os montes Guararapes, que achou já occupados pelos inimigos, ganhando-nos aquella vantagem que o nosso exercito tivera na outra batalha; mas não desanimou este accidente ao nosso exercito, que nas difficuldades qualificava mais o seu valor. Chegou o mestre de campo general áquelle sitio em uma tarde, e querendo atacar logo o combate, foi aconselhado pelos outros cabos que o differisse para o dia seguinte, porque descançasse a nossa gente da larga e apressada marcha que havia feito.

106. Toda aquella noite mandou o mestre de campo general por varias partes tocar arma aos Hollandezes para os ter inquietos, logrando a industria no descommodo que lhes causou. Ao romper do dia enviou alguns cabos a reconhecer o exercito contrario e a fórma que tinha; e avisado d'ella, dispoz accommettel-o por varias partes, sendo a primeira a do Boqueirão, onde pozera a maior força. Por alli principiou o mestre de campo João Fernandes Vieira a batalha, achando tal resistencia pelos muitos batalhões que defendiam aquelle posto, que lhe foi necessario empenhar todo o seu valor e o dos esquadrões que o seguiam, até fazer desalojar os inimigos; mas seguindo-os, achou formados outros troços hollandezes que desceram dos cumes dos montes a soccorrerem aos seus.

107. N'este accidente e nova resistencia foi o mestre de campo João Fernandes Vieira com o proprio esforço abrindo por elles a mesma estrada, sendo tambem soccorrido de mais gente nossa. Os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueiroa haviam por outras partes atacado varios esquadrões com a mesma fortuna e egual valor, achando em todos valorosa resistencia, porque os inimigos pelejando já mais pela honra que pelos interesses e consequencias da victoria, despresavam barbara e inutilmente as vidas, até que não podendo obrar mais a sua constancia, cederam ao nosso valor. O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, como coração do nosso exercito, animava a todas as partes d'elle, acudindo áquellas que mais careciam do seu alento.

108. Finalmente deixando os inimigos na campanha o estandarte dos Estados, dez bandeiras, seis peças de artilheria, tendas e bagagens, e mil e trezentos mortos, em que entraram o coronel Brinck, general do seu exercito n'esta batalha, e o almirante da sua armada, levando mais de seiscentos feridos e deixando muitos prisioneiros, se retiram para a fortaleza da Barreta, sendo seguidos dos nossos cabos e soldados até ás portas d'ella, matando-lhes n'este alcance outro grande numero de gente.

109. Agradeceu o mestre de campo general a todos o grande valor

com que se houveram, e ordenou que nas egrejas e conventos de Pernambuco se dessem por esta victoria graças a Deus, verdadeiro senhor dos exercitos; acção que se obrou em todas as freguezias e religiões com grande jubilo e piedade. Às bandeiras e prisioneiros remetteu á Bahia, onde se fizeram por este triumpho as mesmas publicas demonstrações de devoção e contentamento.

110. Havia o ultimo rei Filippe tirado da Bahia o tribunal da Relação, ou para escusar a despesa que se fazia com os ministros, entendendo não serem necessarios, ou por causas que não foram publicas para se terem por justificadas, reduzindo toda a jurisdicção da justiça a um ouvidor geral do crime e civel, de que se seguiam prejuizos grandes, assim porque em um só ministro não podia a administração d'ella ter o expediente de que careciam as partes, como porque um só entendimento e uma só vontade eram mais faceis de errar, ou por propensão da natureza, ou por menos sciencia do direito, como se experimentava na dilação dos pleitos e na desattenção das sentenças (que necessitam de tantos olhos quantos deve ter a justiça), não havendo no Brazil outra maior instancia a que se recorrer antes da ultima nos tribunaes do reino; e finalmente, um só homem a julgar de que estragos não será causa? Subornado Páris com as promessas de Venus, deu em uma sentença motivo ás ruinas de Troia.

111. Attendendo o senhor rei D. João IV a tantos inconvenientes, e a que a cabeça de um Estado tão vasto não devia estar sem este tão grande como preciso tribunal, o restituiu á Bahia no anno de mil e seiscentos e cincoenta e dois com grande utilidade do Brazil, correndo as causas com maior expediente por ministros que teem especial applicação n'aquellas que a cada um tocam por distribuição, ou por intendencia do logar que occupam, reformando-se no juizo dos aggravos as sentenças que os ouvidores geraes e os outros ministros proferem na primeira instancia; tendo os pleiteantes a satisfação de que as suas acções se vejam por mais olhos e se resolvam por mais entendimentos, de que resultam frequentes acertos; e até as mesmas partes que não alcançam a seu favor as sentenças, colhem o desengano de que por lhes faltar o direito lhes faltara o vencimento.

112. Governava o Estado do Brazil João Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, que succedera no posto de capitão geral a Antonio Telles de Menezes, conde de Villa Pouca, o qual depois de o ter exercido com os acertos filhos do seu valor e da sua experiencia (que fizeram na India e por outras partes da monarchia resplandecer mais o seu esclarecido sangue) voltara para Portugal n'aquella infausta frota de que já fizemos menção. Era o conde de Castello-Melhor illustrissimo por nascimento e por valor, fa-

moso pelos rigorosos tratos e pela aspera prisão que em Carthagena das Indias sacrificara ao amor da patria, e egualmente claro pelos progressos que na defensa d'ella havia já obrado nos empregos de governador das armas das provincias de Entre Douro e Minho e do Alemtejo, e com a mesma actividade se applicava no governo do Brazil.

113. Aggravando-se sempre mais a enfermidade que havia largo tempo padecia o serenissimo senhor D. Theodosio, veiu a ter fim com a sua intempestiva e lamentavel morte em quinze de maio de mil e seiscentos e cincoenta e tres, com inconsolavel sentimento e inextinguiveis lagrimas de seus augustos paes. Excessivà foi a dôr que padeceu o Brazil na perda do seu principe, incomparavel o pranto de toda a monarchia pela falta de tal successor, e podera ser geral esta magoa em todo o mundo christão, por acabar um dos maiores Atlantes da fé, em cujas virtudes tinha a religião catholica um real exemplo.

114. Em menos de vinte annos que contou de vida, fez a arte no seu talento resplandecer as muitas qualidades de que o tinha dotado a natureza. Foi o seu dominio suspirado pelos Portuguezes, como o de Germanico pelos Romanos, desvanecendo a morte umas e outras esperanças. Do seu conselho resultaram os melhores successos que até aquelle tempo se haviam logrado na defensa do reino. Foi insigne na lingua latina e em outros varios idiomas, subtilissimo philosopho, theologo, cosmographo e mathematico, com assombro dos maiores mestres d'estas sciencias. O ceo lhe tinha decretado melhor imperio, e não permittiu o lograsse mais annos a terra, deixando-lhe a memoria remontada sobre as azas da fama, e impressas as saudades nos corações dos subditos, que com o cadaver do seu principe sepultaram todo o seu contentamento.

115. Perseverava o nosso exercito de Pernambuco no cerco que tinha posto aos inimigos no Recife, e depois das duas ultimas victorias que d'elles alcançara, o tinha reforçado mais, guarnecendo e fortificando melhor as estancias e postos; porém por falta de gente e de petrechos não passava do assedio d'aquella praça á expugnação d'ella, e não se vinham a conseguir outros effeitos que impedirem aos Hollandezes o fazerem-se senhores da campanha, e tirar-lhes as utilidades que podiam ter por terra, rebatendo as continuas sortidas que faziam contra as nossas estancias, de que sempre saíam rechaçados, ainda que no ultimo anno dos nove que durou o sitio se abstiveram de as fazer, ou desenganados da sua porfia, ou porque já se não atreviam a mais progressos que a conservar algumas praças e fortalezas que ainda tinham em seu poder.

116. Porém considerando o mestre de campo general e os mais cabos

do exercito de Pernambuco que seria industria esta que realmente era debilidade, e que mostrarem querer só sustentar o que estavam possuindo seria para colherem a nossa gente descuidada com alguma invasão repentina, dobrava as guarnições e augmentava a cautela, trazendo os soldados mais vigilantes no descuido ou industria dos inimigos; porém como todas estas dilações eram em prejuizo do exercito e em descommodo dos moradores, que na duração do cerco tinham evidente perda, diminuindo-se a gente, faltando os bastimentos e não se tratando das lavouras, entenderam os Pernambucanos que na brevidade da empreza do Recife consistia o remedio de todos estes damnos.

117. Receavam que de Hollanda chegassem soccorros aos inimigos, não só para se defenderem, mas para intentarem novos progressos; e o tempo trouxe ás nossas armas occasião opportuna para o intento de expugnarem ao Recife, com a vinda da nossa armada da Junta do Commercio, de que era general Pedro Jacques de Magalhães, e conduzia as naus de carga ao Brazil para comboiar as que estivessem promptas a fazerem viagem para o reino.

118. Havendo já Pedro Jacques mettido nos portos de Pernambuco as que iam para aquellas provincias, lhe pediram o mestre de campo general Francisco Barreto e os mais cabos do exercito (fazendo as mesmas instancias ao seu almirante Francisco de Brito Freire) os quizessem ajudar na expugnação do Recife, empreza de tanto serviço a Deus, por ser contra hereges inimigos da nossa religião catholica, e tão util ao serviço del-rei, concorrendo a restaurar-lhe o dominio que lhe usurpavam os Hollandezes em tanto prejuizo dos seus naturaes vassallos e da grandeza da sua monarchia, em odio da de Castella, da qual já o ceo, o valor e a fortuna a tinham separado.

119. Ao general Pedro Jacques de Magalhães pareceu se não devia empenhar n'aquella empreza, por não faltar á observancia do seu regimento, que lhe não dava accesso a mais que conduzir as naus de Portugal e comboiar as do Brazil, segurando uns e outros interesses, que era o fim para o qual a Junta do Commercio sustentava com tão grande despeza aquella armada, além da culpa que commetteria contra a paz ajustada com os Estados de Hollanda, tendo ordem del-rei para a guardar, encaminhando-se a sua viagem só á defensa e segurança das referidas embarcações. Porém repetindo-se da parte dos cabos e moradores os rogos, intimando-lhe a causa de Deus, do rei e da patria, protestando-lhe o crime que lhe podia resultar de escusar-se de ser um dos instrumentos da restauração de Pernambuco, que com o seu auxilio podia facilmente conseguir-se. resolveu a todo o transe concorrer para esta empreza.

120. Dispostas todas as coisas ao fim que os Pernambucanos pretendiam, por conselho de uns e outros cabos ficou o almirante Francisco de Brito Freire em terra com a infanteria da armada; e o general Pedro Jacques de Magalhães com os soldados precisos para a guarnição das naus (tendo enviado para a Bahia e para o Rio de Janeiro os navios que vinham destinados para os seus portos) com as dezoito naus de guerra e algumas mercantis mais poderosas que demorou para lhe assistirem n'aquelle empenho, sitiou por mar ao Recife com tal regularidade e militar acerto, que impediu n'aquelle porto entrar ou sair embarcação alguma.

121. Seguro o nosso exercito de que os inimigos não poderiam ser soccorridos das suas praças maritimas, foi atacando por terra as suas forças, sendo a primeira a fortaleza das Salinas, a qual, ainda que com grande trabalho, em o curso de um dia a rendeu; e com o mesmo valor e fortuna, posto que com a propria resistencia, tomou a de Altanar, desamparando os inimigos as da Barreta, Buraco de Santiago e a dos Afogados, que logo senhorearam os Pernambucanos, e marcharam a ganhar a fortaleza das Cinco Pontas, que era o maior propugnaculo ou antemural da praça do Recife.

122. Com tão grande trabalho e valor a combateram, que em poucos dias a pozeram em termos de capitular a entrega, de que resultou tal confusão no Recife que tudo era assombro; e Sigismundo, que com vigorosa diligencia e disposição militar tinha enviado soccorros ás referidas praças (com tão pouca fortuna sua que foram desbaratados pela nossa gente, e se algum entrou, não foi poderoso a resistir ao nosso valor nem a evitar a sua perda) agora totalmente desesperava de poder defender o Recife.

123. Confusos os do Supremo Conselho, os outros Hollandezes e os Judeus que residiam n'aquella praça, receosos todos de perderem os bens adquiridos, se esperassem o ultimo furor dos vencedores, tratavam de capitular a entrega, por conseguirem com tempo condições mais favoraveis, segurando assim a fazenda que a Companhia Occidental tinha n'aquellas capitanías, como a dos particulares, conhecendo que não podiam ter soccorros de Hollanda, donde havia quasi um anno lhes não chegara embarcação; porque aquelles Estados tendo contendas por interesses do negocio com a parlamentar republica de Inglaterra, juntando-se de uma e outra parte no canal as suas armadas, se combateram, alcançando victoria a do Parlamento com perda e destroço da hollandeza; causa por que apressaram as capitulações, as quaes lhes concederam os nossos cabos com as mais honestas condições que os inimigos podiam alcançar no presente estado em que se achavam.

124. Em virtude d'ellas entregaram os Hollandezes a praça do Recife com todas as suas defensas, as capitanías de Itamaracá, Rio Grande e Parahyba, assignando-se em vinte e seis de janeiro do anno de mil e seiscentos e cincoenta e quatro os capitulos, que de ambas as partes foram fielmente observados. Com o aviso d'esta feliz nova partiu o mestre de campo André Vidal de Negreiros para Lisboa, recebendo-a o senhor rei D. João IV e toda a côrte com as maiores demonstrações de applauso; e depois de se darem publicas graças a Deus por tão especial favor da sua grande misericordia, fez el-rei mercês a todos os cabos do exercito de Pernambuco proprias da sua real grandeza. Na Bahia e por todas as mais partes do Estado foi festejada esta noticia com muitas acções de graças e actos tão festivos quanto o pedia a gloria de se verem de todo livres de uma nação, com a qual no curso de trinta annos tivemos sanguinolenta guerra no Brazil.

125. Tinha chegado á Bahia com o posto de governador e capitão geral do Estado a succeder a João Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, o de Atouguia D. Jeronymo de Athaíde, que na côrte e nas campanhas do reino havia tido empregos dignos da sua grandeza, do seu esclarecido sangue e do seu valor, todos com venturosos successos, e com a mesma fortuna exercido o cargo superior das armas na provincia de Traz-os-Montes. Foi na Bahia o seu governo tão applaudido como ficou memorado; resplandeceram no seu talento entre muitas prerogativas a rectidão e independencia, em tal equilibrio que se não distinguia qual d'estes dois attributos fazia n'elle mais pendor, porque eram no seu animo vigorosamente eguaes o desinteresse e a justiça; virtudes inseparaveis nos heroes, que enthesouram só merecimentos para viverem na fama e na eternidade.

126. Restaurado o reino pelo nosso grande monarcha o senhor D. João IV, e já com infalliveis esperanças de ficar estabelecido e seguro na sua augusta descendencia, recuperadas as provincias que no Brazil tinha senhoreado o poder de Hollanda, tornava com novas luzes a manifestar-se o antigo esplendor da monarchia, quando contra tanta felicidade, posta em campo a morte, cortou com o mais cruel golpe o fio da mais importante vida, tirando-a intempestivamente a el-rei em seis de novembro do anno de mil e seiscentos e cincoenta e seis, com dezeseis de reino e cincoenta e dois de edade, mui curta, se a medirmos pelo tempo, se pelas acções, mui dilatada.

127. Foi duque segundo em nome, e oitavo em numero, da serenissima casa de Bragança. Nasceu rei por direito, vassallo por tyrannia; mas este descuido da natureza emendou a fortuna, então ministra da providencia divina, restituindo-lhe a corôa que estava violentada em outra cabeça, e separando o reino d'aquelle corpo que intentou reduzil-o a um pequeno

membro, fazendo-o provincia. Opulento e firme o deixou aos seus reaes successores, sendo tão amado dos vassallos naturaes o seu dominio, quanto appetecido dos estranhos; eternisando nos subditos de todas as porções da sua dilatada monarchia uma perpetua saudade, e por quantos orbes discorre a fama, uma eterna memoria.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO SEXTO

Entra na regencia do reino a serenissima senhora rainha D. Luiza — Elege a Francisco Barreto de Menezes por governador e capitão geral do Estado do Brasil — Ajusta a paz com as Provincias Unidas, e o casamento da senhora infanta com el-rei da Gran Bretanha — Donativo no Brazil para o dote e paz — Toma posse do reino o serenissimo senhor rei D. Affonso VI — Inhabilidade e descuido que mostra no governo — Manda por governador do Brazil ao conde de Obidos — Fundação dos religiosos de Santa Theresa na Bahia e em Pernambuco — Contagio das bexigas por todo o Estado — Cede el-rei o governo e o reino ao serenissimo senhor infante D. Pedro — Entra na posse d'elle com o titulo de principe governador - Prisão de Jeronymo de Mendoça Furtado, governador de Pernambuco, executada por aquella nobreza e povo — Succede ao conde de Obidos no cargo Alexandre de Sousa Freire — Naufragio da nau capitânia, e morte do general da armada da Bahia João Correia da Silva na costa do Rio Vermelho — Desce o gentio bravo sobre a villa do Cairú com grande estrago — Succede no governo a Alexandre de Sousa Freire Affonso Furtado de Mendoça — Descobrimento e povoação das terras do Piauhy — Guerra que faz aos gentios — Sua morte e elogio — Fundação das religiosas de Santa Clara — Voltam as fundadoras para Portugal depois de nove annos de assistencia na Bahia.

Ficou pelo testamento del-rei nomeada a serenissima senhora D. Luiza sua esposa por tutora dos senhores infantes seus filhos, e regente do reino na menoridade do principe seu successor. Dezeseis annos que contava de rainha em uma monarchia contrastada de tão poderosos contrarios e tão varios accidentes, lhe deram experiencias com que na absoluta regencia do reino póde com grandes acertos encarregar-se de todo aquelle peso de que já sustentava tanta parte, assistindo com animo varonil e real a todos os conselhos e arbitrios sobre a defensa e regimen do reino e das conquistas, a que se applicava agora com tanto mais empenho quanto era maior a obrigação, sendo as suas resoluções admiradas e applaudidas em todas as côrtes de Europa, e até n'aquellas menos interessadas na restauração de Portugal.

2. Tanto se desvelava no augmento da nossa America, que na maior oppressão de Portugal, e na precisa occasião que tinha o conde de Canta-

nhede (depois marquez de Marialva) governador das armas da provincia do Alemtejo, de juntar exercito para soccorro da praça de Elvas (empreza que teve glorioso fim com a batalha das linhas), havendo pedido a infanteria que estava para vir com a armada para este Estado, lha não quiz mandar, por attender ás conveniencias dos moradores do Brazil, não sendo grande o prejuizo que lhes podia seguir de se demorar por causa tão justa um anno o comboio; mas nem n'aquelle aperto permittiu a serenissima senhora rainha que lhe faltasse este expediente, ou por affecto que tinha aos vassallos da America, ou porque o seu real e valoroso animo entendera que podia conseguir a conservação do todo da monarchia sem damno de alguma porção d'ella; discurso que acreditou o successo, com a memoravel victoria que ao mesmo tempo alcançaram os Portuguezes debaixo da sua regencia contra os exercitos castelhanos.

3. Para succeder ao conde da Atouguia no posto de capitão geral d'este Estado elegeu a serenissima senhora rainha regente a Francisco Barreto de Menezes, em premio das proezas que obrara na restauração de Pernambuco, sendo mestre de campo general d'aquella guerra. Pela mesma causa fez ao mestre de campo André Vidal de Negreiros governador d'aquella capitania, cuja liberdade com tanto risco e valor conseguira; e para socego e segurança de todas as conquistas e praças do Brazil solicitou com o maior cuidado por seu embaixador extraordinario Henrique de Sousa Tavares da Silva, então conde de Miranda e depois marquez de Arronches, uma paz firme com as Provincias-Unidas, tanto mais util aos interesses dos vassallos do Brazil, quanto mais difficil de se ajustar pela indignação e sentimento em que as nossas victorias tinham posto aos socios e ministros da Companhia Occidental e a toda sua nação, vendo perdido o lucro que tiravam das nossas provincias, a cujo dominio aspiravam restituir-se quando as suas forças e o tempo lhes dessem logar.

4. Com a mesma ancia para esforçar a defensa de Portugal como cabeça do imperio, de cujo vigor pendiam os alentos de todos os membros d'elle, procurou por Francisco de Mello de Torres, conde da Ponte, depois marquez de Sande, seu embaixador extraordinario em Inglaterra, a união da corôa ingleza pelo casamento da serenissima senhora infanta D. Catharina sua filha com o serenissimo Carlos II, monarcha dos tres opulentos e bellicosos reinos, Escocia, Inglaterra e Irlanda, restituido a elles pela nobreza e povo com o mais reverente applauso, poucos annos depois que o tyrannico governo do Parlamento os tirara com a cabeça (detestavelmente) a seu pae o infeliz Carlos I, legitimo e natural senhor d'aquelles proprios subditos que com horror da obediencia e confusão da magestade o pozeram

em um cadafalso; conseguindo a senhora rainha n'esta alliança e parentesco do novo rei muitas seguranças ás conquistas e soccorros a Portugal.

5. Ambas estas emprezas conseguiu venturosamente, apesar das negociações, poder e industria com que el-rei de Castella com muitas embaixadas, repetidas instancias e varias promessas tratava de as impedir nas côrtes de Londres e de Haya, por lhe difficultarem estes tratados a conquista de Portugal; porém contrastando a todas estas fortes opposições a constancia da senhora rainha regente, e não reparando em despezas pela gloria do reino e bem dos vassallos, se lograram os seus designios, dando á Companhia Occidental de Hollanda, em resarcimento das despesas feitas na guerra do Brazil, cinco milhões pagos em dezeseis annos, e em dote a el-rei da Gran-Bretanha dois, satisfeitos em dois annos; sendo estas disposições bem recebidas não só pelos subditos, mas louvadas em todas as potencias de Europa pelos principes e ministros independentes dos interesses de Castella.

6. Para satisfação de tanto empenho era preciso que concorressem o reino e suas conquistas; causa pela qual escrevera ao governador geral Francisco Barreto de Menezes duas cartas, feitas ambas em quatro do mez de fevereiro do anno de mil e seiscentos e sessenta e dois; em uma o avisava da paz estabelecida com os Estados de Hollanda, e do cômputo de cinco milhões que lhes promettera, pagos em dezeseis annos, em recompensa dos gastos que tinham feito nas armadas que mandaram a Pernambuco e ás suas capitanías; e que devendo (como era razão) repartir-se esta quantia por Portugal e pelas conquistas, tão interessadas na utilidade da paz, pelo orçamento que no reino se havia feito, tocaram a este Estado cento e vinte mil cruzados em cada um dos dezeseis annos, em que se haviam de ir continuando os pagamentos até ultima satisfação.

7. Na outra carta o noticiava do casamento da senhora infanta D. Catharina ajustado com o serenissimo rei da Gran-Bretanha, levando dois milhões em dote, para cuja satisfação tomando o reino sobre si (sem reparar no aperto em que o tinha posto a guerra) as cisas dobradas por tempo de dois annos, ainda faltava para ajustamento do dote a importancia de seiscentos mil cruzados; pelo que lhe ordenava pedisse a estes moradores contribuissem tambem para aquelle empenho, que egualmente vinha a resultar em beneficio do Brazil com a segurança de Portugal, de quem, como da cabeça, pendiam todas as conquistas do reino. Em ambas estas cartas fazia vivas expressões da grande fidelidade e amor dos vassallos da nossa America, segurando ser-lhe sempre presente este novo serviço, para os ter na sua lembrança como tão benemeritos da sua attenção real.

8. Convocou o governador a palacio os senadores que aquelle anno tinham o governo do corpo politico da republica, e propondo-lhes a carta e ordens reaes, achou n'elles o agrado e zelo que a nobreza da Bahia sabe ostentar em todas as acções do serviço dos nossos monarchas. Responderam que proporiam a materia no Senado da Camara aos homens bons e da governança, com cujo parecer por direito e estylo se costuma tomar assento em negocios similhantes, com assistencia, beneplacito e concurso do povo, esperando que não haveria duvida mais que na fórma em que se haviam de repartir por todas as provincias do Brazil os cento e vinte mil cruzados que se lançavam em cada um dos dezeseis annos sobre este Estado para a paz de Hollanda, e os que haviam de contribuir para o dote de Inglaterra.

9. No dia seguinte chamaram os ditos senadores actuaes as pessoas principaes da governança e o povo, e lidas as cartas em presença de todos, considerando-se os urgentes motivos que fariam precisas e justas aquellas despezas, convieram em contribuir para ellas, como tão leaes vassallos, e nomearam seis pessoas que ajustassem com os vereadores no Senado a fórma e o cômputo do que devia tocar a cada capitanía. Juntos os seis arbitros nas casas da Camara com os officiaes d'ella actuaes, resolveram todos que sobre os cento e vinte mil cruzados que se haviam de dar em cada um dos dezeseis annos para a paz de Hollanda, se accrescentassem mais vinte mil cruzados em cada um anno para o dote de Inglaterra.

10. Tomou sobre si a Bahia, como cabeça da portugueza America, a maior parte d'elles, que foram oitenta mil cruzados em cada um dos dezeseis annos, e repartindo-se os sessenta pelas outras treze provincias, veiu a importar em todas o donativo nos dezeseis annos, a cento e quarenta mil cruzados por anno, dois milhões e duzentos e quarenta mil cruzados; e com festivas demonstrações se applaudiram por todo este Estado estas duas tão importantes noticias.

11. Continuava Francisco Barreto de Menezes o governo geral do Brazil, no qual teve pesadas dissensões com André Vidal de Negreiros, governador de Pernambuco, que topavam em desobediencia das suas ordens, passadas em recurso de justas queixas dos moradores d'aquella capitanía, por obrar com elles muitos excessos de violencia, devendo-lhes todas as attenções da justiça e do favor por haverem sido seus companheiros na guerra, e André Vidal seu natural, nascido na Parahyba de honesta familia, juntando a muitos escandalos o não dar cumprimento ás resoluções do capitão geral Francisco Barreto e a uma sentença d'esta Relação, negando ás partes o appellarem a ella, desterrando, prendendo e privando dos officios aos

que tratavam de a executar, e procedendo como absoluto e independente de outro poder com improperio da cabeça do Estado.

12. Por estas causas o privou do governo o capitão geral, mandando patente aos dois mestres de campo d'aquelle presidio, D. João de Sousa e Antonio Dias Cardoso, para governarem em seu logar; e ordenou ao mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco marchasse da Bahia com o seu terço, e o desembargador Christovam de Burgos de Contreiras, ouvidor geral do crime, para o trazerem preso a ella, ordenando aos dois governadores fizessem preito e homenagem nas mãos do referido ouvidor geral. Porém André Vidal amainando na tempestade por escusar o perigo, deu cumprimento com humiliação e arrependimento ás ordens a que tinha desobedecido e foi conservado no seu posto, havendo-se n'elle d'alli por diante com acções mais conformes á confiança que se fizera da sua pessoa para aquelle governo; porque ha animos tão faceis em perpetrar os delictos, como em ceder ao ameaço dos golpes.

13. Seis annos havia que administrava o reino a serenissima senhora rainha D. Luiza, com os acertos proprios do seu real talento, a que justamente se attribuiam as felicidades de Portugal nos progressos da guerra, e do Brazil no beneficio da paz; e quando a sua singular regencia fazia tão necessaria a continuação do seu dominio, quanto era universal o applauso do seu governo, tomou as redeas da monarchia o serenissimo senhor rei D. Affonso VI, com maiores desejos de a possuir que disposições para a governar, porque as suas distracções, improprias da magestade, o traziam tão apartado dos cuidados de que necessitava a administração do reino, como dos remedios de que careciam as suas continuas enfermidades, entregando-se todo só aos seus juvenis divertimentos, dos quaes o respeito da senhora rainha D. Luiza sua mãe fôra embaraço, ainda que não pôde ser freio.

14. Posto no throno el-rei, lançou o peso de tanto imperio sobre os hombros de um valido, proporcionados a tamanha carga pelas grandes qualidades que concorriam na pessoa e talento de Luiz de Sousa de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor; porém como era unico mobil da machina da monarchia, sentiam os tribunaes e a nobreza verem-se constrangidos a obedecer ás resoluções que não eram filhas naturaes, senão adoptivas do seu monarcha; causa pela qual começaram logo as queixas, aggravando-as sempre os illicitos exercicios del-rei, com escandalo dos vassallos e perigo imminente do reino, cuja ruina em breves annos (como diremos) trataram de obviar os paes da patria, grandes e ministros do reino, antes que o mal da republica, fomentado das diligencias de Castella, tivesse lançado tão profundas raizes que fizessem impossiveis ou inuteis os remedios.

15. Por successor de Francisco Barreto de Menezes, que tinha governado seis annos, enviou o senhor rei D. Affonso VI a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, governador das armas da provincia do Alemtejo, vice-rei da India, do conselho de estado, e segundo vice-rei e capitão geral do Brazil. Havia sido na Bahia mestre de campo de um terço, do qual passara a general da artilheria, e no anno de mil e seiscentos e trinta e nove, em que veiu por capitão geral d'este Estado D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, depois de assistir seis mezes na Bahia, saíndo d'ella a restaurar Pernambuco com a grande armada que para esta empreza trazia (e teve o successo que havemos escripto no quarto livro d'esta historia), o deixou por governador da Bahia, a quem succedeu no anno seguinte de mil e seiscentos e quarenta D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, do conselho de estado, e primeiro vice-rei e capitão geral do Brazil, como temos mostrado.

16. No anno de mil e seiscentos e sessenta e cinco, segundo do governo do conde vice-rei, vieram fundar casa na Bahia os filhos da gloriosa madre Santa Thereza de Jesus, aquelle portento da santidade e prodigio do entendimento, a quem os arpões do amor divino trespassando o coração, lho deixaram vivo para animar pelo mundo christão a toda a sua sagrada familia desde o convento de Avila, onde está respirando alentos. Foi o primeiro prior o reverendo padre Fr. José do Espirito Santo, conduzindo por companheiros e conventuaes para a fundação aos reverendos padres Fr. Manuel e Fr. Innocencio de Santo Alberto, Fr. João das Chagas e o irmão Francisco da Trindade: em todos resplandecia o espirito da reforma da sua insigne e santa instituidora na observancia dos seus estatutos e no exemplo da sua penitencia, com grande aproveitamento das almas na Bahia, e geral acceitação e applauso de todos os moradores d'ella e do seu reconcavo, concorrendo com grandiosas esmolas para fabricarem a sua egreja e casa.

17. Edificaram primeiro um pequeno hospicio no sitio a que chamam Preguiça, summamente agradavel e vizinho ao mar. Era devotissimo santuario, onde florescendo aquelles religiosos em todo o genero de virtudes, faziam uma vida angelica; estando no coração da cidade, pareciam habitadores do ermo, e ao mesmo tempo não faltavam ao concurso dos fieis, ou na sua egreja, ou conduzidos ás casas dos enfermos onde era necessaria a sua assistencia, solicitada com ancia de todos os que se achavam em perigo de morte, dos quaes alcançavam muitos a saude pela sua intercessão com Deus e com sua mãe santissima Nossa Senhora do Carmo.

18. Pelo curso do tempo augmentando-se as esmolas, erigiram em ou-

tro logar vizinho ao primeiro, porém mais eminente e elevado, com vistas do mar mais dilatadas, um sumptuoso convento dos maiores que tem a sua provincia de Portugal, com grandissima e bem cultivada cerca, e com estes commodos cresceu a sua communidade em numero de frades. Tiveram pelo sertão varias missões, das quaes conservam ainda a de Masarandupio, em que teem uma egreja do glorioso padre S. João da Cruz.

19. Muitos annos depois da sua fundação na Bahia fizeram outra em Pernambuco, levantando um convento no logar em que o deixamos escripto no livro segundo; sitio solitario por falta de moradores e só frequentado dos caminhantes, que acham n'aquelle passo este refugio para lhes franquear os sacramentos e sacrificios, quando por varios accidentes ou por devoção os buscam n'aquelle caminho. Ao referido convento se passam hoje os religiosos velhos, que fogem do bulicio da Bahia, e n'aquelle retiro acabam em vida eremitica e contemplativa, não lhes fazendo falta o exemplo e regularidade dos mais austeros do reino, para onde já não podem voltar por haverem gasto muitos annos da edade no Brazil e Angola, onde teem outra grande casa e muitas missões pelos presidios d'aquelle reino, com notoria utilidade das almas dos seus moradores, e geral contentamento e applauso d'aquelles povos.

20. No mesmo anno e no seguinte de mil e seiscentos e sessenta e seis experimentou o Brazil uma das maiores calamidades que padecera desde o seu descobrimento e conquistas, precedendo um horroroso cometa, que por muitas noites tenebrosas ateado em vapores densos ardeu com infausta luz sobre a nossa America, e lhe annunciou o damno que havia de sentir; porque ainda que os meteoros se formam de incendios casuaes, em que ardem os atomos que subindo da terra chegam condensados á esphera, as cinzas em que se dissolvem são poderosas assim a infeccionar os ares para infundirem achaques, como a descompor os animos para obrarem fatalidades; tendo-se observado que as maiores ruinas nas republicas e nos viventes trouxeram sempre deante estes signaes: tal foi o que appareceu no Brazil um anno antes dos estragos que se lhe seguiram.

21. Outro accidente extraordinario experimentou n'aquelle proprio tempo a Bahia, jámais visto n'ella, crescendo por tres vezes em tres alternados dias o mar, com tal profusão de aguas que atropellou os limites que lhe poz a natureza, dilatando as ondas muito além das praias, e deixando-as cobertas de innumeravel pescado miudo, que os moradores da cidade e dos arrabaldes colhiam, mais attentos ao appetite que ao prodigio, ufanos de lhe trazer o mar voluntaria e prodigamente tão copioso tributo, sem considerarem que quando saem da ordem natural os corpos elemen-

taes, padecem os humanos, e causam não só mudanças na saude e ruinas nas fabricas materiaes, mas nos imperios. Todos estes avisos ou correios precederam ao terrivel contagio das bexigas que então veiu sobre o Brazil, de que daremos breve e lastimosa noticia.

22. Era mui raro e poucas vezes visto em a nossa America este achaque; e sendo mais natural aos humanos que todos os outros (pois os medicos lhe deduzem a causa dos ventres maternos, donde querem que tragam todos este tributo áquelle mal), morriam os moradores de cento e mais annos sem o chegarem a ter; porém no referido tempo veiu sobre elles com symptomas da mais forte epidemia e do mais voraz contagio. Principiou pela provincia de Pernambuco e acabou na do Rio de Janeiro, posto que com menor força nas provincias do sul, por ter despendido os maiores impetos nas do norte.

23. As casas que contavam nas suas familias de portas a dentro o numero de quarenta ou cincoenta pessoas, não tinham uma sã que podesse curar das enfermas, nem saír a buscar os remedios e chamar os medicos, os quaes não podiam acudir ás innumeraveis partes para onde eram solicitados, e não atinavam nas medicinas que haviam de applicar, porque com incerto effeito experimentavam sararem uns das que outros morriam, com que tudo era confusão e sentimento.

24. Andavam os irmãos da Casa da Santa Misericordia levando pelas particulares os medicamentos e o sustento de que careciam, conduzindo com os esquifes os mortos, quando não eram pessoas de distincção, para lhes darem sepultura nos adros, porque já não cabiam nas egrejas. Os religiosos de todos os conventos sem serem chamados se introduziam aos enfermos para o sacramento da Penitencia, e os parochos, com menos culto por falta de gente que acompanhasse, levavam o sacrosanto da Eucharistia por viatico, e juntamente o da santa Extrema-Unção aos necessitados d'estes divinos thesouros da Egreja.

25. Em tanto estrago luzia a piedade e grandeza do conde vice-rei, que com incessante cuidado, assistencia e despesa visitava aos enfermos e mandava aos pobres tudo o que lhes era necessario, devendo esta caridade ao seu animo e ao seu sangue (ambos esclarecidos), e póde remediar muita parte d'esta ruina, que se foi moderando na cidade com o seu zelo e com a sua diligencia, sempre prompta a favor dos vassallos d'este Estado.

26. Pelos reconcavos foram tanto mais penetrantes os estragos, quanto era maior a falta dos remedios e dos medicos, morrendo os enfermos antes que da cidade, aonde recorriam, lhes fossem as receitas e as medicinas; e constando a maior parte dos habitadores de escravos para as fa-

bricas dos engenhos, fazendas e lavouras, houve alguns senhores d'estas propriedades, que perdendo todos os que tinham, ficaram pobres e não poderam em sua vida tornar a beneficiar as suas possessões, ficando em muita necessidade algumas familias nobres que possuiram grandes cabedaes. Seguiu-se depois uma geral fome, que alguns annos padeceu o Brazil, por faltarem os cultores das plantas e sementeiras e dos outros generos precisos para alimentar a vida, sendo tão consideravel e geral esta ruina, que ainda hoje se experimentam os prejuizos e consequencias d'ella.

27. Havia o senhor rei D. Affonso algum tempo depois de se achar na posse do governo, com aquella desordem de que eram causa não só o discurso proprio, mas o estimulo alheio, feito insinuar á senhora rainha D. Luiza sua mãe ser conveniente que se retirasse do paço, o que ella executou em breves dias, com superior constancia a todos os golpes da fortuna, conservando no desprezo d'esta desattenção aquella inalteravel generosidade e grandeza do animo real de que era dotada; porque não perde nada do seu resplendor o sol, quando sae da casa de Jove.

28. Recolheu-se com algumas illustres senhoras portuguezas, que voluntariamente lhe quizeram assistir, ao convento que edificava para as religiosas de Santo Agostinho no sitio do Grilo, onde livre dos embaraços do seculo passou em divina contemplação, com admiravel exemplo de virtudes, santamente o resto d'aquella vida benemerita de mais larga duração; porem não querendo Deus dilatar-lhe a posse de melhor corôa, a levou para si, sendo os seus merecimentos mais que os seus annos, aos cincoenta e tres da sua edade, em vinte e sete de fevereiro de mil e seiscentos e sessenta e seis.

29. Foi filha dos excellentissimos D. Manuel de Gusmão e D. Joanna de Sandoval, duques de Medina Sidonia, casa e familia tão esclarecida como antiga, das superiores em Hespanha por esplendor de sangue, e das primeiras por caracter de grandeza, aparentada com os augustos monarchas de Castella e Portugal, sendo a senhora D. Luiza a segunda duqueza que aquella grandisssima casa dera á serenissima de Bragança, havendo sido a primeira a senhora D. Leonor, filha do excellentissimo D. João de Gusmão, terceiro duque de Medina Sidonia, esposa do serenissimo senhor D. Jayme, quarto duque de Bragrança, de cujo real consorcio nasceram o senhor D. Theodosio I, seu successor, e a senhora D. Isabel, que casando com o serenissimo senhor infante D. Duarte, foram paes da serenissima infanta duqueza a senhora D. Catharina, que levou áquella augusta casa o direito mais proximo ao que já tinha para succeder na corôa.

30. Com generosas acções desempenhou a senhora rainha D. Luiza as

obrigações do seu alto nascimento, sendo o seu real talento tão varonil, que na perplexidade em que se achava o senhor rei D. João quando lhe offereciam repetidas vezes a coròa, ponderando a difficil empreza a que se expunha, o grandissimo estado que arriscava, a inconstancia dos homens, a debilidade dos povos, a falta de soldados, disciplina e dinheiro, que são as tres potencias da alma dos exercitos, sendo precisos quatro para defenderem tantas leguas de fronteira do formidavel poder de Castella, esta serenissima rainha o fez acceital-a.

31. Acclamado el-rei, com tanta actividade se houve a real consorte em lha sustentar na cabeça, que em todas as disposições da defensa do reino em que se lograram os melhores successos, teve a maior parte. Depois na regencia d'elle mostrou qualidades tão proprias para governar imperios, que receando Portugal pela morte do seu monarcha imminentes ruinas, as virtudes e acertos da serenissima senhora rainha D. Luiza chegaram a conseguir que de tão grande perda se não seguisse falta, sendo tão venerado o seu dominio, quanto ha de ser eterna a sua saudade.

32. Cresciam em el-rei D. Affonso os excessos, e não tinham melhoria as enfermidades que o privavam não só dos acertos do discurso, mas das esperanças da successão, impossibilidade que se confirmou com os desposorios da serenissima rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, princeza de Nemours em França, descendente por duas linhas femininas dos christianissimos reis d'aquella coròa, e por varonia dos serenissimos duques de Saboia. Faltava-lhe o senhor rei D. Affonso com as attenções e respeitos que se lhe deviam, por fazer estimação dos seus illicitos divertimentos, e das pessoas vis que n'elles o acompanhavam, com escandalo da magestade e sentimento do reino.

33. Não podia moderal-o o grande entendimento da senhora rainha, depois de apurar todos os meios para a sua conservação. Por estas causas, e obrigada da sua consciencia (não havendo tido effeito o matrimonio), se retirou do paço para o convento das religiosas da Esperança, pondo em téla de juizo o seu divorcio com el-rei e pedindo o seu dote, para voltar livre a França em umas naus de guerra que d'aquelle reino chegaram com diversos fins ao porto de Lisboa.

34. Vendo os vassallos vizinha a ruina da republica, e que se exacerbava o mal na dilação do remedio, trataram de lho dar com a presteza de que carecia a necessidade d'elle. Foram os Tres Estados do reino, o Conselho de Estado e os outros tribunaes juntos em fórma de Côrtes a palacio, e representaram a el-rei a incapacidade que tinha mostrado para governar a monarchia, não havendo aproveitado as humildes supplicas que por muitas

vezes lhe fizeram, para que se apartasse dos exercicios e pessoas que o divertiam do cuidado do governo e das obrigações de rei; causas que os punham em precisão de lhe pedirem fosse servido encarregar voluntariamente a administração do reino ao serenissimo senhor infante seu unico irmão.

35. Representavam-lhe que no entendimento deste principe, no seu singular animo e talento concorriam todas as virtudes reaes que se requeriam para o governo dos imperios, e que sua magestade devia encarregar-lhe o cuidado da monarchia, sem esperar que elles representando a autoridade do reino, obrassem o que em similhantes apertos e causas se praticara em varios tempos em França, Inglaterra, Germania e no mesmo Portugal, quando pela incapacidade del-rei D. Sancho II se entregara o governo do reino ao conde de Bolonha seu irmão, depois rei D. Affonso III.

36. Grande repugnancia acharam os conselheiros em el-rei para se conformar com esta proposição, posto que lhe não era occulto o descontentamento e queixa que nos seus ministros e vassallos causavam os seus irremediaveis descuidos; e conhecendo que aquelle concurso de tribunaes se encaminhava a maior effeito do que podia caber na esphera dos rogos, assentiu na renuncia, e fez desistencia da monarchia na serenissima pessoa de seu irmão o senhor infante D. Pedro e em todos os seus legitimos descendentes, separando no mais seguro e prompto das rendas d'ella cem mil cruzados em cada um anno para os seus gastos, e que d'elles poderia testar por sua morte, determinação que mandou ao senhor infante por decreto com a sua firma real, passado em vinte e tres de novembro do anno de mil e seiscentos e sessenta e sete.

37. De tão justas causas, dos clamores geraes do reino e das repetidas instancias dos vassallos obrigado o serenissimo senhor infante D. Pedro, se encarregou do governo com o titulo de principe governador; acção que ficou mais legal com a renuncia e cessão que d'elle lhe fez o senhor rei D. Affonso seu irmão. Eram no senhor D. Pedro as virtudes mais que os annos, e mais maduro que a edade o talento, cultivado em todos os exercicios reaes na sua singular educação. Sacrificou todos os seus cuidados à monarchia, sendo uma das suas primeiras acções conceder aos Castelhanos a paz que pediam.

38. Foi tão propria da sua grandeza esta felicidade, que assim como o filho de Deus a trouxe no principio da sua vinda ao mundo, a deu o senhor principe D. Pedro no ingresso da sua regencia a Portugal, que trazendo com Castella guerra mais cruel que a punica entre Roma e Carthago, entrou no dominio fechando as portas a Jano, e franqueando o suspirado socego a toda Hespanha.

39. Esta paz se fez mais gloriosa aos Portuguezes pela circumstancia de ser com muitas instancias pedida dos Castelhanos, e conhecer Europa que se achava Portugal em tal auge e com tal regente, que podia o senhor principe D. Pedro concedel-a ou negal-a á sua vontade, sendo o dar a paz e a guerra a proprio arbitrio toda a grandeza a que póde chegar o maior poder. Não usou de outros termos para encarecer o da sua republica um embaixador romano, mais que com dizer aos Carthaginezes na guerra de Sagunto, que na sua mão estava o dar-lhes a paz e a guerra quando quizesse. O mesmo parece quiz mostrar outro tambem famoso Pedro, unico d'este nome entre os duques de Saboia, que indo fazer homenagem ao imperador Conrado IV, se lhe apresentou com mysterioso adorno vestido com divisas de paz e com signaes de guerra.

40. Grande foi a utilidade que receberam os povos de uma e outra monarchia pelo beneficio da paz; fortuna incomparavelmente maior que todas quantas podem alcançar os mortaes, porque com ella se lavram os campos, se augmentam as povoações, se ennobrecem as cidades, se apuram as sciencias, crescem as escholas, e florescem todas as outras artes necessarias na republica, as quaes aos echos dos canhões e ao estrondo das caixas se descompõem, se arruinam, se atrazam e afugentam, por ser a guerra um monstro tragador do genero humano, estrago das creaturas racionaes e insensiveis, e (ainda entre catholicos) torrente e inundação de delictos e sacrilegios; porque nem todos os capitães teem o zelo de Alarico, que nos saques se punha com a espada na mão á porta dos templos, a defender que se não commettessem desacatos.

41. E posto que em todas as regiões do mundo possa a guerra fazer famosos os seus capitães, não faz os seus principes mais amados. Não foi tão grato aos Romanos Augusto pelas victorias que alcançou para adquirir o imperio, como pela paz que logrou na ultima e maior porção do tempo do seu dominio. Não conseguiram mais gloria Trajano, Alexandre Severo e outros guerreiros imperadores que Adriano, o qual se gloriava de não haver feito guerras, e de compor todos as que achara movidas e continuadas pelos seus antecessores. Quanto mais agradavel será aos povos de Borgonha a memoria do seu Filippe, que em tanta paz os conservara, que a de Carlos, que com tão numerosos exercitos os perdeu com a vida e diminuição dos seus Estados!

42. Entre os senhores reis de Portugal não foram mais famosos os Affonsos e Sanchos armigeros e batalhadores que um Manuel e um João III, que não desembainharam a espada senão contra idolatras e sectarios, em augmento e extensão da fé catholica, e um glorioso rei o senhor D. João IV,

de saudosa memoria, que a empunhou em defensa do seu direito á corôa e da liberdade da patria, usurpada uma, e outra opprimida do dominio e jugo castelhano, com tanto maiores quanto mais domesticas hostilidades; mostrando Deus a justiça da causa de Portugal, e a continuação da sua divina promessa nas victorias que a el-rei e a seus successores déra, continuando-lhe o imperio na sua real descendencia, para o glorioso fim de dilatar o seu santo nome pelas partes mais remotas, e ser a maior de todas as monarchias que viu o mundo gentilico e verá o mundo christão.

43. Apressava a serenissima senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboia a sua volta a França, com a sentença do seu divorcio proferida aos vinte e quatro de março de mil e seiscentos e sessenta e oito pelos juizes que lhe nomeara o cabido na sede vacante em que se achava a côrte, e pedia os seiscentos mil cruzados que trouxera de dote, os quaes se haviam gasto nas despezas da guerra, e não estava o reino em tempo nem disposição de os poder juntar tão brevemente. Sentiam os vassallos a ausencia que dispunha a rainha, por ser amada em toda a monarchia; e considerando se não devia dilatar a successão do serenissimo senhor principe D. Pedro o tempo que era preciso para se ajustar o seu casamento com outra princeza, nem cabedaes para a conduzir com novos gastos e demonstrações devidas, não havendo em Europa então (da mesma edade habil do matrimonio) alguma de mais heroicas virtudes nem mais digna do thalamo real, pediram com repetidas supplicas os tribunaes, a nobreza e o povo ao principe a elegesse por esposa, fazendo todos á rainha as mesmas amorosas e reverentes instancias.

44. Conformando-se com o sentimento geral do reino pelas referidas causas o senhor principe D. Pedro e a senhora rainha D. Maria, e impetrando do cardeal de Vendôme, que se achava em França legado *a latere* com grandes poderes do pontifice, a dispensa do unico impedimento, que era o de *publicae honestatis*, para poderem contrahir o matrimonio, alcançada, se desposaram com universal applauso de todos os seus vassallos, e logo para maior segurança das suas consciencias recorreram ao pontifice Clemente IX pela confirmação, que lha concedeu com amplissimas circumstancias; sendo este facto o primeiro em que depois de vinte e sete annos de rogos, humilhações e diligencias, conhecera a soberania de Portugal independente do dominio de Castella, contra o que em todo este tempo se tinha obrado n'aquella curia por razões de Estado desde a feliz acclamação do senhor rei D. João IV.

45. O paternal affecto do Summo Pontifice resplandeceu depois mais com a obediencia que lhe mandou dar o principe D. Pedro pelo seu em-

baixador extraordinario D. Francisco de Sousa Tello de Menezes, conde do Prado e marquez das Minas, cujas virtudes, qualidade e talento o fizeram benemerito d'este e de outros grandissimos empregos. Foi esta embaixada de tanto agrado áquella curia, como o mostrou o pastor universal da Egreja, recolhendo com amorosos jubilos ao seu rebanho as fieis e constantes ovelhas lusitanas, que tantos annos não admittiram elle e os seus antecessores, em maior credito da nossa constancia na religião catholica e da obediencia dos nossos monarchas tão repetidas vezes reiterada quantas (por causas politicas) mal recebida.

46. Governava a provincia de Pernambuco Jeronymo de Mendoça Furtado, mais attento ao seu interesse que á sua obrigação; todos os meios que conduziam para as suas conveniencias lhe pareciam licitos; não ouvia os clamores do povo, despresava as pessoas principaes, que por nascimento e fidelidade lhe mereciam differente tratamento. Sentiam os Pernambucanos ver n'elle um procedimento tanto mais absoluto e contrario, quanto mais promptos e conformes os achava na sua obediencia; os obsequios com que aquelles subditos o tratavam, faziam avultar mais os escandalos que d'elle recebiam, devendo ser o maior motivo para obrar com prudencia e justiça o culto que se lhe dedicava, porque como o respeito que os vassallos do Brazil teem aos seus governadores chega a parecer idolatria, não devem proceder como homens os que veem a ser venerados como deidades.

47. Cresciam em Jeronymo do Mendoça as desattenções, na nobreza as queixas, e no povo as iras, até que expondo-se a uma acção tão indesculpavel como temeraria, se resolveram a prendel-o em satisfação dos aggravos que lhes fazia, sem attenderem a que d'este facto lhes podia resultar mais castigo que vingança; e tendo prevenidos os dois terços da infanteria paga para que não fizessem movimento algum, interessando-os tambem na causa publica, juntando-se por varias partes da cidade de Olinda as pessoas principaes, e por outros logares a maior parte do povo, se encarregou a execução a André de Barros Rego, que aquelle anno era juiz ordinario do Senado da Camara e representava a cabeça do corpo politico de Pernambuco, acompanhando-o os vereadores actuaes d'aquelle Senado, e todos conformes na resolução da qual entendiam serem justissimas as causas, posto que n'ellas fossem partes os mesmos que se determinaram a ser juizes.

48. Dispostas as cousas conducentes a tão estranha empreza, a executaram com maior facilidade da com que a resolveram. Saía o governador de palacio ao seu passeio, bem fóra de imaginar o que lhe havia de acontecer, posto que o podera presumir, assim por lhe não ser occulto o justo odio que todos lhe tinham, como porque a sua propria consciencia o devia

accusar; e chegando a elle o juiz ordinario André de Barros Rego, lhe disse que se désse por preso; perguntou-lhe o governador alterado, quem tinha poder para o prender? respondeu o juiz que em nome del-rei a nobreza e povo de Pernambuco; empunhou colerico o governador a espada, e fizeram o proprio uns creados e officiaes que o acompanhavam, os quaes foram logo maltratados e presos pelas pessoas principaes, que em continente saíram dos logares em que estavam postos, sendo ajudados do povo que já se achava junto em grande numero.

49. O juiz André de Barros Rego, com socego de animo ainda maior que a empreza, disse ao governador Jeronymo de Mendoça Furtado quando o viu pôr mão na espada que se abstivesse d'aquelle impulso, porque se a chegasse a desembainhar, perderia a vida, sem que elle lha podesse defender d'aquelles moradores, que por tantas razões lhe desejavam a morte, e por não poderem tolerar as offensas que lhes fazia se livravam do seu dominio por aquelle meio, ainda que violento, esperando da rectidão do nosso monarcha e da lealdade com que os Pernambucanos serviram sempre ao augmento da sua real corôa, restituindo-lhe aquellas provincias que lhe tinham usurpadas os Hollandezes, veria as causas que os obrigavam a eximir-se de um governo não menos tyrannico que o dos hereges. Deu-se o governador por preso, e com as culpas que lhe formaram, o remetteram para Lisboa.

50. A' ousadia dos Pernambucanos serviu muito a desgraça de Jeronymo de Mendoça, porque pouco tempo depois de chegado á côrte foi posto em uma aspera prisão por indicios de complice na traição de seu irmão Francisco de Mendoça Furtado, alcaide-mór de Mourão, que fugiu para Castella e foi degolado em estatua, confiscada para a corôa a sua illustrissima casa, da qual pelo curso de muitos seculos em successivos tempos saíram insignes varões em valor, fidelidade, serviço do rei e da patria, famosos progenitores de que este ultimo possuidor tinha degenerado. A Jeronymo de Mendoça não acharam prova para similhante execução, e metido a tratos, negando o cargo que se lhe fazia, foi por sentença condemnado a perpetua prisão em uma fortaleza da India, onde morreu.

51. Por este accidente, faltando parte tão poderosa aos Pernambucanos, não foram castigados como mereciam pelo procedimento que com Jeronymo de Mendoça, seu governador, tiveram (a todas as luzes detestavel) com prejudicial exemplo dos subditos e escandalo da suprema regalia monarchica, que tem a soberania de castigar aquelles a quem transfere o poder e a representação para governarem os seus dominios e serem obedecidos dos seus vassallos, não podendo os subditos a proprio arbitrio punir e tirar governadores pelas mais justificadas queixas, nem devendo ter n'ellas outra ac-

ção que a de recorrerem ao principe ou ao capitão geral do Estado, seu logar tenente, como no governo de André Vidal de Negreiros recorreram a Francisco Barreto de Menezes, que procedeu com attenção áquelles moradores, na forma que temos mostrado; porém, ou os seus animos tinham degenerado da primeira modestia, ou a fatalidade que se apparelhava para Jeronymo de Mendoça, quiz principiar com este preludio.

52. Ao vice-rei D. Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos (depois de cinco annos de admiravel governo) succedeu no de mil e seiscentos e sessenta e oito, com o posto de governador e capitão geral, Alexandre de Sousa Freire, illustre por qualidade e por serviços; exercera em Portugal postos competentes aos seus merecimentos, e em Africa o de governador da praça de Mazagão, onde contra os infieis tivera successos felizes, conseguindo com fortuna as emprezas que intentara com valor. Na Bahia, entendendo que pelo socego que lograva o Estado não carecia de lhe applicar o mesmo cuidado e actividade, ou embaraçado das enfermidades que padecia (com tão continua queixa que quasi sempre se achava enfermo), se não empregava nas disposições do governo com aquelle vigor que podera mostrar, a ver-se livre dos achaques que o opprimiam. Por esta causa descançava na diligencia de um seu favorecido, em quem havia talento para lhe alliviar o trabalho, mas por varios accidentes adversos foi menos plausivel na Bahia o seu governo.

53. Continuava a Junta do Commercio em mandar (na forma que temos escripto) cada anno a sua armada á Bahia, conduzindo os navios que vinham para todos os portos do Brazil, e na altura d'elles lhos ia encaminhando, recolhendo-os na volta e levando-os em conserva para Portugal, providencia de que resultava a segurança das embarcações; porque, posto que logravamos já o fructo da paz dos Hollandezes, não faltavam piratas e levantados de outras nações, que observando as nossas frotas, buscavam occasião de satisfazer a sua ambição com as riquezas das nossas naus, não sendo menos cobiçosos d'ellas os corsarios de Africa, que continuamente armavam a este fim os seus navios.

54. De todos estes perigos livravam os nossos na defensa da armada; por general d'ella nomeava sempre el-rei pessoas de muita supposição, valor e pratica do exercicio militar e maritimo. Com este emprego vieram ao Brazil talentos grandes, e no anno de mil e seiscentos e sessenta e nove trazia este cargo João Corrêa da Silva, depois de exercer honrados postos nas guerras do reino, em que desempenhara com muitos creditos as obrigações do seu illustre nascimento.

55. Saiu do Tejo (para não tornar a elle) em o galeão Sacramento,

capitânia d'aquella armada, um dos melhores baixeis que então havia em Portugal, acompanhado da Almirante, da Fiscal e de outras naus de guerra, conduzindo mais de cincoenta navios mercantís para os portos da nossa America. Trazia a capitânia oitocentas praças, nas quaes se contavam pessoas de distincção, porque havendo cessado as campanhas do reino pela paz ajustada o anno antecedente com Castella, quizeram vir n'aquella occasião ao Brazil.

56. Eram mais de duzentos os passageiros de varios estados, clerigos, religiosos de diversas ordens e ministros de justiça que vinham com exercicio para a Bahia, fazendo parecer a nau uma republica portatil e um povo de mais de mil almas. Navegavam todos alegres, lisonjeando a sua ruina com repetidas demonstrações de gosto, menos o general, em quem (segundo a informação dos que escaparam do naufragio) se observara uma indifferente inclinação ou sentimento: seria autoridade, mas pareceu presagio.

57. Avistou a nau capitânia a Bahia, indo a sepultar-se o sol e caminhando a fenecer o dia; e devendo fazer-se ao mar, quiz n'aquelle crepusculo vencer a distancia que havia d'alli á barra, por demasiada confiança ou pouca experiencia dos seus pilotos, os quaes não governaram ao este e ao esnoroeste para dar resguardo ao baixo de Santo Antonio, que por espaço de quasi uma legua vai correndo para o sueste, e fica fronteiro á costa que chamam do Rio Vermelho (por uma das duas bocas do Camoregipe, que com apparencias d'esta côr faz transito ao mar por aquella parte), em cujo inconstante theatro representando o galeão a sua funebre tragedia, naufragou lastimosamente.

58. Entrou a noite carregada de sombras, enviando trevas a ambos os horisontes; poz-se nublado o ceo, sem descobrir estrellas que podessem reflectir nas aguas. A pouca luz mal dispensada dos pharoes não era poderosa a mostrar rumo aos naufragantes, que já sobre troços e despojos da nau fluctuavam entre as ondas; os tiros dos canhões tinham servido mais de horror que de remedio, posto que sendo confusamente ouvidos na fortaleza de Santo Antonio, disparou muitos para avisar a cidade.

59. Prevenido d'estes signaes o governador e capitão geral Alexandre de Sousa Freire, entendendo ser evidente perigo de alguma das naus da armada, que já tinha sido descoberta pelas atalaias do capitão da vigia (cuja obrigação é mandar aviso aos governadores dos navios que apparecem), enviou logo com a pressa que permittia a confusão da noite, em quantas embarcações ligeiras se acharam na Ribeira, praticos da barra e pessoas intelligentes da navegação, com os instrumentos, cabos, amarras, enxarcias, gente e todo o necessario com que se pratica acudir em simi-

lhantes perigos. Era grande a distancia do porto ao logar do naufragio, e não lhes foi possivel chegarem senão ao romper do dia, que saiu a mostrar o estrago, havendo-se antes retirado por não ver o conflicto.

60. Acharam feita em pedaços a nau, e grande numero de corpos, uns ainda vivos vagando pelos mares, outros jazendo já mortos nas areias; estragos que testemunharam os que o governador Alexandre de Sousa enviara para remediarem o perigo, e só salvaram as vidas algumas pessoas, ás quaes poz em salvo a sua fortuna e a diligencia dos pescadores d'aquellas praias, que com grande piedade e zelo christão, por estarem mais proximos, as recolheram nas suas jangadas e canoas (pobres embarcações ligeiras da sua pescaria), e algumas poucas que sobre taboas piedosamente despedaçadas no seu remedio se pozeram em terra.

61. Entre estas se faz digna de memoria a noticia de um menino de oito annos, que depois de estar seguro no porto não queria largar das mãos uma pequena taboa em que se salvara, dizendo que quando seu pae o lançara sobre ella ao mar, lhe dissera que se a largasse havia logo de morrer. Tal era a innocencia do menino, e tão materialmente entendeu a advertencia do pae, que não largava a taboa depois de conseguido o fim para que lha dera. Do successo que teve o pae não ha noticia.

62. Tinha acudido por terra o mestre de campo Antonio Guedes de *Brito* (pessoa de quem logo a nossa historia fará precisa e decente menção) com muitos officiaes e soldados do seu terço, em que fôra provido pelo capitão geral Alexandre de Sousa; chegou áquella costa, e se não póde a sua zelosa diligencia e da sua gente obrar nada em remedio do perigo, fez muito na caridade com os mortos, mandando dar-lhes sepultura; e buscando com especial cuidado o corpo do general João Correia da Silva, o achou e fez conduzir a sua casa, donde lhe deu sepultura no convento dos religiosos Capuchos de Santo Antonio da cidade da Bahia, com geral e solemne enterro, em que competiram a sua piedade e a sua riqueza.

63. Este fim teve João Correia da Silva na mais florida estação dos seus annos. Na sua vida se perderam muitas esperanças, pois as provas do valor que fizera no serviço do rei e da patria, eram credoras de grande expectação e de melhor fortuna. A sua perda fez maior a grandeza e desgraça do naufragio, que fôra um dos mais lastimosos espectaculos que viram os mares da Bahia. Por todas as praias d'ella e de toda aquella costa se pozeram guardas, que recolheram muitas arcas, caixões e cousas varias; e conhecidos os donos, se entregaram aos que escaparam os que lhes pertenciam; e os que tocavam aos mortos recolheu o juizo dos ausentes, para os dispôr na fórma do seu regimento.

64. Costumava o gentio bravo do sertão da Bahia dar repentinos assaltos sobre algumas povoações remotas da cidade, com estrago das vidas e lavouras d'aquelles moradores, sendo mais continuos e causando maior damno na villa do Cairú, pela muita gente que a habitava, em cuja defensa se fizera uma estancia em logar opportuno, em que assistia uma companhia de infanteria paga do presidio da cidade, que de tres em tres mezes se mandava mudar por turno, com alternativa de ambos os terços, servindo de freio aos gentios.

65. Por esta causa não davam com tanta frequencia, ou o faziam com maior temor. Chegou a nomeação á companhia do capitão Manuel Barbosa de Mesquita, em que viera provido de Lisboa no anno de mil e seiscentos e setenta, e havia poucos mezes que exercia o posto. Partiu para a referida estancia, e esperando successor, por haver já completo o termo do tempo consignado, como tinha cheio o da sua vida, não pode obviar a sua desgraça.

66. Chegou n'aquelles dias um de preceito, em que na Matriz da villa se fazia festa annual das mais solemnes d'aquella parochia, á qual concorreram, como costumavam, com suas mulheres e filhas os moradores, mais vestidos que armados, indo a festejar a celebridade, bem fóra do receio de pelejarem com os gentios, os quaes nunca tinham chegado áquelle logar; e na presente occasião variando o terreno das suas entradas, vieram a dar sobre elle, quiçá por saberem a solemnidade do dia, e que n'aquelle concurso desacautelado podiam fazer maiores hostilidades. Chegaram em multidão innumeravel, rompendo os ares com os eccos dos alaridos e instrumentos barbaros com que costumam entrar nas suas batalhas; o ministro parochial e as pessoas que estavam na egreja, n'aquelle inopinado caso acudiram a fechar-lhes as portas.

67. N'este accidente o capitão Manuel Barbosa de Mesquita, que se achava n'ella com sete soldados, os quaes da estancia foram com elle a satisfazer o preceito da egreja, as mandou abrir, e com valor temerario saiu para fóra, sendo tão desegual o seu partido como certa a sua ruina e a d'aquelles soldados, porque os moradores que alli se achavam inermes e sem disposição para a peleja, trataram só de segurar as mulheres, tornando a fechar as portas da parochia.

68. Investiu o capitão Manuel Barbosa a todo aquelle exercito barbaro, primeiro disparando duas pistolas, e depois avançando o com uma espada e rodela com tal resolução, que deixando uns mortos e muitos despedaçados, fez uma larga estrada por entre aquelles inimigos, porque sentindo-se já mortalmente ferido, quiz vender-lhes a caro preço a vida com as muitas mortes de que foi instrumento; porém depois de grande espaço de conflicto

caiu morto de muitas settas e dois soldados dos que o acompanharam, porque os mais com o pretexto de irem dar aviso á estancia, depois de dispararem as armas que levavam, o desampararam.

69. Assombrados os inimigos do valor do capitão e do grande numero de gentios que lhes deixara mortos, entre os quaes contavam o seu principal, e sobretudo por favor do ceo, se retiraram; porque a insistirem e intentarem quebrar as portas da egreja (o que podiam fazer com facilidade pela multidão da sua gente), seria maior e mais lastimoso o estrago, por estarem dentro d'ella todas as mulheres da villa. Retiraram-se; e quando acudiram da estancia os soldados, a magoa de verem morto o seu capitão, ou a piedade de o conduzirem para se lhe dar sepultura, lhes tirou do pensamento a obrigação de hostilisarem aos inimigos na retirada.

70. Foi mui sentida na Bahia a morte do capitão Manuel Barbosa de Mesquita, por ser bem nascido, muito valoroso, e estar de poucos mezes nobilissimamente desposado, e finalmente por acabar na flor da sua edade com valor e brio tão desmedidos, que conhecendo ser indesculpavel o seu arrojamento e certa a sua morte (a qual podera obviar com resolução prudente), antepoz a sua opinião á sua vida, não querendo ficasse aos emulos (posto que injustamente) livre a censura de poderem dizer que se deixara ficar na egreja a portas fechadas.

71. Esta desgraça estimulou o animo do governador e capitão geral Alexandre de Sousa Freire para fazer uma rija guerra aquelles inimigos; e não achando na Bahia cabos e soldados praticos na fórma de pelejar com os gentios, por se haver perdido esta disciplina pela distancia em que já estavam apartados do reconcavo e no interior dos sertões, os mandou vir de S. Paulo, em cuja jurisdicção era sempre continua a guerra dos Paulistas e dos seus gentios domesticos contra os bravos e rebeldes; porém não chegaram no tempo do seu governo, senão do seu successor.

72. No posto de governador e capitão geral lhe succedeu no anno de mil e seiscentos e setenta e um Affonso Furtado de Mendoça, illustre por esplendor de sangue e gloria de valor, sendo n'aquelle seculo um dos heroes da fama nas campanhas de Portugal, em cuja defensa fôra sempre dos mais arriscados, exercendo n'aquella guerra os primeiros postos; e no governo geral do Brazil correspondiam as acções que obrava á expectação que do seu grande talento se tinha em todo o genero de virtudes, como mostrou no curso da sua vida, que acabou na Bahia, como logo mostrará a historia.

73. N'este tempo se ampliou mais a extensão das terras que haviamos penetrado nos sertões da nossa America, porque, no anno de mil e seiscentos

e setenta e um se descobriram os sitios do Piauhi, grandissima porção de terra que está em altura de dez graus do norte, além do Rio de S. Francisco para a parte de Pernambuco no continente d'aquella provincia e não mui distante á do Maranhão. Tomou o nome de um rio, que por pobre o não devia ter para o dar, pois corre só havendo chuvas, e no verão fica cortado em varios poços. O mesmo pouco cabedal e propriedade se acha em mais seis riachos que regam aquelle paiz, os quaes são o Canindé, o Itahim, S. Victor, Puti, Longá o Piracruca; porém todos por diversas partes concorrem a enriquecer o rio Parnahyba, que com elles chega opulento ao mar na costa do Maranhão.

74. Um dos primeiros que penetraram aquelle terreno, foi o capitão Domingos Affonso Sertão, appellido que tomara em agradecimento das riquezas que lhe deram os sertões do Brazil, e por empresa das conquistas que n'elles fizera, passando de uma fortuna humilde em que vivera na Bahia, á estimação que costumam dar os grandes cabedaes. Possuia já uma fazenda de gados chamada o Sobrado, da outra parte do Rio de S. Francisco, districto de Pernambuco, na entrada da travessia que vai para o Piauhi; e mandando d'alli exploradores a indagar e penetrar a terra, lhe trouxeram as noticias que desejava para as conquistas que pretendia; resolução que executou com valor e felicidade, convidando para esta empresa algumas pessoas que pôde juntar, todos alentados, destros e praticos na fórma da peleja d'aquelles barbaros.

75. Entrou por aquellas terras até alli não penetradas dos Portuguezes, e só habitadas dos gentios bravos, com os quaes teve muitas batalhas, saindo de uma perigosamente ferido, mas de todas vencedor, matando muitos gentios e fazendo retirar aos outros para o interior dos sertões. N'este descobrimento se encontrou com Domingos Jorge, um cabo dos Paulistas poderoso em arcos, que desejando novas conquistas, saíra das provincias do sul e de S. Paulo, patria sua, com numeroso troço dos seus gentios domesticos, a descobrir terras ainda não penetradas; e atravessando varias regiões para o norte, chegára áquella parte pouco tempo antes que o capitão Domingos Affonso a entrasse.

76. Viram-se ambos, e dando-se um a outro noticia do que tinham obrado e descoberto, se ajustaram no que haviam de proseguir; e dividindo-se para differentes partes, foi cada um pela sua conquistando todo aquelle paiz, cuja circumferencia dilatadissima comprehende grande numero de leguas. Com esta noticia, muitas pessoas poderosas que tinham terras confinantes áquellas, foram pedindo d'ellas sesmarias ao governador da provincia de Pernambuco, que lhas concedeu, e logo introduzindo gados nas que

poderam povoar. Venderam ou arrendaram a outras pessoas muitos sitios na porção que se incluia em cada uma das datas que alcançaram, e em breve tempo se foram enchendo de gados e occupando de moradores em tanto excesso, que hoje se contam n'aquelle grandissimo terreno quasi quatrocentas fazendas de gado, e cada uma de larga extensão.

77. É tão abundante de pastos para todo o genero de gados, e os cria tão grandes e em tanto numero, que além de vir muito para a Bahia, sustentam todos os povos da Minas do Sul, que sem esta abundancia não floresceriam na sua opulencia, sendo do Piauhi a maior parte do gado que se gasta entre aquelles innumeraveis habitadores e mineiros, posto que de outras partes lhes vá tambem muito, porque todo lhes é necessario, por não crearem os campos e terrenos das Minas este genero. No Piauhi se cultiva a raiz da mandioca e outras, mas só para a sustentação dos seus moradores, e por ser paiz secco se plantam nas terras mais baixas; porém em todas se vão dando outros fructos para commodo e regalo dos que n'elle vivem.

78. Logra hoje preeminencia de capitanìa, com capitão-mór, ordenanças e uma villa, que o serenissimo senhor rei D. João v mandou fundar pelo doutor Vicente Leite Ripado, ouvidor do Maranhão, o qual a erigiu no anno de mil e setecentos e dezoito com a invocação de Nossa Senhora da Victoria e o titulo de Mocha, nome do sitio em que está. Os dizimos da capitanía que se costumam arrematar em Pernambuco, agora se arrematam no Maranhão, para da sua importancia se pagar á infanteria do presidio d'aquella praça, sendo tanta a extensão da capitanía do Piauhi, que não cabendo em o dominio de uma só provincia, está sujeita á jurisdicção de tres; no espiritual ao bispado de Pernambuco, no temporal ao governo do Maranhão, e no civel á Relação da Bahia.

79. No segundo anno do governo de Affonso Furtado de Mendoça chegaram de S. Paulo os cabos que mandara vir o seu antecessor, para fazerem guerra aos gentios pelo sertão da villa do Cayrú, cujos estragos tinham ainda fresca a memoria dos insultos que d'aquelles barbaros receberam e continuamente experimentavam seus habitadores. Trouxeram muitos gentios domesticos, que são os soldados com que os Paulistas pelejam contra os rebeldes na sua região. Vinha por cabo principal João Amaro, seu natural, tão valoroso e destro na fórma da peleja dos gentios, como bem succedido n'aquella occasião, em que conseguiu interesses proprios, victorias da fereza dos indios e premios da grandeza real.

80. Ajustava o governador Affonso Furtado tanto as suas disposições com a sua consciencia, que sendo esta guerra tão necessaria e notoriamente

justa, a não quiz mover sem convocar a palacio os principaes cabos e os missionarios apostolicos, a cuja expressa declaração, por lei do serenissimo senhor D. João IV feita no anno de mil e seiscentos e cincoenta e cinco, deixa o conhecimento da legitimidade do captiveiro dos gentios, em qualquer guerra que se lhes fizer sem a sua autoridade real; ultimo assento que se tomara n'esta materia depois das antigas resoluções dos senhores reis seus antecessores, controvertidas ou mal observadas dos ministros e vassallos por conveniencias particulares.

81. Juntos na presença do governador os vogaes, proposta a materia para a qual se convocara aquelle congresso, resolveram uniformemente todos, ser justissima a guerra que se determinava fazer aos gentios dos sertões e districtos da villa do Cayrú, pelos insultos e tyrannias que contra os Portuguezes commettiam, e que por esta causa justamente deviam ficar captivos os que n'ella fossem presos, segundo a faculdade concedida na referida lei; e com esta conforme resolução applicou o governador Affonso Furtado, com a maior brevidade que lhe permittia o tempo, os aprestos e expedição do exercito que mandava contra aquelles barbaros.

82. Achava-se, para tanta despesa, exhausta a real fazenda, causa que precisara ao governador a fazer um pedido ás pessoas ricas e principaes para ajuda do gasto d'aquella empresa, a que deviam concorrer por ser commum o interesse e a utilidade publica. Acudiram com equivalentes contribuições os generosos animos dos moradores da Bahia para aquelle empenho, como costumam em todos os do serviço del-rei e do augmento da patria. Dos seus donativos se recolheu importante somma, competente á necessidade do exercito, que se compunha de Paulistas e soldados do presidio da Bahia, e foi entregue ao governo de João Amaro, que em muitas embarcações o conduziu por mar ao Cayrú na capitanía dos Ilheos.

83. N'aquella villa, povoada de muita nobreza, se lhe juntou o capitão mór com as ordenanças do seu districto; e penetrando João Amaro aquelles sertões, fez rija guerra aos gentios, com tal fortuna que em varios conflictos matou muitos, sendo immensos os que prendeu, sem embargo da grande resistencia que em continuos combates achou n'aquelles inimigos; mas á custa de poucas vidas dos nossos lhes tirámos infinitas e a quasi todos a liberdade. Foram remettidos os captivos á cidade da Bahia, onde eram vendidos por tão inferior preço que os de melhor feição não passavam de vinte cruzados, os mais por muito menos.

84. A maior quantidade se enviou para o reconcavo a vender para o serviço das canas, engenhos e outras fabricas das nossas lavouras. Porém, como os gentios do Brazil não teem por costume o trabalho quotidiano como

os da costa d'Africa, e só lavram quando teem necessidade, vagando emquanto teem que comer, sentiam de fórma a nova vida, o trabalhar por obrigação e não voluntariamente, como usavam na sua liberdade, que na perda d'ella e na repugnancia e pensão do captiveiro morrendo infinitos, vinham a sair caros pelo mais limitado preço.

85. Foi o nosso exercito penetrando todo aquelle vastissimo sertão para a parte do norte até se communicar com o da Bahia, e abrindo estradas fez um dilatadissimo caminho por onde se ficaram communicando ambas as provincias. Nas terras novamente conquistadas pediram os cabos e outras pessoas poderosas varias sesmarias, que lhes foram concedidas, sendo maior a que se deu a João Amaro, a quem em premio d'aquella conquista accrescentou o serenissimo senhor principe D. Pedro a mercê do senhorio de uma villa. Concedeu-lhe faculdade para a edificar n'aquellas terras, onde para a parte da Bahia fundou a villa da invocação de Santo Antonio, chamado vulgarmente de João Amaro, pouco povoada pela grande distancia em que fica. Depois querendo voltar para S. Paulo, a vendeu, com todas as terras que lhe foram concedidas, ao coronel Manuel de Araujo de Aragão, em cujos descendentes existe.

86. É nos talentos grandes a quem os principes encarregam o governo das porções da monarchia, cega a ancia de augmental-as, e nos inferiores tambem cego o desejo das riquezas e das honras; d'este concurso de cegueiras differentes resultou um facto para engano perigoso, para verdade contingente. Veiu á cidade da Bahia um morador do sertão, cujas experiencias e procedimentos poderam abonar as suas attestações. Informou ao governador Affonso Furtado ter descoberto grandiosas minas de prata em parte muito diversa da em que se presumia as achara Roberio Dias, e com a abundancia que este as promettera em Castella.

87. Assegurava o descobrimento mostrando umas barretas que dizia fundira de pedras que d'ellas tirara, affirmando ser o rendimento egual ao das mais ricas minas das Indias de Hespanha. Pedia mercês, e offerecia mostral-as; se n'esta noticia delinquiu de ousado, não deixou o governador de peccar de ligeiro, porque sem outra maior segurança ou exame lhe deu inteiro credito, segurando-lhe da grandeza real premio avantajado.

88. Determinou logo mandar esta noticia ao serenissimo senhor principe D. Pedro, enviando com ella a João Furtado de Mendoça seu filho, e fazendo-o embarcar com algumas pessoas de distincção, que em applauso da novidade quizeram n'aquella occasião passar á côrte a diversos fins, em um navio que mandara o governador apparelhar. Feito prestes, saiu da barra da Bahia com

expectação differente da fortuna e tormenta que experimentou, porque naufragando na costa de Peniche, se perderam quasi todos os navegantes. Entre os poucos que escaparam, se salvou João Furtado, e passando a Lisboa, perdidas no naufragio as amostras e cartas que enviava seu pae, as soube representar com taes expressões do que continham e da certeza da nova, que se remetteram logo á Bahia todas as cousas necessarias para a fabrica d'aquelle descobrimento.

89. Quando chegaram era fallecido no sertão o chamado descobridor das minas, e por mais deligencias que obrara Affonso Furtado, mandando pessoas intelligentes para indagarem o logar em que as achara o não poderam descobrir, confessando ingenuamente os da sua familia, os seus alliados e vizinhos, que o não sabiam. N'esta entrada que se fez ao sertão, se descobriram finissimas pedras amethistas de mui viva côr roxa, e meios topazios de perfeita côr amarella, umas e outras mui rijas e resplandecentes, e d'ellas se fizeram preciosos anneis na Bahia e se remetteram muitas a Portugal. Acharam-se diaphanos e purissimos crystaes em pedaços tão grandes, que d'elles se poderam lavrar peças importantes; e posto que d'estes generos na Bahia se não faz negocio, para se frequentarem as minas em que estão, ainda assim os caminhantes que a varios fins das suas jornadas passam por ellas, sempre as trazem, de que resulta haver muitas, sem que a quantidade lhes diminua a estimação.

90. O pouco effeito das diligencias que para o descobrimento das minas de prata fez Affonso Furtado, lhe imprimiu na imaginação o erro de não haver pesado aquella materia na balança da prudencia, e o receio do desaire que lhe grangeava a sua demasiada credulidade, em negocio de que fizera tanto apreço e segurara com tanta certeza. A esta nociva apprehensão sobreveiu uma profunda melancholia, que passando a perigosa e dilatada enfermidade, lhe acabou a vida. Os grandes actos de catholico que n'ella exercera, resplandeceram mais na sua morte, geralmente sentida em toda a Bahia: falleceu aos vinte e seis de novembro do anno de mil e seiscentos e setenta e cinco, mandando sepultar-se no convento de Santo Antonio dos Capuchos da Bahia.

91. Foi Affonso Furtado de Mendoça ramo de esclarecido tronco, em Castella e Portugal illustrissimos. Possuia um morgado de grossa renda; mas tendo no seu alento o maior thesouro, o dispendeu em acções valerosas nas campanhas de Portugal, em cuja guerra exerceu depois de outros grandes postos o de general da cavallaria do Alemtejo e o de governador das armas da Beira. Em todos conseguiu empresas contra as opposições da fortuna a poderes do valor. Foi mais alentado que venturoso, mas o seu esforço soube triumphar das adversidades. Teve mercê do titulo de visconde

de Barbacena, de que não usou, por lhe parecer inferior ao seu merecimento, porém existe nos seus successores, dignando-se d'elle seu filho primogenito Jorge Furtado de Mendoça, o qual juntou ao esplendor da sua casa o preclarissimo sangue de Hohenloe, que em titulo de conde tem soberania na Allemanha.

92. Não se achavam havia muitos annos na Bahia as vias de successões para o governo, como em outros tempos se praticara, causa pela qual foi preciso ao governador Affonso Furtado, nos ultimos periodos da sua vida, determinar e eleger com o Senado da Camara, nobreza e pessoas constituidas no caracter dos postos, as que haviam de succeder no governo por sua morte; e por voto uniforme de todos se determinou que ficassem substituindo o seu logar o chanceller da Relação, o mestre de campo mais antigo e o juiz mais velho do Senado da Camara, para que juntos governassem o Estado, emquanto o serenissimo senhor principe lhes não enviasse successor; eleição de todos geralmente applaudida, e que depois mereceu a approvação real, que a confirmou com todos os poderes do seu antecessor; o qual sepultado, tomaram no seguinte dia posse do governo, exercendo-o com o proprio regimento em todo o tempo que lhes durou a substituição.

93. Era chanceller o desembargador Agostinho de Azevedo Monteiro, e havia muitos annos que na Relação da Bahia occupava este logar com satisfação, ainda que da sua muita edade se não podiam esperar grandes disposições nem prompta assistencia. Mestre de campo mais antigo Alvaro de Azevedo, natural da Bahia, que nas guerras de Flandres, de Portugal e do Brazil, fizera provas de valor não vulgar e lograra honrados postos, e ultimamente se achava no de mestre de campo de um dos dois terços do presidio, que exercia com maior experiencia que actividade, por correrem os seus annos parelha com os seus serviços, que eram muitos.

94. Juiz mais velho do Senado da Camara Antonio Guedes de Brito, natural da Bahia, e das principaes pessoas d'ella, descendente de Catharina Alvares e Diogo Alvares Correia, e sobrinho de Lourenço de Brito Correia, provedor-mór da fazenda real do Estado, e um dos tres governadores na deposição do marquez de Montalvão, como deixámos escripto. Havia Antonio Guedes occupado o posto de mestre de campo, e servido repetidas vezes os logares de vereador e juiz da camara, em que fizera com grandes acertos muitos serviços á patria. Achava-se com experiencias do governo politico e boa edade para sustentar o peso com que não podessem os dois companheiros.

95. Estes foram os tres governadores em quem caiu a sorte do governo

Mandaram logo por dois patachos repetidos avisos ao principe D. Pedro da morte de Affonso Furtado, e da eleição n'elles feita para lhe substituirem o cargo; e porquanto no primeiro dia do anno seguinte se havia de abrir (segundo o estylo e forma da ordenação) o pelouro para novos officiaes da Camara, de que resultava acabar a jurisdicção Antonio Guedes de Brito e succeder-lhe outro juiz ordinario, que pela occupação havia de entrar em seu logar no governo, podendo acontecer fosse pessoa menos desinteressada que Antonio Guedes (o qual pela sua riqueza e pelo seu talento era, com notoriedade, independente de todas as conveniencias que se podiam achar n'aquelle logar), fizeram presente a sua alteza estes inconvenientes, pedindo-lhe fosse servido ordenar que a presente vereação existisse até a vinda do successor por quem houvesse de mandar governar o Estado; e assim o ordenou o serenissimo principe.

96. Porém antes de chegar a sua real ordem, no praso de se abrir o pelouro foi o ouvidor geral do civel á Camara, de que então era presidente, por não haver ainda na Bahia os juizes de fóra que depois se lhe introduziram, como em seu logar diremos; e ao som do sino da cidade convocou as pessoas da governança e povo que costumavam assistir áquelle acto, e com effeito abriu o pelouro que por sorte se tirara, conforme a disposição da lei. Os governadores tinham mandado ordem ao dito ouvidor geral do civel para não proceder n'aquella diligencia, porém elle se escusava com a sua obrigação e com a força da lei, mas repetindo-se-lhe a ordem houve de obedecer.

97. Em menos de um anno falleceu o chanceller Agostinho de Azevedo Monteiro, que na Relação e no governo procedera com modestia acrédora de memoria e digna de louvor. Succedeu-lhe pela sua antiguidade o desembargador Christovam de Burgos de Contreiras, pessoa nobre e natural da Bahia, que havia muitos annos exercia o cargo de ouvidor geral do crime com grande inteireza e muita intelligencia, fazendo este logar tão respeitado como temido. Depois de governar foi chamado a Lisboa a livrar-se das imposturas com que o capitularam seus inimigos, de faltas ou culpas na occupação de ouvidor geral do crime, em que se grangeam muitos.

98. Porém mostrando na corte a pureza do seu procedimento, foi absolto dos cargos e premiado com o de desembargador dos aggravos d'aquella Relação, d'onde voltou á Bahia a vender as suas propriedades para tornar a Lisboa; e não o podendo conseguir, se lhe proveu o logar completos os dois annos que trouxera de licença. Com este triumvirato que entrou por morte do chanceller Agostinho de Azevedo se achava o governo geral do Brazil em tres patricios da Bahia.

99. Haviam as povoações do Brazil crescido muito, e se tinham augmentado em tanto extremo os seus moradores, que ao rebanho catholico de tão innumeraveis ovelhas não bastava a vigilancia de um pastor, e assim foi preciso dar-lhes muitos. A pia e religiosa attenção do serenissimo principe D. Pedro, não reparando nas despezas da sua real fazenda com as congruas de tantos prelados, elevou a sé da Bahia a metropolitana, e a cathedraes as egrejas de Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro. Nomeou no anno de mil e seiscentos e setenta e seis por arcebispo da Bahia a D. Gaspar Barata de Mendoça; por bispo de Pernambuco a D. Estevam Brioso de Figueiredo; a D. Fr. Manuel Pereira por bispo do Rio de Janeiro; e a D. Fr. Antonio de Santa Maria, religioso Capucho, por bispo do Maranhão, sendo confirmadas estas eleições pelo summo pontifice Innocencio XI, posto que dos nomeados deixaram de vir alguns a estas egréjas, pelas causas que deixámos escriptas no segundo livro d'esta historia.

100. Não satisfeito só d'esta grande providencia o fervor catholico do nosso serenissimo principe o senhor D. Pedro, applicou varias missões por todas as partes do Brazil, enviando muitos missionarios com grandes esmolas, ajudas de custo e congruas, para ajudarem aos prelados na cultura das searas da Egreja, de que resultaram maravilhosos effeitos na educação dos fieis e na reducção dos gentios, cujas aldeias penetraram com risco das suas pessoas e gloria de Deus, conseguindo prodigiosos triumphos ao ceo, que foi o fim principal para o qual em tão distantes e remotas regiões do mundo fizeram tantas conquistas os seus augustos progenitores no sangue e antecessores no imperio.

101. Foi no principe regente este zelo tão excessivo, que occupava a maior parte do seu cuidado entre as mais precisas operações da monarchia, e veiu a conseguir a colheita de grandes fructos espirituaes e a salvação de muitas almas, não só na nossa America portugueza, mas por quantos mundos se dilata o seu vastissimo dominio; encarecendo aos seus governadores este serviço pelo mais importante das suas conquistas, e ordenando-lhes déssem todo o favor e ajuda aos missionarios.

102. Continuavam no governo geral do Estado com grandes acertos os tres governadores, quando na frota do anno de mil e seiscentos e setenta e sete chegaram as religiosas de Santa Clara que vinham a fundar o mosteiro da Bahia. Havia muitos annos que os senadores, nobreza e povo d'ella o pretendiam, assim por accommodar as mulheres principaes que não tinham dotes equivalentes para casarem conforme o seu nascimento, como por satisfazer aos suspiros de outras, que pretendendo conservarem o estado virginal e florescerem em santas virtudes, desejavam servir a Deus nos

votos e claustros da religião. Difficultava-se esta pretensão com o pretexto de ser a Bahia conquista, e não convir pelo estado religioso diminuir a propagação dos naturaes, precisa para o augmento d'ella.

103. Chegavam a morrer n'esta esperança muitas nobilissimas donzellas, sem alcançarem o fim que pretendiam, o qual conseguiram depois outras mais venturosas; porque o senhor principe D. Pedro foi servido conceder o convento com numero só de cincoenta freiras professas, o qual se ampliou depois por conveniencias do mosteiro ou em satisfação de serviços, premiando-se aos paes ou parentes com lhes dar faculdade para recolherem algumas donzellas da sua familia em logares supranumerarios no dito mosteiro, o qual é sujeito ao metropolitano, e unico em todo o Brazil até o tempo em que escrevemos esta historia.

104. Acharam-se quatro religiosas virtuosissimas no convento de Santa Clara de Evora que se sacrificaram a fazer este serviço a Deus, e este bem á Bahia e a todo o Estado. Foram conduzidas com generosas e pias despesas do Senado d'ella, e recebidas de todos os moradores com grandes applausos e fervorosos jubilos. Chamava-se a abbadessa a madre Soror Margarida da Columna, as outras tres companheiras as madres Maria de S. Raymundo, Jeronyma do Presepio e Luiza de S. José, e duas servas, uma Catharina de S. Bento e outra Anna da Apresentação. Tinham os moradores começado o convento no sitio de Nossa Senhora do Desterro, assim pelo retiro e amenidade d'elle, como pela grande e milagrosa casa de Nossa Senhora d'esta invocação que lhe havia de servir de egreja.

105. Foi edificada no anno de mil e seiscentos e vinte e sete com as esmolas dos fieis, em terras que lhe doou um devoto, e são ainda da irmandade ou confraria da Senhora. Na esperança da concessão do convento se tinham principiado algumas cellas para uma parte da egreja, e com a chegada das fundadoras, acudindo por ordem da camara e do governo todos os mestres e officiaes de pedreiros e carpinteiros que havia na cidade, em tres dias que entretiveram em a nau capitânia as religiosas, lhes pozeram em ordem a clausura, as cellas e officinas, que havia muito se principiaram.

106. N'este santuario de milagres, que por memoria largos tempos penderam n'aquellas sagradas paredes em laminas retratados, e n'este emfim domicilio estreito, com poucos commodos principiado, a que as fundadoras foram dando forma de convento, se recolheram logo principaes senhoras que a vocação levou á clausura e profissão religiosa, deixando muitas esperanças com que as convidava o mundo. As primeiras que entraram foram a madre Soror Martha de Christo e sua irmã Soror Leonor de Jesus, que

por lhe faltar a edade não teve logo com ella o noviciado, em que lhe fizeram companhia outras muitas noviças, sendo de todas mestra com insigne espirito a madre fundadora Soror Maria de S. Raymundo. No curso de poucos annos, crescendo os dotes e as esmolas, se augmentaram as obras do convento, e posto que ainda hoje se vão continuando, tem já sumptuosos quartos com a ultima perfeição, e ficará magnifico o todo d'aquelle corpo, sendo egual a despeza ao desenho grande.

107. Deixando a casa material muito augmentada, e a espiritual subida a grande altura de virtudes, eleita no logar de abbadessa, como mais antiga, a madre Soror Martha de Christo, voltaram para Portugal as fundadoras no anno de mil e seiscentos e oitenta e seis, depois de se empregarem nove annos no estabelecimento da communidade, dos institutos da religião e do seu espirito, não podendo detel-as as correntes das lagrimas das suas filhas nem os rogos dos moradores da Bahia; e satisfeitas ainda mais das suas vontades que das suas offertas, fazendo-se-lhes uma ostentosa despedida com honras militares, politicas e religiosas, se embarcaram na frota do referido anno, e chegaram com viagem feliz a Lisboa, donde passaram ao seu convento de Evora,

108. Á madre Soror Martha de Christo foram succedendo na dignidade por turno as freiras mais antigas; porém passados alguns triennios tornaram a elegel-a prelada, porque o seu grande talento e religioso exemplo as obrigava a occupal-a no logar repetidas vezes. Foi crescendo com o amor de Deus a pureza nas religiosos em tal grau, que se competiam em santidade, e falleceram algumas admiraveis em prodigiosa penitencia e com notavel opinião, entre as quaes se conta a madre Soror Victoria da Encarnação, cuja vida anda escripta por illustrissima penna, que foi a do senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Bahia, que com vôos de aguia soube registar as luzes d'aquelle extatico sol; porém não foram só a madre Victoria e as outras já fallecidas as que resplandeceram em prodigios no seu convento, porque ainda n'aquella grande esphera de virtudes ha mais estrellas da mesma constellação.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO SETIMO

Vem Roque da Costa Barreto governar e Estado do Barzil com titulo de mestre de campo general. — Fundam casa na Bahia os religiosos Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade. — Fundação da nova Colonia do Sacramento. — Os Castelhanos a expugnam e arrasam, e depois a restituem. — Succede a Roque da Costa Barreto Antonio de Sousa de Menezes com o posto de capitão geral. — Dissensões e parcialidades na Bahia no tempo do seu governo. — Morte da senhora rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Seu elogio. — Succede no posto de governador e capitão geral o marquez das Minas. — Agrado e fortuna com que socegou as dissensões da Bahia. — Principia o mal chamado a bicha.— Desvelo e grandeza do marquez no beneficio dos enfermos. — Segundo e mais augusto desposorio do serenissimo senhor rei D. Pedro. — Vem a succeder ao marquez das Minas com o mesmo posto Mathias da Cunha.— Dão os gentios na capitania do Ceará.— Manda fazer-lhes guerra. — Adoece do referido achaque. — Motim dos soldados por lhes faltarem com as pagas. — Morte do governador. Seu elogio. — Entra no governo por eleição o arcebispo D. Fr. Manuel da Resurreição. — Differenças que tem com o chanceller Manuel Carneiro de Sá que ficou governando as justiças como regedor. — Succede-lhes o governador e capitão geral Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho.— Morte da serenissima senhora princeza D. Isabel. Seu elogio. — Morte do arcebispo D. Fr. Manoel da Resurreição. Seu elogio. — Noticia e descripção do seminario de Belem da Cachoeira. — Desgostos entre o governador e o arcebispo, com morte de José de Mello da Silva. — Descobrimento e descripção do celebre Santuario da Lapa.

Aos tres governadores, depois de mais de dois annos de governo, succedeu no de mil e seiscentos e setenta e oito, com o posto de mestre de campo general, Roque da Costa Barreto. Era de nascimento claro, de valor heroico e grande entendimento; prerogativas que lhe grangearam na campanha e na côrte estimações e postos relevantes, e se achava actualmente exercendo o de sargento-mór de batalha da provincia da Extremadura; e fez um governo tão admiravel, que não permitte a nenhum dos mais celebres parecer maior, sendo o seu memorado entre os mais famosos e plausiveis. No cuidado da observancia da justiça e no augmento da republica foi em summo grau cabal; no desinteresse não conheceu vantagem ao mais independente, e no serviço real se não deixou preferir do mais zeloso.

2. Teve principio na Bahia a fundação do hospicio dos Capuchinhos de

Nossa Senhora da Piedade no anno de mil e seiscentos e setenta e nove pelos religiosos italianos; seus fundadadores os padres Fr. João Romano e Fr. Thomaz de Sora edificaram uma pequena casa, se pelos institutos pobre, tambem então pobre pela fabrica. Depois de a habitarem algum tempo a mandou o serenissimo senhor rei D. Pedro, sendo ainda principe, dar ao religiosos francezes da mesma sagrada ordem, cujo superior era o padre Fr. Jacques. Fundaram formosa egreja e capacissimo convento, em que assistiram vinte annos; porém no de mil e setecentos e seis foi restituido pelo mesmo serenissimo senhor aos padres italianos, dos quaes era superior o padre Fr. Michael Angelo de Napoles, que o ampliou e poz na grandeza e formosura em que existe.

3. A vocação do orago, a virtude dos religiosos, a frescura e amenidade do sitio, a franqueza e planicie do caminho, fazem tal concurso de devoção áquelle hospicio, que é frequentadissimo assim dos moradores da cidade como dos peregrinos e forasteiros, concorrendo uns e outros com votos e com esmolas. Os seus religiosos, assim os francezes que o habitaram, como os italianos que o possuem, tiveram e teem na Bahia acceitação egual á sua humildade, virtude e penitencia, sendo observantissimos dos apertados institutos da sua estreita regra, administrando com a maior promptidão na sua egreja os sacramentos, e exercendo com os enfermos e moribundos a maior e a mais fervorosa caridade. Todo o seu cuidado é encaminhar almas ao ceo, não só na cidade, mas nos sertões, onde teem a seu cargo muitas missões e aldeias de gentios, constantissimos nos sagrados ritos e preceitos da nossa Egreja catholica pela sua doutrina.

4. Achou o mestre de campo general Roque da Costa Barreto que a polvora da Bahia se guardava em uma casa mal segura pela fortificação e arriscada pelo logar, por estar dentro da cidade junto ás portas d'ella que ficam para a parte do sul, e do mosteiro dos monges de S. Bento, com perigo imminente de repentino estrago, fiando-se a preservação d'ella só das sentinellas d'aquelle corpo da guarda, que é um dos que todos os dias se guarnecem com uma companhia, sendo os outros o da Praia, perto da egreja de Santa Barbara, logar que está no meio de toda a marinha, e o das portas da cidade que ficam ao norte olhando para o convento dos religiosos de Nossa Senhora do Carmo.

5. Determinou logo para recolher a polvora fazer outra casa, escolhendo sitio em que a erigir, e lhe pareceu por muitas razões mais conveniente o campo que chamam do Desterro, dentro das trincheiras, á vista, mas mui apartado do convento das religiosas e das casas d'aquella freguezia. N'este logar mandou fundar uma sumptuosa casa de muita largueza e de

grande machina, fortificada com toda a segurança necessaria em similhantes fabricas, que reprimem e escondem o material mais violento. Em breve tempo a viu feita e aperfeiçoada, e mandou passar a ella todos os barris de polvora e salitre que se achvam na cidade. Para a guardar lhe mandou fazer a um lado uma pequena estancia, em que assistem alguns soldados com o seu cabo e seguram o transito que por alli se faz para as muitas fazendas que chamam do Caminho Grande.

6. Foi governar a provincia do Rio de Janeiro, no anno de mil e seiscentos e setenta e nove, D. Manuel Lobo, que levara a incumbencia de ir fundar a nova Colonia do Sacramento. Fez alguma assistencia no Rio de Janeiro, e prevenidos os materiaes e petrechos para a fundação, tendo enviado adeante alguns casaes que vieram de Lisboa em sua companhia, e outra gente que juntou n'aquelle governo, da que se costuma enviar por castigo ou por necessidade para as novas conquistas, partiu a fazer aquella colonia, contra as opposições dos gentios bravos que em copia immensa habitam aquelle paiz. Deu-lhe principio com menor grandeza da em que *de presente* se acha, edificando a fortaleza com recinto á proporção da pouca gente que tinha para a guarnecer, e fazendo as muralhas com menos segurança da que lhes podia dar (se attendera aos accidentes que devem prevenir os capitães), ainda que o tempo até alli lhe não permittira logar a maiores e mais seguras disposições.

7. Ainda não estava posta em cabal defensa, quando os Hespanhoes de Buenos-Ayres, com os officiaes e soldados que para a expugnar lhes trouxera o governador da cidade de Lima, lhe pozeram sitio, acompanhados de grande numero dos seus gentios domesticos, que augmentaram muito o seu exercito. Despediu D. Manoel Lobo avisos pedindo soccorros ao Rio de Janeiro, a Pernambuco e á Bahia, resistindo muitos mezes a continuos assaltos, em que acabaram os seus melhores soldados; mas causando nos que o não eram um panico terror os combates; enfermos gravemente o governador D. Manuel Lobo, D. Francisco Naper de Lencastro e quasi todos os que se achavam vivos na fortaleza, de achaques contrahidos na differença do clima e na dilação do cerco, em que já se padeciam insuperaveis descommodos e necessidades, apertando-o os inimigos e abrindo muitas brechas, entraram a praça com morte da maior parte dos cabos e da gente, e prisão das pessoas a que perdoou o seu furor, sendo entre ellas as principaes o governador D. Manuel Lobo e D. Francisco Naper de Lencastro.

8. Foram conduzidos os presos á cidade de Lima, e posto que tratados com grandeza e affabilidade, não deixaram de experimentar os infortunios e apertos da sujeição, que toleraram com soffrimento e disfarce, agradecendo

o mesmo de que poderam queixar-se. A poucos mezes da assistencia ou prisão n'aquella cidade aggravando-se a enfermidade de D. Manuel Lobo, falleceu com apparente ou verdadeiro sentimento dos Hespanhoes e propria natural magua dos companheiros. Este fim teve D. Manuel Lobo, illustre por sangue e por valor, que servira nas guerras do reino com grande opinião de soldado, e exercera honrados postos com boa satisfação até o de commissario geral da cavallaria do Alemtejo, e concluida a guerra, fora premiado com o governo do Rio de Janeiro e a incumbencia da referida fundação, onde (a não achar adverso fado) podera fazer grandes serviços e alcançar competentes premios. Morreu em florida edade, sendo por muitas virtudes benemerito de melhor fortuna.

9. Havia com promptissima diligencia o mestre de campo general Roque da Costa Barreto despedido da Bahia um navio com duas luzidas companhias do presidio d'ella e muitos bastimentos para a nova colonia, e o mesmo fizera o governador de Pernambuco; mas ficaram inuteis e baldados estes soccorros, porque chegando ao Rio de Janeiro, acharam a noticia de ser rendida a praça, e voltaram sem outro effeito. Causou grande abalo em Portugal a perda da colonia, e determinou o principe regente fazer guerra a Castella, pois lhe davam os Hespanhoes com este injusto facto justissima causa de romper a paz, poucos annos antes celebrada entre as duas corôas; e os bellicosos espiritos portuguezes, principalmente os cabos e soldados da guerra passada, que se viam sem este exercicio, já tiravam as armas dos lanceiros, e as preveniam e se lisongeavam para as esgrimir nas campanhas.

10. Porém prevenindo Carlos II, rei de Castella, o perigo da sua monarchia, se a deixara exposta aos nossos golpes, acudiu com toda a promptidão á justa queixa do principe regente por meio do seu embaixador extraordinario o duque de Juvenasso, que mandou logo caminhar de Madrid para Lisboa. Chegou á côrte, e não querendo o principe D. Pedro dar-lhe audiencia, o mandara sair do reino; porém pelas attestações de que vinha a fazer tudo o que o principe quizesse, lhe permittiu entrada e lhe deu audiencia.

11. N'ella com os mais justificados e modestos termos significou a innocencia em que estava n'aquella culpa o seu monarcha e todos os conselheiros e ministros de Hespanha, e que vinha a dar d'ella toda a satisfação que sua alteza lhe ordenasse, alem de mandar restituir a fortaleza, conduzir a Lisboa os presos, e pagar toda a importancia do damno que haviam causado os Hespanhoes de Buenos-Ayres, segurando serem rigorosamente castigados o governador, os cabos, e todos os que concorreram para aquella acção.

12. Pareceu a sua alteza e aos seus conselheiros que as expressões que el-rei de Castella lhe mandava fazer do seu sentimento por este facto, a ingenuidade com que affirmava não haver procedido de ordem sua, a ancia com que solicitava a nossa amizade, a conservação da paz, e ultimamente as offertas da satisfação que promettia, faziam parecer injusta a guerra que Portugal por aquella causa lhe fizesse; e superando o animo real portuguez e dos seus integerrimos conselheiros quantos interesses do augmento da nossa monarchia se podiam conseguir n'aquella occasião por este accidente, não quiz sua alteza mais que a restituição da praça e dos presos, que foram enviados a Lisboa, ainda que os Hespanhoes, ingratos á generosa acção do nosso monarcha, os proprios insultores d'aquelle delicto o tornaram a perpetrar pelos mesmos passos alguns annos depois, como em seu logar diremos.

13. Entre os presos chegou a Lisboa D. Francisco Naper de Lencastro, a quem o principe D. Pedro premiou aquelle serviço e trabalho com reaes favores e com o cargo de capitão de mar e guerra da nau da India, ordenando voltasse n'ella para ir a fundar de novo a colonia. Fez a viagem, e tornando a Lisboa, o nomeou sua alteza por mestre de campo e governador d'aquella praça, encarregando-lhe o governo do Rio de Janeiro, em que succedeu a João Furtado de Mendoça, para que fosse enviando á colonia todas as cousas conducentes para a nova fundaçãc, emquanto lhe não mandava successor. Uma e outra cousa obrou com grande acerto D. Francisco Naper, até que chegando por governador do Rio de Janeiro Luiz Cesar de Menezes, alferes mór do reino (que depois veremos governador e capitão geral do Brazil), partiu D. Francisco Naper de Lencastro a fundar de novo a Colonia do Sacramento.

14. Chegou com feliz successo, e com a mesma fortuna fez guerra e afugentou os gentios bravos de todas aquellas vizinhas campanhas, e as repartiu pelos colonos e moradores que levara para as lavrarem; correspondendo o terreno ao trabalho, foram logo crescendo as lavouras e cultivando-se os pomares com a mesma fertilidade e formosura que os de Europa. Fabricou com forma mais regular a fortaleza, occupando maior circuito do que tivera no seu principio, e ostentando tanto poder e magnificencia como segurança a nova praça.

15. Ao mestre de campo general Roque da Costa Barreto succedeu no anno de mil e seiscentos e oitenta e dois, com o posto de governador e capitão geral do Brazil, Antonio de Sousa de Menezes, pessoa illustre e aparentada com alguns grandes de Portugal. Tinha menos um braço, que perdera valorosamente nas guerras de Pernambuco, e o suppria com outro de

prata, de que o appellidavam. Sendo de longa edade, se não achava com aquellas experiencias que costumam trazer os muitos annos. Nos postos e governos de algumas praças que exercera, tinha mostrado mais valor que disposição; falta que o fazia improprio para o governo politico da Bahia, cabeça de um Estado vastissimo e braço tão distante do corpo da monarchia, onde chegam com tanta dilação os recursos, e trazem com a mesma mora as resoluções. O succeder a Roque da Costa, que lhe podia ser motivo de gosto, só lhe serviu de confusão, porque para fazer outro governo de tantos applausos faltava a Antonio de Sousa talento, sem o qual são impossiveis os acertos.

16. Havia contrahido em Lisboa muitos annos antes amizade com Antonio de Sousa de Menezes Francisco Telles de Menezes, natural da Bahia, donde o vice-rei D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, o remettera preso; porém não se provando as culpas que se lhe formaram, foi dado por livre na côrte, onde comprou por mui pouco preço o cargo de alcaide mór da cidade da Bahia a Henrique Henriques de Miranda, a quem o dera o serenissimo senhor rei D. Affonso VI. Com esta dignidade voltou para a patria, affectando uma autoridade maior que a que tiveram os seus antecessores no logar, e pesada aos que o julgavam menos benemerito d'ella. Por este motivo e por odios mais antigos tinha muitos emulos, grangeando-os sempre mais o alcaide mór pelo defeito de uma lingua immodesta e de um animo vingativo, que vieram a ser causa da sua ruina.

17. A vinda do governador Antonio de Sousa, que podera ser meio para o alcaide mór Francisco Telles se reconciliar generosamente com os seus inimigos, lhe serviu de estimulo para se vingar d'elles; porque vendo-se arbitro da vontade do governador e o seu unico director, o encaminhou pela estrada das suas proprias paixões ao desejado fim das suas injustas vinganças. Entre as pessoas principaes com quem tinha inimizade, eram objecto do seu odio André de Brito de Castro, provedor da alfandega da Bahia; seus irmãos; Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque, que tinha já a mercê para succeder a seu pae Bernardo Vieira Ravasco no officio de secretario do Estado, em que depois entrou por sua morte; e Antonio de Moura Rolim, Manuel de Barros da Franca, João de Couros Carneiro, escrivão da Camara, o da Fazenda real Francisco Dias do Amaral, os capitães de infanteria do presidio Diogo de Sousa da Camara e José Sanches de Elpoço, e todos os que por alguma união de parentesco ou de amizade eram parciaes ou dependentes dos referidos.

18. Governado o governador do seu valido, mandou devassar de André de Brito no procedimento do seu officio de provedor da alfandega, e for-

mando-lhe uma apparente culpa, o privou d'elle e o proveu em um primo do alcaide mór. Vendo Gonçalo Ravasco e Antonio de Moura que se lhes formavam crimes phantasticos, se homisiaram, por escusar a indecorosa e aspera prisão que se lhes prevenia. Manuel de Barros da Franca, que viera do reconcavo a exercer o logar de vereador do Senado da Camara, sem haver pretexto algum para se lhe impedir a occupação, foi preso na enxovia publica e d'ella transferido para a prisão da fortaleza do Morro, da qual fugindo, se poz em salvo.

19. A João de Couros e a Francisco Dias foram tirados os officios, provendo n'elles o governador os dependentes do alcaide mór, e dando aos seus afilhados as companhias dos capitães Diogo de Sousa e José Sanches. Em outros officios e postos menores se foram fazendo as proprias execuções e provimentos, com prisões injustas, as quaes souberam obviar as pessoas acima declaradas, recolhendo-se ao collegio dos padres da Companhia (que n'aquella occasião teve a propriedade do asylo romano), para onde se havia retirado pouco tempo antes tambem o desembargador João de Couto de Andrada, ministro actual da Relação, com receio de que o governador o mandasse prender, por lhe ser contrario o alcaide mór.

20. Havia Antonio de Brito de Castro, irmão do provedor da Alfandega, feito a um sobrinho do alcaide mór um aggravo d'aquelles que com nome mais proprio costuma o duello chamar affronta, e o precisara, suggerido do tio, a tomar satisfação equivalente á injuria. Esperou a Antonio de Brito, e de uma casa em que o aggressor estava occulto com outras pessoas armadas, se lhe dispararam alguns tiros de bacamarte, indo Antonio de Brito para o Carmo em uma tarde com seu irmão André de Brito; e posto que no conflicto se houveram ambos com grande valor, entrando pela casa e seguindo aos insultores, que se pozeram em salvo saltando os muros da cerca do collegio, ficou Antonio de Brito com um braço feito em pedaços, ferido perigosamente de muitas balas, não offendendo nenhuma a seu irmão, em prova de que não tivera parte na culpa de Antonio de Brito, o qual escapou da morte com alguma lesão no braço.

21. Passaram estes factos poucos annos antes de vir á Bahia o governador e capitão geral Antonio de Sousa de Menezes; porém conservando Antonio de Brito de Castro ainda vivas as dôres e as cicatrizes das feridas, e achando occasião opportuna na queixa geral que se formava do alcaide mór Francisco Telles de Menezes, se resolveu a tirar-lhe a vida, sacrificando-a á sua vingança e ao odio commum da Bahia. Teve Francisco Telles repetidos avisos, e na mesma manhã em que foi morto, uma carta que levara ao governador, em que se lhe advertia não saísse de casa aquelle

dia; e offerecendo-lhe o governador soldados que o levassem e ficassem guardando n'ella, os não quiz acceitar, porque nunca entendeu (fiado tambem na parcialidade da sua familia nobre e dilatada) que durante aquelle governo se lhe atrevessem seus inimigos.

22. Brevemente o desenganou a sua desgraça, porque saindo de palacio e andando o pouco espaço que ha d'alli á rua direita detraz da Sé, o investiram oito mascarados, que depois de dispararem tres ou quatro bacamartes (cujos tiros lhe mataram um lacaio e feriram outros), tirando só Antonio de Brito a mascara, avançou á serpentina em que ia Francisco Telles, o qual ao levantar-se recebeu d'elle um mortal golpe pelo pescoço, e outras feridas das mãos dos mais sequazes, e foi conduzido moribundo a sua casa, onde na tarde do mesmo dia falleceu. Retirou-se Antonio de Brito descoberto com os outros companheiros que se não descobriram, e todos com grande socego e vagaroso passo pela mesma rua se recolheram ao collegio.

23. Chegara em continente, pelos eccos dos tiros, a noticia do conflicto a palacio, donde o governador, temendo o facto, despediu logo a maior parte dos soldados que estavam n'aquelle corpo da guarda; mas quando chegaram ao logar do delicto, já se tinham recolhido os aggressores. Certificado o governador do miseravel estado em que ficara Francisco Telles, sem esperança de vida, brotou em tantos excessos a sua ira ou o seu amor, que não atinava com a publica attenção nem com a propria autoridade, fazendo acções indignas do seu cargo e da sua pessoa.

24. Ao secretario do Estado, Bernardo Vieira Ravasco, que da secretaria em que se achava saíra a assistir-lhe, mandou metter na enxovia. Tratou indecorosamente aos officiaes de guerra assistentes na sua sala, pondo-os de infieis, e proferindo menos attentas palavras contra toda a cidade da Bahia, só faltou reptal-a de traidora pela morte do alcaide mór, como D. Diogo Ordonhes da Lara á de Samora pela del-rei D. Sancho. Mandou pôr em cêrco com um cordão de soldados o collegio, e sitiar por outros a casa de André de Brito de Castro, o qual assim como ouvira os tiros montara a cavallo, buscando a praia, e pelo caes dos padres da Companhia se valera d'aquella immunidade em que estavam os outros homisiados.

25. Eram as rondas que o governador mandava lançar de noite repetidas e dobradas, afim de colher algum dos delinquentes e de saber a communicação que tinham com as outras pessoas da cidade, das quaes mandava prender muitas innocentes, sendo raras as principaes a quem respeitou e a quem não abrangeu o seu furor, por não serem tocadas do contagio dos odios do alcaide mór. Chegou a Portugal a noticia da consternação

em que se achava a Bahia, e das vexações que n'ella se padeciam; e o serenissimo senhor D. Pedro (que já se intitulava rei, por haver fallecido o senhor rei D. Affonso VI seu irmão no seu retiro do real palacio de Cintra, em doze de setembro do anno de mil e seiscentos e oitenta e tres) applicou a sua pia e real attenção a evitar a ultima imminente ruina, que depois de tantos estragos ameaçava a Bahia no governo de Antonio de Sousa de Menezes, mandando-lhe successor.

26. Foi adverso o anno de mil e seiscentos e oitenta e tres a Portugal, e o contará com pedra negra pela morte da serenissima senhora rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que dezoito annos occupara dignissimamente o thalamo e throno real portuguez. Era a sua varonia dos duques de Saboia, e pelos casamentos da sua preclarissima casa de Nemours ficava em linhas differentes sendo terceira e segunda neta dos christianissimos reis de França Luiz XII, da familia de Valois, e Henrique IV da de Bourbon, e descendia das serenissimas casas de Este pelos duques de Ferrrara, e de Lorena pelos de Mercœur. O sentimento do serenissimo senhor rei D. Pedro e de todos os Portuguezes foi á medida do largo tempo e dominio em que o rei a teve por esposa e os vassallos por senhora, deixando pelas reaes virtudes de que foi composta muitas memorias e vivas saudades.

27. No anno de mil e seiscentos e oitenta e quatro succedeu a Antonio de Sousa de Menezes no posto de governador e capitão geral do Brazil D. Antonio Luiz de Sousa Tello de Menezes, marquez das Minas, grande por titulos, esclarecido por sangue e heroe por valor e por acções. Entre muitas prerogativas resplandeceu n'elle a generosidade do animo, e uma suave occulta força com que attrahia as vontades; com ella socegou as alterações e parcialidades da Bahia, que podera levantar-lhe estatuas, com mais razão que os Romanos quando edificaram um templo á deusa Concordia, depois de apaziguada a guerra civil regida pelos dois irmãos Tiberio e Caio da nobilissima familia dos Gracchos. Tinha occupado o marquez grandes postos e logares competentes nas guerras e magistrados do reino, e se achava exercendo o cargo de governador das armas de Entre Douro e Minho, donde foi enviado ao governo geral do Brazil.

28. Soltou os presos que achou sem culpas, e aos que se lhes tinham injustamente formadas favoreceu até mostrarem a sua innocencia. Consolou aos afflictos e perseguidos pelo seu antecessor, e a todos poz em paz. Fez conduzir á cidade mantimentos, de que padecia muita falta, porque no tempo do governo de Antonio de Sousa, não querendo expor-se a experimentar injustiças os conductores dos generos comestiveis, se abstiveram de os conduzir a uma Babylonia onde tudo eram confusões; mas com a mudança de

governador acudiram logo em tal abundancia os viveres, que se compravam por muito inferior preço. Soltou emfim a fortuna em todo o genero de felicidades os favores que represados por mais de dois annos negara aos moradores da Bahia, e lhes deu todos os thesouros no marquez das Minas, o qual ia continuando em lograr as glorias que depois com maiores applausos (como em seu logar diremos) o collocaram nos mais altos logares dos templos da fama e da memoria.

29. Tinham n'este tempo a paz e a discordia variado as scenas no Brazil, porque depois do turbulento governo de Antonio de Sousa de Menezes na Bahia, se lograva o pacifico do marquez das Minas, e em Pernambuco ao governo plausivel de seu irmão D. João de Sousa succedera o infausto de João da Cunha Sottomaior, parecido na edade e no talento com Antonio de Sousa. Experimentavam-se n'aquella praça grandes vexações, violencias e injustiças, obradas por aquelle governador. Eram poucas as pessoas publicas e particulares que escapavam das suas injustas prisões, e fugindo d'ellas o mesmo ouvidor geral d'aquella capitanía o doutor Dionysio de Avila Vareiro, que depois foi desembargador da Relação da Bahia, se poz em salvo n'ella por aviso que tivera de que João da Cunha o mandava prender; causa por que deixara o seu logar antes de acabado o tempo da sua residencia.

30. Estas desinquietações se attribuíam á verdura de dois filhos que o goverdador levara em sua companhia, de edade juvenil, e que n'elle tinham imperio não de filhos, mas de pae, obrigando-o a fazer quanto se lhes antojova por suas paixões ou por suas conveniencias. Recorriam todos os perseguidos e vexados ao marquez governador geral, que inteirado da sua innocencia e conhecendo serem falsas as suas culpas, os mandava livrar das violencias de João da Cunha Sottomaior, o qual não se abstendo de commetter outras, foi preciso ao marquez ordenar-lhe procedesse de forma que o não obrigasse a tiral-o do governo; temor que fez moderar, mas não emendar a João da Cunha Sottomaior, ainda que procedeu d'alli em diante com maior receio ou menos escandalo.

31. Estes disturbios foram em Pernambuco os primeiros presagios do fatal achaque da bicha, e logo um tremendo eclipse da lua que n'aquella provincia e na Bahia se viu com horror. Appareceu esta grande luminaria, presidente da noite, em uma do mez de dezembro do anno de mil e seiscentos e oitenta e cinco, tão abrazada que inculcava ter recolhido no seu concavo ou na sua circumferencia toda a região do fogo; d'esta (ao parecer) capa de chammas cobriu a maior parte do seu vastissimo corpo, tendo precedido alguns mezes antes outro eclipse do sol, em que este principe dos

planetas mostrara uma nevoa, á qual o padre Valentim Estancel, da Companhia de Jesus, astrologo celebre, chamara aranha do sol.

32. Fez este religioso sobre os dois eclipses juizo mathematico, em um prognostico em que insinuou muitas enfermidades ao Brazil, e que haviam de continuar por muito tempo. É certo que os eclipes são naturaes, formando-os a terra, que se entrepõe ao curso d'estes dois planetas maiores; porém de taes accidentes pode receber sordicie ou qualidade contagiosa o ar por razões manifestas ou causas occultas, e da sua corrupção resultarem doenças, senão em todo o mundo, em algumas partes d'elle, como se tem experimentado em contagios e desgraças de que ha muitos exemplos antigos e modernos, vivos nas tradições e nos escriptos e ainda frescos nas memorias.

33. Principiou este terrivel contagio em Pernambuco no anno de mil e seiscentos e oitenta e seis, e devendo attribuir-se a causa do pestilente mal aos peccados dos moradores d'estas provincias, corruptos de vicios e culpas graves, a que os provocava a liberdade e riqueza do *Brazil*, lhe indagavam origens diversas, não sendo a de menor reflexão umas barricas de carne que voltaram em viagem da ilha de S. Thomé, e abertas por um tanoeiro, cahindo brevemente espirara, e logo algumas pessoas de sua casa a quem communicara o contagio. Este se foi ateando no povo do Recife em tanto excesso, que morreram mais de duas mil pessoas, numero grande a respeito d'aquella povoação.

34. D'alli foi passando logo á cidade de Olinda e ao seu reconcavo, sendo mui poucas as pessoas que escapavam d'aquelle achaque pela malignidade e vehemencia do mal, em cujos symptomas differentes não podia atinar a sciencia medica, conformando-se os professores d'esta faculdade só em lhe darem o nome de bicha, da qual livrando poucos, eram sem numero os que morriam, deixando ermas de moradores e de amparo as casas e familias de Olinda e do Recife. Da calamidade de Pernambuco chegou com a noticia o contagio á Bahia, ou pelos avisos communicado, ou porque os eclipses não teriam n'ella disposto para tanta corrupção o ar tão brevemente como n'aquella provincia. Os primeiros feridos do achaque foram dois homens que, jantando em casa de uma mulher meretriz, morreram em vinte e quatro horas; caso que a fez ausentar, por se lhe arguir que em um prato de mel lhes disfarçara o azibar do veneno; mas pelos symptomas e signaes com que foi ferindo o contagio, se conheceu que d'elle falleceram.

35. Continuou com alguma pausa, mas com tal intensão e força, que era o mesmo adoecer que em breves dias acabar, lançando pela boca copioso sangue. D'estes foi n'aquelle principio dos primeiros o desembargador

João de Couto de Andrada, que na Relação d'este Estado procedia mui conforme á obrigação do seu cargo. Foram logo adoecendo e acabando tantas pessoas, que se contavam os mortos pelos enfermos. Houve dia em que caíram duzentos e não escaparam dois; os symptomas do mal eram os proprios na Bahia que em Pernambuco, mas entre si tão differentes e varios que não mostravam signal certo.

36. Era em uns o calor tepido e o pulso socegado, n'outros inquieto e grande a febre. Uns tinham ancias e delirios, outros animo quieto e discurso desembaraçado. Uns com dores de cabeça, outros sem ellas, e finalmente deseguaes até na crise mortal do contagio, porque acabavam ao terceiro, ao quinto, ao sexto, ao setimo e ao nono dia; alguns poucos ao primeiro e ao segundo. Estavam cheias as casas de moribundos, as egrejas de cadaveres,as ruas de tumbas; não havia já pessoas para acompanharem o Santissimo Sacramento, que por esta causa levavam os parochos com menor culto, resplandecendo então mais a caridade e a diligencia com que faziam ás creaturas o maior bem e ao Creador grato serviço.

37. No horror d'esta confusão mostrou o marquez das Minas o preço e fineza dos quilates do seu alento e da sua generosidade. Saía a acompanhar a Nosso Senhor quando ia por Viatico aos enfermos; entrava até ás suas camas; aos que eram de maior distincção significava a pena que sentia do seu perigo, e os acompanhava á sepultura na sua morte; aos de menor esphera consolava, e aos pobres soccorria, deixando-lhes debaixo dos travesseiros grandes esmolas. Ordenou a um boticario insigne désse por sua conta aos miseraveis todos os medicamentos que lhe pedissem, em que dispendeu uma quantia grande.

38. Enviou a muitas partes do reconcavo com mão larga dinheiro a comprar frangãos e gallinhas, que mandava repartir pelos doentes necessitados. E sendo já da sua comitiva fallecidos o seu tenente general, o capellão e alguns criados, não podia o medo do mal vizinho fazer impressão no destemido animo do marquez, ou porque o seu valor não conhecia receio em nenhum genero de perigo, ou porque em tal espectaculo occupando-lhe todo o coração a magoa, lhe não deixava logar para o temor.

39. Do contagio falleceu o arcebispo D. Fr. João da Madre de Deus, que por desistencia de D. Gaspar Barata de Mendoça viera por metropolitano do Brazil no anno de mil e seiscentos e oitenta e tres. Adoeceu sem symptoma algum de morte até poucas horas antes de perder a vida; com brevissimos dias de enfermidade expirou no do glorioso Santo Antonio, treze de junho, em que tambem caiu a solemnidade do Corpo de Deus n'aquelle anno, que foi o de mil e seiscentos e oitenta e seis.

40. Era religioso da ordem do glorioso patriarcha S. Francisco, da provincia de Portugal, e n'ella provincial, prégador del-rei, examinador das tres ordens militares, e um dos maiores oraculos do pulpito lusitano no seculo passado. Governou tres annos a sua Egreja com notavel exemplo e educação das suas ovelhas, merecendo pelas suas virtudes e prerogativas uma memoria grande. Foi sepultado na capella-mor da sua metropole com verdadeiras lagrimas, nascidas da falta de amparo em que sem a sua vida ficava o rebanho catholico de todo o seu arcebispado.

41. Vivia n'aquelle tempo D. Francisca de Sande, viuva poderosa e matrona das principaes da Bahia; e fazendo luzir a sua piedade e o seu cabedal na cura dos enfermos, abriu em sua casa um hospital, mandando ir a elle os doentes que não cabiam no da Misericordia, e recolhendo outros que voluntariamente escolhiam o seu, onde lhes ministrava pelas suas mãos as medicinas receitadas dos medicos a quem pagava, e todos os medicamentos, dispendendo consideravel somma em gallinhas, frangãos, camas, roupas e tudo o que podia ser preciso para a saude, commodo e asseio dos enfermos, dos quaes a maior parte escapava por força do seu cuidado e da sua caridade; virtudes que mereceram o agradecimento do serenissimo senhor rei D. Pedro, expressado em uma honrosa carta que foi servido mandar-lhe escrever.

42. Continuava o mal, não aproveitando pela sua occulta causa os remedios que lhe applicavam os medicos. D'elles morreram tres e outros tantos cirurgiões, todos insignes nas suas faculdades, mostrando que se não acertavam a cura dos enfermos, tambem erravam a sua. Já havia poucos que podessem assistir aos doentes, porque timidos ou desenganados de não poderem conhecer o achaque se retiravam, e ás pessoas a quem não podiam faltar, curavam por fora dos tropicos do hemispherio da medicina. N'esta oppressão recorreu a Bahia ao patrocinio do glorioso santo S. Francisco Xavier, indo a buscal-o ao collegio dos padres da Companhia, e levando-o em procissão solemne pelas principaes praças e ruas da cidade.

43. Deus, que é admiravel nos seus santos, e d'este novo thaumaturgo ouve todas as deprecações, suspendeu o braço da sua justiça, irado justissimamente contra os nossos peccados, e foi perdendo a força o mal, de forma que ou já não feria, ou quasi todos os feridos escapavam; posto que para as pessoas que vinham de mar em fóra ou dos sertões, assim á cidade da Bahia como á de Olinda, durou largos annos levando grande parte d'elles, principalmente aos mais robustos, porque este contagio fazia (como o raio) mais impressão onde achava maior fortaleza.

44. Pela notoria obrigação do patrocinio que achara no glorioso S. Fran-

cisco Xavier á cidade da Bahia, o Senado da Camara d'ella com applauso do povo o elegeu para padroeiro principal, pedindo-o assim em Roma no pontificado de Alexandre VIII á Sagrada Congregação dos Ritos, que á instancia do eminentissimo e reverendissimo cardeal Carpegna approvou e confirmou a dita eleição, concedendo ao santo todas as prerogativas e graças que (segundo as rubricas do Breviario e Missal Romano) são concedidas aos santos padroeiros, conforme a constituição do summo pontifice Urbano VIII, e logo por faculdade do serenissimo senhor rei D. Pedro II se estabeleceu aquella procissão ao santo, annual e perpetua, em o dia decimo do mez de maio, em que lhe fizeram a primeira, e em todo elle dura a festa com o Santissimo Sacramento exposto e procissão de tarde, despesa e assistencia do Senado e grande concurso, sendo uma das mais solemnes que faz a Camara da Bahia.

45. Os moradores dos reconcavos de Pernambuco e da Bahia não experimentaram tanto o rigor do mal, assim na extensão como na força; e dos que enfermavam morriam poucos, porque os ares espalhando-se por maior esphera, perdiam a força da corrupção, ou porque esta se lhes não communicava por tantos cadaveres, camas, roupas e outros trastes do uso dos que falleciam; cousas de que não podiam livrar-se os habitadores das duas cidades, assistindo uns ás curas e enterros dos outros.

46. Foi materia digna de reflexão que d'este contagio não enfermaram negros, mulatos, Indios, nem mesclados, assim na Bahia como em Pernambuco; parece que para aquelles viventes compostos humanos não trouxera forças ou jurisdicções o mal; poderia haver n'elles qualidade secreta, se não foi decreto superior. Por esta causa não faltou aos enfermos e aos sãos quem os servisse e solicitasse o necessario; porém faltavam os mantimentos, porque os que os conduziam, antes queriam perder os interesses de os trazer ás cidades, que arriscar as vidas n'ellas, onde estava tão furioso o contagio.

47. Não deixou de experimentar o marquez das Minas os crueis effeitos d'elle em um tyranno golpe com que a morte (reservando-lhe para mais altas emprezas a vida) o feriu na alma, sendo d'esta tragica scena immenso theatro o mar, na volta que fazia para o reino, porque a poucos dias de navegação lhe levou com os proprios symptomas do mal da terra a seu filho primogenito D. Francisco de Sousa, conde do Prado, o qual o acompanhara em todo o tempo do seu governo na Bahia, com procedimentos e acções proprias do seu generoso sangue, que lhe conciliaram os mesmos cultos e agrados que se dedicavam ao marquez seu pae, de quem herdara as virtudes, ainda que não chegou a herdar a casa, cuja grandeza podera ele-

var-se pela prudencia de tal successor, que nos merece esta saudosa e particular memoria. Não quiz o marquez levar aquelle illustrissimo cadaver ao magnifico jazigo dos seus antepassados, e o fez depositar no mar, para que tivesse o sepulchro do sol.

48. Logrou n'este tempo a monarchia lusitana uma das suas maiores felicidades na preciosa e soberana prenda que ao Tejo enviaram o Rheno e o Danubio, a serenissima senhora rainha D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo. Estava no serenissimo senhor rei D. Pedro II suspensa a augusta varonia portugueza; e suspirando os seus leaes vassallos vel-a continuada, lhe rogaram com as mais vivas expressões do seu amor e da sua fidelidade, que deposto o justo sentimento pela perda da primeira real consorte, lhes désse rainha.

49. Attendendo el-rei a tão justos rogos, feitos por tão importante causa, elegeu para esposa uma das mais virtuosas e excelsas princezas que n'aquelle seculo se achavam em Europa, pedindo-a ao serenissimo duque de Neoburgo, conde eleitor palatino, seu pae, o qual lha concedeu com os *jubilos* eguaes aos creditos que d'este parentesco resultavam á sua eleitoral e serenissima casa. Entrou aos onze de agosto do anno de mil e seiscentos e oitenta e sete esta nunca assaz louvada rainha em Lisboa, onde foi festejada com as demonstrações e grandeza devidas á sua soberania e ás singulares virtudes de que a dotaram a natureza e a fortuna.

50. No mesmo anno de mil e seiscentos e oitenta e sete succedeu ao marquez das Minas no posto de governador e capitão geral Mathias da Cunha, esclarecido por nascimento e por valor, que occupara com grandes acertos os postos de commissario geral da cavallaria do Alemtejo, de mestre de campo do terço da armada, de governador da provincia do Rio de Janeiro, e das armas de Entre Douro e Minho, donde viera ao governo geral do Brazil, no qual começara a mostrar logo as disposições do seu talento, que atalhou brevemente a morte, como veremos.

51. N'este anno foi degolado no Terreiro da Bahia o coronel Fernão Bezerra Barbalho, morador e natural da provincia de Pernambuco, e uma das pessoas da nobreza d'ella, por matar no seu engenho da Varzea, injustamente e sem mais causa que uma suspeita cega, a sua esposa e tres filhinhas havidas d'ella, escapando outra que por mais pequena escondera uma escrava, correndo com ella sem ser vista para a casa de um morador vizinho d'aquelle engenho. Foi companheiro de Ferrão Bezerra n'esta crueldade seu filho primogenito, matricida e fratricida de sua mesma mãe e irmãs, e sabendo esconder-se e retirar-se melhor que seu pae, só este foi preso; remettido depois com a devassa á Bahia, pagou em um cadafalso os delictos de ambos,

sem poder a compaixão (que moviam os seus muitos annos e cãs) n'aquelle espectaculo moderar o sentimento e magoa das innocentes vidas que tirara, pelas notorias virtudes d'aquellas tão honradas como infelizes mulheres.

52. Nos primeiros mezes do governo de Mathias da Cunha recorreram os moradores da capitanía do Ceará ao seu amparo contra os gentios d'aquelles asperos sertões, que tinham de proximo feito grandes damnos na cidade e seu reconcavo, pedindo-lhe ajuda para lhes fazerem guerra. Convocou o governador Mathias da Cunha a palacio theologos, missionarios e os cabos principaes, para se votar em junta (na forma da provisão do serenissimo senhor rei D. João IV) se era justa a guerra que se havia de fazer áquelles gentios, e se ficavam legitimamente captivos os que n'ella fossem presos; termo de que usara, como deixámos escripto, o governador Affonso Furtado de Mendoça.

53. Resolvendo-se agora n'esta materia o mesmo que então se determinara, ordenou Mathias da Cunha ao governador de Pernambuco, aos capitães mores da Parahyba e Rio Grande mandassem cabos, gente, petrechos e bastimentos para aquella empreza; resolução que logo se executou com tão bom successo, que d'elle resultou a quietação que hoje logra aquella provincia, colhendo os fructos das culturas do seu reconcavo com menor perigo do que até aquelle tempo experimentara.

54. Feria ainda na Bahia o mal da bicha as pessoas que vinham de fóra, e já eram fallecidas muitas das que chegaram na frota que trouxera ao governador e capitão gèral Mathias da Cunha, entre as quaes morreram os desembargadores José da Guarda Fragoso e Jeronymo de Sá e Cunha, que no pouco tempo que exerceram os seus logares, mostraram ter muitas letras e inteireza. Na seguinte frota do anno de mil e seiscentos e oitenta e oito acabaram a poder do mesmo contagio outros sujeitos de distincção, e em ambas a maior parte dos homens maritimos.

55. Enfermou o governador do mal, tanto mais intenso quanto mais dissimulado, porque não mostrou signaes malignos nos primeiros dias, mas poucos antes de acabar, se manifestou mortal. Conhecendo Mathias da Cunha proximo o fim da sua vida, se dispoz para a morte com tão grandes actos de christão, que deu não pequeno exemplo no desprezo das vaidades do seculo. Com este desengano e admiraveis mostras de arrependimento falleceu aos vinte e quatro do mez de outubro do referido anno, mandando sepultar-se no convento do glorioso patriarcha S. Bento, em cuja capella mór lhe deram aquelles religiosos jazigo.

56. Foi Mathias da Cunha filho legitimo e segundo de Tristão da Cunha, uma das varonias do seu illustrissimo appellido, que nos seculos passados

lograra ainda maiores estimações, fecunda em heroes e famosa em capitães, dos quaes passando alguns a Castella, foram troncos de grandissimas casas de Hespanha; sendo moço era respeitado entre os da sua esphera e edade pella pessoa e pelo valor; por esta causa foi escolhido dos companheiros para fazer o primeiro ingresso no duello que tiveram na casa do jogo da pella, de que resultara a morte do conde de Vimioso, sendo o empenho contra o de S. João. Este infausto successo o fez ausentar da patria, e discorrendo por toda a região de Italia, adquiriu n'ella muitas noticias dos seus potentados e republicas; restituido a Portugal teve na milicia os empregos que referimos, mas viveu sempre tão propenso á liberdade militar, que até nos governos politicos não perdeu os habitos de soldado.

57. Por não haver vias para a successão do governo, como já acontecera na morte do governador e capitão geral Affonso Furtado de Mendoça, convocou Mathias da Cunha á sua presença, um dia antes do seu fallecimento, o Senado da Camara, a nobreza e aos cabos, e lhes ordenou e pediu elegessem a pessoa que por sua morte havia de ficar substituindo o seu logar. Houve variedade nos votos, mas todos vieram a conformar-se elegendo para o governo militar e politico ao arcebispo D. Fr. Manuel da Resurreição, que aos treze do mez de maio d'aquelle proprio anno chegara por metropolitano do Brazil, e já no pouco tempo que exercia a pontificia dignidade, empregava todo o seu talento (verdadeiramente apostolico) em missões, prégando por todas as parochias da Bahia com grande fructo das suas ovelhas, e praticando mui differentes exercicios dos que lhe sobrevinham com o governo do Estado. O das justiças ficou ao doutor Manuel Carneiro de Sá, chanceller da Relação, a quem pelo logar, na falta de governador, tocava o de regedor.

58. No mesmo dia se amotinaram os soldados dos dois terços do presidio, por tres pagas que se lhes estavam devendo, e se juntaram no campo do Desterro rodeando a casa em que se recolhe a polvora, menos os cabos e officiaes maiores, que todos assistiram na praça em prova da sua obediencia e lealdade. Pediam os soldados se lhes mandasse satisfazer no termo peremptorio de um dia os seus soldos, com comminação de entrarem na cidade e a saquearem, ameaçando com especialidade as casas dos officiaes da Camara, por cuja ordem corria então a paga da infanteria.

59. Foram os seus cabos ao campo a socegal-os e reduzil-os, segurando-lhes da parte do governador e do Senado a promptidão dos soldos que se lhes deviam, afeando-lhes aquelle motim sempre detestavel, e mais feio n'aquella occasião do transito mortal em que se achava o seu general, mas não poderam persuadil-os. A mesma diligencia fez o arcebispo em uma

concertada pratica, e ainda que se moderaram nos excessos que faziam em todas as pessoas que com cargas das fazendas vizinhas passavam por aquella estrada, não se reduziram, continuando na mesma resolução.

60. Era a confusão dos vereadores tão grande como breve o termo que lhes davam os soldados; mas juntando na forma que pôde ser, a quantia que bastava para se lhes pagar (porque os cabos e officiaes maiores declararam que para elles não era necessaria a satisfação senão quando a Camara commodamente lha podesse fazer) foi levado ao campo o dinheiro, com que se lhes pagaram nove mezes que se lhes deviam. Depois de satisfeitos insistiram em se não desarmarem, sem se lhes mandar um perdão geral d'aquelle facto assignado pelo governador, que ainda vivia, e pelo arcebispo que lhe havia de succeder, o qual lhes foi concedido, e ainda o chegou a assignar Mathias da Cunha com o arcebispo. Alcançado o indulto e espirando logo o governador, entraram na cidade e assistiram militarmente ao seu enterro.

61. Achava-se Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, almotacé mór do reino, governando a provincia de Pernambuco, onde fôra enviado por morte de Fernão Cabral, senhor de Azurara e alcaide mór de Belmonte, que do mal da bicha fallecera n'aquelle governo, donde foi Antonio Luiz promovido ao posto de capitão geral do Brazil. Chegou á Bahia no anno de mil e seiscentos e noventa. Era este heroe insigne em muitos attributos e virtudes, illustrissimo no sangue, vigilante no serviço real, inteiro na administração da justiça e no castigo dos delinquentes, admiravel na independencia de todo o genero de interesses; estas virtudes exercitara sempre e de proximo em Pernambuco, donde já chegara á Bahia a sua fama, antes de ter chegado a sua pessoa.

62. Falleceu no anno de mil e seiscentos e noventa a serenissima senhora princeza D. Isabel Luiza Josefa, primeiro fructo do tronco real portuguez que dominava a monarchia lusitana. Nasceu dos augustissimos senhores reis D. Pedro II e D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Foi jurada princeza herdeira da corôa e ajustada para esposa do serenissimo duque de Saboia seu primo. A conduzil-o saiu do Tejo no anno de mil e seiscentos e oitenta e tres a mais rica armada que sulcara as ondas do Mediterraneo, em que se embarcou a maior nobreza do reino.

63. Porém enfermando por altissima providencia aquelle principe, não se achou capaz de passar a Portugal a consummar os desposorios n'aquelle tempo; e logo variando a fortuna com diversos accidentes as disposições, elle tomou estado, e a nossa princeza foi lograr maior imperio ao céo, porque as suas incomparaveis virtudes e angelica formosura não eram da terra; por esta causa sendo pretendida, como outra serenissima infanta de Portu-

gal, a senhora D. Maria, filha posthuma do senhor rei D. Manuel, pelos maiores principes da Europa, as não alcançaram, porque foram escolhidas para esposas de Deus.

64. No anno seguinte de mil e seiscentos e noventa e um falleceu o arcebispo D. Fr. Manuel da Resurreição. Foi em Coimbra dos oppositores de maior graduação e merecimento, collegial de S. Pedro, doutor em leis e em canones, conego doutoral da Sé de Lamego, deputado do Santo Officio. Porém, deixando todos estes empregos e outras maiores esperanças que lhe promettia o seculo, o abandonou para vagar a Deus na contemplação e exercicios santos do maravilhoso convento do Varatojo, seguindo tão religiosamente o exemplo do seu veneravel instituidor, que foi um dos seus mais vivos retratos.

65. Pela fama das suas penitencias, do fervor com que se empregava na obrigação de missionario, do fructo que fazia nas almas, e das grandes virtudes que resplandeciam no seu singular talento, o escolheu el-rei para arcebispo da Bahia; mas repugnando com o maior esforço á sua eleição, não póde deixar de obedecer á vontade e preceito real. Acceitou a sagrada dignidade, que exerceu na Bahia pouco mais de dois annos com grande exemplo, santa educação e muito aproveitamento espiritual das suas ovelhas.

66. O tempo que por morte de Mathias da Cunha governou o Estado (que foi quasi todo o do seu pontificado) teve por um dos martyrios da sua vida e o offerecia a Deus em satisfação dos seus peccados. Depois de entregar o governo ao almotacé mór, partiu a visitar as villas do Camamú, Cayrú e Boypeba, onde fez obras e missões prodigiosas. Sentindo-se enfermo, se fez conduzir á Cachoeira, e no seminario de Belem dos padres da Companhia, com a assistencia e nos braços do padre Alexandre de Gusmão (varão inculpavel) em poucos dias de enfermidade e com muitos actos de amor de Deus lhe entregou aquella ditosa alma, que por tantos serviços se fizera benemerita de bemaventurança. De ordem sua ficou sepultado no referido seminario, o qual por esta causa e outros muitos titulos nos merece a particular memoria de uma breve noticia.

67. Quatorze leguas da cidade da Bahia está a villa de Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira, que toma o nome do rio em cujas ribeiras fôra edificada; uma de distancia pelo seu terrestre continente se eleva grande porção de terra, cujo cume se estende em dilatadissima campina, fertilmente amena pela frescura e suavidade dos ares, pela alegria e distancia dos horisontes, pela producção e fecundidade do terreno, e finalmente pelo concurso de muitas e crystalinas aguas. N'este sitio fundou no anno de mil

e seiscentos e oitenta e seis um seminario o padre Alexandre de Gusmão, religioso da Companhia de Jesus e um dos maiores talentos da sua provincia do Brazil, onde foi repetidas vezes reitor, provincial, lente de philosophia, theologia e moral, e sobretudo insigne mestre do espirito, cuja virtude e doutrina são veneradas como de varão santo.

68. Com algumas esmolas e com o seu laborioso cuidado fabricou pelo seu desenho sumptuosa egreja a que deu o titulo de Nossa Senhora de Belem, e fez os excellentes artefactos do retabolo, fabricado de fina e manchada tartaruga, e de varias peças da sachristia e muitos presepios de differentes materias pelas suas mãos. Em proporção do templo edificou casas para peregrinos e hospedes autorisados, que n'aquelle sitio são frequentes, e formou um capacissimo e perfeito seminario, em que recolheu meninos para lhes ensinar as primeiras letras e a grammatica, e para os instruir e crear nas virtudes e exercicios christãos, sendo mestre de todos, e sujeitando-se a ler nos bancos os primeiros rudimentos aos discipulos aquelle que em profundas sciencias nas cadeiras admirara aos mestres. O tempo que lhe sobejava applicava á composição de varios livros, que sairam á luz com grande exemplo e proveito das almas.

69. Foi crescendo com o fervor da doutrina o concurso dos seminaristas, de forma que de todas as partes do Brazil lhe enviavam muitas pessoas principaes filhos e parentes, a quem assistiam com uma annual moderada congrua para a sua commoda sustentação, arbitrada desde o principio do seminario pelo seu fundador. Com o culto divino, que alli sumptuosa e piamente se consagra a Deus e á Virgem santissima sua mãe, se augmentou tanto a devoção dos fieis, que de muito longe vão aquelle santuario, e foi preciso ao collegio da Bahia acudir-lhe com muitos religiosos, assim sacerdotes para administrarem os Sacramentos, como irmãos para ajudarem o padre Alexandre de Gusmão na educação e estudos dos seminaristas, dos quaes teem já saído muitos e virtuosos sujeitos para o habito de S. Pedro e para os das outras ordens claustraes, e até para o seculo perfeitos varões.

70. A casa é hoje uma das reitorias da sua sagrada religião, residindo n'ella communidade competente a tanto emprego, e continuando n'elle o seu instituidor Alexandre de Gusmão, que viveu até o anno de mil e setecentos e vinte e quatro, assistindo no seminario com a mesma promptidão e actividade, ensinando, prégando e administrando os Sacramentos em noventa e seis annos de edade; maravilha que se attribuiu á poderosa disposição divina.

71. Tyrannisavam a provincia de Porto Seguro cinco homens naturaes da mesma capitanía, que sendo nobres por nascimento, se tinham feito vis

por exercicio. Juntáram alguns foragidos e formaram uma esquadra de bandoleiros, sendo capitão d'ella um dos cinco principaes. Commettiam por todos aquelles districtos e dentro da mesma villa roubos, homicidios, estupros, adulterios e todo o genero de insolencias e delictos, sem ficar fazenda, casa, honra nem logar seguro dos seus insultos.

72. Não exceptuava a sua tyrannia os seus proprios parentes, e andavam os moradores tão temerosos, por se acharem os cabos da milicia, os juizes e os officiaes de justiça com tão poucas forças para os sujeitar que apenas se podiam defender, vivendo todos no temor de um perigo continuo, que por instantes lhes ameaçava a ultima ruina. N'esta oppressão recorreram ao governador e capitão geral do Estado Antonio Luiz, pedindo-lhe ajuda de gente com que podessem buscar aquelles ladrões e extinguil-os de toda a provincia.

73. Chegou este aviso ao governador Antonio Luiz, e encommendando aos mensageiros o tivessem occulto, fez com o proprio segredo preparar cincoenta soldados escolhidos entre os valorosos dos dois terços do presidio da Bahia e dois sargentos da mesma supposição, dando-lhes por cabo um ajudante pratico e alentado, e os fez embarcar á ordem do doutor Dionysio de Avila Vareiro, desembargador actual da Relação, a quem encarregou esta empreza.

74. Chegado este ministro áquella capitania, antes de entrar no porto fez aviso ao capitão mór, que lhe foi fallar á embarcação com o juiz ordinario, juntando-se-lhe ambos para o conflicto, e informando-o do modo com que o havia de executar, e da parte por onde podia accommetter aos delinquentes. Desembarcaram de noite, e marchando pelos espessos matos d'aquelles districtos, encaminhados por guia fiel e fortuna favoravel, deram na estancia dos culpados e prenderam logo aos cinco, que não poderam resistir, posto que o intentaram com grande valor, á custa de muitas feridas que deram e receberam.

75. Os outros da quadrilha não foram achados, porque havendo-os mandado o seu capitão a uma facção do emprego detestavel d'aquella miseravel vida, conhecendo por alguns signaes e conjecturas a desgraça dos seus companheiros principaes, penetraram a aspereza d'aquelles sertões e nunca mais appareceram. Os cinco presos foram conduzidos á Bahia pelo ministro, officiaes e soldados, trazendo com elles as devassas que das suas culpas se haviam tirado; e achando-se n'ellas inteiramente provados aos reos atrocissimos crimes, foram sentenciados pela Relação á morte de forca e a serem esquartejados, e remettidas as cabeças aos principaes logares em que commetteram os delictos.

76. D'esta execução resultou tanto exemplo e terror a todos os facinorosos, como satisfação aos habitadores do Brazil, em cujas vastissimas provincias não faltavam d'aquelles insultores, que fiados na extensão d'ellas commettiam as proprias maldades com melhor fortuna, porque as distancias lhes dilatavam ou totalmente os absolviam dos castigos. Receberam os moradores da provincia do Porto Seguro aquellas cabeças e as offereceram á sua vingança, servindo-lhes um espectaculo de tanto horror do mais firme escudo do seu socego, pois até o tempo presente não experimentaram mais similhantes ruinas n'aquelle genero de hostilidades.

77. Fundaram os religiosos Descalços de S. Agostinho na Bahia o seu hospicio no anno de mil e seiscentos e noventa e tres. Foram os fundadores os padres mestres Fr. Alipio da Purificação, commissario geral dos seus religiosos missionarios, e Fr. João das Neves, primeiro presidente. Tiveram por companheiros aos padres Fr. João de Deus, Fr. Jeronymo da Assumpção e um irmão leigo Fr. José dos Anjos. Fizeram-lhes doação da egreja de Nossa Senhora da Palma, de que fora erector Ventura da Cruz Arraes (medico insigne e natural da Bahia), seus herdeiros, que tinham o padroado d'ella, o qual cederam aos religiosos.

78. Não tendo a egreja mais ambito de terra que o em que fora fabricada e o seu adro, concorreram os moradores d'aquelle sitio (que fica ao nascente de aprasivel terreno no arrabalde da cidade) com a que bastou para edificarem um formoso hospicio, em que assistem alguns religiosos conventuaes e o seu presidente, celebrando os officios divinos com grande culto, administrando os sacramentos com religioso fervor, e procedendo como filhos de tão grande pae. N'este hospicio se recolhem os seus religiosos que veem do reino para a missão de S. Thomé, e os que depois de completo o tempo da sua assistencia n'aquella ilha voltam para o reino, hospedando-se como os conventuaes emquanto se dispõem as suas viagens.

79. Por morte do arcebispo D. Fr. Manuel da Resurreição succedeu na sagrada dignidade metropolitana do Brazil D. João Franco de Oliveira, bispo de Angola, que chegou á Bahia no anno de mil e seiscentos e noventa e dois.

80. Teve o Autor da natureza, desde que creou o mundo ou depois que fez cessar as aguas do diluvio, occulta até este tempo, por seus incomprehensiveis juizos, ao trato dos racionaes e só permittida á fereza dos brutos uma admiravel e grande lapa no robusto corpo de uma dilatada penha que occupa um quarto de legua em circumferencia, cuja base banham as abundantissimas correntes do estupendo Rio de S. Francisco no seu interior sertão, duzentas leguas da povoação mais vizinha, não mostrando

rasto ou signal de que fora pisada nem do gentio barbaro d'aquelle inculto paiz, que está na jurisdição da provincia da Bahia.

81. É fabricada esta prodigiosa lapa de natural estructura em forma de um perfeito templo com capella mór e collateraes, tendo o cruzeiro trinta e tres passos de largura, oitenta de comprimento toda a estancia. Nos lados se veem cubiculos proporcionados, que formam vistosas capellas mettidas nas fortissimas paredes, as quaes com primorosas columnas sustentam em competente altura a pesada machina da sua abobada. Abre este formoso concavo sobre o rio uma varanda descoberta de cincoenta palmos, por onde penetrando a luz, lhe faz todos os logares claros.

82. A este todo se entra por uma portada egual á de uma cidade, e por maior assombro e prova de que esta mysteriosa lapa estava destinada para templo catholico, tinha pendente do tecto e nascido na abobada um sino de pedra, obrado pela natureza em forma de columna, com braça e meia de comprimento, e o instrumento que o toca tambem de pedra com meia braça, o qual estando pegado ao sino pela parte de fóra, foi por arte desunido d'elle para o poder tocar, e preso em uma corda passada a um buraco que a columna ou sino tem no alto, ferindo-o o faz soar com tão retumbantes e sonoras vozes como os de metal mais finos, ouvindo-se de partes mui distantes.

83. A materia de toda esta grande fabrica são brilhantes jaspes de côres diversas, que reflectindo a beneficios da luz, representam o céo. No tecto parece que descobre a phantasia, com os resplendores em que a vista se emprega, entre formosas nuvens luzentes estrellas, dispostas em ordem de constellações varias e differentes figuras. Por fora na eminencia da penha em que se entranha a lapa, se descobrem muitas arvores entresachadas com innumeraveis e altos corpos da mesma rutilante pedra, que mostrando ao perto informes imagens de torres, pyramides, campanarios e castellos, formam ao longe a perspectiva de uma perfeita e bem fabricada cidade.

84. N'aquelle alto e por toda a circumferencia da penha, a que chamam Itáberava (que no idioma do paiz quer dizer pedra que luz) estão abertas covas e estancias proporcionadas á vida e profissão eremitica e contemplativa, não se achando em nenhum dos logares descobertos e aqui descriptos signal de habitação humana; e não é menor maravilha estar o templo mettido na lapa e ter o pavimento de terra solta para sepultura dos mortos. Ao sitio chamão o Rio Verde, porque sendo o mesmo de S. Francisco, que o fertilisa no grande espaço que o rega, leva aquella côr, retratando em si a verdura do arvoredo que alli por ambas as margens o acompanha.

85. Francisco de Mendoça Mar, assim chamado no seculo, e na sua

conversão Francisco da Soledade, hoje clerigo do habito de S. Pedro, tendo passado de Lisboa sua patria á Bahia, depois de alguma assistencia que n'ella fez, tocado da divina graça se resolveu a deixar o trafego do mundo e buscar o deserto mais remoto para chorar as suas culpas e fazer por ellas penitencia. Com este santo impulso, sem mais roupa que uma tunica que cobria muitos cilicios e mortificações corporaes, com um santo Crucifixo e uma imagem da Virgem Maria Mãe de Deus e Senhora Nossa, luzeiro e guia do verdadeiro e melhor caminho da humana vida, saindo da cidade foi penetrando os sertões; e não satisfeito de algumas soledades, posto que as achasse accommodadas, porque lhe estava apparelhado este prodigioso domicilio, continuou a jornada até que o descobriu.

86. Entrando n'elle, achou em uma das capellas collateraes para a parte do Evangelho um perfeito monte Calvario com uma prodigiosa abertura tão proporcionada ao pé da cruz que levava (cuja imagem tem tres palmos) que logo alli a collocou, e junto a ella o simulacro da Virgem Santissima, o qual depois em vulto grande, ricamente vestido, trouxe do povoado por caminho de duzentas leguas um devoto inspirado do ceu para esta pia acção, e foi collocado na capella mór em precioso nicho, hoje sumptuosamente adornado; e na outra collateral se poz a imagem do glorioso Santo Antonio.

87. Invocou do nome de Bom Jesus a imagem de Nosso Senhor que levava, e a da Senhora intitulou da Soledade, que hoje tambem chamam da Lapa. Alguns annos depois, tendo o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide noticia d'este prodigio da natureza, e da vida que n'ella fazia Francisco de Mendoça, o mandou chamar, e informado de todas as circumstancias do logar e do eremita, enviou a elle um visitador, o qual achou decentemente ornados os altares com as esmolas dos peregrinos que já concorriam áquelle santuario, pelos muitos milagres que a Senhora obrava em todos quantos enfermos a iam alli buscar. Erigiu o arcebispo em capella a lapa, e ordenou de sacerdote ao padre Francisco da Soledade, a quem a encarregou.

88. Depois achando os homens tratantes nas Minas do Sul transito mais breve por aquella parte para a Bahia, abriram caminho junto áquella nova egreja, onde fazem os seus votos, deixando tão grandes esmolas de oiro, que com ellas vindo á cidade o padre Francisco da Soledade, fez muitas peças de prata e ricos ornamentos para o templo, que pela sua diligencia e ferveroso zelo, pelo concurso e offertas dos fieis está hoje com grande asseio e culto venerado, sendo tal a devoção em todos os que o buscam, que vão com summa humildade e reverencia a fazer as suas novenas ou romarias, e de outra sorte se lhes prohibe a entrada.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO OITAVO

Succede no *governo* geral do Brazil D. João de Lencastro — Fundação das Casas da Moeda na Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco — Jornada do governador em descobrimento das minas do salitre — Introducção dos ouvidores das comarcas e juizes de fóra em algumas provincias do Brazil — Morte do reverendissimo padre Antonio Vieira — Descobrimento das minas de ouro no Sul e fórma com que elle se tira — Morte da serenissima senhora rainha D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo. Seu *elogio* — Passa ao reino o arcebispo D. João Franco de Oliveira provido no bispado de Miranda — Soccorro que vai da Bahia á restauração de Mombaça — Queima-se *no porto* a nau Sereia — Perde-se antes de sair a barra uma das naus que a conduziam — Vem da India o vice-rei Antonio Luiz. Sua morte e elogio. — Succede no *arcebispado* do Brazil D. Sebastião Monteiro da Vide, e D. Rodrigo da Costa *no governo* geral do Estado — Manda soccorro á Nova Colonia do Sacramento sitiada *pelos* Hespanhoes da America castelhana — Combates com aquelles inimigos — Consternação da Europa pela successão de Hespanha — Declara-se o serenissimo senhor *rei D. Pedro* a favor do senhor Carlos III, então rei d'aquella monarchia, e hoje imperador de Allemanha — Progressos das nossas armas em seu auxilio — Ordem del-rei *para se não* enviarem escravos da Bahia para as minas — Diligencias que faz o governador D. Rodrigo da Costa na sua execução.

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho succedeu com o posto de governador e capitão geral de mar e terra do Brazil D. João de Lencastro, cuja grande qualidade inculca o seu real appellido, que do supremo throno de Inglaterra entrou no augusto de Portugal pela senhora rainha D. Filippa, esposa do senhor rei D. João I, tornando gloriosamente a sair no senhor D. Jorge, mestre de Santiago e de Aviz, filho natural do senhor rei D. João II, quinto avô de D. João de Lencastro pela sua varonia, que se deduz dos serenissimos reis das duas monarchias. Servindo de tenros annos nas guerras da restauração do reino, fizera provas de valor mui adulto, e sendo capitão de cavallos, fôra o primeiro que atacara a batalha do Canal com tanto esforço como fortuna, e depois occupara o posto de mestre de campo do terço da armada, o de governador e capitão geral do reino de Angola e do Brazil, e o de general da cavallaria do Alemtejo na proxima guerra passada, em que os

maiores cabos se offereciam a servir postos inferiores aos que já haviam occupado, e ultimamente capitão geral do reino do Algarve, e do Conselho de guerra.

2. Chegou no anno de mil e seiscentos e noventa e quatro á Bahia, e foi o governador que exerceu mais dilatado tempo este governo geral depois de Mendo de Sá e de Diogo Luiz de Oliveira. As obras e acções que emprehendeu foram mui conformes ao talento de que era dotado. Varias cousas dispoz em serviço del-rei e do augmento de todas as provincias do Brazil, conseguindo vel-as executadas com successos tão felizes quanto eram acertadas as suas resoluções. Aperfeiçoou no curso do seu governo os fortes de Santo Antonio da Barra, de S. Diogo e de Santa Maria, dando-lhes melhor forma e regularidade.

3. Mandou edificar os dois castellos da cidade sobre as plataformas das duas portas d'ella, a nova casa da Relação, a da Moeda, reedificar a cadeia e fazer outras muitas obras do adorno e defensa da praça; e concorreu com o seu cuidado para se acabar o templo da Matriz, a que não bastava o poder do metropolitano sem o auxilio da magnificencia real exercida pelo zelo de D. João de Lencastro, e mandou fundar por ordem del-rei no reconcavo da Bahia as tres villas de Nossa Senhora do Rosario na Cachoeira, de Nossa Senhora da Ajuda em Jagoaripe, e de S. Francisco no sitio chamado Sergipe do Conde.

4. Experimentava este Estado havia muito tempo varios damnos na moeda de prata, sendo o primeiro o cerceamento que n'ella continuamente se achava, delicto pelo qual foram punidas algumas pessoas, em que houve indicios de complices, e a faltas de prova não tiveram todo o castigo que mereciam, a serem convictos como reos; a este mal se deu o remedio com uma serrilha com que se mandaram circular as moedas; porém era mais grave o prejuizo que se padecia no transporte e fundição da maior d'ellas, que correndo por seiscentos e quarenta, que são duas patacas no Brazil, tinham de peso setecentos e cincoenta, e se logravam muitos interesses em as levar ou remetter para o reino, onde, e entre as nações estrangeiras, conseguiam aquelle avanço.

5. Outras pessoas as mandavam converter em baixellas para o seu uso, e os ourives as fundiam para as suas obras, sem attenderem uns e outros ao imminente perigo a que ficava exposta a nossa America extinguindo-se a moeda, que é a substancia dos imperios, pois sem ella são cadaveres, vindo a faltar o trato e commercio que sustentam as monarchias. Mas a este damno tambem se preveniu algum reparo, mandando-se que as ditas moedas maiores corressem pelo valor do peso, de que se seguia muito embaraço, pois ha-

vendo em muitas d'ellas pelo cerceamento menos peso dos setecentos e cincoenta, era preciso para se receberem, trazerem-se balanças em que se pesassem, gastando-se muito espaço de tempo para se contar pouca quantia de dinheiro.

6. Attendendo a todos estes inconvenientes o vigilante Senado da Camara da Bahia, e ao damno que ameaçava a este Estado, recorreu ao serenissimo senhor rei D. Pedro II, pedindo-lhe fosse servido evitar o prejuizo d'estes seus dominios e vassallos, a tempo que ainda podesse remediar-se a ruina, e antes que se acabasse de consumir a moeda, mandando para a Bahia Casa em que ella se lavrasse provincial para correr só no Brazil, a qual tivesse tanto menos valor intrinseco, quanto bastasse para se lhe não achar conta em a transportar e fundir. Fizeram-se em Portugal muitas consultas sobre esta materia, e houve votos que impugnavam com razões politicas esta graça.

7. Porém el-rei applicando toda a sua real attenção ao bem dos seus vassallos e á conservação d'este Estado, lhe concedeu Casa da Moeda, mandando-lhes no anno de mil e seiscentos e noventa e quatro juiz, ensaiadores e os mais officiaes de que necessita aquella fabrica, com todos os instrumentos e materiaes precisos para as officinas e lavor da moeda; e ordenou durasse só o tempo que fosse necessario para reduzir a nova forma toda a moeda que havia nas provincias do Brazil, ás quaes mandou ordem para que a remettessem á Bahia, e que feita esta diligencia, se extinguisse a Casa.

8. Elegeu por superintendente d'ella ao desembargador João da Rocha Pitta, dando-lhe poder para dispor tudo a seu arbitrio, por carta escripta no mesmo anno de mil e seiscentos e noventa e quatro, em que o honra com as formaes palavras seguintes: *Por concorrerem na vossa pessoa todas as qualidades necessarias para fazer de vós a maior confiança.* Era este ministro natural de Pernambuco, das principaes familias d'aquella provincia; fôra enviado por el-rei, sendo ainda principe regente, por syndicante das provincias do sul ás maiores diligencias que até aquelle tempo se tinham offerecido n'aquella região, e com o poder mais amplo que n'ella se concedera a ministro algum; tres annos e meio se empregou n'aquelle serviço, e el-rei o elegeu por governador do Rio de Janeiro, cargo que não exerceu por se ter recolhido para a Relação da Bahia.

9. Fez-lhe mercê de conselheiro do seu Conselho ultramarino; mas não podendo o desembargador João da Rocha Pitta passar ao reino pelos muitos achaques que padecia, lhe representou esta impossibilidade, e que no logar de chanceller, que estava de proximo vago por morte do desembargador Manuel de Muris Monteiro, o poderia servir com o mesmo zelo. Reconhe-

cendo el-rei por justa a causa que lhe impedia o passar á côrte, foi consultado e provido no cargo de chanceller da Relação d'este Estado, que exerceu nove annos e meio, até o de mil e setecentos e dois em que falleceu. Estes foram os seus despachos; nas suas virtudes é suspeito o autor, por ser seu sobrinho e herdeiro da sua casa.

10. Fabricou-se a Casa da Moeda e ficou ennobrecendo grande porção de uma das quatro faces da praça, na parte que já declarámos na descripção da cidade. Dispozeram-se as officinas e se assentaram os engenhos para o seu lavor. Haviam feito repetidas conferencias o governador e capitão geral D. João de Lencastro, o chanceller superintendente João da Rocha Pitta e José Ribeiro Rangel juiz da moeda, sobre os generos, fórma, peso e valor intrinseco e extrinseco que havia de ter, ouvindo pessoas intelligentes e praticas n'esta materia, que foi sempre de muitas consequencias nos imperios, e de que costumam resultar não poucas alterações nos povos; porém discutidos os pontos e apuradas as circumstancias para se obviarem os prejuizos e inconvenientes, se mandou recolher á Casa da Moeda toda a que se achava na Bahia, muita prata em barras e outra lavrada em peças e feitios antigos, que seus donos quizeram mandar desfazer e reduzir a dinheiro, pela conveniencia que achavam no valor pelo qual se lhes pagava o marco.

11. Lavravam-se seis generos de moedas de prata, na fórma similhantes e differentes no peso, valor e tamanho; de duas patacas, de uma, de meia, de quatro vintens, de dois e de um: as de duas patacas teem de peso cinco oitavas e vinte e oito grãos, valor e cunho de seiscentos e quarenta réis; as de pataca, duas oitavas e cincoenta grãos, valor e cunho de trezentos e vinte réis; as de meia pataca, uma oitava e vinte e cinco grãos, valor e cunho de cento e sessenta réis; as de quatro vintens, quarenta e oito grãos e meio, cunho e valor de oitenta réis; as de dois vintens, vinte e quatro grãos e um quarto, cunho e valor de quarenta réis; e as de vintem, cunho e valor de vinte réis, e peso de doze grãos e um oitavo.

12. Teem estas moedas de uma parte a esphera (empreza do senhor rei D. Manuel) no meio da cruz da ordem de Christo, de que foi granmestre, e entre os claros dos braços da cruz estas palavras SUB Q. SIGN. NATA. STAB.; de outra parte o escudo das armas reaes portuguezas; no lado direito o cunho, no esquerdo umas flores, no alto entre a corôa e o escudo a era em que foram lavradas, e pela roda da sua circumferencia as seguintes letras: PETRUS. II. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D.

13. Fizeram-se tambem pela mesma ordem moedas, meias moedas e quartos de oiro, do que se trazia da costa de Africa e do que se costumava

colher de lavagem na região de S. Paulo, e de varias peças antigas de feitios inuteis, que seus donos mandaram desfazer. As primeiras teem de peso duas oitavas e vinte grãos, com o valor e cunho de quatro mil réis; as segundas, uma oitava e dez grãos, com o valor e cunho de dois mil réis; as terceiras e ultimas, com o cunho e valor de mil réis, e peso de quarenta e um grãos. Teem de uma parte as armas reaes; no lado direito o cunho, no esquerdo as flores, e em torno da circumferencia as letras PETRUS. II. D. G. PORTUG. REX.; da outra parte uma cruz sem lisonjas, rodeada de um circulo em forma de cruz rematado com ellas, e pela circumferencia as letras: ET. BRASILIAE. DOMINUS., e os annos em que foram feitas.

14. N'esta fórma e com este valor intrinseco e extrinseco se lavraram as moedas de prata e oiro provinciaes no Brazil, saindo nas de prata o marco lavrado em dinheiro a sete mil e seiscentos réis, e dando-se ás partes a razão de sete mil e quarenta réis; nas de oiro, o marco feito em moeda a cento e doze mil e seiscentos e quarenta réis, levando-o as partes pelo preço de cento e cinco mil e seiscentos réis. Os quinhentos e sessenta réis que ficavam de mais na prata, e os sete mil e quarenta réis no oiro, eram para a fabrica e salarios dos officiaes, que pelo seu regimento se lhes pagava, demittindo de si el-rei a senhoriagem em beneficio dos seus vassallos do Brazil, por não haver n'elle tanta copia de prata, nem terem ainda n'aquelle tempo abundado as enchentes de oiro, que hoje inundam por todo este Estado, e fazem as senhoriagens importantissimas á fazenda real.

15. As provincias do Rio de Janeiro e de Pernambuco não querendo arriscar o seu oiro, prata e dinheiro na ida e volta das viagens da Bahia, não só pelo perigo das tormentas do mar, mas tambem pelo dos piratas levantados que infestavam as costas do Brazil, querendo obviar o naufragio ou roubo que podia acontecer, representaram a el-rei, que por escusar áquelles povos alguma ruina n'estes justos receios que se deviam prevenir, fosse servido conceder-lhes Casa da Moeda, para lá se lavrarem.

16. Attendendo sua magestade ao justo temor do prejuizo que podiam experimentar aquelles subditos na remessa dos seus cabedaes á Bahia, mandou, que fechada n'elle a Casa, passassem as suas fabricas ao Rio de Janeiro e depois a Pernambuco, ordenando ao chanceller superintendente mandasse as instrucções e ordens necessarias para se governarem os ministros que haviam de ser juizes conservadores da moeda n'aquellas duas provincias; o que executou depois de reduzidos a nova moeda provincial o dinheiro antigo, prata e oiro que houve para se desfazer na Bahia, e se fechou a Casa no anno de mil e seiscentos e noventa e oito, tendo laborado quatro.

17. Passou José Ribeiro Rangel, juiz da moeda, com todos os officiaes, engenhos e instrumentos da fabrica d'ella para o Rio de Janeiro, onde foi juiz conservador o desembargador Miguel de Sequeira Castello Branco; e lavrado o dinheiro antigo, prata e oiro que n'aquella provincia havia para se reduzir á nova fórma, se transportaram os officiaes com a fabrica á de Pernambuco, sendo juiz conservador da Casa (que se assentou no Recife) o ouvidor geral e juiz da moeda Manuel de Sousa, que fôra ensaiador na Bahia e no Rio de Janeiro, por se haver embarcado José Ribeiro Rangel da praça do Rio para Lisboa.

18. Todo o dinheiro velho, prata e oiro que pôde desfazer-se em Pernambuco, se reduziu á nova moeda, e todas as que se lavraram nas duas referidas provincias teem a mesma fórma, peso, cunho e valor das da Bahia, pondo-se-lhes de uma parte nas do Rio de Janeiro um R, e um P nas de Pernambuco; e concluido no Brazil este lavor, se fecharam n'elle as Casas da Moeda, até que com os novos descobrimentos das minas de oiro do sul, se mandaram outra vez abrir no Rio e na Bahia, como em seu logar diremos.

19. O invento da polvora, ingrediente do inferno, que para estrago do genero humano introduziu no mundo o demonio por mão de um frade tudesco, no decimo quarto seculo, consistindo desde então o maior furor da guerra em fogo material, confeccionado e artificioso, parecendo que já não reina tanto nas campanhas Marte como Vulcano, pois ao tiro de um canhão e de um mosquete fariam pouca resistencia a clava de Hercules e a espada de Roldão, foi preciso que o salitre de que ella se compõe, o mandem conduzir de partes distantes os principes que o não teem nos seus dominios.

20. Sendo informado o serenissimo senhor rei D. Pedro que no Brazil, e principalmente no sertão da Bahia, se achavam minas d'elle em copia e qualidade eguaes ás de Asia, e a menos custo e dilação, do qual podia abundar toda a sua monarchia, encarregou ao governador e capitão geral D. João de Lencastro fosse em pessoa áquella parte onde se affirmava que as havia; e trazendo de Portugal esta commissão, depois de estabelecida a Casa da Moeda e de dar expediente a outros negocios do Estado, saiu da cidade da Bahia a esta importante diligencia no anno de mil e seiscentos e noventa e cinco.

21. Embarcou para a villa da Cachoeira acompanhado de muita gente, com todos os officiaes da fabrica do salitre, instrumentos parao tirar e beneficiar, e com pessoas praticas do terreno que havia de correr, noticiosas das minas que ia buscar, fazendo com esta comitiva grandes gastos, para cu-

ja despeza lhe mandou dar el-rei uma grossa ajuda de custo. Do porto d'aquella villa caminhou ao seminario de Belem, sitio onde o esperava o comboio que mandara prevenir. Com pouca detença marchou ao Jacaré, e d'alli a S. José das Tapororocas, donde foi á Matta, aos Tocós, á Pinda, ao Papagaio, ao Rio do Peixe, ao Tapicurú (rio caudaloso), á Serra do Tehú, a outro Tapicurú chamado Mirim (tambem rio famoso, mas de menor corrente), e passou á Serra da Jacobina, onde refez o comboio, e continuando a marcha pelos campos d'aquella povoação (hoje villa), pelos de Terijó e pela Varnha Secca, chegou ás minas do salitre que chamam de João Martins.

22. No referido sitio se cavou e colheu salitre mineral, e fazendo-se as experiencias, se achou ser bom na qualidade, porém as minas mais permanentes que abundantes. N'este exame se deteve D. João de Lencastro alguns dias, e depois partiu para outras chamadas de João Peixoto; e feitas as mesmas experiencias, resultaram os proprios effeitos, achando salitre egual ao outro na bondade e na copia. D'alli partiu para o Rio Pauquí a um sitio que chamam dos Abreus, em cujas minas se achou salitre em mais quantidade e da mesma qualidade; ultimamente foi a outras minas que se dizem do Serrão, e do exame se colheu o mesmo effeito e se fez o proprio juizo. Com estas experiencias e noticias voltou D. João de Lencastro para a cidade da Bahia, tendo rodeado mais de cento e cincoenta leguas de terra, e abrindo novos caminhos para atalhar maiores distancias.

23. Não perdeu D. João a esperança de poderem ser uteis e convenientes as referidas minas, e depois de ter voltado para a cidade mandou tirar salitre das que o tinham em mais abundancia, ou ficavam menos apartadas; diligencia a que foi por sua ordem o coronel Pedro Barbosa Leal, e assistindo n'ellas com cuidado e despeza propria, tirou algum salitre, que por vezes remetteu em fardos de couro á Bahia; porém vindo a conhecer-se que pelos dilatados longes, pelas asperezas dos caminhos, faltos de mantimentos para os que os haviam de cursar e conduzir o salitre, saía mui caro á fazenda real, e de immensa fadiga aos conductores (não sendo a copia capaz de recompensar com vantagem a despeza, nem ainda de a satisfazer), se colheu o desengano da inutilidade d'ellas, para se não fabricarem; resolução que foi servido mandar el-rei, vendo o salitre que o governador lhe enviou, e pelos avisos que lhe fez.

24. Governava a provincia de Pernambuco Caetano de Mello de Castro, e sendo quasi irremediavel o damno que aquelles moradores experimentavam dos negros dos Palmares (cuja extincção era empresa já reputada por tão difficil, que muitos dos seus antecessores no posto a não intentaram),

elle a emprehendeu com valor e a conseguiu com fortuna É preciso darmos noticia da condição e principio d'aquelles inimigos, da origem do povo ou republica que estabeleceram, das leis com que se governaram, e dos damnos que pelo curso de mais de sessenta annos nos fizeram nas villas do Porto do Calvo, das Alagôas, de S. Francisco do Penedo e em todas as suas povoações e districtos, e até em outros menos distantes da cidade de Olinda, cabeça d'aquella provincia, e dos males que causaram aos seus habitadores, sendo ainda maiores na execução que no temor continuo em que viviam, de serem inopinada e repentinamente accommettidos com frequentes assaltos e perda das vidas, fazendas e lavouras.

25. Quando a provincia de Pernambuco estava tyrannisada e possuida dos Hollandezes, se congregaram e uniram quasi quarenta negros do gentio de Guiné, de varios engenhos da villa do Porto do Calvo, dispondo fugirem aos senhores de quem eram escravos, não por tyrannias que n'elles experimentassem, mas por appetecerem viver isentos de qualquer dominio. Com segredo (entre esta nação, e tanto numero de pessoas, poucas vezes visto) dispozeram a fuga e a executaram, levando comsigo algumas escravas, esposas e concubinas, tambem complices no delicto da ausencia, muitas armas differentes, umas que adquiriam, e outras que roubaram a seus donos na occasião em que fugiram. Foram rompendo o vastissimo sertão d'aquella *villa*, que acharam desoccupado do gentio, e só assistido dos brutos que lhes serviram de alimento e companhia, com a qual se julgaram ditosos, estimando mais a liberdade entre as feras que a sujeição entre os homens.

26. Nos primeiros annos, este fogo que se ia sustentando em pequenas brazas para depois crescer a grande incendio, não causou damno publico, mas só o particular da perda dos escravos, que seus donos não poderam descobrir, por não saberem a parte em que se alojavam d'aquelles espessos e dilatados matos, onde ainda então os fugitivos só attendiam a sustentar-se das caças e fructas silvestres do terreno inculto, e não saíam d'elle mais que a levar a furto de algumas fazendas menos apartadas as plantas de mandioca e outras sementeiras, para darem principio ás suas lavouras, tomando-as com força, se achavam resistencia, e sem ella, se não encontravam opposição; porém era já notorio este receptaculo por todas aquellas partes, donde o iam buscar outros muitos negros e alguns mulatos complices em delictos domesticos e publicos, fugindo ao castigo dos senhores e da justiça, e os recebiam os negros dos Palmares, pondo-os no seu dominio.

27. Crescia o poder dos negros com estes soccorros dos fugitivos que se lhes iam juntando, para fazerem aos povos de Pernambuco os damnos que experimentaram os de Roma na guerra servil, quando juntando-se poucos

escravos gladiadores e aggregando a si muitos homens facinorosos, causaram tantos estragos na propria cabeça d'aquella nobilissima republica. Além dos filhos que lhes nasciam, entendendo os negros que para maior propagação e augmento do povo que fundavam, lhes eram precisas mais mulheres, trataram de as haver, sem a industria com que os Romanos as tomaram aos Sabinos, mas só com a força, entrando pelas fazendas e casas dos moradores d'aquellas villas, povoações e districtos, e levando negras e mulatas do serviço domestico e das lavouras. Roubavam aos senhores d'ellas os vestidos, roupas e armas que lhes achavam, ameaçando violar-lhes as mulheres e filhas, se as não remiam a dinheiro ou outras dadivas, que se lhes offertavam promptamente, despresando sempre os Portuguezes o cabedal pela honra, a qual lhes ficava intacta a indultos da moeda e da nobreza, que não deixavam de respeitar nas pessoas em quem a reconheciam, tanto que ficavam aproveitados dos despojos que colhiam, e com elles voltavam ricos para o seu paiz.

28. Augmentados com o tempo em numero de gente, foram penetrando mais os sertões, e descobertos amplissimos campos, os repartiram pelas familias, que pondo-os em cultura, faziam mais rica e dilatada a sua jurisdicção; e sem a especulação de Aristoteles e de Platão nas suas republicas escriptas, nem as leis promulgadas na de Athenas por Solon, na de Lacedemonia ou Sparta por Lycurgo, na de Creta ou Candia por Minos, e nas de Roma, Carthago e Egypto por Numa, Charondas e Trimegisto, formaram nos Palmares uma republica rustica e a seu modo bem ordenada.

29. Elegiam por seu principe, com o nome de Zombi (que no seu idioma vale o mesmo que diabo) um dos seus varões mais justos e alentados; e posto que esta superioridade era electiva, lhe durava por toda a vida, e tinham accesso a ella os negros, mulatos e mestiços (isto é filhos de mulato e negra) de mais recto procedimento, de maior valor e experiencia, e não se conta nem se sabe que entre elles houvesse parcialidades por competencias de merecimento ou ambição de dominio, nem que matassem um para enthronisar outro, concorrendo todos ao eleito com obediencia e união, pólos em que se sustentam os imperios.

30. Tinham outros magistrados de justiça e milicia com os nomes das suas terras. Eram entre elles delictos castigados inviolavelmente com pena de morte o homicidio, o adulterio e o roubo, porque o mesmo que com os estranhos lhes era licito, se lhes prohibia entre os naturaes. Aos escravos que por vontade se lhes iam juntar, concediam viverem em liberdade; os que tomavam por força, ficavam captivos e podiam ser vendidos. Tinham tambem pena capital aquelles que havendo ido para o seu poder volunta-

rios, intentassem tornar para seus senhores. Com menor rigor castigavam aos que sendo levados por força, tivessem o mesmo impulso. D'estes seus estatutos e leis eram as ordenações e volumes as suas memorias e tradições conservadas de paes a filhos, vivendo já no tempo em que lhes fizemos a guerra os segundos e terceiros netos dos primeiros rebeldes, conservando-se n'esta forma em temor e apparente justiça.

31. Andavam como nas suas terras, sem cobrirem mais que as partes que a modestia manda occultar, excepto alguns principaes de ambos os sexos, que vestiam as roupas que roubavam, ou faziam de fazendas e pannos que tambem colhiam nas presas que executavam. De catholicos não conservavam já outros signaes que o da santissima cruz e algumas orações mal repetidas, e mescladas com outras palavras e ceremonias por elles inventadas ou introduzidas das superstições da sua nação; com que se não eram idolatras, por conservarem sombras de christãos, eram schismaticos, porque a falta dos sacramentos e ministros da Egreja, que elles não buscavam pela sua rebellião e pela liberdade dos costumes em que viviam, repugnantes aos preceitos da nossa religião catholica, os excluia do consorcio, gremio e numero dos fieis.

32. Alguns moradores d'aquelles districtos, por temerem os damnos que recebiam e segurarem as suas casas, familias e lavouras dos males que os negros dos Palmares lhes causavam, tinham com ellas secreta confederação, dando-lhes armas, polvora e balas, roupas, fazendas da Europa e regalos de Portugal, pelo oiro, prata e dinheiro que traziam do que roubavam, e alguns viveres dos que nos seus campos colhiam, sem attenção ás gravissimas penas em que incorriam, porque o perigo presente os fazia esquecer do castigo futuro; e achando-se em varias devassas que se tiravam, culpados d'este crime alguns e por elle punidos, se não escarmentavam os outros, que a todo o risco conservavam este trato occulto, e em virtude d'elle ficavam seguras as suas casas, e andavam os seus escravos pelas partes a que os enviavam, com os salvos conductos que recebiam dos inimigos em certos signaes ou figuras que respeitavam os seus capitães e soldados para os deixarem passar livres.

33. A calamidade que padecia Pernambuco com esta oppressão dos Palmares, viam e não podiam remediar os governadores d'aquella provincia, sem terem para os expugnar e extinguir o poder que requeria a empreza, já reputada por grande pelas informações que davam alguns escravos, que sendo levados violentamente, viviam forçados, e tiveram a fortuna de lhes escapar e tornar a seus donos. Encareciam o grande numero de gente que tinham produzido, os valorosos guerreiros com que se achavam, a destreza

com que jogavam todo o genero de armas, a fortissima muralha da sua circumvallação, a abundancia dos mantimentos que colhiam; cousas que mostravam poderem aquelles inimigos resistir um largo assedio, e frustrar o impulso das nossas armas, e tudo conduzia a perder a esperança de os expugnar, causa pela qual o que obravam os governadores da capitanía era só dobrarem as penas aos que os communicassem, e pôr em certos sitios algumas estancias com gente que lhes resistisse o transito, opposição incompetente á força do seu grande poder.

34. Porém o governador Caetano de Mello de Castro, julgando generosamente que das mais arduas emprezas se colhem os applausos maiores, tomou esta com tanto empenho que veiu a dar-lhe glorioso fim. Escreveu ao governador e capitão geral D. João de Lencastro, dando-lhe conta da sua determinação, e pedindo-lhe ordenasse ao Paulista Domingos Jorge, mestre de campo dos Paulistas (assim chamam cummummente aos filhos da região de S. Paulo) que com o seu terço, que residia no sertão da Bahia, marchasse para o Porto do Calvo, onde se havia de juntar o exercito da gente que determinava enviar de Olinda e do Recife, e das ordenanças das villas mais prejudicadas e menos distantes dos Palmares. D. João de Lencastro, a quem só agradavam os impulsos grandes, lhe approvou este, e ordenou ao mestre de campo Domingos Jorge que com a maior brevidade caminhasse para aquella empreza ao Porto do Calvo, o que executou com muita presteza, marchando com os seus Indios, capitães e officiaes para aquella villa.

35. Do Pinhancó, onde tinha a sua estancia, caminhou com toda a sua gente de guerra, que seriam mil homens, e atravessando o Urubá, quiz de caminho dar primeiro vista aos Palmares por registar a fortificação dos inimigos, conseguir alguma facção e ganhar a primeira gloria fazendo o ingresso áquella guerra; mas aconteceu-lhe o contrario do que imaginava, porque alojando nos Garanhuns defronte da fortificação, ao terceiro dia da sua assistencia, andando os seus soldados divertidos em colher os fructos de um bananal dos negros, saiu da sua fortificação um grande esquadrão d'elles, e accommettendo aos Paulistas que se ordenaram n'aquelle repente com a melhor forma que poderam, se travou uma batalha em que morreram de ambas as partes mais de quatrocentas pessoas, ficando feridas outras tantas; e seria maior o estrago dos Paulistas, se reconhecendo desegual o seu partido ao numero dos inimigos, se não foram com muito valor e disposição retirando para o Porto do Calvo, onde acharam o exercito que o governador tinha enviado áquella villa.

36. Constava de tres mil homens, que pôde juntar de Olinda, do Recife,

das villas e povoações mais vizinhas, de muitas pessoas ricas que voluntariamente quizeram ir n'aquella expedição, impellidos do proprio valor e da vingança que esperavam tomar d'aquelles inimigos pelos damnos que lhes haviam causado, e de algumas companhias mais luzidas que havia nos dois terços de infanteria paga de Pernambuco. De todo o exercito nomeou por cabo, com o posto de capitão-mór, a Bernardo Vieira de Mello, que da sua fazenda das Pindobas conduzindo muita gente armada, se fôra offerecer ao governador para aquella campanha e conquista. Era homem nobre e valoroso, experimentado na guerra dos negros, havendo logrado algum tempo antes o feliz successo de um choque, em que degolou e captivou um grande troço d'elles, em uma das estancias em que estivera para reprimir as suas invasões; causas pelas quaes Caetano de Mello o elegeu para governar aquella empreza.

37. Juntaram-se mil e quinhentos homens das villas das Alagôas, de S. Francisco do Penedo, das povoações de S. Miguel e Alagôas do Norte, debaixo da conducta do sargento mór Sebastião Dias. Chegaram ao Porto do Calvo, onde estavam já promptos o seu alcaide mór Christovam Lins de Vasconcellos, o capitão-mór Rodrigo de Barros Pimentel, o coronel da nobreza Christovam da Rocha Barbosa, com todas as pessoas principaes e ordenanças d'aquella nobilissima villa, e composto o exercito de toda esta infanteria, que chegava ao numero de seis mil homens, com militar pompa, festivo alvoroço e todos os mantimentos precisos para a continuação de um largo assedio, marcharam para os Palmares.

38. Estão os Palmares em altura de nove graus do norte, no terrestre continente das villas do Porto do Calvo e das Alagôas em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos á primeira. O nome tiveram depois que os negros os possuiram, pelas muitas palmeiras que lhes plantaram. Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de paus altos, lavrados em quatro faces, dos mais rijos, incorruptiveis e grossos que ha n'aquelles grandes matos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma fortissima madeira, com suas plataformas em cima, todas em eguaes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior supposição, e mais de duzentos soldados no tempo de paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças.

39. Por varias partes d'aquella circumferencia havia baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu Zombi era toscamente sumptuoso na forma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, as dez mil de ho-

mens capazes de tomar armas. As que jogavam eram de todos os generos, assim de fogo como espadas, alfanges, frechas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro na sua povoação uma eminencia elevadissima que lhes servia de atalaia, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella registavam com longa vista por dilatados horisontes muita parte das villas e logares de Pernambuco. Tinham uma alagôa que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e poços, a que chamam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar fizeram outras pequenas povoações, chamadas mocambos, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados.

40. Chegou o nosso exercito, e caminhando a desfructar aquellas quintas ou fazendas, as achou já sem fructos nem legumes, porque os inimigos com militar discurso colheram todos os que estavam sasonados, prevenindo-se para o cerco, e destruiram os que no curso d'elle podiam amadurecer e servir á nossa gente; e abandonando os mocambos, se recolheram dentro da circumvallação da sua muralha, unindo n'ella todo o seu poder, com esperanças firmes de triumphar do nosso, que tantos annos os tinha tolerado, estando elles na posse de não serem na sua fortificação accommettidos.

41. Dividido o nosso exercito em varias estancias, se poz na porta do meio o capitão mór Bernardo Vieira de Mello; a do lado direito encarregou ao mestre de campo dos Paulistas Domingos Jorge, e a do esquerdo ao sargento mór Sebastião Dias; os outros cabos foi pondo em torno da muralha; por muitas partes d'ella se pozeram escadas que levavam prevenidas; mas subindo por ellas, eram logo rechaçados pelos inimigos, assim com armas de fogo e frechas disparadas dos baluartes, como de agua fervendo e brazas accesas lançadas pela estacada, de que recebiam os nossos muitas mortes e feridas, pagando-as no mesmo troco aos inimigos que podiam descobrir por qualquer d'aquelles logares, repetindo-lhes os assaltos por todas as partes para os trazerem em tão continua fadiga e desvelo, que lhes podessem enfraquecer o animo e embaraçar a disposição.

42. Continuando-se por muitos dias os combates, foi faltando aos negros a polvora, que não podia ser muita, pois só tinham a que dos moradores seus confederados alcançaram antes de se lhes mover a guerra, da qual não tendo tão anticipada noticia como lhes era precisa, para recolherem os mantimentos necessarios a um dilatado cêrco, já n'elles experimentavam tambem diminuição, mas não na sua constancia, que se augmentava com a porfia do nosso exercito, sobre o qual disparavam tantas nuvens de frechas, e tal chuveiro de armas arrojadiças que faziam parecer escusadas as balas. A

todas resistia a nossa gente; porém havendo batido as muralhas e portas incessantemente com grande copia de fortissimos machados e outros instrumentos, sem effeito algum e com perda de muita gente, pediram ao governador Caetano de Mello de Castro soccorro de soldados e peças de artilheria, entendendo que sem ellas seria impossivel romper a fortificação dos inimigos.

43. A este aviso respondeu o governador que ficava convocando gente e dispondo a carruagem da artilheria, para ir em pessoa soccorrel-os; mas esta noticia não fez cessar nos combates o nosso exercito, á custa dos muitos perigos e descommodos que experimentava, anhelando conseguir aquella empresa, que quanto mais difficil, lhe seria mais gloriosa, posto que conhecia carecer de maiores forças, e serem precisos canhões para bater a muralha. Fazia prevenções de viveres por se lhe irem acabando os que trouxera, e já eram as rações inferiores á necessidade dos infantes, demittindo os cabos as proprias avantajadas porções que aos seus postos eram devidas, em beneficio dos seus soldados.

44. Iam afrouxando os negros, faltos já das armas que lançavam e dos mantimentos que consumiam, não podendo recorrer aos campos, que eram os seus celleiros, para levarem os de que mais ordinariamente se sustentavam, e só se mantinham na esperança de que o nosso exercito não podia permanecer muito tempo no assedio, pela diminuição da gente em que se achava, e pelos descommodos que padecia, poucos costumados os homens, depois da guerra dos Hollandezes, a resistir ás inclemencias do tempo nas campanhas, além de lhes ficarem mui distantes as conducções dos viveres, de que já entendiam que experimentavam falta, discursos em que fundavam a supposição de que se lhes levantaria brevemente o sitio; porém logo o successo, que não premeditaram, lhes mostrou o contrario do que presumiram.

45. Da sua eminencia ou atalaia viram irem-se cobrindo os campos de gado maior e menor, de carros e cargas de cavallos, que das villas do Penedo, das Alagôas e da povoação de S. Miguel caminhavam ao nosso exercito em um grandissimo comboio que lhes chegava, de que começaram a inferir os negros a nossa persistencia e a sua ruina, e totalmente desanimados se empregavam mais no seu assombro que na sua defensa, quando o nosso exercito, com o soccorro dos mantimentos e de alguma gente que os acompanhava, se punha a bater-lhes as portas da estacada com novo alento e tal fortuna, que á força de machados e de braços lhe abriu o sargento mór Sebastião Dias a que lhe tocára, ao tempo que o capitão mór Bernardo Vieira rompia a em que estava, de que fez aviso ao mestre de campo

dos Paulistas, que residindo na outra muito distante, acudiu com incrivel presteza a ser-lhe companheiro no perigo e na gloria.

46. Entraram juntos, encontrando alguma resistencia nos negros, inferior á que presumiram; porque o seu principe Zombi com os mais esforçados guerreiros e leaes subditos, querendo obviar o ficarem captivos da nossa gente, e despresando o morrerem ao nosso ferro, subiram á sua grande eminencia e voluntariamente se despenharam, e com aquelle genero de morte mostraram não amar a vida na escravidão, e não querer perdel-a aos nossos golpes.

47. Todos os outros que ficaram vivos, com o grande numero de mulheres e creanças, em prantos inconsolaveis e clamores excessivos, se renderam. Muitos dias gastou a nossa gente em discorrer pela povoação, onde acharam muitos despojos pobres, sendo o mais importante o das ricas armas de todo o genero, valorosamente exercidas, com grande polimento e asseio tratadas. Fizeram os cabos logo no principio aviso ao governador Caetano de Mello de Castro, a quem os enviados acharam para *partir no* dia seguinte com o grande soccorro que tinha junto no Recife, em que levava dois mil homens e seis peças de artilheria. Recebeu a nova com publicas demonstrações, lançando de palacio dinheiro ao povo, e fazendo depois procissão solemne de acção de graças, posto que estimara mais ter parte na gloria da peleja, fim para que disposera o soccorro que estava para conduzir com a brevidade com que o soube juntar.

48. Foram levados ao Recife os negros, e tirando-se d'elles os quintos pertencentes a el-rei, os mais ficaram tocando aos cabos e soldados, conforme as presas que fizeram quando entraram na sua fortificação. Todos os que eram capazes de fugir e se rebellar, os transportaram para as outras provincias do Brazil, e alguns se remetteram a Portugal. As mulheres e crianças, pelo sexo e pela edade livres d'aquella suspeita, ficaram em Pernambuco.

49. Este fim tão util como glorioso teve a guerra que fizemos aos negros dos Palmares, devendo-se não só o impulso da empresa, mas os meios da execução, ao valor e zelo com que Caetano de Mello de Castro governou a provincia de Pernambuco, de cujo emprego por este, e outros serviços obrados na Ethiopia sendo general dos Rios de Sena, saiu com tantos creditos e applausos, que lhe grangearam o superior logar de vice-rei da India, cargo que exerceu com grandes acertos, deixando em todas as referidas partes uma illustre memoria.

50. Havia até o anno de mil e seiscentos e noventa e seis na Camara da Bahia juizes ordinarios de vara vermelha, como nas outras Camaras das

provincias do Brazil; mas attendendo a ser antigualha indecorosa a uma cidade, cabeça de todo o Estado, que devia ter o predicamento das maiores do reino, em que ha juizes de fóra e corregedores das comarcas, logrando já o Senado da Bahia por mercê do serenissimo senhor rei D. João IV, em provisão de vinte e dois de março de mil e seiscentos e quarenta e seis, os proprios privilegios que o da cidade do Porto, que são os mesmos que tem a Camara de Lisboa, creou a magestade do augustissimo senhor rei D. Pedro II, no anno de mil e seiscentos e noventa e seis, os referidos logares, enviando para ouvidor da comarca (titulo que costumam ter nas terras dos mestrados) ao doutor Belchior de Sousa Villasboas, e por juiz de fóra ao doutor José da Costa Correia, pelos quaes dividiu o officio de provedor dos defuntos e ausentes, que andava em um dos ministros da Relação; e desde então ficaram sendo os juizes de fóra provedores dos ausentes na cidade, e os ouvidores na comarca.

51. Desde este tempo deixaram de fazer-se por pelouros as eleições dos officiaes do Senado da Camara da Bahia, remettendo-se as pautas dos eleitores ao Desembargo do Paço, que se faz na Relação d'ella, e em cada um anno as alimpa e escolhe os vereadores e procurador que hão de servir n'elle, que vão nomeando em provisão passada em nome del-rei. Os novos ministros, ouvidor da comarca e juiz de fóra, tiveram grande trabalho em estabelecer estes logares, e entre si não poucas contendas sobre a jurisdicção que a cada um pertencia; pleitos que se ajustaram, tomando-se conhecimento d'elles e resolvendo-se na Relação. A estes dois ministros se concedeu accesso para os logares da Relação da Bahia, tiradas as suas residencias, e pelo bom procedimento que tiveram nas suas occupações, foram premiados com a toga de desembargadores d'ella; porém nenhum dos seus successores logrou ainda até o presente esta promoção.

52. Na cidade de Olinda, capital da provincia de Pernambuco, e na de S. Sebastião principal da do Rio de Janeiro, introduziu tambem el-rei no mesmo anno o logar de juizes de fóra aos de ouvidores litterarios que já n'ellas havia, e se ficaram fazendo as eleições dos officiaes da Camara na fórma dos da Bahia; porém pela distancia que ha d'estas áquellas praças, foi concedida provisão de sua magestade, para os governadores d'ellas em cada uma, com o ouvidor e juiz de fóra, limparem as pautas cada anno e escolherem os officiaes que n'elle hão de servir, pelo detrimento e móra que haviam de experimentar em se enviarem ao Desembargo do Paço da Bahia. N'este proprio tempo mandou crear em a cidade de S. Christovam, cabeça da provincia de Sergipe, ouvidor da profissão litteraria, enviando a ella com este logar ao doutor Diogo Pacheco, como já tinham mandado

crear o mesmo logar na provincia da Parahyba, pelo doutor Diogo Rangel de Castello Branco.

53. Depois crescendo as povoações de Pernambuco e o numero dos seus habitadores, ficando alguns povos muito distantes da cidade de Olinda, que por este motivo experimentavam grandes descommodos em acudirem a ella com as suas causas, supplicaram a sua magestade fosse servido fazer-lhes outra comarca, dividindo em duas a jurisdicção civil e criminal d'esta provincia. A tão justo requerimento attendendo o serenissimo senhor rei D. Pedro II, mandou crear outra comarca na fórma que pediam aquelles moradores, ordenando que da nova fosse cabeça a villa das Alagôas, e lhe fossem sujeitas para o norte uma povoação chamada Alagôas do Norte e a villa do Porto do Calvo, e ao sul a grande povoação de S. Miguel, a villa de S. Francisco do Penedo e os seus dilatados districtos, elegendo primeiro ouvidor ao doutor José da Cunha Soares. Estes tres ministros, em premio do trabalho com que crearam os referidos logares e do bem que n'elles procederam, occuparam os da Relação da Bahia.

54. No collegio dos padres da Companhia de Jesus da cidade da Bahia falleceu no anno de mil e seiscentos e noventa e sete o reverendissimo padre Antonio Vieira, benemerito filho d'aquella sagrada religião. O seu talento foi ainda maior que o seu nome, com o qual voou por todos os hemispherios a fama elevada pela sua penna. Foi em Portugal prégador dos seus augustissimos monarchas, e da serenissima rainha de Suecia em Roma, cuja sagrada curia o ouviu com admiração, e lhe respondera com o premio de altas dignidades, se a sua religiosa modestia o não obrigara a fugir entre os estrangeiros das honras e logares de que já se livrara entre os naturaes, onde achando na vida e na posteridade as maiores estimações, são ainda inferiores as que tem entre as outras nações, andando os seus escriptos traduzidos e venerados por todo o mundo catholico, com grande gloria do nome portuguez.

55. Muitos annos se duvidou da região em que nascera, passando a contenda d'esta incerteza entre Portugal e o Brazil; e poderão appetecer a fortuna de patria do padre Antonio Vieira todas as cidades do mundo, como as de Grecia pleitearam o serem patria de Homero; mas pela insigne côrte de Lisboa se declarou esta prerogativa, e foi justo que produzisse ao mais famoso orador uma cidade que fundara o capitão mais eloquente; porém não deixou de ficar á da Bahia direito reservado para outra acção, porque vindo a ella o padre Antonio Vieira muito menino, póde litigar se deve tanto a Portugal pela felicidade do horoscopo em que nasceu, como ao Brazil pela influencia do clima em que se creou; se teve n'elle mais dominio a

força do planeta que o poder da educação; problema ou ponto sobre que disputam muitos autores, mais a favor da creação que do nascimento.

56. Cousa digna de reparo é que Bernardo Vieira Ravasco, natural da Bahia, secretario do Estado do Brazil, tão perito n'esta occupação como sciente em muitas faculdades, irmão do padre Antonio Vieira na natureza do sangue e na subtileza do engenho, adoecesse ao mesmo tempo e do mesmo achaque que seu irmão; e fazendo a enfermidade os proprios termos e symptomas em ambos, morressem juntamente, o padre Antonio Vieira primeiro, e Bernardo Vieira um dia depois.

57. Se houveram nascido os dois de um parto, podera algum enganado astrologo seguir a errada phantasia de Possidonio, que attribue nos gemeos esta igualdade, por serem concebidos e nascidos na propria constellação de estrellas; ou algum medico especulativo sentir com Hippocrates, que entende lhes nascem estes effeitos da temperança dos corpos similhante em ambos, da disposição corporal em que se achavam os paes quando os geraram, de se haverem nutrido e creado com os proprios alimentos e com as mesmas aguas; porque se não dão nos dois irmãos, não sendo gemeos, tantas causas intrinsecas, externas e accidentaes para esta igualdade da natureza, se não foi que para tal similhança de effeitos bastou a sympathia do amor.

58. Chegámos aos descobrimentos das portentosas minas do sul, que em riqueza, fecundidade e extensão excedem ás de Ophir, que tantas riquezas deram a Salomão, e tão grande materia aos encarecimentos dos escriptores. Gerou o sol nos embriões da terra do Brazil a profusa copia de oiro que a natureza teve escondida immenso tempo, para saír com numerosos e riquissimos partos no fim do seculo dezesete da nossa redempção, e cincoenta e oito da creação do mundo, podendo ser mais antiga que a do genero humano a d'este precioso metal, pois sendo operação do principe dos planetas, que Deus creou no quarto dia, desde logo poderia (existindo o seu vigor nos seus actos) produzir os seus effeitos dois dias antes do sexto, em que o Senhor fez o homem.

59. Quanto mais se dilatou, tanto mais puro saíu. As pedras preciosas que mais se deteem em madurar nas minas, saem mais perfeitas; as arvores que mais se demoram na producção dos fructos, os dão mais excellentes; e até a superior de todas as espheras celestes tem mais tardo que as outras o seu movimento, a que os astrologos chamam trepidação.

60. Estão as minas do Oiro Preto e do Morro, debaixo do tropico de Capricornio, em altura de vinte e tres graus e meio, e n'ella com pouca differença ficam todas as Minas Geraes, umas para o sul e outras para o

norte, com mais ou menos altura; para o sul as do Rio das Mortes, que em proporcionada phantasia estão em vinte e quatro graus até vinte e quatro e meio; entre estas e as Minas Geraes jazem algumas de menos importancia, como são as de Itatiaia, Itaberaba e outros ribeiros, que por terem menos riqueza teem menos nome. Para o norte ficam as do Rio das Velhas, Sabará-buçu, Caeté, Santa Barbara, Catas-Altas.

61. Por todo o mato que entre ellas ha, correm infinitos ribeiros de menor fama, e poderão ficar, pela mesma phantasia, em vinte e dois graus e meio, pouco mais ou menos. Mais ao norte do Rio das Velhas estão as do Serro Frio, que ficam em vinte e um graus e meio, e quiçá menos, onde se acham muitos ribeiros inferiores. Ainda mais ao norte estão outras minas de pouco porte, chamadas Tucambira, que ficam em dezoito ou dezenove graus, e todos os espaços de umas a outras se acham prenhes de oiro. Para o occidente ficam as minas de Pitanguí com muitos ribeiros, que deram muito oiro e ainda o estão lançando.

62. Descobriram-se no anno de mil e seiscentos e noventa e *oito* as Minas Geraes, as do Oiro Preto, as do Morro, as do Ourobueno, as de S. Bartholomeu, Ribeirão do Carmo, Itacolumi, Itatiaia, Itabira e outras annexas, e os campos em que se fabricam as roças. Estas já nomeadas e outras muitas mais descobriram os Paulistas. Alguns filhos do reino acharam ribeiros de menor valor entre os já descobertos, e o oiro que se tem colhido pelos montes ha poucos annos, descobriram os filhos de Portugal com os seus escravos.

63. A copia de oiro que as minas lançam das suas veias é infinita, e o numero das arrobas que d'ellas se tiram, quasi impossivel saber-se, para poder computar-se; mas é sem duvida o maior que costuma produzir a terra nas partes do mundo em que o sol as cria. É o oiro de grandes quilates, principalmente todo o que se tira nas Minas Geraes, e algum de dentro do mato, que tem vinte e tres quilates, vinte e tres e meio, vinte e tres e tres quartos, chegando algum a vinte e quatro. O oiro do Rio das Velhas os tem inferiores, e muito menos o do Rio das Mortes, porém geralmente nunca descem de vinte e dois quilates.

64. Os grãos e folhetas que se teem tirado, são infinitos e mui differentes no peso e feitio. Entre os muitos que vieram á Bahia, chegou um de cento e noventa e duas oitavas de peso, e visto ao longe parecia uma mão fechada; outros de duzentas e de trezentas representando varias fórmas e figuras. Houve fama constante que se achara um de treze libras. Dos de pesos menores, de vinte até cem, se achou maior quantidade. A fórma d'estes grãos e folhetas é difficil de explicar-se, porque uns são toscamente

LAVAGEM DO MINERIO DO OURO

JUNTO Á MONTANHA DE ITACOLUMI

cias de oiro tão subido, foi a ellas mais como particular que como governa-

redondos, e a estes chamam grãos; outros são chatos, com mais ou menos comprimento, e se dizem folhetas; alguns ha mui crespos e com cracas, outros lisos, e no oiro menos grosso ha tambem a mesma fórma, sendo um muito miudo, outro redondo como grãos de munição, algum liso como pevides de melão, sem differença, e muito como lentilhas. Mas não é geral o achar-se sempre com estas formas entre o oiro commum. Nos ribeiros mais ricos d'este metal se não acha oiro grosso, e onde ha grandes folhetas ha menos oiro, porque é de manchas e se não encontra geralmente.

65. No principio do descobrimento das minas se tirava o oiro fazendo uma cova grande quadrada, com mais ou menos regularidade, a que chamavam cata; e tanto que chegavam a umas pedras, como seixos, chamados cascalhos, que estão assentadas na pissarra, as desfaziam com alavancas, como quem desmancha uma parede, e botando-o com um ferro de feitio de um sacho de bico, a que chamam almocafre, em uma bandeja de pau de dois e meio até tres palmos de boca, que das beiras vai estreitando em fórma pyramidal para o centro, a que chamam batêa, o levam á agua, voltando n'ella a batéa para lançar as pedras fóra, e tantas voltas lhe dão, até que aniquilando a terra e as pedras fica o oiro no fundo ou centro da batêa, donde o botam em uma bacia, e depois o enxugam no fogo para o guardar.

66. Quem tem poucos negros e não lavra em terras proprias, os manda faiscar, isto é, apanhar pelos campos ou montes oiro do que cae aos que o vão tirar. Hoje já se não usa muito de catas, e se tira oiro por mui differente modo, porque mettem aguas em cima dos montes cheios de oiro que ha n'aquelles paizes, e cavando, ou desmontando (como lá se diz) a terra dentro da mesma agua, a leva de sorte, que fica sómente o cascalho em que está o oiro, e este o lavam com a mesma agua em uma fórma de canoas que fazem na pissarra, e mechendo o cascalho com o almocafre onde a agua está continuamente caindo, se vai aniquilando o cascalho, porque a agua o leva, deixando o oiro. Outros carregam os cascalhos e os botam em uma canoa de pau aberta por deante, a que chamam bolinete, e por uma bica está continuamente caindo agua, e mechendo o cascalho ou terra que se lhe bota, onde está o oiro; vae diminuindo e saindo a terra ou cascalho, e fica o oiro no fundo da canoa, na parte onde cae a agua. O modo de tirar oiro com aguas por cima dos montes em canoas na pissarra e em bolinetes foi invento dos filhos de Portugal.

67. Quando se descobriram estas minas governava a provincia do Rio de Janeiro Arthur de Sá de Menezes, e convidado das riquezas e abundancias de oiro tão subido, foi a ellas mais como particar que como governa-

dor, pois não exerceu actos do seu poder e jurisdicção n'aquellas partes, fazendo-se companheiro d'aquelles de quem era superior, e se recolheu para o seu governo levando mostras que o podiam enriquecer, posto que da bondade do seu animo e do seu desinteresse se póde presumir, que foi a ellas menos por cubiça que pela informação que havia de dar a el-rei da qualidade das minas, e da fórma com que os seus descobridores a lavravam.

68. Continuava o governo geral D. João de Lencastro, quando chegou á Bahia a triste noticia de uma das mais lamentaveis perdas que tiveram Portugal e o Brazil no seculo das suas maiores glorias. Não ha na vida gostos que deixem de ser tributarios aos sentimentos, nem vida que possa prometter durações no tempo. Em rasão e fóra d'ella colhe os seus fructos a morte. Tão distante lhe fica a elevação da soberania como o profundo da humildade; sempre é tyrannia, porém algumas vezes tem mais circumstancias de cruel. Tal se mostrou no intempestivo e mortal golpe com que feriu e prostrou a serenissima senhora D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo, inclita e augustissima rainha de Portugal.

69. Falleceu aos quatro de agosto do anno de mil e seiscentos e noventa e nove, havendo nascido em seis do proprio mez no de mil e seiscentos e sessenta e seis, com poucos de duração e de reino; porque trinta e tres de edade foram diminutos para a importancia da sua vida, e doze de imperio breves para as felicidades da monarchia. Contou em poucos lustros as prerogativas pelos dias, e as virtudes pelas horas; não se ausentou sem nos deixar firme a successão real, e brilhante a esphera portugueza com uma constellação de muitas estrellas que resplandecem em o nosso hemispherio, passando a coroar-se no Empyreo, e deixando descendencia digna de todas as corôas da terra.

70. Foi filha do serenissimo principe Filippe Wilhelmo, conde eleitor palatino, duque de Neoburgo e de outros dilatadissimos Estados e dominios que possuiram seus altos progenitores, potentados soberanos em Allemanha. Era filho do serenissimo principe Wolfango Wilhelmo, duque de Neoburgo, e da serenissima princeza D. Magdalena, filha de Wilhelmo, duque de Baviera, contando sua alteza eleitoral nos seus soberanos avós paternos e maternos, pelas linhas palatina e bavarica, muitos diademas e corôas ducaes e imperiaes, que são as fontes da soberana nobreza d'aquella nobilissima região, patria de heroes famosos, principes grandes e generosos monarchas.

71. Teve por mãe dignissima a princeza D. Isabel Amelia Magdalena, filha do serenissimo principe Jorge Landgrave de Hesse, por cujas veias

correu o sangue dos maiores potentados e soberanos de Allemanha, e pela varonia hessiatica o de Ludovico o Pacifico, que recusou a suprema dignidade imperial em que fôra eleito, e da princeza D. Sophia Leonor de Saxonia, filha do serenissimo João Jorge, duque de Saxonia, cujos altos ascendentes se intitularam reis nos primeiros seculos até ao nono, em que foi o ultimo rei o grande Witikindo. A todo este compendio de monarchas condecorou a nossa augustissima rainha na vida e na posteridade, e dando-lhe Deus em premio de innumeraveis virtudes maior imperio, a levou para si, deixando na sua monarchia a mais illustre memoria, e nos seus vassallos as mais bem nascidas lagrimas.

72. Passou a Portugal no anno de mil e setecentos D. João Franco de Oliveira, que deixou a mitra metropolitana do Brazil pela diocesana de Miranda. Era clerigo do habito de S. Pedro, bispo de Angola, donde foi promovido a esta metropole, que governou oito annos (desde o de mil e seiscentos e noventa e dois) com muito fervor e grande independencia. Foi franco no appellido e no animo, soccorrendo com tanta grandeza como piedade as ovelhas pobres do seu arcebispado; todas achavam n'elle abrigo e correcção, punindo as suas culpas com o proprio cuidado com que acodia ás suas necessidades. Fez um governo plausivel e justo, irmanando o rigor com o agrado, de forma que os que recebiam d'elle os premios ou os castigos, todos ficavam satisfeitos; tão poderosa é a justiça quando se tempera com a brandura; por estas qualidades deixou tantas memorias como saudades na Bahia.

73. No mesmo anno chegou a ella Antonio de Saldanha por capitão de mar e guerra da nau Sereia, para com o mesmo posto na de Nossa Senhora de Bettencourt, que estava no estaleiro, navegar a Goa a juntar-se com Henrique Jacques de Magalhães, que um anno antes tinha passado á India por general de uma armada expedida á restauração de Mombaça, cidade na Ethiopia, em altura de tres graus ao sul, que ganhámos no vice-reinado de D. Francisco de Almeida, e perdemos no de Antonio Luiz, estando já algum tempo antes do seu governo combatida e sitiada a nossa fortaleza por aquelles mouros que depois a tomaram. Este soccorro que podia conduzir-se da Bahia, tinha facilitado a el-rei o governador D. João de Lencastro, e acceitando-lhe a proposição, lhe ordenou que o enviasse, e posto que D. João achasse mais difficuldades na execução das que imaginara no arbitrio, a todos superou o seu zelo incançavel e animo constante.

74. Com o maior fervor principiou a juntar gente, offerecendo-se voluntarias muitas pessoas, assim das naturaes como de partes diversas. Grande numero de presos que se achavam com delictos em que o exterminio

podia ser o menor castigo, pediram os enviassem n'aquella occasião para a India, querendo lograr não só o terem eleição do logar do seu degredo, mas o alcançarem a gloria que todos iam buscar. Muitos soldados luzidos dos dois terços do presidio, anhelando occasiões de mostrarem o seu valor, não quizeram perder esta, e rogaram a D. João de Lencastro os enviasse n'aquelle soccorro. De toda esta gente se formaram muitas companhias, e a despeza de duas fez o Senado da Camara da Bahia, com a grandeza e luzimento com que costuma concorrer para todas as acções do serviço del-rei e augmento da monarchia; e com as que trazia a nau Sereia, de que vinha nomeado João da Maia da Gama por capitão de mar e guerra para acompanhar a nova nau n'aquelle soccorro, se fez um numero grande de soldados, cabos e officiaes.

75. Lançou-se do estaleiro a nau com felicidade ao mar, onde se lhe fizeram as obras que lhe faltavam para sua cabal perfeição, e ficou um dos mais formosos baixeis que viram os mares da America e Asia. Trabalhava o governador nos aprestos de ambas, e da infanteria, cabos e officiaes com tão generoso animo, que sem attenção á sua real ascendencia proveu a seu filho D. Rodrigo de Lencastro no posto de segundo capitão tenente, de que se escusara na Bahia, por não querer passar á India, Antonio André, que de Lisboa viera provido n'elle. Fazia toda a prevenção dos mantimentos para a viagem e de todos os aprestos para a expedição, quando na manhã de um claro dia, por desattenção que houve em uma salva, se ateou o fogo em a nau Sereia com tão irremediavel incendio que se não pôde extinguir, porque pegando logo nas amarras, foi levando a nau para o meio do golfo, lançando-se a nado alguns marinheiros e officiaes nauticos que n'ella se achavam.

76. Andou vagando sobre as ondas por toda a enseada da Bahia ardendo em chammas aquelle maritimo tronco ou Etna portatil, vomitando incendios não sobre a terra, mas sobre os mares, e annunciando alguma fatalidade a conjunção de dois contrarios elementos. Assim permaneceu, até que de todo se abrazou. O contratempo d'esta perda causou sentimento, não desmaio a D. João, que logo elegeu um patacho de invocação Santa Escolastica, o melhor que havia no porto da Bahia, então falto de embarcações por haver partido a frota para Portugal muito antes de chegar a ordem para o soccorro de Mombaça. Fizeram-se-lhe varias obras para a pôrem em forma de nau de guerra e capaz de artilheria grossa, e da gente com que havia de ser guarnecida e entregue ao referido capitão de mar e guerra João da Maia, que pela patente que trazia para succeder a Antonio de Saldanha na Sereia, lhe tocava esta segunda embarcação que se prevenia.

77. Promptas as naus, e com todas as cousas necessarias para uma tão larga viagem, sendo já entrada a monção de partirem para a India, se fizeram á vela. Saíu a maior com vistosa ostentação, cortando soberbamente os mares, e com não menor ufania a seguiu a segunda; mas esta a poucos passos ou bordos antes de montar a barra de Santo Antonio, por força do fado, ou por má arrumação da nau, pendendo toda para um lado se deitou no mar, que entrando-lhe, logo a metteu a pique, sem se lhe poder valer de terra, nem acudir-lhe a outra nau que ia já mui velejada, posto que ainda pôde ver de longe este espectaculo, e com a pena d'elle proseguiu a viagem. Da gente que ía na que se perdeu se lançou alguma ao mar, escapando a nado com o seu capitão de mar e guerra João da Maia; porém a maior parte pereceu, saíndo muitos corpos mortos pelas praias, porque o repentino naufragio, não previsto, lhes não dera tempo para prevenirem os meios de se salvarem. Foi este objecto lastimoso á cidade, acontecendo quasi á vista d'ella este estrago.

78. Continuando a sua derrota a nau Nossa Senhora de Bettencourt com felicissima viagem, sem outro susto nem cuidado mais que o sentimento da perda da companheira, chegou aos mares da India; porém não podendo tomar a cidade de Goa, navegou ao norte e surgiu na de Baçaim, em que invernou, e chegada a monção partiu para a cabeça do Estado, onde achou já desvanecida a empresa de Mombaça, assim por ser fallecido o general Henrique Jacques de Magalhães, como por outras causas que não pertencem á nossa historia; mas sim o fim que teve a nossa nau, a qual alcançou tambem o infortunio de que a primeira desgraça da nau Sereia fôra presagio; porque depois de estar alguns mezes surta na barra de Goa, admirada de uns estrangeiros que a foram ver, havendo descuido em lhe deixarem fechadas as portinholas, e sobrevindo a noite com uma tempestade que fez dar á costa algumas embarcações, entrando-lhe as ondas furiosas pelas portinholas abertas a metteram a pique.

79. No anno de mil e setecentos e um chegou á Bahia a nau da India, trazendo ao vice-rei Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, almotacé mór do reino, que voltava de reger aquelle Estado, depois de haver governado o do Brazil, ambos com tantos acertos quantas eram as virtudes de que se compunha o seu grande talento, por muitos titulos admiravel. Vinha enfermo de achaques não só proprios dos annos, mas das fadigas, contrahidos em climas estranhos e dilatadas navegações, os quaes se aggravaram n'esta viagem, e chegou com maior perigo da vida do que se imaginava, porque o natural vigor do seu alentado animo o teve ainda alguns dias fóra do leito.

80. Pousou em casa do governador e capitão geral D. João de Lencastro, que não permittiu fosse para outra que lhe tinha adereçada um dos mais obrigados amigos que deixara na Bahia, porque álem do amor de D. João pelas razões com que se tratavam de parentesco e amizade, o pediam assim o primor e correspondencia de haver sido hospede de Antonio Luiz, quando viera de governar o reino de Angola a embarcar-se para Lisboa. Cresceu o mal, e não aproveitando os remedios, entregou a vida ao inevitavel golpe da morte, com os signaes e actos de christão que sempre mostrara em todas as suas acções. A Bahia, que lhe dera throno em outro tempo, lhe deu agora sepultura. Tão pouca demora e distancia ha do zenith da vida ao ocaso da morte, do dominio ao sepulchro! Foi com sumptuosa pompa sepultado no collegio dos padres da Companhia de Jesus.

81. Era Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, por varonia, da familia de Camara, tão esclarecida como dilatada, porque comprehende muitas casas do reino, grandes por titulos e por estados. Serviu nas guerras, e se achou na restauração da cidade de Evora, e em outras importantes occasiões com empregos competentes. Ajustada a paz, foi enviado ao governo de Pernambuco e logo promovido ao da Bahia; depois escolhido para o superior logar de vice-rei da India. Em todas estas grandissimas occupações só no serviço real e no bem commum achava interesse. Foi em summo grau independente, até em cousas minimas em que não podia haver sombras de escrupulo, nem quebras de capricho ou de opinião, e de todos os governos sairia ainda com maiores applausos, se a sua inteireza não peccara em severidade.

82. No seguinte anno de mil e setecentos e dois succedeu o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide a D. João Franco de Oliveira na metropole, que largou, deixando a oliveira o terreno á vide, para que com ella fosse o Brazil mais propriamente vinha do Senhor. Do muito que floresceu e fructificou em todo o seu arcebispado daremos mais larga noticia a seu tempo. N'este acabou o governo de D. João de Lencastro, depois de o haver exercido com incançavel cuidado e fervoroso zelo em grande serviço del-rei e muito augmento do Estado, por espaço de mais de oito annos.

83. Succedeu a D. João de Lencastro no posto de governador e capitão geral do Brazil D. Rodrigo da Costa, nobilissimo ramo do tronco d'este appellido, benemerito da fama e grato á patria, que já nas campanhas, já no valimento dos reis, teve heroes dignos de uma perduravel memoria. Tinha governado a ilha da Madeira com taes acertos, que pareceram filhos de annos maiores, sendo natureza na sua pessoa aquillo que em outras fôra experiencia. Com as mesmas virtudes governou o Brazil e depois a India,

sem haver n'estes dois grandes Estados cousa poderosa a lisonjear-lhe a vontade, ou a fazer pendor á inteireza da sua independencia, tão rigorosamente observada que nenhum accidente a fez parecer menos austera, nem nos mesmos agrados com que tratava os subditos dos seus governos, nos quaes deixara sempre venerações e saudades.

84. Da Nova Colonia do Sacramento fez aviso a D. Rodrigo da Costa, no anno de mil e setecentos e tres, Sebastião da Veiga Cabral que tinha o governo d'aquella praça (em que succedera a D. Francisco Naper de Lencastro), que os Hespanhoes de Buenos-Ayres juntavam um numeroso exercito para irem brevemente sitiar a nossa fortaleza, onde se achava com muitas obras imperfeitas e sem outras precisas para a sua defensa, e lhe pedia soccorro de soldados e mantimentos, com a presteza que requeria a vizinhança do perigo, porque se prevenia para um largo cerco. A mesma noticia deu a D. Alvaro da Silveira de Albuquerque governador do Rio de Janeiro, significando-lhe a necessidada em que se achava do soccorro que pedia.

85. D. Rodrigo da Costa, que não carecia de estimulos para obrar acções proprias do seu animo e da sua obrigação, mandou logo aprestar uma nau das mais capazes que se achavam no porto da Bahia, intitulada Nossa Senhora da Annunciação, e prevenir duas companhias das mais luzidas dos dois terços de infanteria do presidio, reenchendo-as com soldados escolhidos até completar o numero de duzentas praças em ambas, além dos cabos e officiaes. Era capitão de uma Luiz Tenorio de Molina, que depois foi sargento mór, e da outra Manuel de Moura da Camara, que ia, como mais antigo, por capitão de mar e guerra da nau. N'ella mandou metter o governador D. Rodrigo da Costa grande copia de bastimentos e viveres, assim para a viagem como para o soccorro da colonia, e com incrivel brevidade fez pôr tudo prompto, e sair a embarcação com grandes jubilos dos soldados que partiram, e inveja dos que ficavam.

86. Ao mesmo tempo que a nau do nosso soccorro ia saíndo pela barra da Bahia, vinha entrando por ella outra das Indias de Hespanha, que correndo longa tormenta e fazendo muita agua, falta de mantimentos, aguada e petrechos para proseguir a sua larga viagem, buscava o nosso porto para se valer do nosso auxilio; com que dividida em duas facções a America castelhana, uma caminhava ao nosso damno, outra solicitava o nosso amparo. Não faltaram pessoas de supposição que aconselhassem ao governador D. Rodrigo da Costa o fazer presa n'aquelle navio, cuja riqueza poderia recompensar a despeza que fez o soccorro, e a ruina que experimentasse a colonia. Porém D. Rodrigo obrando heroicamente, mostrou que mandava

castigar aos atrevidos, e amparava aos necessitados; porque nos animos generosos é tão sagrada a hospitalidade, que se não nega aos proprios inimigos.

87. Publicando gravissimas penas a qualquer pessoa que fosse ao navio hespanhol ou tivesse com a sua gente trato algum, lhe concedeu faculdade para mandar buscar á terra por seus justos preços tudo o que lhes fosse preciso, assim de madeiras e enxarcias para o concerto da embarcação, como de mantimentos, refrescos e aguada para a viagem, nomeando pessoas notoriamente livres de suspeita para lhos ministrarem, e fazendo-a brevemente dar á vela, com admiração dos seus cabos e da sua gente pela generosidade do governador D. Rodrigo da Costa no procedimento que com elles tivera, tanto mais digno de assombro, quanto menos lho mereciam com a guerra que nos faziam os seus naturaes na Nova Colonia; accidente de que não tiveram noticia antes de entrar na Bahia, e bastara para os podermos reputar como inimigos.

88. Com boa viagem chegou o nosso soccorro á barra do *Rio de Janeiro*, onde o esperava o que tinha prevenido aquelle governador em outra nau, e juntas navegaram para a Nova Colonia. Chegando a ella, foram recebidos do governador Sebastião da Veiga Cabral, dos seus cabos e soldados com aquelle alvoroço com que o temor se costuma diminuir repartido pela sociedade de muitos companheiros. Logo se applicaram todos ás fachinas, fossos e baluartes que já tinha mandado principiar Sebastião da Veiga Cabral pelos seus soldados e moradores, e brevemente se viram crescer as fabricas de sorte que já tinham mais que vencer os inimigos na expugnação da nossa praça; porém não desistiam da empreza, e só se tinham demorado por conduzirem maior exercito, mais peças de artilheria, mais instrumentos para a expugnação e conquista da nossa fortaleza.

89. As espias e sentinellas que Sebastião da Veiga Cabral trazia pela campanha, lhe levaram aviso de terem descoberto o exercito inimigo, e que se achava já perto; noticia que causou varios effeitos nos animos, de temor e de alento: porém Sebastião da Veiga, os cabos e soldados valorosos que tinha, bastaram a desterrar o receio aos timidos moradores. Foi logo apparecendo formado o exercito; constava de sete mil infantes, entre os quaes havia muitos esquadrões de cavallaria, e peças grossas de boa artilheria que jogavam ballas de grande calibre; o trem e bagagem eram proporcionados áquelle corpo. Trazia por commandante ao sargento mór de batalha Balthasar Garcia, subalterno do seu general, que não quiz achar-se na empresa. Com militar pompa, ao som de bellicos e festivos instrumentos alojaram á vista da nossa praça.

90. Imaginavam os inimigos que lhes não faria larga resistencia a nossa fortaleza, porque faltando-lhe os soccorros que tinha mui distantes, e os mantimentos que não podia colher da campanha de que elles estavam senhores, se renderiam brevemente. Porém vendo que recolhidos os moradores ardiam as casas que tinham por fóra da muralha, ás quaes mandara pôr fogo Sebastião da Veiga; e que lançando á campanha duzentos e oitenta cavallos e saindo do seu exercito alguns soldados a utilisar-se d'elles, os acharam jarretados, entenderam ser a resolução da nossa gente diversa da que suppunham.

91 Mandou o seu commandante uma embaixada a Sebastião da Veiga a persuadil-o largasse a fortaleza, porque vinha a tomar posse d'ella, protestando as mortes que do contrario se haviam de seguir em ambas as partes. Sebastião da Veiga respondeu, com o desafogo e galanteria propria do seu valor e natureza, tratasse aquelle negocio por obras e não por palavras; que o gosto que recebia com a vinda do exercito, lho pensionava a falta do general; e emquanto á perda de vidas, os Portuguezes nunca duvidaram perdel-as contra os Castelhanos; que as do seu exercito e todas corriam por conta da consciencia de quem movia aquella injusta guerra.

92. Foi o exercito inimigo com os seus ataques chegando á nossa fortaleza. Fizeram os seus aproches com tenção de abrirem minas, impulso que lhes prevenimos fazendo contraminas e reparos para lhas frustrar. Assentaram a sua artilheria apezar dos tiros dos nossos canhões e mosquetes, que lhes matavam muita gente; porém era tanta a d'aquelle exercito, que se não notava a falta, nem o trabalho se suspendia. Concluidas brevemente as suas fortificações e baterias, principiaram logo os assaltos com tanto furor como estrondo, tendo a nossa gente em arma sem descançarem uma hora entre noite e dia, rebatendo-os e rechaçando-se com incomparavel valor. Eram seiscentas as pessoas que se achavam dentro da nossa fortaleza, entre soldados e moradores que a ella se recolheram, deixando as casas da povoação; mas só quinhentas capazes de pelejarem, e pela sua constancia menos sobrariam a triumphar de tantos inimigos, se tiveram os mantimentos que bastassem a sustentar o mais largo assedio.

93. Eram successivas as baterias, repetidos os assaltos por diversas partes, e por todas, entre densas nuvens de fumo, só distinguiam os olhos relampagos do fogo, e só sentiam os ouvidos trovões da artilheria. A constancia dos animos competia com a dureza das muralhas, e o estrago era incentivo do valor; porém com maior damno nos inimigos, em cuja multidão faziam melhor emprego os nossos tiros que na nossa fortaleza as suas balas. Com cento e cincoenta e duzentas a batiam os mais dos dias, e por continuas

eram já tão desprezadas dos nossos que nem o perigo lhes dava estimação.

94. Algumas pessoas da nossa gente mataram, outras feriram; porém os animos todos entregues ao furor não davam logar á lastima. Era tão reciproca da nossa parte a bateria, e com tanta differença na vantagem, que mais certas as pontarias dos nossos mosquetes e canhões derribavam os inimigos, de sorte que parecia haverem aberto os seus ataques para sepultura dos seus soldados; mas nem á vista do seu estrago se moderava a sua constancia.

95. No mar (para que este elemento não deixasse de concorrer á consternação dos outros) andava a luta egualmente enfurecida e porfiada entre as suas e nossas naus, balandras e sumacas, mas com varia fortuna de ambas as partes, posto que com maior resolução da nossa. Algumas vezes as seguimos até o seu porto de Buenos-Ayres, outras nos iam ellas buscar ao da Nova Colonia, havendo algumas presas e perdas de embarcações suas e nossas. Porém vendo os Castelhanos que pela situação da nossa praça lhes era preciso apertar tambem por mar o cêrco, mandaram conduzir dos seus portos mais navios, a que as nossas embarcações não podiam resistir por serem então só duas sumacas, que se recolheram ao abrigo da fortaleza, defendidas da nossa artilheria.

96. Duravam os combates e o cêrco, e crescia de ambas as partes a porfia, porém já menos vigorosa na dos inimigos, pelos muitos homens que tinham perdido, mortos ao nosso ferro; e querendo dar algum descanço aos vivos, se retiraram da nossa fortaleza a tiro de canhão, deixando sem exercicio os ataques e parando com os aproches. Vendo o governador que se haviam retirado mandou arrasar e desfazer todas as fabricas e machinas das suas baterias e fortificações com tal valor e diligencia, que em poucas horas lh'as desbarataram os nossos soldados. Determinavam os inimigos render a nossa praça só por fome, entendendo que nos não podiam durar muitos dias os mantimentos; e não se enganavam, porque pela sua falta eram já tão escassàs as rações que não podiam sustentar as vidas. Por esta causa, pelos descommodos e trabalhos da guerra, se achavam na fortaleza além dos feridos outros enfermos, cujo mal se aggravava com a falta do necessario para os doentes, fazendo irremediavel o perigo de todos.

97. Do aperto e consternação em que se via a nossa gente por falta de viveres, fez Sebastião da Veiga Cabral aviso á Bahia e ao Rio de Janeiro, segurando que os animos dos seus cabos e soldados não desfalleciam no perigo, e só receava podesse rendel-os a necessidade. Pedia lhes mandassem soccorro com a brevidade que requeria o estado em que a praça se achava.

O governador e capitão geral D. Rodrigo da Costa, louvando-lhe a constancia, valor e disposição com que até aquelle tempo a tinha defendido, lhe ordenou que nos navios que mandava ir do Rio de Janeiro, embarcasse a gente, armas, peças de artilheria e todas as cousas mais dignas de se pôrem em salvo, e deixando em chammas a fortaleza, se recolhesse ao Rio de Janeiro.

98. Chegaram as naus, e como não levavam outra resolução, conduziam tão poucos viveres que apenas poderiam bastar para a viagem; e não vendo Sebastião da Veiga remedio algum a poder sustentar a praça, depois de haver feito na sua defensa provas grandes de famoso capitão, e terem os cabos e soldados obrado em facções e pelejas continuas actos de valor heroico, tratou de seguir a ordem que tivera do governador e capitão geral D. Rodrigo da Costa. Os inimigos imaginando que nas embarcações nos fôra soccorro com que podessemos continuar a resistencia, as mandaram combater pelas suas, de que resultou novo conflicto naval de mais estrondo que effeito, porque retiradas as naus contrarias, cessou a peleja.

99. Applicava Sebastião da Veiga toda a diligencia na execução da ordem do capitão geral, fazendo embarcar a artilheria, menos seis peças de grande calibre que deixou encravadas, por falta de apparelhos para as transportar; e mandando metter nos navios não só o precioso, mas tudo o que havia de consideração na praça, com as imagens e cousas sagradas e todos os soldados e moradores, se embarcou, deixando ateado na fortaleza um terrivel incendio, que os nossos viam do mar com magoa, e da campanha os contrarios com horror.

100. Saíram do porto da Colonia e brevemente chegaram ao Rio de Janeiro como triumphantes; pois com tão pouco poder e sem o preciso para o sustento ordinario, não só faltos de regalos, mas até do necessario, padecendo já grandes fomes e muitas enfermidades, resistiram constante e valorosamente por mais de seis mezes em combates continuos a tanto numero de inimigos destros, porfiados e abundantes, por estarem senhores do campo e de todas as suas producções e serem providos de Buenos-Ayres incessantemente, matando-lhe a nossa gente a melhor do seu exercito nos assaltos que nos davam e nas sortidas que lhes faziamos. Os soldados de soccorro, que em duas companhias tinham ido da Bahia, vieram com Sebastião da Veiga Cabral, o qual d'ella se embarcou para Lisboa, e nas guerras proximas do reino com muitos creditos occupou grandes postos, justamente conseguidos do seu merecimento.

101. A monarchia de Hespanha, grande entre as maiores de Europa, respeitada nas mais remotas do mundo, e só infeliz em não lograr a pri-

mogenitura real dos seus augustos monarchas, tantas vezes repetida quantas mallograda nos principes naturaes que houveram de tirar a pretensão d'aquella corôa aos estrangeiros, agora se achava na maior consternação pelas enfermidades do seu rei Carlos II, que não tinha descendencia, nem promettia duração. Era o direito e opposição entre a augustissima casa de Austria e a christianissima de França, inclinando-se a cada uma d'estas soberanas partes os principes, republicas e potencias de Europa, pelos interesses particulares e publicos dos seus Estados e das suas nações; e emquanto entretinha Carlos a vida (que estava acabando por instantes), só se tratava entre os pretendentes e os seus parciaes de ligas e projectos, conforme a conveniencia de cada um ou a necessidade de todos.

102. N'estas disposições fallecendo logo el-rei Carlos II, teve formas para se introduzir com maior presteza em Madrid (côrte d'aquelle imperio) o duque de Anjou, filho segundo do delphim e neto do christianissimo Luiz XIV, rei de França, e da serenissima D. Maria Thereza, infanta de Hespanha, filha del-rei Filippe IV (pae de Carlos), e coroado com o nome de Filippe V, *foi* obedecido em Castella; posto que muita parte dos grandes e dos povos, reconhecendo o direito do serenissimo senhor Carlos III, filho do senhor imperador Leopoldo I, seguissem a sua voz, uns descoberta e outros occultamente, esperando que passasse a Hespanha para lhe pôrem a corôa como direito descendente em graus proximos e repetidos das augustissimas casas de Austria e Hespanha.

103. Lograva Portugal as utilidades de uma bella paz, quando as nações do Norte se consumiam com prolixas guerras, tomando muitos d'aquelles principes por arbitro das suas pretensões e contendas ao senhor rei D. Pedro II, pela neutralidade em que se achava. É a indifferença do procedimento neutral sempre condemnada, mas não sempre nociva, porque, se foi util a muitos monarchas nas contendas dos seus vizinhos declarar-se por uma das partes, a outros foi prejudicial não se conservarem neutraes.

104. João d'Albret, rei de Navarra, o experimentou nas guerras de Fernando V, rei de Hespanha, com Luiz XII, rei de França; Jacob o IV, rei de Escocia, nas de Francisco I de França com Henrique VIII de Inglaterra; Carlos, duque de Lorena, nas de Luiz XIII de França com Fernando II, imperador de Allemanha; e o trazer de fóra estranhos é tão perigoso, que Ludovico Sforza, por metter os Francezes em Napoles, perdeu Milão. É notorio o que aconteceu aos imperadores Valente e Honorio quando se arrojaram a chamar aos Godos; aos Inglezes quando se fiaram dos Saxonios, e aos de Babylonia quando convidaram a Saladino; porém eram tantas as razões que faziam ao senhor rei Carlos III connatural da nação lusitana,

quanto repetidas as ascendencias que tem do real sangue portuguez; pois (deixando outros muitos graus de parentescos mais remotos) quatro serenissimas infantas de Portugal concorreram com o seu regio sangue para o esplendor das soberanas casas de Flandres, Austria e Castella.

105. A senhora D. Isabel, filha del-rei D. João I, foi esposa de Filippe III, conde de Flandres e duque de Borgonha, dos quaes nasceu o valoroso duque Carlos o Bravo; a senhora D. Leonor, filha del-rei D. Duarte, consorte do imperador Frederico III, archiduque d'Austria, e foram paes do imperador Maximiliano I; a senhora D. Isabel, filha do infante D. João, esposa del-rei D. João II de Castella, dos quaes foi filha a rainha D. Isabel a Catholica; e outra tambem D. Isabel, filha del-rei D. Manuel e consorte de Carlos V, imperador de Allemanha e rei de Hespanha, de quem nasceu el-rei D. Filippe II. De todas as quatro linhas que saem d'esta real circumferencia, é centro o senhor rei Carlos III, alem de ser filho da senhora imperatriz D. Leonor Magdalena Thereza, irmã da nossa serenissima rainha a senhora D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo.

106. Este concurso de causas fazia tão precisa a união do amor e dos interesses das duas augustas casas lusitana e austriaca, que o senhor rei D. Pedro, negando a Filippe V a continuação da paz que lhe pedia (estabelecida entre as corôas portugueza e castelhana), lhe declarou e fez logo guerra; esperando com real jubilo e com geral applauso de todos os seus vassallos ao senhor rei Carlos III, para na defensa do seu direito á successão de Hespanha empenhar todas as forças da sua monarchia, tendo pela maior gloria e triumpho do seu poder o dar auxilios a um principe tão soberano; e o mesmo impulso foi geral em todos os seus subditos naturaes, como mostraram nos conflictos e batalhas, sabendo reputar por proprias do seu rei as conveniencias do senhor Carlos III, dando por ellas na campanha as vidas, e perdendo voluntariamente as fazendas nas hostilidades e despezas da guerra.

107. Chegado o serenissimo senhor rei Carlos III a Lisboa, se foi a guerra enfurecendo nas campanhas de Portugal e Castella; e na maior porfia de umas e outras armas teve este monarcha aviso de que o principado de Catalunha o esperava para seguir o seu partido e lhe dar obediencia. Embarcou-se com pouco sequito de naus, fiando do seu valor todos os triumphos, e chegou felizmente á cidade de Barcelona, que o acclamou por seu conde, principe de Catalunha, rei de Aragão e de todos os grandes dominios d'aquella corôa, que se unira a dilatar o circulo da de Castella pelo casamento dos reis catholicos Fernando e Isabel.

108. Ao mesmo tempo o nosso exercito e os da liga, governados pelo

excellentissimo marquez das Minas, seu generalissimo, penetrando o mais interior de Hespanha, entrou em Madrid, onde fez o marquez em solemne acto e publico theatro acclamar rei ao senhor Carlos III, tomando em seu nome preito e homenagem a todos os tribunaes e pessoas de maior supposição d'aquella opulentissima côrte, com repetidos vivas do povo; e com os mesmos applausos estava el-rei Carlos em Saragoça (côrte de Aragão) recebendo as homenagens e a corôa d'aquelle reino.

109. Ia o furor marcial continuando em cada uma das duas contrarias partes, com grande esforço e sorte varia em ambas, umas vezes ganhando, outras perdendo, por ser a guerra Jano de dois rostos e Protheu de muitas formas, emprego em que mais que outro algum mostra as suas inconstancias a fortuna; porque sendo, por fallecimento do senhor imperador José, el-rei Carlos III eleito imperador, sexto do nome, passou de Catalunha á Allemanha.

110. Com a sua ausencia desmaiados os Hespanhoes que seguiam o seu partido (por lhes faltar o espirito que os animava), foram desfallecendo de forma que póde apoderar-se el-rei Filippe V de todos os reinos d'aquella monarchia, de que está de posse; porém ficou a sua corôa sem as preciosas pedras dos ricos dominios que tinha em Italia, porque os reinos de Napoles, Sicilia e o Estado de Milão, que seguiram a voz de Carlos, ficaram sempre na sua obediencia, como no Mediterraneo o reino de Sardenha, que deu ao serenissimo duque de Saboia com o titulo de rei.

111. O oiro das Minas do Sul foi a pedra iman da gente do Brazil, e com tão vehemente attracção, que muita parte dos moradores das suas capitanías (principalmente da provincia da Bahia) correram a buscal-o, levando os escravos que occupavam em lavouras, posto que menos ricas para a ostentação, mais necessarias para a vida, se a ambição dos homens não trocara quasi sempre o mais util pelo mais vão. Da sua ausencia se foi logo experimentando a falta na carestia dos viveres e mantimentos, por haverem ficado desertas as fazendas que os produziam, como Hespanha experimentou e ainda hoje sente com a prata das suas Indias, pois por este interesse abandonando as patrias e domicilios os seus naturaes, deixaram despovoada grande porção d'ella, vendo-se ainda hoje muitas cidades, villas e logares sem o numero de gente e commercio que em outro tempo tiveram, e muitas terras quasi ermas, quando de se não lavrarem os campos e de se diminuir o negocio de outras mercadorias, se segue o maior prejuizo aos direitos e rendas reaes dos principes e monarchias.

112. Mas não é este só o damno que padece o Brazil; outro maior mal lhe ameaça a ultima ruina, porque comprando as pessoas que vão para as

Minas do Sul, e outras que d'ellas vem a este fim, por excessivos preços escravos do gentio de Guiné, que se conduzem da Costa de Africa, e carecendo de muitos as fabricas das canas e dos engenhos, se foi diminuindo a cultura do assucar, de forma que alguns dos senhores d'estas propriedades, não tendo negros com que as beneficiar, nem posses para os comprar pelo grande valor em que estão, as deixaram precisamente, e só as conservam alguns poderosos que se acham com maiores cabedaes.

113. Outros as continuam na forma que podem, por dar satisfação ou contemporisar com os seus credores, experimentando n'ellas mais trabalho que utilidade, pois para sustentar-se e pagarem umas dividas, vão contrahindo outras, sem esperança de se verem jámais desempenhados, resultando da sua impossibilidade ser menos o numero das tarefas de canas que se cultivam nas fazendas, e muito inferior o dos pães de assucar que se obram nos engenhos, sendo esta a maior manufactura e interesse do Brazil, com a qual chegara a tão grande nome e opulencia todo o Estado.

114. Informado d'este prejuizo o senhor rei D. Pedro, foi servido mandar prohibir o transito dos escravos da Bahia para as Minas, com tão apertadas ordens, que sobre outras leis penaes mandou que todos os que se tomassem n'aquella expedição se confiscassem para a sua real fazenda e para os delatores. Executou esta resolução real o governador e capitão geral D. Rodrigo da Costa com a pontualidade e zêlo com que se empregava na obediencia do monarcha a quem servia, e do Estado que governava.

115. Enviou varios cabos e soldados aos logares por onde se faz a jornada para as Minas do Sul, os quaes tomaram muitos comboios de negros e outros generos, que importaram grossas sommas á fazenda real, posto que os mais escapavam, não sendo a diligencia dos homens menos poderosa para reparar ou evitar os damnos publicos, que a sua industria em solicitar os interesses particulares; porque meditando em todos os meios das suas conveniencias, frustram as diligencias dos seus superiores, sem receio da perda nem temor do castigo.

116. Para os que os levavam por mar, indo da Bahia para as Minas pelo Rio de Janeiro, tinha feito D. Rodrigo da Costa grande prevenção, mandando pôr espias nas embarcações que se aprestavam para aquella praça, para as villas de Santos, S. Vicente e para a do Espirito Santo, ordenando fossem visitadas na hora em que partiam; e posto que por varias vezes se colheram muitos escravos, de tal fórma souberam mallograr esta disposição os interessados, que enviando-os primeiro para a ilha de Itaparica, ou para outras proximas á enseada da Bahia, a noite antes de darem á vela as embarcações, em ligeiros barcos e lanchas as mandavam esperar ao sair da

barra, baldeando-lhe n'aquelle logar os escravos. Porém tambem esta industria lhes prevenia o governador, pondo em todos os navios, patachos e sumacas, guardas, que até não sairem muitas leguas além da barra não voltavam d'ellas.

117. Pouco tempo durou esta disposição, porque prevaleceu a fortuna das minas á sorte dos engenhos, com a faculdade concedida para se levarem os escravos por mar ou por terra, e com esta permissão cresceram ainda mais os preços d'elles, com tanto assombro como ambição dos mesmos que os trazem da Costa d'Africa, porque pelo escravo que em outro tempo se lhes dava cincoenta, hoje pedem duzentos mil réis. Este excesso só pode achar remedio na grande providencia, real attenção e paternal amor com que o nosso augusto monarcha o serenissimo senhor rei D. João v procura o bem commum de todos os seus vassallos, sendo servido mandar arbitrar preço aos escravos, com tal economia que consigam os que os mandam vir, ou os vão buscar a Guiné, a utilidade competente ao perigo e trabalho da sua conducção, e os cultores do assucar (o qual por esta causa e outros accidentes do tempo se acha hoje em tanto abatimento) possam ter mais avantajados lucros, de que resultem á sua real fazenda maiores rendimentos.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO NONO

A D. Rodrigo da Costa succede no posto de governador e capitão geral do Brazil Luis Cesar de Menezes, alferes mór do reino — Morte do serenissimo senhor rei D. Pedro II. Seu elogio — Entra no dominio da monarchia o augustissimo senhor rei D. João V, que Deus guarde — Celebra o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide na Bahia synodo diocesano para fazer constituições ao arcebispado — Vem o vice-rei Caetano de Mello de Castro de volta da India, e peleja valorosamente com uma grande nau de piratas nos mares da Bahia — Augusto casamento del-rei com a serenissima senhora rainha D. Marianna de Austria — Guerra nos povos das Minas entre os Paulistas e os reinoes — Succede a Luis Cesar de Menezes no governo geral D. Lourenço de Almada — Alterações da provincia de Pernambuco, com guerra civil entre a cidade de Olinda e a villa do Recife — Desembarcam Francezes na costa da provincia do Rio de Janeiro, caminham por terra, tomam a cidade e ficam prisioneiros n'ella — Entram no anno seguinte pela barra, tornam a tomar a cidade, saqueiam-na e a deixam por resgate de seiscentos e dez mil cruzados — Devassa sobre o procedimento do governador do Rio de Janeiro e dos cabos. — Sentença contra os complices — Vem por successor de D. Lourenço de Almada Pedro de Vasconcellos de Sousa — Intenta estabelecer por ordem real a imposição dos dez por cento — Altera-se barbara e tumultuariamente o povo da Bahia — Commette alguns excessos — Sentenceam-se os cabeças da sublevação — Extingue el-rei o logar de juiz do povo, á instancia do Senado da Camara.

Por successor de D. Rodrigo da Costa chegou á Bahia no anno de mil e setecentos e cinco, com o mesmo cargo de governador e capitão geral do Brazil, Luiz Cesar de Menezes, alferes mór do reino, que dos seus heroicos ascendentes herdara o merecimento, o valor e o appellido de Cesar, confirmado por novas acções gloriosas em Vasco Fernandes, seu famoso progenitor, cujos descendentes foram mettendo na sua illustrissima casa por uniões de casamentos o sangue de outras esclarecidas de Portugal e Castella, da superior esphera de uma e outra monarchia. Tinha governado a provincia do Rio de Janeiro e o reino de Angola com muitos acertos, e na proxima guerra occupara com grande reputação o logar de governador de Evora, segunda cidade do imperio lusitano, donde viera a governar o Estado do Brazil. Foram as suas acertadas disposições proprias do seu talento admi-

ravel, sendo o seu governo tão plausivel como o seu agrado, que lhe grangeou no maior amor a maior obediencia.

2. Lograva o Brazil no seu governo o maior contentamento, quando inopinadamente a inconstancia da fortuna o transformou no mais amargo pranto, com a noticia infausta da sempre lamentavel morte do nosso augusto monarcha o senhor rei D. Pedro II, succedida aos nove do mez de dezembro do anno de mil e setecentos e seis. Trinta e oito que se contaram de amor e de obediencia no rei e na monarchia, tinham feito tão firme união, que se não póde romper sem reciproco estrago, porque na perda d'aquella real vida saíram dos fieis peitos dos seus naturaes vassallos os corações e os alentos derretidos e exhalados em copiosas lagrimas e clamores inconsolaveis.

3. O ceo o tinha destinado para dominar o lusitano imperio; e assim de dois serenissimos irmãos que lhe precederam em o nascimento, um lhe deixou anticipadamente o sceptro, e outro o empunhou para lho entregar. Foi tão zeloso da extensão da nossa santa fé catholica, que pelas mais remotas porções do mundo a que se estende o dominio portuguez, mandava repetidos missionarios, com grandes despezas da sua real fazenda, encarregando aos bispos e metropolitanos o augmento da christandade, a extincção do paganismo e da idolatria. Era arrojado nos exercicios de cavalleiro, reportado nas acções de principe, de tal forma que mostrava ter duas propensões diversas, uma de homem, outra de rei.

4. Determinava os negocios communs e particulares da monarchia com tão prudente attenção, que parecendo indifferença a demora das resoluções, depois mostravam os successos que fôra providencia. Plausivel com respeito, affavel com soberania, generoso sem affectação, pio sem hypocrisia, e por outras excessivas virtudes augustas e moraes entre os maiores monarchas e heroes lhe levantou estatuas a fama no templo da memoria, e a saudade nos corações dos subditos lhe erigiu altares.

5. Para enxugar as lagrimas de tanta perda deixou o melhor successor que podia ficar á monarchia no augustissimo senhor rei D. João V, que Deus muitos annos guarde, dotado de tantos e tão reaes attributos, que para narrarmos os successos da nossa portugueza America debaixo do seu dominio, houveramos de principiar agora de novo a historia com locução mais elegante e maiores rasgos da penna, se a successão dos tempos e a ordem dos factos nos não precisara a reduzir a estes dois ultimos livros a materia de que poderamos compôr todo o volume; e seriam as suas heroicas acções todo o emprego do nosso assumpto, se a rutilante esphera das suas virtudes podera ser calculada de humano astrolabio, ou as suas incompara-

veis prerogativas permittiram contar-se por outro numero que o das estrellas. Mas na impossibilidade de compendial-as, só de duas faremos precisa memoria, pelo grande exemplo que d'ellas resulta aos monarchas poderosos e christãos, as quaes são o singular religioso culto que rende á nossa Egreja catholica, e a magnifica generosidade que no seu real animo acham tanto os naturaes como os estranhos.

6. É a religião a maior prerogativa dos mortaes, a mais firme columna das monarchias. Os gentios, posto que erraram tanto no emprego da verdadeira fé, se empenharam de fórma no culto da cega idolatria que nenhuma cousa antepunham á adoração das suas deidades. Os thesouros que Eneas salvou da abrazada Troia, foram os deuses penates que levou a Italia; Numa á deusa Egeria fez protectora do reino de Roma; Lycurgo debaixo do patrocinio de Apollo deu leis aos Lacedemonios; Minos a Creta no auxilio de Jupiter; Solon a Athenas no favor de Minerva, e a Egypto Trimegisto na sombra de Mercurio.

7. Os consules e senadores romanos não entravam á conferencia dos negocios sem primeiro incensar os ídolos. Os Gregos attribuiam as suas fortunas á grande religião de Alexandre, como os Carthaginezes as suas desgraças á pouca fé de Annibal; este tão prejuro, que faltava quasi sempre aos juramentos que fazia pelos seus deuses, e aquelle tão pio que até ao Deus que tinha por estranho rendia adorações, como mostrou tomando o reino de Judéa, pois vendo deante de si com as vestes pontificaes o pontifice Jado, se lhe prostrou por terra, e mostrando-lhe os Judeus a prophecia de Daniel em que se lhe promettia o dominio do mundo, os livrou dos tributos, e sacrificou a Deus no templo. Entre os mesmos gentios, até aquelles que negaram a immortalidade da alma, disseram que era a religião uma mentira necessaria e util ao bom governo das republicas e á conservação dos imperios.

8. A generosidade é o segundo attributo nos principes; nenhum póde gloriar-se de ser heroe, se não fôr liberal. Emprehendeu Hercules as suas empresas e fadigas para ter mais que offertar a Eristheu, já nos fogosos cavallos que tomou em Thracia a el-rei Diomedes, já nas maçãs de oiro que foi colher nos jardins das Hesperides. A liberalidade deu maior nome a Alexandre que o valor; mais fama adquiria quando dava cidades, que quando conquistava imperios. A grandeza que usou com as filhas e mulher de Dario, lhe deram mais gloria que todos os triumphos da Asia. A generosidade que Cesar exercera com os seus soldados nos dez annos do governo e conquista de França e Inglaterra, os obrigou a servil-o sem soldo contra Pompeu, e a gastarem o adquirido até lhe darem o dominio do mundo. A Tito Vespasiano, que tinha por perdido o dia em que não fazia mercês, a

generosidade lhe deu a antonomasia de Delicias do povo romano. O poder dar mais do que se recebe, é a maior riqueza de que os humanos podem jactar-se, como diz Tullio; e em ser crédor a todos e a nenhum devedor consiste o ser principe, como sente Anaxilau.

9. Ambas estas admiraveis virtudes, sobre outras innumeraveis, avultam mais no nosso augusto monarcha o serenissimo senhor rei D. João v. Emquanto á primeira, não ha templo nem santuario em Lisboa que não frequente com os seus votos e com as suas offertas. Por ter mais partes a que applicar cultos, dividiu a sua côrte em duas metropoles, illustrando uma com a dignidade patriarchal. Na sua real capella introduziu muitas com maior esplendor do que teve no tempo dos seus antecessores. As mitras de todas as cathedraes dos seus dominios confere aos talentos mais insignes em virtude e letras. É tão devoto e esplendido nas procissões, como se vê na de Corpus Christi, que celebra com tal magnificencia e pompa, que admira a todas as nações catholicas que n'ella se acham.

10. Emquanto á segunda, resplandece com tanta extensão a sua *liberalidade*, que nos naturaes e nos estrangeiros, dentro e fora da monarchia, tem continuo emprego. Quantos recorrem ao seu real amparo vão abundantissimamente satisfeitos da sua incomparavel grandeza. Digam-no o Tibre e o Mediterraneo; confessem-no Italia e o Peloponeso, para onde não só dispendeu thesouros com as armas do seu reino, em defensa da nossa religião catholica contra o inimigo commum da christandade, mas enviou repetidos soccorros do oiro das suas minas, assegurando do formidavel poder mahometano com estes auxilios aquellas provincias. Monarcha, emfim, a cujo magnanimo coração para beneficiar a todos (em credito singular da nação portugueza) não bastam todas as riquezas do mundo.

11. A Egreja da Bahia, metropole de todas as do Brazil (que depois da sua fundação no governo de veneraveis, zelosos e santos pastores, crescendo em ovelhas, florescia em religião com o mais pio exemplo e o maior culto, expendendo-se em votos e liberalidades a veneração e a grandeza dos fieis, não só nas parochias e conventos, mas até nas ermidas e capellas da cidade e do reconcavo) agora se augmentava em todo o genero de perfeição catholica na obediencia e direcção do seu metropolitano D. Sebastião Monteiro da Vide, que com incessante trabalho applicando-se na incumbencia da sua obrigação, e vendo que as suas Egrejas se governavam pelas constituições da de Lisboa, poz por obra fazel-as ao seu arcebispado, porque parece que o reservara Deus para a composição das constituições, depois de muitos antecessores, como a Moysés para a publicação da lei, depois de tantos patriarchas.

12. Deu-lhes principio no anno de mil e setecentos e sete, celebrando um synodo diocesano (primeiro que viu o Brasil): tinha tenção fazer concilio provincial, e mandou passar cartas convocatorias aos bispados suffraganeos, dos quaes estavam em sede vacante Pernambuco e S. Thomé, e com prelados o Rio de Janeiro e Angola. D'este reino acudiu com virtuosa e louvavel diligencia o illustrissimo bispo D. Luiz Simões Brandão; porém d'aquella provincia não pôde sair o illustrissimo bispo D. Francisco de S. Jeronymo, depois de ter escripto que vinha, porque os seus muitos annos e achaques lhe difficultaram a viagem.

13. Chegado o termo publicado e dispostas as materias para a celebração, resolveu o arcebispo fazer synodo diocesano, que principiou em doze do mez de junho (dia em que n'aquelle anno occorria a festa de Pentecostes) mandando encommendar em todas as parochias, egrejas e conventos, ao Espirito Santo a sua divina inspiração e assistencia, e principiando as tres primeiras sessões em missas pontificaes e sermões, que prégaram tres insignes oradores da Bahia, e com procissões em redor da metropole. Tão repetidas e piedosas supplicas ouviu Deus propicio, dando auxilios ao prelado para os acertos com que ordenou as constituições, que correm com geral applauso e observancia n'este arcebispado.

14. Voltava Caetano de Mello de Castro, vice-rei da India, de governar aquelle Estado, no anno de mil e setecentos e oito, em uma das naus de viagem que costumam vir com escala pela Bahia, onde cobrando saude os enfermos, recolhendo mais gente e fazendo novos aprestos para proseguir a navegação, no comboio da nossa frota vão para Portugal com menor risco dos perigos do mar e maior segurança da ambição dos corsarios. Não encontravam até aquelle tempo, dos portos da Asia aos do Brazil, os piratas que depois no anno de mil e setecentos e vinte experimentou o vice-rei conde da Ericeira, com tanta perda do seu cabedal como credito do seu valor, não só na constancia com que se houve com elles, mas em todas as acções que obrara na India, onde fôra renovar altas memorias do insigne governador d'ella e progenitor seu, o grande D. Henrique de Menezes.

15. Confiadas as naus que nos outros annos navegavam da India para a Bahia em que não havia inimigos com quem pelejar até se recolherem a este porto, vinham com tão pouca disposição para um naval conflicto, quanto sujeitas a serem facilmente rendidas; porque além das muitas enfermidades que contrahem os navegantes n'aquella larga viagem, o interesse do negocio as faz vir tão avolumadas e com tanto embaraço para jogar a artilheria, que se acham quasi impossibilitadas para a defensa. N'este en-

gano ou descuido vinha tambem a nau em que passava Caetano de Mello de Castro, mas como no seu valor trazia toda a segurança, elle a livrou do perigo imminente no combate que teve com um poderoso baixel de piratas, que observando a monção em que ellas veem recolher-se á Bahia, cruzando os nossos mares a esperava, sem que na cidade houvesse noticia alguma de que aquelle inimigo vagava por elles.

16. Avistaram-se as duas grandes naus, e reconhecendo-se logo ambas, fez ovice-rei Caetano de Mello de Castro safar a artilheria, que com tanto trabalho como diligencia poz logo prompta para laborar. Repartiu pelos postos os soldados e passageiros que se achavam capazes de peleja; na falta dos enfermos e dos mortos armou os religiosos que vinham em sua companhia, e animando a uns e outros, como espirito de todos, se principiou entre ambos os baixeis um valoroso conflicto, que durou toda uma manhã; mas afrouxando de cançada a nau inimiga e desesperando da presa, por lhe ter já o impulso custado muitas vidas, e tambem por imaginar ser maior o nosso poder do que suppunha, se foi retirando até desapparecer. Porém o perigo de que livrara a nossa (pela disposição e valor de Caetano de Mello) ia experimentando por outro accidente, com manifesto risco de naufragio, pelo impeto das ondas e pouca pratica dos pilotos.

17. Defronte dos penedos e baixos chamados Piraúnas deu fundo com grande trabalho e justo temor de se perder n'elles, forcejando sempre contra a corrente das aguas; mas apenas foi vista da cidade, quando o governador e capitão general Luiz Cesar de Menezes fez despedir dois lanchões com praticos, officiaes, marinheiros, espias, cabos e ancoras, os quaes chegando com fortuna e prestreza á nau, a livraram do perigo, trazendo-a a salvamento com grande louvor do governador Luiz Cesar, que em toda uma noite não tomou somno nem teve descanço, até que na seguinte manhã a viu no porto, em que entrou Caetano de Mello, juntando mais um triumpho aos que alcançara na Asia.

18. Acclamado o nosso grande monarcha no primeiro de janeiro do anno de mil e setecentos e sete, poz a corôa a todas as felicidades do seu dilatado imperio no de mil e setecentos e oito, celebrando os seus felicissimos desposorios com a serenissima senhora rainha D. Marianna de Austria, exemplar de todas as mais famosas princezas de Europa, e ideia das mais celebres heroinas do mundo no presente seculo e nos passados. E' filha do augustissimo senhor imperador Leopoldo I e da senhora imperatriz D. Leonor Magdalena Thereza, irmã da serenissima senhora D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo, já rainha de Portugal, e a nova serenissima rainha dominante, irmã dos augustissimos imperadores os serenissimos senhores José I e

Carlos VI, dotada não só d'estas grandezas da fortuna, mas de todos os primores da natureza, sendo tantas as suas virtudes que não pode o encarecimento expendel-as, nem ainda o discurso contemplal-as.

19. Chegou a Lisboa entre reaes jubilos e alegres applausos e demonstrações do rei e dos vassallos no referido anno; e logo, como aurora, dando luzes ao hemispherio portuguez, como flôr, fructificando a casa real, foi mostrando a sua fecundidade regia nos successivos partos venturosos dos serenissimos senhores principe e infantes, em quem a prole augusta lusitana se vê altamente propagada, para firmeza dos successores do grande imperio promettido por Christo Senhor nosso no Campo de Ourique ao primeiro rei portuguez; sendo entre os excessivos attributos que admiramos em rainha tão singular, de summa relevancia para o nosso bem esta felicidade, em que se asseguram as nossas esperanças, e para a universal veneração prerogativa de igual applauso o ser filha, irmã, esposa e mãe de inclitos imperadores, reis, monarchas e principes, que foi o mais que se chegou a dizer e ponderar em louvor das imperatrizes Agrippina e Galla Placidia.

20. Tinham crescido os povos nas Minas do Sul em tanto numero de gente de varios generos, condições e estados, que era quasi impossivel terem socego sem um governador assistente, que os fizesse viver em paz. Estavam oppostos e divididos em duas parcialidades, uma dos naturaes de S. Paulo e das villas da sua jurisdicção, chamados Paulistas, e outra dos forasteiros, a que elles chammam Emboabas, dando este nome a todos os que não saíram da sua região.

21. Tiveram principio as dissensões no arraial do Rio das Mortes, por uma que fez um Paulista tyranna e injustamente a um forasteiro humilde, que vivia de uma pobre agencia. D'esta semrasão alterados os outros forasteiros e desculpavelmente enfurecidos, solicitaram a vingança da vida de um e da offensa de todos, e a conseguiriam, se aquelle homicida não se ausentara com tal acceleração que o não poderam alcançar, posto que por muitas partes o seguiram. D'aquelle delicto e de outras crueldades dos Paulistas deram conta ao governador do Rio de Janeiro, que então era D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, pedindo-lhe um capitão que os regesse e mantivesse em paz, a cujo requerimento justo satisfez o governador com mandar patente a um d'elles de maior supposição e mais ajustado procedimento.

22. Estas primeiras chammas com accidente novo cresceram a incendio de maiores labaredas. Achavam-se no adro da egreja do lugar do Cahetê Jeronymo Pedroso e Julio Cesar, naturaes da provincia de S. Paulo, que podera-

mos comparar á de Roma pelos appellidos dos Cesares e Pompeus, os quaes tambem com civis contendas e pelejas fizeram em alguma occasião parecer campos de Pharsalia os da região do Sul. Passava por alli um forasteiro com uma clavina, e querendo os Paulistas tomar-lha, fingiram que aquelle homem innocente lha furtara, descompondo-o de palavras indecorosas; e sendo presente Manuel Nunes Vianna, filho de Portugal, alentado e poderoso nas Minas, e sabendo que aquella arma era propria e não roubada, lhes estranhou não só o meio com que lha queriam usurpar, porém o mau tratamento que lhe faziam, e passando de ambas as partes a maiores razões, os desafiou Manuel Nunes Vianna para fóra d'aquelle sitio. Acceitaram o duello, porém depois o recusaram com pretextos mais seguros que honrados; e vendo que ficavam desairados, pretenderam restaurar a opinião perdida, com despique de que lhes resultava maior injuria, juntando armas e parentes para assaltarem a Manuel Nunes Vianna em sua propria casa.

23. Tendo noticia d'este maligno intento os Emboabas ou forasteiros residentes nos tres arraiaes do Sabará-bussú, do Caheté e do Rio *das Velhas*, e vendo que se os Paulistas invadiam a estancia de Manuel Nunes Vianna, a quem tinham por protector, ficariam todos sujeitos ao jugo dos inimigos, experimentando as suas insolencias, caminharam armados a soccorrel-o e a guardar-lhe a casa; facto que sabido pelos Paulistas, desistiram de commetter a maldade, mais por receio que por virtude; e mandando um enviado a Manuel Nunes, lhe seguraram queriam viver em boa paz e correspondencia com os forasteiros, para cuja amizade cessassem de ambas as partes as hostilidades que uma a outra se faziam; e com esta concordia, que não promettia segurança pelos interesses, genios e inconstancia das duas parcialidades, voltaram todos para suas casas a tratar dos seus particulares e das suas conveniencias.

24. Poucos dias lhes durou esta paz ou tregua, alterada pelos forasteiros, querendo vingar a morte de um seu vendilhão feita por um Mameluco, buscando o delinquente dentro da casa de José Pardo, Paulista poderoso, que dando-lhe fuga pelo mato, perdeu a vida ás mãos dos forasteiros por lho não entregar, sem lhe valer o procurar persuadil-os não era sabedor que o complice se valera da sua casa, e lhe intimar o socego e conservação da concordia tão proximamente ajustada. Com esta temeridade dos forasteiros tornaram a armar-se os Paulistas, e trataram de unir-se em offensa dos seus contrarios e segurança propria, que suppunham difficil, se não procuravam com todas as suas forças extinguir de todo os forasteiros, fazendo-as despejar das Minas. E juntando os seus naturaes, escravos, armas e todas as cousas conducentes a tanta empreza, na sessão de uma assem-

bléa que tiveram no fim do mez de novembro d'aquelle anno, resolveram dar aos dez de janeiro do seguinte em hora ajustada por elles (como a das Vesperas Sicilianas para os Francezes) em todas as partes das Minas sobre os forasteiros e passal-os a ferro.

25. Esta noticia, verdadeira ou falsa, tiveram por firme os forasteiros, porque a sua prevenção os não fez vacillar entre a duvida e a certeza; e juntando-se logo os povos dos tres logares Sabará-bussú, Caheté e Rio das Velhas, caminharam a buscar a Manuel Nunes Vianna, e o elegeram por seu governador e de todos os povos das Minas, para refrear os insultos dos Paulistas e os obrigar a viverem sujeitos ao jugo das leis do reino, e não ás do seu proprio arbitrio, pelas quaes só se governavam, emquanto el-rei por seus governadores e ministros os não punha na obediencia de vassallos, com a observancia dos seus reaes preceitos. Acceitou Manuel Nunes o cargo, o qual tambem lhe mandaram offerecer os povos das Minas Geraes do Ouro Preto e do Rio das Mortes, pedindo-lhe os fosse soccorrer por estar o partido dos Paulistas mui poderoso n'aquelles districtos, usando da liberdade e insolencia em que costumavam viver, e conservando o odio entranhavel contra todos os forasteiros.

26. Levando numeroso exercito, marchou Manuel Nunes Vianna a soccorrer aquelles povos, que tendo-o tambem acclamado por governador, lhe pediam auxilio contra os Paulistas. Chegou ao das Minas Geraes e o poz em quietação e segurança dos inimigos que os insultaram, e sabendo que estavam poderosos no Rio das Mortes, obrando insolencias contra os forasteiros, e que os tinham reduzidos a um reducto de terra e fachina que fizeram para se defenderem, temendo serem accommettidos n'elle, pelo desegual poder em que se achavam (causa pela qual se viam no maior aperto e consternação), lhes enviou em soccorro mais de mil homens valorosos e bem armados, e por cabo d'elles a Bento de Amaral Coutinho.

27. Era Bento de Amaral natural do Rio de Janeiro, alentado, porém tyranno; com maior crueldade que valor havia feito na sua patria muitos homicidios e insolencias grandes, e os seus delictos o levaram para aquelles povos onde não havia justiças que o castigassem. Partiu com um destacamento que se lhe entregara, e com a sua chegada ao arraial do Rio das Mortes ficaram desassombrados os seus moradores do receio que os opprimia; aquartelou no mesmo logar a gente que levara, e sendo informado que por aquelle districto vagavam alguns ranchos de Paulistas com liberdade e impulso de vingança, buscando sempre occasiões de a executar, mandou contra elles alguma gente, que não podendo colhel-os, os affugentou e fez retirar para S. Paulo.

28. Em distancia de cinco leguas do arraial do Rio das Mortes, em que assistia Bento de Amaral Coutinho, se achava um grande troço de Paulistas dos mais destemidos e facinorosos, contra os quaes mandou um destacamento de muitos homens a cargo do capitão Thomaz Ribeiro Corço, o qual sem obrar cousa alguma voltou, desculpando-se com o numero dos contrarios, incomparavelmente maior que o da gente que levara. Enfurecido Bento de Amaral, marchou a buscal-os, e sendo sentido dos Paulistas, que se andavam divertindo e utilisando da caça, se recolheram aos seus ranchos ou alojamentos, que tinham em um capão ou capoeira (assim chamam no Brazil as moutas grandes ou matas pequenas) que estava no diametro de uma dilatada campina, e alli determinaram defender-se do furor com que os buscavam os forasteiros, prevendo iria com elles o mesmo Amaral, que conheciam por arrojado e cruel.

29. Mandou botar cordão á mata, e logo os Paulistas disparando de cima das arvores as escopetas, mataram a um valoroso negro e feriram duas pessoas de supposição que estavam junto a Bento de Amaral, *e outras* muitas das principaes que iam no destacamento, sem d'elles poderem ser offendidos, pela espessura do mato que os cobria; e porque os forasteiros só pretendiam tirar-lhes as armas e não as vidas, mandaram os feridos para o arraial donde sairam, persistindo constantes os mais no sitio uma noite e um dia, no qual lhes enviaram os Paulistas um volantim com bandeira branca, pedindo paz e promettendo entregar as armas, se lhes dessem bom quartel. Concedeu-lho Bento de Amaral, porém assim como se lhe apresentaram rendidos e entregaram as armas (ó ferina crueldade, indigna de humanos peitos!) gritou que matassem aquelles que tantos damnos e mortes tinham causado nos forasteiros, e foi logo fazendo estrago n'aquelles miseraveis desarmados, aleivosamente recebidos.

30. Estranharam este horrendo procedimento as pessoas dignas que iam n'aquelle exercito, e não quizeram mover as armas contra os rendidos, afeiando aquella maldade, impropria de animos generosos e catholicos, e ainda das mesmas feras, que muitas vezes se compadecem dos que se lhes humilham. Porém as de animo vil e os escravos, disparando e esgrimindo as armas, fizeram nos miseraveis Paulistas tantas mortes e feridas, que deixaram aquelle infeliz campo coberto de corpos, uns já cadaveres, outros meio mortos, ficando abatido e funebre o sitio pela memoria da traição e pelo horror do estrago; e com estas bizarrias crueis voltou o Amaral vilmente ufano com o seu destacamento para o logar donde saira.

31. Não deixou Manuel Nunes Vianna de lhe estranhar tão cruel e detestavel procedimento, mas não se atreveu a o punir, porque n'aquelles

mal morigerados povos, em tempo tão desastrado, era perigoso o castigo de qualquer delicto; e continuava com a melhor disposição que podia, no exercicio do cargo que se lhe conferira. Era D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro governador da provincia do Rio de Janeiro, cujo dominio tinha ainda sobre todos aquelles districtos a jurisdicção que depois se lhe tirou, dividindo-se em dois governos separados. Tendo noticia do caso, e das muitas violencias que se obravam, as quaes ameaçavam a ultima ruina d'aquelles povos, resolveu prevenil-a e atalhal-a, indo em pessoa a elles; e com quatro companhias e outros officiaes da sua guarda se poz a caminho para as Minas.

32. Chegou ao arraial do Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas exercendo actos da sua jurisdicção; porém como mostrasse inclinação aos Paulistas, tratando mal aos forasteiros, fizeram estes aviso aos povos dos outros logares, e para os sublevar seguravam que o governador ia só a castigal-os, para cujo fim levava algemas e correntes, e que a sua liberdade consistia na sua desobediencia, porque só expulsando-o das Minas, poderiam fugir ao supplicio que os esperava.

33. Eram estas suggestões todas faltas de verdade, e que se encaminhavam a fazer tal consternação nos povos, que não só lhe desobedecessem, mas o fizessem sair de todos os limites das Minas; sem advertirem que se temiam os castigos dos crimes commettidos entre si, com mais causa deviam recear a sublevação que intentavam contra a regalia do monarcha na pessoa do governador, a quem pretendiam negar o poder e afugentar de todos aquelles logares. Mas a consideração do mal que julgavam presente, venceu o temor do supplicio futuro, porque estas vozes fizeram tal alteração em todos os forasteiros, que amotinados buscaram a Manuel Nunes Vianna e o levaram a oppôr-se á entrada de D. Fernando.

34. Foram esperal-o ao sitio das Congonhas, assim chamado por uma herva que produz d'este nome, da qual fazem os Paulistas certa potagem, em que acham os mesmos effeitos do chá. Ficava distante quatro leguas do arraial do Oiro Preto donde sairam; e avistando a casa em que D. Fernando estava, se lhe apresentaram no alto de uma collina em forma de batalha, a infanteria no centro e a cavallaria aos lados. Mandou D. Fernando por um capitão de infanteria e outras pessoas saber a determinação de Manuel Nunes, que estava na frente do exercito, o qual depois de algumas conferencias, foi acompanhado de poucos homens a fallar-lhe, e detendo-se pouco mais de uma hora em satisfazel-o, lhe segurou que aquella alteração era contra a sua vontade, e que o levavam os povos quasi constrangido e muito á força; que a causa que tinham para resistir, era o temor que publicavam

de que os ia a castigar; mas que se fosse servido entrar, elle por si lho não impedia.

35. Porém o governador D. Fernando, apoderado de um temor justo, não quiz passar adiante e voltou para o Rio de Janeiro, deixando aquelles povos na sua rebellião, por não poder reduzil os á obediencia del-rei, posto que todos protestavam estar seguros n'ella, e que a alteração que fizeram, fôra por sacudir o jugo tyrannico em que os punham os Paulistas, a quem D. Fernando protegia e descobertamente amparava: e que pretendiam pedir a el-rei lhes enviasse ás Minas governador e ministros assistentes, que os governassem e mantivessem em paz; e logo pozeram em arrecadação os quintos reaes que pagavam os gados, e determinaram enviar á côrte procuradores, para cuja jornada tiraram entre si um pedido consideravel; mensagem que suspendeu a chegada de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho ao Rio de Janeiro, que fôra succeder a D. Fernando n'aquelle governo.

36. Retirado das Minas o governador D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, ficou Manuel Nunes Vianna exercendo com maior *liberdade* o cargo de governador que lhe tinham conferido aquelles povos, no qual se houve com tão acertadas disposições, que mereciam não só perdões, mas premios, convertendo os erros em merecimentos. Animou-se a crear mestres de campo, tenentes generaes, subalternos e outros cabos e capitães, superintendentes e ministros para administrarem a justiça, provedores para a arrecadação da fazenda dos defuntos e ausentes, e guardamóres para repartirem os ribeiros do oiro.

37. Considerando todos os homens de melhor discurso assistentes n'aquelles povos, não poderia permanecer o governo de Manuel Nunes Vianna, não por injusto, mas por illegitimo, e que o nosso augusto monarcha, justamente irado por não terem obedecido ao seu logar-tenente, castigaria a todos os complices n'aquelle procedimento, quizeram anticipar a sua obediencia á resolução real, chamando para o governo das Minas ao novo governador do Rio de Janeiro. Deram parte d'este intento a Manuel Nunes, que posto se presumisse o chegou a sentir, não faltou em o approvar, e com o seu parecer enviaram a Fr. Miguel Ribeira, religioso de Nossa Senhora das Mercês, que havia sido secretario de Antonio de Albuquerque no governo do Maranhão. Por elle com repetidos rogos e cartas de Manuel Nunes e das pessoas principaes lhe pediram fosse ás Minas, onde o esperavam com alvoroço e obediencia, fiando das suas disposições o socego e sujeição (em que desejavam viver) a todos os preceitos del-rei e ordens dos seus governadores.

38. Chegado Antonio de Albuquerque Coelho de Lisboa ao governo do

Rio de Janeiro, dispoz em breve tempo a sua jornada para as Minas, e com tanta diligencia se poz a caminho que n'elle o encontrou o religioso mensageiro. Entregou-lhe as cartas e o certificou de que conforme a ellas acharia os animos de todos aquelles povos, os quaes com grande alvoroço e contentamento o esperavam. Festejou Antonio de Albuquerque a noticia, e proseguindo a jornada, chegou ás Minas do Caheté, onde residia Manuel Nunes Vianna, e estavam as pessoas de maior supposição das Minas Geraes compondo algumas differenças que já se tinham movido entre Manuel Nunes e os povos do Rio das Velhas.

39. Receberam logo a Antonio de Albuquerque por seu governador, e o festejaram com as maiores demonstrações de amor e obediencia, accrescendo aos motivos dos seus jubilos nova causa para o seu applauso, por verem se lhes mettia nas mãos desarmado, sem mais companhia que a de dois capitães, dois ajudantes, e dez soldados. Manuel Nunes alcançando d'elle licença para se retirar ás suas fazendas do Rio de S. Francisco; partiu brevemente para ellas, e deixou os povos das Minas.

40. Discorrendo o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho pelas outras povoações, se applicou a assegurar na obediencia real a todos aquelles subditos, e a compôr as suas differenças e pretensões particulares. Confirmou os postos que Manuel Nunes a instancia e por nomeação dos povos havia creado; os mais d'elles proveu nas proprias pessoas que os estavam exercendo, por entender que eram capazes de os occupar; fez outros de novo, ordenando todas as suas disposições ao maior serviço del-rei e socego de todos, com tão geral satisfação, quanto eram uniformemente bem recebidas as suas resoluções, que reconheciam por acertadas.

41. Concluidas as cousas pertencentes áquelles districtos, determinou passar aos da capitanía de S. Vicente, e com maior cuidado á villa de S. Paulo e ás outras da sua jurisdicção, que por mais orgulhosas e temerarias careciam de toda a diligencia e industria para as ter sujeitas, e lhes applacar a inquietação e furor que haviam mostrado contra os forasteiros nas Minas, cujas competencias conservavam mui vivas nos corações; e com este intento marchou para aquella região, com o mesmo pouco sequito que levara do Rio de Janeiro.

42. Os Paulistas, pela ausencia de D. Fernando Martins Mascarenhas vendo totalmente destituido de poder e forças o seu partido, se tinham retirado para S. Paulo, mas foram recebidos com desprezo até das proprias mulheres, que blasonando de Penthesiléas, Semiramis e Zenobias, os injuriavam por se haverem ausentado das Minas fugitivos, e sem tomarem vingança dos seus aggravos, estimulando-os a voltar na satisfação d'elles com

o estrago dos forasteiros. Este fogo, soprado por aquelle sexo em que se acha mais prompto o furor vingativo, e em que mais ardem os corações dos homens, crescendo nos Paulistas com a consideração do credito que deixaram ultrajado, e da fama que tinham perdido (chamma interior que os não abrasava menos pelos seus naturaes brios), os fez juntar um numeroso exercito de paizanos, para tornarem de novo á palestra com os seus contendores; e elegendo por seu general a Amador Bueno, pessoa entre elles de maior reputação no valor e na pratica das armas, marcharam para as Minas.

43. No caminho encontrou Antonio de Albuquerque aquella insolente turba, e querendo persuadir aos mais poderosos d'ella desistissem do impulso, em que commettiam tão grande offensa contra Deus e tanto delicto contra el-rei, lhe deram tão pouca attenção e mostraram tal porfia, que quando o governador intentava reprimir-lhes com palavras o furor, se viu mui arriscado a experimental-o por obras, porque determinavam prendel-o; mas d'esta resolução informado por um confidente Antonio de Albuquerque, se resolveu inopinadamente a retroceder para a villa de Paraty, e d'ella embarcar-se para o Rio de Janeiro, onde chegando feliz e brevemente, fez pelo caminho novo aos povos das Minas aviso do perigo que os ameaçava o exercito dos Paulistas que contra elles ia.

44. Achavam-se os habitadores das Minas em descuido, ou total esquecimento das contendas passadas, que os Paulistas conservavam na memoria. O povo do Rio das Mortes, que era por mais proximo o primeiro em quem havia de cair aquella tempestade, com o aviso que teve pediu soccorro ás Minas Geraes, e fortificaram logo o seu reducto com alguns baluartes que de novo lhe fizeram para entreter os inimigos, emquanto lhes chegavam maiores forças para se pôr em campanha. Não deram muito logar a estas prevenções os Paulistas, porque chegando e achando reduzido á sua fortificação aquelle povo, subiram a uma montanha que lhe ficava como padrasto, donde e da egreja matriz que estava fóra da muralha, e de um cavalleiro mais que levantaram, lhe fizeram consideravel damno, matando-lhes e ferindo-lhes muita gente.

45. Pouco inferior era o que os cercadores tambem recebiam dos sitiados, porque matando-lhes algumas pessoas na bateria da egreja e nas outras a que podiam chegar as suas balas, alliviavam a dôr das vidas que perdiam com as que tiravam; desesperado remedio, que no caso presente era mais necessidade que vingança. Sairam por duas vezes de dentro das suas trincheiras, e dando inopinadamente sobre os Paulistas, lhes fizeram grande estrago; porém tendo pouca gente para estas sortidas, se abstive-

ram d'ellas, tratando de conservar-se dentro dos reparos até lhes chegarem os soccorros.

46. Mais de oito dias estiveram os Paulistas constantes em bater aos forasteiros, e cançados ou satisfeitos de haverem constrangido aquelle povo a não sair dos limites da sua pequena circumvallação, e dos golpes que lhe imprimiram nas vidas, posto que muito á custa das suas, correu entre elles uma voz de que todos os povos das Minas os buscavam com tão numeroso exercito, que lhes não poderiam resistir, e determinaram retirar-se para S. Paulo; conselho que em uma indistincta e confusa madrugada executaram com tanto silencio, que não foram sentidos.

47. Tres dias depois chegou aos forasteiros o soccorro que esperavam, tão luzido e com tal orgulho, que determinaram seguir os Paulistas e desbaratal-os; mas como elles levavam no seu receio as azas, de fórma se remontaram, que em oito dias de jornada em que foram seguidos pelo caminho de S. Paulo, se lhes não póde dar alcance. De todos estes factos fizeram aviso ao governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o qual lhes enviou para os governar e ter seguros de similhantes invasões a Gregorio de Castro de Moraes, com duas companhias de um dos terços do presidio do Rio de Janeiro, de que era mestre de campo.

48. Pouco tempo continuou Antonio de Albuquerque o governo do Rio de Janeiro, porque parecendo ao serenissimo senhor rei D. João v separar d'aquella jurisdicção as Minas, pela extensão dos seus paizes e por carecerem da assistencia de um governador, que reduzisse á pontual obediencia e conformidade aquelles povos, o enviou a governal-os, ficando independente de outra superioridade que á do capitão geral de todo o Estado.

49. Tratou logo o governador de reduzir aquelle grande numero de subditos, que vagava sem firmeza, á vida urbana e politica, erigindo as seis villas cujos nomes deixámos já escriptos. Demarcou-lhes as jurisdicções, dividiu-lhes os limites, introduziu-lhes justiças, creou-lhes senados, escolhendo para os cargos as pessoas mais dignas de cada uma. Repartiu os districtos em regimentos, elegendo para cabos os moradores mais praticos e benemeritos. Para a arrecadação dos quintos del-rei e das fazendas dos ausentes fez provedores, e com esta providencia formou uma nova republica, posto que pequena pelo numero das povoações, mui dilatada pelo dos moradores, assim residentes nas villas como na extensão dos seus grandissimos limites.

50. Depois de ter Luiz Cesar de Menezes governado felicissimamente o Estado do Brazil quasi cinco annos, lhe succedeu no de mil e setecentos e dez D. Lourenço de Almada. Nasceu este fidalgo de esclarecida familia,

em cuja casa succedera por morte de um irmão primogenito. Mostrava estar descontente na Bahia, quiçá que presago o coração lhe annunciava as calamidades que no tempo do seu governo haviam de acontecer ao Brazil, as quaes tiveram principio nas infaustas e detestaveis alterações de Pernambuco.

51. Governava Sebastião de Castro de Caldas a provincia de Pernambuco. Era natural da de Entre Douro e Minho, dos principaes da sua patria. Aprendera a milicia na companhia e escola de seu tio Diogo de Caldas Barbosa, um dos valorosos cabos nas passadas guerras da liberdade do reino. Mostrava intelligencia das materias, vigilancia nos negocios, porém não soube prever o que havia de acontecer-lhe, porque tambem ha Argos que dormem, e a quem cega a paixão ou o destino, cem olhos não bastam. Tinha-os fechados Sebastião de Castro para a nobreza de Pernambuco, e não queria outro objecto mais que o povo do Recife.

52. São os Pernambucanos naturalmente altivos; não permittiam que no Senado da Camara da cidade de Olinda entrassem pessoas de outra esphera que a da nobreza d'aquella provincia. Achavam-se no Recife (porto e feira de todas as suas povoações) muitos homens ricos, aos quaes o trato mercantil fizera poderosos, e não podiam alcançar os cargos da governança da republica, ainda que alguns os chegaram depois a conseguir, mas com traça tal e tanto trabalho, que esta difficuldade os obrigou a pretenderem fazer villa aquelle logar, para lograrem os seus moradores as mesmas dignidades. Representava-se-lhes facil a empreza pela opulencia do Recife, que em templos e casas egualava á cidade de Olinda, e em numero de moradores a excedia, porque os estragos que padecera na guerra dos Hollandezes haviam diminuido e arruinado a sua grandeza.

53. Tomou como sua o governador Sebastião de Castro a causa e pretensão dos moradores do Recife, e com razões mais affectadas que proprias soube representar de fórma as utilidades que resultavam ao serviço real e ao bem commum com a permissão da villa, que se julgou por conveniente e justo este requerimento, posto que em outro tempo, em que fôra pretendida, se entendera o contrario; porém o nosso grande monarcha, sempre indulgente nas pretensões licitas e decorosas aos seus vassallos, foi servido facultar-lhes esta graça, mandando remetter a ordem ao governador, o qual a teve em tal recato que a negou, para obrar o que meditava pelo modo que mais opportuno lhe parecia, posto que era notoria, e os mesmos interessados a certificavam.

54. Esta novidade fez grande consternação na nobreza de Pernambuco, assim por vêr o Recife condecorado com a mesma autoridade, como por

consistir n'aquelle grande povo, e no termo que se lhe havia de dar, o maior districto do seu antigo Senado, o qual ficava destituido de quasi toda a sua jurisdicção, pouco dilatada pelas muitas villas que comprehende a provincia de Pernambuco. Pediram os officiaes da Camara de Olinda ao governador lhes fizesse a saber a ordem de sua magestade, que tivera sobre aquella materia; mas occultando-a Sebastião de Castro, e dizendo que a não recebera, tratou secretamente com os moradores do Recife o modo e o tempo da erecção da villa.

55. Para o pelourinho se mandaram com toda a cautela lavrar as pedras no Forte do Matos, onde se costumam preparar outras para varias fabricas particulares, e havendo-as conduzido e assentado em uma noite, amanhaceu erecta a villa com o nome de Santo Antonio do Recife, e logo se procedeu na eleição dos officiaes da Camara do novo Senado, e saíram todos com as suas varas. Do segredo com que esta acção se obrou, entenderam os Pernambucanos que não havia ordem real para a creação da villa, ou viera com alguma restricção, porque a ser absoluta e sem condição, a não devia o governador occultar a uns vassallos que tanto sabiam obedecer ás resoluções do seu monarcha.

56. Procedia Sebastião de Castro, estimulado dos moradores do Recife, contra a nobreza de Pernambuco, prendendo tão indecorosa como injustamente a muitas pessoas principaes. Mandou que todos os Pernambucanos entregassem as armas que tivessem, para se guardarem nos armazens reaes, ordem que enviou por varios officiaes a todos os districtos e villas da Provincia; e n'este despojo privava aos moradores da natural defensa contra os ladrões e gentios, principalmente aos que habitavam mui longe dos povoados, e careciam d'ellas para a sua segurança, e a todos tirava a utilidade das caças, de que muitos se sustentavam. Á execução d'esta ordem tiveram repugnancia e lhe impediram o effeito, esperando ser ouvidos do governador.

57. N'este tempo estando o governador Sebastião de Castro no Recife, que era a sua mais continua habitação, e saindo uma tarde ao seu costumado passeio para onde chamam a Boa Vista, lhe deram um tiro, de que ficou levemente ferido; e posto que elle e os seus sequazes o attribuiram ás queixas dos Pernambucanos, se não averiguou com certeza de que parte lhe viera, havendo mais duas notorias donde o podia esperar, que por modestia se calam. Com este accidente tornou a continuar os castigos das prisões com ruinas das liberdades e das fazendas; porém tendo noticia que o damno commum a toda a nobreza a conduzia e juntava, não só para se defender, mas para ir sobre o Recife, donde conheciam que lhes nascia o mal, dando-se

por pouco seguro na nova villa, se embarcou logo em um patacho, e se poz em salvo na Bahia, levando comsigo alguns mercadores, que por seus intimos amigos e sequazes ficariam mui arriscados em Pernambuco.

58. Ausente o governador, a nobreza que se achava junta, conduzindo um exercito de quasi vinte mil homens de todas as sortes, entraram no Recife, demoliram o pelourinho e os mais padrões da villa, tiraram das mãos as varas dos officiaes do novo Senado, os bastões das de outros de milicia que exerciam os postos da ordenança; soltaram os presos que injustamente tinha em rigorosa captura o governador, não causando tanto numero de gente, de que constava o ajuntamento dos Pernambucanos, perda alguma de cabedal ou outro genero de hostilidade aos do Recife, disfarçando as queixas que d'elles tinha a nobreza, e castigando-os só com aquelle facto.

59. Procedeu logo a nobreza na eleição de governador; juntando-se para ella na Casa da Camara da cidade de Olinda, uma parte se inclinava a que o governo se entregasse ao Senado da Camara, outra votava que se elegesse o reverendissimo D. Manuel Alvares da Costa, bispo de Pernambuco; e dando-se noticia de uma carta do serenissimo senhor rei D. João v feita no anno antecedente, na qual ordenava, que faltando o governador Sebastião de Castro de Caldas, substituisse o governo o mestre de campo João de Freitas, e em sua falta o bispo, se vieram a conformar em dar-lhe o governo, por ser fallecido o mestre de campo. Foi esta ordem real a Pernambuco com o mesmo governador em cujo tempo havia de ter execução, e não deixou este caso de parecer mysterio, como já ponderámos em outras similhantes na India e na Bahia.

60. Estava o bispo em visita na Parahyba, e com o aviso que se lhe fez voltou para Pernambuco, e tomou posse do governo nos primeiros dias do mez de novembro do anno de mil e setecentos e dez. Logo pedindo-lhe os Pernambucanos um perdão geral do facto, lho concedeu em nome de sua magestade, que foi servido confirmal-o. Posto que os Pernambucanos intentassem desculpar esta acção com os pretextos acima declarados, não deixou de ser a todas as luzes destestavel e violenta, porque as supremas ordens dos soberanos, ainda em duvida se não devem impedir com similhantes resoluções, havendo os licitos e honestos meios que se permittem aos vassallos para exporem a sua causa aos seus monarchas; mas d'esta cegueira lhes resultou a pobreza em que hoje se acha aquella nobreza, em castigo da sua vaidade.

61. Sentidos os moradores do Recife, tratavam desafogar a sua paixão com outro não menor absurdo que o que tinha obrado a nobreza. Foram

dispondo as vontades das pessoas que lhes podiam valer, e grangearam a de João da Maia da Gama, capitão mór e governador da Parahyba, a do Camarão, governador dos Indios, que residia em Una, e a do mestre de campo dos crioulos e pretos forros, a que chamam terço dos Henriques, por haver sido de Henrique Dias, preto de notavel valor, como mostrámos nas guerras de Pernambuco; a de Manuel Gonçalves Tundacumbe em Goyana, onde tinha uma quadrilha de vadios, brancos, mulatos e mestiços, criminosos e fugidos de varias villas e capitanías do Norte, principalmente da Parahyba, e se acoutavam nos districtos da villa de Goyana, donde faziam muitos damnos aos moradores de Pernambuco; compraram finalmente muitos soldados e cabos da infanteria da praça.

62. Tendo seguros estes parciaes para a empresa que intentavam, foram conduzindo com tanta diligencia como cautela mantimentos e viveres para o Recife, fazendo ir de mui distantes partes todos os generos comestiveis de que se podessem sustentar no mais dilatado cêrco. Fizeram com o mesmo segredo prevenções de arreios e vestidos militares, e conseguido quanto lhes podia ser necessario para o empenho, chamaram a Sebastião de Castro, informando-o de tudo o que haviam disposto para lhe restituirem o cargo, e que só faltava voltar a sua pessoa para o Recife. Respondeu-lhes que brevemente estaria com elles; e tendo mandado á Parahyba por um Joaquim de Almeida, dos mercadores que comsigo trouxera á Bahia, a ratificar em seu favor a promessa do capitão mór João da Maia, dispunha partir occultamente d'ella em uma sumaca que do Recife lhe fôra enviada.

63. Informado o governador geral D. Lourenço de Almada que Sebastião de Castro estava para sair furtivamente da Bahia a renovar as dissensões de que havia sido causa, e com o governo do bispo estavam socegados, mandou detel-o em prisão na fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, donde o remetteu o governador e capitão geral Pedro de Vasconcellos para Lisboa. Os do Recife entendendo que não poderia tardar muitos dias n'aquella villa, e querendo anticipar a empresa para o receberem em triumpho, intentaram prender ao bispo no Forte do Mar, precisando-o a ir vel-o para certa obra de que carecia, e fôra infallivelmente a elle, se lho não impedira uma chuva que sobreveiu, e foi a piedosa medianeira para se não commetter aquelle sacrilegio; posto que não lograram a opportunidade que lhes permittia o logar para a prisão, tiraram logo o rebuço ao empenho que encobriam.

64. Sublevaram-se os moradores do Recife aos dezoito de junho do anno de mil e setecentos e onze, e n'esta fórma veiu a ser a culpa reciproca em ambas as partes, porque o exemplo mau é mais facil de imitação que de

emenda. Tomaram logo as fortalezas e as guarneceram com gente da sua facção, fazendo-as jogar balas para a cidade; lançaram de sua propria autoridade um bando que Sebastião de Castro era o governador de Pernambuco, e se não obedecesse ás ordens do bispo, o qual se achava presente na mesma villa; e pondo-lhe guardas para que não entrassem a fallar-lhe mais que algumas pessoas confidentes, teve elle fórma dentro em tres dias para passar á cidade de Olinda.

65. N'ella se juntou logo a nobreza, vinda de todas as partes da provincia com gente armada, como da vez primeira e no proprio numero; posto que algumas poucas pessoas principaes se retiraram para as suas fazendas, por dependencias que tinham dos homens de negocio. Pretendeu o bispo, por diligencias que applicou fazer, que os do Recife tornassem á sua obediencia, e que a nobreza se aquietasse, mas não conseguiu uma nem outra cousa, e se pôz um apertado cerco ao Recife, em que os seus moradores levaram sempre a peor, posto que de ambas as partes se obravam muitos actos de valor, com tantas e tão reciprocas mortes, que causando horror ao bispo, deixou o governo ao mestre de campo do terço da cidade, ao ouvidor geral e ao Senado da Camara.

66. Sem embargo da diversão que a favor do povo do Recife faziam por varias partes os seus alliados, cujos nomes havemos expressado, prendendo e arruinando as pessoas e fazendas dos parciaes da nobreza, ia já o Recife em mais de tres mezes de cerco padecendo grande falta de viveres, pela desordem com que se distribuiram, mui desegual á providencia com que se juntaram, e para os enfermos não havia mais que assucar e alguma pouca farinha da terra. N'este aperto lhe chegou a redempção na ida de Felix José Machado, provido no governo da provincia de Pernambuco. Tendo a bordo noticia que o bispo voluntariamente largara o governo, fez que o tornasse a tomar, para da sua mão o receber, ordenando aos moradores do Recife entregassem as fortalezas á ordem d'aquelle prelado, como a seu governador.

67. Para se proceder contra a nobreza, incursa no indulto dos perdões do bispo e do governador e capitão geral, porque lhe não fossem validos, se lhe impozeram falsamente outros novos impulsos no mesmo delicto, e remettendo presas muitas pessoas principaes a Lisboa, depois de larga prisão n'aquella côrte, constando judicialmente da sua innocencia ao nosso augusto e pio monarcha, compadecido das desgraças d'aquelles vassallos, os mandou voltar livres para a patria, fazendo embarcar só dois para a India em degredo perpetuo, por haverem sido os motores das alterações e terem obrado n'ellas as insolencias que se attribuiram a todos.

SEVERINI.

RIO DE JANEIRO

cortar-lhes o passo com total ruina e prisão dos inimigos; porém alguns

68. Algum tempo antes das perturbações da provincia de Pernambuco se viu n'ella, em uma clara noite, ametade da lua coberta de sombras, em tal proporção que, partida do eclipse pelo meio, parecia estar em duas eguaes partes separada, mostrando o que lhe havia de acontecer na desunião dos seus moradores, em prova de que o reino em si dividido é desolação, da qual tocou á nobreza a maior parte, padecendo perdas da liberdade, assolações da fazenda, ausencias da casa, e com ellas a falta de lavouras nas suas propriedades, gastando mais do que podia em sustentar exercitos contra o Recife, e por esta causa se acha tão differente que é objecto de lastimas, sem esperança de tornar ao esplendor antigo dos seus antepassados, em pena d'estas e de outras muitas soberbas e vaidades.

69. Achava-se França queixosa de Portugal, por não receber a sua união n'aquelle tempo em que tinha poderosos motivos para a rejeitar, declarando-se pelo serenissimo senhor rei Carlos III contra Filippe V, que então emprehendia a conquista da monarchia castelhana, de que hoje tem a posse. D'este sentimento foi resulta permittir que os Francezes se animassem a invadir o Rio de Janeiro, que pela sua grande opulencia promettia um saque de muito preço. Aprestaram-se sete naus, das quaes cinco eram de linha, e sairam conduzindo mil homens de guerra, entre os quaes vinham alguns illustres cavalleiros da nobreza d'aquelle reino, trazendo por general a um cabo francez appellidado Duclerc, a cuja ousadia só permittiu a fortuna a gloria do impulso, mas não a do triumpho, e por alguns erros militares que commettera na empresa, nem a fama lhe dar o nome de soldado.

70. Ia já no fim o mez de agosto do anno de mil e setecentos e dez, quando se fez aviso ao Rio de Janeiro, de Cabo Frio, que lhe fica ao norte, que foram vistas algumas velas; com esta noticia o governador Francisco de Castro de Moraes (que havia succedido a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho no governo d'aquella provincia, promovido da de Pernambuco em que exercera com differente fortuna a mesma occupação) mandou preparar as fortalezas e a marinha, prevenindo as milicias para qualquer accidente de combate. Poucos dias depois, do porto de Guaratiba para a parte do sul se repetiu o proprio aviso, e logo entrando na barra d'elle, que fica onze leguas distante da enseada do Rio de Janeiro, as naus francezas desembarcaram mais de novecentos homens, os quaes marcharam para a cidade por matos onde não podiam levar fórma, salvo quando saiam ao descampado de alguma fazenda.

71. De tudo tinha avisos o governador, que podera n'aquelles estreitos transitos, tão praticados pelos naturaes como incognitos aos estrangeiros, cortar-lhes o passo com total ruina e prisão dos inimigos; porém alguns

destacamentos que mandou ao caminho por onde elles marchavam, mais serviram de testemunhar a sua jornada que de lha impedir, pois em sete dias de marcha se lhes não disparou um tiro. O governador Francisco de Castro, mandando tocar repetidos rebates, se formou no campo da cidade, dizendo que alli os esperava para os combater, sem que as instancias que lhe faziam os cabos e moradores o obrigassem o dar mais um passo; e só entendendo que os Francezes tomariam a fortaleza da Praia Vermelha, ordenou ao mestre de campo João de Paiva que a fosse soccorrer; e mandando-lhe perguntar o dito mestre de campo se havia de pelejar com os Francezes, respondeu que mandava defender a fortaleza, mas que fizesse o que a occasião lhe permittisse.

72. Aos dezoito do mez de setembro teve aviso que os inimigos fizeram alto no engenho dos religiosos da Companhia de Jesus, onde repousaram aquella noite, e ao amanhecer caminharam para a cidade. Do campo onde estava formado o governador se começaram a vêr as bandeiras inimigas pelas sete horas da manhã no dia dezenove do mesmo mez; e avistando *tambem* os Francezes o corpo do nosso exercito, torceram o caminho para a parte que chamam o Desterro, de cuja egreja da propria invocação o padre Frei Francisco de Menezes, religioso Trino, com valor benemerito do seu appellido, e alguns homens que juntara para hostilisar aos Francezes na descida d'aquelle sitio, lhes deu uma boa carga, matando lhes muitos soldados e a maior parte dos cavalleiros que marchavam na vanguarda, deante da qual ia o seu general Duclerc sem outras armas que uma rodella e o seu bastão.

73. Este accidente que podera embaraçar aos Francezes, lhes fez apressarem o passo para a cidade; mas chegando a Nossa Senhora da Ajuda, receberam outra carga da fortaleza de S. Sebastião, que pela eminencia em que está, é o propugnaculo ou cidadella da praça; para a qual marchando os inimigos, sem os deter nenhum perigo, disparando tambem incessantes tiros da sua mosquetaria, e passando duzentas braças defronte do nosso exercito, que ainda estava no campo sem que o governador se abalasse nem lhes mandasse dar um tiro, se introduziram pela rua da egreja de Nossa Senhora do Parto na rua direita da cidade, onde está o palacio dos governadores junto á marinha. Formaram-se defronte do Carmo, onde principia aquelle transito, e encaminhando o passo para S. Bento, andadas quasi oitenta braças, vendo-se feridos e mortos das nossas balas que pelas bocas das ruas se lhes empregavam, fizeram alto defronte do Trapiche de Luiz da Motta, formados e com as armas nas mãos.

74. N'esta perplexidade aconteceu um desastre que podera facilitar aos

inimigos a victoria; porque estando o almoxarife na Casa da Alfandega contigua a palacio repartindo a polvora, pegou na de um cartucho o fogo de um morrão e saltando a chamma a muitos barris, passou a palacio o incendio, com ruina notavel d'aquella grande machina e morte de tres valorosos estudantes, cuja companhia o guardava com tal disposição e alento, que na sua defensa obraram aquelles litterarios soldados como mestres da milicia, sendo discipulos da arte. Ao estrondo que fez o incendio, destacando briosamente do nosso exercito com o seu terço o mestre de campo Gregorio de Castro de Moraes, irmão do governador, entrou na cidade, e chegando áquella rua se bateu com os Francezes, impedindo-lhes tomarem o palacio, mas nas portas d'elle caiu morto de uma bala inimiga.

75. Mallogrou aquelle golpe na vida do mestre de campo Gregorio de Castro o avantajado valor que a natureza lhe dera, em recompensa do que negara a seu irmão; porém não desanimaram com a sua morte os seus soldados, combatendo com animo intrepido os contrarios. Outra não menos sensivel perda tivemos na do capitão de cavallos Antonio de Ultra, cujo valor conhecido fôra admiravel, se não peccara em temerario, como na presente occasião o mostrou; porque vendo destacar do exercito francez uma manga por um beco que ha entre o Trapiche do Motta e a egreja da Cruz, disse á sua tropa que o seguisse, porque só com ella havia de extinguir a todos os Francezes. Entrou pelo beco, mas não sendo seguido dos seus soldados, e achando os inimigos perfilados em duas alas por um e outro lado dando-lhe uma carga de mosquetaria, caiu morto de muitas balas.

76. Picava a nossa gente por varias partes a inimiga, fazendo-lhe pelas esquinas grandissimo damno, e já lhe faltavam mais de quatrocentos homens mortos ao nosso ferro, a troco de só trinta que haviamos perdido; vendo-se finalmente o general Duclerc accommettido de muitos Portuguezes que de novo iam concorrendo ao combate, se recolheu ao Trapiche, querendo n'elle fazer-se forte com a sua infanteria, da qual um troço de cem homens, por não caberem ou não atinarem, se metteu por uma esquina, onde parecendo já rendidos, foram todos mortos pelos nossos, sacrificando á sua vingança aquellas vidas que poderam servir á sua gloria, a não ser n'aquella occasião tão cego o furor que lhes fez antepôr o rigor á commiseração.

77. Até este tempo estava o governador Francisco de Castro de Moraes feito estafermo no campo; mas chegando-lhe a noticia de que os Francezes estavam dentro do Trapiche e postos em cêrco, entrou com o troço do exercito na cidade, que achou desoccupada de inimigos, por se haverem voluntariamente mettido na clausura do Trapiche do Motta, onde mandou o governador por um cabo de supposição dizer ao general Duclerc, que pois não

tinha já partido algum, se rendesse a arbitrio do vencedor; e vendo Duclerc começarem a repicar os sinos de todas as igrejas e mosteiros em signal de triumpho, dizia que era sua a victoria e não queria convir em que fosse nossa. Durou n'esta porfia e renitencia desde as onze da manhã até as duas da tarde, o que vendo o governador, mandou ir muitos barris de polvora para voarem o Trapiche, sem embargo da gente portugueza que o habitava, a troco de se ver livre por aquelle meio da franceza, que temia.

78. N'esta resolução se viram os maravilhosos effeitos do amor da patria, superiores ás poderosas forças do sangue, porque um natural do Rio de Janeiro, alferes da ordenança, que tinha muita parte na herança d'aquelle Trapiche, onde estavam actualmente sua mãe, irmãs, mulher e filhos, lhe apressava a execução do incendio, querendo ser o primeiro que lhe ateasse o fogo; acção benemerita dos escriptores romanos, porque não se mostraram mais constantes Junio Bruto em tirar a vida aos filhos, e Horacio em matar a irmã pela conservação da patria. Entendendo o general francez que não tardariam muito as chammas que se dispunham para abrazarem aquelle seu receptaculo, por salvar a vida e a dos seus soldados se entregou com elles á prisão.

79. Ao general pozeram primeiro no collegio dos padres da Companhia; depois o passaram para a fortaleza de S. Sebastião, e ultimamente lhe concederam faculdade para tomar uma casa, onde passado algum tempo, amanheceu um dia morto, sem se averiguar por quem, nem o saberem os mesmos soldados que o guardavam. Os mais Francezes foram divididos em prisão pela Casa da Moeda, conventos e mosteiros, com sentinellas á vista; depois foram mettidos na cadeia e nos calabouços da cidade, enviando-se a maior parte d'elles á Bahia e a Pernambuco. Ao quinto dia depois de conseguida a nossa victoria, chegaram á barra do Rio de Janeiro as naus francezas do porto da Guaratiba, onde haviam desembarcado os inimigos; lançaram de noite uns foguetes, que eram as suas senhas, mas não sendo respondidos, nem franqueado o transito para entrarem no golfo, como esperavam, certos da ruina da sua gente voltaram para França.

80. N'esta empreza do Rio de Janeiro ganhou o general Duclerc o nome de temerario, e perdeu o de soldado; porque pouco mais de novecentos homens, ainda que escolhidos e veteranos, eram pequeno exercito para emprehender a invasão de uma cidade populosa, penetrando muitas leguas o interior da terra por caminhos ignorados da sua gente, rompendo matos espessos e marchando sem fórma militar por passos tão estreitos que de poucos moradores do paiz podera ser desbaratado e vencido, faltando-lhe na jornada as commodidades que sobravam aos naturaes, como lhe acontecera, a ter disposição o governador Francisco de Castro para lhe mandar

cortar o passo e bater n'aquella espessura, onde se não podia valer da sua disciplina nem do valor dos seus soldados, sem pratica da peleja do Brazil.

81. Não commetteu menor erro depois de entrar na cidade, em se recolher com os seus soldados ao Trapiche, pondo-se elle proprio em cêrco, pois d'aquelle logar não podia resistir-nos, não tendo artificios nem canhões com que se defender e nos rechaçar, pois por poucos que lhe disparassemos, pondo por terra aquelle edificio, ficariam debaixo das suas ruinas, ou pegando-lhe o fogo voariam no seu incendio; mas d'esta cegueira é causa a ambição dos homens, a soberba dos cabos e o desprezo que fazem dos contrarios. Socegada já a cidade, se fizeram n'ella grandiosas festas em acção de graças, que remattaram com uma solemne procissão, levando o governador em todos estes actos os vivas e applausos da victoria em que não soube ter parte.

82. Recebeu com assaz impaciencia esta noticia a nação franceza, sempre diligente no augmento da sua grandeza e no despique dos seus aggravos. Sentia menos ver baldado o gasto que abatido o credito, e na recuperação de uma e outra perda empenhou maiores cabedaes e forças mais poderosas, e brevemente poz no mar uma armada de dezeseis naus de guerra e duas de fogo, que conduziam mais de quatro mil homens com o general Duguay, o qual ia a emendar os erros de Duclerc com outra não menos temeraria empreza, como invadir por mar a praça do Rio de Janeiro, cuja estreita barra, senhoreada de duas grandes fortalezas oppostas, e cujo dilatado golfo, defendido de muitas pouco inferiores, em logares opportunos edificadas, fazendo inexpugnavel aquelle porto impossibilitavam o empenho que a todo o risco da sua armada e da sua gente pretendia conseguir, com tão destemida resolução como imminente perigo.

83. Houve em Portugal noticia do apresto e poder d'esta armada, e que se publicava navegar ao Rio de Janeiro, onde iam os Francezes a recuperar a opinião e os presos que tinham deixado n'aquella praça, se não era o fim d'estes Argonautas ganhar o velocino de oiro das suas riquezas, que não tinha um dragão que o guardasse. De tudo informado o serenissimo senhor rei D. João v, fez aviso ao governador d'ella, e mandou brevemente sair a frota que lhe havia de ir aquelle anno, dobrando-lhe as naus do comboio, a gente e os petrechos militares, e ordenando que as naus mercantis que haviam de ir em sua conserva fossem as mais possantes, e capazes de poderem concorrer com forças competentes para o conflicto em necessidade de peleja, e nomeou por cabo a Gaspar da Costa de Ataíde, que exercia o posto de mestre de campo do mar.

84. Era Gaspar da Costa mui valoroso e pratico na milicia naval, em

cujo emprego sendo capitão de mar e guerra, tivera occasiões arriscadas e venturosas em que alcançara creditos de soldado e fama de capitão, benemerito de pôr fim ao curso dos seus serviços com melhor fortuna, sendo esta a unica occasião em que ella lhe voltou o rosto. Partiu de Lisboa a frota com grande presteza, e com a mesma chegou ao Rio de Janeiro, levando quatro poderosas naus de guerra e bons navios, escolhidos cabos e soldados, perparações militares para a defensa da praça; e havendo já alguns dias que se achava n'ella, foi aviso ao governador Francisco de Castro de Moraes, dos Goitacazes (ao norte do rio distantes oitenta leguas por costa da cidade), aos vinte do mez de agosto do anno de mil e setecentos e onze, que na Bahia Formosa se viram passar muitas velas tomando o rumo para aquella barra.

85. Tocou-se a rebate na praça, alistou-se a gente, guarneceram-se as fortalezas, e se fortificou a marinha. Os paizanos alentados com o proprio valor e com a memoria fresca da victoria passada, suppunham que a nova expedição de França ia a servir ao segundo triumpho do Rio de *Janeiro*. Bem conheciam o que tinham no seu governador, mas fiavam muito da disposição e alento de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, pondo em linha na defensa da praia as quatro naus de guerra e as mercantis de mais força. Porém estando n'esta fórma cinco dias, dando por falso o aviso, tornou a desembarcar; facto em que começou a perder o conceito que se tinha da sua vigilancia, como depois perdeu o que se formava da sua experiencia, mostrando-se perplexo no segundo aviso que de Cabo Frio chegou a dez do mez de setembro do proprio anno, de haverem passado dezoito velas levando o rumo para a cidade do Rio.

86. No dia seguinte, que se contavam onze do dito mez, com a nova lua houve tal revolução no tempo, que formando o ar densas nevoas, cobriu com ellas os montes da Gavia, do Pão de Assucar, a Ilha do Pay, a barra e toda a circumferencia do golfo, de tal fórma que não podiam vêr nem ser vistos da cidade sem lhes tirarem as nevadas capas as brisas do sul, que então ventava fortemente rijo; e navegando as naus inimigas como entre nuvens, quando á uma hora depois do meio dia as deixou divisar a cerração, estavam já das fortalezas da barra para dentro. Foram em seguida ordem atravessando a enseada, dando uma e outra banda de artilheria ás nossas fortalezas, e ás cinco da tarde ficaram todas surtas na Ponta das Baleias, distante um tiro de peça da cidade.

87. Devendo Gaspar da Costa de Ataide metter-se em as nossas naus e pol-as em linha na defensa da marinha, como fizera no ensaio do rebate (em que se houve com melhor disciplina que na occasião, do conflicto) as

mandou marear pelas livrar dos inimigos; porém achando mais prompto o perigo no baixo no Porto da Prainha, e na Ponta da Misericordia, ordenou logo que fossem abrasadas, mandando por-lhes o fogo, em que arderam intempestiva e lastimosamente. Na desordem d'estas disposições descobriu este cabo a falta e variedade que já experimentava no entendimento, e crescendo mais em tanta desgraça, ficou padecendo este defeito em todo o tempo que lhe restara de vida. N'aquella tarde e nos tres seguintes dias foram taes os eccos da artilheria das naus inimigas e das nossas fortalezas, que em reciproco estrondo parecia arruinar-se o mundo, causando maior ruido o incendio da nossa casa da polvora na fortaleza de Villagalhão, em que acabaram desastradamente alguns capitães alentados e muitos soldados valorosos.

88. Todo este horror não bastou e entibiar o animo ardente dos naturaes do Rio de Janeiro, antes lhes serviu de estimulo; porque vendo que os Francezes assentavam artilheria no monte de S. Diogo, acudiu a elle o capitão Felix Madeira, e matando alguns, fez prisioneiros outros. Indo Bento de Amaral a defender a fortaleza de S. João, perdeu a vida tirando-a a muitos inimigos; porém a fatalidade que estava destinada áquella cidade, superou o valor dos seus moradores, que vendo desanimado a Gaspar da Costa, e que o governador Francisco de Castro mandara abandonar e cravar a artilheria da fortaleza da Ilha das Cobras (porto em que ancoram os navios), foram entendendo que por falta de quem os governasse era irremediavel a sua perdição.

89. Tendo os Francezes noticia pelas suas espias que estava desamparada a Ilha das Cobras, e sem gente que lhes fizesse resistencia, a tomaram logo, e sendo-lhes opportuna pela vizinhança para bombearem a cidade, lhe lançaram tantos artificios de fogo, que pegando em palacio e em outras casas, infundiram nos moradores um panico terror tão interno, que na noite do quinto dia da chegada dos inimigos, em que o governador e Gaspar da Costa tinham assentado retirar-se com a infanteria e deixarem a praça, o fizeram elles sem excepção de edade, estado e sexo, tão confusamente, que a troco de salvarem as vidas se metteram pelos bosques, deixando as riquezas que possuiam na cidade, sem lhes deter a fuga uma das mais horriveis noites de chuva e tempestade que se havia visto n'aquella provincia, ajudando ao furor natural dos elementos do vento e agua excitados pelo tempo o artificial estrondo do elemento do fogo disposto pelos homens.

90. Rendidas já muitas fortalezas aos Francezes, dando-lhes noticia as suas espias de que estava deserta a cidade, a occuparam, e fortificando os

postos que lhes pareceram mais importantes, se deram ao roubo, achando um despojo mais rico do que imaginaram, porque importou muitos milhões o saque; e vendo que não tinham mais que recolher, capitularam com o governador Francisco de Castro deixarem a cidade sem a demolirem, por uma grossa somma de oiro, que depois veiu a ficar em seiscentos e dez mil cruzados, os quaes saíram de todos os moradores e religiosos conforme os cabedaes de cada um; e emquanto se juntava a quantia, para a qual se valeram dos cofres que anticipadamente os seus ministros mandaram pôr em salvo fóra da cidade, se detiveram os inimigos n'ella, abstrahindo-se de obrar mais estragos, havendo experimentado n'elles a maior ruina o mosteiro de S. Bento, para cujo reparo gastaram depois os seus monges mais de cincoenta mil cruzados.

91. Tinha ido aviso, no mesmo dia em que entrara a armada franceza, a Antonio de Albuquerque Coelho, que estava governando as Minas; juntou logo tres mil e tantos homens, bem e mal armados, e marchando com elles para o Rio de Janeiro, quando chegou soube que estava ganhada e vencida a cidade, e não achando remedio a baralhar a feira, conveiu n'ella. Entregue a quantia dos seiscentos e dez mil cruzados aos Francezes, saíram d'aquella barra a vinte e oito do mez de outubro, havendo um anno, um mez e oito dias que foram vencidos pelos Portuguezes n'aquella cidade, cujos moradores desprezando o dominio de Francisco de Castro de Moraes, obrigaram a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregar-se do governo até ordem de sua magestade, sem haver em Francisco de Castro impulso de se conservar no cargo de que o depunham.

92. Levaram os inimigos todos os Francezes que no Rio de Janeiro ficaram da primeira expedição, aos quaes se tinha dado por prisão a cidade, e se mostraram tão agradecidos ao beneficio que receberam de alguns moradores, pela caridade que com elles usaram, que informando ao seu general da obrigação em que lhes estavam, foram preservadas as suas casas do saque e da ruina, ficando fechadas assim como os seus donos as deixaram; acção digna de louvor e benemerita d'esta lembrança; nem se podia esperar menos da generosidade d'aquella nação, á qual sobrando-lhe tantas prerogativas, não podia faltar a do agradecimento, ganhando n'esta urbanidade mais riqueza de fama da que poderam adquirir de cabedal no despojo d'aquellas casas.

93. Com a nova infausta da desgraça do Rio de Janeiro, enviou o serenissimo senhor rei D. João v por governador d'aquella provincia a Francisco de Tavora, que em poucos annos de edade tinha muitos de serviços, obrados nas guerras proximas em varias partes de Hespanha, ostentando em todas o

valor hereditario da sua esclarecida e antiquissima familia. Levava ordem para prender a Francisco de Castro e a outros cabos, em cuja execução os pôz em asperas prisões. Da Bahia mandou passar el-rei ao Rio de Janeiro a Luiz de Mello da Silva, chanceller da Relação do Estado, que com este cargo chegara de Lisboa no anno antecedente, e aos desembargadores Manuel de Azevedo Soares e André Leitão de Mello, que com louvavel procedimento acabavam os seis da sua residencia n'este tribunal, os quaes com o ouvidor do Rio de Janeiro, ministro togado, e outros dois do mesmo caracter, que foram crear duas ouvidorias nos povos das Minas, e com o ouvidor da provincia de S. Vicente, haviam de formar uma Relação de sete ministros na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, para sentenciarem os culpados na entrega d'ella.

94. Juntos os ministros, procedeu o chanceller em tirar devassa do caso. Não faltaram opiniões que tambem infamavam de traidor a Francisco de Castro, mas não havendo indicios para se lhe formar culpa de infidelidade, se lhe provaram faltas de valor e de disposição, que foram causa de não pelejar na defensa da praça e de a desamparar, crime pelo qual foi sentenciado a degredo e prisão perpetua em uma fortaleza da India. Um mestre de campo, seu sobrinho, filho de Gregorio de Castro de Moraes, que succedera a seu pae no cargo e não no alento, foi privado do posto, com degredo perpetuo; um capitão da fortaleza de S. João, que por cobarde a entregara logo aos inimigos (delicto pelo qual andava ausente), enforcado em estatua. Aos outros presos se concedeu livramento, e mostrando que não concorreram mais que na obediencia das ordens do seu governador, foram dados por livres; e com estas sentenças se dissolveu o tribunal mandado formar n'aquella cidade para castigar os complices na sua perda.

95. Succedeu a D. Lourenço de Almada no governo Pedro de Vasconcellos e Sousa, cujo entendimento e valor não ficaram devedores á grandeza do seu illustrissimo nascimento, e haviam desempenhado em todos os lances as obrigações que herdara dos seus famosos antepassados. Tinha nas guerras proximas do reino obrado acções heroicas, occupado grandes postos, e se achava exercendo o de mestre de campo general, do qual foi enviado por governador e capitão geral do Brazil, onde a memoria do conde de Castello Melhor seu avô, que com grandes applausos occupara o mesmo logar, podera fazer grata a sua pessoa a este Estado, a não ser n'aquelle tempo o horoscopo que o dominava contrario ao socego dos seus moradores, pois achou Pernambuco hostilisado pelos naturaes, o Rio de Janeiro tomado pelos Francezes; desgraças a que se seguiu o perigoso accidente da alteração do povo da Bahia.

96. Experimentava a nossa America, havia muitos annos, grandes insultos e roubos de piratas nos seus mares, tomando varios navios que saíam dos seus portos ou a elles iam, e com maior porfia depois que se descobriram as Minas do Sul. Esperavam os patachos e sumacas que conduziam o oiro á Bahia e a Pernambuco, e as embarcações que das referidas provincias o levavam para a Africa ao resgate dos escravos (antes que se lhes prohibisse o transporte d'este genero para aquella costa); e fazendo repetidas presas, eram as perdas tantas e tão consideraveis que continuamente se achavam pobres muitas pessoas, que com grande trabalho e risco das vidas o iam tirar das minas, e o conduziam para as suas patrias, parecendo irremediavel este damno por não haver naus de guerra da corôa portugueza que sulcando as ondas de uns a outros portos, segurassem o transito ás nossas embarcações e afugentassem as dos piratas.

97. Sendo presente ao serenissimo senhor rei D. João V este sensivel damno dos seus vassallos, e conhecendo que o reparo de tanto prejuizo requeria um tão custoso como efficaz remedio, resolveu mandar naus *que* guardassem as costas da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, as quaes vagando por estes mares, os limpassem de corsarios e segurassem as viagens das nossas embarcações, ordenando se reedificassem e aperfeiçoassem as fortalezas de todas as nossas praças para a defensa d'ellas e socego dos seus habitadores, que da ambição das nações e piratas podiam temer o proprio damno que os do Rio de Janeiro experimentaram na invasão dos Francezes. Era grande a despeza que se havia de fazer com as naus e com as fortificações, e requeria arbitrar-se consignação de effeitos tão promptos quanto era urgente a necessidade.

98. Ordenou sua magestade que todas as fazendas que entrassem nas alfandegas das provincias do Brazil, pagassem n'ellas dez por cento, imposição da qual se podia tirar quantia competente para o novo gasto, parecendo justo e conveniente que sendo os homens de negocio tão interessados na segurança das suas embarcações e do oiro que mandavam buscar pelos seus generos, concorressem para uma despeza da qual se lhes seguiam tantas utilidades. Encarregou ao governador e capitão geral Pedro de Vasconcellos o estabelecimento d'esta dizima na Bahia, como aos outros governadores nas mais provincias.

99. Tratava Pedro de Vasconcellos de estabelecer este direito na alfandega da Bahia, quando alterada a maior parte dos homens de negocio, tendo prevenido ao juiz do povo, seus misteres e quantidade de plebe, appareceram juntos na praça de palacio, na manhã do dia dezenove de outubro; e mandando o juiz do povo tocar incessantemente o sino da cidade,

foi concorrendo de varias partes tanta gente vil, que em breves instantes se viram cheias a praça e as ruas vizinhas a ella. O governador vendo aquelle ajuntamento, pediu uma espada e uma rodella, intentando castigar aquella turba com os seus creados, officiaes e soldados da guarda; mas advertido a se não expôr a algum desastre, se absteve, mandando dizer se recolhessem a suas casas, e lhe expozessem a sua pretensão por supplica e não com violencia.

100. Respondeu o povo pelo seu juiz, que era o interprete dos recados e respostas, que alli se juntara para se não recolher sem que se derogasse ou suspendesse a ordem da nova imposição, que não queria acceitar, como tambem a maioria do preço do sal que se havia accrescentado no anno antecedente de quatrocentos e oitenta a setecentos e vinte réis. Tornou-lhes o governador por resposta, que deviam recorrer com aquelle requerimento a sua magestade e não a elle, a quem só tocava executar as suas reaes ordens. Enfurecido o povo, de que era cabeça (depois do seu juiz) um mercador chamado João de Figueiredo Costa, por alcunha o Maneta, blasonando ameaçava conseguir por força o que pretendia, procedendo na fórma que entendesse; e n'este tempo saíram d'aquelle dissonante conflato de vozes algumas palavras immodestas contra a pessoa do governador Pedro de Vasconcellos e Sousa, em quem concorriam tão relevantes qualidades, que ainda separadas do caracter eram dignas de veneração; porém quando um povo se arroja cego, até os respeitos servem aos estragos.

101. Tinha o povo grande odio a Manuel Dias Filgueira, que se achava em Lisboa a varios particulares seus, menos aggravantes do que os suppunham. Era homem de negocio grosso, que de pouca sorte tinha chegado a muita fortuna, aborrecido da maior parte dos mercadores por orgulhoso e por viver com arrogancia e fausto improprio do honesto trato da sua profissão. Trazia o contrato do sal, e já o accrescentamento do seu preço, como agora a imposição dos dez por cento, se attribuia a arbitrio seu, impondo-lhe que trabalhava em trazer á Bahia paço da madeira de que vinha por administrador. Esta apprehensão errada fez abalar ao povo da praça a sua casa, sita detraz da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, não muito distante de palacio.

102. Pelo grande receio em que a sua consorte vivia, e o pouco anticipado aviso que lhe fez um confidente, livrou da morte e a sua familia, mas não do estrago a sua casa e fazenda; porque, ausentando-se e deixando as portas fechadas, lhas romperam á força de machados, e subindo ao alto lançaram pelas janellas á rua não só as alfaias que lhe serviam de ornato, muitas e de preço, porém outros generos de valor pertencentes ao interesse

do seu negocio passando a destruir e quebrar as portas das janellas d'aquelle edificio, que entre as casas particulares é uma das melhores que tem a Bahia. Dos armazens que lhe ficam por baixo, arrombaram varias pipas e barris, os quaes inundaram as ruas em licores importantes.

103. D'alli andado um grande espaço para a parte de S. Francisco, foram a casa de Manuel Gomes Lisboa, que acautelado se tinha posto em salvo. Era suspeito ao povo por ser intimo amigo de Manuel Dias Filgueira e socio nos seus negocios, posto que pela modestia com que vivia em muitos cabedaes, lograva melhor opinião; mas não lhe valeu o differente conceito que d'elle se tinha para deixar de incorrer no estrago do companheiro, por julgarem proprios os interesses de ambos. Subiram a sua casa igualmente asseada, e lhe lançaram das janellas tudo o que acharam de preço e estimação, experimentando maior perda no oiro em pó que tinha em dois contadores, pois ao golpe com que caíram se espalhou e perdeu pela rua, ficando aquelle metal pisado então da plebe vil, que mais o costuma pôr sobre a cabeça.

104. Dilatavam-se ainda em causar-lhe mais ruinas, quando chegou a real presença de Deus no santissimo Sacramento da Eucharistia, que em uma ambula, acompanhado de alguns irmãos e de todos os conegos e beneficiados da Sé, lhes levara o arcebispo para os aquietar, admoestando-os e persuadindo-os ao socego e paz. Prostraram-se todas aquellas creaturas ao seu Creador, e embainhando as espadas o adoraram e acompanharam á Matriz. Porém recolhido, não aproveitando as paternaes exhortações do metropolitano a suspender-lhes o furor, tornaram para a praça com as armas outra vez nas mãos em demanda da sua pretensão, clamando que se não tratasse da imposição dos dez por cento, e que tornasse o sal ao preço de quatrocentos e oitenta réis.

105. Havia acudido a palacio e se achava já com Pedro de Vasconcellos D. Lourenço de Almada, e com o seu parecer se concedeu quanto o povo pretendia, e de mais um perdão geral do facto, que solicitava sem excepção de pessoas, entendendo que sem elle não havia obrado nada; mas promettendo-se-lhe tudo, introduziu em palacio um advogado para se fazerem com a sua jurisprudencia os termos em fórma legal e juridica, e assignados pelo governador e capitão geral, se concluiu a materia pelas seis horas da tarde, em que se dissolveu o tumulto, ouvindo-se até aquelle ponto o sino da cidade, tocado incessantemente por um troço de plebe, que alli assistia para este effeito.

106. Foi cousa digna de louvor para os filhos do Brazil vêr-se que entre tão numerosa gente quanta concorreu para esta alteração, se não achasse

pessoa alguma natural d'este Estado ingenua ou de honesta condição, salvo alguns officiaes mecanicos que das suas tendas foram levados pelos amotinados, porque estes foram todos filhos do reino, unindo a si alguns estrangeiros de varias nações que se achavam na cidade, sequazes e dependentes dos que urdiram o levantamento; e d'esta verdade foram sabedores todos os ministros reaes que então e depois residiram na Bahia, conhecendo que na obediencia dos naturaes do Brazil havia differente procedimento d'aquelle a todos as luzes insolente e detestavel.

107. Procurou depois aquelle ajuntamento dourar o seu erro com uma resolução generosa, mas, ainda que honrada, não póde deixar de parecer violenta, sendo emprehendida ao som do sino da cidade, com o mesmo tumulto e confusão, com as proprias vozes e as espadas nuas, guiado pelo juiz do povo e pelo cabeça da primeira alteração João de Figueiredo da Costa, chamado o Maneta. Juntou-se a mesma gente que concorreu no passado motim, na tarde do segundo de dezembro do proprio anno, quarenta e quatro dias depois do primeiro movimento. Entraram na praça, e sabendo que o governador Pedro de Vasconcellos se não achava em palacio, o seguiram até á casa em que pousava D. Lourenço de Almada, sita no bairro de S. Bento, fóra das portas da cidade, mas proxima a ellas.

108. Mandou D. Lourenço fechar-lhes as portas, deixando só um postigo da loja aberto, por onde podesse entrar a pessoa que o povo mandasse a representar o que pretendia. Clamaram todos pela restauração do Rio de Janeiro, e que o governador mandasse logo aprestar as naus de comboio e todas as que se achassem no porto capazes da empresa, alistar gente e prevenir todas as cousas pertencentes á expedição, em que suppunha consistia a liberdade d'aquella praça dominada pelos Francezes. Com esta proposta enviou o povo a Domingos da Costa Guimarães, homem são e de bom procedimento, a quem escolheu para mensageiro d'esta proposição e para agente da empreza na parte que tocasse ao povo, e com esta representação entrou Domingos da Costa pelo postigo de casa de D. Lourenço de Almada a fallar a Pedro de Vasconcellos.

109. Respondeu o governador que não havia gente, navios e artilheria competentes para combater com dezoito naus de guerra triumphantes; que era necessario maior poder para expulsar os inimigos d'aquella barra e cidade, de que estavam já senhores; que não havia dinheiro para a empreza, e na contingencia de se conseguir, se experimentaria o damno certo de não voltar n'aquelle anno a frota com os effeitos da Bahia, cuja conducção el-rei muito encommendava, consignando tempo certo e determinado para a sua demora; ordem que se não podia alterar por uma acção tão

duvidosa, quanto era infallivel o prejuizo que da falta do comboio resultaria ás rendas reaes e aos moradores da Bahia, assim no empate como na damnificação dos seus generos.

110. Replicaram, que emquanto ao dinheiro se achavam em Santa Thereza e no Collegio de Jesus grossas quantias de pessoas, que de partes distantes as mandaram guardar n'aquellas duas sagradas religiões para diversos fins, e que se podiam logo tomar as que bastassem, contribuindo depois os moradores da cidade e seu reconcavo, conforme os cabedaes de cada um, á importancia d'esta despeza, da qual tomavam os homens de negocio sobre si a maior parte. Que para augmentar o numero das naus, se mandassem vir de Pernambuco as duas de guerra que lhe tinham ido na frota. Que a artilheria que logo se podesse juntar bastava, e que a gente das naus de um e outro comboio, com a que se fizesse na Bahia, era numero capaz de combater com os Francezes.

111. Necessariamente assentiu Pedro de Vasconcellos, dando tempo a que desafogasse o povo o vigor com que pretendia uma empreza nos *termos* presentes impossivel; e como a distribuição da despeza que havia de tocar aos moradores pertencia ao Senado da Camara (se é que elle podia fazer similhantes imposições sem ordem real), desfeito com a noite o concurso d'aquelle dia, amanheceu no seguinte em o Senado, convocando o juiz do povo ao juiz de fóra e aos officiaes que se achavam aquelle anno na governança, os quaes chamaram ás casas da Camara aos senadores e homens bons, com cuja assistencia costumam por lei e instituto determinar os negocios extraordinarios.

112. Juntos, representou o Senado ao povo (entre o qual estavam quasi todos os homens de negocio da Bahia) as mesmas difficuldades que lhe mostrara o governador, e teve a mesma resposta, clamando que se lançasse o termo de resolução do imposto que se havia de fazer aos moradores, porque a empreza era irrevogavel. O Senado, por obviar maior violencia, fez o termo que pedia o povo, o qual tratou logo no que promettiam os mercadores, que chegou a um cômputo tão grande que podia fazer a maior parte da despeza. Domingos da Costa Guimarães havia de ser o bolsa ou thesoureiro d'aquelle recebimento, que se determinava supprir no emquanto com o dinheiro depositado nos dois conventos, como temos escripto; porém não chegou a acção a termos de se usar d'elle.

113. Tantas diligencias se applicavam ás preparações da armada, quantas mais difficuldades na sua expedição se descobriam, conhecidas por invenciveis dos mais empenhados na empreza, que posto se não desanimavam, iam vendo por experiencia o grande concurso de causas que havia

para se desvanecer. N'esta contingencia chegou noticia do Rio de Janeiro que os Francezes, saqueada e vendida a praça, a deixaram; com que tudo se suspendeu, ficando aos autores d'aquelle valoroso impulso a jactancia de o pretenderem executar, sem advertirem que os meios não eram tão honestos como o empenho, e que podiam ser motivo de que a acção se visse a differente luz da com que podera ser tomada, como aconteceu.

114. A similhança que houve, não na substancia, mas nos accidentes, entre o segundo e o primeiro movimento, veiu a equivocar e confundir um com outro de tal forma, que depois se puniram ambos, sem se fazer distincção do vicio á virtude, padecendo culpados e innocentes; porque mettendo algum tempo em meio, ordenou o governador e capitão geral Pedro de Vasconcellos ao ouvidor geral do crime devassasse d'aquellas turbulencias, o que executou com segredo; e ficando culpados muitos, sem embargo da grande prevenção e segurança do governador para os prender, se colheram poucos e os mais se ausentaram.

115. Dos presos foi entre outros sentenceado Domingos da Costa Guimarães injustamente; mas recorrendo aos rectissimos tribunaes de Lisboa, mostrou n'elles a sua innocencia, e não ser culpavel o segundo movimento do povo, mas sim digno de attenção e agradecimento; o que provado n'aquella côrte, o deram por livre, mandando restituir-lhe a sua honra, com empregos que até então não havia alcançado, e maiores que a condição da sua fortuna.

116. Com estas alterações era tanta a arrogancia do juiz do povo, andava tão ufano e procedia tão violento, que pretendia arrogar a si as jurisdicções de todos os tribunaes, impugnando as resoluções que não eram conformes ao seu arbitrio, com o pretexto de serem prejudiciaes ao povo que chamava seu, ameaçando novos levantamentos, e mandar tanger o sino da cidade, que pelos referidos excessos era já tão fatal e temido na Bahia, como a campa de Belilha em Hespanha. Queria no Senado da Camara, contra o estylo antigo, assistir a todas as conferencias; e sendo tolerado dos vereadores com prudencia pelo presente estado do tempo, se estendia a sua audacia a impugnar os votos proferidos em materias politicas, incompativeis á sua intendencia; e n'outras queria que logo alli se revogassem os despachos, sem nenhum termo judicial, com que só os podia embargar pedindo d'elles vista.

117. D'esta ousadia, e da confiança que para commetter insultos tinha o povo n'aquelle seu magistrado, cuja sombra e poder entendia que o segurava de todo o castigo, deram os officiaes da Camara conta a sua magestade, pedindo-lhe fosse servido, para quietação da Bahia, mandar extinguir

o logar de juiz do povo, com o exemplo da camara do Porto, onde por similhantes disturbios fôra extincto; e o serenissimo senhor rei D. João v ouvindo esta justa supplica, mandou extinguir o dito logar, de que resultou temor nos inquietos, e jubilos nos fieis e principaes moradores da Bahia.

118. Lidava o capitão geral Pedro de Vasconcellos, incessantemente em pôr a Bahia em cabal defensa para qualquer accidente que houvesse de acontecer, e se podia receiar no tempo presente com o exemplo do Rio de Janeiro, pela inimizade de França; e merecendo as suas disposições serem louvadas, eram mal recebidas, porque ao ocio dos moradores pareciam estranhos os continuos exercicios militares que fazia á infanteria paga e ás ordenanças, instruindo-as na pratica moderna das nossas campanhas proximas, pela nova forma da peleja de Europa, prevenindo e municionando as fortalezas, e attendendo a tudo o que podia ser util ou prejudicial com grande disciplina e experiencia. No tempo que lhe sobrava, se applicava aos negocios politicos, resolvendo as materias com acertos e sem demoras, e fazendo que as execuções caminhassem tão apressadas como as ordens; *fogo que* nascendo de fervoroso zelo, fazia parecer excesso o que era providencia.

119. Por este conceito se achava tão descontente na Bahia, que pediu a el-rei com o maior encarecimento, e em satisfação dos seus serviços, lhe mandasse successor antes de se acabar o termo do seu governo. Esta supplica fazia, vendo por fatalidade mallogradas as disposições do seu entendimento, em verdade grande, porém infelizmente activo, porque se lhe attribuia a viveza do alento á inquietação do animo, tendo por demasiadas ou superfluas as suas resoluções, posto que viam resplandecer n'elle admiravel talento, summa independencia e outras notorias virtudes, que podiam avultar muito em mais venturuso tempo. Attendendo sua magestade ás suas repetidas supplicas, lhe enviou successor aos dois annos e oito mezes do seu governo.

HISTORIA

DA

AMERICA PORTUGUEZA

LIVRO DECIMO E ULTIMO

Vem por vice-rei e capitão geral de mar e terra do Brazil o marquez de Angeja — Seu grande talento e relevantes empregos — Minas de oiro na Jacobina — Abrem-se segunda vez as Casas da Moeda no Rio de Janeiro e na Bahia, para lavrar as de oiro — Recolhimento de mulheres na cidade da Bahia, e seu instituidor — Acções do marquez vice-rei no seu governo — Succede-lhe n'elle o conde do Vimieiro com o posto de governador e capitão geral — Presagios na sua vinda — Padecem por justiça muitos piratas estrangeiros — Adoece o conde governador — Sua morte e elogio — Acha-se no collegio dos padres da Companhia de Jesus uma via de successão — Tomam posse do governo o arcebispo, o chanceller e o mestre de campo mais antigo — Vai o conde de Assumar a governar as Minas — Procura reduzir á obediencia e ordens reaes os absolutos e poderosos — Amotinam estes os povos — Prisão e castigo dos principaes — Succede aos tres governadores o vice-rei e capitão geral de mar e terra Vasco Fernandes Cesar de Menezes — Suas muitas virtudes e grandes experiencias — Chega á Bahia o patriarcha de Alexandria — Morte do arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide — Seu elogio — Acções do vice-rei, e os successos do Brazil durante o seu governo, em que põe fim esta historia.

Pelas populares borrascas se achava ausente a serenidade publica da Bahia, e tornou com a vinda do vice-rei D. Pedro Antonio de Noronha, marquez de Angeja, conselheiro de estado e védor da fazenda, cuja grande casa de Villa Verde (de que até então se intitulara conde) é uma das esclarecidas varonias do seu real appellido. Na sua infancia se ajustou a paz com Castella, e achando-se em juvenil idade sem occasiões na patria em que exercer e cultivar o seu natural valor, foi mandado por vice-rei da India, para fazer no formidavel theatro da Asia o ingresso aos triumphos que depois alcançou em Europa, como Germanico na sua juventude fôra enviado a esforçar e endurecer o alento na guerrra do Illyrico, que era a mais aspera que tinham os Romanos, para discorrer e conseguir victorias por todas as provincias do imperio.

2. Chegou a Goa, sendo o vice-rei de menos annos que até o tempo do seu governo se assentara n'aquelle throno. Ordenou as cousas militares e politicas das nossas praças com disposições superiores ás suas experiencias e só proprias do seu entendimento, que sempre elevado sobre os impossiveis, representados pelas difficuldades, vinha a conseguir as emprezas só com as facilitar. Despediu varias armadas, que alcançaram muitas victorias, e navegando a visitar as fortalezas do Norte, por mares que continuamente frequentam naus inimigas, noticiosa da sua viagem uma poderosa esquadra de navios arabes que os cursava, tremeram todos de sorte ao estrondo da sua fama que lhe fugiram, retirando-se a Bejapor, onde lhe não poderam escapar, fazendo-os o vice-rei dar á costa e abrazar n'aquelle porto.

3. Levou o curso da victoria muito adiante, porque discorrendo por muitos mares e costas, foi abrazando em chammas e reduzindo a cinzas innumeraveis povoações antigas, que o tempo e a fortuna haviam tirado da nossa obediencia, as quaes pagaram nos estragos a rebellião; e por não achar já inimigos que vencer, tornou triumphante a Goa. N'aquella cidade, cabeça do nosso imperio na Asia, dispoz as materias pertencentes á administração da justiça e á defensa do Estado. Recebeu e despediu embaixadas, e tendo obrado muitos compendios de acertos em poucos annos de governo, o entregou a Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, almotacé mór do reino, que o fôra succeder com o mesmo posto.

4. Voltou para Portugal com escala pela Bahia, a qual o soube festejar como aquelle a quem depois havia de obedecer. Chegado a Lisboa, logrou o socego da paz, que é o fructo do trabalho da guerra, até que a fizemos a Castella pelas justissimas causas que já temos mostrado. Occupou relevantes postos com venturosos successos, e teve grande parte no triumpho que lográmos na coroada villa de Madrid, segurando a sua campanha com toda a cavallaria de que era general, para o marquez das Minas acclamar n'aquella côrte ao serenissimo senhor Carlos III rei de Hespanha. Do posto de general da cavallaria passou ao de general do exercito, que occupou com o mesmo valor sobre todos os imperios da fortuna; e ultimamente foi enviado por vice-rei e capitão geral de mar e terra do Brazil, sendo o terceiro que com aquelle titulo governou este Estado.

5. Entrou na Bahia em junho do anno de mil e setecentos e quatorze a succeder ao governador e capitão geral Pedro de Vasconcellos e Sousa. Tomou posse em dia de Santo Antonio, fausto pela celebridade de um santo portuguez, seu patricio, patrono, e do seu nome. Dispoz as cousas pertencentes ao seu governo, e logo se lhe foram convertendo em fructos os abrolhos

que tanto molestaram ao seu antecessor. Estabeleceu a imposição dos dez por cento, deu fórma á sua arrecadação, creou os officiaes para esta dizima, distribuiu por elles as incumbencias, arbitrou-lhes os salarios; e o seu regimen até o tempo presente se observa na alfandega d'esta cidade.

6. Fez continuar as obras das fortalezas e fabricas para a defensa da praça, a cujas despezas applicara o serenissimo senhor rei D. João v aquelles direitos; augmentou a de S. Pedro, levantada em um dos arrabaldes; ampliou a de S. Marcello, edificada no mar, e fez dar nova fórma e grandeza á de Nossa Senhora do Monte Carmelo, chamada do Barbalho, que está adeante da fortaleza de Santo Antonio além do Carmo; e finalmente applicou com fervoroso zelo um incessante cuidado a tudo quanto anteviu do serviço del-rei e do augmento do Estado, premiando benemeritos e fazendo castigar culpados.

7. N'este tempo as Minas da Jacobina (dilatada porção de terra da provincia da Bahia, pelo seu interior continente cento e vinte leguas da cidade, e pelo grande rodeio do caminho quasi na mesma altura) brotaram os mais portentosos grãos que até o presente se teem visto nas outras do Brazil. Quatro se trouxeram á Casa da Moeda de notaveis fórmas e tanto peso, que um importou mais de setecentos mil réis, os outros pouco menos, e depois um de valor de tres mil cruzados. Haviam alguns annos antes dado mostras do finissimo oiro que guardavam as veias dos seus montes, para o tributarem no governo do marquez vice-rei.

8. Por noticia que d'estas minas tivera o governador geral D. João de Lencastro, mandou ao descobrimento d'ellas, no anno de mil setecentos e um, o coronel Antonio Alvares Silva e um religioso do Carmo, que por natural de S. Paulo tinha sufficiente experiencia d'aquelle emprego, assistidos de dois sargentos e dez soldados com as ferramentas e instrumentos necessarios para esta diligencia, da qual não resultou o effeito que se esperava, pelas poucas oitavas de oiro que se tiraram; e pouco antes da vinda do marquez, concorrendo de varias partes muita gente, applicando maiores forças, se foram e vão lavrando, posto que com maior trabalho que as do Sul, porque o oiro da Jacobina quanto mais finos toca os quilates, tanto mais profundo tem o nascimento.

9. Com a vinda do marquez mandou el-rei abrir de novo a Casa da Moeda na Bahia, só para as de oiro, como alguns annos antes havia mandado laborar segunda vez a do Rio de Janeiro, porque a liberal producção d'este metal puro e de muitos quilates nas abundantes e ricas minas do Sul, enchendo estas provincias, fazia preciso este expediente, com o qual se facilita em Portugal e no Brazil a compra de uns generos e a remessa

de outros, pela grandissima copia de moedas que se remettem ao reino e correm por todo o Estado. Enviou por provedor d'ella a Eugenio Freire de Andrada, que tem mostrado zelo no serviço de sua magestade.

10. Ajudado pelo marquez vice-rei, o provedor da Moeda fez que em pouco tempo a Casa principiasse a sua operação, a qual continúa com grande utilidade das partes e da fazenda real, porque não demittiu sua magestade agora rendas tão importantes á sua corôa, quaes são as senhoreagens das moedas das duas Casas (que hão de ter muita existencia ou ser perpetuas), posto que as demittisse nas primeiras que concedeu ao Brazil por tempo limitado, emquanto se lavrasse a prata e oiro que no Estado houvesse para se reduzir a dinheiro. Começou a Casa da Moeda da Bahia a laborar segunda vez em quatorze de novembro do anno de mil e setecentos e quatorze, havendo chegado os officiaes e a fabrica aos onze de junho do mesmo anno.

11. O oiro se põe na lei de vinte e dois quilates, que teem todas as moedas do reino. Paga-se ás partes pelo que toca, por ser mais *puro* e subido, e ter vinte e dois, vinte e tres, e algum vinte e quatro quilates, superior ao de que se lavraram as moedas provinciaes, mais baixo por ser da Costa de Africa e do que se colhia em S. Paulo de lavagens, antes que abertas as minas, o dessem mais acendrado e fino, havendo tambem sua magestade attenção na maioria do preço que agora permitte, á vantagem das arrobas que os mineiros accrescentaram ao tributo que da lavra d'este metal lhe pagavam, em que aquelles subditos não contribuiam com a importancia dos quintos que devem de direito á real fazenda, interessando elles a maior parte do que pertence ao nosso monarcha nos thesouros que a natureza poz n'esta região, descoberta pelos seus vassallos e dominada do seu augusto sceptro.

12. Fazem-se tres generos de moedas, na fórma, nas letras e no escudo como as provinciaes, com a novidade de rematarem as pontas da cruz, que tem de uma parte, com lisonjas como a da Ordem e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo; porém differentes no valor intrinseco e extrinseco, porque (postas todas na lei de vinte e dois quilates) tem a maior de peso tres oitavas, com quatro mil e quinhentos réis de valor intrinseco, correndo por quatro mil e oitocentos; a meia moeda oitava e meia, que importa dois mil e duzentos cincoenta, e vale dois mil e quatrocentos; o quarto pesa cincoenta e quatro grãos, que valem mil e cento e vinte e cinco, e corre por mil e duzentos, ficando de senhoreagem na primeira trezentos réis, na segunda cento e cincoenta, e na terceira setenta e cinco.

13. No Rio de Janeiro são dos mesmos tres generos as moedas, e teem

os proprios vinte e dois quilates da lei, o mesmo peso, valor intrinseco e extrinseco, fórma e valor das da Bahia, havendo entre ellas só a differença de terem em cada flanco da cruz as da Bahia um B, e as do Rio um R. Das senhoreagens se fazem em uma e outra Casa as despezas das fabricas, se pagam os ordenados e salarios aos officiaes, e o remanecente que se remette ao Conselho Ultramarino, importa (conforme o oiro que nas duas Casas da Moeda entra um anno por outro) grossa somma de dinheiro, e se tem já lavrado n'ellas um consideravel numero de milhões. Emquanto aos estatutos, se governam ambas pelo regimen e norma que lhes dera o chanceller superintendente João da Rocha Pitta.

14. Tambem se acabou no governo do marquez vice-rei (pelo vigor com que animava a todas as operações do Estado, sendo alma das emprezas grandes) a obra do recolhimento das mulheres honestas, edificio insigne pelo instituto e pela grandeza, isento da jurisdicção do ordinario, sujeito e contiguo á Casa da Santa Misericordia, cujo templo lhe serve de egreja. É de tres sobrados, e em todos tem muitas estancias, cellas, dormitorios, e janellas com dilatadas vistas para a terra e sobre o mar, com um mirante que o descobre muito além da barra. Por baixo lhe ficam as officinas grandiosas, e tantas que podem servir a uma numerosa communidade; formando toda esta fabrica uma perspectiva soberba e um corpo magestoso, egual ao do maior mosteiro.

15. Quando a magestade do serenissimo senhor rei D. Pedro II de saudosa memoria concedeu faculdade para se fundar este recolhimento, ordenou que se fizesse maior e capaz de recolher mais mulheres que as que podia alimentar a renda consignada para a sua sustentação; porque as outras seriam porcionistas, casadas ou solteiras, que quizessem pagar o cômputo annual que se lhes arbitrasse, o qual se poz em oitenta mil réis cada anno; e concluida a obra no de mil e setecentos e dezeseis, se receberam logo doze mulheres, sendo uma regente e outra porteira. Em se acabando de pagar a despeza do edificio com ametade dos juros de oitenta mil cruzados que tem de patrimonio o recolhimento (de cujo rendimento se foi em muito tempo fabricando), ha de recolher e sustentar outras tantas mulheres além das porcionistas.

16. Emquanto ao numero e qualidade das recolhidas, ficou o arbitrio á Mesa da Santa Casa, que conformando-se com o compromisso, assentou que se recebessem donzellas e christãs velhas, preferindo as filhas dos irmãos, e que estariam no recolhimento para d'elle casarem dentro de quatro annos. Não trazem habito nem traje certo; andam honestamente vestidas. Para o governo da Casa se mandou buscar a Lisboa copia authentica

do regimento das Recolhidas d'aquella côrte, o qual se guarda inviolavelmente. Teem já entrado e saído para casar muitas, e se recebem na mesma egreja da Santa Misericordia, com approvação e licença do provedor e irmãos da Mesa, e quasi todas com os dotes da Casa.

17. Foi o seu instituidor João de Mattos de Aguiar, chamado vulgarmente João de Mattinhos, que de humilde e pobre fortuna chegou a ter cabedal opulento, adquirido pela sua industria, e conservado com a sua parcimonia, nimiamente rigorosa no sustento e trato da sua pessoa. Tudo que possuia (excepto duas moradas de casas, e poucos mais curraes de gado), tinha a razão de juro, sendo já tantos os caídos, que nem elle proprio sabia o cômputo do seu cabedal; mas tratando da cobrança d'elle a irmandade da Santa Misericordia, foi recolhendo e segurando mais de um milhão. Consignou o instituidor oitenta mil cruzados de patrimonio para este recolhimento.

18. Ordenou que do rendimento de certa porção do seu cabedal se dotassem annualmente donzellas, a cem mil réis cada uma, e são já *trinta e* oito cada anno os que se teem estabelecido d'aquella consignação. Mandou dar quatrocentos mil réis cada anno a outros tantos doentes que saíssem do hospital, a dez tostões cada um; e que as mais rendas do remanecente dos seus bens se pozessem em missas quotidianas e perpetuas pela sua alma, e se lhe estabeleceram onze mil em cada um anno, de esmola de duzentos réis. Á Santa Casa não deixou legado algum; porém como os referidos são tanto do instituto da Misericordia, em os executar tem o seu zelo e diligencia muito que merecer, e a sua caridade não pouco em que se empregar.

19. Empenhava-se tanto o marquez vice rei nas disposições do governo e no augmento do Estado, e com tal comprehensão em todas as materias, que até os successos mais remotos lhe não pareciam estranhos, dando-lhes expediente tão prompto, como se a todos estivera presente; e proporcionando os remedios conforme a necessidade dos males, acudindo com incessante cuidado ao serviço do monarcha, ao bem dos vassallos e augmento da monarchia; consonancia de que resultava tão admiravel harmonia entre a sujeição e o dominio, que se não distinguiam dos preceitos as obediencias.

20. Não lhe embaraçavam os negocios militares e politicos a propenção religiosa e pia, tributando repetidos cultos a todos os templos da Bahia; com o seu voto se compunha o aceio e se continuavam as obras d'elles. Na só se fizeram muitas por ordem sua, para complemento e perfeição d'aquella sumptuosa Matriz, e da casa do cabido, onde lhe pozeram os capitulares um retrato em agradecimento d'este beneficio, e do empenho com

que informara a seu favor no justo requerimento da maioria das suas congruas, que á instancia do marquez vice-rei e do arcebispo metropolitano lhes concedeu a real generosidade do nosso augusto monarcha, mandando accrescental-as tambem aos beneficiados.

21. Achou o marquez vice-rei principiada na Ribeira a nau de invocação Padre Eterno, e a fez acabar e lançar ao mar; e logo outra no estalleiro, chamada Nossa Senhora da Palma e S. Pedro, que com a mesma brevidade e perfeição se acabou; depois mandou principiar outra a que deu por nome Madre de Deus e S. Francisco: a todas concorreu com intelligencia, cuidado e assistencia pessoal, indo repetidas vezes a ellas, dando documentos aos mestres e applicando aos officiaes.

22. Saiu a vêr as forças e estancias do reconcavo, levando comsigo engenheiros e mestres para as fortificar, e dispondo tudo o preciso para a firmeza d'aquelles postos. Em todos os logares foi recebido e tratado com apparato magnifico e com as maiores expressões de verdadeiro affecto, devendo n'estes applausos o marquez vice-rei o amor á sua fortuna, o mais á sua grandeza. Depois de quatro annos e dois mezes de excellentissimo governo, o entregou ao seu successor, deixando eternas memorias e saudades no Brazil.

23. Ao marquez vice-rei succedeu com o posto de governador e capitão geral D. Sancho de Faro, conde do Vimieiro, no anno de mil e setecentos e dezoito. Na sua vinda se observaram por annuncios alguns acontecimentos, que não tendo mysterios, pareceram prodigios, porque forma a contigencia successos, que sendo meramente acasos, o tempo e a occasião os fazem parecer presagios. É dogma catholico e politico não temer agouros nem os desprezar, posto que os heroes fazem tão pouco caso d'elles, que as apparencias infaustas interpretam a venturosos fins.

24. Caíndo Scipião em terra ao desembarcar em Carthago, disse que Africa já lhe não podia escapar, pois a tinha entre os seus braços. Vendo o gran capitão Gonçalo Fernandes de Cordova arder a bagagem do seu exercito de um incendio casual, ao dar a batalha da Cherinola, clamou que eram anticipadas luminarias da victoria que havia de alcançar; e outro general, occupado de visivel tremor fatidico ao entrar em um combate, rompeu dizendo que tremiam as carnes do aperto em que as havia de pôr o coração; attribuindo estes capitães a felizes auspicios da sua gloria aquelles mesmos signaes de que se podiam inferir casos adversos.

25. Chegada uma esquadra de navios de Lisboa, com a noticia de que ficava para partir o conde ao governo da Bahia, se divulgou n'ella ter fallecido na viagem, com tanta asseveração e taes circumstancias, que se contava

o dia e mez do seu transito, sem se saber de que oraculo falso esta voz saìra, por mais diligencias que o marquez vice-rei, para castigar ao autor d'ella, fizera. No mar, seguindo a capitânia do conde um poderoso baixel, que devia ser corsario, lhe botou bandeira de morte com uma caveira; e quando a nossa gente o esperava para o combater, se retirou, como se não viera a outro effeito mais que a mostrar-lhe aquelle signal. Outro lhe passou muitos dias depois pela proa com tal silencio e tão funebre, que se lhe não viu gente, nem outra vela solta mais que a mezena, sem fazer demonstração alguma festiva ou contraria á nossa nau.

26. Entregue do governo, poucos dias depois do em que tomara posse, se ateou por um desastre o fogo em umas grandes moradas de casas na rua direita que sae da praça para a Misericordia, e crescendo o incendio, durou desde as dez horas da noite ate ás oito da manhã, com tal consternação da cidade e dos vizinhos d'aquella rua, que todos se pozeram em cóbro, e as recolhidas, cujo domicilio ficava mais fronteiro ás chammas, saíram confusa e apressadamente para as casas do Consistorio da *Santa* Misericordia, emquanto durou o estrago das abrazadas casas.

27. Porem o conde do Vimieiro nas disposições do governo e no exercicio das virtudes com repetidos acertos desvanecia o temor que similhantes signaes costumam infundir nos animos culpavelmente imprudentes ou supersticiosos. Era religioso e soldado; procedia em tudo mui ajustado a estas duas propensões, sendo o empenho com que se applicava a tanto emprego, maior que as suas forças, pela pouca saude que possuia, disfarçando-a o agrado que a todos mostrava. Porém não deixou de ser funesto o seu governo, pelo espectaculo horrivel da justiça que se fez na Bahia aos estrangeiros piratas, porque, ainda que a lei seja santa, no castigo dos ladrões acontece quasi sempre que as proprias execuções de que se colhem exemplos, trazem lastimas, e o serem louvaveis as não livra de tristes.

28. Vieram remettidos do Rio de Janeiro com a devassa dos insultos e roubos que tinham feito desde a parte do norte á do sul, por muitas costas d'aquella provincia; e naufragando o seu navio nas praias de Macahé, entre alguns que sairam mortos foram os outros presos pelos paisanos. Eram estes quarenta e oito, de nações diversas e varios schismas; algum tempo depois da sua chegada á Bahia, estando em prisão na fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, fugiram treze no silencio da noite, botando-se por uma corda desde um lanço da muralha, e nunca se poderam achar, sem embargo das muitas diligencias que pela cidade e pelo reconcavo se fizeram para os prender. Presumiu-se, por se achar falta no porto uma lancha, que descendo á praia a tomaram e escaparam por mar.

29. Os trinta e cinco que ficaram, foram passados para a enxovia, e a Relação lhes mandou fazer os autos summarios, e os condemnou á morte de forca, a qual padeceram em um dia vinte e dois, e cinco em outro; livrando d'ella tres por não terem prova legal e cinco por menores, sendo estes oito sentenciados por toda a vida para as galés de Lisboa, e remettidos áquella côrte com os traslados das culpas, sentenças e devassa.

30. Effeito foi da altissima providencia e da secreta predestinação o meio decretado áquellas almas para o fim da sua salvação, saindo da cegueira da heresia á luz da verdadeira fé; porque lida, a sentença de morte aos condemnados, concorrendo os padres da Companhia de Jesus, outros de varias ordens e alguns clerigos do habito de S. Pedro, e entre elles a primeira dignidade da Sé o reverendo deão Sebastião do Valle Pontes a catechisal-os e reduzil-os á nossa religião catholica romana, a receberam aquelles hereges com tanta uniformidade e tal contentamento, que detestando os seus schimas e abjurando os seus erros, protestavam ser a sua reducção independente de toda a esperança da vida temporal, porque só buscavam a eterna pelo beneficio da nossa religião, desejando já morrerem n'ella para alcançarem o perdão das suas culpas.

31. Com esta alegria e constancia, assistidos sempre de todos os padres que tomaram a empreza da sua reducção, e d'elles incessantemente instruidos e allumiados na doutrina catholica, nos mysterios da nossa santissima fé e nos sacramentos da nossa Egreja romana, tomando com grande contrição o da santa penitencia, e recebendo com toda a reverencia o sacrosanto da Eucharistia, foram ao patibulo, e contentes receberam a morte, fazendo venturoso o supplicio, e dando firmes esperanças da sua salvação aos circumstantes, que louvavam incessantemente n'aquelle tremendo acto os incomprehensiveis juizos de Deus e a sua infinita misericordia.

32. Continuava o seu governo o conde do Vimieiro, quando adoeceu de uma leve queixa, tanto mais activa quanto simulada; condição dos males, que quando se reconcentram, não parecem o que são e não fazem os ameaços senão mui proximos aos estragos. Em mui poucos dias se declarou mortal o achaque, e conhecendo o conde vizinha a morte, se dispoz para ella com todos os actos de catholico que exercera na vida, empregada em muitas virtudes. Falleceu aos treze de outubro do anno de mil e setecentos e dezenove, havendo governado o Brazil um anno, um mez e vinte e tres dias. Fez seu testamento, e se mandou enterrar na Egreja dos religiosos Capuchos de Nossa Senhora da Piedade, em cujo cruzeiro jaz sepultado, onde D. João Mascarenhas, de presente morador na Bahia, com animo proprio de seu esclarecido sangue lhe mandou pôr uma bem lavrada campa.

33. Foi o conde do Vimieiro de origem real, descendente por varonia da augustissima casa de Bragança. Serviu nas guerras do reino com valor proprio do seu alto nascimento, e teve postos competentes aos seus grandes serviços. Foi védor da casa da serenissima senhora rainha D. Maria Anna de Austria, e conde por mercê do serenissimo senhor rei D. João v. Exerceu os governos da praça de Mazagão, e das armas do Minho; e ultimamente veiu por governador e capitão geral do Estado do Brazil, onde as suas disposições tiveram mais de zelo que de fortuna, e mostraram mais cuidado que liberdade; porque a qualidade do clima ou do governo o faziam proceder nas materias com tanta indifferença, que a sua attenção e prudencia eram julgadas por falta de resolução ou de experiencia, reconhecendo-se na sua pessoa um animo pio e muitas virtudes, que o faziam digno de veneração.

34. Achava-se uma antiga via de successão no collegio dos padres da Companhia de Jesus, em alvará do serenissimo senhor rei D. Pedro II de saudosa memoria; e assim que o conde governador expirou, foi o *secretario do* Estado Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque a abril-a, concorrendo n'aquelle acto muitas pessoas dignas de assistir a elle, em presença dos prelados d'aquella sagrada religião, que a tinham em deposito. Aberta, se acharam nomeados para succeder no governo em similhante caso o arcebispo do Brazil, o chanceller da Relação e o mestre de campo mais antigo da praça.

35. Era arcebispo metropolitano D. Sebastião Monteiro da Vide, mestre de campo mais antigo João de Araujo de Azevedo, e servia de chanceller, na ausencia de Luiz de Mello da Silva, o ouvidor geral do crime Caetano de Brito de Figueiredo, havendo-lhe já precedido por suas antiguidades tres ministros n'esta substituição. João de Araujo de Azevedo, independente de todas as occupações de que podem resultar interesses, se escusava de acceitar a do governo, propondo-se devia averiguar a antiguidade entre elle e o mestre de campo João dos Santos Ala, que a não pretendia, ainda que tivera em Portugal posto superior ao de capitão de cavallos, que João de Araujo exercia quando fôra promovido no de mestre de campo; porém cedendo a sua repugnancia á razão pela prioridade da sua patente, houve de acceitar.

36. Tomaram os tres governadores posse do governo em palacio, com assistencia do Senado da Camara, dos ministros, da nobreza e dos cabos maiores da milicia, no dia seguinte ao do fallecimento do conde do Vimieiro. N'este acto, lido o alvará del-rei, perguntou em voz alta, o arcebispo se havia pessoa que tivesse duvida áquella eleição? Ceremonia mais civil e

judicial que politica, em acção tão séria entre vassallos que tanto sabem venerar as resoluções dos seus monarchas, e não teem mais vontade que a observancia das suas ordens reaes.

37. Foram os tres companheiros conformando as disposições para os acertos que se esperavam dos seus talentos, e consistiam na sua união; e com esta conformidade governaram louvavelmente um anno, um mez e nove dias. No principio do seu governo passou da Bahia ás Minas, por ordem real, o provedor da Casa da Moeda Eugenio Freire de Andrada a fundar as dos quintos n'aquellas villas.

38. Tinha as redeas do governo geral das Minas, desde o anno de mil e setecentos e dezesete, D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, de illustrissima casa e familia, fecunda em heroes famosos, que alcançaram esclarecida fama pelo amor da patria e pela fidelidade aos monarchas portuguezes; virtudes que exerceram, não só na Lusitania, porém em todas as mais dilatadas porções da monarchia. Com o exemplo dos seus ascendentes, e com o entendimento proprio e outras admiraveis prerogativas de que liberalmente o dotara a natureza, foi o conde moderando os humores, que mal complecionados nos corpos d'aquelles povos, traziam descompostos todos os seus membros.

39. Era a sua maior enfermidade o pretenderem uma vida tão livre, ou uma sujeição tão coarctada, que quasi os eximia da precisa lei de subditos, encaminhando o seu procedimento ao prejuizo dos direitos del-rei no oiro que tiravam das minas, e á desobediencia das suas reaes ordens, em que faltavam á natural obrigação de vassallos.

40. Levara o conde governador ordem para se erigirem nas partes mais convenientes d'aquellas villas casas de fundição, em que se pagassem os quintos que de direito deviam do oiro que tiravam. Juntou o governador na sua presença os principaes mineiros e pessoas dos povos, e propondo-lhes a resolução real, a receberam por termos que assignaram; mas arrependidos, trataram de os revogar com um motim, que se principiou em Villa Rica, juntando-se mais de dois mil homens armados.

41. Deram na meia noite do dia vinte e oito de junho do anno de mil e setecentos e vinte na casa do ouvidor geral d'aquella comarca Marinho Vieira, e não estando n'ella, lhe destruiram tudo o que lhe acharam, em odio das citações que como ministro mandava fazer a pessoas poderosas, as quaes tomam em caso de honra usar-se com elles termos judiciaes; e logo clamaram os cabeças que se não procedesse em edificar casas de fundição; e mandaram esta proposta ao governador, pedindo-lhe com o despacho d'ella o perdão do facto.

12. Não deferiu em quatro dias o conde governador á proposição dos moradores de Villa Rica, por indagar o animo das outras villas; mas achando que estavam todas conformes na mesma resolução, e vendo que necessariamente as casas se haviam de dilatar, porque Eugenio Freire se não agradava das que achara principiadas, mandou publicar um edital, em que declarava que as casas da fundição não haveriam effeito senão d'aquelle dia a um anno, no de mil e setecentos e vinte e um, por ser preciso que el-rei resolvesse alguns embaraços que se offereciam na materia. Entendeu-se que com esta resposta que o conde lhes enviou, cessaria aquelle ajuntamento; porém com ella se irritaram mais os seus cabeças, persuadindo ao povo caminhasse para a villa de Nossa Senhora do Carmo, onde estava o conde, e alli chegou aquella turba insolente e armada.

13. Achava-se o conde com as companhias de dragões tão socegado, como se lhe não passara pela imaginação temor algum, sendo muito para recear o arrojamento de uma multidão cega e costumada a perpetrar insultos; e porque lhe não contaminassem aos moradores da villa do *Carmo* e das outras que estavam pendentes do successo, attendendo a que entre os leaes e rebeldes se poderia excitar uma guerra civil prejudicial a todos, concedeu o perdão e o mais que pretendiam na proposta, appellando para o beneficio do tempo, até que elle offerecesse occasião de estabelecer o que de presente não podia conseguir.

14. Aquelles animos orgulhosos, feros e inimigos do socego, se demoraram alli dezeseis dias, com o pretexto de novas duvidas que se lhes offereciam, sendo o fim rebellar aos moradores da villa do Carmo com muitos projectos que lhes faziam; e não o podendo conseguir, obraram taes desordens, que se viu em termos aquelle paiz de uma grande ruina, havendo-se o conde com prudencia superior aos seus poucos annos, e com dissimulação tão util ao serviço real, como conveniente á resolução que intentava tomar contra os culpados.

15. Eram os principaes autores d'aquella rebellião Paschoal da Silva Guimarães, Manuel Mosqueira da Rosa, seu filho Fr. Vicente Boto, Fr. Antonio de Monte Alverne, João Ferreira Diniz e outros. O conde os deixou tornar para Villa Rica, aonde mandou marchar com cautela uma companhia de dragões a prendel-os, com tão feliz successo que foram colhidos todos em uma noite e levados á villa do Carmo. Na seguinte noite os parciaes dos presos com os seus escravos armados fizeram outro motim em Villa Rica, pretendendo unir todos os seus moradores; mas não podendo conseguil-o por haverem desamparado as casas, temendo aquelle povo concorrer a novos insultos, lhas arruinaram e roubaram os rebeldes, ameaçando-os,

que se no dia seguinte não estivessem juntos para ir tirar os presos á Villa do Carmo, matariam a todos e poriam fogo á villa.

46. Tinha já convocado o conde governador muita gente fiel e armada, que remetteu áquella villa a pôr freio a estas novas desordens, e logo para exemplo e horror foram abrazadas as casas de Paschoal da Silva e dos seus sequazes; porém estavam estes tão tenazes, que saindo ao campo da Cachoeira, fizeram gente para o tirarem da prisão no caminho, sabendo que ia com outros complices remettido ao Rio de Janeiro. D'esta resolução e recluta era capitão um Filippe dos Santos, que n'estas alterações havia obrado os maiores escandalos; mas sendo preso, lhe mandou o conde fazer summario, e confessando todos os seus delictos, foi mandado arrastar e esquartejar. Esta execução foi a remora que parou o curso aos rebeldes, ficando atemorisados e menos orgulhosos, proseguindo com termos differentes na supplica, a qual remetteram ao reino, accrescentando mais arrobas de oiro ao tributo que pagavam ao nosso monarcha, de cuja resolução ficaram pendentes todas as cousas pertencentes á contribuição d'aquelles povos e ás casas dos quintos.

47. Quando o conde dispoz as referidas prisões, mandou prender primeiro a Sebastião da Veiga Cabral, por indicios que houve de ter secreta correspondencia com os rebeldes; e posto que o conde governador não procederia n'esta resolução sem aquelle exame, inteiresa e independencia com que se havia em todas as suas resoluções, não é de presumir que um vassallo como Sebastião da Veiga, de tão bom nascimento, com tantos empregos, e tão claro entendimento, concorresse para acções contrarias a quantas elle havia obrado no serviço del-rei, na defensa e amor da patria, tendo occupado pelo seu valor e pela sua fidelidade postos grandes; salvo se para esta calumnia concorreu a desgraça que o acompanhou em muitas das suas empresas, ainda que sempre com credito do seu talento; porém como a sua causa pende em juizo, a sentença que tiver, poderá determinar o duvidoso conceito em que por este motivo está o seu procedimento.

48. Do Rio de Janeiro, aonde se remetteram todos os presos, foi Sebastião da Veiga Cabral enviado para a Bahia, e esteve recluso na fortaleza de Santo Antonio além do Carmo até embarcar para Lisboa. O conde de Assumar foi continuando o governo das Minas com menores obstaculos, mas com proprias fadigas, por serem aquelles povos compostos de tanta variedade de genios, quantas são as provincias e conquistas de Portugal e da nossa America, donde concorrem para aquellas partes e dão muito que merecer ao governador que os chega a socegar, como o conde, pois da quietação d'aquelles moradores fez todos os interesses que podera adquirir para

a sua casa, a não ser o maior brazão d'ella as acções heroicas, e o real serviço dos nossos augustos monarchas.

49. Aos tres governadores succedeu em vinte e tres de novembro de mil e setecentos e vinte, por vice-rei e capitão geral do mar e terra do Brazil, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, filho de Luiz Cesar de Menezes e sobrinho de D. João de Lencastro, ambos governadores e capitães geraes d'este Estado, o qual deveu ás suas acertadas disposições grandes augmentos e felicidades. A não trazer o vice-rei no seu proprio talento relevante e nas suas graves experiencias abonados os acertos admiraveis do seu feliz governo, se lhe attribuiriam communicados nas veias pelo sangue que tem dos dois referidos generaes, dignos exemplares de acções heroicas. Porém estas não só traz como por vinculo ou exemplo, mas são n'elle natureza, e todas precisas para desempenhar as obrigações do seu elevado nascimento.

50. Havia obrado feitos generosos nas guerras proximas do reino, concorrido nas empresas mais arduas e nos mais arriscados conflictos, caprichando fazer dos postos mais inferiores escalões para os maiores, e *querendo* ser em todos apadrinhado só do seu notorio merecimento, sem dependencia da sua grande qualidade. Com este militar rigor occupou cargos relevantes; e sendo necessario dar ao Estado da India um capitão em quem concorressem as muitas prerogativas que se acham juntas na sua pessoa, foi enviado por vice-rei e capitão geral de mar e terra d'aquelle grandissimo e bellicoso imperio, que havendo já visto nas valorosas acções dos heroes portuguezes resuscitados os Scipiões e Pompeus romanos, n'elle chegou a venerar ao primeiro Cesar.

51. Chegou a Goa, e tal vigor infundiu o seu alento nos soldados do Estado da India, que se começaram a seguir gloriosos successos. Despediu muitas cafilas e armadas; e foi cousa digna de admiração, que não achando em Goa navios para tantas expedições, a sua fortuna e disposição os attrahisse de varios portos do Estado com pessoas de valor e distincção, que voluntariamente iam a servir a suas emprezas, convocadas da sua fama, que sempre voava diante da sua pessoa.

52. Achou em dissenções aos religiosos de S. Francisco com o seu commissario geral, e deu o meio mais opportuno ao socego d'aquellas controversias. Compoz as da Junta do Commercio com os mercadores de Diu sobre o pagamento em marfim, que se costuma pagar em Moçambique pelas roupas e drogas que toma n'aquella praça aos que a ella as conduzem. Fez socegar as inquietações de Diu, causadas pelo ouvidor geral d'aquella praça, a cuja instancia tinha obrado o governador d'ella contra o collegio dos padres da Companhia, aonde se recolheram os gentios, escandalos que passa-

vam a sacrilegios. Evitou o notorio damno que ás almas e ás fazendas causavam as bailadeiras em Goa, e por um publico bando as mandou sair d'aquella cidade e das ilhas proximas, com pena de morte ás que não obedecessem, ou depois de terem saido voltassem. Achando a India exhausta de moeda de prata e oiro nacional, mandou cunhar a que havia e lavrar de novo outra, accrescentando-lhes o valor extrinseco, porque os mercadores as não podessem extrahir para os reinos vizinhos, onde por interesses particulares iam todos os annos muitos milhões, em prejuizo publico e attenuação do Estado; resolução que algumas vezes em similhantes faltas se praticara em Goa.

53. Estava o rei do Canará desde o anno antecedente alterado contra nós, pela presa que fizemos em um navio seu por conduzir cavallos; e em despique da sua injusta queixa ordenou por publico bando, com pena de morte, que em nenhum dos seus portos se vendesse aos Portuguezes arroz, ao qual muito tempo antes havia levantado o preço; e não aproveitando a diligencia que o vice-rei fez com aquelle barbaro, por carta, para que não innovasse nada sobre a conducção d'este mantimento, determinou obrigal-o com as armas, e expedindo uma valorosa armada, lhas introduziu por todo o seu dominio, com tal valor e fortuna, que pelo transito de trinta leguas de costa d'aquelle reino lhe fez abrazar setenta embarcações, muitas fortalezas, pagodes, edificios, incendiando innumeraveis herdades e aldeias dos seus subditos, a cujo estrago e aos clamores dos seus povos pediu pazes ao vice-rei.

54. Concedeu-lhas com grandes vantagens nossas, obrigando-se de novo o rei do Canará a pagar as pareas como feudatario do Estado, em cuja obediencia já o seu animo vacillava; e começamos a colher o fructo d'aquella sujeição que ia parecendo esteril. Com este exemplo, temendo similhantes hostilidades, e o grande valor, disposição e fortuna do vice-rei, os principes vizinhos e feudatarios solicitavam a nossa amizade, ratificando as suas pazes, e contribuindo pontualmente com os seus antigos tributos e commercios. Não foram os annos do seu vice-reinado os que o nosso imperio da Asia desejava, para lograr mais tempo continuadas as felicidades, porque sendo contrario aquelle clima ao achaque antigo que padecia, aggravando-se-lhe, pediu a el-rei lhe mandasse successor.

55. Sua magestade attendendo egualmente á importancia da vida de tão grande vassallo, e á necessidade que do seu talento tinha a India, lhe ordenou que no caso que não podesse residir mais tempo n'ella, e fosse preciso á sua saude voltar para o reino, entregasse o governo ao arcebispo primaz. Assim o fez o vice-rei, depois de o exercer mais de quatro annos

com geral applauso, grande credito das nossas armas, deixando o nome portuguez novamente impresso nas attenções e respeitos de todos os reis da Asia, e alcançando dos inimigos em repetidas occasiões grandes victorias.

56. Voltou para Portugal, e cobrando no patrio clima alguma saude, para a empregar na defensa do reino, o achou sem guerras pelas pazes que no anno de mil e setecentos e quinze se ajustaram com a corôa de Castella, em grande credito das nossas armas e gloria do nosso monarcha, o qual vendo já o vice-rei em estado de exercer tão admiravel talento em novos empregos do seu real serviço, o enviou a governar o Brazil com o mesmo cargo; e foi o quarto dos que n'elle lograram este titulo. Chegado á Bahia, se viu de todo livre do seu antigo achaque, attribuindo á benignidade dos nossos ares a extincção da sua queixa.

57. Soube o vice-rei pagar ao Brazil com muitas vantagens o beneficio que recebera na sua saude particular, com a publica que communicou a todo o Estado, pelo vigilante desvelo com que se emprega no seu augmento, pois aos males de que enferma, não só lhe receita os remedios de presente, mas tambem lhe faz prevenir os preservativos que podem ser-lhe precisos para o futuro, porque a sua vista perspicaz não se restringe a circulos breves, porém dilatando-se aos horisontes mais distantes, vê os damnos proximos e penetra os que podem sobrevir, porque estão em equilibrio no seu talento o serviço real e o bem commum; e prevendo os successos, dispondo as emprezas com acerto e agrado, tudo consegue com felicidade e amor.

58. Viu-se na Bahia por revolução do tempo, ou por aviso da Providencia altissima, em a noite seguinte ao dia do glorioso patriarcha S. José, dezenove de março do anno de mil e setecentos e vinte e um, das dez para as onze horas, um espectaculo horroroso; porque entre uma chuva miuda e um vento rijo começaram a fusilar relampagos e a soar trovões, em forma que principiando moderados, foram crescendo a tal estrondo qual nunca fizeram na Bahia, lançando raios, a que a misericordia de Deus tirou as forças para não causarem ruinas, pelo que se conheceu que vinham mais a trazer avisos que a fazer estragos. Um partiu uma pedra da varanda da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, outro tocou levemente na janella de um ministro, alguns caíram nos arredores da cidade e pelas ruas d'ella, sem offenderem os edificios.

59. Este luzente horror de raios e trovões se viu melhor das praias oppostas á marinha, e de algumas lanchas de pescadores, as quaes colheu a noite junto á barra, parecendo que desciam do ar os raios como foguetes sobre a terra e sobre o mar, na cidade e na sua enseada; e foi prodigio que estando muitas embarcações no porto, grandes e pequenas, não offen-

dessem a nenhuma, e só deixassem signaes de fogo no mastro de um navio. Era a confusão dos moradores tanto maior, quanto mais entendiam que piedoso o ceo lhes bradava com aquellas linguas de fogo e pelas vozes d'aquelles trovões, accusando-os das culpas e persuadindo-os ao arrependimento.

60. No confuso dia que succedeu áquella tremenda noite, se foram arruinando para a parte que chamam a Preguiça algumas poucas casas, porém com pendor tão moderado que a sua queda não pareceu precipicio, porque movendo-se em passo tardo e ás luzes do sol, tiveram logar os seus moradores e os d'aquella vizinhança para se porem em salvo, de sorte que quando ellas chegaram a cair, já não acharam a quem offender. Fica eminente ao mar e á dilatada rua da Preguiça outra que das portas da cidade vai para a parochia da Conceição; estava aberta havia muitos annos, desde o tempo em que se accrescentara em mais fabricas o peso á plataforma do Castello, com que não podia a eminencia em que fôra edificada, e gemendo com a carga, havia feito uma brecha que atravessava aquella rua, a qual lhe corre por baixo, pelo lado que o castello tem para a parte do norte.

61. Arruinada desde então a rua, ainda que existente com os reparos que n'aquelle se lhe fizeram, como não foram competentes a preserval-a da commoção que causou o estrondo dos trovões, abrindo de novo maior brecha, abalou o monte sobre que está lançada, e o fez ir despedindo algumas porções de terra sobre quatro moradas de casas que se lhe encostavam, até as derribar. Acudiu logo o vice-rei com o Senado da Camara, levando o mestre de campo engenheiro muitos mestres e officiaes pedreiros, e fazendo concertar a rua, se lhe pozeram fundamentos tão firmes que existe segura; e animando logo o vice-rei aos donos das moradas a tornal-as a levantar, o fizeram em breve tempo com tal grandeza, que havendo sido de tijolo, as fabricaram de pedra, e vieram a dever aquellas casas á sua ruina o beneficio que as fabricas de Roma ao seu incendio, porque sendo até então de adobes se fizeram logo de marmores.

62· Outro espectaculo tambem de maior espanto que ruina (posto que não deixou de causar alguma) viram no dia antecedente ao da Ascensão os moradores de Santo Amaro (logar maritimo do reconcavo da Bahia, algumas leguas distante da cidade), por haver saído da mãe e lançado fora do seu natural leito as grossas correntes o caudaloso rio Serigiassú, o qual nascendo nos campos da Cachoeira, e recolhendo em si com varios giros os rios Tahuá, Pitanga, Orurupú, Piraúma e outros mais e menos abundantes, se mette no Subahé, tambem copiosissimo, e encorporados vão buscar o mar no porto d'aquella povoação, onde se encontram com o Serigimerim, egualmente opulento.

63. Com as incessantes chuvas de tres successivos dias cresceu de forma o rio Serigiassú e os que o acompanham, que inundaram o referido logar, mas em tempo tão opportuno, por ser de dia, que se poderam salvar os vizinhos; e os que se não pozeram logo em cobro nos logares elevados, foram recolhidos com prevenção das canoas, que do porto entraram a navegar pelas ruas. As casas de sobrado ficaram até meia altura inundadas; as terreas quasi até os telhados, e n'estas se perderam alguns generos, que não tiveram aonde os subir e salvar; tambem se perderam algumas caixas de assucar no Trapiche que ha n'aquelle porto, em que se recolhem as dos engenhos do mato, para d'alli se embarcarem para a cidade; porém não perdeu a vida n'este diluvio pessoa alguma, que foi especial favor de Deus.

64. Grande consternação fizeram estes signaes do ceo nos animos dos moradores da Bahia, entendendo serem vozes que lhes clamavam a emenda dos peccados; e os missionarios e parochos sabendo aproveitar a opportunidade da occasião, fizeram repetidas missões, continuas praticas e *devotas* procissões por toda a cidade e seus arrabaldes, com numerosa copia de penitentes. Pozeram-se vias-sacras em todas as parochias, correndo-se frequentemente; exercicios que ainda hoje se continuam, de sorte que de Ninive peccadora se viu a Bahia Ninive arrependida. A todas estas operações dava alentos a piedade do vice-rei, com o louvor e apreço que d'ellas fazia, sendo a modestia e perfeição catholica da sua vida o maior exemplo.

65. Com brados similhantes aos que experimentou n'esta occasião a Bahia, costuma Deus bater ás portas dos corações humanos, para gloria sua e bem das suas creaturas, regulando-nos os castigos pela sua misericordia e não pela medida das nossas culpas, e abrindo-nos sempre caminhos para o remedio, por meio do arrependimento e dos instrumentos que nos põem em reparo dos nossos damnos. Tal foi a providencia com que permittiu que n'este tempo, em que pelo curso dos successivos annos de mil e setecentos e vinte e dois e mil e setecentos e vinte e tres padeceram todas as provincias do Brazil uma geral e rigorosa seca, tivesse o governo do Estado o vice-rei cuja piedade, zelo e disposição foram o reparo d'esta calamidade.

66. Abrazava o sol com excessivo ardor a toda a nossa America, seccando as aguas, estragando os fructos, esterilisando as lavouras e matando os gados, de fórma que além da falta de todos os viveres, era maior a da farinha da mandioca, que é o pão commum dos moradores d'este Estado, chegando por esta causa o preço d'ella nas provincias de Pernambuco e do Rio de Janeiro a tres mil e duzentos e a quatro mil réis o alqueire; a carne, da qual havia a mesma esterilidade, a mil e seiscentos e a dois mil réis.

Os vizinhos das provincias do Ceará e do Rio Grande se ausentaram das praças, e foram habitar ás margens dos rios, por não acabarem ao rigor da sede.

67. Na Bahia foi tão moderada esta geral necessidade pela activa disposição do vice-rei, que a ella veiu a dever o Brazil o reparo das calamidades do tempo. Assistia com o Senado da Camara ao beneficio das fontes, fazendo com fortuna tornarem a lançar as naturaes correntes, repercutidas não só dos calores, mas tambem de outros accidentes. Mandou ás villas de Maragogipe, Cairú, Boypeba, Camamú e Rio das Contas desfazer as roças (isto é, reduzir as raizes da mandioca a farinha), animando aos lavradores a fazer novas plantas para o tempo vindouro, escrevendo a todos os officiaes de justiça e milicia d'ellas lhas fizessem continuar e frequentar a sua conducção para a Bahia.

68. Para este effeito enviou grossas sommas de dinheiro por officiaes de distincção, assim para a farinha que se costuma dar á infanteria do presidio, como para a que era precisa á necessidade do povo e das grandes fabricas dos engenhos e fazendas, cujas plantas de mandioca, que costumam ter para as suas familias e escravos, havia esterilisado a séca. Mandou proprios aos sertões, com ordens aos capitães móres e justiça d'aquelles districtos para fazerem vir os gados, persuadindo aos donos dos curraes e aos que teem cuidado d'elles, a trazerem as boiadas a todo o risco e com grande trabalho, o qual suavisavam os termos com que o vice-rei os obrigava, que ainda sendo preceitos, pareciam favores.

69. A beneficios do seu zêlo não experimentou a Bahia falta notavel, porque, posto que em algumas occasiões careceu de alguns generos, em outras os teve de sobra, consistindo no cuidado do vice-rei a conservação dos moradores ricos e o remedio dos pobres, porque ajustou com os que conduzem as farinhas á ribeira d'esta cidade um preço inalteravel, de tal racionalidade que veiu a ser conveniente a todos, porque com elle não houve nos poderosos demasiada despeza, nem nos que o não são muito prejuizo. Tal foi a resulta das diligencias de quem com tanto cuidado e tão felizmente nos governa, que não só fez que a Bahia não sentisse necessidade, mas tambem acudiu com copia de mantimentos ás outras provincias, que com frequentes rogos dos seus governadores lhos pediam, enviando para os conduzirem muitas embarcações, as quaes lhes foram abundantemente providas.

70. No anno de mil e setecentos e vinte e dois chegou ao Brazil, voltando da Asia, monsenhor Carlos Ambrosio Mezzabarba, patriarcha de Alexandria, natural de Pavia, cidade da Insubria no estado de Milão. Acha-

va-se em Italia com o governo temporal da Sabina, hoje provincia do patrimonio da Egreja, e antigamente reino contendor de Roma. D'aquelle emprego foi chamado pelo summo pontifice Clemente XI, que lhe deu a dignidade patriarchal, e o enviou no anno de mil e setecentos e dezenove á China, transportado por Lisboa, com despeza consideravel do serenissimo senhor rei D. João V, propria da sua natural e augusta generosidade.

71. Passou o patriarcha á China sobre algumas cousas indifferentes que o monarcha d'aquelle grandissimo imperio pedia se lhe permittissem para receber a nossa religião catholica, como já havia consentido que a professassem nos seus dominios todos os seus subditos que a quizessem abraçar; indulto de que (com louvor d'aquelle principe, em prova da sua piedade) tem resultado a reducção de grande copia de gentilismo á verdadeira fé, pelo incançavel trabalho e fervoroso zelo dos religiosos da Companhia de Jesus, os quaes conseguiram a dilatada christandade que hoje se vê n'aquellas vastissimas provincias, com templos, votos, baptismos e todos os Sacramentos da Egreja frequentados continuamente das ovelhas trazidas de *novo* ao rebanho do universal Pastor.

72. Havia o mesmo pontifice alguns annos antes enviado o patriarcha, depois cardeal de Tournon, ao imperio da China a indagar de mais perto o animo com que o imperador estava, e as circumstancias dos pontos que propunha; porém a condição do cardeal, impropria para tratar a materia por meios suaves (como parecia conveniente n'aquelle principio), foi causa de que ambos se desgostassem, e saísse o cardeal da côrte do imperador sem concluir cousa alguma. Voltando para Europa, foi a embarcar-se em a nossa cidade de Macau, onde antes de partir falleceu, e com a noticia da sua morte mandou sua santidade segunda nunciatura pelo patriarcha.

73. Chegado este á China, foi festejado pelo imperador com magnifica reverencia e trato amoroso, dando-lhe das suas reaes roupas para se reparar do frio (rigoroso n'aquelle paiz pela estação do inverno). Nos logares o preferia ao embaixador de Moscovia e aos de outros principes que então se achavam n'aquella côrte; e sendo o patriarcha instado pelo imperador sobre a permissão que pretendia, lhe respondeu não levava poder para determinar cousa alguma na materia, offerecendo-se (segundo dizem as nossas noticias da India) a propôr em Roma a causa com tal distincção e clareza, que desvanecesse as sombras que n'aquella sagrada curia tinham causado as suas proposições.

74. Voltando com dadivas generosas do imperador para si e para o pontifice, se embarcou em o navio de Macau, o qual aportou ao Rio de Janeiro, onde o general Ayres de Saldanha de Albuquerque recebeu e feste-

jou ao patriarcha com todas as demonstrações de reverencia e grandeza. A poucos dias da sua chegada áquelle porto, por um accidente casual pegando fogo em o navio que o trouxera, ardeu lastimosamente, servindo ás chammas em ricas e varias materias muitos milhões dos homens de negocio de Portugal, que tiveram consideravel perda n'este custoso incendio. Como era já partida para Lisboa a frota do Rio, o enviou o general em a nau de guarda-costa d'aquella provincia, a tempo de se embarcar na frota da Bahia, que se achava em termos de partir.

75. Na Bahia foi tratado pelo vice-rei com os maiores obsequios e as mais ostentosas mostras de respeito e de amor. Aposentou-se na casa do reverendo chantre João Calmon, uma das mais sumptuosas e bem paramentadas da cidade. N'ella deu ordens com permissão que lhe concedeu o arcebispo para conferir este sacramento a muitos ordinandos, aos quaes pela sua enfermidade o não podia dar; e sendo o patriarcha comprimentado de toda a nobreza, das pessoas de distincção e de cargos, assim ecclesiasticos como seculares, se embarcou na nossa frota d'aquelle anno, levando-o a bordo o vice-rei, o qual lhe offertou em nome de sua magestade uma salva e pucaro de oiro, de muito preço e primoroso feitio.

76. Nove dias depois da vinda de monsenhor patriarcha falleceu na Bahia o arcebispo metropolitano D. Sebastião Monteiro da Vide, havendo vinte que lutava com a morte em uma dilatada enfermidade, que o conduziu aos ultimos periodos da vida com vagarosos passos, mas com termos de forma repetidos, que passando de uns a outros accidentes, em cada qual d'elles seguravam todos os medicos que espirava; porém aquella vide, endurecida no trabalho da vinha do Senhor, sendo tão antiga, estava ainda tão constante, que não podendo a morte cortal-a de um golpe, lhe foi continuando muitos, até que de todo a troncou aos sete de setembro do anno de mil e setecentos e vinte e dois, havendo mais de vinte que exercia a jurisdicção metropolitana.

77. Em uma edade mui larga havia tentado varias fortunas. Foi religioso da Companhia de Jesus, e deixando aquella sagrada milicia, assentou praça de soldado nas guerras da restauração do reino, e n'ellas exerceu o posto de capitão de infanteria. D'este emprego passou a estudar canones na Universidade de Coimbra, donde n'esta faculdade saiu insigne letrado; e tomando o estado sacerdotal, teve occupações nos auditorios e tribunaes ecclesiasticos da côrte dignas do seu grande talento. Foi prior de Santa Marinha, vigario geral do arcebispado de Lisboa, e pela promoção do arcebispo D. João Franco de Oliveira ao bispado de Miranda, sendo escolhido para metropolitano do Brazil, chegou á Bahia no anno de mil e setecentos e dois.

78. Com grande zelo do bem das almas e do culto catholico se empregou em todas as materias pertencentes á obrigação de prelado; e querendo, como vigilante pastor, ver as ovelhas mais remotas, as foi buscar com incomparavel trabalho pelo interior dos sertões, até a ultima balisa da sua dilatada jurisdicção. Voltando d'esta missão, se occupou em varias fabricas; edificou o seu palacio archiepiscopal, sumptuosamente erecto e acabado; mandou fabricar o novo templo magnifico da irmandade de S. Pedro, com casa e hospital para os clerigos, em que se competem a grandeza e a piedade.

79. Accrescentou a egreja da Madre de Deus no reconcavo da cidade, adornando-a de curiosas e ricas peças. Fez constituições proprias para este arcebispado, que se governava pelas de Lisboa; e finalmente por morte do conde do Vimieiro governou o Estado no concurso de mais companheiros; sendo este o emprego em que menos luziu o seu talento, pois parecera digno de o exercer, se o não exercera. Está sepultado na capella mór da sua metropole, porém vivo nas memorias das suas ovelhas em continuas *saudades*.

80. Como nas sédes vacantes, ficando o governo ecclesiastico em commum aos reverendos capitulares das dioceses, costuma a ambição ou vaidade, introduzir mudanças e novidades, das quaes (com observação geral) veem a ser os prejuizos ainda maiores que os escandalos; attento a estas desordens o vigilante cuidado do vice-rei, sempre solicito em obviar os damnos que podem acontecer, escreveu uma exemplar carta ao illustrissimo cabido da Bahia, no primeiro capitulo em que se juntou depois de sepultado o metropolitano, offerecendo-lhe o poder real com que se achava, para fazer que as suas disposições fossem mais seguramente obedecidas.

81. N'ella lhe insinuava o grande credito que alcançaria, se, conservando-se em louvavel união, não alterasse a forma do governo praticado pelo arcebispo, nem dispozesse dos cargos e officios por elle conferidos, pois estavam tão dignamente empregados. Que a demonstração em que os cabidos podem dar a conhecer que teem mais vivas as memorias dos seus prelados, é seguirem o seu exemplo, e que o não se apartarem das suas maximas era a maior expressão das suas saudades. Os reverendos capitulares, que tinham o mesmo animo a que o vice-rei os estimulava, rendidamente lhe agradeceram o favor que lhes offerecia, e o conselho que lhes dava, gloriando-se de que a conformidade com que estavam na mesma resolução, fosse por elle prevenida, e pela sua vontade regulada; e assim vão procedendo até o presente na séde vacante, com grande louvor e geral acceitação.

82. Todas as causas de que procedem os males da Bahia conheceu tão fundamentalmente o vice-rei, que applicando os remedios á proporção dos

achaques, vem a conseguir a saude do corpo politico d'esta republica. Entendeu que os atravessadores dos viveres (esponjas da substancia dos povos) eram prejudiciaes, como infinitos n'esta cidade, e se deviam evitar por todos os meios; e apontando a forma de os extinguir, escreveu ao Senado da Camara uma carta que contém os melhores antidotos contra aquelle veneno, e os avisos mais solidos para a administração da governança e bem commum, sendo um compendio de admiraveis apophthegmas e aphorismos irrefragaveis, tão venerados como seguidos dos senadores d'aquelle presente anno e de todos os republicos da Bahia.

83. Havia já no anno de mil e setecentos e dez a magestade augusta do senhor rei D. João v, com a singular providencia com que governa a sua vastissima monarchia, separado o paiz das Minas da obediencia do Rio de Janeiro; e vendo que tão populosas povoações em riqueza e numero de gente, ainda careciam de maior divisão, foi servido, no de mil e setecentos e vinte e um, crear novo governo distincto na região de S. Paulo, condecorando a sua antiga villa com os privilegios e titulo de cidade do mesmo nome; beneficio tão grato como util aos naturaes, que sendo contrarios aos outros novos povos por natureza, estimaram ver-se tambem separados por jurisdicção. Mandou por governador a Rodrigo Cesar de Menezes, irmão do vice-rei no sangue e nas virtudes, e do posto de brigadeiro da côrte passou a exercer o de general n'aquella grande porção do Sul, independente dos outros governadores e só sujeito ao capitão geral do Brazil.

84. Foi recebido em S. Paulo com as maiores expressões de amor e obediencia, porque vendo-se aquella região sublimada á nova dignidade, e com proprio governador, depozeram os seus habitadores a natural inconstancia e fereza em reconhecimento da honra que recebiam, e do beneficio que esperavam na mudança de uma vida inquieta ao socego de uma suave sujeição. Compoz o general Rodrigo Cesar de Menezes as differenças antigas entre algumas familias particulares, de que haviam resultado por muitas vezes damnos publicos. Cessaram as parcialidades, e com louvavel união attendem a recompensar em obediencias as repugnancias que em outro tempo mostraram á jurisdicção das leis; liberdade causada não só da distancia ou influencia do clima, mas da falta de governador.

85. Esta acertada resolução dos moradores d'aquella provincia não comprehendeu a alguns de animos menos escrupulosos e mais feros, que achando-se apartados da cidade, e habitando no seu dilatadissimo reconcavo, vivendo poderosos, affectavam a liberdade que não podiam ter na natureza de subditos, como se experimentou nas novas Minas de Cuyabá em dois irmãos regulos, chamados Lourenço e João Leme da Silva, que sendo das pessoas

principaes de S. Paulo por nascimento e poder, quizeram escurecer a sua nobreza e perder os seus cabedaes na acção mais indigna que podem obrar os vassallos, e fabricaram a sua ruina e a dos seus sequazes nos delictos e castigos de que daremos breve noticia.

86. Pouco tempo antes havia descoberto estas novas minas Paschoal Moreira Cabral, a quem justamente se deu o cargo de guarda mór d'ellas. Estão em altura de vinte e oito até trinta graus ao poente de S. Paulo, declinando para o sul. Antes de se lhes abrir caminho por terra, se lhes fazia transito desde a villa de Utú em grandes canoas, por continuados rios de perigosa e dilatada navegação; porém o interesse do abundantissimo oiro que produzem, obrigou a muitos moradores d'aquella provincia a superarem todos os descommodos e difficuldades a troco de o colher, levando os mantimentos de que se haviam de sustentar n'aquelle paiz inculto, emquanto o não cultivassem das plantas e sementeiras precisas para a numerosa gente d'aquella expedição, que ia assim para lavrar as minas, como para se defender do gentio barbaro que habita aquelles districtos.

87. Chegado ao sitio das Minas do Cuyabá um numeroso concurso de pessoas, em que se achavam muitas que residiram nas Geraes, e tinham larga experiencia da lavra d'ellas, assentado arraial e estancia para a sua residencia, trataram de eleger um cabo maior que os regesse, e ordenasse a conquista do gentio barbaro, para explorarem melhor o paiz e poderem tirar oiro com menor receio d'aquelles inimigos, que já em repentinos assaltos com mortes e roubos lhes perturbavam o emprego da sua nova povoação, que não podia permanecer segura sem se afugentarem os contrarios, dos quaes receberia inevitaveis damnos.

88. Conformes todos aquelles novos moradores, assim de maior como de menor distincção, no accôrdo tomado de elegerem quem os governasse na paz e na guerra, conhecendo que na pessoa do capitão mór Fernando Dias Falcão, natural de S. Paulo, e das principaes familias da sua patria, concorriam qualidades para aquelle emprego, emquanto por ordem real se lhes não mandasse outro governador, o elegeram por seu cabo maior para os reger e determinar as suas causas particulares e publicas, promettendo obedecer-lhe em todas as materias politicas e militares, por termo feito em seis de janeiro do anno de mil setecentos e vinte e um, e o eleito acceitou o cargo, protestando encarregar-se d'elle para executar tudo o que fosse em maior serviço de sua magestade e bem commum.

89. N'este estado achou o general Rodrigo Cesar de Menezes os descobrimentos e operações d'aquellas minas, e vendo terem o caminho tão difficil e embaraçado por importunos rios de precipitadas cachoeiras, em que

perigavam as embarcações, tratou mandar-lho fazer por terra com maior commodo, offerecendo a quem lho abrisse, premio competente ao trabalho; e sendo entre as pessoas que o pretendiam ganhar e fazer este serviço, preferido com parecer do Senado da Camara Manuel Godinho de Lara, lho encarregou. Conseguido felizmente o transito, mandou o general pôr uma casa de registo com provedor e escrivão no Rio Grande (parte principal da passagem que na ida e volta fazem as pessoas que as frequentam) para registarem o oiro que tirassem, e n'elle se cobrarem os quintos reaes.

90. Mandou declarar por bandos na cidade de S. Paulo, nas villas de Santos, Utú e Sorocába os deviam pagar com penas graves aquelles que os desencaminhassem, e que do oiro que se julgasse por perdido se daria a terça parte aos denunciantes. Porém sendo mui pouco o rendimento dos quintos, quando constava ser tanto o das novas minas, justamente inferiu haver fallencia no quintar, e tratou de obviar o prejuizo dos direitos del-rei, não só para o tempo presente, mas para o futuro. Consultando esta materia com as pessoas mais zelosas do serviço de sua magestade, e com o Senado da Camara, assentaram uniformemente todos, que os quintos se cobrassem por batéas, lançando-se a tantas oitavas por escravo; fórma que asseguravam ser a mais conveniente para o augmento da real fazenda.

91. Este arbitrio se noticiou ao desembargador Manuel de Mello Godinho Manso, ouvidor geral d'aquella provincia, que se achava na villa de Santos, o qual com o seu parecer por escripto o approvou; e vindo logo á cidade, o ratificou com razões fundadas em direito, mostrando ser a cobrança dos quintos por batéas a mais legal e conveniente. Ordenou o general ao Senado da Camara lhe apontasse a pessoa que lhe parecesse mais idonea para lhe encarregar a incumbencia d'esta cobrança, e o Senado lhe propoz a Lourenço Leme da Silva, que por se achar com grande poder de parentes e sequazes, e ser intelligente d'aquellas minas, era a mais propria para este serviço; e de tudo se fez termo por todos assignado, aos sete dias do mez de maio do anno de mil e setecentos e vinte e tres.

92. Elegeu logo o general Rodrigo Cesar de Menezes no cargo de provedor d'aquelles quintos ao referido Lourenço Leme da Silva, e para mais o obrigar, fez a seu irmão João Leme da Silva mestre de campo regente das Minas do Cuyabá, e lhes enviou as patentes pelo sargento mór Sebastião Fernandes do Rego, morador na cidade de S. Paulo; porém n'aquelles animos desleaes serviu o beneficio de fazer mais escandalosa a ingratidão, porque vendo-se com o poder, trataram só de executar insolencias. Ordenaram ao vigario das mesmas minas se retirasse d'ellas com todos os forasteiros; e pelo não fazer logo, lhe mandaram dar um tiro, o qual matou

a um assistente de sua casa; e ausentando-se o vigario, elegeram a um religioso moderno para administrar os Sacramentos, do qual se presumia que não tinha sciencia nem faculdade para confessar.

93. Em occasião em que se estava celebrando o santo sacrificio da Missa, mandaram pelos seus escravos rasgar de orelha a orelha a boca a um Pedro Leite. Mataram no sitio do Camapuan a um escravo seu, a um rapaz e a uma negra, esquartejando-os por suas proprias mãos, com ciumes das suas concubinas. Prohibiram aos moradores pagarem dizimos e conquistarem o gentio barbaro; e sem temor das leis nem de sua magestade, por varios logares e villas mandavam tirar por força as filhas de alguns moradores para suas concubinas, e constrangiam a outros dal-as por mulheres com grandes dotes a pessoas indignas, que andavam na sua companhia commettendo outras insolencias mais dignas de castigo que de memoria.

94. Tendo noticia o general Rodrigo Cesar de Menezes d'estes insultos e homicidios, os mandou prender, encarregando esta diligencia ao sargento mór Sebastião Fernandes do Rego, com muita gente de armas que lhe deu, com a qual partiu para a villa de Utú, e juntando-se com outra da villa de Sorocaba, que acompanhava ao mestre de campo Balthazar Ribeiro de Moraes, já prevenido pelo general para o mesmo effeito, marcharam e os foram cercar; porém rompendo os dois insolentes irmãos o cêrco, levando algumas feridas e deixando dos seus escravos um morto e sete presos, com varios despojos de provimentos e armas de fogo se retiraram para outros sitios seus, onde se pozeram em armas, mandando tocar caixas e clarins com repetidas salvas; mas indo em seu seguimento os ditos cabos, acharam noticia que haviam desertado dois dias antes, mettendo-se pelas espessas brenhas d'aquelles dilatadissimos matos.

95. Proseguindo no seu alcance os cabos com toda a gente que levavam, os accommetteram em uma eminencia em que estavam aquartelados, matando-se-lhes n'este assalto uma das suas sentinellas, com prisão de vinte e tantas pessoas, e outros despojos que deixaram, mettendo-se os regulos e os sequazes que lhe ficaram mais pelo interior dos sertões, onde finalmente não escaparam os cabeças, porque foi preso João Leme da Silva, e alguns dias depois morto Lourenço Leme da Silva, por se não querer entregar, pretendendo salvar-se n'aquellas espessuras.

96. Mandou logo o general se participasse esta noticia aos moradores das Minas do Cuyabá, que estavam para as abandonar por salvarem as vidas da crueldade d'aquelles dois insolentes irmãos, dos quaes João Leme da Silva, que ficou vivo, foi preso para a villa de Santos, donde com a devassa das suas culpas, que continha tambem outros delictos mais antigos,

ordenou o general fosse remettido para a Bahia. Chegado a ella, mandou a Relação fazer-lhe os autos summarios, e estando as culpas abundantissimamente provadas, não allegando o réo cousa relevante em sua defensa, o condemnou á morte, e foi degolado; execução que redunda em terror e exemplo de vassallos rebeldes e tyrannos.

97. Livres da tyrannia d'estas humanas feras os habitadores das Minas do Cuyabá, vão continuando as suas lavras, cujos quintos hão de redundar em grande augmento da fazenda real, pela abundancia de oiro que d'ellas se tira, sendo (como se affirma) as mais rendosas do Sul; conseguindo-se a paz e a felicidade de toda aquella provincia pelo zelo e disposição do general Rodrigo Cesar de Menezes, em cujo venturoso dominio vivem seguros e obedientes aquelles vassallos tão repugnantes em outros tempos á sujeição, na falta do jugo que poucas vezes lhes chegava pela distancia do paiz, e solicitos hoje na obediencia com o conhecimento da obrigação e suavidade do governo.

98. Havia succedido no anno de mil e setecentos e vinte e um ao general conde de Assumar no governo das Minas, com o mesmo posto, D. Lourenço de Almeida, que continuando a gloria do proprio illustrissimo sangue e appellido, proseguiu o seu zelo e as suas disposições. É D. Lourenço esclarecido por nascimento, havendo concorrido para a sua grande qualidade as principaes do reino. Serviu na India com muita satisfação; achava-se com experiencias e prerogativas que o faziam digno d'aquelle emprego, em que logo começaram a resplandecer as suas virtudes no agrado d'aquelles povos, os quaes já pelas incessantes fadigas com que o seu antecessor lhes havia ensinado os dictames da razão, tinham aprendido a viver na obediencia de subditos e na veneração dos seus governadores.

99. Conformes os animos a não difficultarem as ordens reaes na disposição das Cazas dos quintos (em cuja execução trabalhara tanto o general conde de Assumar, fazendo fabrical-as e dispondo as vontades a consentil-as, contrastando as repugnancias e alterações d'aquelles povos), conseguiu de proximo a fortuna e actividade do general D. Lourenço de Almeida o estabelecel-as; pois recebidas constantemente estão para principiar as suas operações.

100. Com as Casas dos quintos, por tão legal causa introduzidas, quanto haviam sido injustamente impugnadas, se hão de cobrar por inteiro os direitos reaes, que aquelles vassallos cultores das minas pagavam coarctados, faltando ao direito que a natureza deu ao nosso monarcha nos thesouros que poz nos seus dominios, e ao agradecimento que devem á benignidade augusta e amor paternal com que os governa e procura manter em paz;

vindo agora a importar os quintos á sua real fazenda duas partes mais do que até o presente lhe rendiam as minas, sendo razão que os mineiros não usurpem o que de justiça lhe devem, para o esperdiçarem em prodigalidades e luxos, com tanta queixa ou escandalo da modestia.

101. N'este presente anno de mil e setecentos e vinte quatro, no governo do vice-rei teve complemento uma insigne fabrica, que no de seu pae o capitão geral Luiz Cesar de Menezes tivera principio. Achava-se mui dilatada no Brazil a sagrada religião da Companhia de Jesus, cujos filhos foram os primeiros paes do christianismo na gentilidade da nossa America, e n'ella os mais fervorosos operarios das cearas catholicas; e sendo preciso receber tantos sujeitos quantos são continuamente necessarios para as suas repetidas missões, para os pulpitos, confessionarios, cadeiras e outros frequentes exercicios pios, em que resplandecem os seus religiosos, carecia de uma casa particular, onde os noviços se creassem, porque apartados do collegio em maior numero, se podessem recolher.

102. Offereceu-se a fazer-lhe a despeza d'ella um morador com *cabedaes*, e sem obrigações; e alcançada licença de sua magestade e do reverendissimo padre Geral da Companhia, se fez exame de varios sitios mais e menos apartados; e escolhido por melhor ao que chamam Giquitaya (formosa praia na enseada da Bahia, meia legua distante da cidade), se fundou esta sumptuosa casa, com capacidade e commodo para setenta religiosos. Consta de uma dilatada quadra que recolhe em si tres pateos; dois que servem de lados á igreja, e o terceiro incomparavelmente maior que fica dentro do edificio, cuja machina em todas estas obras tem de fundo quinhentos palmos, e trezentos e cincoenta de largo. A cerca é grandissima, com cristalinas aguas, muita largueza e commodidade para arvoredos, hortas, todas as plantas e flores.

103. Foi seu fundador o capitão Domingos Affonso, já mencionado n'este livro por descobridor e conquistador das terras do Piauhy. De exercicios humildes passando a penetrar os sertões da Bahia, elles lhe deram o appellido e a fazenda. Testou muita, e havendo dispendido setenta mil cruzados com a fabrica do noviciado, deixou encapellados os mais bens (que constam de opulentas fazendas de gado) ao collegio, ordenando que do seu rendimento se lhe mandem dizer seis missas quotidianas, e dêem tres dotes de orphãs annuaes, e outras esmolas na Bahia e na sua patria, e que o liquido que ficar do rendimento d'ellas, se divida em tres partes, uma para o collegio como administrador, e duas para a casa do noviciado; deixas pontualmente executadas por estes religiosos.

104. Saiu o vice-rei da cidade a visitar as forças do reconcavo, levando

engenheiros e officiaes para o que fosse preciso ao reparo e augmento d'ellas, achando em todas as partes a que chegava, veneração e festejo competentes ao seu respeito e agrado. No logar de Maragogipe lhe representaram aquelles moradores os descommodos que padeciam em acudirem nas suas causas e acções á villa de Jaguaripe, a cuja jurisdicção ficaram sujeitos na erecção d'ella; porque estando mui distante, por molestas jornadas experimentavam mais contratempos que na viagem para a cidade, pedindo-lhe creasse villa aquella grande povoação, que por ser numerosa em gente, e a maior parte d'ella occupada na lavoura da farinha, seria conveniente a toda a Bahia não sair por recurso a tão distantes partes.

105. Attendendo o vice-rei ao seu justo requerimento, ao augmento e decoro do Brazil com a erecção de muitas villas (como lho ordena sua magestade), a mandou crear n'aquelle logar pelo ouvidor da comarca o doutor Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira; e agradecidos os vizinhos de Maragogipe por este beneficio, lisonjearam ao vice-rei com a galanteria de dois mil alqueires de farinha, postos pelas suas embarcações na cidade, por ser o genero essencial da sua cultura; e elle os acceitou para o sustento dos soldados e artilheiros do presidio da Bahia, ordenando os recebesse o almoxarife a quem toca a distribuição d'este pão de munição da infanteria, e poupando (no tempo presente) tão opportuno donativo muita despeza.

106. Havia já mandado fundar a villa de Jacobina pelo coronel Pedro Barbosa Leal, que a erigiu com a diligencia com que costuma executar as ordens que se lhe encarregam. Depois o ouvidor geral da comarca já nomeado, indo a ella por ordem do vice-rei, com seu beneplacito a mudou para o sitio do Bom Jesus, missão dos religiosos de S. Francisco, e logar mais conveniente por mais chegado áquellas minas, cujos cultores recebem da sua vizinhança maiores commodidades; e Pedro Barbosa foi enviado a levantar a villa do Rio das Contas, que o vice-rei mandou erigir para a frequencia das novas minas que se teem achado n'aquelle vastissimo districto, e se vão lavrando com grande copia de finissimo oiro.

107. Ficam na jurisdicção da provincia dos Ilheos, e quasi na mesma altura, declinando para o norte. Estão nas terras que fecunda o caudaloso Rio das Contas, do qual tomam o nome a barra e o porto da sua navegação. Foram descobertas no anno de mil e setecentos e dezoito por uns Paulistas, que achando-se nos sertões da Bahia (por informações que tiveram do oiro que alguns vizinhos haviam tirado, em prova da certeza de antigas noticias que alli o faziam infallivel) atravessaram todo aquelle continente, abrindo caminho até então inculto, e de presente frequentado para as novas minas; e posto que por mui distantes são menos assistidas de mineiros, os

que d'ellas veem trazem grande copia d'este metal, não inferior em quilates ao das Minas do Sul e da Jacobina, e egual em quantidade.

108. Agora com a villa que n'ellas se está erigindo (pela commodidade que resulta das povoações, assim na distribuição da justiça, em que se assegura a paz e união entre os poderosos e humildes, naturaes e estrangeiros, como na frequencia dos mantimentos que a ellas se conduzem para a sustentação dos que as habitam), se ha de continuar com maior fervor a lavra d'aquellas minas, e augmentar o numero dos seus mineiros, porque a mais dilatada extensão de leguas sabe vencer o interesse dos homens, quando é tão notorio o lucro, como se experimenta ser o rendimento do oiro do Rio das Contas, do qual redundarão muitos augmentos aos direitos reaes.

109. O vice-rei, que em todas as suas emprezas tem por foreira a fortuna, a experimentou mais feudataria em um caso de que podera resultar precipicio, tanto maior quanto mais irreparavel. Prendeu o fogo na casa em que se fabrica a polvora, edificada no campo imminente ás praias que chamam da Cambôa, e sobindo ao tecto já em grande labareda, noticiado d'este incendio o vice-rei, foi a destruil-o com tanto despreso do damno proprio, por evitar o alheio e livrar a officina del rei, que sabendo se achavam n'ella muitos barris de polvora já feita, e outros dos materiaes de que se compõe, entrou na casa, mandou extinguir a origem da chamma, e fez subir ao tecto do edificio gente com cantaros de agua e outros instrumentos com que triumphou do incendio e do perigo.

110. Este prodigio, que mais propriamente podemos chamar milagre, e attribuiu á Virgem Mãe de Deus, que com a invocação de Nossa Senhora da Piedade se venera no hospicio dos religiosos Barbadinhos, não mui distante, cuja sagrada imagem e frequentado santuario faz especioso e assistido todo aquelle districto, sendo o seu maior devoto o vice-rei, que todos os annos lhe faz a sua festa com liberal despeza de fazenda e grande concurso de gente, da qual, na tarde do dia vinte e oito de abril em que prendeu a chamma, se achava muita, que depois de fazer oração e cumprir os seus votos n'aquella egreja, ia a lograr a frescura e amenidade d'aquelles ares e prados; e acabaria toda ao estrago, se a Senhora não evitara a ruina.

111. Mandou o vice-rei fabricar no arsenal da Bahia e lançar ao mar dois grandes baixeis, um de invocação Nossa Senhora do Livramento e S. Francisco Xavier, outro Santa Thereza de Jesus, sendo qualquer d'elles dos melhores que se teem feito n'esta ribeira, e a menos custo da fazenda real que todos, porque as suas diligencias e arbitrios pouparam despezas

consideraveis, concorrendo para ajuda do gasto da primeira os homens de negocio d'esta praça com importante donativo, não só pelo interesse de lhes comboiar as suas embarcações, mas pela promptidão com que sempre se offerecem para tudo o que toca ao serviço de sua magestade, fazendo-se dignos da sua real attenção.

112. A nossa portugueza America (e principalmente a provincia da Bahia) que na producção de engenhosos filhos póde competir com Italia e Grecia, não se achava com as academias introduzidas em todas as republicas bem ordenadas, para apartarem a edade juvenil do ocio contrario das virtudes, e origem de todos os vicios, e apurarem a subtileza dos engenhos. Não permittiu o vice-rei que faltasse no Brazil esta pedra de toque ao inestimavel oiro dos seus talentos, de mais quilates que o das suas minas. Erigiu uma doutissima academia, que se faz em palacio na sua presença. Deram-lhe forma as pessoas de maior graduação e entendimento que se acham na Bahia, tomando-o por seu protector. Teem presidido n'ella eruditissimos sujeitos. Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando que em tão grande protecção se dêem ao prélo os seus escriptos, em premio das suas fadigas.

113. Não deixa o vice-rei cousa alguma n'este Estado por fazer d'aquellas que em seu augmento e credito podem redundar, attendendo ao bem publico e particular, ao amparo das viuvas, das orphãs e dos pobres. Com o seu exemplo cresce o culto dos templos e a devoção dos santuarios. Com o seu respeito e agrado se conservam a obediencia e amor dos subditos, não faceis de ajustar, se o instrumento que os ha de unir, não é tão acorde e subido como o entendimento do vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, de que procede a suave harmonia do seu ditoso governo, no qual com o mesmo curso de acertos e felicidades fica continuando este presente anno de mil e setecentos e vinte e quatro, quarto do seu vice-reinado, em que põe fim esta Historia.

LAUS DEO

PROTESTAÇÃO

Protesta o autor d'esta historia, que as materias que tocarem a apparições ou parecerem milagres e successos sobrenaturaes trazidos n'ella, não procura tenham mais credito que o que se deve dar a uma historia puramente humana, e que toda esta obra sujeita á censura da santa Egreja catholica romana, e se conforma com os decretos pontificios, em especial com os do santo padre Urbano VIII, e a todos em tudo e por tudo se reporta.

Sebastião da Rocha Pitta

Pessoas que n'este tempo se acham com o governo das outras provincias e praças do Brazil

Da provincia do Maranhão (que com a do Gran-Pará formam um Estado e governo separado da jurisdicção da Bahia) é governador e capitão geral João da Maia da Gama.

Da provincia do Ceará.

Da provincia do Rio Grande.

Da provincia da Parahyba — João de Abreu Castello Branco.

Da provincia de Itamaracá.

Da provincia de Pernambuco — D. Manuel Rolim de Moura.

Da provincia de Sergipe del-Rei — José Pereira de Araujo.

Da provincia dos Ilheos — Pantaleão Rodrigues de Oliveira.

Da provincia do Porto Seguro — Domingos de Abreu Travassos.

Da provincia do Espirito Santo — Dionysio Carvalho de Abreu.

Da provincia do Rio de Janeiro — Ayres de Saldanha de Albuquerque.

Da provincia de Santos, ou S. Vicente (de que é hoje cabeça a cidade de S. Paulo) — Rodrigo Cesar de Menezes.

Dos povos e districtos das Minas — D. Lourenço de Almeida.

Da Nova Colonia do Sacramento — Antonio Pedro de Vasconcellos.

Pessoas naturaes do Brazil, que exerceram dignidades e governos ecclesiasticos e seculares na patria e fóra d'ella

D. Agostinho Ribeiro, bispo de Ceuta, promovido ao bispado de Angra.

Fr. Rodrigo do Espirito Santo, abbade sagrado de Albania.

Agostinho Caldeira Pimentel, Pedro Velho Barreto e José Borges de Barros, conegos e dignidades na metropolitana de Evora.

Em outras prebendas e dignidades ecclesiasticas e regulares, innumeraveis sujeitos.

GOVERNADORES E CAPITÃES GERAES DO ESTADO DO BRAZIL

D. Francisco de Moura Rolim, successor do general D. Fradique de Toledo Osorio.

Luiz Barbalho Bezerra e Lourenço de Brito Correia, na deposição do vice-rei marquez de Montalvão.

Alvaro de Azevedo, Antonio Guedes de Brito, e o desembargador Christovam de Burgos de Contreiras por morte do governador e capitão geral Affonso Furtado de Mendoça.

GOVERNADORES DO ESTADO DO MARANHÃO

Mathias de Albuquerque Maranhão e Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o Velho.

Governadores de Pernambuco

André Vidal de Negreiros.
O mestre de campo D. Francisco de Sousa.

Governadores do Rio de Janeiro

Luiz Barbalho Bezerra.
Agostinho Barbalho Bezerra.
Salvador Correia de Sá.
Thomé Correia de Sá.
Martim Correia de Sá.
O desembargador João da Rocha Pitta, enviado pelo serenissimo senhor rei D. Pedro, sendo principe regente, ás mais importantes diligencias, e com a maior jurisdicção que até aquelle tempo se viu na repartição do sul, o elegeu o mesmo monarcha por governador do Rio de Janeiro, em carta de dezenove de outubro do anno de mil e seiscentos e oitenta, e por se haver recolhido para a Relação da Bahia não exerceu o cargo.

Governadores do reino de Angola

Salvador Correia de Sá.
André Vidal de Negreiros.

Governadores de Cabo Verde

João Cardoso Pisarro.
Fernando de Lemos Mascaranhas.

Governador de S. Thomé

Christovam de Barros.

Castellão de Moçambique

Thomé de Sousa Correia.

Mestres de Campo

André Vidal de Negreiros.
Luiz Barbalho Bezerra.
D. João de Sousa.
D. Francisco de Sousa.
João Soares Cavalcanti.
Zenobio Achioli de Vasconcellos.
Alvaro de Azevedo.
Antonio Guedes de Brito.
João Correia de Sá.
Miguel Barbosa da Franca.
Martim Correia de Sá.
Antonio Soares da Franca.
Manuel Nunes Leitão de Albuquerque.

COMMISSARIOS DE CAVALLARIA E CAPITÃES DE CAVALLOS

Manuel Nunes Leitão, Antonio Coelho de Goes.
Domingos Soares da Franca e outros.

CONSELHEIROS ULTRAMARINOS

Salvador Correia de Sá.
Feliciano Dourado.
O desembargador Alexandre da Silva.
O desembargador João da Rocha Pitta, antes de ser chanceller teve a mercê, e por lhe impedirem os seus achaques o passar á côrte não teve o exercicio.

DESEMBARGADOR DO PAÇO E CHANCELLER DO REINO

João Velho Barreto e Rego.

DESEMBARGADORES DOS AGGRAVOS DA SUPPLICAÇÃO DE LISBOA

Christovam de Burgos de Contreiras.
Alexandre da Silva.

CHANCELLER DA RELAÇÃO DA BAHIA

João da Rocha Pitta.

DESEMBARGADORES DA MESMA RELAÇÃO

Christovam de Burgos de Contreiras
João de Goes de Araujo.
Francisco da Silveira Sottomaior.

DESEMBARGADOR DA RELAÇÃO DO PORTO

Pedro Pinheiro.

DA INDIA

O mesmo Pedro Pinheiro.
Agostinho de Azevedo Monteiro.

SECRETARIO DO ESTADO DO BRAZIL

Bernardo Vieira Ravasco e seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque.

PROVEDORES MÓRES DA FAZENDA REAL

Lourenço de Brito Correia, e seu filho Lourenço de Brito de Figueiredo.
João do Rego Barros, seu filho e neto.
Antonio Lopes Ulhôa, seu filho José Lopes Ulhôa.
Luiz Lopes Pegado.
Thomé de Sousa Correia e seu irmão Pedro de Sousa Pereira.

VÉDOR DA FAZENDA DA INDIA

Fernando Barbalho Bezerra.
Postos e logares de milicia e justiça de menor graduação, innumeraveis sujeitos.

INDICE

DAS

COUSAS NOTAVEIS

A

B

C

D

E

F

G

H

I e J

L

M

N

O

P

R

S

T

V

NOTAS

Pagina 1. § 1.

Hannon foi um navegador carthaginez, enviado pelo senado de Carthago a explorar a costa da Africa para além das columnas de Hercules (Estreito de Gibraltar), ou a estabelecer alli colonias ou feitorias. Segundo a opinião de alguns autores chegou até o Gabão, outros, porém, dizem que até ao Gambia. A relação d'esta viagem, ou o *Periplo de Hannon* considera-se como uma longa inscripção commemorativa do facto, que foi collocada no templo em Carthago. Estava escripta em punico, mas só chegou até nós a traducção grega, d'onde teem saido as versões modernas. A epoca da viagem tem sido objecto de controversias. Houve autores que a referiram ao anno 1000 antes de Christo; mas alguns estudos modernos de mais apurada critica assignam-lhe o anno 470 antes da era vulgar.

Hercules lybico é o Melkart dos Phenicios, ao qual a lenda attribue a façanha de ter aberto o Estreito de Gibraltar, dando assim communicação ao Mediterraneo com o Oceano. Para commemorar este feito erigiu duas columnas, uma do lado da Africa, e outra do da Europa, no que muitos vêem uma allusão aos dois rochedos Calpe e Abila, ou Ceuta e Gibraltar. Ainda até aos nossos dias vive esta lenda, sendo as duas columnas adoptadas como symbolo do reverso das patacas hespanholas, chamadas por isto *columnarias*.

O Hercules thebano é o filho de Jupiter e de Alcmena, mulher de Amphitryão; é o heroe dos doze trabalhos, que é escusado repetir.

Houve diversos Hercules, cujas façanhas foram confundidas, attribuindo-se todas a um só, e por este modo se formou a lenda do semideus. Os mythographos modernos teem feito importantes estudos para discriminar o que é historico do que é mythologico.

Pagina 2. § 3.

Quando se pretende dar uma antiguidade remotissima a qualquer nação, chega-se ás lendas, que não teem documento serio, ou monumento que as apoie. Uma prova d'isto é affirmar-se que Tubal, filho de Japhet, e neto de Noé, escolhera, na occasião da despersão das gentes depois do diluvio, a parte

mais occidental da Europa para ir povoal-a. Pelo Mediterraneo veiu até ao Estreito de Gibraltar, saiu para o Oceano, e costeando a terra dobrou o cabo de S. Vicente, continuando a costear até entrar no Sado, onde fundou Setubal.

Luso e Lysias, ou Lysa, offerecem-nos o mesmo grau de verdade historica, como primeiros habitadores da Lusitania. Como ornato poetico os aproveitou Camões :

Esta foi Lusitania derivada
De Luso ou Lysa que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E n'ella então os incolas primeiros.

Sapho general carthaginez, foi governador da Lusitania no anno 504 antes de Christo; e d'aqui partiu com tropas indigenas para soccorrer Carthago, ameaçada pelos Romanos.

Pagina 7. § 19.

Vasa-barris. No nome d'este escolho parece-nos achar a origem da *phrase* vulgar «dar com alguma cousa em vasa-barris» para segnificar que por *incuria*, ou desastre a deixamos perder-se ou destruir-se.

Pagina 14. § 42.

Tanharon parece-nos ser a mesma planta denominada *tinhorão* por Joaquim de Almeida Pinto no seu *Diccionario de Botanica Brazileira*.

Pagina 19. § 61.

«Gado vaccum... que deixando de pascer a herva... se sustenta só da terra.»

Se acreditarmos o que o autor diz, devemos suppôr que a informação que recebeu foi bastante exagerada, pois o gado tinha herva que deixava, e não é crivel que se sustentasse *só* da terra.

A proposito lembramos o que se passa com os Ottomaques das margens do Orenoco, os quaes, segundo affirma Humboldt, quando as grandes inundações os privam da pesca, sustentam-se de uma argila gorda e unctuosa, verdadeiro barro de olaria, córado com uma pequena porção de oxido de ferro. Não póde dizer-se que seja unicamente a necessidade que os obrigue a usar d'esta argila, comem-na por gosto, ainda no tempo em que teem peixe em abundancia, usando-a como uma especie de sobremesa.

Com esta aproximação de factos não pretendemos discutir se este barro serve só em caso de necessidade para illudir a fome, ou se contém realmente algumas qualidades que possam aproveitar ao organismo, contra a opinião de um chimico moderno.

Pagina 25. § 80.

Foi o nosso autor censurado de crendeiro, a proposito da lenda da vinda de S. Thomé ao Brazil. A epoca em que escreveu não era ainda asada para

negar milagres. Entretanto apesar de dissertar largamente a respeito do santo, parece-nos ver o bom senso a querer um pouco sacudir o jugo. Notem-se as expressães: «Se póde assegurar-se esta pia opinião com os testemunhos e escriptores, que em abono d'ella trataremos logo».

Pagina 26. § 85.

O coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva publicou em um dos volumes da *Revista trimensal do Instituto* a «Dissertação historica, ethnographica e politica sobre quaes eram as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia, ao tempo que o Brazil foi conquistado, etc.»

Apesar de se referir unicamente á provincia da Bahia, acham-se n'esta obra importantes considerações a respeito da população primitiva do Brazil, que são dignas de se lêr.

Pagina 29. § 95 e segg.

A viagem a França de Catharina Paraguassú e Diogo Alvares Correia, o Caramurú, foi ha alguns annos objecto de discussão entre os escriptores brazileiros, e a boa critica rejeitou-a, por se haver provado que Diogo Alvares Correia não saíra da Bahia desde 1547, principio do reinado de Henrique de Valois e de Catharina de Medicis.

Para acreditar na viagem cumpriria collocal-a no reinado de Francisco I.

O nosso autor, que a admitte, diz (pag. 75, § 9) que o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha estudara em París, «onde se achava, quando áquella côrte do reino de França foram levados Catharina e Diogo Alvares Correia».

Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano* (dia 25 de fevereiro) escreve que o bispo «estudou na universidade de París, onde foi lente de theologia, e assim mesmo em Salamanca e Coimbra, muitos annos; mandado á India, serviu lá alguns de provisor e vigario geral».

Não nos parece que D. Pedro Fernandes Sardinha sómente em cinco annos podesse ter estudado em París, ido á India, onde serviu *alguns* annos, e chegado ao Brasil em 1552, vindo já de Portugal. De certo em tudo isto gastou mais tempo, e deve portanto ter residido em París antes de 1547, isto é, no reinado de Francisco I.

Não se pense que pretendemos defender a viagem. O nosso fim é unicamente comparar as datas, fazendo vêr que, ainda aproveitando o que diz a este respeito o nosso autor, tem de procurar argumento ou documento em época bastante anterior quem pugnar pela verdade da ida do Caramurú a França.

Pagina 34. § 5.

Tempe era um delicioso valle da Thessalia, regado pelo rio Peneu e coberto de frondosos arvoredos. Os poetas applicaram este nome a qualquer logar ameno e umbroso.

Pensis de Babylonia são os famosos jardins suspensos, ou para melhor dizer, quatro grandissimos terrados sustentados em columnas, nos quaes

chegavam a desenvolver-se arvores corpulentas, e foram mandados edificar por ordem de Semiramis, viuva de Nino. Os Gregos tiveram estes jardins por uma das maravilhas do mundo.

O jardim das Hesperides, dizem os poetas, eram nas ilhas Afortunadas, que segundo uns autores são as Canarias, e segundo outros as de Cabo Verde. N'esse encantador jardim havia arvores que produziam pomos de ouro, guardados por um dragão, que Hercules matou, apoderando-se dos pomos.

Pagina 41. § 28.

Treboniano, ou mais correctamente Triboniano, foi um jurisconsulto grego, que obteve grandes distincções no reinado do imperador Justiniano I. Com outros jurisconsultos fez a vasta compilação da legislação romana, ou o *Corpus Juris*, que comprehende a Instituta, o Codigo e o Digesto. Morreu em 547.

Pagina 52. § 61.

Cidade Mauricéa: assim escreve o nosso autor; mas todos os escriptores brazileiros lhe chamam cidade Mauricia.

Pagina 52. § 63.

A inscripção deixada n'uma pedra pelos Francezes expulsos do Recife vem assim escripta na primeira edição: «Le munde va de pis ampi». Ou fosse erro typographico, ou impericia do soldado ou marinheiro que a escreveu, não tivemos duvida em a corrigir, avisando comtudo o leitor da liberdade que tomamos.

Pagina 62. § 92.

Villagalhão. Assim foi corrompido o nome de Nicolau Villegagnon, que ora apparece escripto Villa Gaylhon, ora Villegaillon, etc.

Pagina 87. § 48.

Joanna d'Albret, condessa de Foix. Assim se deve ler, e não Joanna de la Brit, condessa de Fox, como vem na primeira edição. Foi filha unica de Henrique d'Albret, conde de Foix, herdeira do reino de Navarra, casou com Antonio de Bourbon, duque de Vendôme, e teve Henrique IV.

Pagina 98. § 89.

Roberio Dias. A nossa primeira idéa foi emendar este nome para Roberto Dias, como o achamos n'um escriptor brazileiro bem conhecido. Vendo porém no § seguinte escripto duas vezes *Roberio*, assim como nos §§ 91 e 92, pareceu-nos que para erro era muito repetido. Além d'isto no indice das cousas notaveis vem *Riberio*, que n'esse indice deixamos, fazendo uma remissão no nome *Roberio*, que respeitamos no texto.

Pagina 106. § 14.

Aquisgran, que os Allemães chamam Aachen, é hoje conhecida com o nome de Aix-la-Chapelle.

Pagina 109. § 23.

Jacob Willekens, mais correcto que Jacob Uvilhekens, que vem na primeira edição.

Peter Petrid, Inglez de nação. Este nome, segundo o Barão de Porto Seguro, é um dos que mais adulterados andam nos escriptores antigos de cousas do Brazil. É Piet Heyn, e não era Inglez.

João Dorth, ou Johan van Dorth.

Pagina 114. § 41.

Marquez de Valdueça vinha mal escripto marquez de Uvaldeça.

Pagina 115. § 45.

Guilherme Schouten em logar de Schoutens, que vem na primeira edição.

Pagina 115. §§ 46 e 48.

João Kijf, melhor orthographia que João Quif, da primeira edição. O nome todo é Hans Ernest Kijf.

Pagina 116. § 51.

Balduino Hendrikszoon ou Hendriksoon, é a correcção que fizemos, guiados pelo Barão de Porto Seguro, a Uvaldino Henrique.

Pagina 117. § 55.

Cornelio Jolo é o nome aportuguezado de Cornelis Cornelissen Jol.

Pagina 120. § 64.

Henrique Loncq, ou Henrique Cornelis Loncq, em vez de Lonc, da primeira edição.

Theodoro Weerdemburgh, ou Weerdenburgh, correcção de Theodoro Uvandemburg ou de Uvandemburg, que vem na edição primitiva.

Pagina 125. § 84.

João Vicencio de Sanfelice, conde de Bagnuolo, é a correcção orthographica de João Vicencio de S. Feliche, conde de Banholo.

Pagina 125. § 85.

Adrião Pater. O nosso autor escreve Patry. O nome todo do celebre maritimo era na sua forma hollandeza Adrian Janssen Pater.

Pagina 128. § 9.

Lourenço de Rembach, em logar de Rimbach, da primeira edição.

Pagina 128. § 98.

Sigismundo Van der Schkopp, e não Uvandescop que n'este e n'outros logares da edição primitiva se encontra. O Barão de Porto Seguro escreveu umas vezes Sigismundo Schkoppe, outras Van Schkoppe.

Pagina 131. § 105.

Marquez de Vallada. Assim o escreve o nosso autor, com manifesta equivocação. Deve emendar-se para marquez de Velada, que é titulo de Hespanha, emquanto Vallada é titulo de Portugal.

Pagina 132. § 109.

Christovam d'Artichofski. Este nome que vimos em escripto moderno, que não nos occorre agora, é o que mais se aproxima da fórma «Arquichofe» empregada pelo nosso autor. Segundo o Barão de Porto Seguro era polaco este militar e chamava-se Crestofle d'Artischau Arcizewski.

Pagina 148. § 32.

João Cornelles deve ser o vice-almirante Lichthardt, commandante da esquadra que foi tomar a ilha do Maranhão, como diz o Barão de Porto Seguro. Crêmos que o nome todo seria João Cornelis Lichthardt.

Pagina 149. § 35.

Hendersen é a correcção do nome Andrazon, da primeira edição.

Pagina 149. § 36.

João Koen acha-se transformado na edição primitiva em João Coino.

Pagina 150. § 40.

João Fernandes Vieira. O fallecido Rodrigo José de Lima Felner, já meio cego e doente, fez lêr na Sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a que esteve presente S. M. o Imperador do Brazil, uma Memoria intitulada «Nome verdadeiro do Portuguez João Fernandes Vieira, celebre nas guerras de Pernambuco contra os Hollandezes».

Foi escripta esta memoria com a intenção de rectificar algumas asserções do Barão de Porto Seguro na sua primeira edição da «Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil», a respeito da importancia dos serviços de Fernandes Vieira e do seu nome e filiação.

Já a meio da 2.ª edição da mesma obra, recebeu o Barão de Porto Seguro a memoria de R. Felner, cujos documentos transcreveu, acceitando a prova da filiação de Vieira, mas mostrando-se duvidoso a respeito do seu nome verdadeiro. Parece-nos exagerado este escrupulo historico á vista da concordancia dos escriptores citados por Felner, que fariam fé em juizo, se o facto se quizesse provar juridicamente.

Pagina 155. § 60.

Henrique Hous, orthographia correcta de Henrique Hus da 1.ª edição.

João Blaar, correcção da fórma orthographica João Blac.

Pagina 157. § 69.

Hinderson, ou melhor Henderson, em logar de Andreson da 1.ª edição.

Pagina 166. § 101.

Brinck substitue Brinc da edição primitiva.

Pagina 168. § 110.

Diz-nos a mythologia que a discordia arremeçou para cima da meza do banquete dos deuses um pomo com a legenda «Á mais formosa.» Juno, Pallas e Venus disputaram a posse do pomo, e foi-lhe dado para juiz Páris, que se criara como pastor no monte Ida (apesar de ser filho de Priamo rei de Troia). Páris adjudicou o pomo a Venus, e d'aqui provém, segundo os poetas, o odio de Juno e Pallas aos Troianos.

Pagina 184. § 38.

Jano, conforme as lendas romanas, foi rei da região da Italia em que mais tarde se fundou Roma. Acolheu nos seus estados a Saturno, que em paga da hospitalidade recebida, lhe concedeu o conhecimento do passado e do futuro, ao que alludem os dois rostos com que é representado Jano. Romulo edificou-lhe um templo, cujas portas se conservavam abertas em tempo de guerra, e fechadas em tempo de paz.

Pagina 185. § 10.

Alarico II foi eleito rei dos Visigodos no anno 484. Mandou fazer um resumo do codigo de Theodosio com as alterações accommodadas ás circumstancias, resumo que é conhecido com o nome de *Breviario* de Alarico, ou de Anniano. Em 507 foi derrotado por Clovis nos campos de Vouillé a duas milhas de Poitiers.

Paginas 206 e 207. § 6 e 10.

Da embaixada do duque de Jovenasso resultou um «tratado provisional para compôr as differenças originadas por causa da Colonia do Sacramento.» Acha-se transcripto pelo sr. J. F. Judice Biker a pag. 342 do seu tomo 1.º do «Suplemento á collecção de tratados, etc.».

Pag. 214. § 53 e segg.

A epidemia da bicha descripta pelo autor é a febre amarella. Os seus estragos fizeram ecco em Portugal, e D. Pedro II ordenou «que os medicos de Pernambuco informassem das qualidades, principios e causas d'este contagio, e juntamente dos remedios preservativos e curativos de que cada um até ao presente tem usado, para que examinada sua informação e pratica pelos

medicos mais peritos d'essa côrte, resolvessem se tantas mortes eram effeitos da malignidade do achaque, ou se eram abortivos partos do erro em os medicos; e sendo do erro, o mandasse atalhar com lhes mostrarem o caminho para o acerto.» Assim se exprime Ferreira da Rosa na dedicatoria datada do Recife de Pernambuco a 3 de setembro de 1692, dirigida a D. Pedro II, no livro de que damos o titulo completo:

«Trattado unico da constituição pestilencial de Pernambuco offerecido a El-Rey N. S. por ser servido ordenar por seu governador aos Medicos da America, que assistem aonde ha este contagio, que o compusessem para se conferirem pelos coripheos da Medicina aos dictames com que he trattada esta pestilencial febre. Composto por João Ferreyra da Rosa, Medico formado pela Universidade de Coimbra, e dos de estipendio Real na dita Universidade, assistente no Recife de Pernambuco por mandado de Sua Majestade que Deus guarde. Em Lisboa. Na officina de Miguel Manescal, Impressor do Principe Nosso Senhor. Anno 1694.» 4.°

Este livro tornou-se bastante raro. Ouvimos dizer ha annos que havia intenção de se fazer uma nova edição d'elle no Brazil, o que não sabemos se se levou a effeito. A obra é curiosissima e de muita importancia para a historia medica.

Pagina 219. § 56.

Mathias da Cunha, segundo o genealogico Jacintho Leitão Manso de Lima, foi terceiro filho de Tristão da Cunha Ribeiro, chamado o *Mau*, e quarto neto do bem conhecido Tristão da Cunha, que el-rei D. Manuel enviou por embaixador ao Papa com varios presentes, entre os quaes havia um elephante.

Em relação ao desastre no Jogo da pella, a que o nosso autor se refere, transcrevemos o que diz D. Antonio Caetano de Sousa na sua *Historia Genealogica* a respeito de D. Luiz de Portugal conde de Vimioso: «Foi morto em uma pendencia no Jogo da pella a 2 de abril de 1655, a que o levou o fado; porque convidando-o seu cunhado o conde de S. João Luiz Alvares de Tavora para padrinho de um desafio, de que eram autores outros senhores com poucos annos, que inconsideradamente se desafiaram, sendo o motivo uma desconfiança mal fundada, não participou o conde este desafio a pessoa alguma mais que a seu irmão D. Miguel de Portugal; e tanto que chegaram ao logar determinado, que era o Jogo da pella, viram uma multidão de gente: principiada a pendencia, intentou com o seu respeito evital-a, porém sem tirar da espada, lhe metteu um estoque pelo peito um atrevido capitão parcial dos contrarios, e sem mais dilação caiu ao mesmo tempo morto infelizmente o conde. Sentiu el-rei *(D. João IV)* esta fatal desgraça com demonstrações dignas da sua severidade. Prendeu os culpados no desafio, outros se ausentaram; e como verdadeiro christão, no tempo que se achava já perto da hora da morte, chamou á sua real presença os presos, que eram D. Miguel de Portugal, os condes de S. Lourenço Luiz de Mello da Silva, o de S. João Luiz Alvares de Tavora, o de Castello Melhor Luiz de Sousa de Vasconcellos,

e Ruy Fernandes de Almada, que estavam em diversas prisões. Chegaram á presença del-rei, menos o conde de S. João que se dilatou por estar na Torre Velha. Tanto que el-rei os viu, os chamou, e lhes disse o quanto sentia não os vêr, e a causa que os tinha apartado da sua presença, exhortando-os a que fossem amigos, e o quanto convinha ao reino a sua união. D. Miguel de Portugal havendo herdado dos seus antepassados o amor do seu principe, disse que perdoava a todos, o que el-rei estimou tanto, que lhe agradeceu com especiaes honras esta generosa demonstração. É para não omittir, que havendo o matador fugido para a ilha da Madeira, e tendo passado muitos annos, publicou deante de um amigo seu, creado da casa de Vimioso, que elle fôra o aggressor da morte do conde, o qual excitado do brio, o desafiou, e o matou.»

Pagina 233. § 19.

O frade tudesco, era Bertholdo Schwartz, natural de Friburgo, que fazendo umas experiencias chimicas, inventou casualmente a polvora em 1320.

Pagina 244. § 55.

O capitão mais eloquente a quem o autor allude, é Ulysses, a quem a lenda attribue a fundação de Lisboa.

Pagina 258. § 104.

João d'Albret, e não João de Labrit, como se acha escripto na primeira edição.

Pagina 266. § 10.

O soccorro a que o autor allude, era uma esquadra que D. João V a pedido do Papa Clemente XI enviou aos Venesianos contra os Turcos que haviam conquistado a Morêa e ameaçavam Corfú. Era general d'esta armada o conde do Rio Grande, e almirante o conde de S. Vicente. Saiu de Lisboa em 1716, e voltou sem ter combatido, porque os Turcos já haviam levantado o cêrco de Corfú. No anno seguinte partiu outra vez a armada para o Mediterraneo, e a 19 de julho combateu com os Turcos, fazendo-os fugir.

Pagina 275. § 42.

Penthesiléa, e não Pantasilêa, como se acha na primeira edição, foi uma fabulosa rainha das amazonas, que dizem morrêra no cêrco de Troia.

Semiramis, rainha da Assyria, mulher de Nino, fortificou Babylonia, tomou a Armenia, submetteu a Arabia, o Egypto e outros estados, e voltando a Babylonia reprimiu uma sedição só com a sua presença. Viveu no XIX seculo antes de Christo.

Zenobia, rainha de Palmyra, foi vencida depois de valorosa resistencia e conduzida a Roma por Aureliano, que a fez figurar no seu triumpho, no anno 274.

Pagina 283. § 69.

Duclerc em logar de Ducler, que vem na 1.ª edição.

Pagina 287. § 82.

Duguay, que na edição primitiva está escripto Dugê, é o bem conhecido Renato Duguay-Trouin.

Pagina 287. § 83.

Os Argonautas foram 52 ou 54 Gregos que, segundo as tradições, embarcaram na nau *Argos*, de que tomaram o nome, acompanhando Jason a Colchos para a conquista do vello ou vellocino de ouro. Querem alguns autores que esta viagem se fizesse no anno 1292 antes de Christo, e tivesse por verdadeiro fim estabelecer o commercio dos portos do Mar Negro com a Grecia.

Pagina 305. § 24.

Cherinola: assim aportuguezou o nosso autor o nome de Cerignola, cidade de Italia na provincia de Foggia, onde o celebrado Gonçalo de Cordova, o *Gran-Capitão*, derrotou os Francezes commandados por Luiz d'Armagnac em 1503 (28 de abril), victoria que facilitou aos Hespanhoes a posse de Napoles.

Pagina 316. § 64.

Ninive foi capital do reino da Assyria, e estava situada na margem do rio Tigre.

O nosso autor, na expressão «Ninive peccadora e Ninive arrependida» refere-se visivelmente ao capitulo III de Jonas, um dos prophetas menores.

Segundo se conta n'este capitulo, Jonas foi mandado por Deus a Ninive, para a reprehender dos seus crimes. Os Ninivitas escutaram as admoestações do propheta, jejuaram e fizeram penitencia.

«E viu Deus as obras que elles fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e compadeceu-se d'elles, para lhes não fazer o mal, que tinha resolvido fazer-lhes, e com effeito lho não fez.» *(Jonas, III, 10.)*

INDICE GERAL

LIVRO I

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO IV

LIVRO V

LIVRO VI

LIVRO VII

LIVRO VIII

LIVRO IX

LIVRO X E ULTIMO

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS